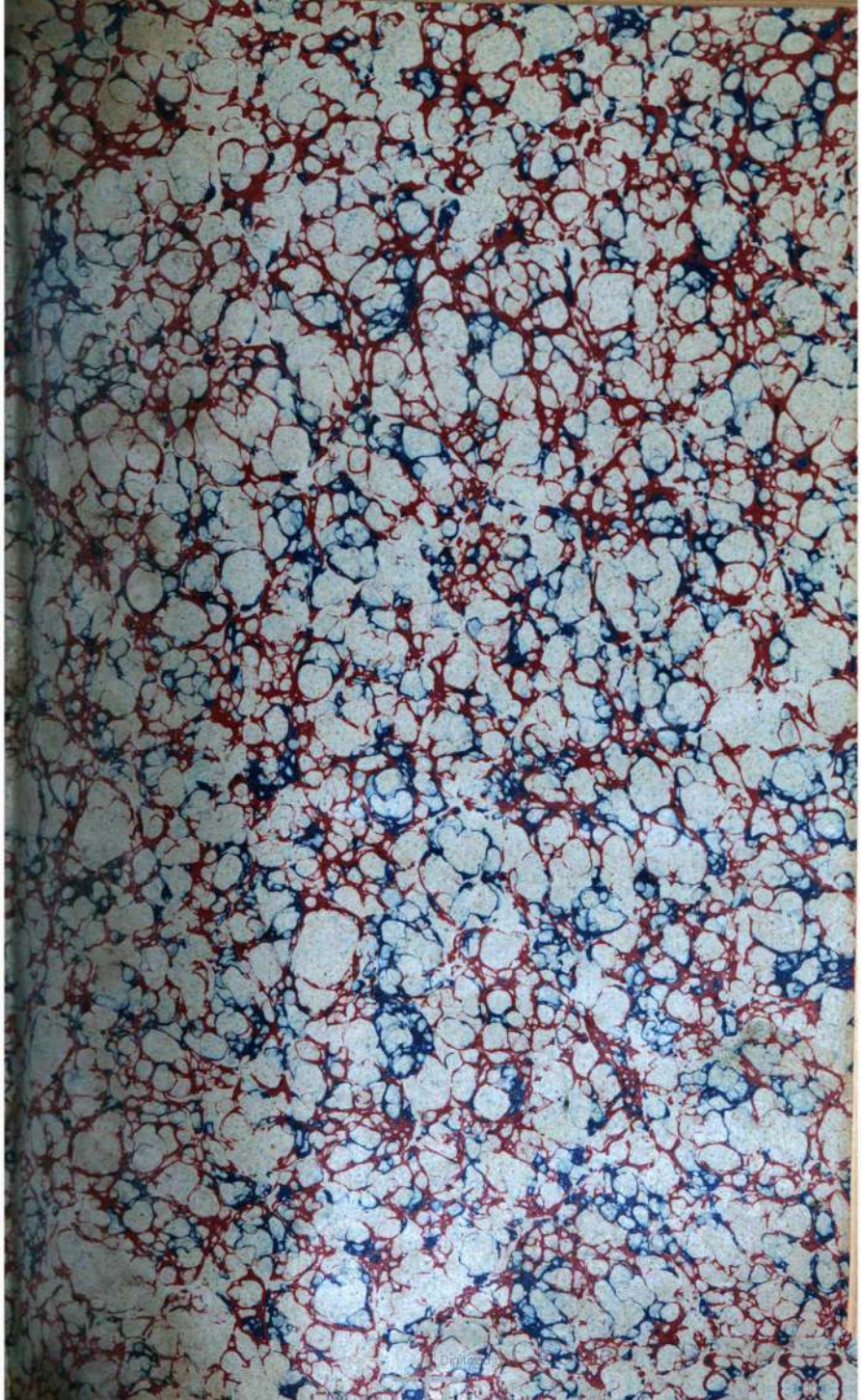
A77



UNIVERSIDAD COMPLUTENSE
5324401759
2398677
3582145

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

Digitized by Google

9-3-7

Digitized by Google

FA
13883 92 (8)
En 4

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.

TOMO III.

Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.

Lisboa.
NA IMPRENSA SILVIANA.
1851.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO IV.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Pero de Andrade Caminha.

—

Corria o anno do Senhor de 1367, quando um fidalgo Castelhano, ou Gallego como querem outros, veio a Portugal offerecer sua pessoa a El-Rei D. Fernando, que então empunhava o Sceptro Portuguez.

Chamava-se aquelle fidalgo Fernão Caminha, e era de mui distincta linhagem, e El-Rei o recebeu com aquella benignidade, e bom gazalhado, que neste reino sempre *foi uso* fazer aos estrangeiros, com preferencia aos naturaes delle.

Parece que este Fernão Caminha era pessoa de merito, e probidade; não consta que serviços elle prestasse a El-Rei D. Fernando, mas é certo que aquelle Monarcha se deu por satisfeito com elles, pois em remuneração lhe fez mercê do senhorio da terra de Santo Estevão, que então era de grossa renda; e é natural que esta circumstancia, e o favor do Rei cooperassem para os seus descendentes se aliarem com as familias mais distinctas da Aristocracia Portugueza.

De Fernão Caminha foi quinto neto Affonso Vaz Caminha, que viveu no fim do seculo XV, e cujo segundo filho, que se chamava João Caminha, seguio a vida militar, servindo longos annos nos Estados da India, onde se tornou famoso por seu grande denodo, e foi um dos

Digitized by Google

primeiros, que entraram em Aden, quando aquella cidade foi acommettida pelo grande Affonso de Albuquerque.

Voltando ao reino, recommendado por seus serviços, a Infanta D. Isabel, filha d'El-Rei D. Manuel, depois Rainha de Hespanha, e Imperatriz de Allemanha pelo seu matrimonio com o Imperador Carlos V., lhe fez a honra de o escolher para Viador da sua Real Casa, e Fazenda.

João Caminha contrahiu, passados tempos, matrimonio com uma Senhora de sangue mui nobre, por nome D. Filippa de Sousa, com quem viveu largos annos em uma paz, e união de vontades, que rarissimas vezes se encontra entre casados.

João Caminha teve de sua mulher os seguintes filhos, Pero de Andrade Caminha, de que tractamos neste Capitulo, Gaspar Caminha, que foi Cavalleiro da Ordem Militar de Malta, Affonso Vaz Caminha, que passou á India, onde terminou seus dias na flôr da idade, D. Anna de Toar, D. Guiomar de Sousa, e D. Catharina de Toar, que morreu Freira, mas ignoro de que Ordem.

Não quiz Deos, que João Caminha, e sua Esposa, que tanto se amavam, vivessem um só instante separados, ou chorassem a perda um do outro, pois no mesmo dia os chamou a melhor vida, para que permanescessem unidos por toda a eternidade. Este notavel accontecimento consignou o Poeta no seguinte Epithaphio, que é o trinta e cinco da sua Collecção.

Aqui João, aqui Phillippa jazem,
Os quaes em santo nó juntou sua sorte,
E assim mortos inveja aos vivos fazem
Com sua santa vida, e santa morte.
Suas almas no Ceo se satisfazem
Vendo o clarissimo, e divino norte,
Que na vida foi sempre sua Guia,
E que ao Ceo os guiou juntos n'hum dia.

Sam tão escassas as noticias, que nos ficaram de Pero de Andrade Caminha, que nem ao menos consta com certeza quaes foram os seus estudos, ou si frequentou a Universidade de Coimbra: as suas obras não indicam grande erudicção, mas parece que sabia o latim, e o grego.

Digitized by Google

Sabemos sómente, que fôra Camareiro de D. Duarte, Duque de Guimarães, e muito estimado daquelle Principe, um dos mais instruidos do seu tempo, e grande favorecedor de todos os homens, que cultivavam as letras, especialmente a poesia, com que muito se deleitava, como acontece a todos os homens, que tem coração sensivel, e um espirito elevado.

Como o Duque era tão bem visto, e acceito do povo, como pouco amado no Paço, parece que este favor do amo prejudicou os interesses do criado, e com isso não se atrazaria pouco a sua fortuna; o certo é, que debalde se compulsaria o Archivo da Torre do Tombo, para ahi descobrir documentos de algumas mercês, que lhe El-Rei fizesse: apenas ali existe um Diploma, datado de 15 de Julho de 1556, pelo qual D. João III. faz doação a Pero de Andrade Caminha de parte dos direitos reaes dos vinhos exportados pela foz do Douro, de que já por carta regia, de 21 de Outubro de 1553, havia feito mercê a sua Mãi D. Filippa de Sousa, em remuneração dos serviços de seu irmão Gaspar de Andrade, que havia perecido na India, peleijando contra os Infieis.

Esta escacez de beneficios regios para com Pero d'Andrade Caminha não deve admirar em Portugal, aonde as Musas nunca tiveram um Augusto, um Leão X., ou Luiz XIV., aonde a Historia só menciona uma pensão dada a *um* Poeta; e esse Poeta foi Luiz de Camões, essa pensão foi tão grande, ou paga com tanta pontualidade, que não o livrou de sustentar-se de esmolas, e de morrer de fome, ou como outros dizem, n'um hospital. Se alguns Poetas foram entre nós remunerados com honras, e fazenda, não foi a titulo de haverem polido, e enriquecido a lingua, e levantado monumentos á gloria da Patria, mas em remuneração de serviços valiosos por elles prestados na carreira militar, ou da magistratura. É deste desacolhimento dos cultores da poesia, que o Cantor dos Lusiadas se queixava, com tanta razão como amargura, nos seguintes versos:

Por isto, e não por falta de Natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros,
Nem haverá, si este costume dura,
Pios Eneas, nem Achiles feros.

Digitized by Google

Si alguns dos nossos Poetas escreveram obras

Posse linenda Cedro, au levi servanda Cupresso.

deveram-no ao impulso irrisistivel do seu genio, a uma ardente sêde de gloria, e ao seu patriotismo enthusiastico, e não ao favor da côrte, onde nunca acharam Mecenas; muitas vezes as escreveram nas dores do exilio, e no meio das perseguições, e trabalhos.

Pero de Andrade Caminha deveu toda a pouca fortuna, que desfructou, aos seus longos, e leaes serviços, e á generosidade de seu amo D. Duarte; foi elle quem lhe conferiu a Alcaidaria Mór de Celorico de Basto, e uma Tença de duzentos mil réis, mercês estas, que lhe foram confirmadas por El-Rei D. Sebastião, depois do fallescimento do Duque: e o mesmo Duque além de o recommendar, com grande efficacia, no seu testamento ao Cardeal D. Henrique, que depois foi Rei de Portugal, deixa a Pero de Andrade um soberbo cavallo, por nome o Lima, e no Codicilo deixa-lhe sessenta mil réis de Tença, de que El-Rei lhe havia feito mercê, com faculdade de renunciar em quem lhe bem parecesse.

D. Duarte amava as letras, e a poesia, e o seu palacio era frequentado pelos mais distinctos Literatos e Poetas, que ali eram festejados, e bem agazalhados. Ali contrahiu o nosso Caminha amisade mais, ou menos intima com todos elles, e muito especialmente com o Doutor Francisco de Sá de Miranda, o Doutor Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes, e seu irmão Fr. Agostinho da Cruz.

Ferreira, que naquelle tempo era o oraculo do bom gosto, e o chefe da Eschola Poetica Italiana, mostrou sempre grande predileção por Caminha, e lhe dirigiu algumas Epistolas, louvando-o, e aconselhando-o; Caminha, discipulo tão docil como Bernardes, o tractava com um respeito quasi filial, e parece, que nada via superior a Ferreira, e não aspirava a mais, que a assemilhar-se a elle na elegancia da composição, e na pureza classica do estylo.

Pero de Andrade Caminha casou com D. Pascoella de Gusmão, talvez a mesma Dama, que elle tanto havia celebrado debaixo do nome de Phylis, tão poetico, e har-

Digitized by Google

monioso, quanto o nome do baptismo tinha de plebeo, e prosaico. Deste matrimonio consta, que teve uma filha por nome D. Marianna, a favor de quem, por sua morte, depôs da metade da sua Tença de duzentos mil réis, deixando a outra metade a sua mulher, tendo alcançado para isso carta de mercê de El-Rei D. Filippe II., que se acha averbada nos Livros da Chancellaria daquelle Monarcha.

Repartido entre o desempenho das obrigações do seu cargo, os affectos da sua familia, e o cultivo da poesia, e conversação dos seus numerosos amigos, passou o nosso Poeta uma vida, si não opulenta, ao menos quieta, e tranquilla; e na tranquillidade, sem indigencia me parece a mim, que consiste a verdadeira felicidade deste mundo, e esta desfructou Caminha até ao dia 9 de Setembro de 1589, em que terminou a sua existencia.

As poesias de Caminha foram muito estimadas no seu tempo, pois o seu nome se encontra honrosamente mencionado nas obras dos melhores Poetas contemporaneos, e muito especialmente nas de Ferreira, e Bernardes, parece porém, que eram mais conhecidas no circulo dos entendedores, e discipulos da eschola de Ferreira, do que do público, á excepção de um pequeno número dellas que sahiram á luz junto com as obras d'outros Poetas, ou em algumas Collecções espirituaes. Sabia-se apenas, que na livraria do Duque de Cadaval existia um volume *com algumas* poesias de Caminha, e que a Academia Real das Sciencias havia alcançado a permissão de fazer extrair uma copia desse mesmo volume.

Nestes termos podia Pero de Andrade Caminha ser considerado como um Poeta perdido, assim como muitos outros daquella epocha, de que apenas conhecemos os nomes, e os louvores, que os contemporaneos lhe tributaram.

Um ditoso acaso fez resuscitar este Poeta do esquecimento, em que jazia sepultado havia dous seculos. Corria o anno de 1784 quando a Academia Real das Sciencias, sempre assidua, e zelosa promovedora dos progressos, e adiantamentos da nossa literatura, incumbio dous dos seus mais distinctos Socios o Abbade José Corrêa da Serra, e Fr. Joaquim Forjaz, da honrosa missão de examinar a numerosa Collecção de manuscriptos existentes na Bi-

Digitized by Google

bliotheca do Convento da Graça desta Cidade, a fim de descubrir nella algum, qûe podesse servir ao seu louvavel projecto.

Entre estes manuscriptos, por elles examinados, appareceu felizmente um Codice de poesias de Pero de Andrade, mas em que não havia um unico verso, dos que se liam no volume que possuia o Duque de Cadaval, o que dava bem a vêr, que eram dous Tomos da mesma Collecção.

Contente a Academia com a fortuna deste achado, tractou logo de alcançar dos Religiosos Gracianos a faculdade de fazer trasladar aquellas poesias, o que lhe foi levemente outhorgado; e juntando-as com as que já possuia, deu ordem para que fossem impressas na sua propria officina, o que se effectuou, em um volume de oitavo portuguez, e em excellente papel e typo, no anno de 1791, juntando assim mais este serviço importante, feito á lingua, e á literatura, aos muitos de igual genero, de que lhe eram já devedora.

Pero de Andrade Caminha considerado como Poeta, é uma especie de meio termo entre o Doutor Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes, tanto em bellezas, como em defeitos. Tem elle tão pouca imaginação creadora como elles ambos, e menos abundancia de idéas, que o primeiro, e menos amenidade, que o segundo. Sua expressão é mais forte que a de Bernardes, e menos vehemente que a de Ferreira. Não tem o trabalho, e arte deste, nem a naturalidade e graça daquelle, mas tambem não descahe tanto na dureza de um, nem nas negligencias, e prosaismo do outro. Seu caracter, demasiado serio, faz com que o seu estylo pareça ás vezes secco, e desabrido; é o unico dos nossos Poetas antigos em cujas obras se não encontra uma só comparação, pelo menos havendo-o lido bastantes vezes, não me recordo de haver deparado com alguma, e este defeito é grave, porque as comparações sempre foram consideradas como um dos mais bellos ornamentos do estylo poetico.

As Eclogas de Caminha, em número de quatro, sam escriptas em linguagem pura, e quasi sempre no verdadeiro estylo bocolico, e podem emparelhar com as melhores, que naquelle tempo se escreveram; vêja-se o canto alternado de Andrageo, e Pierio na primeira dellas.

Digitized by Google

ANDRAGEO.

Asperissima Phylis, a meos danos,
De que eu, por aprazer-te, mais dezejo,
Não sei se isto he verdade, ou sam enganos,
Ouço dizer que hes branda, e não o vêjo.
Acrescenta-me, Phylis, a tristeza
Mudares para mim tua natureza.

PIERIO.

Formosissima Phylis, si eu tivera
Do gran Tytiro a fama, a voz, e o canto,
A frauta, a voz, o canto a ti só dera,
Co' mesmo amor, com que ora a ti só canto.
Mas isto, Phylis, he pura verdade,
E muito mais te dá minha vontade.

ANDRAGEO.

Amo-te, Phylis, quanto amar-te posso,
Vêjo que quanto podes te avorreço,
Escondido lá tens o lume nosso,
Sem elle nem me vêjo, nem conheço.
Deixa-te, Phylis, vêr, ah! não te escondas,
Só porque mal ao meo amor respondas.

PIERIO.

Canto-te, Phylis, quanto sei cantar-te,
Sempre a teu canto dou tudo o que entendo,
A meos versos não busco estilo, ou arte,
Pois nunca ham de chegar ao que pertendo.
Disto ha, Phylis, em mim continua queixa,
Mas assim como sei cantar-te deixa.

ANDRAGEO.

Inda, Phylis, que n'alma, com que te amo,
Sempre te tenho, si não posso vêr-te,
Dos olhos tristes lagrimas derramo,
Que a abrandar-te não bastam, nem mover-te.
Mas si a lagrimas, Phylis, não te abrandas,
Não tens as condições, como ouço, brandas.

PIERIO.

Inda, Phylis, que sempre a alma te canta,
Si á voz teo canto ás vezes se me estrova,
Se cobre o esprito de tristeza tanta,
Que se enche de huma dôr aspera, e nova,
E não se gasta, Phylis, esta pena

Digitized by Google

The que outra vez ao canto a voz se ordena.

ANDRAGEO.

Todo hum anno não he, Phylis, tão grande
Quanto a mim, sem te vêr, hum breve espaço,
Nem ha quem minha grave dôr me abrande,
Sem a vista, em que só me satisfaço.
Dam teus olhos á pena, Phylis, termo,
Sem elles quanto vêjo he escuro, e ermo.

PIERIO.

Não he, Phylis, tão grande hũa triste vida,
Quanto a mim, sem cantar-te, espaço breve,
De mi só a voz, que de ti canta, he ouvida,
Só cantado he de mim quem de ti escreve.
Enche teo nome, Phylis, meos ouvidos,
Tenho todos os outros esquecidos.

ANDRAGEO.

Phylis, não he tão aspero, e tão duro
O bravo Boreas na maior tormenta,
Nem he o triste Inverno tão escuro
Quando a sua mór furia representa,
Quanto a mim, Phylis, he danoso, e forte
Vêr de ti despresada a minha sorte.

PIERIO.

Phylis, não he tão doce, nem tão brando
Zephyro, quando mais brando o sentimos,
Nem tão alegre, e claro o Verão quando
Mais formoso, mais claro, e alegre o vimos,
Quanto, Phylis, a todo o peso grave,
Tua branda voz sempre he doce, e suave.

ANDRAGEO.

Minhas tristezas, Phylis, graves sejam
Quando não vêjo os teos olhos formosos,
Outra vez alegria nova vêjam
Os meos do que em ti viam saudosos,
A dôr com elles, Phylis, se desterra,
E sem elles a paz se muda em guerra.

PIERIO.

De Flores seja o campo, Phylis, cheio,
De côres ria, o bosque, o prado, e o valle,
Meta-se o duro tempo logo em meio,
Tudo seque, destrua, mova, e aballe,

Digitized by Google

Si te vás, Phylis, flôr, e côr perece,
Si tornas logo tudo reverdece.

ANDRAGEO.

Por mil Arvores vou, Phylis, formosa,
Contando quanto te amo, e me desamas,
Verás nellas a pena rigorosa,
Que este peito me accende em vivas chamas,
Porque, quando a voz Phylis, me falesça,
Nellas este amor, e odio se conheça.

PIERIO.

Por mil arvores, Phylis, o teo nome
Tenho, como em meu peito está, esculpido,
Nellas digo, que não ha quem assome
Ao louvor, que de todos te he devido;
Porque quando eu cantar-te já não possa,
De mim se ouça inda o bem da edade nossa.

Estas Cantigas me parecem no verdadeiro estylo pastoril, singellas, mas elegantes na expressão, sem que com tudo excedam o alcance da intelligencia dos Zagaes, a quem sam atribuidas.

Pelo exordio da segunda se conhece, que o Poeta lia Virgilio, e fazia deligencia por imita-lo nas suas pastoraes.

Inda te peço, Musa, hum favor grande,
Novo canto me dá, com que aos ouvidos
De Marilia o amor de Franco mande.
De Marilia meos versos sejam lidos,
E d'huma branda voz, a Franco amiga,
Mil vezes a Marilia repetidos.
A' sorte do meo Franco dura, e imiga
Quem versos negará? que ha quem a grave
Dôr sua em alta voz com dôr não diga?
Amor, e hum brando Zephyro, e suave
Seo amor aos ouvidos surdos leve,
Porque menos a pena a alma lhe agrave.
Franco, que ao Sol, á sombra, e frio, e neve
Nunca a Marilia mais, nem menos ama,
E que sempre a Marilia n'alma escreve.
Franco, que tristes lagrimas derrama,
E em suspiros do peito lansa fogo,
E a si por só Marilia se desama.

Digitized by Google

Move-se o Amor a seu queixume, e rogo,
Choram seo damno as mais incultas Feras,
Tem seo mal só Marilia em rizo, e jogo.
Ah Marilia cruel, que desesperas
Cada vez mais a Franco injustamente,
Porque a ira contra elle não temperas.
Que mal em Franco teo esprito sente,
Que cada hora em seo odio mais se accende,
E cada hora em seos damnos mais consente?
Ah formosa Marilia, em que te offende
Quem só amar sabe tua formosura,
Teu só nome ouve, teo só Amor entende?

A imitação é livre; mas nella se deixa bem conhecer o

Extremum hunc, Arethusi, mihi concede laborem,
Pouca meo Gallo, sed quæ legat ipsa Licoris,
Carmina sunt dicenda, neget quis carmina Gallo?

da Ecloga X. do Poeta Montuano, e o

Daphni, tuum Pœnos etiam ingemuisse Leones
Interitum montesque feri, sylvæque loguuntur.

da Ecloga V.?

Destas quatro Eclogas, a que me parece peior é a terceira, que se reduz a um prolixo e fastidiosa encadeação de louvores exagerados de D. Duarte, e de suas irmãas, sem que ao menos a poesia do estylo tempere estes excessos adulatorios: isto poderia servir os intentos do Poeta, e torna-lo grato a seu amo, mas é intoleravel para o Leitor, especialmente quando a adulação se explica em versos como estes.

Maria, e Catharina, cada uma
Vence o Sol, vence a Lua, vence Estrellas,
Vence as trez Graças bellas, gentileza
Nellas tudo he, e belleza, e pensamento,
Alto, alto entendimento, quanto vêjo
Nellas, nada sobeja, nada falta.

Digitized by Google

É preciso confessar, que quando Virgilio lisongeia os seus protectores, é sempre em um estylo mais comedido, mais elegante, e sobre tudo em melhores versos. É provavel que os elogiados ficassem muito satisfeitos, ha paladares a quem o louvor recreia, por mais mal temperado que seja, mas o público nem sempre faz choro com os applausos dos salões.

As Odes de Caminha, posto que estejam ainda muito longe do que este Poema deve ser, me parecem, a pesar disto, superiores não só ás de Diogo Bernardes, mas até ás de Antonio Ferreira, pelo menos no que diz respeito á versificação, e córte das Estrophes. Parece-me, si não me engano, que de todos os Poetas daquelle tempo é Caminha quem atina mais vezes com o tom lyrico da Ode, e quem descahe menos no estylo da Canção; o que não obstante, lhe succedeu na Ode X. aos bons Espritos, composta de vinte e quatro Estrophes de nove versos, e escripta, em estylo languido, e descollorido. Tenho esta Ode pela peior de todas as que elle escreveu, porque além da demasiada extenção para o assumpto, elle ali repete até á saciedade duas, ou trez idéas, variando apenas a expressão.

Não acontece porém assim com a Ode VI., que se destingue pela brevidade nervosa, e pelo fogo da expressão, que se molda bem com um canto extemporaneo.

ODE.

Gloria á Patria, honra aos teos, prazer ás Musas,
Que com amor te olharam,
Esse teo claro engenho, esse de que usas
Em louvor teo, de que se tanto honraram.

Esse teo claro esprito, e peregrino
Estilo, e suave canto,
De milhor tempo, ou milhor Terra dino,
Que em bons engenhos cria justo espanto.

Será por meravilha nomeado,
Por tudo hirá vôando,
Teo nome com louvores levantado,
Que teo tão raro verso o hirá levando.

Digitized by Google

Teo verso, que a Phebo he rico thesouro,
E será sempre ás suas
Nove Irmãas honra nova, e ao verde louro
Que inda espero cingir as frontes tuas.

Mas já que teos iguaes ao alto conceito
O Canto, o verso, o estilo,
Em tudo toma sempre igual objecto,
Em que possas milhor que em mim subi-lo.

Ouço as Musas de longe, nunca ouvi
Alguns segredos seos,
Não vi seos bosques, sua agoa não bebi,
Que dões tão raros sam mais certo teos.

Mas teo Canto me hirá ora movendo
Com passo mais seguro.
A fonte de que está sempre correndo
Para tí o liquor brando, suave, e puro.

Esta Ode foi feita em resposta a outra, que lhe dirigira Francisco d'Andrade, Chronista Mór do Reino, e um dos maiores Poetas daquelle tempo. É para sentir que essa Ode não ande junta a esta, porque por ella poderiamos ajuizar do talento lyrico daquelle Poeta; mas por desgraça da nossa Literatura perderam-se as suas composições deste genero, e para maior desgraça o seu Poema do *Primeiro Cerco de Dio*, tão notavel pela pureza da linguagem, e pelas bellezas do estylo, posto que defeituoso pela architectura Epica, está ameaçado da mesma sorte, pois já é raro achar um exemplar delle, mesmo nas mais bem providas Bibliothecas.

Pela leitura das suas Odes se deprehende, que Pero de Andrade Caminha estudava attentamente Horacio, e tinha o sentimento das suas bellezas; elle o imitava frequente, não copiando-o, mas com a nobre liberdade, com que depois o praticou Garção, não dizendo em portuguez o que, elle tinha dito em latim, mas dizendo o que imaginava da maneira porque o diria Horacio, se escrevesse na nossa lingua. Vêja-se a Ode a D. Duarte, em que Caminha procurou imitar a primeira Ode do Livro I. de Flacco.

Digitized by Google

Mecenas atavis edite regibus,
O et presidium, et dulce docus meum,
Sunt quos curriculo pulverem Olimpicum
Collegisse juvat, &c.

ODE.

Duarte, d'altos Reys ao Mundo vindo,
Minha honra, e esperança,
Huns tem por seo mór gosto estar ouvindo
Quanto em Flandres se passa, e passa em França,
Quanto no Mundo todo, e estar medindo
Tudo o que se acontece
Como elles querem, como lhe parece.

Destes outros se rim mais recolhidos,
Que passam toda a vida
Comsigo em outros gostos escondidos,
E de tudo a memoria assi perdida
Tem, que tanto lhes lembra dos vencidos
Como dos vencedores;
Em sua occupação tem seos amores.

Ha muitos outros que assi á trabalhosa
Caça sam inclinados,
Que nenhuma outra couza mais gostosa
Lhes he que ora em silencio, ora com brados
Com hums, e outros enganos, a medrosa
Caça andar levantando,
Inda que os corpos nisso andem quebrando.

Na Planta o esprito hums tem que com cuidado
Poseram, crescer viram,
No ramo já de fructa carregado,
Na clara fonte, que com gosto admiram,
Na terra, que abre o curvo, e duro arado,
No grão, que lhe semeiam,
No que esperam colher, no que receiam.

Correm outros os mares, correm terra
Sugeitos a perigos,

Digitized by Google

A tormentas, a fogo, a morte, a guerra,
A auzencia de Parentes, e de amigos,
Todo o que está quieto cuidam que erra,
Culpam-no de ocioso,
E o bom repouso tem por trabalhoso.

O meo contentamento, Duarte grande,
Si eu ás Musas mereço
Hum alto canto, hum som a que se abrande,
Todo o peito, he cantar quanto conheço
Já do teo Real Esprito, e quanto mande
Em ti ao Mundo o Ceo
D'onde esse teo Esprito alto desceo.

Na Ode septima endereçada ao Doutor Francisco de Sá de Miranda procurou o Poeta imitar a Ode VII. do primeiro Livro de Horacio que principia

Laudabunt alii claram Rhodon, aut Mytilenen
Aut Ephesum, bimarisque Corinthi
Mœnia, vel Bacho Thebas, vel Apolline Delphos
Insignis, aut Thessala Tempe.

e o faz com uma viveza, e luxo de poesia, que é muito para admirar em um Poeta daquelle tempo. Esta Ode tenho eu por uma das melhores, que sahiram da penna de Pero de Andrade Caminha, ei-la.

ODE.

Louvarão muitos esta gran Cidade,
Esta nobre Lisboa,
Raro Francisco, esta que do occidente
Com grande nome em toda a parte sôa,
E soará com gran nome em toda a edade,
Que dá Leys no meiodia, e no Oriente.

Seos *espantos* verão, suas grandezas
Seos nobres, edificios,
D'obra antiga, e moderna, as variedades
Dos Estados, das Obras, dos Oficios,

Digitized by Google

Dos negocios, dos tractos, das riquezas,
Dos costumes, das Leys, e das vontades.

Não me recordo de haver encontrado em algum outro Classico a palavra *espantos* na significação de *maravilhas*, que Pero de Andrade lhe dá nesta Estrophe: é assim que um homem de talento sabe enriquecer a lingua patria mesmo sem crear palavras novas, ou admitti-las de outra lingua.

Com alegre louvor verão partidas
Daqui armadas nossas,
Prosperas as verão depois entradas
Cheias de mil despojos, presas grossas,
Com bandeiras triumphaes aos Ceos erguidas,
Com bandeiras de imigos derribadas.

Tributos verão vir todos os annos
D'Indios, Arabes, Persas,
E de outras mil regiões, d'outras mil Gentes,
De varios nomes, e de Leys diversas.
Conquistadas por nós, não com enganos,
Com justas armas, com razões prudentes.

Este ultimo verso está perfeitamente no estylo de Francisco Manuel.

Verão ricos retornos, *grossos* ganhos
De ricas mercancias,
Que esta Terra a outras dá, d'outras acceita,
Novidades verão todos os dias,
Em que os sentidos, e olhos s'achem estranhos,
Inda que o appetitoso nada engeita.

O Poeta em quasi todas as suas obras, e algumas vezes nesta Ode, faz uso do vocabulo *grosso*, empregando-o sempre no sentido de *rico*, e de *abundante &c.*, e nisto vai concorde com os demais Classicos, que sempre traduzem a expressão Biblica *adipes terræ* pela phrase *grossura da terra*, e dizem *terra grossa* quando querem designar um terreno fertil. João de Barros chama a Ormuz,

Digitized by Google

e outros emporios do commercio Oriental *terras de grosso tracto*. Ainda hoje dizemos, que *negoceia por grosso* aquelle Negociante, que faz especulações em grande escalla, e vende por atacado.

Tudo isto louvarão muitos, e a vida
Toda aqui passariam,
Neste inutil cuidado, e gosto vão
Só destas vaidades penderiam
Despresada de todos, e esquecida
Toda outra mais alta occupação.

Mas tu que com mais são esprito raro
Vês, conheces, e entendes
O que deve fugir-se, o que buscar-se,
Mas tu, que nunca ao mal, sempre ao bem pendes,
Com douto juizo, puro, livre, e claro
Escolheste o que sempre deve amar-se.

O santo ocio escolheste, as Musas quietas
Musas castas, e brandas,
Co' as divinas Historias, co' as humanas,
Temperas o prazer, e o nojo abrandas,
Teo, ou de teos amigos, nem te inquietas
Com nada, vives livre, e não te enganas.

Ouves de longe, vês de longe o Mundo,
Parece-te inda perto,
Tudo o al a Quietação santa avorrece,
Ah santa Quietação, quanto mais certo
Está em ti o repouzo, como ao fundo
Se vai quem por ti tudo não esquece.

Ah prudente Francisco, despresaste
Sempre as Cidades vãas,
Cheias de máos enganos, vãos negocios,
Louvas teu doce Neiva, as agoas sãas
Da tua fonte, as fructas, que plantaste,
As Aves que ouves, os teos santos ocios.

Como te ris de nós; como navegas
Seguro para a praia,

Digitized by Google

Onde se acaba o medo da tormenta,
Que tantas vezes, tristes *nos desmaia!*
Tristes detidos de esperanças cégas,
Mal que engenhosamente nos contenta.

Desmaiar é um verbo neutro, e o Poeta o faz aqui activo dizendo *a tormenta que nos desmaia*, isto é, que nos faz desmaiar; é esta uma elegancia poetica da nossa lingua, abonada pela pratica de todos os bons Escriptores do seculo de quinhentos; Francisco Manuel, que attentamente os estudava, e imitava, algumas vezes se aproveitou della, e foi criticado por homens, que se julgavam grandes Mestres de Portuguez sem se haverem dado ao trabalho de estuda-lo.

Destas vãas esperanças, que enganados
Nos tem, estás seguro,
Não temes, não esperas, não dezejas,
Co' esse animo constante, e peito puro,
Co' esses espritos sobre o Mundo alçados
Muitos annos, e sãos inda te vêjas.

O Poeta entra no assumpto dizendo, que outros louvaram Lisboa, porque domina desde o Téjo até ao Oriente, pela grandeza dos seus edificios, dos seus monumentos, pelas suas artes industriaes, o seu commercio, leis, policia, pelas armadas, que sahem pela sua barra, e voltam a ella carregadas de despojos dos inimigos, e com as bandeiras tomadas ás suas tropas, pelos tributos dos póvos da Africa, e da Asia, que todos os dias lhe chegam, e depois passa a confrontar este quadro de grandeza, e de movimento, com o occio, estudioso, e a tranquilidade, que Sá de Miranda desfructa no aprazivel retiro da sua Quinta da Tapada, para onde fugira desgostoso da côrte; faz o elogio dos seus sentimentos virtuosos, dos seus talentos, e acaba desejando-lhe, que possa desfructar por muitos annos esta felicidade. Esta marcha é verdadeiramente lyrica, e conforme com a maneira de Horacio. O estylo é corrente, facil, elegante, a versificação em geral harmoniosa, e apresenta alguns versos, que se destacam

Digitized by Google

do fundo, e vem ferir agradavelmente o ouvido, por exemplo.

Com bandeiras triumphaes ao Ceo erguidas,
Com bandeiras de imigos derribadas.
.....
Com justas armas, com razões prudentes.
.....
De ricas mercancias,
Que esta terra a outras dá, de outras acceita.
.....
Inda que o Appetite nada engeita.
.....
Mas tu que nunca ao mal, sempre ao bem pendes
.....
Temperas o prazer, o nojo abrandas,
.....
Ouves de longe, vês de longe o Mundo
.....
as fruitas que plantaste,
As Aves que ouves, os teos santos occios.
.....
Tristes detidos de esperanças cégas.

Quando em composição tão curta se deparam bellezas desta ordem, seria injustiça apontar alguma particularisação minuciosa, algum termo prosaico, ou menos nobre, algum verso menos bem torneado! Cumpre que sejamos indulgentes com os Poetas desta epocha; cumpre que nos lembremos de que estes homens ainda luctavam com a difficuldade, não pequena, de acommodar, e amoldar o idyoma á versificação, e fórmas da poesia italiana, então nova entre nós, e que o dialecto poetico não estava ainda descriminado da linguagem da prosa. O progresso nas artes sempre é lento na mão de homens, cuja Musa é o talento, e não o genio.

A Ode segunda, aos annos de Sá de Miranda, começa por um exordio verdadeiramente lyrico.

Pierides sagradas,
Que em vindo o claro dia,

Digitized by Google

Que com justa alegria
Celebraes de Hera, e Louro côroadas,
E em dansas concertadas
Ao som de concertados Instrumentos,
Em nossas claras fontes,
Ribeiras, valles, prados, bosques, montes
Mostreis mil sentimentos
Alegres, com alegres movimentos.

Iguaes bellezas achará o Leitor na Ode III. ao Doutor Antonio Ferreira, na IV. a D. Duarte, na IX. a D. Jorge de Menezes, e na VIII. ao Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio, o eloquente Author da Historia Latina de El-Rei D. Manuel, que passo a transcrever.

ODE.

Hontem findou um anno,
Outro se começa hoje,
Depreça passará como o passado;
O Tempo vôa, e foge,
E d'hum em outro engano
Leva a vida apoz si, leva o cuidado.

Polo que já passou,
Polo que passa agora,
Quasi o que póde vir póde julgar-se;
Ditoso a quem hum' hora
Ditosa não faltou,
Em que podesse bem desenganar-se.

Ditoso o que a lembrança
Tem sempre no que vio.
Que já não vê, e no que está diante;
E polo que sentio
Por vãa julga a esperança,
Que outros tem por segura, e por constante.

Despreza vãos dezejos
Da Terra, e com espritos
Altos aspira ao bem, que sempre dura.

Digitized by Google

E com secretos gritos,
Nunca a este fim sobejos,
Traz o Ceo a sua alma limpa, e pura.

Este tem paz comsigo,
Este de máos enganos
Vive livre, este vive em si seguro;
Começam, acabam annos,
Vem hum, e outro perigo,
Esconde-se em si mesmo em occio puro.

Em si tem seo descanso,
Comsigo se contenta
Como quem só de Deos em tudo pende;
Ora brava a tormenta,
Ora o mar seja manso,
Igualmente á Fortuna se defende.

Ah mas quão raramente
Hum destes ha na Terra!
Que louvores merece o que assi houvesse!
Quantos tem dura guerra
Em si continuamente,
Quem sem tal mal vivesse, ou não vivesse!

Do que viram esquecidos,
Do que vem descuidados,
Ao que inda podem vêr a vista escondem!
Da Esperança guiados
Vam traz ella embebidos,
Surdos, que nem vos ouvem, nem respondem.

Comsigo sempre inquietos,
Nunca em nada repousam,
Ora vãamente esperam, ora receiam,
Tudo o que cuidam ousam,
Por bens nunca quietos,
Que embaraçam sempre a alma, a vida enleiam,

Hum anno, e outro corre,
Hum tempo, e outro vôa,

Digitized by Google

Nenhum anno nem tempo ao bem os leva,
Nelles nunca o bem sôa,
Tudo em vida lhes morre.
Nelles todo o anno gea, e todo neva.

Teo rarissimo esprito,
Da nossa edade gloria,
Clarissimo, prudente grande Osôuro,
De cuja alta memoria
Levanta a fama hum grito
The o Ceo, que á Terra em ti deo gran thesouro.

O Poeta escreve *Osouro,* o mesmo appellido, que nós hoje escrevemos *Osorio,* é pois evidente, que a pronunciação deste vocabulo se acha alterada, como tem acontecido a muitos outros.

Quam longe vás do cégo
Vulgo, que ou não se atreve
Co' bem, ora o não entende, ora se engana;
Que segue o que mais deve
Fugir, que o bom socego
Foge, e tem só por gloria a gloria humana.

Com Letras nos ensinas,
Com virtudes nos moves,
E com santos costumes nos reprendes;
Em nossas almas choves
Certas, altas doutrinas,
Que o bem do Ceo, e o mal da Terra entendes.

Em ti agora revive
Quanto da Antiguidade
Com espanto se lê, se ouve, e se canta,
Longa, e ditosa edade,
Ousoro, vive, vive,
E viva em ti quanto em ti o Mundo espanta.

A mil Janeiros vêjas
Lêdo o primeiro Dia,
A mil Dezembros lêdo o derradeiro.

Digitized by Google

Com tua prudencia guia
Certa, e clara nos sejas,
Com tua virtude exemplo verdadeiro.

Temos visto Pero de Andrade Caminha na Ode heroica, e na Ode moral; vêjamo-lo agora na Ode erotica cantando as graças da sua Phylis, pois como acima dissemos, foi com este harmonioso, e poetico anagrama, que elle dessimulou o a saloiado, e anti-poetico nome de D. Pascoela sua Esposa; como se queixa dos seus rigores, e encarece o bom acolhimento, que por fim fez ás suas finezas.

ODE.

Quando os suspiros movo,
Formosissima Phylis, a chamar-te
De doce, brando, e novo
Som, de só nomear-te
Não ha quem a alma, nem a voz me apparte.

Teo brandissimo nome
Sempre a mim doce, sempre a mim suave,
Que peito ha que não dome?
Que dôr tão dura, e grave
Que co'elle não se abrande, e desagrave?

Na mór minha tristeza,
No meo mais triste, e grave pensamento;
Na maior aspereza
Do Amor, e seo tormento
Tomo em teo nome, Phylis, novo alento.

Si tanto ás vezes ouso,
Que deste nome canto, ou delle escrevo,
Nunca em nada repouso,
Mais do que digo devo,
E assi com medo athe a cantar me atrevo.

Mas já serás cantada
De mim, formosa Phylis, toda a vida,
E inda que em vão amada,

Digitized by Google

Já nunca arrependida
Alma será do amor, que a tem vencida.

Nem do amor, nem da rima,
Tudo a ti justamente offerecido,
Como a seo preço, e estima
Será nunca movido
Este peito de ti, Phylis, vencido.

Além do Eufrate, e Nilo
Irá, deste por ti formoso Tejo,
O meo inculto estilo,
Que com teo nome vêjo
Livremente correr rude, sem pejo,

Que onde teo nome brando
Póde chegar, que a fé não traga certo
Quanto fôr alcansando,
Phylis, ao longe, e ao perto?
Ou que peito a seo som não será aberto?

Não só ficará escripto
Nos espritos gentis d'amor vencidos,
Serão do inculto esprito
Com amor recebidos
Teo nome, e teo louvor hum a outro unidos.

Teo nome, a que preso anda
O meo entendimento inteiramente,
E toda a dôr abranda,
Que esta alma por ti sente,
Inda que na mór dôr por ti contente.

Formosa Phylis, ouve
Minha voz, e em teo nome, ouvindo-a, apura;
Meo canto sempre louve
Teo nome, e formosura,
E não quero de amor outra ventura.

Nesta Ode chama Cam inha a Phylis duas vezes *formosa*, e uma *formosissima*, parece que não sabe outro epitheto

Digitized by Google

com que engrandece-la. É como o Conde de Barcellos, que principia quasi todas as suas Trovas com a phrase *Señor formosa*, este reparo é de pouca importancia, e só o faço para prevenir os principiantes, a fim de que evitem estas negligencias, que produzem monotonia desagravel. Hoje exigiriamos do author desta Ode mais sensibilidade, e uma expressão mais vehemente, e natural; mas no tempo do Poeta julgava-se que se não podia cantar d'amores sem certo mysticismo Platonico, e certo requinte de idéas, que impunha a imitação de Petrarcha, e que ao presente nos desagrada, e tanto é isto assim, que só nos versos a Phylis, é que Pero de Andrade, apparece algumas vezes affectado, e conceituoso. Tanta é a influencia, que nos melhores espiritos exercem as preoccupações do seu seculo. O mesmo caracter encontraremos na Ode XIV.

Eu, Phylis, não entendo
Este amor, com que te amo,
Amar-te só pertendo,
A mim por ti desamo,
E cada vez em mais amor me inflamo.

He sempre meo intento,
Phylis, servir-te, e amar-te,
Nunca outro pensamento
Tenho si não louvar-te,
Si soubera o louvor devido dar-te.

Fallar em outra cousa
Não sei, Phylis, nem quero,
Fallando em ti repouza
O esprito, e delle espero,
Que sinta, o que eu dizer já desespero.

Para louvar-te fallo,
Para louvar-te escrevo,
Para louvar-te callo,
Quando a tanto me atreve,
Mas tudo a teos louvores, Phylis, devo.

A tudo a vista escondo
Quando hes, Phylis ausente,

Digitized by Google

Nem ouço, nem respondo,
Si non de ti sómente,
Que neste esprito estás sempre presente.

Nada, que de ti diga
Me deixa satisfeito,
Nem sorte ha tão imiga
Que mude este meo peito,
Inda que a ti nunca he, Phylis, acceito.

Amo-te, Phylis, quanto
Póde minha vontade,
No intento do meo canto
Verás esta verdade,
Que me enche o Esprito de suavidade.

Mas quando, Phylis, vêjo
Tua grande formosura,
Mais amar-te dezejo,
Si póde ser mais pura
Esta alma em teo amor firme, e segura.

Quando te vêjo crêo,
Que nada, Phylis, faço,
E co' este duro enlêo
A vida em dôr desfaço,
Mas si morro d'amor, d'amor renasço.

Não queiras que julgado
Do que em ti ha me vêja,
Porque a mais comdemnado,
De ti, Phylis, não seja
A brandura, a vontade, aqui te rêja.

Um Poeta, que diz á sua amada, que *só pertende ama-la*, que *seu intento é só ama-la, e servi-la*, e que *nunca teve outro pensamento senão louva-la*, dá na verdade muito fraca idéa da vehemencia da sua paixão, e parece-se mais com Amadis de Gaula, ou D. Quixote, que com Tibulo, ou Propercio, e commette uma grande estravagancia quando se queixa da ingratidão da sua amada. Se está na sua mão ama-la, e louva-la, que mais póde exigir

Digitized by Google

Essa sua scismatica ternura?

Seja-nos permittido citar este verso de Lobo, que nos parece mui applicavel a este caso. *Dans l'amour il n'a que le Physique,* disse Bufon, e fallou como grande naturalista que era; e para que serve rodeiar um sentimento todo physico de uma methaphysica quasi inintelligivel? Para desfigura-lo, e enfraquecer a sua expressão, e foi isso o que fizeram os Trovadores de Provença, e os Italianos, que os imitaram, e os nossos maiores naturalmente devotos, passaram aos seus versos eroticos as idéas asceticas, e theologicas, e fallaram ás suas bellas como fallavam ás santas, e até lhe attribuiam milagres, requestando-as em estylo beatifico como o Tartufo da Comedia de Moliere. Felizmente, que essa mania, que não duron pouco entre nós, tem inteiramente desapparecido, porque os nossos Poetas comprehenderam em fim, que uma duzia de versos de Virgilio, ou de Propercio, ardentes de paixão, e de sentimento vivo, e profundo, valiam mais, que todos os Cancioneiros Petrarchistas, recheados de finezas alambicadas, de conceitos Freiraticos, e de gelida galantaria.

Mas posto que este achaque do tempo se manifeste algumas vezes nas Odes Eroticas de Caminha, nem por isso deixam de ser obras de bastante merecimento, ellas como as Heroicas, e Moraes, devem contar-se entre as melhores, que nos ficaram daquelle seculo.

Horacio nos informa na sua Arte Poetica, que a Elegia fôra em sua primittiva consagrada sómente á tristeza, e ás magoas, mas que depois passára a exprimir objectos de natureza festiva, e especialmente amores.

Versibus impariter junctis quæsimonia primum,
Mox etiam inclusa est voti sententia compos.

E esta asserção se vê plenamente comprovada com as Elegias latinas de Catulo, Propercio, Tibulo, e Ovidio, em que vêmos tractados assumptos muito estranhos ás lamentações, e queixumes.

Pero de Andrade Caminha, como seu mestre, e modelo Antonio Ferreira, e todos os Poetas da mesma escbola, se applicou muito á poesia eligiaca, cultivando os dous

Digitized by Google

generos que ella abrange; ao primeiro pertencem as suas Elegias á morte do Principe D. João, uma das quaes é dirigida a Francisco de Sá de Miranda, a morte de Maria Pimentel, Esposa de Ferreira, á morte do neto, e herdeiro de Antonio de Sá, e a que dirigiu a Diogo Bernardes pela morte do mestre, e commum amigo dos dous o Doutor Antonio Ferreira. Todas estas Elegias sam escriptas com muita pureza, e elegancia de estylo, e de metro, mas todas sam mediocres pela poesia, á excepção da ultima, que é de muito superior ás outras, e que passamos a transcrever.

ELEGIA.

Hum silencio, Bernardes, me rompeste
Já quasi a não fallar determinado
Na dôr, que ora de novo em mim moveste.
Igualmente á dôr minha ser chorado
Não podia em meo verso o meo Ferreira,
Nem ser de mim seo esprito bem cantado.
Entendia de mim, que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia,
Não chegaria a minha voz inteira.
Calava, e a fallar delle me escondia
Por não offender morto hum bom amigo,
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizeste-me chorar ora comtigo
Com magoa nova, nova saudade,
A dôr, que eu cá chorava só comigo.
Moveste-me a alma a nova piedade,
A nova pena, a novo sentimento,
Daquella grande perda desta Edade.
Daquella grande perda, que hum momento,
Depois de tanto mal acontecido,
Não deixei de trazer no pensamento.
Mas eu não choro vêr d'entre nós hido
Este retrato só da Edade antiga
Do Ceo á nossa lingoa concedido.
Mas faltar-me hum engenho a que o meo siga,
Huma voz, que ouça, e esprito de que aprenda
E os segredos das Musas me abra, e diga.

Digitized by Google

E quem o meo mau verso me reprenda,
E o meão mo concerte, e mo levante
Com douto aviso, e com segura emenda.

Sinto faltar, Bernardes, quem me espante
Com seo bom senso, com seo bom escripto,
Com cuja imitação possa hir ávante.

Aquelle claro, aquelle puro esprito
De são conselho cheo, e de prudencia
Sempre será de mim cantado, e escrito.

Agora em sua triste, e longa ausencia
Quem acharei, que a dôr me desagrave,
E me mostre o remedio na paciencia?

Fazia-me a tristeza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dôr mais leve,
Fazia-me a alegria mais suave.

Si teve, magoa nossa, a vida breve,
Largo nome terá, larga memoria,
Que a toda a parte, tempo a Fama leve.

Já do tempo terá certa victoria,
Que se houve assim na triste, mortal vida,
Que aspirou sempre á clara immortal gloria.

Nesta da mortal carne despedida
Esquecida de tudo, nos amores
Divinos estará toda embebida.

A voz levantará a outros louvores
Mais devidos, mais puros, e mais santos,
Arrebatada de immortaes favores.

Mil versos, e mil Hymnos, e mil cantos
Cantará sempre á eterna Formosura,
Mais dinos de memoria, mais de espantos.

Será nelles guiado de mais pura,
De mais formosa, de mais rica Musa,
Mais ornada de copia, e de brandura.

Amará, e será amado, assi lá se usa;
Cantará, e será ouvido de quem canta,
Que quem lá ama d'amar não se escuza.

O Sol, que sobre o Mundo se levanta,
Que com sua luz clara, e tão formosa
Nos vence a vista, o esprito nos encanta.

Digitized by Google

Em conta não terá que outra gloriosa
Luz, que dá luz ao Sol, e ás almas lume,
Lhe terá mais que o Sol a alma lustrosa.

Hum tempo eterno, hum immortal costume,
Seguirá sempre, tempo alegre, e puro,
Primavera, que nunca se consume.

Lá não verá Inverno triste, e escuro,
Não ventos, não tormentas, não mudanças,
Mas tudo quieto em Deos, tudo seguro.

Livrou-se das incertas esperanças,
Que nos desassocegam, desbaratam;
E das leves, e falsas confiansas.

Não vês, Bernardes, como nos maltratam,
Os movimentos vãos, e os vãos recêos,
Que as almas inquietam, vidas matam?

Quem póde defender-se a mil enlêos?
Quem se póde valer em mil perigos
De outros muitos perigos sempre chêos?

He perigo não ter, e ter amigos,
Mal se póde viver nesta estreiteza,
Si me heide velar delles como imigos.

O nosso Antonio está n'outra largueza,
Ninguem teme, ninguem delle se teme,
Em tudo vê pureza, e tem pureza.

E cá, Bernardes nosso, quem não treme?
Quem não deve de si mesmo temer-se?
Quem ha que contra o Tempo em vão não reme?

Quem vê cousa de que possa valer-se?
Olhos no Ceo, e no divino Norte
Póde guiar toda a alma a não perder-se.

Não chores já do nosso Antonio a sorte,
A minha sorte chora, a sorte tua,
Pois no-lo tem roubado a dura morte.

A nós dura, a nós aspera, a nós crua,
Que nos levou o nosso amigo brando,
E a doce, e branda conversação sua.

Por elle rindo, por mim vou chorando,
E por elle contente, e por mim triste,
Sem elle a vida hirei toda passando.

Digitized by Google

Tu que a nossa amisade clara viste,
Claro verás, que á dôr na perda grande,
D'hum claro amigo, e bom mal se resiste.

Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande,
Dôr he que nunca a vida perde huma hora,
Remedio póde haver, com que se abrande,
Não que de todo o vença, e deite fóra.

Esta Elegia, que é resposta a outra de Diogo Bernardes, já se vê que foi escripta passado algum tempo depois da morte de Ferreira, e por isso o Poeta mui judiciosamente se absteve de esprimir nella os lamentos, transportes, e desespero, que accompanham os primeiros impetos da dôr. Aqui só se ouvem os suspiros da saudade, e as reflexões de uma phylosophia resignada, que adoça, e metiga, mas não desvanece as magoas.

Caminha recorda, com profunda sensibilidade, a doce convivencia, que tivera com Ferreira; lamenta nelle a perda de um amigo sincero, e de bom conselho, de um censor recto, e desinteressado, com quem consultava as suas obras, que lhas corregia, e que o animava a poetar com o seu exemplo, que é sempre a melhor doutrina: julga-se só, e desamparado no mundo; compára logo este mundo com a bemaventurança, os males, e perigos, e trabalhos daquelle, com a felicidade della, e o seu espirito religioso lhe faz julgar Ferreira muito feliz por haver trocado a vida temporal pela eterna, todas estas idéas se encadêam perfeitamente, e sam dictadas pela phylosophia christãa, que por isso não é menos poetica. Si nesta Elegia se deparam alguns versos menos bem torneados, tambem ha nella outros mui notaveis por sua perfeição, por exemplo.

Largo nome terá, larga memoria,
Que a toda a parte, e tempo a Fama leve.
. . . . . .
Luz que dá luz ao Sol, e ás almas lume.
. . . . . .
Quem ha que contra o Tempo em vão não reme?
. . . . . .

Digitized by Google

Ninguem teme, ninguem delle se teme.
.....
He perigo não ter, e ter amigos

Na Elegia a Antonio Ferreira, pela morte de sua mulher, me parecem dignos de citar-se os seguintes tercetos.

Mas ah! que vou temendo que te agrave
Em te assi imaginar, vendo teo siso
Com que esse jugo te farás suave.
Vendo que claramente vês que he riso,
Quanto estorva o caminho do seguro,
E immenso bem do eterno Paraiso.
Vendo que com esprito prompto, e puro
Os olhos erguerás ao claro Norte,
De que vem claridade a todo o escuro.
Que a alumia o juizo, e vence a morte
E serena, e abranda as Tempestades,
E abaixa o mar tempestuoso, e forte.
Que mata em quem o segue as vaidades,
Que cégam a alma, a vida desbaratam,
E destruem Virtudes, e Verdades.
Que a mil miserias os cuidados atam,
E escurecem de todo o juizo claro,
E a mesma honra, que mais buscam, matam.
Norte que sempre teve por seo Pharo
A que a vida te pôs em tal estreita,
Que entre os tristes te pódes chamar raro.

A estes devem juntar-se os seguintes, da Elegia endereçada a Antonio de Sá, na morte de seu Neto.

Ah, que si hum bom Esprito cuidar ousa
Neste grave desterro perigoso,
Na esperança da Morte só repousa.
Queixoso he aquelle estado, este queixoso,
Da Fortuna hoje vêmos despresado
O que viamos hontem mais mimoso.
Olha hum quanto he possivel levantado,
Vê-lo-has, si elle bem sente, estar temendo
Poder-se vêr por terra inda lançado.

Digitized by Google

Que estamos n'huma, e noutra historia lêndo,
Que nos não mostre em tudo mil mudanças!
Que estamos cada dia em tudo vendo?
Em quem, ou em quem vimos esperanças,
Que possam com razão ser comfiadas?
Ou quando sem razão descomfiansas?
Da vida as horas todas sam gastadas
Em esperanças vãas, ou em temores
De cousas, que si as vês, sam tudo nadas.
O que cheio se vê de vãos favores,
Da Fortuna, que sempre he duro imigo,
Cuidas que o esprito tem livre de dôres?
Antes tem, como sabes, mór perigo,
Que quanto a Fortuna he mais tida em conta
Muitos móres receios traz comsigo.
. . . . . .
Brevemente esta vida vêmos morta,
Si queremos a viva he mister tento,
Que se entra nella por estreita porta.
O alto, e verdadeiro fundamento,
Que ha contra a triste vida, tu o vês claro,
Tu, em quem tantos bens tem firme assento.
Não he seguro córte, e bom reparo
Contra ella branda morte em tenra edade,
Que inda não sente como custa caro?
Atalha-se da vida a Adversidade,
Antecipa-se o bem da vida eterna,
Vida de amor, de paz, de suavidade.
Ganha-se vêr mais cedo o que governa
Só com querer os Ceos, e todo o Mundo,
Vence-se a Hydra vãa desta vãa Lerna.
A vida cá da Terra, que ao profundo
Nos vai guiando as vãas inclinações,
Que nunca em appetites acham fundo.
Cortam-se juntamente ás ocasiões
As más cabeças todas em peleja,
Livram-se em paz do Mundo as afeições.

Cotegem-se as Elegias de Bernardes com as de Caminha, e se verá quanto este é superior áquelle, pela philosophia, e pela força, e energia da expressão.

Digitized by Google

As Elegias amorosas dirigidas por Pero de Andrade á sua Phylis, ainda que ás vezes desluzidas por alguns rasgos da affectação, com que o amor se exprimia naquelle tempo, sam escriptas em estylo puro, ameno, e gracioso, e muitas vezes animadas da mais bella poesia descriptiva; assim se póde vêr nestes versos, com que principia a Elegia XIX.

Apoz o Verão brando o Inverno duro
Começa triste, e cheio de asperezas,
Importuno, pezado, frio, escuro.
Entra o tempo com furias, e bravezas,
Na terra, n'agoa, no ar faz movimentos,
Que ameaçam mil damnos, e tristezas.
Revolvem tudo os furiosos ventos,
E parece que tem aspera guerra
Hums com outros os grandes Elementos.
Mais pesada se torna, e grave a Terra,
E tudo quanto d'antes produzia
Nega, e dentro em si mesmo esconde, e encerra.
O que ora aos olhos mostra, o que ora cria,
Tojos, Espinhos, Cardos, e secura,
Tudo alheio de graça, e de alegria.
Cessou aquella varia formosura
De diferentes rosas, varias flores,
De que se ornam as Plantas, e a verdura.
Das fontes não sam claros os liquores,
Correm, como corriam; turvo he tudo,
Tem as Aves silencio em seos Amores.
Seu brando canto está de todo mudo,
E só das tristes se ouve o triste canto,
Que eu com meos tristes versos sigo, e ajudo.
O Vento enche no mar de medo, e espanto
Assi o destro, esforçado Navegante,
Como o que não intende, ou ousa tanto.
Ora as ondas com furia leva ávante,
Ora as contrasta, e força, que huma deça
Ao mais fundo, outra ás nuves se levante.
Não ha cousa que triste não pareça,
Tanques, fontes, ribeiras, mares, lagos,
Nem peito, que de os vêr não se emtristeça.

Digitized by Google

Todo o Mundo padece mil estragos
Da gran força dos Ventos poderosos,
Mais livres, e mais soltos, e mais vagos.
Os Ceos puros, e claros, e formosos,
Sam de nós vistos menos livremente
Co'a grossura dos ares rigorosos.
O clarissimo Sol resplandecente
Todo de escuras nuvens encoberto
Deixa com menos luz a humana gente.
A lua, inda que a nós anda mais perto,
Tambem c'os tempos tristes, e cerrados,
Já seo lume não dá tão descoberto.
De trovões os ouvidos atroados,
Os olhos de relampados vencidos,
Os ares de chuveiros carregados.
Mil outros damnos sam vistos, e ouvidos,
No triste Inverno, duro, e grave imigo,
Que inda que costumados, sam temidos.

A este quadro da entrada do Inverno, segue-se, no principio da Elegia XX., outra da entrada do Estio, que contrasta com elle na expressão, e viveza das côres, com que está pintado.

Apoz o Inverno duro o Verão brando
Começa alegre, e cheio de branduras,
Vai-se com elle o anno renovando.
Traz o tempo alegrias, e frescuras
Co'a bella, alegre, e suave Primavera,
Cheia de differentes formosuras.
Tudo que triste, tudo que secco hera,
Se alegra já de novo, e reverdece,
Ah! si o mesmo este peito usar podera!
Já de mil varias flores apparece
A Terra toda ornada, e tão formosa,
Ao Ceo com suas Estrellas se parece,
No rouxo Lyrio, e na purpurea Rosa,
No alvo Jasmim, no Goivo almiscarado,
Na amarella Giesta, e bem cheirosa;
E em outras muitas flores, de que ornado
Vem o doce Verão claro, e formoso,
Vê-se o Ceo mais benigno, e temperado.

Digitized by Google

Tudo he mais claro, tudo he mais lustroso,
Quanto ora cria a grande Natureza,
Mais brando, mais suave, e mais cheiroso.

Fugio já aquella Furia, e aspereza
Do Inverno ante o Verão, que a deitou fóra,
E venceo co'a brandura sua dureza.

A formosura da formosa Aurora
Sempre formosa, clara, e sempre pura,
Mais formosa, mais clara, e pura he agora.

Traz o Dia outra nova formosura,
He formosa a manhãa, formosa a tarde,
Formoso o horisonte, e mais a altura.

A Noite em tão formosos lumes arde,
Que póde competir co'claro dia,
Nasce mais cedo o Sol, poem-se mais tarde.

A agoa não corre já, como corria,
Escura, e turva; mas já pura, e clara
Enche os ouvidos, e olhos de alegria.

O formoso Verão tudo repara,
Dá novo fructo a tudo, e nova vida,
Faz liberal a Terra, antes avara.

He já das Aves docemente ouvida
Aquella branda Musica, e suave,
Que lhes tem Natureza concedida.

Ouvem-se ora em som brando, ora em som grave
Seos queixumes cantar, e seos amores
Que não ha quem o Amor não damne, e agrave.

Entre as folhas das Arvores, e as Flores
Da gran força da calma se defendem,
Nem temem já do Inverno ali os rigores.

Humas, e outras parece que se entendem,
Que ora huma canta, ora outra lhe responde,
Ora juntas no campo mais se accendem.

Mas que parte haver póde no Mundo onde
Do Verão a brandura não se vêja.
E a sua formosura que se esconde?

O mar que contra si mesmo peleja,
Da gran força do Inverno tão movido,
Que inda té os altos ares rompe, e peja.

Digitized by Google

Do brando tempo seo furor vencido
Se vê já tão quieto, e já tão manso,
Que parece que nunca foi temido.
Correm os brandos Ventos manso, e manso,
E os de maior rigor, e mais forçosos,
Parece que buscavam já descanso,
Os Zephyros suaves, amorosos
Sem furia, sem rigor, mais brandamente
Contra a força do Sol sam poderosos.
No trabalho que mais cansa, e se sente,
Dam ao que o sente, e passa novo alento,
E lho fazem passar mais facilmente.
Mais claro o formosissimo ornamento
Do claro Ceo se vê resplandecente,
Sem nada que dê á vista empedimento.
Ora as formosas nuvens se estam vendo,
Que do formoso Sol todas ornadas
Vam delle varias flores recebendo,
Verdes, azuis, e roxas, e encarnadas,
De prata, e ouro, brancas, e amarellas,
Outras de muitas côres variadas.
Vê-se, com gran prazer da vista, entre ellas
Formosissimas fórmas diferentes,
Formosissimo he quanto se vê nellas.

Estes dous quadros campestres sam coloridos com toda a viveza, e mostram que o Author amava os campos, e se aprazia de viver nelles, e o mais é que para deparármos com poesia descriptiva neste seculo, que possa competir com esta, é necessario recorrer a Ferreira, e a Camões, porque nos outros Poetas contemporaneos fôra trabalho vam procura-la. Isto prova a sem razão com que alguns Criticos estrangeiros, e nacionaes tem tractado Caminha, procurando faze-lo passar por um Poeta insignificante, sendo elle entre os nossos Poetas Classicos o que melhor se aproveitou das lições de Ferreira, e o que imita de mais perto a sua correcção, elegancia, e madureza de pensar. Não era assim que Ferreira, Bernardes, Antonio de Castilho, e Francisco de Andrade ajuizavam do seu merecimento.

Tenho entre as Elegias amorosas de Caminha por uma

Digitized by Google

das mais poeticas a que tem na Collecção o número quinze, sobre a tornada de Phylis ao campo, d'onde havia estado ausente por algum tempo; o Poeta extasiado de jubilo, por uma noticia tão grata para o seu coração, convida todas as Nymphas para o ouvirem celebrar no seu canto aquelle fausto acontecimento, e para o ajudarem com os seus versos.

ELEGIA.

Grandes, brandas, e claras formosuras,
Em cujos olhos o Amor póde tanto,
Que abranda as pedras asperas, e duras.

Em quanto alegre minha gloria canto,
Pois tambem tendes parte nesta gloria,
Ajudai com prazer meo lêdo canto.

Já Phylis vem por quem minha memoria
Triste, e queixosa andava justamente,
Comsigo da tristeza traz victoria.

Cada huma em rosto alegre, e alma contente
Cheias de novo Amor, nova alegria
Este bem esperai thegora ausente.

Em seos olhos vereis chegar o dia,
Em seo rosto a manhãa formosa, e clara,
E em tudo a sua dulcissima harmonia.

Alegres esperai aquella rara,
Antes aquella só Phylis formosa,
Dina que todo o esprito alto a cantára.

Nella vereis a neve, e nella a Rosa,
E nella ouro, rubis, e perlas finas,
E em tudo formosura milagrosa.

E mil graças na Terra perigrinas,
De todo o entendimento bem julgadas
Não por humanas só, mas por divinas.

Graças, que a si mil almas tem atadas,
Graças, que presas tem a si mil vidas,
A seo serviço, e amor sempre obrigadas.

Deste devido amor tambem vencidas
Esperão esta nova formosura,
Em quem mil perdas sam restituidas.

Digitized by Google

Nella vereis amor, vereis brandura,
Nella vê sempre Odio, e vê dureza
Quem tem em seo amor a alma segura.

Não vêdes hida já daqui a Tristeza
Dos olhos formosissimos temida
De Phylis? já no ar outra pureza?

Não vêdes do Prazer a Dôr vencida?
Não vêdes Musas já, Graças, e Amores?
Não vêdes hida a Morte, e vinda a Vida?

Signaes que chega já: de alegres côres
Ornadas a esperai: o Prazer sôe,
Orne-se o Ar de cheiro, o chão de flores.

Alegres cantos todo o Ar entôe,
Seja sempre este dia bem cantado,
E delle em toda a edade a Fama vôe.

Com nova gloria, e nova honra illustrado
Seja sempre este dia venturoso,
Em que he tal bem a nossos olhos dado.

Onde Phylis está tudo he formoso,
Inda que ella he formosa mais que tudo;
Mas onde não se vê tudo he queixoso.

Para della cantar o engenho he rudo,
Inda que vê-la apura o entendimento,
E quem melhor a vê fica mais mudo.

Só de não vêr a Phylis hum momento
Póde tanto, que a vida á dôr se rende,
Inda que sempre a vêja o pensamento.

Quando escondida ha tanto tempo offende,
A quem sempre seos olhos vêr dezeja,
Outra dôr cauza, que se não comprende.

Depois se julgará quam grande inveja
Devo ter a quem poude vêr thegora
A vista, de que Amor quer que me vêja.

A vista onde está a vida, e alma mora,
D'onde tudo, que espero está pendendo,
E de que a mesma Phylis se namora.

Formosuras que o Mundo estaes vencendo,
A vossa Phylis vem, de vós amada,
Alegrias lhe estaes graves devendo.

Digitized by Google

A grandissima Phylis sempre ornada
De valor, cortezia, authoridade,
De grande entendimento accompanhada.
A clarissima Phylis, que a esta edade
Dá grande nome, e dará sempre fama,
A que dará seo nome claridade.
A bellissima Phylis, que derrama
De seos olhos, por onde os vai mostrando,
Graça, que sem querer tudo a si chama.
Por onde passa vem tudo illustrando,
Faz a terra formosa, o ar sereno,
E tudo com seos olhos vem honrando.
Accrescenta o prazer, suspende a pena,
A quem a nunca vio dá novo esprito,
A voz a seos louvores move, e ordena.
Póde delles encher a todo o escripto,
Os baixos pensamentos alevanta,
Quanto em fim faz não póde ser escripto.
Já nos vem, já nos torna, já Amor canta,
Porque vem, porque torna; porque vêr-se
Possa a força com que almas mil encanta.
E porque ninguem ouse defender-se,
Vinda esta fortaleza, da sua guerra,
Contra a qual não ha quem baste valer-se.
Porque uma formosura, onde se encerra
Quanto huma formosura tem inteira,
Se conhece quanto honra, e illustra a Terra.
E quem não póde haver tão lizonjeira
Condição, que por mais, que della diga,
Não se tenha por certa, e verdadeira.
Já tendes Phylis, sempre branda, e amiga,
A voz, a ella tambem brandas, e amigas,
Não seja a meo esprito dura, e imiga,
A outros mil não sejaes duras, e imigas.

Esta Elegia respira todo o enthusiasmo do amor, e apesar de pequenas negligencias de estylo, póde contar-se no número das melhores obras deste genero, que nos deixou a Eschola de Ferreira. A linguagem é pura, a eloquoção animada, e os versos harmoniosos, e correntes.

Pero de Andrade, já o adverti, não é feliz em epithe-

Digitized by Google

tos, e nesta Elegia abusou muito dos superlativos, amontoando-os a esmo, sem lembrar-se que estes vocabulos sam de ordinario mui pouco poeticos, e inda peior effeito fazem quando todos se ajuntam a um só nome, como succede aqui aonde vêmos, *grandissima Phylis*, *clarissima Phylis*, *bellissima Phylis*, e isto em nove versos, além de *olhos formosissimos*, que se encontra mais acima.

As Elegias, que tem os números vinte e um, vinte e dous, e vinte trez não sam pertencentes a este genero de Poema: as duas primeiras sam voltas no estylo antigo, a primeira glosando este Motte Castelhano

Todo me cansa, y me pena,
Nó sê que remedio escoja.

as segundas sam umas Redondilhas intituladas *Laberintho d'Amor*, e as terceiras umas Oitavas glosando este verso Italiano

Intendami chi puó, che intend'io.

e não sei porque capricho os Editores poseram estas composições entre as Elegias: isto é abusar da significação das palavras, ou ignorar os termos technicos da arte, e desconhecer o caracter de cada genero de Poema, e confundir todas as idéas recebidas. Parece impossivel que se deparem tão grosseiras incoherencias em uma edição dirigida por homens de tanto saber, como os que presidiram a esta.

Digitized by Google

CAPITULO II.

Epistolas, e outros Poemas de Pero de Andrade Caminha.

—

Na minha humilde opinião entre as obras de Pero de Andrade Caminha tem o primeiro logar as suas Epistolas, e nellas mais que em outros alguns se mostra elle um digno discipulo, e imitador elegante do Doutor Antonio Ferreira.

O Poeta tinha em sua alma todo o calor, e força que demanda a Poesia didatica, e nestas Epistolas se apresenta aos olhos do Leitor, ora como moralista judicioso, ora como pintor exacto dos costumes do seu tempo, descrevendo, e discorrendo com força, e vigor, mas sem pedanteria, no estylo de seu modelo, imitando com esmero, e perfeição o seu colorido agradavel.

Cumpre porém confessar, que Pero de Andrade, menos instruido que Ferreira, é tambem menos rico em idéas, e em phylosophia do que elle. As Cartas endereçadas a *seu* Irmão, e a Ferreira, sam aquellas, em que elle dá redéa mais livre aos sentimentos da sua alma, e mais manifesta o seu modo de pensar sobre os differentes objectos, nas outras lemita de ordinario as suas reflexões ao que diz respeito ás pessoas com quem convivia.

Poucos Poemas haverá que entre nós se cultivassem primeiro que a Epistola Poetica; e no meio das vicessitudes porque a poesia tem passado em Portugal, e apesar das variações de gosto, que tem reinado no nosso Parnaso, não tem os nossos Poetas cessado de cultiva-la, sam porém muito raros os que a tem elevado á importancia que goza entre os Alemães, e os Inglezes, pois quasi sempre tem sido applicada a assumptos Eroticos, e particulares, em vez de nella se tractarem objectos de alta phylosophia, como praticaram Dusch, Wielland, Pope, e tantos outros, que pela Epistola moral tem conseguido no mundo me-

Digitized by Google

recida reputação; sendo Francisco Manuel, e Antonio Ribeiro dos Santos, quasi os unicos que em Portugal seguiram as suas pizadas.

Caminha, para em tudo imitar a Ferreira, até escrevendo como elle quasi todas as suas Epistolas em tercetos, escreveu tambem uma unica em verso solto dirigida a Luiz Alvares Pereira, como Ferreira havia endereçado a El-Rei D. João III., a unica de suas Epistolas, que é escripta em verso solto.

Na primeira Epistola da Collecção, que é dirigida a D. Duarte, se queixa amargamente o Poeta da falta de favor, e de estima que a poesia tinha em Portugal, onde sómente se presava o ouro, e as riquezas, e só era considerado quem as havia adquirido fosse porque meios fosse.

EPISTOLA.

Que he do favor, Duarte, que os Espritos
De louvor dignos justamente achavam
A seos bons cantos, a seos bons escriptos?
Que he dos louvores com que se animavam
A erguer a voz mais confiadamente,
E com mais seguro animo cantavam?
Como esquecido está tão baixamente
O que já tanto poude, que podia
Hum Esprito fazer raro, e eminente?
Quem ás Musas tirou tanta valia?
Quem a Phebo tornou tão despresado,
Que já entre nós seo nome não se ouvia?
Antes inda mal se ouve, e mal julgado
He de muitos Juizes quem o segue,
Este voto he de muitos approvado.
Antes que o Ceo de todo á Terra negue
Este dom, que inda a alguns elle não nega,
A Terra a este favor toda se entregue.
Mas ah! que toda está de todo céga,
Traz interesses, traz cobiças, e ouro,
E a estes dezejos vãos toda se entrega.
Tem-se em grande desprezo já o thesouro,
D'Apollo, que os Espritos emriquece,
E as frontes orna de Hera, e verde Louro!

Digitized by Google

Quam contente de si quando amanhece
Se acha o Esprito entregue todo á Musa,
Quam contente de si quando anoitece!

Quam comfiado sempre, e seguro usa
Do seo Entendimento! quam seguro
Sabe ao Bem dar louvor, ao mal escusa!

Quanto milhor entende o bom, e o puro,
Quanto milhor o mau, que quem se arreda,
Das doutas Musas com esprito duro!

Mais facil nelle esta, mais certa a queda
Do Entendimento, e em qualquer fraco laço
Facilmente se prende, enlaça, enreda.

Pejam-se as Musas, correm-se, no Paço,
Si se acham nelle, estam como forçadas,
Vêem-se em toda outra parte mais de espaço.

Será de serem mais agazalhadas,
Como sam, dos Espritos occiosos,
De quem nunca ser podem bem julgadas.

Nunca deram de si muito a mimosos,
Fogem do mimo, fogem da brandura,
Mas fogem muito mais dos cobiçosos.

Escondem muito a sua formosura,
Sómente a mostram, ao que ama-la sabe,
E em estudo, trabalho, e amor se apura.

Baixo peito, em quem tudo isto não cabe,
Como póde esperar tanta riqueza,
Como que a Musa nunca co' elle acabe?

E quem não força muito a Natureza
Por este amor, com que razão espera
Achar nelle si não odio, e dureza!

Formosissimas Musas, si podera
Encher de vosso esprito este meo peito,
Quam pouca inveja a todo o Mundo houvera?

Fôra-se quem quizera satisfeito
Do rubi, da esmeralda, do diamante,
E só fôra-vos eu a vós acceito.

Gran Principe, que sempre tens diante
Dos olhos o favor das brandas Musas,
Faze os engenhos bons hir sempre ávante.

Digitized by Google

Os meos versos, a que hei mister escusas,
A que desculpas mil se te oferecem,
Tracta-os co' amor, que aos teos tractar sempre usas,
Virão achar assi o que não merecem.

Vê-se que o Poeta estava descontente pelo pouco fructo, que tirava das suas fadigas literarias; já vimos Diogo Bernardes formar os mesmos queixumes, e logo vêremos um homem cem vezes maior Poeta do que elles ambos, queixar-se ainda com maior amargura, e até com maior justiça do mau acolhimento que as Musas encontram nesta terra, e do desamor com que a Patria se esquecia dos serviços, que lhe fizera com a penna, e com a espada. E note-se que estamos no seculo d'ouro da nossa Literatura! Em todo o tempo foram em Portugal bem acolhidos, louvados, e premiados os Pintores, Esculptores, Musicos, e Gravadores; para estes sempre houve pensões, distinções, e louvores; mas para os Poetas!... Oh para esses ainda não nasceu entre nós um Augusto, um Leão X., ou um Luiz XIV.

Nos seculos seguintes cresceu o mal; o Governo desconfiou de todos os homens de grande talento, e grande saber; e como para ser grande Poeta é necessario reunir estes dous dotes, ao esquecimento juntou-se a perseguição. Foi então necessario, que fugissem da Patria, os que não quizeram ser alvos dos furores da Inquisição, e dos rigores do Tribunal da Inconfidencia. As vidas de Francisco Manuel, José Anastacio da Cunha, Bocage, e João Vicente Maldonado provam sufficientemente esta asserção.

Tenho por uma das melhores Epistolas de Caminha, a que tem o número dezesete, em que elle fallando com Francisco de Andrade golpeia rija, e graciosamente com o azurrague da satyra os praguentos arvorados em censores, que tudo criticam a esmo, sem juizo, e sem razão.

EPISTOLA.

Queixo-me, douto Andrade, de huns indoutos,
Que o que ás vezes lêm mal, peior intendem,
Querem julgar como que fossem doutos.

Digitized by Google

Tão facilmente a seo gosto reprendem,
As vigilias alheias, que eu me espanto,
Como elles de si mesmo não se offendem.

O verso ou mau, ou bom, o escripto, ou canto,
Qu' ao esprito custa estudo, e tempo, e lima,
Julgam como que não custassem tanto.

A livre prosa, ou obrigada ryma.
Por seo juizo, e só entendimento,
Assi a tem em despreso, assi em estima.

Si lhes perguntas polo fundamento,
Respondem, só que bem não lhes parece,
Querem que obrigue o seo contentamento.

Que me dizes, Francisco, a quem conhece
O Mundo por tão raro, e em cujo esprito
Apollo claramente se emriquece?

Com quaes julgas que deve ser escripto
Aquelle de juizo tão ousado
Que quer assi julgar o alheio escripto.

O sesudo, o prudente, o attentado,
O Douto, antes que julgue, tudo attenta,
Por não ser seo juizo mal julgado.

Ante os olhos primeiro representa
A obrigação do verso, e a natureza
Vê se offende a invenção, ou se contenta.

Com livre esprito nota, e com pureza,
Os conceitos, as phrases, as figuras,
E si na lingoa tem copia, ou pobreza.

Si as palavras sam proprias, ou sam puras,
Si as busca claras pera o que pertende,
Ou se asperas, dificiles, escuras.

O decoro si o guarda, ou si o entende,
E si a materia he bem, ou mal seguida,
Si abranda, ou afeiçoa, ou move, e attende.

Si toma imitação bem escolhida,
Si o estilo he sempre grave, ou sempre brando,
Si a sentença a bom tempo, ou mau trazida.

Si se vai longamente dilatando,
O si diz o que quer tão brevemente,
Que ou não se entende bem, ou vai cansando.

Digitized by Google

Quem tudo isto, Francisco, nota, e sente
Com clarissimo juizo, peito puro,
E o mais, que engeita a Musa, e o que consente.

Julgue, ria, reprenda, estê seguro
Que deve inteiramente de ser crido,
E eu destes sós espritos trato, e curo.

Destes quero ser antes reprehendido,
Destes, como tu hes, oh caro Andrade,
Que dos outros louvado, e recebido.

Aprenda-se com estes a verdade,
Do que Apollo promete, e a Musa ensina;
A quem dá a reprensão authoridade.

O esprito, que não vôa, nem atina,
O bem, ou mal, do que se canta, ou escreve,
Quando bem, ou mal diga, desatina.

Si dá razão, mais fria a dá, que a neve,
Sem fundamento louva, e assi reprova,
Que em juizo appressado ha razão leve.

A reprensão no Mundo não he nova,
Mas quem milhor entende, mais de espaço
O mau reprende, e o milhor approva,

Tem as lingoas agudas mais que d'aço,
Estes que querem ser graves Censores,
Si lhes armas, caem logo em qualquer laço,

Juizes vãos, indoutos reprensores,
Não sofrem as Musas ser assi tractadas,
Nem recebem de vós inda louvores.

Tende-os guardados, tende bem guardadas
As leves reprensões, que usaes em tudo,
Para as couzas das Musas não tocadas.

Sem ellas todo o peito hade ser mudo,
He rarissimo aquelle, antes só, peito,
Que não se deva entre ellas chamar rudo.

Seja meo verso sem nenhum respeito
Daquelles a que Phebo maior parte
Tem de si dado, ou reprendido, ou acceito.

Seja de ti Francisco, que guardar-te
Quiz para honra da Musa Portugueza,
E para entre os mais raros mais mostrar-te.

Digitized by Google

Tu segue comfiado aquella empreza,
Que tão felicemente começaste,
Segue-a com puro esprito, e alma acceza,

Esta empreza, que Francisco de Andrade havia tomado, e a que se refere Caminha, era a composição de um Poema Heroico sobre o primeiro cerco de Dio, que elle com effeito acabou, e deu á luz, mas que é hoje uma das obras mais raras da nossa poesia. Delle tractaremos quando dermos noticia de Francisco de Andrade.

A Victoria rarissima, que achaste
Digna do raro engenho, que em tudo usas,
E usaste sempre em tudo que cantaste.
Comfiado em teo conselho, e no das Musas,
A segue, e em tua lima, e esprito claro,
E assim mais haverá espantos, que escuzas,
Em teu verso e em teo canto douto, e raro.

O estylo desta Epistola é perfeitamente Didatico, e o Author moteja com razão dos Criticos ignorantes, cuja maledicencia está sempre prompta para motejar as obras alheias, sem que sejam capazes de produzir cousa alguma, que valha a pena de lêr-se, e que ás vezes nem estam em estado de entender as mesmas obras, que tão grosseiramente censuram. Estes insectos importunos, e malfazejos tem infestado o Parnaso em todos os tempos, e ainda nos nossos, de tão adiantada civilisação, apparecem muitos, que não podendo brilhar pelo que fazem, querem ao menos brilhar desaccreditando o que os outros fazem.

A Epistola XII. a D. Antonio, Prior do Crato, está cheia de excellentes idéas moraes sobre os deveres dos Principes.

EPISTOLA.

Principe raro, que gloriosa fama
Tens no Mundo alcansado justamente,
Concede ouvidos promptos a quem te ama.
Algum credito dá a quem n'alma sente
Tudo o que sentes; ouve com brandura
Huma alma, que te falla fielmente.

Digitized by Google

Haverá alguns, que cuidem por ventura,
Que porque sam os Principes formados
C'os outros Homens de huma compostura.

Que por isso não sam mais obrigados
A fugir da commum, e geral sorte,
De que os de mais dos Homens sam levados.

Querem que todos sigam o mesmo Norte,
E que tenham hum mesmo entendimento,
E que igualmente todo o juizo corte.

Levanta, claro Antonio, o pensamento,
Verás quão baixamente estes entendem
Qual deve ser do Principe o intento.

Verás a obrigação dos que descendem
De Principes, e Reys, como descendes,
E quanto os Reaes Espritos, mais comprendem.

Todos, com tua brandura, d'amor prendes,
Com tua condicção atas, e obrigas,
Ata-te agora, e abriga co'que entendes.

Faze-te forte muro nas amigas
Virtudes, na prudencia sãa, que escolhe
O bem, que mais a teo descanso sigas.

De razão enche o esprito, a razão olhe
O entendimento, e humilhe-se a vontade,
Que as mais das vezes os discursos tolhe.

C'os olhos na divina claridade,
Que a escura noite torna em claro dia,
E d'alma apparta toda a escuridade!

Como póde faltar segura guia,
Que o milhor, e mais certo sempre atine,
Nunca, o que esta luz segue, se desvia.

Quem alcansa em si Esprito, que o ensine,
De todo se lhe entregue, e lhe obedeça,
Porque do que a si deve não decline.

De quem se espera que em mais gloria cresça,
Trabalhar deve com mais alma, e esprito,
Que a que tem alcansado não escureça.

Antonio grande, que cantado, e escripto
Mereces ser de todos, não te escondas,
Enche o teo canto, e enche o teo escripto.

Digitized by Google

Bem entendes que he justo que respondas
Do teo rico talento co' as usuras,
Seguro poem o peito ás fortes ondas.

Cousas dificultosas, graves, duras
Não as acaba sempre a fortaleza,
Mais as acaba o Amor, mais a Brandura.

O que por boa constancia, e grãa firmeza
Muitas vezes se tem, he lhe devido
Mais propriamente nome de dureza.

Sempre foi de prudente, e de entendido
O Conselho mudar si o tempo o ensina,
Que o tempo he mestre digno de ser crido.

Aquelle cuida que he da luz devina
Guiado, e que ella he delle bem seguida,
Que ao proveito commum o animo inclina.

Si todos tem obrigação devida
A este commum proveito, dezejado
De toda a alma do justo Ceo regida.

Quanto hum Principe lhe hé mais obrigado,
Qué deve procurar com grande gloria
Ser sobre a outra Gente levantado.

Ser Principe he ser digno de memoria,
Digno de grande nome, e glorioso,
E saber ter de si sempre victoria.

Ser Principe não he ter Caza pomposa,
Nem ter nome de Principe, nem se-lo,
Que tudo isto he vãa honra, e fabulosa.

Ser Principe, e Senhor, he merece-lo,
E ser em tudo sempre tão perfeito,
Que nunca possa o tempo escurece-lo.

He ser o que tu hes, que sempre acceito
A todos foste, Antonio puro, e claro,
Mas não fies no Mundo contrafeito.

Torna-te a conservar, este dom raro,
Este gran dom, que o largo Ceo quiz dar-te;
Darás prazer á Terra, aos teos amparo.

Não deves de deixar tanto levar-te
D'onde hes tão dezejado, os olhos víra,
E já aos que tanto te amam vem juntar-te.

Digitized by Google

Todos os pensamentos d'alma tira,
Deixa os cuidados, que te lá retardam,
E já a nossos dezejos te retira.

Olha quantos por ti c'o amor aguardam,
E quantos com puro animo te pedem,
Que pura a fé primeira inda te guardam!

E si thegora os Ceos te não concedem
O que todos dezejam, e tu mereces
Grandes bens, que do Ceo justo procedem.

Crê, pois esta verdade bem conheces,
Que não te tardarão si tu não tardas,
Que não te faltarão si tu obdeces.

Si em teo heroico peito sempre guardas
Mil divinas, heroicas mil Virtudes,
Que fazes? oh que cuidas? ou que aguardas?

Não he razão que teo Espirito mudes,
Desse cuidado, que te está detendo,
E só no que te diz o tempo, estudes.

Como? e he justo que te este movendo
O que a qualquer Esprito aballa, e move?
Si alguem o entende assim, eu não o entendo.

Não igualmente o Ceo em tudo chove,
Não dá a todos iguaes entendimentos,
Mas não me movo porque o outro approve.

Não podem ser seguros fundamentos
Os que de quietação sempre não tractam,
Para esta só sam bons os movimentos.

Os sãos conselhos a esta sempre se atam,
Bons peitos seos desenhos a esta ordenam,
E tudo o que a estorva desbaratam.

Tudo o que a não approva mais condemnam,
E os que a consentem, querem, e não estorvam,
Justamente se afligem, cansam, penam.

Os animos dos Principes approvam
Sempre o milhor, assi de ti se espera,
Em quem grandes virtudes se renovam.

Virtudes do gran Principe, que te hera
Bom Pay, fiel amigo, e Conselheiro,
Que já descansa na Celeste Esphera.

Digitized by Google

O gran Principe Luiz, e verdadeiro
Amor da Patria, e gran columna, e firme
Ante o gran Rey Irmão sempre primeiro.
Em ti o Ceo do Santo Pay comfirme
As virtudes, e bens, e graças raras
E inda em todas as tuas mais se affirme.
Temera, gran Senhor, que me julgaras
Tão mal como eu entendo que mereço,
Si justamente não me desculpáras,
Co' amor com que estes versos te ofereço,

Entre as melhores Epistolas de Pero de Andrade Caminha, destinguem-se a meu vêr a Epistola XIV., ao Cardeal Infante D. Henrique, então Regente do Reino; nella se encontram excellentes idéas expressadas em excellentes versos, por exemplo.

Boas sam boas leys, milhor guardar-se
Inteiramente tudo o que ellas mandam,
Isto faz the aos Ceos a Terra alçar-se.
Mas si ellas, grande Principe, desandam,
Tudo ao máo corre, tudo ao peior vôa,
Os bens se escondem, males se desmandam.
.....
Criar o Rey, dado por dom divino,
Como a seo Reyno cumpre, e tão glorioso,
Que de tão raro Rey pareça indino.
Mostrando-lhe as virtudes, que famoso
Fazem o Rey em Terra, e tão perfeito
Como de hum Rey se espera milagroso.
Hum Esprito constante, hum claro peito,
Que entendido o milhor nunca se mude,
E mais que o seo queira o commum proveito.

Esta doutrina é optima, mas o Cardeal se não aproveitou della, pois dominado pelos Jesuitas, os encarregou da educação, e ensino de El-Rei D. Sebastião, affastando de seu lado o seu Ayo D. Aleixo de Menezes, fidalgo honradissimo, adornado de toda a virtude, e saber, que aquelle cargo importante demandava. Os Solipsos, que lá tinham formado o seu plano, se apoderaram do

Digitized by Google

espirito do joven Monarcha, e o doutrinaram, e aconselharam de modo, que o levaram, quando foi tempo, a morrer em Africa com a flor da Nobreza, e da juventude Lusitana, abrindo assim a estrada para a usurpação de Filippe II., que era o fim a que se tinham proposto.

Não cede a esta a Epistola XIII. ao Duque de Parma Alexandre Farnese, um dos maiores Generaes do seu tempo, neto do Imperador Carlos V., por occasião do seu casamento com D. Maria, filha do Infante D. Duarte. A oitava a seu Irmão Affonso Vaz Caminha, que estava para embarcar para o Oriente, e a quem dá optimos conselhos para proceder bem, como se vê destes Tercetos.

Hum nome, que outros nomes escurece,
Qual te espero inda vêr, não descansado
S'alcalça, que o ocio a nada favorece.

Vai o tempo ora dar, tempo bem dado
A Deos, ao Rey, á Patria, á honra, á vida,
Que inda que ao Mundo esqueça he a Deos lembrado.

Mas sabe que não póde ser cumprida
Nenhuma obrigação inteiramente,
Si a virtude a não leva bem regida.

Tem fracos fundamentos, levemente
Derribado será de qualquer vento,
Quem sem virtude fôr comfiadamente.

Virtude anima, e esforça, atrevimento,
Dá pera o bem, e pera o mal faz pejo,
Segura contra todo movimento.

. . . . . .

Não teme quem a tem perda, nem dano,
Por tudo passa, a todo o Vento corre,
Todos seos bens comsigo traz todo o anno.

. . . . . .

Nunca a golpe nenhum sejas rendido,
Em dano d'alma, o corpo a mil perigos,
Por teo Deos, por teo Rey ande ofrecido.

Entrarás mais seguro entre os imigos
Armado de virtude suave, e branda,
Que d'armas fortes, que de leaes amigos,

Digitized by Google

A vãa sorte, que hora anda, ora desanda,
Terás em pouca conta, só fiarás
Na vontade de Deos, que tudo manda.
Comfiado nelle só tudo ousarás,
Será mais certo o golpe do teo braço
Que na força do seo levantarás.
Não temerás do imigo o agudo aço
Sabendo que, si a vida assim perderes,
Ganharás a que dura eterno espaço.

Mal cuidava Caminha, que nisto não fazia mais do que repetir o que Mahomet no seu Alcorão havia prometido aos Musulmanos; isto é, que todos os que perecessem combatendo contra os Infieis hiriam direitos ao Paraiso.

Sejam sómente todos teos prazeres
Peleijar pela Fé só verdadeira,
Não por vãas honras, não por vãos haveres.

Eis aqui o reflexo das opiniões do tempo do Poeta. A obra mais meritoria, que podia fazer um Christão, era hir combater os Infieis, extermina-los, ou reduzi-los á fé á força de cutiladas; como si Jesu Christo tivesse escolhido para prégar a sua divina Ley Conquistadores, e Soldados, e não Apostolos, que a dissiminassem com o exemplo, e a persuasão. O que porém encanta nesta Epistola, é vêr como o Poeta aconselha a seu irmão o cultivar as letras no meio do bolicio das armas.

Do tempo, que occupado não te fôr,
Aos Livros deves dar a maior parte,
Criarás á Ociosidade desamor.
Em tudo saberão bem avisar-te,
Com conselhos na paz, e ardís na guerra,
De que possas em tudo aproveitar-te.
Dir-te-hão o que ha no Ceo, e houve na Terra;
Dar-te-hão de tudo exemplos, muito os ama,
Que quanto ha que saber nelles se encerra.

Naquelle tempo julgava-se, que as armas deviam aju-

Digitized by Google

dar-se das letras, e os Principes, e os Grandes as cultivavam, e honravam; os Jesuitas conseguiram mudar a pouco, e pouco estas idéas, certos de que os seus interesses só podiam medrar bem quando o podêr se tornasse apanagio exclusivo dos ignorantes, então os Homens doutos foram affastados dos cargos públicos, e do exercito, e perseguidos como suspeitosos; o resultado foi o que devia esperar-se, e o que todos sabem. Perdeu-se a influencia no Oriente, e grande parte das Conquistas, corromperam-se os costumes, e as leys, e o arbitrio tomou o logar dellas, a superstição lavrou á larga, definhou o commercio, e a industria, pois até as artes mechanicas não podem florescer, e adiantar-se sem o auxilio das letras, e da sciencia.

Caminha era um admirador enthusiasta do Doutor Antonio Ferreira, a quem imitava assidua, e desveladamente, tanto na composição, como na correcção classica do estylo: e a Epistola, que passo a transcrever, servirá de provar o respeito, e veneração, que elle professava para com o seu Amigo, e Mestre.

EPISTOLA.

Antonio, quando vêjo o engenho raro
O puro esprito, que nos vás mostrando,
O estylo facil, alto, limpo, e claro.
Vêjo que vás em tudo renovando
Aquella antiguidade, que inda agora
Com grande nome, e fama está espantando.
Vêjo em ti sempre meravilhas, ora
Cantes da viva, da amorosa chama,
Que huma alma faz captiva, outra Senhora.
Ou nos mostres de quem baixamente ama,
Amores em baixeza só fundados,
Destruidores máos da limpa fama.
Ora sejam os teos versos entoados
Ao som da doce frauta, a cujo som
Foram os do gran Tytiro cantados.
Ou em outro mais alto, e triste tom,
Nos mostres da Fortuna as variedades,
Mais vezes pelo máo, mais contra o bom.

Digitized by Google

Ora chores a perdas das edades,
Em que o bem tinha premio, o mal castigo,
E mostres de mil erros as vontades.
Ora consoles o teo triste amigo
Ou congratules quando está contente,
Acedendo aos prazeres, e ao perigo
Agora te levantes altamente
A altos feitos, e emprezas, que gloriosa
Fama, mas merecida, dam á Gente.
Ou temas a soberba, a perigosa,
A vãa, a ingrata Côrte, a almas, e vidas,
Aos bons Espritos, e honras tão danosa!

Ferreira, e Caminha eram cortezãos, Sá de Miranda era tambem cortezão, e os dous primeiros queixam-se da côrte, e fazem della horrivel pintura, Sá de Miranda não se contentou com isto, mas fugio della e foi acabar seus dias na sua Quinta da Tapada, entregue ao cultivo das letras, á devoção, e aos cuidados da lavoura. Isto deve desenganar os Poetas, de que a côrte não é o seu logar; para ser grande Poeta é necessario respirar o ar livre dos campos, aquentar-se ao fogo do seu modesto lar, viver comsigo em liberdade, e conversar com os mortos, segundo a expressão elegante de Garção. A pobreza é menos prejudicial para o genio que o ar das côrtes, e a sua servidão dourada. Dante, Camões, e Milton escreveram os seus Poemas immortaes o primeiro no desterro, e os dous no seio do abandono, e da miseria. A Iliada é obra de um mendigo, e cégo; as sublimes Odes de Francisco Manuel escreveu-as elle foragido em terra estrangeira, o homem grande lucta com a desgraça, vence, e adquire na lucta novas forças; mas os que se acustumam a curvar-se diariamente a pequenos Idolos, nunca terão azas para remontar-se ás Estrellas.

Ou dezejes as fontes só bebidas
Dos que passam quietamente a vida,
Não invejando as agoas mais seguidas.
Ou te alces sobre tudo a essa querida
Vida de nós, de todos dezejada,
De muitos mal, de poucos bem seguida.

Digitized by Google

Quando tudo isto vêjo, quando a estrada
Que thegora seguiste, e o cuidado
De por ti nossa lingoa ser honrada.
E vêjo de outra parte já acabado,
Com magoa o digo assi, o Tempo, que usava
Os engenhos honrar, de que hera honrado.

E porque a conjuração dos Jesuitas contra as letras, e os talentos, hia já começando a produzir seu fructo.

Que não heide sentir? tudo levava
Phebo apoz si, movia com seo canto
Condições feras, gente dura, e brava.
He tido agora em pouco, grande espanto
De Espritos raros, de que nesta terra
Nunca houve tantos, de que houvesse tanto.
Mas conhecidos mal, fazem-lhe guerra,
Captivam-nos com serem mal ouvidos,
E assim vemos que em si cada hum se encerra.
Mas si os vemos assi mal recebidos,
Não sei si he isto magoa, ou phantasia,
Cuido que he porque sam mal entendidos.
Si nos já amanhecesse hum alvo dia,
E a poz elle outros muitos, que tirassem
A este enganado tempo sua profia.

Esse dia, tão suspirado por Pero de Andrade, inda não amanheceu na Lusitania, nem talvez amanheça nunca: tem-se, é verdade, algumas vezes rarefeito o negrume das trevas, mas com uma luz tão debil como a das Terras Polares.

Que muitos zelos máos desenganassem,
Que muitos zelos bons favorecessem,
Porque assi máos temessem, bons ousassem.
Quem duvida que então, cada hora erguessem
Ao Ceo novos Espritos novos cantos,
Que iguaes ao canto antigo se fizessem.
Poderiamos ter menos espantos
De engenhos peregrinos, que os dará,
Quando pouco, esta Terra taes, e tantos.

Digitized by Google

Si alguma hora tal tempo nos virá,
Que vêja levantados bons Espritos?
Que derribada estê a condição má,

Que despreza bons versos, bons escriptos
Por máo zelo, por odio, ou por inveja,
Que estes taes entre os cégos sejam escritos.

Tempo, em que levantado assi te vêja,
Que em ti se alegre Apollo, em ti das nove
Irmãas o casto Choro alegre seja.

E em mi a quem agora o peito move
Teu alto canto, que eu vou mal seguindo,
Outro mais alto canto então renove.

Com que me pouco a pouco vá subindo
Traz as Musas com tua guia clara,
Que para ellas meos olhos vai abrindo.

Musas, com que se huma alma tanto ampara
De todo golpe, com que se defende
Da vãa Fortuna prodiga, ou avara.

O tão ditoso, que por ellas vende
Todo outro gosto vão, de vãos dezejos
Livre, n'outros milhores a alma accende.

Os soberbos estados, os sobejos
Despresa, o campo mais que o Povo estima,
Não sofre suas solturas, sem despejos.

Conversações de Livros poem acima
De quantas ha entre Gente, tão buscadas
De tão cégo, que aquellas desestima.

Horas ditosas, doces, bem gastadas,
As que longe da Gente, e Povo cégo
N'uma sãa Liberdade sam passadas.

Livres de tanto máo desasocego,
De tanta inquietação, que só a lembrança,
Tirará ao socegado o seo socego.

De uma esperança vãa n'outra esperança,
Não anda ali, seguro o sentimento,
Está ali de sentir tanta mudança.

Ali os olhos não dam ao pensamento
Tanto a que se abaixar, ali o desgosto,
Si accerta de vir, dura hum só momento.

Digitized by Google

Ali do Sol nascido the o Sol posto,
E delle posto the outra vez nascer,
Não esconde a alegria seo bom rosto.
Ali se vê mais cedo amanhecer,
Mais tarde a noite, que em mil lumes arde,
Quam poucos tal bem sabem escolher,
Que por cedo que se ache, acha-se tarde.

O respeito, e admiração de Caminha por Antonio Ferreira, não se limitava só á imitação do seu estylo, e maneira de poetar, estendia-se a perfilhar todas as suas opiniões em literatura, escutando-as como oraculos, de modo que havendo Caminha, segundo o uso do tempo, composto alguns versos em castelhano, os mandou ao seu amigo para lhos emendar. Ferreira, que ardia em enthusiasmo patriotico pela lingua portugueza, que todo o seu empenho era corrigi-la, aperfeiçoa-la e torna-la conhecida; e que por isso havia por uma especie de crime literario, o escrever um Portuguez em lingua estranha, lhos devolveu com uma Epistola, que é a terceira do Livro primeiro do seu segundo Volume, em que lhe dizia

O que entre a Antiguidade mais se havia
Por imfamia, hera despresar a terra,
De que hum hera Filho, e em que vivia.
.....
Pois com quanta razão me eu mais espanto
Do que em ti vêjo, tanto vás perdido,
Tanto, que me ali move a magoa, e espanto.
Mostraste-te the agora tão esquecido,
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
Como si nella não fôras nascido.
Esses teos doces versos, com que ergueste
Teo claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a estranha Gente os deste.
Porque o com que podias nobrecer
Tua Terra, e tua lingoa lho roubaste,
Para hires outra lingoa emriquecer.
Cuida milhor, que quanto mais honraste,
E em mais tiveste essa Lingoa Estrangeira,
Tanto a esta tua ingrato te mostras-te.

Digitized by Google

Volve pois, volve, Andrade, da carreira,
Que errada levas, com tua paz o digo,
Alcansarás tua gloria verdadeira.
The quando contra nós, contra ti imigo,
Te mostrarás? obrigue-te a Rasão,
Que eu, como posso, a tua sombra sigo.
As mesmas Musas mal te julgarão,
Serás em odio a nós teos naturaes,
Pois cruel nos roubas o que em ti nos dão.

A lição foi aspera, mas approveitou; Caminha nunca mais escreveu se não em portuguez, e parece que para obedecer a Ferreira queimou todos os versos que tinha feito em castelhano, pois na collecção das suas poesias não apparece uma só destas composições.

Parece com tudo que foi menos docil com o systema de Ferreira quanto a abandonar inteiramente a antiga poesia nacional, para cultivar exclusivamente a italiana, e o estylo classico, visto que nos restam delle algumas Voltas, algumas Redondilhas na fórma antiga, e entre ellas duas Epistolas em Coplas outosylabas, uma dirigida a uma Donzella, que estava para professar, e outra a João Rodrigues da Sá de Menezes, fidalgo muito instruido, e grande Poeta, segundo o testeficam tanto o nosso Poeta, como Ferreira, Bernardes, e Sá de Miranda, porque das suas poesias, que elles gabam tanto, nenhuma se imprimio e pelo menos nenhuma chegou ao nosso tempo.

Citarei alguns trechos desta ultima para se fazer idéa do estylo de Caminha neste genero.

Pay das Musas desta Terra
Juntas por vós á Nobreza,
Que bem em vós não se encerra!
Destreza, e esforço na guerra,
Na paz prudencia, e destreza.

Vós nos podestes mostrar,
Vós nos destes segurança,
Que sem nada se danar,
Pódem junctamente andar
As Letras, a Penna, a Lança.

Digitized by Google

Des que com ella ganhas-tes
O sobrenome devido
A nós, que por isso a herdastes,
Com as Musas repousastes
Repouso bem escolhido.

Sabieis a ociosidade
Quantas culpas em si traz,
Pozeste-vos na verdade,
Deixastes esta vaidade
De vêr quantos males faz.

Dai-me licensa, que falle
Comvosco hũ pouco em segredo,
O que o tempo quer que calle,
Mas não ha lingoa, que iguale
Ao que vai pera haver medo.

Que esta Circe feiticeira
Da Côrte dá volta a tudo,
E a lingoa mais verdadeira
Comver-te em mais lizonjeira,
E em mais doudo o mais sesudo.

Aqui transflora a cada passo a imitação de Sá de Miranda; é o mesmo metro, e combinação rythmica, a mesma profusão de sentenças, mas como era de esperar de um discipulo de Ferreira, sem a baixeza dos termos, a grammatica irregular, e arrevezada, e a falta de nexo nas idéas, que tantas vezes nos desgostam até nas melhores composições do Poeta de Coimbra.

A verdade todavia
Sempre seos contrarios teve;
Já o tempo antigo o dizia,
Mas, si pouco lhe devia,
Menos inda ao nosso deve.

De hum Rey Mouro de Granada
Se conta hum dicto prudente,
De vêr quam mal gazalhada,
Hera a verdade, e tractada
Ainda da Christãa Gente.

Digitized by Google

Dois Prégadores buscando
Martyrio em Granada andavam,
E ante este Rey os levando,
Seos dezejos estorvando,
Lhe perguntou, que buscavam.

Dizem « morrer vimos cá,
Pola verdade » — Si della
— Ousardes (diz) fallar lá
— D'onde vindes, ninguem ha,
— Que vos não mate por ella.

Esta idéa é tão atrevidamente poetica, que assombra encontra-la em um Poeta deste tempo. Estas anecdotas, assim como as fabulas, e outras cousas semilhantes tem todo o logar neste genero de Poemas, e não faltam exemplos disto nas Epistolas de Horacio, e todos sabem com que empenho Ferreira, e os alumnos da eschola classica estudavam as obras do grande lyrico latino. Não sei se o dito do Rei de Granada é historico, ou da invenção do Poeta; mas não vam ainda mui arredados os tempos, em que os papeis públicos referiram uma resposta ainda mais nobre, e sublime do Imperador de Marrocos. Certo Embaixador Europeo, offerecendo-lhe grandes presentes, em nome do seu Monarcha, pela entrega de alguns emigrados politicos da sua nação, que se haviam refugiado nos Estados Marroquinos. O Sultão, recusando os presentes, respondeu « Dize ao teu Rei, que si o Evangelho permitte o quebramento das leis da hospitalidade, o Alcorão faz disso um crime imperdoavel.

O grande Sá de Miranda
Bem entendeo a verdade
Deste mal, que entre nós anda,
Lansou-se lá dessa banda,
Seguro que não se enfade.

Bem se vê que não se enfada
Nas meravilhas, que escreve,
Que alta fama tem ganhada,
A' vêa, só nelle achada,
Quanto todo o engenho deve.

Digitized by Google

Fugio ás ocasiões
Do Tempo; que ha muitas cá,
Que quebram os corações,
Que cauzam mil semrazões,
De que está seguro lá.

Sobre tudo poz os pés
Como quem sente o que sente,
Vio tudo andar ao revés;
Não fôra cá lêdo hum mez,
He lá todo o anno contente.

Não póde fazer-se maior elogio de Sá de Miranda, nem fallar-se delle com maior admiração, e respeito: todos os Poetas da epocha, inclusive Ferreira, o maior de todos, professavam por elle a mesma veneração. É na verdade um phenomeno literario, que valendo Miranda menos que todos os Poetas do seu tempo, estes todos o exaltassem com enthusiasmo, ao mesmo passo, que nem uma palavra dizem de Camões, que então florescia, e estava tão superior a elles todos.

O casamento de D. Maria, filha de D. Duarte, com Alexandre Farnese, filho do Duque de Parma Octavio Farnese, e de sua esposa Margarida de Austria, filha natural do Imperador Carlos V., e Governadora de Flandres, deu largo assumpto aos Poetas cortezãos daquelle tempo para exercitarem seu estro compondo Epithalamios, Eclogas e outras poesias, com que celebraram aquelle fausto acontecimento. O Epithalamio de Ferreira, e o de Caminha passam pelas melhores composições, que então se fizeram. No Poema de Caminha ha muita imaginação, estylo elegante, mais amenidade do que de ordinario se encontra nos seus escriptos, boa poesia descriptiva, e Oitavas mui bem fabricadas, o que faz vêr, que si este Poeta se desse a compôr um Poema Heroico talvez consegui-se logar mui distincto entre os nossos Poetas Epicos. Citaremos alguns trechos em abono do que levamos dito.

Cria-se hum livre Esprito descuidado
De se render ao que Amor n'alma cria,

Digitized by Google

E sempre o Amor he delle despresado,
Consigo se contenta a noite, e o dia,
E de mil armas anda sempre armado,
Contra Amor forte, e contra sua porfia,
Mas a seo tempo Amor tudo saltêa,
E a quem mais se defende mais se enlêa.
.....

Quem cantará de Amor as grandes cousas,
S'inda as communs não podem bem cantar-se?
Bem sinto, Esprito meo, que não repousas,
Por dizer o que não deve callar-se.
Mas tambem vêjo claro, que não ousas
Começar o que não póde acabar-se.
Mas canta tu de Amor, e seos poderes,
Que elle te guiará si te perderes.

Foi visto hir pelo ar o Amor vôando
N'um claro dia, e todo em prazer cheio,
Formosamente os ares serenando,
Derramando mil flores do seo seio,
A's festas, e prazeres convidando
A mil Amores, que o levavam em meio,
Dansas, Risos, e Jogos o seguiam,
E mil Cantos entre elle, e as Graças hiam.

Esta pintura do Amor, que vôa serenando os ares, cercado das Graças, e dos Jogos, e dos Risos, convidando os Amores a festas, e derramando flores do seio, é tão graciosa como poetica; a Estança segunda não lhe fica inferior.

Hiam todos ornados de capellas,
De mil flores diversas bem tecidas,
Brancas, rouxas, vermelhas, e amarellas,
Entre Myrtho, e Verbena entremetidas,
Todas suaves ao cheiro, á vista bellas,
Todas de Amor, e para Amor colhidas,
Assim se tracta Amor mimosamente
Quando alguma Alegria grande sente.
.....

Digitized by Google

Foram vôando assim the que chegaram
Onde estava sua May, Venus formosa,
N'hum Jardim formosissimo onde a acharam
Como ella sempre está, branda, e mimosa,
De Nymphas, que em amores se criaram
Accompanhada estava, e vangloriosa,
No Jardim tudo sam flores, e rosas,
Tudo Nymphas alegres, e formosas.

Os dous ultimos versos desta Estança fazem lembrar o estylo ameno, e delicioso de Luiz de Camões.

Tudo mimos, delicias, e perfumes,
Fontes formosas, agoas, e frescura,
Tudo dansas, e gostos, não queixumes,
Tudo tractos de amor, e de brandura.
Medir comforme os gostos, os costumes,
Fazer por conservar a formosura,
Não negar á vontade os appetitos,
Nem render a desgostos os Espritos.

Em quanto ali as Arvores florecem,
Com cuidado sam vistas, e tractadas,
Si acontece seccar, e reverdecem
Não as deixam de todo despresadas;
Si com o tempo seccam, e murchecem
Logo deste Jardim sam arrancadas,
Que no Jardim de Venus não he olhada
Arvore de quem não se espera nada.

Parece haver uma contradicção nesta Estança, mas não é assim, porque exprime perfeitamente a idéa alegorica, que existia na mente do Poeta.

O Minino da May sempre mimoso
Se lhe encostou sobre o formoso peito,
Contente de si mesmo, e glorioso
De lhe haver de contar tão grande feito.
Mas da ira da May mui receoso,
Que houvesse por afronta, e por despeito
Não ser delle chamada ás santas Bodas,
A que foi a Alegria, e as Graças todas.

Digitized by Google

Para encontrar neste seculo rasgos poeticos superiores a estes em amenidade, e graça, será necessario recorrer ás poesias de Camões. Eis aqui pinturas de outro genero.

Já em toda occupação aspera, e dura
Se occupa; ei-lo no campo, ei-lo no monte,
Persegue as Feras na maior altura,
Nem acha Fera, que não mate, e afronte.
Não tem Diana bosque, ou espessura,
Não mata, valle, ou prado, ou Rio, ou fonte,
Que a estes exercicios delle usados
Possa ter escondidos, nem vedados.
.....

Obedece Neptuno, e ao seo tridente
As formosas Nereidas vam seguindo,
E com seos Phocas Prótheo alegremente
Vai as salgadas ondas dividindo.
A clara Lua, e o Sol qual mais contente,
A Noite, e o Dia vam cerrando, e abrindo,
E o Grande Eolo, Rey, que os Ventos manda,
Já a furia lhe tempera, o impeto abranda.

O Cantico das Graças, e dos Amores, com que termina o Poema, nada tem que invejar, nem pela poesia, nem pela versificação aos Canticos das Nereidas, e dos Tritões, com que Ferreira concluio o Epithalamio, que compôs para estas mesmas nupcias.

Pero de Andrade Caminha compôs ainda outro Epithalamio por occasião das nupcias de Vasco da Silveira com D. Ignez de Noronha; é escripto em Tercetos, e adornado da mais risonha e deliciosa poesia. Eis aqui o seu exordio.

Vem, formoso Hymineo, coroado
De violas, jasmins, e outras mil flores,
Colhidas todas no amoroso prado.
Não vês como cercado dos Amores
O teo formoso Irmão Amor te espera
Appartando daqui queixas, e dores?

Digitized by Google

Olha em Novembro a alegre Primavera,
Como parece que está rindo o dia,
Que tão formoso o Ceo hoje nos dera?
Olha como chamando está Alegria,
Por ti com grandes vozes!.. como o canto
Tudo enche de suave melodia!
Vem, Hymineo, vem, formoso, e santo,
Não tardes vem, que d'alma já te chama,
Aquelle Esprito digno d'alto canto.
Aquelle gran Sylveira, que honra, e ama
O grande Amor de quem devidamente
Corre por todo o Mundo immortal Fama.

Este exordio é bello como uma Elegia de Tibulo, a quem o Poeta parece ter querido imitar, e pelo corpo da obra se encontram Tercetos, que em nada desmerecem destes: por exemplo.

Aquella desusada formosura,
Aquella grande Dama clara, e illustre,
Igual em preço, e ser, honra, e brandura.
Aquella, que dá ás Graças novo lustre,
Ornada de virtude pura, e rara,
Com que as mais partes suas mais illustre.
Aquella que athe morte sempre amara,
Por cujo amor mil vezes dera a vida,
Inda que ella the morte o desamara.
.....
Vem, Hymineo, e já; vem, não aguardes,
Comfirma já este amor tão bem trocado,
Nos dois peitos, que sempre em teo bem guardes.
Vêja-se já hum Esprito a outro atado,
Co'santo nó, que ajunta duas vontades,
E prende duas almas n'hum cuidado
Entreguem-se hum ao outro as liberdades,
O que hum sempre quizer sempre outro queira,
E logrem n'hum querer longas edades.
.....
Olha quanto hum momento no Amor monta,
Quanto se sente huma hora só perdida
Do bem, de que se faz já certa conta.

Digitized by Google

Uma prova, para mim clara, de que não chegaram até nós todas as poesias de Caminha, é vêr que entre as que possuimos apenas se encontram dez Sonetos, e que esses mesmos são tirados de obras alheias, em cujo louvor foram feitos, e com ellas impressos, a saber: um com a *Elegiada* de Luiz Pereira, um com *O Cerco de Dio* de Jeronymo Corte Real, outro com a *Batalha de Lepanto* do mesmo, e os outros com a relação que se fez da vinda de certas reliquias para a Igreja de S. Roque, vindo por este modo a pertencer á Collecção manuscripta, que se encontrou no Convento da Graça sómente, o Soneto á morte do Principe D. João, que se lê a paginas 189 da edição das Obras de Caminha, publicada pela Academia das Sciencias.

Poderá alguem accreditar, que um Poeta, que floresceu quando Petrarcha, e a Poesia Toscana eram tão estudadas, e imitadas entre nós, composesse apenas dez Sonetos, quando este Poema andava tanto em moda, e quando Ferreira, Miranda, Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, e Camões nos deixaram centenares delles? Tal supposição é inadmissivel, especialmente si nos lembrarmos de que as obras deste Poeta só sahiram á luz muitos annos depois da sua morte, e da facilidade com que se perdem as obras manuscriptas.

O celebre Poeta Latino, Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, a nata, e creme do talento, e da sciencia Capucha, teve o capricho de compôr um livro inteiro de Epitaphios a todos os Doges de Veneza, mas nisso não fez mais do que Pero de Andrade Caminha, que nos deixou nada menos de oitenta e um Epithaphios quasi todos em Oitavas, a quasi todos os Reis, Rainhas, Infantes, Infantas, e Fidalgos, que se finaram no seu tempo, ou proximo a elle, de maneira que precorrer este livro é o mesmo que passeiar no Cemiterio dos Prazeres, ou do Alto de S. João.

De certo que os seus amigos, e conhecidos podiam morrer descançados, e sem temor de que á sua sepultura faltasse a honra de um Epithaphio, porque cá ficava o Epithapheiro Mór, que os não deixaria carecer daquelle sofragio. E o mais é que alguns até podiam escolher; só para D. Duarte compôs elle nada menos de

Digitized by Google

onze, para a Infanta D. Isabel quatro, outros quatro para D. Nuno Alvares Pereira, para D. Maria Coutinho trez, e assim para outros; mas si uma pessoa não tem mais que uma sepultura, para que necessita de mais de um Epithaphio?

Algumas pessoas fazem grande estima destes Epithaphios, nem eu digo que sejam ruins, porém não obstante a predilecção, que tenho pelas poesias de Caminha, não posso escurecer que me enfada lêr tantas vezes as mesmas cousas, diversamente expressadas; e o peior é que a este inconveniente accresce muitas vezes a trivialidade das idéas, e a insignificancia das reflexões. Isto achará quem lêr com attenção o Epithaphio da Rainha D. Maria.

Filha de Reys, e May, e Irmãa, e Thia,
Avó de Reys, e de tudo isto dina,
De qual outra, outro tanto se diria
Como desta Raynha já divina?
Mulher de Manoel, grande Maria,
Por quem todo o alto Esprito inda se ensina,
E póde com tudo isto a ley da morte
Dar-lhe esta estreita sepultura em sorte.

A's vezes as idéas nobres, e elevadas apparecem desfiguradas pelo prosaismo da expressão, e pela desharmonia dos versos, assim acontece com o Epithaphio a Vasco da Gama.

Quem he este, que aos pés tem o tridente
Do Rey do mar? — He Dom Vasco da Gama,
Que correndo do Têjo ao Oriente
Deo Reynos ao seo Rey, e a si gran fama.
Seo Nome viverá sempre entre a Gente,
Que com razão, seo nome inda honra, e ama;
E ao Rey mereceo seo serviço raro
Oficio principal, titulo claro.

Nada mais prosaico, e inharmonico que estes versos, o primeiro verso emperna com o segundo, o que é muidesagradavel em obra tão pequena: *He Dom Vasco da Gama*, no segundo hemestichio do segundo verso, o faz

Digitized by Google

de algum modo coxear. O mesmo aconteceu ao terceiro por falta da sinalepha no segundo hemestichio: si se diz no quarto, que *deo a si grande fama,* para que é necessario dizer no seguinte, que *seo nome vivirá sempre? seo nome inda honra, e ama* pecca contra a melodia, além da repetição de *nome,* em dous versos consecutivos; *mereceo seo,* estas palavras de igual dissonancia juntas formam um echo, que arranha os ouvidos delicados

Oficio principal, titulo claro.

Sam expressões vagas, que não offerecem idéa nenhuma determinada.

O Epithaphio ao Doutor Antonio Ferreira é no meu parecer um dos melhores, mas tem o defeito de principiar com um verso prosaico, e acabar com um verso duro.

Aqui Ferreira jaz, aqui Ferreira
De mil, e mil amigos he chorado,
E o seo nome com fama verdadeira
De mil, e mil amigos he cantado.
Da Morte, no chegar sempre ligeira,
Da vida antes de tempo foi levado,
Seo corpo aqui, sua alma está na gloria,
Seo nome em todo o Mundo, e sua memoria.

Não lhe fica inferior um dos, que o Poeta consagrou a João Lopes Leitão.

Nesse fronteiro mar tão dilatado,
Que lavra esta alta pedra, e estas arêas,
De João Lopes o corpo está guardado
N'hum vaso de ouro das mais ricas vêas.
Das Nereidas ali sempre he chorado,
Ali cantado he sempre das Sereas,
Ergueo-se aqui esta pedra em sua memoria,
E o Mundo terá delle larga historia.

Tractando-se de um homem, que pereceu em um naufragio, o suppôr que elle existe no fundo do mar, recolhido em uma urna de ouro, que as Nereidas o choram,

Digitized by Google

que as Sereas celebram as suas acções com seu canto, me parecem idéas mui poeticas, bem applicadas, e bem expressadas.

Tenho para mim, que Pero de Andrade Caminha se mostrou muito mais Poeta nos Epigrammas, que nos Epithaphios; sam elles em tão grande número, que contando os traduzidos chegam a duzentos e oitenta e oito, em diversos metros, e differentes combinações de rymas, o que tambem lhes dá maior variedade. Parece-me muito engenhoso o terceiro, feito por occasião de D. Duarte dizer, que nada o affligia tanto como a consideração de não ter que dar.

Não póde dar quem deo quanto podia,
Mas não tem pouco quem tem tudo dado;
Como nunca o Sol nega a luz ao dia,
Nunca tua largueza tens negado.
Tem sempre o que se dá maior valia,
Que o que está recolhido, e bem guardado.
Quem largamente reparte o seo ouro
Nos corações alheios faz thesouro.

A experiencia não desmentida de muitos seculos tem demonstrado que nada ha mais falso do que a assersão de Madama Stael, de que o amor é um sentimento exclusivo do Bello Sexo, cuja vida inteira se reduz a amar; porque bem pelo contrario o sentimento, que mais raramente se encontra no coração femenino é sem dúvida o amor. A mulher não procura o homem pelo desejo de satisfazer um sentimento erotico; em o homem sendo rico, e generoso tem para ella todos os requisitos para ser amavel, e amado. O homem pobre, qualquer que seja o seu merito, é para ella o objecto de maior despreso, e aborrecimento. Esta grande verdade exprimiu engenhosamente Caminha nos Epigrammas do *Amor pobre,* e do *Amor rico,* que passo a transcrever.

Entre as Nymphas Amor entrando hum dia,
Despido, e pobre do que se elle presa;
Huma lhe dá de mão, outra o desvia,
Outra as armas lhe toma, outra o despresa.

Digitized by Google

Nenhuma com brandura o recolhia,
Fica engeitado Amor por sua pobreza,
E a todas foi em alta voz ouvido:
Não póde pobre Amor ser acolhido.

Hum dia Amor ás Nymphas apparece
Vestido, e bem ornado, não como antes;
Com ouro, e prata tudo resplandece,
Com perlas, com rubis, com diamantes.
Cada hũa por Amor logo o conhece
Em o gabar, e em o querer constantes,
De todas para si logo he chamado,
Que nunca rico Amor, he despresado.

O meu fallecido Amigo João Vicente Pimentel Maldonado, grande Poeta, e grande Philosopho, exprimiu energicamente esta idéa em dous versos, com que termina um Soneto.

Procura hum Cafre da buçal Negrissia,
Carrega-o d'ouro, e o teu rival respeita.

Caminha estava tão convencido desta verdade, que ajuntou a estes o Epigramma vinte e trez, que ensina que o homem sendo pobre, ainda que se accompanhe de todos os talentos, e todas as virtudes nunca será amado pelas mulheres.

Das Musas, e de Phebo accompanhado,
De Mercurio, de Pallas, e de Marte,
Foi visto hum dia Amor, d'armas ornado,
E de Constancia, de Brandura, e Arte;
Mas não trazendo Amor Dite a seo lado
Logo ouvio: « Pódes logo, Amor, tornar-te,
« Que nem assim de tantos tão seguido,
« Sem Dite serás visto, nem ouvido. »

A idéa do seguinte Epigramma é tirada de uma das mais bellas Odes de Anacreonte.

Alta noite de Inverno a mim Cupido
Molhado, frio, e nú todo tremendo,

Digitized by Google

Se vem; e eu vendo Amor assi perdido,
O enxugo, e aquento, mas em se elle vendo
Enxuto, e quente, logo despedido
De mim, se torna contra mim, dizendo:
« Deste meo frio ficarás com fogo,
« Em que arderás, si não morreres logo. »

O Epigramma vinte e quatro é dirigido a sua Esposa D. Paschoala, que elle tanto celebrou em outras poesias debaixo do nome de Phylis.

Acha Venus o Filho desarmado,
De quem as armas lhe tomou queixoso,
« De quem foste, (diz) Filho, despojado,
« Quem te deixou tão triste, e tão queixoso? »
— De quem póde mais que eu, estou roubado.
« Quem póde mais que tu, tão poderoso? »
— Paschoala! Ouvindo-o, Venus diz « Paschoala
« Vença, pois nenhuma outra se lhe igua-la. »

O Epigramma é bom, mas aquelle nome plebeo, e ridiculo de *Paschoala,* basta para desfazer toda a illusão poetica, e lhe tirar toda a graça, deixando-o como um rico manto de seda, ou de veludo, em que cahiu uma nodoa de azeite.

O Epigramma número sessenta e quatro a uma mulher muito feia, faz-se notavel por sua graciosidade.

Feia, si fallas, hes; feia callada,
Ouvindo feia, feia respondendo,
Feia branda pareces, feia irada,
Negando feia, feia prometendo,
Feia toucada, feia destoucada,
Feia contente, feia descontente,
Em tudo sempre feia a toda a Gente.

Não é menos engenhoso o seguinte ao mesmo assumpto.

Si a boa porporção faz formosura,
Deves por bem formosa ser julgada,
Pois a tens tão igual, e tão segura

Digitized by Google

Em ser em tudo desporporcionada.
Quem bem te vê entende, affirma, e jura,
Que em ti tal porporção não falta em nada,
E assim se mostra claro ser verdade,
Que ha tambem porporção na variedade.

Eis aqui outro Epigramma contra um mentiroso, que me não parece destituido de merecimento.

Tudo prometes quanto de ti quero,
Nunca cousa me dás, que de ti queira,
Já com esta experiencia desespero
De achar em ti promessa verdadeira.
Se assim hes no que negas, o negado
Milhor que o prometido será dado.

Eis aqui um espelho, a que poderiam vêr-se bastantes pessoas poderosas dos nossos dias, que promettem por officio, e por officio nada comprem.

Ha entre os Epigrammas de Andrade Caminha alguns dirigidos contra um homem, que presumia de Poeta sem ter para isso disposição nenhuma, os melhores me parecem estes.

Dizes que o bom Poeta hade ter furia,
Si não hade ter mais hes bom Poeta,
Mas se o Poeta hade ter mais que furia,
Tu não tens mais que furia de Poeta.

Muitas vezes meos versos me pediste
Que tos mostrasse, e nunca tos mostrei,
Em não pedir-te os teos si bem sentiste,
Entenderias porque tos neguei.
Da paga me temi, si a não temera
Muitas vezes meos versos já te lêra.

Bocage exprimiu o mesmo conceito em outro Epigramma, que transcrevo aqui porque nada coopera tanto para aperfeiçoar o gosto como estas comparações do modo porque os homens de talento exprimem a mesma idéa.

Digitized by Google

« Elmano, lê-me os teus versos! »
— Melhor sorte me dê Deos!
— Tremo disso! « E porque tremes? »
— Porque pódes lêr-me os teus.

Pero de Andrade Caminha tambem se provou na traducção poetica de algumas composições dos Poetas Gregos e Latinos, tanto antigos como modernos, imitando nisto seu mestre Antonio Ferreira. Destas traducções chegaram a nós as de alguns Epigrammas de Ausonio, de Theocrito, de Sannazzaro, e de algumas Elegias de Ausonio, e Angeriano. Para se fazer idéa do seu modo de traduzir pôrei aqui no seu original o Epigramma número cincoenta de Sannazzaro, junto com a traducção de Caminha.

Miraris, liquidum cur non dissolvor in amnem,
Cum nunquam siccas cogar habere genas;
Miror ego in tenues potius non isse favillas
Assiduæ carpant cum mea corda faces.
Scilicet ut misero possint superesse dolori,
Sic lacrimis flammas temperat acer Amor.

VERSÃO.

Como não sou tornado em rio corrente
Te espantas, pois que sempre em chôros vivo,
E eu de não me tornar em chamma ardente;
Segundo está em meo peito o fogo vivo.
Mas porque não me mate esta presente
Chamma, nem este fogo tão esquivo
Com lagrimas contínuas o contino
Fogo tempera Amor duro, e benino.

A traducção é boa, especialmente se nos lembrarmos do tempo em que foi feita; mas o Epigramma assenta em um conceito falso, semilhante aos muitos, de que usaram depois os Seiscentistas. Que admira que um fogo methaphysico, como é o do amor, não queime, e que precisão tem para isso de ser temperado com lagrimas? E inda que Sannazzaro podesse desfazer-se todo em lagri-

Digitized by Google

mas, não vêjo que dahi se seguisse tambem o transformar-se em rio.

A traducção mais importante de todas as, que fez Caminha, é a do Idylio de Moscho, que tem por titulo o *Amor fugido*, que elle escreveu em Tercetos, e em fórma de Elegia. Com elle terminaremos os escriptos deste Poeta.

Perdeo Venus formosa o seo Cupido,
Formoso Filho seo brando, e mimoso,
E tristissima está de o ter perdido.
Tudo corre, nada acha trabalhoso,
O campo, o monte, o povoado, o ermo,
Que á grande dôr nada he dificultoso.
Co' esprito de tristeza todo emfermo
Sobe n'um alto monte procurando,
Ao cuidado remedio, á pena termo.
Dali está, quanto póde, a voz alçando,
E nestas tristes queixas a derrama,
Por seo formoso filho perguntando.
« O Filho, a que esta May mais que tudo ama,
» Se me perdeo acaso, que não crêo,
» Que se escondesse, nem que me desama.
» Não posso inda saber onde se vêo,
» Nem sei si Esprito algum mo tem furtado,
» Ando toda entre dôr, entre recêo.
» Si o logar, onde está, me for mostrado,
» A quem mo assim mostrar prometo, e juro
» Que em premio hum beijo meo lhe será dado.
» A quem nas minhas mãos mo der seguro
» Lhe darei inda mais; quem ha que seja
» Com taes promessas descuidado, e duro?
» Si ganhar este preço alguem dezeja
» Mil signaes lhe darei, no peito os guardo,
» Porque o não desconheça quando o vêja.
» Não he alvo, mas todo o corpo lhe arde
» Em côr de fogo, os olhos resplandecem
» Tanto que não ha vista, que os aguarde.
» As palavras, que diz doces parecem,
» Mas tem chêa de enganos a vontade,
» E engana os tristes, que isto não conhecem.

Digitized by Google

»Quando está cheio de ira, ou crueldade,
»Não ha couza que o mova, ou que o abrande,
»Nem que lhe faça comfessar verdade.

»He Minino, mas tem astucia grande,
»E está mil graves couzas cometendo,
»Mil vezes quando cuidam que rindo ande.

»Crespos cabellos the os hombros pendendo,
»Em certa ordem lhe estam, medo, nem pejo
»Nunca em seo rosto ousado se está vendo.

»Mãos, e braços pequenos tem, mas vêjo,
»Que muito longe tira a seta dura,
»Com que hum peito sam fere, e hum sam dezejo.

»De todo o corpo traz sem vestidura,
»A' calma, e ao frio sempre descoberto,
»Mas cheio he o esprito de prudencia pura.

»O vôar deixa ás vezes, e de perto
»As Nymphas ora, os Homens ora tenta,
»Não com rosto fingido, ou emcoberto.

»E como vê, e entende que contenta,
»E que a Vontade ao que elle diz se abranda,
»Lá no intimo do peito, e alma se assenta.

»Arco pequeno tem, mas co'elle manda
»The ás Estrellas a seta destinada,
»Que certa sempre em suas regras anda.

»Formosa aljava ao hombro traz dourada,
»Dentro peçonha, e setas, que meo peito
»Mil vezes tem ferido, e alma chagada.

»De usar fereza em tudo he satisfeito,
»Pois quanto ha nelle he rudo, e aspereza,
»Cruel he o nome, que lhe he mais acceito.

»Na mão a faxa traz, que com crueza
»Gasta ás tristes entranhas, e seo fogo
»Queimará o Sol, com sua fortaleza.

»Si o achares, e á mão o houveres, logo
»Si pódes, com estreitos noz o prende,
»Não te enganem suas manhas, nem seo rogo.

»Traze-o preso com manha, e arte, e entende,
»Que ou rogue, ou ameace, ou chore, ou ria,
»Que ardís sam tudo, com que se defende.

Digitized by Google

» Si com palavras cheias de alegria
» Te mostrar amizade, então mais teme,
» Então da sua paz mais desconfia.
» Em suas palavras, e em sua boca, crê-me,
» As peçonhas crueis traz escondidas,
» Com que o triste, a que as dá, chora, arde, e treme.
» E se te forem delle oferecidas
» Setas, coldre pintado, arcos formosos,
» Não sejam suas ofertas recebidas,
» Que seos dões queimam tudo, e sam danosos.

Este Idylio de Moscho foi tambem traduzido por Ferreira, e se lê a paginas 140 do primeiro volume das suas obras, e entre as suas Elegias, pois tambem o verteu em Tercetos. Nesta versão o estylo de Ferreira é ás vezes mais animado, e energico que o de Caminha, porém ambas as traducções peccam por paraphrasticas, pois tendo o original sómente vinte e nove versos, lhe correspondem sessenta e seis em Ferreira, e oitenta e um em Caminha, números summamente desporporcionados, ainda mesmo levando em conta o menor número de syllabas do verso portuguez comparado com o hexametro grego; e os circumloquios, que os dous Poetas estavam obrigados a fazer para armar ao consoante: de certo que a Iliada, ou a Odysseia traduzidas neste gosto, que de certo não é o bom gosto, triplicariam em portuguez a sua estensão. Por isto, e pelas liberdades, que ambos os Poetas tomaram á cerca dos pensamentos, força é confessar, que apesar de Ferreira, e Caminha haverem traduzido directamente do Grego, a graça, vivacidade, e harmonia do Idylio de Moscho estão melhor representadas na traducção de Bocage, pôsto que feita sobre uma interpretação literal em latim, que nas verbosas, e redundantes paraphrases de Caminha, e Ferreira. Compare o Leitor com elles e com o original os seguintes versos, e julgue.

Venus chamava o filho em altas vozes.
« Si alguem vio pelo campo (a May dizia)
» Andar vagando Amor, esse he meo Filho,
» Meo filho, que fugio; quem souber delle,
» Quem noticias me der do meo Cupido

Digitized by Google

» Premiado será, tem certo hum beijo
» Nos proprios labios da amorosa Venus.
» Porém, si mo trouxer, terá mais gloria,
» Cousas mais doces do que hum simples beijo.
» Entre Mininos mil este Minino
» Por difrentes signaes se reconhece,
» Não tem candida a tez, mas côr de fogo,
» Sam seos olhos espertos, scintilantes,
» Meigo a fallar, o coração maligno.
» Nunca sente o que diz, tem mel nas vozes,
» Mas torna-se cruel, traidor, insano
» Apenas se enfurece. He mentiroso,
» He sagaz, he cruel, athe brincando.
» Trança espessa, e formosa ao ar lhe ondêa,
» E em dourados anneis lhe desce ao colo:
» Nas faces lhe trasluz o ardor, a audacia,
» Tem pequenina mão, porém tão forte,
» Que arroja muito longe as fataes armas,
» A's margens do Acheronte ás vezes vôam,
» E colhem descuidado o Rey do Inferno.
» Seo corpo he nú, sua alma impenetravel,
» Com azas, como hum Passaro, voltêa
» Do Sexo vigoroso ao debil sexo.
» Pousa nos corações, e ali se aninha.
» N'hum arco delgadinho aponta as frechas,
» As frechas, que assim mesmo tenues, curtas
» Se entranham pelos Ceos, alcançam Jove.
» Pêjam farpas subtis a aljava de ouro,
» Que ao lado traz suspensa; e dos seos tiros
» Athe eu, sua May, sou alvo ás vezes.
» Tudo que lhe pertence inclue estrago,
» Mas nada do que he seo produz mais dano,
» Que hum curto, ardente, inextinguivel facho,
» O Sol, o proprio Sol, com elle abraza.
» Mortaes, si o encontrardes, eia, atai-o,
» Atai-o, e muito bem, porque não fuja.
» Si elle chorar, seo pranto não vos mova
» Antes desconfiai, seo pranto engana.
» Si elle rir, apertai-lhe os noz do laço,
» Si quizer abraçar-vos longe, longe!
» Fugi, não vos fieis, abraços, beijos,

Digitized by Google

» Nada, nada! seus labios tem peçonha,
» Seos beijos enfeitiçam. Si elle acaso
» Vos disser aqui tendes estas armas,
» Tomai, eu vo-las dou, não pegueis nellas;
» Mimos de Amor sam perfidos, e ardentes. »

Si Bocage soubesse a lingua grega, é natural que a sua versão fosse ainda mais concisa: a pesar disso, ella tem menos trinta versos que a de Caminha, e quinze que a de Ferreira; e que differença de metro, de estylo, de facilidade, viveza, e naturalidade de expressão! Mas Bocage era um Poeta de natureza, e os dous apenas o eram da arte; estes eram guiados pelo trabalho e o juizo, e aquelle pela inspiração, e o sentimento.

Pero de Andrade Caminha é na minha opinião o discipulo de Ferreira, que mais se lhe aproxima pela correcção, elegancia, nobreza de pensamentos, e philosophia. Não ignoro que quasi todos os Criticos lhe preferem Bernardes; mas si este tem ás vezes mais amenidade, e imaginação, é tambem mais desigual, mais desleixado, e incorrecto, e menos instruido que Andrade, e grande parte das suas poesias, afóra as Eclogas, e Epistolas, se tornam summamente fastidiosas á força de prosaismo, e de idéas communs; porque quando decahe ninguem tem menos poesia do que elle, e finalmente Caminha nunca foi nem accusado, nem convencido de plagiato, como Diogo Bernardes.

CAPITULO III.

Luiz de Camões.

—

Havemos percorrido o espaço de alguns seculos, temos visto a Lingua, e Poesia Portugueza, nascer, desenvolver-se, e tocar quasi o ponto da sua perfeição, e todavia é agora, pela primeira vez, que encontramos o que se chama um Homem de Genio! Isto é, um daquelles ho-

Digitized by Google

mens raros, a quem é concedido abrir novos caminhos nas Artes, ou nas Sciencias, aperfeiçoar quanto fizeram os seus antecessores, marcar com o seu nome o seculo, em que viveram, ennobrecer a sua patria, e captar a admiração da posteridade.

Luiz de Camões fez isto; mas em desconto de tamanha gloria, veremos que foi do meio das procellas, e contrastes da fortuna, das perseguições injustas dos homens, e do abysmo da pobreza, ou para melhor dizer da miseria, que este Genio raro elevou seu vôo aos astros, derramando de suas azas vigorosas o fulgor poetico, que illuminou aos olhos do mundo as acções, e feitos briosos dos Filhos da Lusitania.

Sete Cidades da Grecia disputaram entre si a gloria de haver dado o berço ao Cantor de Achylles, e de Ulysses, e não faltaram em Portugal povoações, que entre si sustentassem igual pleito á cerca do Homero Lusitano; Coimbra, Santarem, Alenquer, Lisboa se distinguem entre estes contendores, porém o assento de matricula na Casa da India das pessoas, que passaram á India no anno de 1550, decidiu a questão a favor da capital do reino, pois ali se declara, que era natural de Lisboa, e morador á Mouraria, e tinha vinte e cinco annos de idade: á vista deste documento, descoberto por Manoel de Faria e Sousa, parece-me que sem grande escrupulo podemos abraçar com o mesmo Faria a opinião de que Luiz de Camões nasceu em Lisboa no anno de 1524, e foi baptisado na Freguezia de S. Sebastião, que nesse tempo me parece mui verosimil que estivesse situada em logar mui differente daquelle, em que a vemos agora.

Foi filho de Simão Vaz de Camões, e de D. Anna de Macedo, sua esposa, senhora muito illustre da villa de Santarem.

Não era menos illustre pela parte paterna, pois affirmam, que Simão Vaz de Camões, seu Pai, descendia de Vasco Pires de Camões, chefe de uma das mais nobres casas de Galliza, onde possuia grandes terras, mas que havendo com outros fidalgos seguido o partido d'El-Rei D. Fernando de Portugal, quando disputou a Corôa de Castella a D. Henrique por morte de seu irmão D. Pedro, se viu na necessidade de passar-se a Portugal, on-

Digitized by Google

de El-Rei D. Fernando o recebeu benignamente, admitindo-o no seu Conselho, e o recompensou das terras que perdêra na Galliza, nomeando-o Alcaide Mór do Castello de Alcanede, e fazendo-lhe mercê das Villas de Punhete, Marvão, e Amendoa, com o Concelho de Gestaço, e as terras, e herdades, que em Estremoz, e Aviz haviam sido da Infante D. Beatriz.

Este Vasco Pires de Camões, segundo o testemunho de Sarmiento, e do Marquez de Santilhana, em uma Carta endereçada ao Condestavel D. Pedro, filho do Duque de Coimbra, era Poeta mui affamado, e delle affirma o mesmo Marquez, que em poder de sua avó, D. Mencia de Cisneros existia um Cancioneiro com o titulo de *Canticas Serranas e dicires Portugueses, y Gallegos.* É porém muito provavel que este Cancioneiro desapparecesse inteiramente como a maior parte das poesias daquelle tempo.

Vasco Pires de Camões casou em Portugal com uma filha de Gonçalo Tenreiro, Capitão Mór das Armadas, de que teve a Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e uma filha, que casou com Pero Severin, Cavalheiro Francez estabelecido neste reino, que depois se distinguiu muito na conquista de Ceuta, onde accompanhou D. João I.

Durante o reinado de D. Fernando não cessou a fortuna de ventar prospera para os interesses de Vasco Pires de Camões; mas as crises politicas, e a guerra civil, que tiveram logar, depois da morte daquelle Monarcha, destruiram, como acontece sempre em taes casos, o Edificio da sua grandeza.

Os Portuguezes dividiram-se então em dous partidos, o menos numeroso tendo á sua frente a Rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando, queria manter os direitos de D. Beatriz, Rainha de Castella, e filha de El-Rei D. Fernando; o mais numeroso, pois que nelle entrava o Povo, tendo á testa o Mestre de Aviz, e o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pugnava pela independencia nacional, para que não achava segurança, se não pondo o Sceptro nas mãos do Mestre, filho d'El-Rei D. Pedro I.

Ainda que bastardo verdadeiro.

Questões desta natureza não se decidem senão pelas

Digitized by Google

armas, e para ellas appellaram os dous partidos, e o Rei de Castella D. João I entrou com um exercito em Portugal para apoiar os interesses de sua Esposa.

Vasco Pires de Camões, ou por gratidão á memoria de D. Fernando, a quem devia tudo, ou por outro motivo, que ninguem póde agora advinhar, seguiu o partido de Castella; e foi aprisionado com as armas na mão na gloriosa batalha de Aljubarrota, e, em consequencia disso, privado de todas as terras, e fortalezas, com que fôra agraciado por D. Fernando, ficando reduzido ao que possuia em Extremoz, e Aviz, e algumas propriedades em Alemquer, e Lisboa, que a clemencia do Vencedor houve por bem deixar-lhe disfructar. Com o producto destas possessões compraram depois os seus descendentes algumas herdades em Evora, e Aviz, que Manuel Severin de Faria, na vida do Poeta diz, que ainda no seu tempo eram por elles grangeadas, e conhecidas com a denominação de *Camoeiras*.

João Vaz de Camões, filho segundo de Vasco Pires, fez assignalados serviços a D. Affonso V. nas guerras de Africa, e Castella, e foi sempre mui estimado daquelle Monarcha; casou com Iguez Gomes da Silva, filha natural de Jorge da Silva, filho de Gonçalo Gomes da Silva, e irmão de João Gomes da Silva, que foi Alferes Mór do Reino no tempo de D. João I., e donatario de muitas terras.

João Vaz de Camões tinha o seu domicilio em Coimbra, cujo Corregedor era, e por aquella cidade foi nomeado Procurador ás Côrtes, que se convocaram durante a menoridade de D. Affonso; naquella cidade terminou seus dias, e foi sepultado no claustro da capella da Cathedral, em um monumento de marmore.

Seu filho Antão Vaz de Camões, casou com D. Guiomar da Gama, da familia do Almirante D. Vasco da Gama, e della teve a Simão Vaz de Camões, Pai do nosso Poeta.

Os descendentes de Gonçalo Vaz de Camões, filho primogenito de Vasco, foram pessoas de muita consideração, como se prova dos casamentos, que contrahiram nas ricas, e nobres casas, que aponta Manuel Severin de Faria, e é delles, que muitas familias da alta aristocracia

Digitized by Google

receberam o appellido de Camões, que ainda hoje conservam.

Luiz de Camões logo em seus primeiros annos deu evidentes demonstrações do que viria a ser para o futuro, tanto pela viveza, e desembaraço, como pela facilidade com que apprendia tudo quanto lhe ensinavam. Terminado o estudo das primeiras letras passou a frequentar a Universidade, que El-Rei D. João III. acabava de transferir para Coimbra, onde fez rapidos progressos, tornando-se mui habil na lingua latina, castelhana, e toscana, na Historia antiga, e moderna, e com especialidade na patria, que soube perfeitamente, na Geographia, Astronomia, e em todas as sciencias maiores, que então se cultivavam, vindo por este modo a ser um dos homens mais instruidos do seu seculo.

Foi em Coimbra, que Luiz de Camões começou a fazer-se conhecido pelas suas poesias; grande parte das rymas foram sem alguma dúvida compostas nesta epocha, porque nellas a cada passo se faz menção do Mondego, e das suas apraziveis margens. Tambem parece que ali sentiu pela primeira vez a paixão amorosa, e é muito probavel, que a Natercia, a cujo respeito tem havido tantas disputas, e tantas opiniões, fosse uma Nympha daquellas apraziveis campinas. A ella, e a ellas parece que se referem estes versos, talvez os melhores de quantos até então se haviam escripto em portuguez.

Vam as serenas agoas
Do Mondego descendo,
E mansamente athe o mar não param:
Por onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo
Para nunca acabar se começaram.
Ali se me mostraram
Neste logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro,
Riso brando, e suave, olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma me estará pintado.

Digitized by Google

Nesta florida Terra
Lêda, fresca, e serena,
Lêdo, e contente para mim vivia
Em paz com minha guerra,
Glorioso co' a pena,
Que de tão bellos olhos procedia,
De hum dia em outro dia
A esperar me enganava,
Tempo longo passei,
Com a vida folguei
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?

Oh quem me ali dissera,
Que d'amor tão profundo
O fim podesse vêr em alguma hora!
E quem cuidar podera,
Que houvesse ali no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais na lembrança!
Que sempre estará firme
Athe no derradeiro despedir-me.

Mas a mór alegria,
Que daqui levar posso,
E com que defender-me triste espero:
He que nunca sentia
No tempo, em que fui vosso,
Querer-des-me vós quanto vos eu quero;
Porque o tormento fero
De vosso appartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena,
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente,
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente.

Digitized by Google

Tu, Canção, estaras
Agora accompanhando
Por estes campos estas claras agoas,
E por mi ficarás
Com choro suspirando,
Porque ao Mundo dizendo tantas magoas
Com huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Terminados os seus estudos, ao que parece em 1548, sahiu Camões da Universidade, e regressou a Lisboa cheio de illusões, e de esperanças, que lhe sopravam os seus conhecimentos literarios, sua nobreza, merito pessoal, e maneiras polidas, e elegantes. Bem acolhido de todos, e com especialidade das Damas, compôs nessa epocha a maior parte das suas rymas, traçou o plano dos Lusiadas, e deu principio á sua composição.

Que elle composesse grande parte do seu Poema antes de partir para a India me parece fóra de toda a dúvida, e muito mais á vista da assersão de Manuel de Faria e Sousa, que affirma ter achado em Madrid em poder de Pedro Coelho, um manuscripto dos primeiros seis Cantos dos Lusiadas, que o confirmaram em algumas opiniões, que havia aventurado a respeito das obras do Author.

Accrescenta, que aquelle manuscripto se assemilhava ao caracter de letra de algumas obras de João de Barros, que tinha visto. Foi examinado por D. Thomaz de Vargas, e João Pinto Ribeiro, a quem Faria e Sousa o communicou, e nelle havia muitas Estanças, que se não encontram na obra impressa, algumas emendadas, e outras alteradas, e era accompanhado da seguinte nota, ou observação, « Estes seis Cantos se furtaram a Luiz de Camões da obra, que tem começado sobre o descobrimento, e conquista da India por os Portuguezes. Vam todos acabados, excepto o sexto, que posto vai aqui o fim delle, falta-lhe uma historia de amores, que Leonardo contou estando vigiando, que hade proseguir sobre a ryma quarenta e seis onde logo se sente bem a falta della, porque fica fria, e curta a conversação, e o proprio Canto mais breve.

Esta prova me parece encontrastavel, uma vez que não

Digitized by Google

queiramos duvidar da senceridade de Manuel de Faria e Sousa, a quem, como já notei em outra parte, poderá dar-se a nota de Critico pouco judicioso, mas de sorte nenhuma a de impostor: admitto por isso a sua exposição, e muito mais porque estou persuadido firmemente de que obras do calibre dos Lusiadas podem ser concluidas, mas nunca concebidas, e principiadas no meio das tribulações, dos desgostos, da miseria, e da inquietação de uma vida errante, abbrevada de desgostos.

É porém certo, que si Camões naquella epocha andava bem visto, e applaudido na côrte, tambem é certo, que sem embargo de estar apto, e habilitado para bem desempenhar qualquer cargo, não pôde conseguir emprego no serviço público; parece que já começava a pesar sobre elle aquella inexoravel fatalidade, que devia accompanha-lo toda a sua vida, e torna-lo, para nos servirmos da expressão de Chateaubriand a este respeito, o *mais desgraçado dos homens.*

Dizem que algumas travessuras de mancebo o fizeram desterrar da côrte, mas ingenuamente confesso, que esse desterro é para mim muito duvidoso; todo o fundamento dessa supposição assenta na Elegia III., que se tem tomado como lamentação de um desterro, quando me parece, que esse desterro não é mais que ausencia da sua amada, cuja saudade elle compára á que Ovidio sentia por sua esposa no seu exilio entre os Getas: é isto o que me parece deprehender-se do seguinte Terceto.

Desta arte me figura a phantasia
A vida, com que morro, *desterrado*
Do bem, que em outro tempo possuia.

Queixa-se o Poeta de ser punido *sem razão, e com pouca culpa,* mas em vez de invectivar contra a falta de justiça, a prepotencia, ou o abuso do poder, como faria qualquer homem injustamente opprimido, recorda os gostos passados, e lamenta a *mudança* da vida.

Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Digitized by Google

Aqui vêjo caduca, a debil gloria
Desenganar meo erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.

Não indica isto, que o Juiz que lhe impôzera o degredo fôra o enfado da sua Dama? Note-se além disso, que os seus Biographos, affirmando o facto, se contradizem ácerca do logar desse desterro. D. José Maria de Sousa diz, que foi degradado para o Ribatéjo, outros dizem, que para Santarem, outros, que para Alemquer, de certo que esta variedade faz duvidar da certeza de facto, e o mais é que nenhum delles aponta o motivo desse tão fallado desterro.

Seja como fôr, o que parece é que o Poeta perdendo as esperanças de ser empregado em Lisboa, e sendo de coração animoso, e valente, quiz tentar fortuna pelo caminho das armas: e se embarcou para Ceuta, onde seu Pai então militava; ali deu repetidas provas do seu valor, e do seu engenho; do primeiro combatendo bravamente os Mouros, do segundo compondo muitas poesias, que se conservam, e que do seu contheudo se vê que foram produzidas em Africa. Por exemplo, estes Tercetos.

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, e novo tracto humano,
A estrangeira Progenie, a estranha usança.
Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
Dali estou tenteando d'onde vio
O Pomar das Hesperides, matando
A Serpe, que a seo passo resistio.
Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado,
Mais força se lhe vinha accrescentando.

Foi em Ceuta, que o Poeta contrahiu estreita amisade com D. Antonio de Noronha, filho de D. Francisco

Digitized by Google

de Noronha, segundo Conde de Linhares. Era este fidalgo mancebo de grandes esperanças, dotado de um valor heroico, grande admirador de Luiz de Camões, que depois deplorou sua morte na Ecloga I.

Tão prompto no serviço de Apollo como no de Marte, ou sirvindo-nos da sua phrase

N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Passava Camões os seus dias em Ceuta, assistindo a muitos combates, tanto por terra, como por mar; e foi em um destes que, combatendo ao lado de seu Pai, perdeu o o olho direito, a cuja deformidade deveu, segundo nos informa Severin de Faria, a alcunha de *Cara sem olhos*, e de *Diabo*, que lhe pôzeram as mulheres.

Persuadido de que os seus serviços militares de Africa lhe davam direito a ser recompensado, voltou a Lisboa, a continuar a vida de requerente, que si não é neste mundo o inferno, é pelo menos o purgatorio dos homens de merito. Tambem desta vez o enganaram suas esperanças, porque encontrou o mesmo desfavor no Governo, e o que mais é tal inveja nos seus competidores, que chegaram a ameaçar sua vida, e posto que a sua espada fez arrepender alguns, julgou prudente hir buscar no Oriente a segurança, e a fortuna, que delle fugiam na Europa. Isto se collige da seguinte passagem de uma Carta sua, que anda nas suas obras « Em fim, Senhor, eu não sei como me pague saber tão bem fugir aos laços, que nessa terra me armavam, os acontecimentos como com vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros da Merciana, e mais quieto, que a cela de um frade prégador. »

Do citado assento da Casa da India, se vê, que elle estava prompto a partir para a India em o anno de 1550; mas de outro assento, que Faria tambem descobriu, se conhece que elle deferiu a viagem, sem que se saiba o motivo, e só a effectuou em 1553, embarcando na mesma nau, em que hia Fernão Alvares Cabral, Commandante de uma frota de quatro, que então sahiu da Barra de Lisboa, e de que só a capitania pôde chegar nesse anno a Gôa, depois de soffrer muitas tempestades, e perigos de perder-se.

Digitized by Google

Que o Poeta hia na firme resolução de não tornar a Portugal é cousa que não admitte dúvidas, pois em uma carta sua, escripta de Gôa a um amigo, elle refere, que as ultimas palavras, que pronunciou ao affastar-se da costa foram as de Scipião Africano «*Ingrata Patria! non possidebis ossa mea!* Tão enfadado hia do ruim accolhimento, que na côrte haviam feito ao seu merito, e aos seus serviços.

Chegando a Gôa, em Setembro do referido anno, embarcou logo, na qualidade de voluntario, na armada que o Vice-Rei D. Affonso de Noronha havia apromptado para hir restituir ao Rei de Porcá uma Ilha, que lhe havia sido usurpada pelo Rei da Pimenta; o que facilmente se conseguiu. É notavel a simplicidade com que o Poeta narra este successo, na sua Elegia I.

Vî quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quam pouca; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Que uma Ilha, que o Rey de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.
Com huma grossa armada, que juntára
O Viço-Rey de Gôa nos partimos,
Com toda a Gente d'armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A Gente, no curvo arco exercitada,
Com mortes, com incendios os punimos.
Era a Ilha com agoas alagada,
De modo que se andava em Almadias,
Em fim outra Veneza trasladada.

Em 1554 chegaram as naus do reino, e nellas D. Pedro Mascarenhas, que vinha render a D. Affonso; e foi por estas naus, que o Poeta recebeu cartas de Lisboa, em que lhe davam noticia da morte do seu intimo amigo D. Antonio de Noronha, e do Principe D. João. Ambas estas noticias fizeram nelle grande abalo, a primeira pela perda de um amigo sincero, em quem podia fundar esperanças para o futuro, a segunda como uma calamidade pública, que púnha em perigo a independencia do

Digitized by Google

reino, e havia nelle demasiada penetração para não prever os males, que dahi podiam resultar, e de que elle ainda foi testemuha. Consulte-se a Ecloga I., e se verá, que elle prophetára a futura sorte de Portugal, e a decadencia da sua grandeza.

Apenas o novo Vice-Rei tomou posse do governo, cuidou logo em aprestar uma frota, que entregou a Manuel de Vasconcellos, ordenando-lhe que fosse com ella cruzar na emboccadura do Mar Vermelho, e destruir os Corsarios Mouriscos, que infestavam aquellas paragens, causando graves prejuizos no commercio portuguez.

Luiz de Camões fez parte desta expedição, que sahiu de Gôa no mez de Fevereiro, e dirigindo-se ao seu destino, andou bordejando muito tempo diante do Cabo Guardafu, sem que os Piratas apparecessem, naturalmente porque haviam sido avisados pelos seus confidentes; tendo passado a monção foi invernar a Ormuz.

No serviço da Marinha militar não ha nenhum tão fastidioso, e cançado como o de um cruzeiro, velejar sempre nas mesmas paragens, sempre com os mesmos objectos á vista, é para impacientar o animo mais apathico. Luiz de Camões temperava este longo enfadamento com o cultivo da poesia; que em todo o tempo, e em todas as occasiões destrahe a nossa imaginação, e grangea algum desafogo ás nossas amarguras; entre as poesias, por elle compostas durante o tempo daquelle cruzeiro, conta-se a Canção X., uma das suas mais bellas producções lyricas, que começa com a descripção do Monte Feliz.

Junto de hum secco, duro, esteril monte
Inutil, e despido, calvo, imforme,
Da Natureza em tudo aborrecido,
Onde nem Ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome do vulgo introduzido
He, feliz por antiphrase, infelice:
O qual a Natureza
Situou junto á parte
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,

Digitized by Google

Em que fundada foi já Berenice,
Ficando á parte d'onde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde;

O Cabo se descobre, com que a Costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Lemite faz, Arómata chamado;
Arómata outro tempo, que volvendo
A' roda, a ruda lingoa mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado,
Aqui no mar, que quer apressurado
Entrar pela Garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve
Minha fera ventura,
Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Pelo Mundo em pedaços repartida. &c.

Quando esta esquadra voltou a Gôa, em Outubro do anno seguinte, já era fallecido Pedro Mascarenhas, e em logar delle tinha tomado as redêas do Governo Francisco Barreto, homem vaidoso, suberbo, supersticioso, e despotico. Vicios estes que evidentemente se comprovam *pelo* exame reflectido dos actos do seu Governo. É notorio, que os homens deste caracter não gostam de rodeiar-se senão de lisongeiros, e espiritos abjectos, que applaudam os seus desvarios, e fraquezas, e sirvam sem escrupulo os seus caprichos, e as suas paixões; aborrecem por isso todas as superioridades, e muito especialmente as literarias; além deste motivo para aborrecer Camões, tinha Francisco Barreto outro, de que adiante faremos menção.

Não admirará pois, que no seu Governo principiassem as perseguições, e trabalhos do Poeta naquella parte do mundo. Conhecida a má vontade do Governador, os Sycophantas da sua cevadeira, os emulos, e os invejosos, aproveitando o insejo, deram obra a detrahi-lo, calumnia-lo, envenenar as suas intensões, obras, e palavras, e Barreto, que não procurava senão um pretexto, por um

Digitized by Google

daquelles actos despoticos, e arbitrarios, em que tão pouco escrupulosos sam os que tem o Governo em terras mui distantes da Metropole, o fez meter a bordo de um navio, que estava a partir, e o mandou deitar nas Molucas.

Um procedimento semilhante praticado ainda contra o homem mais humilde da sociedade, sem causa bastante, sem processo, ou fórmas legaes, sempre seria altamente reprehensivel, e vergonhoso para quem o praticasse: mas praticado com um homem nobre, um literato distincto, um militar valoroso, que honrára a patria com a penna, e com a espada, e o que é peior ainda innocente, é na verdade um attentado, que imprime uma infamia eterna, e a execreção da posteridade no nome de Francisco Barreto.

Assim o entendia o Poeta, como póde vêr-se destes versos da sua paraphrase do Psalmo cento e trinta e seis, em que compára os seus trabalhos, e padecimentos com os dos Hebreos, transportados em ferros para Babilonia.

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro.

Tinha razão, porque para completamente vinga-lo, para deshonrar Francisco Barreto, bastava que a posteridade soubesse, que elle abusára da authoridade, que o Rei lhe confiára, para o perseguir sem causa, para o mandar innocente, não desterrado por sentença judicial, mas arrojado para as extremidades dos dominios portuguezes na India, sem tempo, nem logar limitado; como individuo iscado de peste, que se arroja para além das fronteiras! Resentido de tão iniquo, e barbaro procedimento, na mesma paraphrase exhala o Poeta a sua indignação, e invoca a justiça de Deos, e da posteridade contra os monstros, que o perseguiam.

No grão dia singular,
Que na Lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrai-vos de castigar
Os ruins Filhos d'Edom.

Digitized by Google

Aquelles, que tintos vam
No pobre sangue innocente,
Soberbos co' poder vam,
Arrazados igualmente
Conheçam que humanos sam.

Neste penoso desterro vagou algum tempo pelas Ilhas de Ternate, e Thidore, padecendo, e poetando, até que passou a Macau.

Nesta cidade pôde em fim desfructar algum descanço, e escapar por algum tempo á miseria. O Senado daquella cidade, compadecido da sua desgraça, e fazendo justiça ao seu merecimento, lhe deu a serventia do Officio de Provedor dos Defuntos, e Ausentes, com cujos proveitos pôde satisfazer as suas necessidades, e ajuntar algum peculio.

Ha em Macau uma gruta, situada na praia occidental do Promontorio, defronte do porto. É uma vasta escavação nos rochedos, que affirmam, que hoje é um dos principaes objectos de curiosidade para os estrangeiros, que apportam áquella terra, pelo nome de Gruta de Camões, que lhe deram, e por uma grosseira imagem do Poeta ali gravada na rocha, não se sabe por quem.

Poucos sitios haverá, que apresentem á vista um quadro mais estenso, e pictoresco; a uma parte descobre-se Macau com os seus campanarios, e castellos, a outra verdejantes Ilhas, Bosques, e Quintas, que bordam a costa, e a montanha erguendo-se magestosamente em fórma pyramidal, realçando com seu aspecto sombrio esta paizagem da natureza. Aqui é fama que o Poeta, de que ora a Gruta tem o nome, costumava retirar-se, para meditar em socego nos grandes quadros do seu Poema, que foi alfim terminado naquelle aprazivel retiro. Assim Vergilio abandonando o bolicio negocioso de Roma, se acolhia nas campinas de Napoles para dar á posteridade as Georgicas, e a Eneida.

Talvez que os annos passados neste remoto Estabelecimento, situado ás portas da China, sejam os unicos tempos de felicidade, que o Poeta desfructou em sua vida! Quantas vezes em Gôa, em Moçambique, em Lisboa na sua pobre habitação da Calçada de Santa Anna, se não

Digitized by Google

recordaria com saudade, e lagrimas da hospitalidade dos bons, e beneficos Macaenses, da sua Gruta, onde passára tantas horas de embreaguez poetica! Quantas vezes, comparando a sua situação ali, e o tracto amigo daquelles habitantes com a situação miseravel, em que se achava, e o abandono, em que o deixavam perecer os seus concidadãos ingratos, não maldiria, elle em seu desespero, a fatal lembrança de deixar aquelle porto tranquillo para vir buscar na patria o desamparo, e a fome!

Em 1558 chegou á India D. Constantino de Bragança, irmão do Duque do mesmo titulo, despachado Vice-Rei para succeder a Francisco Barreto, que lhe entregou o governo com grande descontentamento dos seus parciaes, que eram muitos, porque se compunham da gente mais corrompida de Gôa, n'um tempo em que a desmoralisação, e o desenfreamento dos costumes tinham chegado ao maior excesso, e toda aquella caterva corrompida se receiava muito de D. Constantino, que vinha precedido da reputação de homem probo, honesto, e de costumes rigidos, e que impunha ainda mais respeito pela sua qualidade de Principe de sangue real.

D. Constantino não desmentiu a idéa, que delle se havia formado, pois corregiu muitos abusos, muitas delapidações da Fazenda Pública, e trabalhou principalmente, em quanto esteve á frente dos negocios, para enfrear a dissolução dos costumes, que hia preparando a nossa decadencia no Oriente, que a usurpação hesponhola não fez mais que accelerar depois.

Observando o Poeta o bom regimen, que se hia fazendo sentir neste vice-reinado, que por desgraça não foi longo, havendo concluido o seu Poema, e não restando mais que o trabalho das correcções, e retoques indispensaveis em obras de semilhante natureza, confiando na justiça de D. Constantino de Bragança, lhe endereçou suas queixas, e suas justificações, o negocio era claro, a violencia, e a injustiça manifestas, e o Vice-Rei sem difficuldade lhe houve por levantado o desterro.

Apromptou-se pois o Poeta, para voltar a Gôa, mas a sua adversa fortuna fez que a nau, que o conduzia, desse em uns baixos na costa de Cambaia, pouco distantes da fôz do Rio Mecon, e ali se despedaçasse, perdendo o

Digitized by Google

Poeta neste naufragio tudo, que possuia, salvando-se apenas com o seu Poema, ficando como elle mesmo diz na Estança oitenta do Canto setimo.

Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado.

Os moradores daquella costa o receberam com tanta hospitalidade, que o Poeta resolveu mostrar-lhe a sua gratidão accrescentando este elogio ao Rio Mecon na Estança cento e vinte oito do Canto decimo.

Este recebêra placido, e brando
Em seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando
Dos procelosos baixos escapado.
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o duro mundo executado
Naquelle, cuja Lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

Naquellas paragens vagou por muito tempo, até deparar navio, que o conduzisse a Gôa, onde chegou no anno de 1561.

Para captar a benevolencia do Vice-Rei, e grangear *nelle* um defensor contra os inimigos, que o cercavam, lhe derigiu aquella magnifica Epistola, que principia

Como nos vossos hombros tão constantes,
Principe illustre, e raro, sustenteis
Tantos negocios graves, e importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis,
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, e a terra segureis,
Do Pirata insolente, e do Tyranno
Jugo do potentissimo Othomano.

Nesta formosa imitação da Epistola de Horacio a Augusto, dirige elle áquelle Principe louvores que não excedem as raias da decencia, e quaes um homem de letras, digno deste honroso titulo, póde tributar a um Gran-

Digitized by Google

de sem envilicer-se, o aconselha sobre tudo a não dar ouvidos a malevolos, invejosos, e calumniadores, lição muito importante para todos, e muito mais para os que governam.

Na regencia de D. Constantino não foi Camões perseguido, e poude tranquillamente empregar-se no aperfeiçoamento dos Lusiadas, convivendo amigavelmente com alguns fidalgos, cujo nome figura heroicamente na historia, e que como elle exerciam o mister das armas, e cultivavam a poesia. Taes eram Heitor da Silveira, Vasco de Ataide, João Lopes Leitão, D. Francisco de Almeida, e outros de igual nobreza, e valor.

Tanto porém que D. Constantino de Bragança regressou ao reino, succedendo-lhe no Governo D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, logo os seus inimigos começaram a tramar contra elle, e conseguiram faze-lo prender, e processar por malversações, commettidas, segundo elles diziam em Macau, no exercicio do seu cargo de Provedor dos Defuntos, e Ausentes. O pretexto era na verdade absurdo, e ridiculo, pois que elle antes de sua partida daquella cidade havia prestado suas contas perante o Senado, que lhas approvára. Os seus calumniadores o sabiam, mas que importava isso? Se o seu fim era atribula-lo com penosa encarceração, e as delongas, e despeza de um processo? Depois de muitos incommodos, e padecimentos de aspera prisão, quando depois de plenamente justificado, hia a ser posto em liberdade, um homem tão nobre de linhagem, como vil de comportamento, chamado Miguel Rodrigues, de alcunha o Fios Seccos, aliás rico, e abastado, teve a barbaridade inaudita de o embargar na cadêa, por duzentos cruzados de que dizia ser-lhe acredor!!!

Vendo-se neste novo, e inesperado vexame, o Poeta recorreu ao Vice-Rei, dirigindo-lhe este gracioso requerimento.

Que Demonio ha tão danado,
Que não tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois si tanto hum golpe seu
Sôa na infernal cadeia,

Digitized by Google

Do que o Demonio arreceia,
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Si contra elle, e contra tudo,
Não tivesse hum forte escudo
Só em vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja
Pois me tem ao remo atado,
Que, antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estes ultimos versos alludem á circumstancia de estar então o Governador em vesporas de embarcar em uma expedição, que tinha por objecto hir assentar pazes com o Samorim, expedição, em que alguns dizem, que tambem Luiz de Camões o accompanhára, pôsto que não exista prova sufficiente desta assersão.

O que porém parece demonstrado, é que todos os annos, que o Poeta ainda permaneceu em Gôa, foram despendidos, e empregados já no polimento, e correcção do seu Poema, já nas expedições maritimas, que tinham logar para assegurar a costa, e alimpar aquelles mares continuamente infestados pelos Corsarios Mouriscos, e Indianos, que os infestavam com grave prejuizo do nosso Commercio, e grande risco dos Pescadores, que abasteciam a cidade com a sua industria. E porém mui digno de notar-se, que Diogo do Couto, nas suas Decadas, não especifique acção alguma de Luiz de Camões, ao passo que confessa, que fôra seu *matalote*, e *Camarada*, o que não podia verificar-se senão nas viagens, e expedições maritimas. Qual será a causa deste silencio? Odio, ou inveja não póde ser, visto o notorio caracter de franqueza de Diogo do Couto, que além disso era amigo do Poeta: tambem não é crivel que este se portasse cobardemente, ou quando fosse occasião de vestir as armas, se recusasse a isso; pois é conhecida a sua bravura, e espirito militar; no entanto o facto existe, e quanto a mim não podia nascer senão de medo, que o Historiador tivesse de attrahir sobre si alguma persiguição da parte dos poderosos inimigos do Poeta, que nunca lhe perdoariam os elogios tri-

Digitized by Google

butados a um homem, que elles detestavam. Couto devia conhece-los, saber o que podiam, e o que costumavam, e por isso se acautelou prudentemente.

Seja como fôr, a esta epocha, isto é, ao tempo que correu de 1553, a 1561, indubitavelmente pertence a compozição de muitas das suas rymas, e talvez as melhores, como fructo da madureza do seu engenho.

Porém os annos, hiam rapidamente correndo, e com elles se desvanecia a esperança de fazer fortuna no Oriente; e então o Poeta começou a recordar-se da patria, e a contemplar como sua unica taboa de salvação o Poema, que acabava de compôr. Conscio de que havia levantado ás glorias portuguezas um monumento eterno, e mais solido, que as Pyramides do Egypto, pensava ter grangeado direito á estima dos seus concidadãos, e ás recompensas do Governo! Mas esta esperança era uma illusão! A poesia nunca foi em Portugal um meio de fazer fortuna, e nada o prova tanto como o seu exemplo!

Era pois o voltar ao reino o objecto continuo das suas diligencias, e dos seus desejos, e nestes pensamentos andava metido, quando um parente do Governador Francisco Barreto, que tão barbaramente havia perseguido o Poeta, por nome Pedro Barreto Rolin, foi despachado Capitão Mór de Çofala, por morte de Fernão Martins Freyre, que occupava aquella Capitania.

Pedro Barreto aventando que o Poeta estava descontente de habitar em Gôa, se dirigiu a elle, e á força de rogos, promessas, e propostas vantajosas, o reduziu a accompanha-lo ao seu novo Governo. É necessario que Camões fosse um homem bem sincero, e bem pouco prespicaz, para confiar-se nas boas palavras de um homem, que era proximo parente do seu maior inimigo, do seu mais barbaro perseguidor. Só esta ponderação devia ser bastante para regeitar logo como suspeitas todas as vantagens, que lhe promettia; mas nem a indigencia calcula, nem os homens de grandes talentos costumam saber regular-se nos negocios da vida commum.

Cedeu pois ás instancias de Barreto, e com elle partiu para Çofala; mas não tardou muito que o ruim tractamento, e a falta de cortezia, que Barreto usava com elle, lhe fizessem conhecer, que havia sido grosseiramente illu-

Digitized by Google

dido, e o mal que fizera em prestar ouvidos ao canto daquella Serea. E quando chegaram a Moçambique já eram taes os motivos de queixa que o Poeta tinha do seu fementido protector, que rompera inteiramente com elle, e quando ali fundeou a Nau Santa Fé, em que vinham para o reino Heitor da Silveira, e Diogo do Couto, o acharam *comendo de amigos*, tal é a expressão do historiador.

Aquelles bons amigos compadecidos da miseria, em que o viam, e conhecendo que elle nada desejára tanto como libertar-se daquelle captiveiro de especie nova, offereceram-se para pagar-lhe a passagem para Lisboa.

Acceitou Luiz de Camões a offerta; mas quando tractava de realisar o seu embarque, Pedro Barreto, querendo acabar de cobrir-se de infamia, e dar a ultima prova da sua perfidia, o fez prender pela quantia de duzentos cruzados, que dizia haver gasto com elle na sua viagem da India para ali.

Neste lance, Heitor da Silveira, Diogo do Couto, Duarte d'Abreu, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Antonio Ferrão, e outros, que Diogo do Couto desgraçadamente não nomeia, indignados de que tal homem, victima da perversidade de um malvado, ficasse abandonado á miseria em um paiz barbaro, na costa da Ethiopia Oriental, e á disposição de um monstro, que tão vilmente o enganára, tomaram a generosa resolução de quotisar-se para pagarem aquella quantia, e libertar a pessoa de Camões. Manuel de Faria e Sousa, referindo este facto vergonhoso, accrescenta, com a sua costumada mordacidade « deste modo a pessoa de Luiz de Camões, e a honra de Francisco Barreto foram vendidas por duzentos cruzados. »

A apodadura é pungente, mas bem merecida; embora o Bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, na sua Vida do Poeta, inserida no Tomo setimo das Memorias da Academia das Sciencias, se esforça por negar o facto, e desculpar a Pedro Barreto, como sempre costuma desculpar os perseguidores de Camões, o que lhe attrahiu a censura do seu traductor Mr. Magnin, que elle refutou depois, mas com pouca felicidade. Todos os Biographos de Camões concordam nesta circumstancia, e as razões do erudito Bispo me não parecem bastante fortes para provarem o contrario, e convence-los de erro. A primeira

Digitized by Google

é negativa, e consiste no silencio de Couto a este respeito; a segunda está em dizer o mesmo Couto, que Pedro Barreto se embarcou nesta occasião para o reino; mas o silencio de Couto nada prova, porque o mesmo silencio guardou elle sobre as acções militares, e maritimas de Camões, dizendo ao mesmo tempo, que fôra seu camarada: e vir Barreto para o reino naquella occasião, não é o mesmo que não haver commettido aquella infamia, pois o mesmo Prelado confessa, que os amigos de Camões se fintaram em seu favor, só com a differença de dizer, que fôra para o apromptarem de roupas; mas si Barreto o não tinha provido de roupa na India, e não era a despeza dessa, que elle pedia, em que havia despendido com Camões dozentos cruzados, que não é pequena somma para aquelles tempos; na passagem? Não póde ser, porque as pessoas da cometiva de um Governador nunca pagaram passagem nas embarcações do Estado. Em comedorias? Soffre isto a mesma objecção, e a accusação contra Barreto subsiste da mesma maneira, pois sempre consta que lhe fez grandes promessas, que o enganou, que o desamparou, e o obrigou depois pelas roupas, de que o provera, que valendo duzentos cruzados, pelo valor que então tinha o dinheiro, era impossivel que Camões estivesse tão falto della inda que fosse mais estragado que uma creança.

Durante a viagem para o reino, que foi bem cheia de perigos, e contratempos, si occupou o Poeta muito, segundo affirma Diogo do Couto, na composição de um livro com o titulo de *Parnaso de Luiz de Camões,* o qual elle diz que continha muita doutrina, erudição, e philosophia: este livro é aquelle, cuja perda tem sido com razão mui lamentada, e de que alguns Criticos affirmaram, que Fernão Alvares do Oriente, havia tirado quanto ha de bom na Lusitania Transformada; e outros, que Francisco Rodrigues Lobo se valêra muito delle na sua Primavera, e Pastor Peregrino, e Desenganado, mas estas duas asserções tenho eu por tão absurdas como contradictorias.

Já a nau, que trazia em si Luiz de Camões, e o seu Poema, navegava á vista da costa de Portugal, quando a mais pungente dôr traspassou o coração do Poeta. Heitor da Silveira, um dos nomes mais affamados na Histo-

Digitized by Google

ria da India, Fidalgo, Guerreiro, Poeta, e seu intimo amigo, falleceu ás portas da patria, terrivel agouro das desventuras, que nella lhe estavam guardadas.

A epocha da chegada de Luiz de Camões a Lisboa, não podia ser menos opportuna para as suas esperanças. A mais horrivel peste, que até ali se tinha experimentado nella, e a que por isso se deu o nome de peste grande, havia devastado, e despersado a sua população; fazendo os historiadores subir a setenta mil o número das victimas. As ruas estavam desertas, as casas abandonadas, o luto cobria a quasi todos os que haviam escapado áquella grande calamidade, as precauções continuavam ainda: os Saraos, as Academias, os Divertimentos Públicos, as Musicas, e Tangeres, que outr'ora faziam celebre, e affamada esta grande, e opulenta cidade, tudo havia desapparecido: que espectaculo para o Poeta, que chegava do Oriente dezesete annos depois, que della sahira, adiantado em annos, valetudinario, curtido de trabalhos, e de pobreza! Apesar disso foi tal a sua alegria nos primeiros tempos, que escreveu a um amigo do Porto nos seguintes termos «*não posso crêr ainda tanta ventura!..*» Ventura!.. definhar na miseria, e fenecer no hospital, era a ventura que o esperava aqui.

Governava então D. Sebastião, ou para melhor dizer, governava em nome delle o Padre Luiz Gonçalves da Camara, Jesuita, e seu Confessor, e seu irmão Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade, que para isso o haviam persuadido a que tomasse as redêas do Governo, sendo de dezesete annos, tirando-as das mãos de seu Tio o Cardeal Infante D. Henrique, que tinha a regencia do reino. Como por meio destes dous Jesuitas a Companhia de Jesus governava Portugal claramente se deprehende das Cartas Portuguezas do elegante historiador latino d'El-Rei D. Manuel, o virtuoso Bispo D. Jeronymo Osorio. Com diversos pretextos faziam elles, que El-Rei divagasse continuamente pelo reino, entretido em caçadas e romarias, tudo a fim de affasta-lo da communicação com seu Tio, e com os fidalgos velhos, e carregados de serviços, que podiam desengana-lo, abrindo-lhe os olhos sobre as desgraças do povo, e os perigos que elle proprio corria.

Já se vê que estas circumstancias eram as menos oppor-

Digitized by Google

tunas para chegar a Lisboa um homem, que tinha todas as suas esperanças na publicação de um Poema Epico, e nas recompensas, que de tão honrada tarefa poderiam, ou deveriam provir-lhe.

Deu-se, apesar disso, com todo o affinco á publicação dos Lusiadas, revendo de novo o Poema, e ajuntando-lhe alguns trechos, que evidentemente se conhece que foram escriptos nesta epocha, e tractou de alcançar as licenças necessarias para a impressão; porque a liberdade de imprensa plenissima antiguamente entre nós, havia desapparecido com a Inquisição, e os Jesuitas, que dando-se as mãos no nefando projecto de propagar nestes reinos as trevas de uma ignorancia systematica, se haviam servido da censura previa para não deixarem publicar se não aquillo, que podesse conduzir aos seus projectos, e aos seus interesses.

Sem difficuldade persuadiram a D. João III., Monarcha de uma religião pouco illustrada, que não havia meio mais proficuo para impedir que em Portugal podessem propagar-se as doutrinas perniciosas de Luthero, e Calvino, que tanto inquietavam a Alemanha, a Inglaterra, e a França: aterraram com isto a sua consciencia timorata, e elle julgou, que não podia fazer maior serviço a Deos, e á Igreja, que ordenar, que nenhum livro podesse sahir á luz, sem ser primeiro examinado, e approvado por Censores para isso escolhidos, e nomeados.

Escusado é dizer quanto o Poeta teria que soffrer com os reparos, e escrupulos destes homens pouco instruidos, e sem gosto, que a cada Estança do Poema encontravam difficuldades, e dúvidas, basta dizer, que aquelle monumento immortal da gloria Lusitana, só poude entrar no prélo, depois de desfigurado, e estropiado por esses barbaros.

Lendo attentamente o Poema, vêjo a cada passo evidentes provas destes estragos da censura nas lacunas, que se offerecem, em algumas Estanças mal torneadas, em algumas idéas desconexas, e absurdas, que de certo não podiam ter sahido da cabeça do Poeta, mas que foi obrigado a acceitar dos Censores para que lhe concedessem a licença.

Foram os Censores, e não Camões, quem no Canto X., Estança oitenta e duas fez dizer a Thetys:

Digitized by Google

Aqui só verdadeiros, gloriosos
Divos estam; porque Eu, Saturno, e Jano
Jupiter, Juno, sômos fabulosos,
Fingidos do mortal, e cégo engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos, e si mais o tracto humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas pôz o engenho vosso.

Não fallando no incorrecto da linguagem, e no rasteiro do estylo, e metro, é improbavel, que Camões introduzisse uma personagem no seu Poema, dizendo que *era fabulosa,* isto é, que não existia, a não ser obrigado a acceitar as correcções, que os Inquisidores lhe apresentaram, para darem á obra a permissão de correr.

Mas o que, quanto a mim, prova de modo mais saliente, que nos Lusiadas houve mutilações consideraveis é o seguinte.

Termina o Canto terceiro com quatro Oitavas, em que defende El-Rei D. Fernando de haver tirado D. Leonor a seu marido, para casar-se com ella, sendo elle vivo, com grave, e justo escanda-lo de seus vassallos, e entrando depois no quarto Canto, principia assim.

Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assim no Reyno forte acconteceo,
Depois que o Rey Fernando falleceo.

Porque si muito os nossos desejaram
Quem os damnos, e offensas vá vingando
Naquelles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcansaram;
Joanne, sempre illustre, alevantando
Por Rey, como de Pedro unico herdeiro,
Ainda que bastardo, verdadeiro.

.....

Digitized by Google

Alteradas então do Reyno as Gentes
Com o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do Povo o furor por onde vinha,
Matando vam amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Raynha,
Que sua incontinencia deshonesta
Mais, depois de Viuva, manifesta.

Mas elle emfim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte accompanhado:
Que tudo o fogo erguido queima, e corre.
Quem como Astianax precipitado,
Sem lhe valerem Ordens, d'alta Torre,
A quem Ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

Quem nunca tiver lido os Lusiadas, e abrindo o livro ao acaso encontrar estes versos, força é que se persuada, que elles tem referencia a logares anteriores, d'onde conste quem é este Conde adultero, porque se lhe dá este epitheto, e quem é a Rainha, que manifesta mais a sua incontinencia depois de viuva, e porque dessa deshonestidade resultaram tantos estragos, e tantas mortes; porém si desandar com a leitura para os Cantos precedentes, ficará atonito por não deparar cousa alguma, que a estes se refira, e não poderá conceber como tão grande Poeta pode cahir em tão grave falta, muito mais não havendo em todo o Poema cousa semilhante! Não mostra isto que no manuscripto do Poeta o Canto tercêiro não acabava, como está, mas com um quadro do reinado d'ElRei D. Fernando, em que se referia, como sua Esposa o atraiçoou com o Conde João Fernandes Andeiro, como estes amores, conhecidos de todos, escandalisaram a todos, e tornando-se mais evidentes depois da morte d'El-Rei, produziram o furor do povo, o odio dos fidalgos, que invejavam a fortuna, e valimento do Conde, a sua morte, e as desordens, que se seguiram? e que os Censores achando esta pintura demasiado livre, a cortaram, e que Ca-

Digitized by Google

mões foi por elles obrigado a substitui-la por um logar commum sobre o poder do Amor. Esta observação, que me não consta que ainda se tenha feito, se tornaria evidencia, si apparecesse alguma copia do manuscripto primordial de Camões. Talvez que na copia dos primeiros seis Cantos, que Faria e Sousa achou em Madrid fosse esta uma das cousas, que elle nos informa que estando ali, se não encontram no Poema impresso, e que não a restituisse com receio da censura.

Sahiu pois o Poema á luz em 1572, e cousa na verdade rara, nesse mesmo anno teve segunda edição, tanto foi o applauso, com que foi recebido, tamanha a ancia, com que Portuguezes, e Estrangeiros procuravam a sua leitura, e o conhecimento de uma obra de novo caracter, e estylo, e em que transflorava em toda a sua força a luz brilhante de um genio superior a tudo o, que naquelle genero, até ali o Parnaso havia produzido entre nós.

Mas si o Poema era engrandecido, e louvado, parece que não acontecia o mesmo á pessoa do Poeta, que vivia na maior indigencia, e miseria, pois que era necessario que um escravo de Java, por nome Antonio, que elle trouxera da India, esmolasse de noite para com o mesquinho producto dessas esmólas ajudar a viver o seu senhor, e a si. Consta tambem, que uma preta vendedeira de mexilhões, o presenteava ás vezes com um prato delles, e alguns cobres do producto da sua venda. A' vista destas circumstancias não sei como o Bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, teve animo para escrever na sua vida de Camões « Fidalgos dos mais qualificados, e de notorio entendimento, e cultura, o tractavam com familiaridade cortez, procedida de reconhecerem, e prezarem justamente a sua muita valia... Mas basta por muitos o exemplo de D. Gonçalo Coutinho, da Casa de Marialva, e Capitão de Marzagão. Com este fidalgo tractava, e vivia muito Camões, com elle hia passar tempos na sua Quinta de Vaqueiros, e delle recebeu favor, e honra, em razão da conta, em que o tinha, (segundo o que D. Gonçalo declarou depois em notavel occasião) de Principe dos Poetas contemporaneos. Temos argumentos, de que tinha muita entrada na Casa de Vimioso, e de que possuia a estimação de toda aquella familia, e do

Digitized by Google

insigne Vice-Rei da India D. Luiz de Ataide, e a do Capitão assombroso de Malaca, D. Lioniz Pereira.»

Na verdade tudo isto é mui verosimil! Pois um homem, que morava talvez n'um sôtão da Calçada de Santa Anna, e que vivia de esmólas, podia deixar de ter entrada em casa dos mais qualificados fidalgos da côrte, gozar a sua estimação, e viver na sua familiaridade! É igualmente verosimil, e natural o que tambem diz, referindo-se a Francisco e Sousa, a saber: que quando Camões apparecia nas ruas de Lisboa, paravam as pessoas, que hiam passando, a vê-lo, e considera-lo com todas as mostras de admiração, e não continuavam sem que primeiro tivesse desapparecido o Poeta!

É o mesmo que se conta de Lopo de Vega Carpio, e que Manuel de Faria e Sousa, em seu enthusiasmo pelo nosso Poeta, quiz tambem attribuir-lhe, mas não viu o douto Prelado, que o que tinha todo o logar a respeito de Lopo de Vega, Ecclesiastico, vivendo na oppulencia, adornado de condecorações honorificas, honrado com testemunhos públicos da estima do Rei, e dos Summos Pontifices, denominado por seus talentos, e escriptos a Phenix dos Engenhos, alvo de admiração do Povo a quem diariamente arrebatava, e enthusiasmava com a multidão dos seus Dramas, mal podia caber a Camões pobre, desvalido, e perseguido? Como é que se combina tanta miseria com tamanha estimação? Se era tão estimado, e festejado dos Grandes, como não achou entre elles um Protector, que o empregasse? Se tanto se interessava por elle o povo, em uma cidade como era então Lisboa, o emporio de todo o commercio do mundo, onde existiam tantos Negociantes ricos, como é possivel não achasse uma alma generosa, que o livrasse ao menos da fome, e de perecer em um hospital?

Fallemos claro, nem as Letras, nem a Poesia foram nunca populares naquelles tempos; lêa-se o catalogo dos nossos Poetas antigos, e se verá que quasi todos pertencem á Aristocracia, ao Clero, e á Magistratura; e estas trez classes podiam bem admirar o Poema, mas detestavam, e despresavam o Poeta; tanto isto é verdade, que determinando El-Rei D. Sebastião levar comsigo dous Poetas na expedição de Africa para presencearem, e cele-

Digitized by Google

brarem as suas victorias sobre os Mouros, os seus Validos, e os Jesuitas, que os dominavam, lhe indicaram Diogo Bernardes e Luiz Pereira Brandão, dous Poetas mediocres, e não a Luiz de Camões, que além de Soldado de conhecido valor, tinha provado nos Lusiadas, que sabia tirar dignamente da trombeta epica os sons, que immortalisam os heroes.

Assim, durante os sete annos que decorrem de 1572, epocha da publicação do seu Poema, até 1579 em que teve logar o seu obito, foi o Homero Lusitano definhando na miseria, e no abandono: o Java, seu unico amigo, fallecêra pouco antes, e esta perda lhe abreviou sem dúvida os dias, vendo-se, em sua ultima enfermidade, reduzido ao extremo de procurar asylo no hospital.

Alguns Escriptores duvidam deste ultimo facto; mas a razão, em que se fundam me não parece ter força alguma. Dizem elles que, os que morrem no hospital ali encontram tambem a murtalha. É certo que assim acontece hoje; mas sería assim no tempo de Camões? Deve porém notar-se, que dizendo todos que o lençol, em que o cadaver foi amortalhado, lhe fôra mandado por esmóla, o que, segundo elles, prova que fallecêra em casa propria, descordam com tudo no nome da pessoa, que lho mandou, pois uns dizem, que fôra D. Francisco Manuel; outros, e destes é Severim de Faria, que D. Francisco de Portugal, outros, que outras pessoas, e esta diversidade de assersões me faz duvidar muito da verdade dellas.

O Morgado Matheus D. José Maria de Sousa, diz: que vira em poder de Lord Holland, um exemplar dos Lusiadas, que pertencêra a Fr. Josepe Indio, que o deixou no Convento dos Carmelitas Descalços de Guadalaxara, em cujo frontespicio se acha escripta, pela letra daquelle Religioso a seguinte nota. « *Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande engenio mallogrado! Yo le vi morîr en un hospital de Lisboa, sin tener una sábana con que cobrir-se, despues de haver triunfado en la India Oriental, y de haver navegado 5:500 legoas por mar; que aviso tan grande para los que de noche, y de dia si cansan estudiando sin provecho, como la Araña en urdir telas para caçar moscas!* »

Digitized by Google

Deste documento, para mim authentico, porque não tenho motivo algum para duvidar da verdade de D. José Maria de Sousa, que na sua Vida de Camões affirma have-lo copiado do exemplar de Lord Holland; deduz-se: 1.° Que Camões morreu no hospital: 2.° Que foi amortalhado em um lençol, que lhe mandaram de esmóla, naturalmente, porque então não era costume dar o hospital mortalha: 3.° Que o Poeta se tinha feito notavel nas guerras da India Oriental, apesar de Diogo do Couto não haver nomeado alguma das suas acções; e por tanto está decidida a questão contra os que negam que Luiz de Camões acabasse no hospital.

Contra isto parece-me que não ha se não dous recursos, ou accusar de mentiroso a D. José Maria de Sousa por affirmar que copiára do exemplar de Lord Holland uma Inscripção, que nelle não existe, o que é fazer um grave insulto á boa fé daquelle Cavalheiro, ou dizer, que Fr. Josepe Indio não escreveu a verdade na sua nota, supposição que me parece inadmissivel pois consta que Fr. Josepe fôra Religioso de grande virtude, que missionou largos annos nas Indias, onde talvez conhecesse o Poeta, e convivesse com elle, e é grande temeridade negar o que elle diz que viu, fazendo assim delle um ruim truão, que, para zombar do mundo, se divertira em escrever uma mentira tal no frontespicio do exemplar, que talvez fosse um mimo do Poeta, quando dessa mentira lhe não resultava honra, nem proveito.

Luiz de Camões foi sepultado na Igreja do Convento de Santa Anna, que então servia de Parochia, em sepultura raza, e sem letreiro algum, e assim permaneceu, até que alguns annos depois D. Gonçalo Coutinho lhe mandou pôr uma Lapida com este Epitaphio. « *Aqui jaz Luiz de Camões, Principe dos Poetas do seu tempo, viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu. Anno de* 1579. » *Esta campa lhe mandou pôr D. Gonçalo Coutinho, na qual se não enterrará pessoa alguma.*

Este Epitaphio está concebido de maneira, que me parece fazer honra a quem o compôz, modesto, breve, dá a conhecer o merito do Poeta sem as exagerações, e verbosidades, que desfiguram todas, ou quasi todas as

Digitized by Google

Inscripções daquelle tempo. Tenho porém a notar nelle as expressões, *viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu,* que em vez de exactas, me parecem falsas, ou pelo menos exaggeradas. Ora que o Poeta morreu pobre, e miseravelmente, é cousa que não póde admittir dúvida; e basta para prova-lo o haver fallecido no Hospital.

Porém si nos ultimos sete annos da sua vida viveu pobre, sustentando-se das esmólas que o seu fiel escravo de Java para elle mendigava de noite, não se segue dahi que elle sempre assim vivesse, como parecem indicar as expressões do Epitaphio, pois contra essa assersão temos nada menos que o testemunho do mesmo Poeta em sua resposta a Rui da Camara.

Este fidalgo, que se dava por grande amigo de Luiz de Camões, não para o favorecer, sendo como era rico, mas só para utilisar-se do seu prestimo, e talento, havia-lhe pedido que lhe fizesse uma traducção em versos dos Psalmos Penitenciaes, e o Poeta descuidou-se de apromptar a sobredita traducção com a brevidade, que Rui da Camara exigia.

Rui da Camara, impaciente de tanta demora, tomou a resolução de hir procurar Camões á pobre casa, em que habitava, formando grandes queixas do seu descuido, e da sua delonga, e rematou dizendo grosseiramente em resposta ás suas excusas.

« Não tendes desculpa, que alegar: tendes feito tantos versos, e um tão formoso Poema! si me não servis, não é porque não podeis, é porque não quereis.

A tão pouco cortez, e tão despropositada invectiva, respondeu o Cantor dos Lusiadas, no tom grave, e com o amargo sorrir do homem honrado, que sente, e despreza a invectiva injusta de um sandeo atrevido.

« Senhor, quando eu fiz esse Poema, e esses versos, de que fallaes, era moço, favorecido das Damas e *tinha o necessario para a vida;* e agora tudo está mudado. Não tenho espirito, nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta; e em tal miseria me vêjo, que ahi está o meu Antonio, que me pede dinheiro para carvão, e não o tenho para dar-lhe. »

Ora si Luiz de Camões diz, que quando compoz o Poema, de que grande parte consta que foi escripto em Portugal, era moço, e favorecido das Damas e *tinha o neces-*

Digitized by Google

sario para a vida, é claro a todas as luzes, que o Poeta até á epocha da sua viagem do Oriente não viveu pobre, e miseravelmente como se diz no Epithaphio, porque nem as Damas costumam favorecer os que assim vivem, nem elle havia ainda ultimado o seu Poema.

E mesmo na India, si teve algumas, e mesmo grandes privações, teve tambem intervallos de abundancia, pois o seu Commentador Manoel Corrêa nos affirma, que viera do Sul *rico* com o que de lá trouxera, e lhe deram seus amigos, e que gastou tão liberalmente tudo, que em breve tornou á pobreza, com que começou, não sem alguma nota dos que por isso o tinham em conta de mal considerado. » Por isso me inclino muito á opinião dos que julgam que as palavras *viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu,* não faziam parte do Epithaphio, que D. Gonçalo Coutinho lhe mandou gravar na Lapida, mas que foram ali accrescentadas muito tempo depois.

Para que tudo quanto diz respeito a Luiz de Camões fosse marcado por alguma singularidade desgraçada, até a sua sepultura esteve por muito tempo ignorada dos seus patricios, e até depois de ella ser descoberta, tem-se levantado dúvidas, e questões renhidas sobre ser ou não aquella, porque havendo pelo espantoso terremoto de 1755 cahido a Igreja de Santa Anna, e sendo depois reedificada com grandes alterações do seu estado primitivo, a inercia, e desleixo Portuguez não curaram da sepultura do Poeta; que ficou assim esquecida por muitos annos, e quando em nossos dias foi descoberta, bem que o seu local correspondesse ás noticias, que della havia, duvidou-se com tudo da sua authenticidade por lhe faltar a lapida, e o Epithaphio.

Já em outra parte dei a razão desta falta, procurando destruir esta prova negativa, referindo o que muitas vezes ouvi a José Agostinho de Macedo testemunha insuspeita de que pertendesse accodir pela gloria de Camões, de quem era detractor figadal; e é que fazendo-se a pedido de alguns estrangeiros no Convento de Santa Anna exactas pesquizas para descubrir a sepultura do Poeta, depois de muitos trabalhos, e diligencias baldadas, de modo que estavam já perdidas todas as esperanças de bom exito, disse uma Freira ve-

Digitized by Google

lha, que tendo algumas vezes espreitado por uma fenda do altar, que estava junto á grade do choro debaixo, lhe parecêra ter ali visto uma lapida sepulchral.

Tirado o altar, achou-se com effeito uma sepultura, que não podia ser senão a do Poeta, pois ainda conservava a Inscripção, que lhe mandára pôr D. Gonçalo Coutinho, e os versos latinos, que andam impressos nas suas Obras: porém a lapida estava toda quebrada, e fendida, sem dúvida com a queda das abobadas na occasião do terremoto. Para abrir a sepultura foi a lapida tirada a pedaços, e para a tapar substituida por outra; mas aqui mesmo se mostra a pouca attenção que entre nós se dá a estes objectos, pois nem a nova campa se fez igual á primeira, nem ao menos se lembrou ninguem de gravar na nova alguma Inscripção, que informasse a posteridade do motivo porque ali faltava o Epitaphio.

Parece-me pois, que esta explicação, que eu ouvi muitas vezes a José Agostinho, sempre sem variedade, deve tirar todas as dúvidas, de que a sepultura, que existe na Igreja de Santa Anna junto á grade do choro debaixo, que antigamente correspondia ao meio do Templo, encerra os ossos do Cantor da gloria da Patria, do Principe dos Poetas Portuguezes.

Digitized by Google

CAPITULO IV.

Algumas observações sobre a vida de Luiz de Camões.

—

Tudo, que diz respeito á pessoa, e successos deste Poeta, se apresenta enredado em contradicções, e dúvidas. Dúvidas sobre o anno do seu nascimento; dúvidas sobre a terra, que lhe deu o berço; dúvidas sobre a epocha da sua morte, e sobre o logar, em que ella se verificou, dúvidas sobre a causa das perseguições, que soffreu tanto na Europa como na Asia, e do abandono, em que ficaram os seus serviços. Nem podia deixar de ser assim, pois que a maior parte do que delle nos referem os seus Biographos, quasi que não tem mais fundamento, que a noticia que o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria nos deixou da sua vida, guiando-se por conjecturas, que fez sobre o exame das suas obras.

Este modo de escrever a vida de um Poeta pelas inducões, que podem tirar-se de alguns trechos dos seus Poemas, póde sim provar grande sagacidade, e engenho em quem se dá a este exame, porém tenho-o por sobremaneira fallivel, e tão fallivel como querer ajuizar por suas obras do seu caracter, opiniões, e sentimentos.

Além de ser mui raro que se imprimam todas as obras de um Poeta, e de ser mui probavel, que as que chegam ao conhecimento do público sejam as menos aptas para essas investigações, é tambem certo, que os Poetas sam muitas vezes obrigados a escrever versos em nome de outras pessoas, e já se vê quanto é facil, que se lhe attribuam cousas, que tem referencia a individuos, e circumstancias mui diversas, resultando daqui factos contradictorios, inconciliaveis, e a confusão, e o erro em logar da verdade.

Digitized by Google

É opinião geralmente recebida, que as desgraças, e perseguições do nosso Poeta nasceram dos seus amores com D. Catharina de Ataide, Dama do Paço, da casa do Conde da Castanheira D. Luiz de Ataide, grande valido d'El-Rei D. João III., mas deviam provar primeiro, que essa Dama existira realmente, o que me parece um pouco difficil.

Todo o fundamento desta opinião me parece assentar, em que entre as poesias do Poeta existem algumas dirigidas a Natercia, anagrama de Catharina; mas sendo innegavel, que em Lisboa havia nesse tempo pelo menos tantas Senhoras desse nome, como é probavel que existam hoje, quem póde sem temeridade affirmar a qual dellas o Poeta dirigia os seus obsequios, quando elle em nenhuma parte de suas obras diz cousa, que indique a sua qualidade, e pozição na Sociedade? E prova-se tanto, que nisto não ha mais que conjecturas, que Manoel de Faria e Sousa em uma das suas vidas do Poeta affirma, que D. Catharina era uma Senhora de Coimbra; e João Pinto Ribeiro, que uma Prima de Luiz de Camões! D. José Maria de Sousa diz, que recorrêra as Memorias da Casa Real, para conhecer a que ramo da familia de Castanheira pertencia D. Catharina, e que perdêra o seu trabalho.

Si o Morgado de Matheus se vio obrigado a recorrer áquelle livro, é porque entre os parentes daquella nobre casa não achou noticias do que procurava; ora sendo os fidalgos os mais profundos e minuciosos Genealogicos, poderá alguem capacitar-se de que em uma das casas mais principaes do reino houvesse uma Senhora, de que os membros dessa familia não tenham noticia? Que houvesse uma Dama no Paço, de que as Memorias da Casa Real não façam menção, tambem me parece uma suppozição improbavel; no entanto o nobre Morgado, seguindo a torrente da opinião dos Biographos, diz que se persuade que seria parenta do Conde, mas essa opinião tão duvidosamente enunciada me parece não ser bastante para elucidar, ou dicidir a questão.

Alguns citam como prova destes amores, e da existencia desta Dama o seguinte

Digitized by Google

SONETO.

O culto divinal se celebrava
No Templo donde toda a creatura
Louva o Feitor divino, que a Feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor ali, que a tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara, e angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o logar me defendia,
De seu livre costume não sabendo,
Que nenhum comfiado lhe fugia

Deixei-me captivar, mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo, que fui livre me arrependo.

Este Soneto o mais que póde provar é, que o Poeta se namurou de certa Dama, que viu pela semana santa em uma igreja de Lisboa, que os seus Biographos querem que fosse a ermida das Chagas, não a actual, mas outra que então existia junto ao Convento dos Trinos, de que era annexa, e que depois por desavenças entre os Frades, e os Irmãos, se transferio para o sitio do Pico, onde hoje existe, isto em virtude de Bullas Pontificias, que correm impressas, e cujos originaes se conservam no cartorio da dita Ermida. Mas póde alguem affirmar, que aquella Dama fosse D. Catharina de Ataide, a Natercia do Poeta? Não vêjo nelle cousa que o faça suspeitar, e com toda a franqueza digo, que tenho este successo por fabuloso, e Natercia por um ente de razão.

Todos sabem que Francisco Petrarcha, um dos homens mais benemeritos das letras, e da Poesia no seculo quatorze nos seus versos Toscanos inventou um novo modo de cantar d'amores, que nem Gregos, nem Romanos haviam conhecido.

Consistia este novo estylo em uma especie de metha-

Digitized by Google

physica amorosa, modelada pelas idéas de Platão, em que o amor se affastava dos sentidos, e da esperança, espiritualisando-se a ponto de tornar-se um culto ascetico da belleza, em que a phantasia brilhava, e o coração ficava mudo: era uma poesia, que, semilhante ao gêlo ferido do Sol, brilhava mas não aquecia, deslumbrava com imagens agradaveis, mas não arrebatava com a vehemencia de um affecto ardente, e impetuoso. Tudo eram visões, raptos, contemplações, deliquios de amor, lagrimas, suspiros, que fallavam, suspiros, que respondiam, cabellos de ouro, olhos que eram astros, rosas colhidas no paraiso, agoas doces, regatos despenhados de rochedos, auras, verdura florida, finalmente um verdadeiro curso de philosophia amorosa, escripto em optimos versos, e em linguagem purissima, e elegante.

Com estas miniaturas poeticas, sem claro-escuro como as pinturas Chinezas, celebrou Petrarcha uma certa Madama Laura, que elle fez acreditar ao mundo, que se nutria destes incensos, como elle se contentava de a vêr, adorar, e dizer-lhe que a amava; sem que dessa idolatria proviesse a menor mancha á sua honestidade, e fidelidade conjugal. Alguns Criticos modernos, parecendo-lhe que o estylo de Petrarcha era demasiado artificioso, e estudado para ser a expressão de sentimentos verdadeiros, e desconfiando de que tal desinteresse de affectos podesse dar-se em um Clerigo tão pouco modesto, que deixára de diversas mulheres um grande número de filhos naturaes, deram-se a examinar o negocio com toda a attenção, e sagacidade, propria da sciencia critica dos nossos tempos, e tiraram em resultado das suas investigações, que a Laura de Petrarcha só existira na sua imaginação, como thema da sua nova poesia.

Mas mesmo porque esta poesia era nova, e superior a quanto no genero lyrico havia apparecido naquelle seculo barbaro, foi tambem da moda, e Petrarcha se viu á testa de uma Eschola Poetica, composta de todos aquelles, que não tendo sufficientes forças para seguir os vôos assombrosos, de Dante, se dirigiam ao Pindo por um caminho menos aspero, copiando a maneira, o estylo, as invenções do mestre, de modo que as suas obras segundo a expressão do judicioso Betinelli, se fossem colligidas

Digitized by Google

em um só volume, deviam ser impressas com o titulo de *Variantes de Petrarcha.*

Era um ponto de fé deste *Servum pecus* Petrarchista, que não podiam merecer o nome de lyricos sem cantar de amores no mesmo tom do mestre, e Laura se reproduzio em suas obras debaixo de differentes nomes, com a mesma isempsão, os mesmos rigores, a mesma esquivança, e o romance amoroso de cada um destes imitadores, teve os mesmos successos, e as mesmas situações do modêlo, que Petrarcha lhe dera.

Esta mania imitadora passou dos Petrarchistas de Italia para os Petrarchistas de Hespanha, e de Portugal, todos tiveram a sua Laura, todos suspiraram platonicamente por ella, e todos fizeram do amor um jogo de espirito, e não uma paixão. Buscan, Garcilaso, e Lope de Vega, fizeram o mesmo que Casa, Molza, e Thebaldeo; e Camões fez o mesmo que elles, posto que com mais engenho, porque elle só era mais Poeta que Petrarcha, e todos os Petrarchistas juntos.

Petrarcha neste Soneto, que é o terceiro da primeira parte do seu Cancioneiro, diz que se namorou de Laura, vendo-a em uma igreja pela semana santa.

SONETO.

Era il giorno ch'al Sol si scoleraro
Per la pietá del suo Fattore i rai,
Quando io fui preso; e no me ne guardai
Che i bei vostri occhi, Dona, mi legaro.

Tempo no mi parca da far riparo
Contra i colpi d'amor, peró n'andai
Secur, senza sorpetto onde i miei guai
Nel commune dolor si cominciaro.

Trovomi Amor dal tutto disarmato,
Ed aperta la via per gl'occhi al cuore;
Che di lacrime son fatti uscio, e varco.

Peró al mîo parer non li fea onore,
Ferir me di saetta in quello stato,
E a voi armata non mostrar pur l'arco.

Digitized by Google

Bastou isto para tornar a semana santa a quadra do cio dos Petrarchistas de todas as nações, e de todos os tempos.

Lope de Vega Carpio diz

El culto celestial se celebrava
Del maior Viernes en la Iglesia pia,
Quando por Laura Franco se encendia,
Y Liso por Natercia se emflamava.

Poderia, si quizesse citar mais exemplos de Poetas da Eschola de Petrarcha, que dizem haver-se namorado pela semana santa, e porque não heide suppôr, que Luiz de Camões, que era um Petrarchista dicidido, fazendo aquelle Soneto não quiz mais que imitar Petrarcha? Porque não heide suppôr que a celebrada Natercia, que tanto tem dado que cuidar aos seus Biographos, não é mais que um parto da sua imaginação para por sua conta philosophar de amor? Uma das razões, que me obrigam a pensar assim, é o estylo dessas poesias, que dizem ter sido compostas para ella, em que não vêjo aquella expressão singella, e digamo-lo assim, involuntaria de um sentimento profundo, de uma daquellas paixões, que se apoderam da alma do homem, e dicidem do destino da sua vida inteira! Ha nesses versos de Camões, bellissimos quanto ao ponto de vista artistico, demasiado espirito, demasiada elegancia, e conceitos philosophicos, que de certo não indicam grande perturbação de alma, grande tumulto de coração; quem pertende desaffogar sentimentos ternos não busca tanto apparato, tanta subtileza, tantos meios de brilhar como ali observamos.

De mim não quero mais que o meo dezejo,
Nem mais de vós que vêr tão lindo gesto,
Ali me manifesto
Por vosso a Deos, e ao Mundo; ali me imflammo
Nas lagrimas que choro;
E de mim que vos amo
Em vêr que soube amar-vos me namoro.
E fico por mim só perdido de arte
Que hei ciumes de mim por vossa parte
.....

Digitized by Google

Si por algum acerto Amor vos erra
Por parte do dezejo, commettendo
Algum nefando, e torpe desatino;
E se inda mais que vêr em fim pertendo;
Fraquezas sam do corpo, que he de terra,
Mas não do pensamento, que he divino.
.....
Porém si he grande a dôr,
Com a alteza do mal a restituo;
E as armas, com que mata sam de sorte,
Que ainda lhe ficaes devendo a morte.

Estes conceitos tão esquadrinhados, estas antitheses, estes trocadilhos, e jogos de espirito serão acaso a linguagem de uma paixão verdadeira, de um amante enthusiasta? Se-lo-hão os seguintes versos da Canção II.?

Mas como lhes esteve ali presente,
E entenderam o fim do meo dezejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingoa descobrio por desvario,
Morto de sêde estou posto em um rio,
Onde do meu servir o fructo vêjo;
Mas logo se alça si a colhe-lo venho,
E foge-me a agoa si em beber porfio.
Assi que em fome, e sêde me mantenho;
Nem tem Tantalo a pena, que eu sustenho.
.....
Além do que padeço
Atado em huma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodêando,
Onde eu, si a algum bem subo, logo desço,
E assim ganho, e assi perco a confiança,
E assim de mim fugindo traz mim ando,
E assim me tem atado huma vingança
Como Ixion tão firme na mudança.

Considere-se mais este trecho extrahido da Ecloga II.

Oh Nympha delicada,
Honra da natureza!

Digitized by Google

Como póde isto ser,
Que de tão pegrino parecer
Podesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he do natural minha tristeza.
Mas a mi que me espanta?
Não basta, oh Nympha bella
Que podes preverter a Natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celleste
Fóra do natural?
Não póde a natureza fazer tal:
Tu mesma, oh bella Nympha, te fizeste,
Porém porque tomaste
Tão dura condicção, si te formaste?

O Padre Francisco José Freyre, póde na sua Arte Poetica, elogiar estes versos, e apresenta-los como modêlo das imagens phantasticas. Não tracto de averiguar até que ponto este juizo está de accordo com o bom gosto; direi sómente, que estas argumentações, estas subtilezas, mostram mais engenho, que ternura, mais descripção, que sentimento.

Mas dado, e não concedido, que estes amores de Camões não fossem puro Petrarchismo, que Natercia não fosse um ente ficticio, mas D. Catharina de Ataide, parenta, não se sabe em que gráo, do Conde de Castanheira, ainda assim mesmo não vejo ahi motivo para induzir os parentes daquella Dama a perseguirem o Poeta toda a sua vida com tanto encarniçamento, nem para julgarem o casar-se ella com elle dezar, e quebra da sua nobreza. Não era elle de uma familia muito illustre? Seus Primos, segundo diz Severim de Faria, não se haviam aliado com as melhores casas do reino? D. José Maria de Sousa, dá por causa da repugnancia dos Pais de D. Catharina, a pobreza do pretendente; mas as palavras de Camões, que acima citámos desmentem esta supposição, pois que elle claramente diz, que era

Digitized by Google

bem acceito das Damas, e tinha todo o necessario para viver; além disso, era mancebo nobre, valente, e instruido, admittido no parentesco do Vallido do Rei, podia aspirar a toda a qualidade de fortuna. Mas concedendo ainda isto; não é visivel que, nesse caso, o que os parentes de D. Catharina podiam querer, era affasta-lo do reino, a fim de que a Dama, com o tempo se esquecesse delle? Não é absurdo suppôr, que elles o perseguissem na India, e ali lhe embargassem o fazer fortuna, porque isso viria apressurar a sua volta á patria, que era o que menos lhe convinha? E mais incrivel ainda será esta perseguição, se como diz Manoel de Faria e Sousa, D. Catharina falleceu antes de Camões sahir de Lisboa.

Mas si a desfortuna, que Camões encontrou no reino, apesar do seu merito, e serviços, não nasceu dos parentes de D. Catharina, não deixa por isso de ser evidente, que houve quem o perseguisse aqui, e na India, e o procedimento de Francisco Barreto o prova sobejamente. Dizem alguns Authores, que o odio deste Governador nascêra da Satyra intitulada *Disparates da India*, em que elle, e alguns amigos seus, foram pelo Poeta censurados: esta razão não tem pezo algum; essa Satyra existe ainda para justificação do Poeta, e condemnação dos seus inimigos. Leiam-na com attenção, e ficarão todos convencidos de que nella não ha um unico verso por que alguem possa offender-se, ou julgar-se designado. Toda a censura ali é geral, e não pessoal. Nada ali sahe dos limites da moderação, e de uma decente jovialidade, logo o odio de Francisco Barreto, e o abominavel acto de despotismo por elle praticado contra o Poeta, não podiam nascer daquelles versos.

Os termos porque Camões falla do seu desterro, dizendo, que o deseja perpetuado em pedra, ou ferro, bem mostra, que elle o considera como um oprobrio eterno do seu perseguidor, e que se havia por victima de uma violencia, e não como condemnado a uma pena, que merecêra por erro, ou culpa, que tivesse commettido!

Lembremo-nos ainda de que, depois de findo o governo de Francisco Barreto, foi Camões perseguido, preso, e processado por crime de peculato, de que se justificou plenamente, confundindo os seus calumniadores;

Digitized by Google

que Pedro Barreto o enganou, e trahiu vergonhosamente; que chegado ao reino, os seus serviços ficaram sem recompensa, e o deixaram perecer de miseria! Não prova isto, que havia uma conspiração contra elle, que um poder occulto o seguia a toda a parte, para atormentalo, e perde-lo?

Mas qual era esse poder mysterioso, e occulto a quem deve attribuir-se a desgraça deste grande homem? Os seus contemporaneos o conheciam sem dúvida, mas nenhum delles se attreveu a nomea-lo; mas do que elles disseram, facilmente se deduz o que elles callaram, e em alguns o que procuraram dar a entender, uma vez que se combine com a historia do tempo, examinada á luz da boa critica.

Os Jesuitas detestavam Luiz de Camões, e Luiz de Camões detestava os Jesuitas. Aquella sociedade ambiciosa punha a mira em dominar o mundo, avassallando os depositarios do poder, e desde a sua entrada no reino, havendo-se apoderado do espirito debil, e devoto d'ElRei D. João III., consiguiram o exclusivo da instrucção pública, para que, nem nas aulas menores, nem na Universidade se ensinasse si não o que lhe convinha, dando cabo dos bons estudos, que até ali floresciam, constituindo assim a nação em uma ignorancia, que affectava de sciencia, mais prejudicial, por isso que a ignorancia pura, e simples, porque nesta se conserva o bom senso, que se deprime naquella.

Por estes meios, e a influencia do confessionario, seduziram a maior parte da nobreza, e de todos os homens influentes, ligando-os aos seus interesses, e affastando dos cargos públicos, coartando-lhe os meios de fazer fortuna, a todos os homens em quem conheciam grandes talentos, accompanhados de espirito independente, e amante da prosperidade pública; tal era o seu modo de proceder, para firmar a grandeza da sua Ordem, como claramente se deduz das *Instrucções confidenciaes (secreta monita)*, dadas pelo Geral, e seu Conselho, a todos os Prelados da Ordem, que depois da sua extincção tem sido frequentes vezes impressas.

Entrava no plano desta corporação, chamada religiosa, reunir toda a Peninsula, debaixo de um só sceptro, unin-

Digitized by Google

do Portugal a Castella, e a menoridade d'ElRei D. Sebastião, pareceu occasião propria para isto, e consta que dous Padres de grande authoridade na Ordem, vieram a Portugal fazer algumas propozições á Rainha D. Catharina, então Regente, propozições, que a Rainha, apesar de hespanhola, rejeitou com horror.

Mudaram então de tactica os veneraveis Padres, e á força de desgostos, que lhe elles prepararam, a constrangeram a abrir mão da Regencia, que passou ao Cardeal Infante D. Henrique, grande devoto, e respeitador da Companhia, cujos membros elle julgava os mais firmes baluartes da Religião Catholica; tanto haviam sabido fascina-lo com as suas apparentes virtudes, e manobras artificiosas.

Assim foram propagando, e robustecendo a sua influencia na côrte, e no reino, ajudados da sua valiosa alliada a Inquisição, affastaram do lado do Rei, o seu Ayo D. Aleixo de Menezes, ancião respeitavel por sua honradez, serviços, e virtudes, cercaram-no de Jesuitas, ou de afiliados seus, e quando chegou a tocar os limites da maioridade, acconselharam-lhe, que tomasse as redêas do Governo, bem entendido debaixo da direcção do Jesuita Luiz Gonçalves da Camara, que foi nomeado seu Confessor, e seu irmão Martins Gonçalves da Camara, Jesuita de capa curta, a quem se deu o logar de Escrivão da Puridade, que correspondia ao que hoje se chama Primeiro Ministro, em cujas mãos estava a summa da governança, e sobre tudo a distribuição das graças. O modo porque estes dous homens exerceram os seus logares póde dignamente avaliar-se por uma carta dirigida ao Confessor, pelo virtuoso Bispo D. Jeronymo Osorio, e pelo resultado da campanha de Africa, emprehendida pelos arteficios Jesuiticos, e que causou a morte do Rei, e a perda do reino.

Luiz de Camões era mancebo de espirito ardente e generoso, instruido, valoroso, e enthusiasta da gloria, e independencia da sua patria. Conhecia o espirito, e as intenções da Companhia, detestava-os por isso, e desaffogava o seu patriotismo, invectivando contra elles: e pôsto que nunca faz mensão delles, e se dirige aos Frades em geral, o faz com tudo de modo, que todo o leitor conhece, que as suas reprehenções, só podiam frizar bem nos Jesuitas.

Digitized by Google

Assim o entendeu a Companhia, e todo o mundo sabe, que a Companhia não sabia perdoar. Daqui a falta de remuneração dos seus serviços, e o despreso dos seus talentos, e as perseguições, que no Oriente lhe promoveram os seus adeptos. Francisco Barreto, o seu parente Pedro Barreto, Miguel Fios Seccos, não fizeram mais que executar as instrucções da Companhia, que segundo parece se reduziam a amargurar a vida do Poeta, e abbrevia-la á força de maus tractamentos, desgostos, e privações. Note-se bem que Luiz de Camões durante o Vicereinado de D. Constantino de Bragança, viu levantado o seu injusto desterro, e viveu tranquillo em Góa, porque naquelle tempo a Casa de Bragança não era favoravel aos Jesuitas, e partilhando D. Constantino a antipathia da sua familia para com elles, não era possivel que quizesse tornar-se instrumento das suas vinganças. Logo porém que elle terminou o seu tempo, e que lhe succedeu o Conde de Redondo, logo os perseguidores de Camões levantaram o colo, e o calumniaram de peculato, e o Conde apesar da estima em que tinha o Poeta, não póde resistir á influencia Jesuitica, e consentio que fosse preso, e processado por accusação de peculato commettido no exercicio do emprego de Provedor dos defuntos, e ausentes, que servira em Macau, como si fosse possivel, que elle houvesse sahido daquella cidade sem ter dado contas á Authoridade, que o havia nomeado para aquelle serviço.

Ora si isto lhe accontecêra na Asia, que podia elle esperar em Lisboa, quando o Governo estava nas mãos dos Jesuitas, por intervenção dos dous Camaras, um Jesuita, e Confessor d'El-rei, e outro affiliado da Companhia, e Escrivão da Puridade?

Esquecer os longos serviços do Poeta na Asia, e na Africa, despresar os seus talentos, e muito saber, que o habilitavam para qualquer emprego: era ponto assentado, e encontroverso entre os cabeças da Ordem, havia porém uma circumstancia, que devía obrigar a Companhia, e os Camaras a andar com tacto, e moderação, e não levar as cousas tão longe como desejavam, cumpria salvar as apparencias, e evitar o escanda-lo, duas cousas em que a hypocrisia põe sempre o maior cuidado.

Luiz de Camões apresentava-se na côrte não como sim-

Digitized by Google

ples requerente, que vinha pedir a remuneração de longos, e bons serviços, em tal caso seria facil desattende-lo, ou desvia-lo, segundo o costume; mas trazia na mão um Poema Epico, em que celebrava a gloria nacional, e vinha dedica-lo ao Monarcha reinante. Ora segundo as idéas do seculo, e a pratica de todas as côrtes da Europa, e com especialidade da Pontificia, rejeitar a Dedicatoria, ou acceitando-a, não remunerar o Author, seria um verdadeiro descredito para o Rei, e uma vergonha para o seu Governo.

Era necessario sahir desse passo, mas sem que por isso melhorasse a sorte do Poeta; e na solução deste problema se empenhou a finura Jesuitica. Acceite-se a Dedicatoria; (disseram elles) para credito do Soberano, e desse uma penção ao Author; mas como o Author não é dos nossos; como tem penetrado os nossos arcanos, censurando o nosso proceder, e acconselhado o Rei, que *governe elle o Reino, e nos mande resar no choro,* seja essa pensão tal, que não o livre de morrer de miseria.

Segundo este bello plano foi Luiz de Camões aggraciado com 15$000 réis de tença por tempo de trez annos, com a condição de lhe não serem pagos sem apresentar certidão de que residia na côrte, passada pelo Escrivão da matricula dos Moradores da Casa Real, como consta do Alvará de 28 de Julho de 1572, que existe na Torre do Tombo, registado no Livro 32 da Chancellaria d'El-Rei D. Sebastião a fol. 36.

Esta mercê lhe foi prorogada por mais trez annos por Apostilla de 2 de Agosto de 1575; e por mais trez annos, findos os primeiros, por outra Apostilla datada de 2 de Junho de 1578.

Esta tença foi tachada de mesquinha, e insignificante por todos os Biographos de Camões, e entre elles pelo Inglez Adamson, e D. José Maria de Sousa.

A animosidade, e odio da Companhia de Jesus contra Luiz de Camões sobreviveu á morte do Poeta; não contentes de haver-lhe abbreviado a vida á força de desgostos, e de perseguições, quizeram ainda feri-lo na sua gloria. Com esta intenção damnada fizeram duas edições dos Lusiadas alterando, e mutilando o texto da maneira mais ridicula, que póde imaginar-se. Eu nunca vi estas

Digitized by Google

edições hoje rarissimas, mas ambas foram examinadas pelo erudito Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa Sebastião Francisco Mendo Trigoso, como se vê do seu *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas,* publicado no Tomo VIII. da Historia, e Memorias da mesma Academia, e daqui extrahirei alguns exemplos desta perfidia commettida contra a reputação do Poeta.

Os quatro primeiros versos da Estança vinte e trez do Canto primeiro

Em lusentes assentos marchetados
D'ouro, e de perlas mais abaixo estavam
Os outros Deoses todos assentados.

alteraram os editores Jesuitas pela maneira seguinte.

Em lusentes assentos marchetados
De ouro, e de perlas mais abaixo estavam
Os outros Idolos todos assentados.

Além de que o Vocabulo *Idolos* não convém neste logar, ha ainda a notar que

Os outros Idolos todos assentados

é uma linha de prosa, e não um verso, pois para o ser tem uma syllaba de mais; e não será uma infamia attribuir semilhante descuido a Luiz de Camões, o mais apurado versificador do seu tempo?

Na Estança trinta, e quatro do mesmo Canto, apparece uma alteração ainda mais absurda. Diz o Poeta

Estas cousas moviam Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara Dea
Onde a Gente belligera se estende.

Dizem os editores Jesuitas

Estas cousas moviam Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a *nunca fea*
Onde a Gente *maritima* se estende.

Digitized by Google

Quem será a *nunca fea!* Acaso Venus? Más porque motivo se denomina assim? Por ventura as outras Deosas sam umas vezes feias, e outras vezes formosas, e só Venus tem o privilegio de nunca ser feia? Que conveniencia ha em substituir *gente maritima*, a Gente *belligera*, que o Poeta havia empregado para designar a Nação Portugueza? Que quer dizer a *Gente maritima?* Talvez Neptuno, e os Deoses, e Nymphas da sua côrte? Talvez os peixes? Ou os marinheiros? E atribuem-se estas expressões vagas, innexactas, e incoherentes a um Poeta como Camões para lhe deslustrar a fama, e semilhante perfidia é praticada contra elle por homens, que se diziam Religiosos, e quando o Author era morto, e não podia reclamar, e acodir pelo seu credito?

No Canto segundo supprimem todas as Oitavas, que contém a descripção da viagem de Venus, que acabando de salvar os Portuguezes de entrar na barra de Mombaça, onde os Mouros tentavam destrui-los, sobe ao Olympo para interceder por elles com Jupiter, e em logar daquellas Estanças brilhantes da mais viva, e imaginosa Poesia, para ligar o sentido introduziram uma toda nova, e alteraram outra, de modo que a resposta, que Camões refere como dada por Jupiter a Venus, é supprida por uma voz sobrenatural, que responde á deprecação do Gama: ei-las aqui.

Orava o illustre Gama desta sorte,
Quando uma voz ouvio, que do alto vinha,
Dizendo-lhe, não temas vêr a morte
Tão propincua a ti, e tão visinha;
Anima-te, e esforça, Varão forte,
Que tal empreza a tal Varão convinha.
Ouvindo isto o Gama attento estava,
E a voz, que bem ouvia, assim soava.

Famosos Portuguezes não temaes
Perigo algum, *jámais em Lusitanos*
Nem que *nenhum que elles possa mais*
Em quantas gerações houver de humanos,
Que eu vos *fico*, *amigos* que vejaes
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Digitized by Google

A barbaridade da phrase, a versificação prosaica, sam aqui iguaes á ruindade da expressão, e á incoherencia das idéas! Si Luiz de Camões escrevesse neste gosto, ha muito que os Lusiadas estariam tão esquecidos como a *Portugaida*, a *Braganceida*, e quejandos outros Poemas escriptos a despeito das Musas.

No Canto quarto descrevendo o Poeta a batalha de Aljubarrota, diz, fallando dos Irmãos do Condestavel, que haviam seguido as partes de Castella.

> Os Pereiras tambem arrenegados
> Morrem arrenegando os Ceos, e os Fados.

Os Jesuitas substituiram

> Os Pereiras, que tambem sam rebellados
> Finalmente sam aqui desbaratados.

Sam rebellados, neste sentido não é Portuguez, o primeiro verso tem uma syllaba de mais, e o segundo é uma linha de ruim prosa, sem sabor algum de estylo poetico.

No Canto sexto, Estança treze, em logar de

> Que tiveram os Deoses c'os Gigantes

pozeram

> Que tiveram os *de cima* c'os Gigantes.

Os de cima em logar dos Deoses! Ah grande Camões! É possivel que estes Barbaros de Roupeta não tivessem remorsos de attribuir-te tantas, e semilhantes sandices!

Mas os Jesuitas não se lemitaram a esta perseguição posthuma: de accordo com alguns nobres, despeitados pelas censuras de sobejo asperas, que o Poeta lhe dirigira, e sabendo, que Manoel de Faria e Sousa tractava de imprimir um Commentario a Camões, deram obra a evitar esta empreza; escreveram-lhe para Madrid, que no dito Commentario fizesse toda a diligencia por desacreditar Camões, apresentando-o como pessimo Poeta; e como Manoel de Faria e Sousa se negou a tomar parte nesta in-

Digitized by Google

fame manobra, o denunciaram, á Inquisição, que condemnou a obra como offensiva da Religião.

Manoel de Faria e Sousa, vendo que as cousas levavam este caminho, recorreu á Inquisição de Hespanha apresentando-lhe uma apologia da sua obra, que foi approvada com o parecer daquelle Tribunal, que junto com ella se imprimio em Madrid, no anno de 1640, com o seguinte titulo. « *Informacion en favor de Manoel de Faria y Sousa, Caballero de la Orden de Christo, y de la Casa Real, sobre la acusacion, que se lle hizo en el Tribunal del Santo Oficio de Lisboa, a los Commentarios, que doeta, y juiciosa, y Catholicamente escrivió a los Lusiadas del doctissimo, profundissimo, y solidissimo Poeta Christiano, Luiz de Camões, unico ornamiento de la Accadèmia Española en este genero de Letras.*

Esta declaração, e approvação clara, e explicita dos Inquisidores de Hespanha, moderou a sanha dos Inquisidores Portuguezes, e Manoel de Faria poude sem obstáculo publicar os seus Commentarios; mas este facto prova que os Jesuitas não contentes de perseguir a memoria do Cantor do Gama, tambem envolviam no seu odio os que tinham a nobre ousadia de fazer justiça ao seu merecimento.

Para acabarmos de uma vez com estas tramoias, e intrigas Jesuiticas apontaremos um facto atrozmente comico do Jesuita secular, ou de *capa curta*, como dizem em França, Martim Gonçalves da Camara, que algum tempo depois da morte do Poeta lhe mandou gravar na campa um Epithaphio, em verso latino, feito pelo Padre Cardoso, tambem Jesuita, que começa com estes versos

Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus,
Hic jacet Heroo carmine Virgilius.

e acaba com estes dous turgicamente hyperbolicos, em que transflora o ruim, e corrupto gosto do seculo.

Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi; par nemo, nemo secundus erit.

O fim desta entremezada foi sem dúvida desmentir os

Digitized by Google

rumores, que circulavam contra os Jesuitas, e elle, a respeito de Camões, fazendo persuadir a Posteridade do contrario, visto que um Jesuita compozera aquelles versos, em que tanto o elogiava, e elle Martim Gonçalves os pedira, e lhos mandára esculpir na lapida, que cobria os seus ossos.

Mas a Posteridade, que não é tão facil de illudir como os contemporaneos, responde ao impostor « Malvado, e hypocrita! Si tu julgavas verdadeiramente, que em Luiz de Camões estavam reunidos os differentes talentos de Ovidio, Horacio, Marcial, e Virgilio; si o havias por um Poeta sem igual, e inimitavel, porque, quando eras Escrivão da Puridade, e Valido d'El-Rei, tendo na mão o cofre das graças, o deixaste viver de esmolas, e perecer na miseria, para depois de sua morte, que tu apressaste, e os teus socios, vires tributar ás suas cinzas honras tardias, e esteriles? Essas honras sam um verdadeiro escarneo feito ao talento, e á desgraça, um novo oprobrio para o teu nome, que apparecerá manchado com elle perante as gerações vindouras. »

Alguns authores duvidam, que o naufragio de Luiz de Camões á foz do Rio Mecon fosse na sua vinda de Macau, e esta dúvida me não parece mal fundada! Pois dizendo-se que nessa occasião perdêra quanto tinha, salvando sómente o manuscripto dos Lusiadas, como póde dizer-se na sua vida, collocada á frente da edição de Manoel Corrêa, que elle em pouco tempo despendêra em Gôa quanto dinheiro havia trazido do Sul?

Não será mais verosimil, que aquelle successo desgraçado tivesse logar na hida para as Molucas? Os versos em que o Poeta faz mensão deste acontecimento parecem confirmar esta opinião.

Este recebera placido, e brando
Em seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando
Dos procelosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, *quando*
Será o duro mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonorosa
Será mais affamada, que ditosa.

Digitized by Google

Diz aqui o Poeta, que o naufragio teve logar quando

Será o duro mando executado,

isto é, na occasião da sua execução, logo é na hida, porque á vinda não só se não executava esse mando, mas já o Poeta estava livre delle, pois havia alcançado de D. Constantino a permissão de voltar a Gôa.

No Capitulo precedente, segundo a opinião de Manoel Corrêa, Severim de Faria, Faria e Sousa, Adamson, e outros Biographos de Camões, disse, que elle compozera a Canção decima, em que descreve o Monte Feliz, na occasião em que andava cruzando naquellas paragens na Armada de Manoel de Vasconcellos, não obstante isso, a leitura daquella Canção torna para mim o caso muito duvidoso. Parece que sendo assim não teria o Poeta motivo para dizer

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos, e solitarios,
De trabalho, de dôr, e de ira cheios.

Como poderia dizer com propriedade o Poeta, que servia como voluntario, abordo daquella frota, que os dias que ali passava eram forçados? Como podia chamar-lhe solitarios, estando em companhia de tanta gente? Que eram cheios de ira, si ninguem o offendia, visto que a ira só póde ser excitada por alguma offensa recebida? Inclino-me mais a accreditar que estes versos fossem escriptos no tempo da sua peregrinação, e desterro.

Finalmente em nossos dias José Agostinho de Macedo, o zoilo implacavel de Camões, não contente de ataçalhar torpe, e calumniosamente a sua reputação literaria, chegou ao excesso de em suas *Reflexões Criticas* sobre o episodio do Adamastor, paginas trinta e duas, a trinta e trez levantar dúvidas sobre a nobre ascendencia do Poeta, que ninguem até ali se havia lembrado de contrastar. « Este testemunho (diz elle) faz-me crêr, que este soldado chamado Luiz de Camões, que, como diz Couto, veio morrer, em Lisboa de pura pobreza, não é aquelle cuja genealogia é tecida por Manoel de Faria e Sousa, e começada em Vasco Pires de Camões, no reinado de D.

Digitized by Google

Fernando, em 1370, até Simão Vaz de Camões, casado com D Anna de Macedo! Um homem tão illustre, entroncado com as mais nobres familias, chegaria a tanta miseria como a com que morreu, e não teria uma casa, nem uma renda, uma fazenda em Alemquer, ou em Santarem? Seus Pais nada teriam, que lhe deixar, sendo filho unico? O assento que se achou na Casa da India com a conta dos 2$000 réis, que lhe deram para embarcar como *soldado plebeo*, e um dos alistados por aquelle insignificante estipendio, talvez prove a minha lembrança.» O que isto prova é a inexactidão, e a má fé com que José Agostinho escrevia sempre a respeito de Camões.

Deste aranzel, parece deduzir-se que Manoel de Faria e Sousa foi quem teceu a geneologia de Luiz de Camões, o que é um erro, porque essa geneologia se encontra já em Manoel Severim de Faria, que publicou os seus Discursos em 1629, e dahi a tirou Manoel de Faria, que só em 1639 deu á luz os Commentarios sobre os Lusiadas.

Além disso Manoel Corrêa, contemporaneo, e amigo do Poeta, affirma mui positivamente nos seus Commentos aos *Lusiadas*, que elle *era nobre*, e ninguem dirá, que elle não tinha todas as razões para o saber.

Si não era rico, tambem não era um miseravel, como José Agostinho pertende malignamente insinuar, pois que seus Pais poderam dar-lhe um curso regular de estudos na Universidade; e elle mesmo, na sua resposta a Ruy Dias da Camara affirma, que houve tempo, em que *tinha todo o necessario para viver*.

Quem disse a José Agostinho, que Luiz de Camões não herdára nada de seus Pais? Que essa herança não seria grande é muito de suppôr, visto que Simão Vaz de Camões não passára de um filho segundo, e de um ramo collateral da casa, e morgado; mas é crivel, que alguma cousa deixasse, e mais probavel ainda, que o filho, que tinha genio prodigo, alienasse, ou vendesse os poucos bens, de que havia ficado herdeiro; mas que prova isso contra a nobreza da sua ascendencia?

Os assentos da Casa da India, que elle arrastra para provar a sua these, provam o contrario do que elle pertende, pois ali se lhe dá a qualificação de *Escudeiro*, o que mostra, que não era plebeo.

Digitized by Google

Mas a este respeito deve notar-se aqui a má fé com que José Agostinho diz, que recebera de gratificação 2$000 réis, em logar de 2$400 réis, como se lê em ambos os assentos, para com esta differença menoscabar ainda mais a Camões. Nem aquella quantia era *insignificante*, como elle diz, attento o valor do dinheiro, e o preço dos generos naquelle tempo.

E onde foi elle achar, que só os plebeos recebiam aquella gratificação, ajuda de custo, soldo, ou como lhe queiram chamar? Talvez que si fosse obrigado a apresentar as provas da sua assersão, se visse na impossibilidade de produzi-las.

Não vêjo por tanto razão para rejeitar a genealogia, que os dous Farias nos apresentam como de Luiz de Camões, e que todos tem atégora adoptado; parece-me finalmente, que a fidalguia de Luiz de Camões é um facto, de que não póde duvidar-se á vista do Alvará d'El-Rei D. Sebastião, acima citado, porque lhe foi concedida a tença, e que começa assim. « Eu El-Rei faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao serviço, que Luiz de Camões, *Cavalleiro Fidalgo* da minha Casa me tem feito nas partes da India por muitos annos, e aos que espero que ao diante me fará. &c. »

É claro, que a qualificação de *Cavalleiro Fidalgo* se não daria naquelle tempo em documento official a quem não competisse de direito.

Digitized by Google

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO.
LIVRO V.
CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.
CAPITULO I.
Rhythmas de Luiz de Camões.

Ainda que Luiz de Camões se não houvesse com os seus Lusiadas collocado na plana dos Epicos de primeira ordem, bastariam as suas composições lyricas para o reconhecermos como o primeiro, e o mais sublime dos nossos Poetas do seculo de ouro da nossa literatura.

Camões enriqueceu, e poliu a lingua, alfaiando-a com muitas palavras, e fórmas de dizer novas; discriminou o dialecto poetico do prosaico até ali confundidos nos escriptos dos seus contemporaneos, e antecessores, elevou a versificação a um grau de apuro tal, que póde sem escrupulo affirmar-se, que foi elle o primeiro que entre nós fez versos, que podem dizer-se perfeitos, foi o primeiro, que conheceu a harmonia imitativa, e soube usar della a proposito; que soube unir a facilidade com a elegancia, a graça com a força, e dar a cada assumpto o estylo particular, que lhe convinha.

Cultivou com esmero a Poesia Italiana, introduzida em Portugal por Miranda, e Ferreira, sem despresar como o ultimo, a antiga Poesia Nacional, que levou ao grau de perfeição, de que era susceptivel, como póde vêr-se nos escriptos, não poucos, que neste genero nos deixou.

Outro merito peculiar deste Poeta, é que a sua linguagem não tem ainda envelhecido; muitas palavras, e

Digitized by Google

ses de Poetas seus contemporaneos, e mesmo do seculo seguinte teem-se tornado baixas, obsoletas, e tem desapparecido do uso, e dos livros, ao passo que será mui difficil deparar nas Obras de Camões vocabulo, ou phrase, ou modo de dizer, que não possa inda hoje ter logar na mais elegante, e pollida escriptura, e esta circumstancia por si só prova, que ninguem como elle soube manejar o idyoma Lusitano, conhecer a sua indole, e os ornatos, que melhor lhe convinham.

Luiz de Camões, que conhecia perfeitamente os Poètas da antiguidade, não deixava por isso de estudar os Poetas Italianos, e com especialidade Francisco Petrarcha, a cuja eschola pertenceu, e a quem procurava imitar, e é sem dúvida a esta imitação, que se deve o estylo ameneisado, as anthiteses, conceitos, e pensamentos rebuscados, que algumas vezes se encontram nos seus escriptos; mas quando solta as cadeias da imitação, quando vôa co'as proprias azas, e se abandona ao impulso do seu genio, então os seus vôos sam mais arrojados, as suas tintas mais vivas, e se mostra Poeta mui superior ao seu modelo, e a todos os discipulos da sua eschola; então os seus Poemas respiram uma força prodigiosa, e a Philosophia inspira, e illumina as suas consepções. Vê-se que o Poeta havia corrido o Mundo, emprehendido grandes cousas; pôsto toda a diligencia em alcançar a fortuna, sem que podesse consegui-lo, que havia luctado com todas as calamidades da vida, e que á borda da sepultura se descartava das illusões, que tanto o haviam encantado.

Entre os seus Sonetos ha muitos, que podem passar por obras primas no genero, bem pensados, bem deduzidos, e sobre tudo bem fechados, no que levam vantagem aos de Petrarcha, cujos tercetos, pela maior parte, não correspondem á belleza dos quartetos, como confessa o erudito Poeta Saverio Bettinelli a quem ninguem de certo disputará a competencia em materias de Poesia, e bom gosto.

Alguns dos Sonetos de Camões respiram a mais profunda melancholia, e mostram que a sua alma começava a vergar com o pezo do infortunio.

Digitized by Google

SONETO.

Que me quereis, perpetuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo, que se vai, não torna mais,
E, si tornar, não tornam as idades.

Razão he já, oh Annos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros, que passais,
Nem todos para hum gosto sam iguais,
Nem sempre sam conformes ás vontades.

Aquillo, a que já quiz, he tão mudado,
Que quasi he outra cousa, porque os dias
Tem o primeiro gosto já damnado.

Esperanças de novas alegrias
Não me deixa a Fortuna, o Tempo errado,
Que do contentamento sam espias.

O seguinte Soneto parece um grito de desesperação solto contra a desventura, que se enviperava em perseguí-lo.

SONETO.

Que poderei do Mundo já querer?
Que naquillo, em que puz tamanho Amor,
Não vi si não desgosto, e desamor,
E morte emfim, que mais não póde ser.

Pois vida me não farto de viver,
Pois já sei que não mata grande dôr,
Si cousa ha que magôa de maior,
Eu a verei, que tudo posso vêr.

A Morte a meu pesar me assegurou
De quanto mal me vinha, já perdi
O que perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou,
Parece que para isto só nasci.

Digitized by Google

Os Sonetos eroticos de Camões sam de ordinario os que mais adoecem do achaque dos conceitos, e affectação do Petrarchismo, e para isso me parece cooperar muito o serem muitos delles obra de encommenda, para satisfazer peditorios de amigos, em que trabalhava o espirito do Poeta desajudado do coração; ha porém entre elles alguns, que sahem desta regra, e tem sido, com muita justiça, louvados. Tal é o seguinte

SONETO.

Hum mover d'olhos brando, e piedoso,
Sem vêr de que; hum riso brando, e honesto,
Quasi forçado; hum doce, e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quieto, e vergonhoso,
Hum repouso gravissimo, e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio d'alma limpo, e gracioso:

Hum encolhido ousar, huma brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, e obdiente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno,
Que póde transformar meu pensamento.

Não respira aqui o espirito de Petrarcha, e o seu collorido engenhoso! Em qual dos Poetas contemporaneos se encontrará um Soneto escripto neste gosto? Qual é o amador de poesia, que não sabe de cór o seguinte Soneto tão popular, tantas vezes glosado, ou paraphraseado por outros Poetas, e até traduzido em Castelhano por Quebedo, que o imprimio entre os seus, esquecendo-se de declarar que era traduzido.

Digitized by Google

SONETO.

Septe annos de Pastor Jacob servia
Labão, Pay de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao Pay, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella,
Porém o Pay, usando de cautella,
Em logar de Rachel, lhe dava Lia.

Vendo o triste Pastor, que com enganos
Assi lhe hera negada a sua Pastora,
Como si a não tivera merecida,

Começou a servir outros septe annos,
Dizendo « mais servira, si não fôra
« Para tão longo amor tão curta a vida !

Que poesia tão imaginosa ! Que viveza de pintura no Soneto trinta, em que o Poeta refere como fôra salteado, e ferido pelo Amor, quando mais descuidado estava disso.

SONETO.

Está o lascivo, e doce Passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida alegre, e brando
Despedindo no rustico raminho.

O cruel Caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a setta indireitando
Lhe dá no Estygio lago eterno ninho.

Desta arte, ó coração, que livre andava,
Posto que já de longe destinado,
Onde menos temia foi ferido.

Porque o Frecheira cégo me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

Digitized by Google

Uma das manias do tempo do Poeta era transportar para a poesia as formulas, e idéas da Philosophia escolastica, e elle proprio se deixou algumas vezes arrastrar da torrente da moda, como póde vêr-se do seguinte

SONETO.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Si nella está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descançar,
Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda, e pura Semidea,
Que como o accidente em seu sujeito,
Assi com a alma minha se conforma.

Está no pensamento como idéa,
E o vivo, e puro amor, de que sou feito,
Com a materia simples busca a fórma.

Algumas vezes a imaginação do Poeta escandecida pela ardencia da paixão, lhe faz próduzir idéas phantasticas, e brilhantes como no estado de um delirio, ou de um sonho.

SONETO.

Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
D'onde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dôr ao soffrimento doce, e leve.

Digitized by Google

Jura Amor, que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito; o sentimento
Eadoudece, si cuida que é verdade.

Olhai como Amor goza em um momento
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

Alguns Sonetos de Luiz de Camões podem ser contemplados como miniaturas de Idylios cheias de amenidade e de graça, tal é o XIII.

SONETO.

N'hum Jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos Amores
Com a Deosa da Caça, e da Espessura.

Diana tomou logo hũa Rosa pura,
Venus hum rôxo Lyrio, dos milhores,
Mas excediam muito as outras flores
As Violas na graça, e formosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquellas trez flores tomaria
Por mais suave, e pura, e mais formosa.

Sorrindo-se o Minino lhe tornava,
Todas formosas sam, mas eu queria
Viola, antes que Lyrio, nem que Rosa.

Este Soneto, dirigido, ao que parece, á louvar uma Dama, que se chamava Violante, está escripto no estylo de Moscho. O mesmo caracter de Idylio encontraremos no XX.

SONETO.

N'hum bosque, que de Nymphas se habitava
Sabella, Nympha linda, andava hum dia;
E, subida em huma Arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.

Digitized by Google

Cupido, que ali sempre costumava
A vir passar a sesta á sombra fria,
Em hum ramo, arco, e settas, que trazia,
Antes que adormecesse pendurava.

A Nympha como idoneo tempo víra
Para tamanha empreza, não dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As settas traz nos olhos com que atira,
Oh Pastores, fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

E no cincoenta e trez.

SONETO.

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o Pastor na memoria a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.

Por huma praia do Indico Occeano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as agoas alongava,
Que pouco se doiam do seu dano.

« Pois com tamanha magoa, e saudade
Dizia » quiz deixar-me a que eu adoro,
» Por testemunhas tomo Ceo, e Estrellas,

» Mas si em vós, ondas, mora a piedade,
» Levai tambem as lagrimas, que choro,
» Pois assi me levaes a causa dellas. »

Póde haver um quadro pastoril mais terno, mais mimoso, e mais delicado, que o que o Poeta nos presenta nos amores de Daliana, Silvio, e Laurenio no Soneto cincoenta e um?

Digitized by Google

SONETO.

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana banhando o lindo seio,
Outras tantas de hum aspero receio
Salteado Laurenio a côr perdia.

Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para pode-lo vêr não tinha meio;
Ora como curara o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar podia?

Elle, que vio tão clara esta verdade,
Com soluços dizia, que a esperança
Inclinavam de magoa á piedade.

« Como póde a desordem da Natura
» Fazer tão differentes na vontade,
» Aos que faz tão conformes na ventura? »

Um dos Sonetos mais ternos, e patheticos, que sahiram da penna de Luiz de Camões, é o que na collecção tem o número setenta e dous, que Manoel de Faria e Sousa julga mui superior aos de Petrarcha.

SONETO.

Quando de minhas magoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá n'huma solidade, onde estendida
A vista pelo campo desfallece,
Corro a poz ella, e ella me parece
Que mais de mim se alonga compelida.

Brado « Não me fujaes, sombra benina! »
E ella os olhos em mim com brando pêjo,
Como quem diz, que já não póde ser,

Digitized by Google

Torna a fugir-me; torno a bradar *Dina*,
E antes que diga *mene*, accordo, e vêjo,
Que nem um breve engano posso ter.

O Soneto quarenta, que ainda copiarei, é notavel pela originalidade das idéas, e pela belleza da poesia descriptiva.

SONETO.

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras, e frescas agoas de cristal,
Que em vós os debuxaes ao natural,
Descorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos
Compostos de concerto desigual,
Sabei que sem licença do meu mal
Já não podeis fazer meus olhos lêdos.

E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegram verduras deleitosas,
Nem agoas, que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades do meu bem.

Temos dezesete Canções de Camões, as mais bellas que possuimos em nossa lingua, ou se attenda á belleza dos pensamentos, ou á graça das pinturas, ou á elegancia do estylo, perfeição, e cadencia dos versos, córte dos ramos, ou estrophes, e á collocação musical das rymas; estes Poemas mostram o estudo, que o Poeta havia feito das Obras de Petrarcha, e a facilidade, com que o imitava: mostra porém de ordinario mais variedade, mais elevação, e mais força, que o seu modêlo; e, quando o assumpto o permitte, sabe compôr os seus quadros com vivissimos rasgos de poesia descriptiva. Vê-se que os modêlos classicos lhe eram familiares, e que o collorido Grego, e Latino vinham muitas vezes animar as suas composições romanticas.

Digitized by Google

Esta combinação do estylo antigo, e moderno se vê mui especialmente na Canção XII.

CANÇÃO.

Nem rôxa Flôr de Abril,
Pintor do campo ameno, e de verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á Donzella,
Cortez, alegre, e bella,
De sua May cuidado, e gloria pura,
Como a mim foi a inculta formosura,
Natural, que podera
A Saturno render na quarta esphera.

Natural fonte agreste,
Não lavrada de artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo
Não fez jámais tão lêdo
Cançado Caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado assi me fez contente,
De vêr tão descuidado
Que fez sereno a Jupiter irado.

Fructa, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por accerto,
A quem pintada a vê de sangue, e leite,
Não lhe dera o deleite,
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura.
E o toucado sem arte,
Que tornara Pastor ao bravo Marte.

A manhãa graciosa,
Que derramando sae d'entre os cabellos
A flôr, o Lyrio, a Rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de arteficio
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,

Digitized by Google

A quem os vê tão puros, e singellos.
E esse innocente riso
Por quem Apollo, o Téjo torna Amphryso.

Outeiros corôados
Das Arvores, que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre que mão destra os não cultiva;
Graça tão excessiva
Não fez na sua natural verdura
Quanto no desses olhos clara, e pura,
Deposita a Esperança,
Com que Amor gosto, a May tormento alcança.

Dos simples Passarinhos
A Musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos
Tão suave não he, tão deleitosa,
A quem na Selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está tão elevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubara a Mercurio o sceptro, e o siso.

De frescos rios d'agoa,
Que clara entre Arvoredos se devisa,
Cahindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
Dessa luz soberana,
Que faz conter a rustica Diana.

A tal luz, (oh Canção, que ousaste vê-la!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda a Estrella.

Precorra o Leitor todas as Canções de Bernardes, Ca-

Digitized by Google

minha, e do mesmo Ferreira, e vêja si em alguma dellas encontra esta variedade, esta abundancia, este estylo pictoresco, esta facilidade, e fluidez de versificação sempre harmonica, que murmura aos nossos ouvidos como o rumor de uma fonte, que brandamente se deslisa por entre rochedos cobertos de musgo, e então conhecerá a grande diffença, que vai de um Poeta de genio a um Poeta d'arte, que caminha quando o outro vôa, e que pensa quando elle improvisa.

A Canção III. principia com uma descripção da madrugada tão amena, e formosa como o seu objecto; Luiz de Camões amava o campo, como todos os grandes Poetas, e quando se tracta de pintar as suas bellezas singellas, nem a sua imaginação se cança, nem as suas tintas esmorecem.

Já a roxa Manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Os montes descobrindo,
A negra escuridão de luz avara;
O Sol, que nunca pára,
De sua alegre vista saudoso;
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, e luminoso.
Os Passaros vôando
De raminho em raminho vam saltando.
E com suave, e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhãa bella, e amena
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena,
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de Amor alto, e potente!
Pois permite, e consente,
Que eu donde quer que eu ande, ou donde esteja,
O Seraphico gesto sempre vêja,
Por quem de viver triste sou contente.

Digitized by Google

Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois o foi por em ti tão excellente,
Que representas tanta formosura.

Si alguma cousa ha reprehensivel nesta estrophe é o epitheto de *angelica* dado á verdura, não posso comprehender que cousa seja uma verdura angelica! Mas cumpre confessar, que si a verdura é angelica, pouco póde admirar que o gesto seja *Seraphico!*

As Canções setima, e oitava tractam do mesmo assumpto, e dizem quasi as mesmas cousas, com pequenas alterações, vê-se bem que uma é o primeiro borrão da outra, que o Poeta emendou depois, mas não é tão facil dicidir qual dellas foi a primeira, qual preferio o Author, nem qual dellas seja a melhor.

A maneira impetuosa, e sem preambulo com que principia a Canção quinze, é perfeitamente no gosto de Horacio, e mostra que o Poeta arrebatado de subita inspiração rompe em um Canto não premeditado.

Que he isto? sonho? ou vêjo a Nympha pura,
Que sempre n'alma vêjo?
Ou me pinta o desejo
O bem, que em vão cada hora me assegura?
Mal póde a noite escura,
Amando a sombra fria
Mandar-me em sonho a luz formosa, e bella,
Que se não torne em dia
De seus lusentes raios inflammada.
Oh vista desejada
Da graciosa Nympha, e viva Estrella!
Que ha tanto que por este mar navego
Sem vêr meu claro Polo escuro, e cégo.

O espirito philosophico de Luiz de Camões se revella meravilhosamente na Canção quatorze, uma das mais bellas da collecção; e este espirito philosophico se verá ainda mais vivamente estampado n'um grande número de Estanças do seu Poema.

Digitized by Google

CANÇÃO.

Quem com solido intento
Os segredos buscar da Natureza,
Quanto d'Athenas prêsa
Entregue ao mar irado, ao leve vento;
Nova Phylosophia
De experiencias feita, Amor me ensina.
Das leys do antigo tempo bem declina;
Que Amor a Natureza em mim varia,
Donde eschola de sabios nunca vio
Em natural sugeito
Quanto Amor em meu peito descobrio.

As aves no ar sereno,
O Gado de Prothêo nas agoas pasce;
Vive o Homem, e nasce
Neste Mundo, qual Mundo mais pequeno:
Em tudo desordeno
Em todos dividido;
A bocca no ar, na terra o entendimento
Dá-me esse Amor, dá-me essa o pensamento;
O coração no fogo he consumido;
Mas a agoa, que dos olhos sempre desce,
Tem effeito tão vario
Que em hum humor contrario o fogo cresce.

Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada,
Ley he já profanada,
Que quando a luz de hums olhos me feria,
Amando o que não via,
Qual de escopetá o lume
Primeiro o querer vi, que a causa visse;
Quem o desejo co'a esperança unisse,
Cégo hiria apoz cégo, e vil costume;
Que eu desta alma, da Ley do Mundo isenta,
Morta a esperança vêjo
Onde sempre o desejo se sustenta.

Digitized by Google

Em vão se considera,
Que hum semilhante a outro busca, e ama:
E que foge, e desama
Todo o Mortal a morte esquiva, e fera.
Sigo huma linda Fera,
Que esconde em vista humana,
Coração de diamante, e peito de aço;
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte a sede deshumana,
Assi que sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E, si me entrego á morte, estou contente.

Cahe em maior defeito
Quem cuida ser Sciencia clara, e certa,
Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme effeito.
Rendeu-me hum lindo objeito,
Que sendo neve pura
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva;
Que esta formosa Fera fugitiva,
Com ser neve do fogo se assegura,
Donde infiro por certo (e cesse a Fama
Vãa, mentirosa, e leve)
Que não desfaz a neve ardente chamma.

Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa donde pende,
Que o fogo mais se accende
Estando á vista, donde mais ausente;
Mas n'alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite Amor, de dia o Pensamento:
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vêjo a Nympha amada,
Pois si sem luz Amor os olhos ceva,
Cégo, si não concede
Que em nada Amor impede a escura treva.

Erra quem atrevido
Prêgoa ser maior que a parte a todo;

Digitized by Google

Amor me tem de modo,
Que estou n'huma alma minha convertido;
Desta gloria ha nascido
O temor de perde-la,
E posto que o receio a muitos finge
Lá na Imaginação Chymera, e Sphynge,
De mal futuro, que urde imiga Estrella,
Vêjo em mim por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.

Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sugeito o accidente:
Mas ainda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto;
E tendo todo o resto
Da vida já perdida,
Neste tormento meu tão duro, e esquivo
A gostos morto estou, e a penas vivo.
E, sendo morto já, vive o sentido,
Porque ainda que n'alma despedida,
Póde em meu mal unir-se
O ficar, e o partir, a morte, e a vida.

Destas razões, Canção, enfiro, e creio
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mim mudada.

Não pertendo approvar, nem justificar algumas anthiteses, e contrapostos, que se encontram nesta Canção; mas não póde negar-se que é perfeitamente escripta, e desempenha o que o mui fecundo, e elegante Poeta Genovez o Abbade Frugoni chama *philosophar de amor á maneira de Petrarcha.*

Quegli in cor volge, e nelle lunghe notti,
E su le chete, e limpide mattine
Va meditando si pur possa a i fonti
Ber del culto Petrarca, e gentilmente,
Com' egle feo, *filosofar d'amore.*

Digitized by Google

Mas este *phylosophar d'amor* traz comsigo um grave inconveniente, e é que no amor assim tractado brilha muito o espirito, e a imaginação, mas o coração é mudo, porque falta a paixão, que promove todo o interesse da poesia erotica, e que não póde encontrar-se em assumptos phantasticos, e inventados só para descorrer; este senão depara-se em Petrarcha, nos seus imitadores, e no mesmo Camões, como já em outro Capitulo adverti.

Poucas Canções de Luiz de Camões podem rivalisar com a decima sexta em variedade de pinturas, riqueza de imaginação, e amenidade. Este Poema tambem se destingue dos outros no artificio metrico, pois o Poeta misturou nelle alguns versos tetrasylabos, que produzem harmonia mais variada, e musical, como póde vêr-se da Estrophe seguinte.

O doce Rouxinol n'hum ramo canta,
E do outro o Pintasirgo lhe responde;
A Perdiz d'entre a matta, em que se esconde,
O Caçador sentindo se levanta:
Vôando vai ligeira mais que o Vento,
Outro assento
Vai buscando;
Porém quando
Vai fugindo,
Ritinindo
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe, e morre.

Esta mistura metrica é desconhecida dos Italianos, porém não dos Poetas de Hespanha, que algumas vezes a empregaram nas suas Canções.

Já fallei da bellissima Canção X., que tem poucas na lingua Portugueza, que possam competir com ella em merecimento lyrico; e que diremos da undecima, que principia

Vinde cá, meu tão certo Secretario,

que os Criticos tem julgado pela melhor de todas, e em

Digitized by Google

que o Poeta, então vivendo na Asia, no centro de afflicções, e desgostos, passa resenho em sua imaginação e lembrança aos tristes lances, porque havia passado, aos acintes da adversa fortuna, e ás perseguições dos seus inimigos empenhados em encurtar-lhe, e amargurar-lhe a existencia! Que poesia tão rica, e tão singella! Que dôr tão vehemente, e tão viva! Que melancholia tão profunda! Que voz tão lastimada, e tão pungente! Como o quadro das suas desventuras impressiona as nossas idéas, punge, e dilacera o nosso coração, e nos arranca as lagrimas dos olhos! Queremos fugir daquelle espectaculo de dôres, e de magoas, mas não podemos porque a doçura daquelle canto lugubre, nos prende, e nos encanta com os prestigios da sua magia, onde ha hi coração tão duro, que possa resistir a estes versos.

Desta arte a vida em outra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, e irado;
Que eu ainda assim por outra não trocara,
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o largo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida chara,
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu,
E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo;
Agora perigrino, vago, errante
Vendo Nações, linguagens, e costumes
Ceos varios, qualidades differentes.
Só por seguir com passos deligentes
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As edades levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece,
Que he fragil vidro aquillo, que apparece!

Que poesia tão rica, tão robusta, que estylo tão desaffectado, e singello! Aqui não ha conceitos, nem trocadilhos, nem rasgos de espirito! Tudo é sentido, tudo grave, porque é o coração que falla, porque se lamentam

Digitized by Google

desgraças verdadeiras; não é neste tom, que o Poeta canta amores imaginados, rigores ficticios de Nymphas da fabrica Petrarchesca! Prosigamos.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via
No perigo primeiro; e no segundo
Terra, em que pôr os pés me fallescia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me emfim o tempo, e o Mundo.
Que segredo tão arduo, e tão profundo
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella!
E não poder perdella
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim não houve transe da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do Mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros Homens poderosos,
Que eu não passasse atido á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços!

Póde haver um grito mais energico de um coração opprimido contra a violencia do oppressor? A Estrophe seguinte não é menos bella, nem menos rica de sentimento, e poesia.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tromenta procelosa
Os casos della conta em porto lêdo;
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar um só passo tenho medo.
Já do mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me fallesça já pertendo,
Que para mim não val astucia humana,
De força soberana,
Da providencia emfim divina pendo.

Digitized by Google

Isto que cuido, e vêjo ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos:
As agoas, que então bebo, o pão que como,
Lagrimas tristes sam que eu nunca domo,
Si não com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.

Nestes versos exprime o Poeta na maneira mais natural a resignação Christãa, que tomava por escudo nos seus trabalhos, e estas idéas piedosas nos tornam mais interessante a sua causa.

Tem-se disputado muito si deve dar-se a preferencia ás Canções de Camões sobre as suas Odes, ou a estas sobre aquellas, Fernando Rodrigues Lobo da Surrupita preferio as Canções, o Padre Thomaz d'Aquino parece estar pelas Odes, sem querer agora erigir-me em Juiz deste pleito literario, não tenho dúvida em declarar-me pelas Odes, por ser as unicas de todas as que se escreveram naquelle seculo, cujo estylo se aproxima ao estylo lyrico dos antigos.

Não quero dizer com isto, que nas Odes de Luiz de Camões se deparam os vôos arrebatados, e os rasgos luminosos de Pindaro, ou a censura energica, e as pinceladas sublimes, e engraçadas de Horacio, mas é certo que ellas se aproximam bastante do tom, e da linguagem pictoresca deste Poeta, posto que a necessidade da ryma o obrigasse a fazer um pouco mais longas as suas Estrophes.

Estas Odes sam doze em número, em versos hendecasylabos, e septenarios, em Estrophes curtas como o exige a natureza do genero, e a rapidez, que deve reinar em um poema, que se julga improvisado, e escriptas com toda a pureza, e louçania do estylo lyrico. Isto prova que Camões havia aproveitado mais na leitura de Horacio do que o Doutor Antonio Ferreira, que pertendeu fazer Odes Horacianas com Estrophes mal clausuladas, versos duros, e mal cesurados, e estylo descollorido.

Uma das Odes de Camões, que os entendedores tem

Digitized by Google

elogiado mais é a primeira dirigida á Lua, e na verdade, que em nenhuma soube o Poeta conciliar tambem a graça da antiguidade com certa ternura romantica livre, e extreme da menor sombra de affectação. O exordio, que é uma invocação á Lua, é no mais puro estylo da Ode antiga; cumpre porém advertir, que as primeiras Estrophes sam imitadas de outra Ode tambem á Lua, que se encontra entre os *Amores de Bernardo Tasso*, mas do meio para diante as duas composições sam absolutamente differentes, porque differentes eram os assumptos, que o Poeta Italiano, e o Portuguez haviam escolhido.

Deve tambem notar-se, que mesmo quando o nosso Poeta copia as Estrophes de Bernardo Tasso, é sempre com liberdade, e melhorando muito pela expressão as idéas do original, que pecca ás vezes por nimia verbosidade; copiaremos alguns versos dos dous Poetas, e julguem os Leitores se tenho razão.

B. TASSO.

Pon freno, o Musa, a quel si lungo pianto,
Ch'Amor t'apre d'al core,
E vestita di riceo, e lieto manto
Rendiamo a quella onore,
Che col vago esplendore,
Faccendo il Cielo adorno
Mostra quanto é piú oscuro em chiaro giorno.

CAMÕES.

Detem hum pouco, oh Musa, o largo pranto,
Que amor te abre do peito,
E vestida de rico, e lêdo manto
Dêmos honra, e respeito
A'quella, cujo objeito
Todo o Mundo alumia,
Tornando a noite escura em claro dia.

Este modo de dizer as mesmas cousas me parece muito superior ao outro; *pon freno* tractando-se de pranto, é expressão pouco propria *aquel si lungo pianto, rendiamo*

Digitized by Google

onore a quella.... facendo il Cielo adorno sam inutilidades, e formulas prosaicas, que mal convém á magestade, e concisão, que devem reinar na Ode.

Trocando a Noite escura em claro dia

E' cem vezes melhor por expressão, e por pensamento que o

Mostra quanto é piu escuro un chiaro giorno

do original.

B. TASSO.

Vedi il tuo Edemion souvra il suo colle,
Ch'il Ciel mirando fiso
Chiama il tuo nome col bel volto molle;
E suovra il sasso assiso
Canta como conquiso
Fu dalla tua beltade
Senza trovar un tempo in te pietade.

CAMÕES.

Já veio Eudimião por estes montes
O Ceo, suspenso, olhando,
E teu nome co's olhos feitos fontes
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti huma hora piedade.

Parece-me que não póde haver dúvida sobre a superioridade desta expressão; e excusado sería confrontar mais trechos, e apesar disto Bernardo Tasso é um dos Poetas, que mais honra fazem á Italia tanto pelo seu Poema Romantico de Amadis, como pelas suas rymas, que o collocam entre os melhores lyricos do séu tempo, mas Camões será sempre superior pela elegancia do estylo, e pelo apuro da versificação a qualquer Poeta, com quem o comparem.

Digitized by Google

A Ode IX. é uma brilhante imitação da Ode VII. do quarto livro de Horacio; nelle descreve o Poeta a chegada da Primavera, e logo a do Verão, do Outono, e do Inverno, que regularmente se seguem, e deste continuado giro das estações tira motivos para mui poeticamente moralisar sobre a pouca duração da vida do homem, e das propriedades mundanas.

ODE.

Fogem as neves frias
Dos altos montes, quando reverdecem
As Arvores sombrias,
As verdes hervas crescem,
E o prado ameno de mil flores tecem.

Zephyro brando espira;
Suas settas Amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Phylomella chora;
O Ceo da fresca terra se namora.

Já a linda Cytharea
Vem do choro das Nymphas rodeada;
A branca Pasytea
Despida, e delicada
Com as duas Irmãas acompanhada,

Em quanto as officinas
Dos Cyclopes Vulcano está queimando,
Vam colhendo boninas
As Nymphas, e cantando
A terra co' ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte
Diana, já cançada da espessura,
Buscando a clara fonte
Onde por sorte dura
Perdeu Actheon a natural figura.

Digitized by Google

Assim se vai passando
A verde Primavera, o secco Estio:
O Outono vem entrando,
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por curto fio.

Hir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o secco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o Marinheiro o horisonte.

Porque emfim tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;
E a nossa vida escassa
Foge tão appressada,
Que quando se começa he acabada.

Que se fez dos Troianos,
Heitor temido, Eneas piedoso?
Consumiram-te os annos,
Oh Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento,
Crias, que estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,
Que á conta do teu dano
Do sabio Sólon creste o desengano!

O bem, que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel de outra sorte
Se hade alcançar na vida para a morte.

Porque emfim nada basta
Contra o terrivel fim da Noite eterna;
Nem póde a Deosa casta
Tornar á luz superna
Hyppolito da escura sombra eterna.

Digitized by Google

Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valorosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão Lethea escura, e tenebrosa.

Não sam estes os sons da Lyra Romana? Não é esta a voz do Venusino, não quando imitando Pindaro celebra as proezas de Druso, as victorias de Augusto, ou a inflexivel probidade de Regulo; mas quando em sons mais pianos canta as graças de Lálage, a alegria dos banquetes, ou os brandos dictames da mais amavel phylosophia? Nenhum dos nossos Poetas antigos possuio como Camões a arte de dar a cada Poema as côres, e o caracter de estylo, que lhe pertencia.

Nada mais digno da Ode Grega, em toda a sua pureza, que o exordio da Ode VI., que o Poeta endereçou a D. Manoel de Portugal.

A quem darão do Pindo as moradoras,
Tão doutas como bellas,
Florescentes cappellas
De triumphante louro, ou myrtho verde?
Da gloriosa palma, que não perde,
A presumpsão sublime,
Nem por força de peso algum se opprime.

A quem trarão nas fraldas delicadas
Rosas a roxa Chloris,
Conchas a branca Doris,
Estas, flores do mar, da terra aquellas,
Argenteas, rùivas, brancas, e amarellas,
Com Dansas, e choreas
De formosas Nereidas, e Napeas.

Não parece que escutamos os trez primeiros versos da segunda Olympica de Pindaro?

Αναξιφορμιγγες υμνοι
τινα θεον, τινα ηρωα,
τινα ανδρα κελαδησομεν;

Digitized by Google

Não parece que principiamos a lêr uma Ode de Antonio Diniz da Cruz e Silva aos Heróes da India?

O Poeta no quarto verso da segunda Strophe chama ás conchas *flores do mar*, aquelles que tem visto a collecção de conchas Orientaes, que possue o Sr. Arcebispo de Gôa, observado as bellezas das suas fórmas, a viveza, e meravilhosa mistura das suas côres, é que podem sentir toda a graça, e propriedade desta methaphora.

Na Ode decima procura o Poeta provar com o exemplo dos heróes, e dos sabios da antiguidade, que o amor exerce um poder irrisistivel no genero humano, e o obriga a commetter os maiores excessos. Supponho, que ninguem ousará negar-lhe a verdade desta proposição, mas elle a prova com toda a louçania do estylo lyrico.

ODE.

Aquelle Moço fero
Nas Pelethronias covas doutrinado
Do Centhauro severo,
Cujo peito esforçado
Com tutanos de Tygre foi criado.

Na agoa fatal, Minino
O lava a May, presaga do futuro,
Para que ferro fino
Não passe o peito duro,
Que de si mesmo tem a si por muro.

A carne lhe endurece
Porque não seja de armas offendida,
Céga! pois não conhece
Que póde haver ferida
N'alma, e que menos dóe perder a vida,

Que donde o braço irado
Dos Troyanos passava arnez, e escudo,
Ali se vio passado
Daquelle ferro agudo
Do Minino, que em todos póde tudo.

Digitized by Google

Ali se vio captivo
Da captiva gentil, que serve, e adora.
Ali se vio que vivo
Em vivo fogo móra,
Porque de seu Senhor a vê Senhora.

Já toma a branda Lyra
Na mão, que o duro Pelias meneára,
Ali canta, e suspira,
Não como lhe ensinára
O Velho, mas o Moço que o cegára.

Pois logo quem culpado
Será, si de pequeno offerecido
Foi todo a seu cuidado;
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante
De outro mais poderoso foi sugeito,
E para cégo Amante
Desde o principio feito
Com lagrimas banhando o terno peito?

Si agora foi ferido
De penetrante ponta, e força de herva,
E si Amor é servido,
Que sirva á linda Serva
Para quem minha Estrella me reserva?

O gesto bem talhado,
O airoso meneo, e a postura,
O rosto delicado,
Que na vista figura,
Que se ensina por arte a formosura,

Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem não penetrar
Hum doce gesto attento,
Não lhe é nenhum louvor viver isempto.

Digitized by Google

Aquelles, cujos peitos
Ornou de altas sciencias o destino,
Se viram mais sugeitos
Ao cégo, e vão Minino
Arrebatados do furor divino.

O Rey famoso Hebreo,
Que soube mais que todos, mais amou,
Tanto que a Deos alheo
Falço sacrificou,
Si muito soube, e teve, muito errou.

E o grão sabio, que ensina
Passeando os segredos de Sophia,
A' baixa concubina
Do vil Eunucho Hermia
Aras ergueu, que aos Deoses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Phylosopho insigne namorado.
Doe-se a perpetua fama,
E grita, que culpado
De lesa Divindade he acusado.

Já foge donde habita,
Já paga a culpa enorme com desterro,
Mas, oh grande desdita!
Bem mostra em tamanho erro,
Que doutos corações não sam de ferro.

Antes na altiva mente
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
He mais conveniente,
E conforme sugeito,
Em que se imprime o brando, e doce effeito.

Na opinião, em que estavam os Gregos, de que o Poeta Lyrico cantava junto aos altares dos sacrificios, e nas grandes festividades nacionaes debaixo da influencia immediata da divindade, e arrebatado de um furor, e enthusiasmo divino como a Phebade sobre a tripode de Del-

Digitized by Google

phos, força era que acreditassem, que as suas idéas deviam tumultoar, e agitar-se rapida, e desordenadamente, passando de um objecto a outro sem ligação apparente; que o seu estylo devia ser remoto, e affastado, não só do dialecto da prosa, mas até da ordinaria linguagem dos outros generos de Poemas, animada de frequentes tropos, e figuras, de modos de dizer insolitos, de vocabulos desusados, novos, e compostos, resultando daqui ser a Ode o Poema menos accessivel ás intelligencias vulgares; daqui vem, que de cada dez pessoas em estado de lêr sem estorvo Homero, e Theocrito, Virgilio, e Ovidio, apenas haverá uma que seja capaz de entender bem Pindaro, ou Horacio. Os grandes Lyricos modernos trabalharam por conservar á Ode a sua grandiloquencia, e elevação de idéas, e linguagem, e aquella marcha livre, impetuosa, e desenvolta, que Boileau chamou com razão *bella desordem*, e isto segundo a indole mais, ou menos acanhada da lingua, em que escreviam.

É esta a razão porque Camões, que tinha o tacto tão fino, e o gosto tão delicado, fez uso nas Odes de uma linguagem mui differente daquella, que empregára nas Canções, amiudando os tropos, as figuras, e substituindo os nomes proprios pelas periphrases, nesta mesma Ode, por exemplo em logar de dizer Achyles, diz o *Moço doutrinado pelo Cuttauro nas covas Pelethronias*, em logar do Amor, diz *o Menino que póde tudo em todos*. Em vez de dizer, que Achyles canta, não como lhe ensinára Chyron, mas como lhe ensinára o Amor « diz que canta *não como o doutrinára o Velho, mas o moço, que o cegára.* » Por setta hervada diz *ponta penetrante, e força de herva*. Salomão é o *Rey Hebreo, que soube, e amou mais que todos*, e finalmente Aristoteles é aqui designado pelo *sabio*, que ensinava passeando os segredos de Sophia.

Mas, perguntará alguem, quem ensinou a Camões esta linguagem figurada, e artificiosa, que os seus Contemporaneos não conheceram? Respondo, que elle a soube porque lha inspirou o genio, que os seus Contemporaneos a ignoraram, porque tinham só talento, e não genio; e só com talento póde-se ser escriptor correcto, e elegante, porém não grande Poeta.

A Ode IV., que passo a transcrever, é uma das que

Digitized by Google

sempre me agradaram mais; e me parece a mais repassada do espirito de Horacio.

ODE.

Formosa Fera humana,
Em cujo coração soberbo, e rudo,
A força soberana
Do vingativo amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas settas tinha, tem quebradas.

Amada Circe minha,
Posto que minha não, com tudo amada,
A quem hum bem, que tinha,
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei
E, si mais tenho, mais entregarei.

Pois Natureza irosa
Da Razão te deu partes tão contrarias,
Que sendo tão formosa
Folgues de te queimar em flammas varias,
Sem arder em nenhua
Mais que em quanto alumia o Mundo a Lua.

Pois triumphando vás
Com diversos dispojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juizo, e de sentidos,
E a quasi todos dando
Aquelle bem, que a todos vás negando.

Pois tanto de contenta
Vêr o nocturno Moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agoa, e vento solto,
A porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de magoa adormecido.

Esta só Estrophe, por força de expressão, e viveza de

Digitized by Google

estylo, verdadeiramente Lyrico, vale mais que todas as Odes de Caminha, e de Ferreira, apesar das bellezas de outro genero, que possam conter.

Porque não tens receio
Que tantas insolencias, e esquivanças,
A Deosa que poem freio
A soberbas, e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero Amor?

Olha a formosa Flora
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Cappitam chora,
Que lá em Thessalia em fim vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, e nome santo.

Olha em Lesbos aquella
Em seu Psalterio insigne conhecida,
De muitos, que por ella
Se perderam, perdeo a chara vida,
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.

Por o Moço escolhido
Onde mais se mostraram as trez Graças,
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as Alfaças,
Pagou co'a morte fria
A sua vida, que a muitos já daria.

E vendo-se deixada
Daquelle, por quem tantos já deixára,
Se foi desesperada
Precipitar da infame rocha chara,
Que o mal de malquerida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

»Tomai-me, bravos mares,
» Vós me tomai, pois outrem me deixou,

Digitized by Google

Disse, e dos altos ares
Pendendo com furor se arremessou;
Accude tu, suave,
Accude poderosa, e divina Ave.

Toma-a nas azas tuas,
Minino pio, illesa, e sem perigo,
Antes que nessas crúas
Agoas cahindo apague o fogo antigo,
He digno Amor tamanho
De vîver, e ser tido por estranho.

Não! que é razão que seja
Para as Lobas isemptas, que amor vendem,
Exemplo onde se vêja,
Que tambem ficam presas as que prendem,
Assi o deo por sentensa,
Némesis, que Amor quiz que tudo vença.

Entre as rymas de Camões encontram-se algumas Sextinas: estes Poemas, que D. Manoel José Quintana, com o bom gosto, que distingue todos os seus juizos, qualificou de *impertinentes*, estam hoje de todo fóra de moda; e com razão, visto que é tal a ruindade de sua natureza, que nem Petrarcha, nem Camões as poderam tornar soportaveis.

Vinte, e uma sam as Elegias, que nos restam de Camões, todas em tercetos, que o exemplo de Ferreira fez adoptar como a unica combinação rhythmica, que em nossa lingua convém a este Poema: depois dos Lusiadas, sam estas as composições mais estenças do Poeta, e tambem aquellas, em que se deparam mais dados para ajuizar do caracter, e circumstancias pessoaes do Author.

O erudicto Bouterweek, confessando o grande merecimento destas Obras, e a harmoniosa brandura, e suavidade da sua expressão, nota que em algumas dellas se acha confundido o estylo da Elegia com o da Epistola; não quero totalmente negar esta opinião, mas é certo que esse deffeito, muito leve no meu entender, é muito mais frequente em Bernardes, Caminha, e no mesmo Ferreira, do que em Luiz de Camões, que é mui proba-

Digitized by Google

vel que tivesse corrigido essas imperfeições, se houvesse tido vida para rever, e emendar as suas rhythmas para as dar ao prélo; mas a gloria do Homero Portuguez não está em as suas Obras não terem deffeitos, mas em conterem bellezas de ordem superior, e em número tal, que podem desconta-los, e consagrar seus escriptos á immortalidade; e que ricos trechos de suave, e harmoniosa Poesia se não encontram acaso nessas Elegias de Camões, tal é o seguinte, extrahido da Elegia V.

Oh bemaventurado seja o dia,
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!
Oh bemaventurado o soffrimento,
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Faça-me quem me mata o mal que ordena,
Tracte-me com enganos, desamores,
Que então me salva quando me condena.
E si de tão suaves desfavores
Penando vive huma alma consumida,
Oh, que doce penar! que doces dôres!
E si huma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh, que doce morrer! que doce vida!

E este elogio da vida rustica, que se lê na Elegia I., pôsto que em parte imitado de Virgilio.

Oh lavradores bemaventurados,
Si conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento,
Dá-lhes a fonte clara da agoa pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vêem o mar irado, a noite escura,
Para hir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas Arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A gran cubiça de ouro relusente.

Digitized by Google

Si lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr d'Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado.
Si não tem as delicias de Corintho,
E si de Paro os marmores lhe faltam,
O Pyropo, a Esmeralda, e o Jacintho.
Si suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Ali lhe mostra o campo varias côres,
Vêem-se os ramos pender co' fructo ameno,
Ali se afina o canto dos Pastores.
Ali cantaram Tytero, e Silêno,
Em fim por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Ceo sereno!

Não sam menos bellos estes Tercetos, da Elegia segunda, escripta em Africa, quando o Poeta ali militava contra os Mauritanos.

A's vezes cuido em mim si a novidade,
E estranhezas das cousas, ou mudança,
Poderiam mudar huma vontade.
E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo tracto humano,
A Estrangeira Progenie, estranha usança.
Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar mediterrano.
Dali estou tenteando adonde vio
O Pomar das Hesperides, matando
A Serpe, que a seu passo resistio.
Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando.
Porém do Herculeo braço subjugado
No ar deixáva a vida, não podendo
Dos soccorros da May ser ajudado.
Mas nem com isto emfim, que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.

Digitized by Google

Todas as cousas vêjo demudadas,
Porque o Tempo ligeiro não consente,
Que estejam de firmeza accompanhadas.
Vi já, que a primavera de contente
Em variadas côres revestia
O monte, o campo, o valle alegremente.
Vi já das altas Aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava,
A algum suave modo de alegria.
Vi já, que tudo em fim me contentava,
E que de muito cheio de firmeza
Hum mal por mil prazeres me trocava.
Tal me tem a mudança, e estranheza,
Que si vou para os prados, a verdura
Parece que se secca de tristeza.
Mas isto he já costume da ventura,
Porque aos olhos, que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.

Estas recordações dolorosas da primavera da vida, estas meditações saudosas da ventura passada, e estas observações amargamente phylosophicas sobre as cousas, que nos rodêam, e as circumstancias, em que nos achamos, convém perfeitamente á indole da Elegia.

O exordio da Elegia decima é inteiramente no gosto antigo.

Que tristes novas, e que novo dano?
Que inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de terror o vulto humano?
Que vêjo as praias humidas de Gôa
Ferver com gente atonita, e turbada
Do rumor, que de bocca em bocca vôa!
É morto D. Miguel!.. ah crúa espada,
E parte da lustrosa companhia,
Que alegre se embarcou na triste Armada.

Neste Poema deplora-se a morte de D. Miguel de Menezes, amigo do Poeta, e filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e Idanha a Velha; deprehende-se da Elegia, que morrêra na India pelei-

Digitized by Google

jando valorosamente em um combate naval, porém Manoel de Faria e Souza affirma, que sem embargo das mais exactas investigações, a que procedeu, não pôde averiguar quando, nem em que paragem tivera logar aquelle accontecimento.

Transcreverei agora por inteiro a Elegia III., uma das mais bellas, que o Poeta escreveu, a fim de que os Leitores possam melhor formar idéa do seu talento nesta qualidade de composições.

ELEGIA.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Vêr-se de seus Penates apartado,
Sua chara Mulher desemparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
Da sua Patria os olhos apartando,
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
Do seu escuro, e triste nascimento.
O Curso das Estrellas contemplava,
E aquella ordem, com que descorria
O Ceo, o Ar, e a Terra adonde estava.
Os Peixes pelo mar nadando via,
As Feras pelo monte procedendo
Como o seu natural lhe permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal
A sua natureza obedecendo.
Assi só de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dôr não acha igual.
Só sua doce Musa o accompanha
Nos saudosos versos, que escrevia,
E nos lamentos, com que o campo banha.
Desta arte me figura a phantasia
A vida, com quem morro desterrado,
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Digitized by Google

Aqui vêjo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se não merece.

Quando a rôxa Manhãa dourada, e bella
Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho,
E torna aos seus queixumes Phylomella.

Este cuidado, que co'somno atalho,
Em sonhos me apparece, que o, que a Gente
Por seu descanço tem, me dá trabalho.

E depois de accordado cegamente
Ou por milhor dizer desaccordado,
Que pouco accordo logra hum descontente,

De aqui me vou com passo carregado
A hum Outeiro erguido, e ahi me assento
Soltando toda a redéa a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
A' parte donde tinha o pensamento.

Não vêjo sinão montes pedregosos,
E sem graça, e sem flôr os campos vêjo,
Que já floridos víra, e graciosos.

Vêjo o puro, suave, e rico Téjo
Com as concavas Barcas, que nadando
Vam pondo em doce effeito o seu desejo.

Humas com brando Vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas agoas appartando.

Dali fallo co'a agoa, que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sai
Em lagrimas desfeita claramente.

Oh fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.

Digitized by Google

Até que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vós hides, livre, e lêdo,
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá
Si em tão contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde hirá?
Que si ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal pela memoria
Nem ao passar do Lethes lhe passasse.
Que si a Tantalo, e Ticio foi notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem terão por gloria.
Essa imaginação, que em fim me augmenta,
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida
Porque o mal, que possue, se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Athe que a noite eterna me consuma,
Ou vêja aquelle dia desejado,
Em que a fortuna faça o que costuma,
Si nella ha hi mudar-se hum triste estado.

Esta Elegia foi escripta, segundo alguns querem, em Santarem quando o Poeta ahi estava desterrado; já disse que duvidava muito deste desterro, como acto judicial, ou do poder; parece-me que o desterro, que o Poeta lamenta é a ausencia da sua amada, tal é pelo menos o sentido destas expressões

desterrado
Do bem, que em outro tempo possuia.

parece-me tambem deduzir-se do texto, que Luiz de Camões sahira de Lisboa para desfarçar a magoa da sua amada se haver enfadado com elle sem razão bastante, e é a isto que aludem os versos

Digitized by Google

Aqui me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho,

e o Poema deve ter sido escripto para desarmar o enfado da Dama. Seja como fôr, o caso é que nesta Elegia se descobre toda a força de uma imaginação nova, e os sentimentos exaltados de um Poeta mancebo.

O resto das Elegias produzidas naturalmente durante as suas peregrinações pela Asia, pintam ao vivo os sentimentos do seu coração, e as saudades com que se lembrava da tranquilla ventura, de que lhe parecia ter gozado na Patria, ao passo que della havia sahido cheio de indignação, e despeito. E' por isso que nenhumas das suas obras excitam mais sympathia nos Leitores, nem mais compaixão dos seus infortunios.

Desejava saber em que razão se haviam fundado os Editores das Obras de Camões para imprimirem alguns Poemas em Oitavas debaixo do titulo vago, e indeterminado de *Estanças*, sendo estes Poemas verdadeiras Epistolas Poeticas, ou se considere o seu contheudo, ou o seu estylo; é muito natural que entendessem não podia haver Epistolas se não em Tercetos, porque em Tercetos sam escriptas as de Ferreira, Bernardes, Caminha, e Fr. Agostinho da Cruz, e esta razão é na verdade mui concludente. Está porém contra ella o ser uma das Epistolas de Ferreira em verso solto, e quasi todas as de Sá de Miranda, e algumas de Caminha em Coplas octosylabas.

A primeira destas composições é uma Epistola moral sobre as erradas opiniões dos homens, e a falsa idéa que formam da felicidade, escripta no estylo de das de Hagedorn, e Dusch, e que lhes não cedem nem em Phylosophia, nem em força de expressão; vêjamos alguns trechos.

Democrito dos Deoses proferia
Que heram só dois, a Pena, e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece he grande vicio
Em Deoses sem justiça, e sem razão,
Mas Democrito o disse, e Paulo não.

Digitized by Google

.....

Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em despresar o fausto tão presado.
Diogenes, não vês que estremos são
Esses, que, segues de mais alto estado?
Pois si de despresar te presas muito,
Já pertendes do Mundo fama, e fruito.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cubiçosa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa sumptuosa;
Deixo aquelles, que tomam por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que sam peiores.

Aquelle deixo a quem do somno esperta
O gran favor do Rei, que serve, e adora,
E se mantem desta aura falsa, e incerta,
Que de corações tantos é Senhora.
Deixo aquelles, que estão co'a boca aberta,
Por se encher de thesouros de hora, em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãas do Vulgo errado,
A que já não ha alguem, que contradiga;
Nem de outra cousa alguma é governado,
Que de huma opinião, e usança antiga;
Mas pergunto ora a Cezar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vence-las, que alcançou?

Cezar dirá « Sou digno de memoria,
» Vencendo Povos varios, e esforçados,
» Fui Monarcha do Mundo, e larga historia
» Ficará de mais feitos sublimados. »

Digitized by Google

He verdade! mas esse mando, e gloria
Logras-te-o muito tempo? os Conjurados
Bruto, e Cassio dirão, que, si venceste,
Em fim, em fim ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão «Por vêr o Ethna, e o Nilo,
» Fui a Scicilia, a Egypto, e outras partes,
» Só por vêr, e escrever em alto estylo
» Da natural Sciencia em muitas Artes.»
O tempo é breve, e queres consumi-lo,
Platão todo em trabalhos, e repartes
Tão mal do teu estudo as breves horas,
Que em fim de falso Phebo o filho adoras?

Pois quanto des que vive já appartada
A alma desta prisão terreste, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que, da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sente nada,
O Cynico dirá si por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os Cães, ou as Aves enxotava.

Esta maneira de poetar, esta phylosophia tão ousada, e tão sublime, era nova não só na Poesia Portugueza, mas na da Europa inteira, onde então não existia um só exemplo della. Camões a havia aprendido em Horacio, e delle havia imitado esta argumentação, esta arte de empregar o dialogo, e variar, e animar o discurso; e não é isso pequena prova da superioridade do seu genio sobre os seus Contemporaneos.

Nesta mesma Epistola introduz elle muito a proposito a historia do Doido de Athenas, que se encontra na Epistola segunda do Livro segundo das de Horacio, e a imitação não tem que invejar ao Original.

De hum certo Trasiláo se lê, e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo e siso teve
Por causa de huma grave enfermidade;
E em quanto de si fóra doudo esteve

Digitized by Google

Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas as náos que navegavam,
Quantas no Porto Pyreo ancoravam.

Por um Senhor mui grande se teria
Além da vida alegre, que passava,
Pois nas, que se perdiam, não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegando á Patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos Medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada,
Triste porque tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada,
As hervas Apolineas de improviso
O tornam á saude já passada,
Sisudo Trasilão ao charo irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque depois de vêr-se no perigo
Do trabalho, a que o siso o obrigava,
E depois de não vêr o estado antigo
Que a louca presumpção lhe appresentava,
» Oh inimigo Irmão com côr de amigo,
» Para que me tiraste (suspirava)
» Da mais quieta vida, e livre em tudo
» Que nunca pode ter algum sisudo?

» Por qual Senhor algum eu me trocára,
» Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
» Que me dava que o Mundo se acabára,
» Ou que a ordem mudasse a Natureza?
» Agora me é penosa a vida chara,
» Sei que cousa he trabalho, e o que he tristeza,
» Torna-me ao meu estado, que eu te aviso
» Que na doudice só consiste o siso.

Digitized by Google

A segunda destas Epistolas é imitação livre da Epistola II. do segundo Livro das do Poeta Venusino, que principia

Cum tot sustineas, et tanta negotia solus

e foi dirigida a D. Constantino de Bragança, que então era Vice-Rei da India, e o mesmo que lhe havia levantado o degredo, a que o condemnára Francisco Barreto.

Neste Poema louva o Poeta aquelle Principe não só pela sua ascendencia real, e brilhantes acções dos seus antepassados, mas pela lealdade, e zelo do serviço do Rei, com que se havia exposto aos trabalhos, e tempestades do Oceano, quando a sua fortuna, e altas qualidades o isemptavam de hir governar a India, em circumstancias tão difficeis.

Sendo vós de tão alto e illustre preço,
A vida fostes pôr n'um fraco lenho
Por largo mar, e undosa tempestade,
Só por servir a Regia Magestade.

E depois de tomar a redea dura
Na mão do Povo indomito, que estava
Costumado á largueza, e á soltura
Do pesado Governo, que acabava.

Este pesado governo, que havia terminado, era o de Francisco Barreto, e apesar dos aggravos, que delle tinha recebido, da injusta perseguição, que lhe promovera, teve o Poeta a generosidade de não envectivar pessoalmente aquelle Governador, que tão pouco merecia o ser por elle poupado; e volta-se a D. Constantino louvando o quanto se empenhava em refrear a relaxação de costumes, e a immoralidade, que lavravam ás soltas por aquelle Estado, despresando os queixumes, e murmurações dos, que recusavam sujeitar-se ao jugo das Leis, e da Religião.

Quem não terá por santa, e justa cura,
Qual do vosso conceito se esperava,
A tão desesperada enfermidade
Applicar-lhe contraria qualidade?

Digitized by Google

Não é muito, Senhor, si o moderado
Governo se blasphema, e se desama
Porque o Povo a larguezas costumado
A' lei serena, e justa dura chama.
Pois o zêlo em virtude só fundado,
De salvar almas da Tartarea flamma,
Com a agua salutifera de Christo
Poderá por ventura ser malquisto?

Passa logo a agourar mui poeticamente grandes victorias, com que o novo Governador tem de accrescentar o Estado, e restabelecer os negocios de Portugal no Oriente, mas nisto se mostrava elle melhor Poeta do que Propheta.

Sei eu, e sabem todos, que os futuros
Verão por vós o Estado accrescentado
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado;
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sobre Orphãas amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

Quanto de infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por gloria grande póde ter-se
Si accrescentado, e prospero o deixou,
Nunca consentiu Roma emnobrecer-se
Com triumphos alguem, si não ganhou
Provincia, com que o Imperio se augmentasse,
Por maiores victorias que alcançasse.

Póde tomar o vosso nome dino
Damão por honra sua clara, e pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Bisancio aquelle, que ainda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no seio Gangetico a Natura
Te aposentou; de ser tão inimigo
Deste Estado, não ficas sem castigo.

Digitized by Google

Bem viste contra ti nadantes Aves
Cortar a espumosa agua navegando;
Ouviste o som das tubas não suaves,
Mas com temor horrifico soando,
Sentiste os golpes asperos, e graves
Do Lusitano braço nunca brando,
Não soffreste o gran brado penetrante
Que os trovões imitava do Tonante.

A terceira é endereçada a El-Rei D. Sebastião acompanhando uma setta, que o Summo Pontifice lhe enviára, como uma das que haviam servido ao martyrio de S. Sebastião.

A quarta contém uma declaração de amor a certa Dama, naturalmente obra de encommenda para servir algum amigo. As outras sam glosas, segundo o costume de Castella.

O Poema de Santa Ursula, que se encontra com algumas alterações para peior, entre as Obras de Diogo Bernardes, foi revindicado para o nosso Poeta por Manoel de Faria e Sousa, assim como algumas Eclogas; já no Capitulo do Cantor do Lima declarei, que me inclinava á idéa de Manoel de Faria; mas a imparcialidade requer que declare aqui que muitos eruditos defendem Bernardes da inculpação de plagiato: taes são o Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa, o Bispo de Visco D. Francisco Alexandre Lobo, o Poeta Inglez Mr. Southey, Bonlerweek, e outros, que seria excusado mencionar; o Leitor comparando o estylo, e o talento de ambos decidirá como melhor lhe parecer este ponto de critica literaria.

Tornando porém ao Poema direi, que me parece defeituoso no plano, pobre de invenção, mas pelo estylo, e versificação muito superior á Santa Comba do Doutor Antonio Ferreira, e a todos os Poemas deste genero, que se tem publicado em portuguez.

Entre todas as poesias que compõem as rymas de Camões me parece que tem um logar mui distincto, se não o primeiro, as Eclogas; ou se attenda á riqueza de imaginação, á invenção, e belleza dos quadros, ao pathetico, e simplicidade dos affectos, á viveza das pinturas ru-

Digitized by Google

raes, e elegancia do estylo, ao pictoresco da poesia, e á melodia, e variedade dos metros.

As margens do Téjo, e do Mondego sam quasi sempre o theatro destes pequenos Dramas, e os seus Pastores não habitam as montanhas da Arcadia, mas as planices da Lusitania; algumas destas Eclogas foram escriptas na sua adolescencia, isto é, quando o seu talento, e a sua imaginação estavam em todo o seu vigor, e os trabalhos, e as desventuras não tinham ainda amargurado o seu espirito. Outras foram escriptas na Asia, e é muito para sentir que os seus preconceitos classicos, lhe não deixassem conhecer o partido, que poderia tirar das formosas paizagens, de que aquella antiga terra lhe fornecia os modelos; o colorido local teria dado nova vida aos seus quadros, mas a sua educação, e os seus estudos mithologicos lhe faziam voltar os olhos continuamente para a Europa, e para a patria, lá estava o seu coração, todos os objectos de suas mais ternas affeições, e nada mais tinha interesse para elle.

Luiz de Camões tinha estudado a poesia bocólica em Virgilio, e Theocrito, e tinha mui fino gosto para não imitar as côres, e estylo daquelles grandes Poetas, e preferir-lhe o estylo rustico de que Sá de Miranda fizera uso, creio eu porque não sabia escrever de outro modo, pois as suas Eclogas sam escriptas como as suas Cartas, e as suas Cartas como as suas Eclogas. Os seus Bicitos e Gonçalos descreteam como phylosophos, e fallam como cabreiros. Manoel de Faria e Sousa, homem de muita erudição, e de gosto mui depravado, era grande seguidor desse chamado estylo rustico; e tão rustico que os seus Pastores a cada passo atropellam todas as regras grammaticaes, e estropiam os vocabulos; ao mesmo tempo que moralisam tanto, ou mais que os de Sá de Miranda, e desculpa-se disto dizendo, que não ha inverosimilhança em que os Pastores tenham livros, por onde adquiram instrucção. Não quero negallo, mas nesse caso é quasi um milagre, que os Livros, que ensinam as sciencias aos Pastores, lhes não ensinem ao menos a fallar regularmente a lingua!

Outra razão que alegam os que partilham esta opinião de Faria, é que a poesia é imitação da natureza, e que

Digitized by Google

como os Pastores usam de linguagem rude, e incorrecta no campo, devem usar da mesma nos Poemas. Isto não é razão, mas um grandissimo absurdo, que prova que elles não sabem destinguir, entre imitação, e copia: o fim das Artes é a imitação, e não a copia; as Artes imitam a Natureza aperfeiçoando-a, isto é, mostrando-a no seu aspecto mais favoravel. Nenhum pintor, que não seja perfeitamente louco, pintando as ruas de uma cidade, colocará no seu quadro os muladares, que nellas formam ás vezes os canos de despejo. Que succederia a um Actor, que, representando em scena o caracter de embriagado, se pozesse a vomitar no Theatro? pois isso acontece com frequencia aos bebados. Os Pastores de Theocrito, e de Moscho peccam ás vezes em demasiada grossaria, mas não deixam por isso de fallar em grego tão correcto, e tão puro como o de Homero, e de Anacreonte. Virgilio os imitou na pureza de estylo, e Camões com muito accerto seguio as pisadas de Virgilio, e de Ferreira, que, ainda que pobre de genio, tinha sobrado gosto, e juizo sam para sentir o merito dos antigos, e imita-los conforme suas forças.

O celebre Sannazzaro, um dos primeiros Poetas da Latinidade moderna, e um dos melhores Bucolicos Italianos foi o primeiro que introduzio Pescadores nas Eclogas, e esta invenção recebida com grande applauso dos Literatos, foi um verdadeiro progresso para a Arte. Luiz de Camões, que tinha grande conhecimento da literatura Italiana, e que estimava muito Sannazzaro, não só o imitou nas Pescatorias, mas até inventou um novo genero de Ecloga mixta, em que introduzio Pastores, e Pescadores; assim o praticou elle na Ecloga VI. em que nos faz vêr

A rustica contenda desusada
Entre as Musas do bosque, e das Arêas,
De seus rudos cultores modulada.

Nesta Ecloga, que eu tenho pela mais bella de todas as suas, introduzio elle o Pastor Agrario, e o Pescador Alicuto cantando ao desafio, e usando cada um delles dos pensamentos, e linguagem proprios das suas respectivas profissões, em estylo natural, e poetico, sem que por isso saia dos limites da verosimilhança.

Digitized by Google

AGRARIO.

Vós semicapros Deoses do alto monte,
Phaunos longevos, Satyros, Silvanos,
E vós Deosas do bosque, e clara fonte,
E dos troncos, que vivem largos annos:
Si tendes prompta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos, e humanos,
Ou me dai já a capella de Loureiro,
Ou penda a minha Lyra de hum Pinheiro.

ALICUTO.

Vós humidas Deidades deste pégo,
Tritões ceruleos, Prótheo com Palemo,
Vós, Nereidas do Sal, em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo,
Si as vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
Não consintaes que a musica marinha
Vencida seja aqui na Lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez um tempo o moço louro,
Que do Sol as carretas move, e guia;
Ouvio o Rio Amphriso a Lyra de ouro,
Que o seu claro inventor ali tangia.
Io foi Vacca, Jupiter foi Touro,
Manças Ovelhas junto da agoa fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em Bezzerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO.

Pescador já foi Glauco, e Deos agora
He do mar, e Prothéo Phocas guarda,
Nasceo no pégo a Deosa, que é Senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Si foi Bezzerro o Deos, que cá se adora

Digitized by Google

Tambem já foi Delphim. Si se resguarda,
Vê-se que os Moços pescadores eram,
Que o escuro enygma ao primo Vate deram.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, si dos ninhos
Os implumes penhores já furtei,
A' doce Phylomella, e dos Murtinhos
Para ti, fera! as flores apanhei;
E si os crespos Medronhos nos raminhos
Com tanto gosto já te presentei,
Porque não dás a Agrario desditoso
Hum só revolver d'olhos piedoso!

ALICUTO.

Para quem trago d'agoa em vaso cavo
Os ruivos Camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral fui arrancando?
Senão para a formosa Lemnoria
Que co'hum só riso a vida me daria?

AGRARIO.

Quem vio o desgrenhado, e crespo Inverno
D'átras nuvens vestido, horrido, e feio,
Enegrecendo á vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio,
Raios, chuvas, trovões, hum triste Inferno,
Que ao Mundo mostra um pallido receio,
Tal he o Amor cioso, a quem suspeita,
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO.

Si alguem vê, si alguem ouve o sibilante
Furor lançando flammas, e bramidos

Digitized by Google

Quando as pasmosas Serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
A braços derribando o já nutante
Mundo, c'os elementos destruidos,
Assi me representa a phantasia
A desesperação de a vêr hum dia.

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
Que os deleitosos campos pinta, e veste,
E, rindo-se, huma côr aos olhos gera,
Que em terra lhe faz vêr o arco celleste,
As Aves, as Boninas, a verde Hera,
E toda a formosura amena, agreste,
Não he para os meus olhos tão formosa,
Como a tua que abate o Lyrio, a Rosa.

AGRARIO.

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvens quando nasce o dia,
O Canto das Sirenas, que adormentam,
A tinta, que no Murice se cria,
O navegar por ondas, que se assentam
C'o brando bafo, com que o Sol se esfria,
Não podem, Nympha minha, assi aprazer-me
Como o vêr-te, si em tanto chego a vêr-me.

AGRARIO.

A Deosa, que na Lybica Lagôa
Em fórma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto sôa,
Os bellos olhos tem da côr do Ceo.
Garços os tem; mas huma que a corôa
Das formosas do campo mereceo
Da côr do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não sam estes os formosos?

Não será este o estylo de hum verdadeiro discipulo de Virgilio? Impede acaso a cultura da linguagem, e do

Digitized by Google

metro, que Alicuto, e Agrario só exprimam as idéas que sam proprias de um Pescador, e de um Pastor? Que falta fazem aqui os barbarismos, e solicissimos com que Faria e Sousa maculou a dicção das suas Eclogas? Desenganemo-nos, não é o estylo elegante, e poetico de Ferreira, e de Camões, que desfigura a Poesia Pastoril, mas as doutorices, e phylosophias com que Sá de Miranda, e Faria e Sousa fazem descursar os rusticos, que introduzem a fallar; porque essas é que sahem da verosimilhança, e muito mais quando se exprimem com linguagem plebea, ou barbara.

O judicioso Boileau no Canto II. da sua Arte Poetica depois de censurar os que tractam assumptos heroicos em Eclogas, não tracta melhor os que as escrevem em estylo baixo, e rasteiro.

Au contraire cet autre, *abject en son langage*
Fait parler ses Bergers *comme en parle au Village.*
Ses vers plats, et grossiers, depouillés d'agrement,
Toujours baisent la terre, et rampent tristement.
On dirait que Ronsarde, en ses pipeaux rustiques
Vient encor fredonner ses Idylles Gothiques,
Et changer, sans respect de l'orcille, et du son,
Lycidas en *Pierrot*, et Phylis en Toinon.

Entre ces deux excés la route est dificile;
Suivez pour la trouver Theocrite, et Vergile.
Que leurs, tendres écrits, par les Graces dictés,
Ne quitent point vos mains, jour, et nuit feulletés
Seuls dans leurs doctes vers ils pourront vous apprendre
Par quel art sans bassesse un Auteur peút descendre.
Chanter Flore, les champs, Pomone, les vergers,
Aue combats de la flute animer deux Bergers,
Des plaisirs de l'Amour vanter la douce amorce,
Changer Nascisse en fleur, convrir Daphné d'ecorce,
Et par quel art encor l'Eclogue quelque fois
Rend digne d'un Consul la Campagne, et les bois,
Tel est de ce Poeme et la forco, et la grace.

Quer pois Boileau, que segundo Voltaire, quasi sempre tem razão, que a Poesia Pastoril tracte assumptos cam-

Digitized by Google

pestres, mas com linguagem pura (sem a qual toda a composição é detestavel,) correcta, elegante, e poetica, e propõem para modelos deste estylo Theocrito, e Virgilio, que Camões seguio, e imitou com a perfeição, e talento de que a natureza o havia enriquecido. Ora parece-me pois que neste caso a opinião de Boileau é de muito mais pezo que a de Surripita, e Thomaz de Aquino, e que a pratica, e doutrina de Faria e Sousa.

Que poesia tão rica, e tão imaginosa, e campestre se não depara na Ecloga I., que o Poeta tinha pela melhor das suas, vêja-se como Umbrano convida Frondelio a lamentar em seu canto a morte de Teonio.

UMBRANO.

Canta agora, Pastor, que o Gado pace
Entre as humidas hervas socegado,
E lá nas altas Serras, onde nace,
O Sacro Téjo á sombra recostado,
Com os olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado,
E com silencio triste estão as Nymphas
Dos olhos destillando claras Limphas.

O prado as flores brancas, e vermelhas
Está suavemente presentando:
As doces, e solicitas Abelhas
Com susurro agradavel vam vôando,
As candidas, pacificas Ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estam ao som divino
Que faz, passando, o Téjo cristalino.

O vento d'entre as arvores respira
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave garrula suspira
Sua magoa espalhando ao vento frio:
Toca, Frondelio, toca a doce Lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Phylomella entrestecida
Ao mais saudoso canto te convida.

Digitized by Google

Em qual dos nossos antigos Bocolicos se encontra esta abundancia, esta suavidade, este rico manancial de poesia, que alegra a imaginação com a variedade de objectos, que lhe presenta, e recreia o ouvido com harmonia tão doce, e nunca interrompida? Vêjamos agora alguns trechos do Canto funebre de Frondelio, e nelle reconheceremos algumas imitações de Virgilio.

FRONDELIO.

Aquelle dia as agoas não gostaram
As mimosas Ovelhas, e os Cordeiros,
O campo encheraram de amorosos gritos,
E não se penduraram dos Salgueiros
As Cabras de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a seus Cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem, oh Corvo, o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura
Vôando repetiste
A tyrannica ley da morte dura.

Tionio meu, o Téjo cristalino,
E as Arvores, que já desamparaste,
Choram o mal da tua ausencia eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste,
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o Mar, e a Terra se governa.
A noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, e triste
Si quer da tua idade não te dera
Que lográras a fresca Primavera?
Não usára com elle tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem Pastor ha no campo sem tristeza.

Digitized by Google

Os Phaunos, certa guarda dos Pastores,
Já não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos Cervos dam trabalho,
Tudo, qual vês, é cheio de tristura:
A's Abelhas o campo nega as flores,
Como ás flores a Aurora nega brinlho,
Eu, que cantando espalho
Tristeza todo o dia,
A frauta, que sohia
Mover as altas Arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enroquecendo;
Que tudo vêjo triste neste monte:
E tu tambem correndo
Manas envolta, e triste, oh clara fonte.
.....

Já diante dos olhos lhe vôavam
Imagens, e phantasticas pinturas,
Exercicio do falso pensamento;
Já pelas solitarias espessuras,
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava, e descobria o seu tormento,
Em longo esquecimento
De si, todo embebido,
Andava tão perdido
Que quando algum Pastor lhe perguntava
A causa da tristeza, que mostrava,
Sorrindo lhe tornava:
« Si não vivesse triste, morreria. »

Apesar de que, como já disse, o Author contava esta como a melhor das suas Eclogas, não posso como Critico sobscrever a esta opinião. A Ecloga é como o Drama, e deve ter como elle nexo, e desfecho, e sobre tudo unidade de interesse, e este me parece que falta nesta, é como duas Eclogas juntas n'uma; na primeira os Pastores Umbrano e Frondelio deploram a morte do Pastor Tionio (D. Antonio de Noronha) na segunda a Nympha Aonia (a Princeza D. Joanna) lamenta a morte de seu Esposo (o Principe D. João) e esta duplicidade de assumpto, perjudica o interesse, dividindo-o; accresce a isto, que os queixumes

Digitized by Google

de Aonia sam em verso Castelhano, o que me parece um verdadeiro defeito: quanto porém á belleza de pensamentos, riqueza de poesia, e apuro de estylo, e metro, não ha dúvida de que esta composição seja um dos partos mais felizes do talento do Poeta.

A Ecloga segunda é uma das mais vivas pinturas da paixão amorosa levada a ponto de delirio, e que resiste a todas as admoestações da prudencia, e conselhos da amisade.

Como sam ternos os queixumes namorados dos Pastores Frandoso, e Duriano na Ecloga IV.

FRANDOSO.

Isto he o que aquella verdadeira
Fé, com que te amei sempre merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como, cruel Belliza, te esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que te amava?
Porque não te abrandava
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois já me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeu tambem a vida.

DURIANO.

Si os males, que por ti tenho soffrido
Oh Silvana, em meus males tão constante,
Quizesses que alguma hora te dissera;
Inda que qual durissimo Diamante
Fôra o teu cruel peito endurecido,
Creio que á piedade te movêra;
Já agora em branda cêra
Os montes sam tornados, e os penedos,
E os rios, que estão quedos,
Sentiram meus suspiros, minhas queixas,
Tu só, cruel, me deixas

Digitized by Google

Que hes mais que montes, e penedos dura,
E fugitiva mais que a fonte pura.

FRANDOSO.

Onde está aquella falla, que sohia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os Espiritos cançados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O Sol resplandecente ao meio dia?
Onde estam os cabellos delicados,
Que, aos ventos espalhados,
Escureciam o ouro, e a mi matavam?
E a quantos os olhavam
Causavam tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes
Que outro goze da gloria a mim devida?
Perca quem te perdeu tambem a vida.

DURIANO.

Nenhum bem vêjo que a meu mal espere,
Si não fosse esperar que a morte dura
Me venha em fim a dar a saudade?
Vêjo faltar-me a tua formosura:
A vontade me diz que desespere,
Contradiz-me a Razão esta vontade,
Diz que em huma Beldade,
Em quem mostrou o cabo a Natureza;
Não ha tanta crueza,
Que hum tão constante amor despresar queira,
E fé tão verdadeira;
Mas tu, que da Razão jámais curaste,
Porque era dar-me a vida, ma tiraste.

FRANDOSO.

A quem, Belleza ingrata, te entregaste?
A quem deste, cruel, a formosura,
Que a meu tormento só, só se devia?
Porque huma fé deixaste firme, e pura?

Digitized by Google

Porque tão sem respeito me trocaste
Por quem só nem olhar-te merecia?
O bem, que te eu queria,
E que não perderei se não por morte,
Não he de maior sorte
Que quanto a cega fama estima, e preza?
Só a tua crueza
Foi nisto contra mim endurecida;
Perca quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Levaste-me o meu bem n'hum só momento:
Levaste-me com elle juntamente
De cobra-lo jámais a confiança,
Deixaste-me em logar delle sómente
Huma continua dôr, hum gran tromento,
Hum mal, de que não póde haver mudança,
Tu que eras a esperança
Dos males, que, cruel, tu me causaste,
De todo te trocaste
Com Amor conjurada em minha morte,
Porém si minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi mais bemaventurada.

FRANDOSO.

Não nasceste de alguma penha dura;
Não te gerou alguma Tygre Hircana;
Não te criaste, não, entre a rudeza,
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No Ceo formada foi tal formosura,
Onde a mesma brandura he natureza,
Pois logo essa dureza
Donde teve principio, ou a tomaste?
Porque, dura, engeitaste
De hum verdadeiro Amor, que tu bem vias,
A fé, que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Digitized by Google

DURIANO.

Vai-se co' seu Pastor o manço Gado,
Porque d'amor entende aquella parte,
Que a natureza irracional lhe ensina.
O rustico Leão, sem alguma arte,
Do instinto natural só ensinado,
Aonde sente amor logo se inclina.
E tu, que de divina
Não tens menos que Venus, e Cupido
Porque, si quer co' ouvido,
Hum Amor verdadeiro não soccorres?
Ah! porque te não corres
De que o Leão te vença em piedade,
Si não te vence Venus em beldade?

FRANDOSO.

A mi não me faltava o que se preza
Entre os Celestes Deoses, que formaram
A tua mais que humana formosura;
Em mim os voluntarios Ceos faltaram;
Em mim se preverteu a Natureza
De huma cruel formosa creatura,
Mas pois, Belliza dura,
Que do mais alto Ceo a nós vieste,
E em teu peito celleste
Hum tal contrario póde apascentar-se,
Não he contrario achar-se
Tamanha fé tão mal agradecida.
Perca quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flores;
A doce Phylomella me entristece,
Todo contentamento me atormenta,
Com a contemplação dos teus amores;

Digitized by Google

As festas dos Pastores
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando:
Oh cruel! até quando
Hade durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que soffre tal tormento.

Para que é citar mais? Em cada Ecloga, que examine, encontrará o Leitor iguaes, ou maiores bellezas deste, ou de outro genero, que collocam seu Author acima, e muito acima, de todos os Bocolicos do affamado seculo de quinhentos.

Posto que Luiz de Camões cultivasse com esmero a poesia italiana, introduzida em nossa lingua por Sá de Miranda, e tornada de moda pelo Doutor Antonio Ferreira, nem por isso seguio o exemplo deste, que teve em tanto menoscabo a antiga poesia nacional, que nem um só verso nos deixou naquelle gosto.

Camões pelo contrario a cultivou, e levou ao grau de perfeição, de que era susceptivel, porque era do seu fado ou abrir caminhos novos, ou aperfeiçoar quanto os outros haviam feito. Uma parte das suas rymas pertence á Eschola dos Trovadores, e não sam estas as que menos abonam a fecundidade do seu estro, e a flexibilidade do seu talento. Vêjam-se as suas Redondilhas sobre o thema « *super flumina Babylonis,* tão louvadas pelos Criticos Nacionaes, e ainda mais pelos Estrangeiros; vêjam-se tantas Voltas cheias de graça, e de chiste, tantas Coplas eroticas, e satyricas cheias de veia, e de elegancia, e sobre tudo animadas de uma versificação fluida, harmoniosa, e corrente, que os antigos Trovadores nunca conheceram, e que compõem esta segunda parte das suas rhythmas. Parece impossivel que um homem só, no meio de perseguições, e dos trabalhos de uma vida errante, e miseravel, podesse moldar-se a todos os generos de composição, e deixar modelos em todos elles: quando penso nisto, confesso que até me envergonho de apontar algum descuido, de notar algum leve deffeito em tal Escriptor, que os desconta, e compensa com tanta multidão de bellezas! E muito mais quando me lembro de que não foi elle

Digitized by Google

quem publicou as suas Poesias, nem teve tempo para as limar, e corregir para o prélo.

O caracter habitual destas Poesias de Camões é a engenuidade, e singelleza dos pensamentos unidas á brandura, e graça da expressão, é isto, que se observa nas Coplas a uma Dama, que tinha o sestro de jurar pelos seus olhos.

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento
Que se faz aggravo a elles
Não crêr tão gran juramento.

Porém como em casos taes
Ando já visto, e corrente,
Sem outros certos signaes,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido que mente.
Então vendo-lhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crêr,
Só pela não constranger
A jurar falso por elles.

Pergunto agora si é possivel ter mais espirito, mais delicadeza de expressão, e córar com mais graça uma censura?

As Glosas, isto é, o descorrer em uma combinação dada de rymas sobre o assumpto apresentado em um motte, proprio, ou alheio, ampliando, ou alterando o sentido, e repetindo no fim de cada glosa o verso do motte, que se tomou para assumpto, foi sempre um exercicio, em que os nossos Poetas folgaram de alardear seu engenho; e sempre, em Portugal, e Hespanha, os Amadores da Poesia se pagaram muito destes improvisos; Camões mostrou neste genero a mesma superioridade, que nos outros.

Digitized by Google

MOTTE ALHEIO.

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora tristes,
Que os dias, em que me vistes
Alegre, já sam passados.

VOLTAS.

Campos cheios de prazer,
Vós, que estaes reverdecendo,
Já me alegrei com vos vêr,
Agora venho a temer
Que intristeçaes em me vendo.
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vêjaes,
Para que sempre sejaes
Campos bemaventurados.

Porém, si por accidente
Vos pesar do meu tormento,
Sabereis que amor consente
Que tudo me descontente,
Sinão descontentamento.
Por isso vós, Arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Si mos quereis fazer lêdos
Mostrai-vos agora tristes.

Já me vistes lêdo ser,
Mas depois que o falço amor
Tão triste me fez viver,
Lêdos folgo de vos vêr,
Porque me dobreis a dôr.
E se este gosto sobejo
De minha dôr me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas, em que me vêjo,
Que os dias em que me vistes.

Digitized by Google

O Tempo, que he desigual,
De seccos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Si perguntaes, verdes prados,
Pelos tempos differentes,
Que de amor me foram dados,
Tristes, aqui sam presentes,
Alegres já sam passados.

Estes versos respiram ternura, e melancolia, e sentimento profundo dos desgostos, que opprimiram o Author: os seguintes tornam-se igualmente notaveis pelo mimoso da pintura, e a singelleza dos sentimentos; é preciso confessar que ninguem entre nós possuio no mesmo grau que Camões aquella graça de estylo, que os Francezes designam pela palavra *naivité*, e em que tanto se destinguio Lafontaine.

MOTTE PROPRIO.

Na fonte está Leonor
Lavando a talha, e chorando,
A's amigas perguntando,
« Vistes lá o meu Amor? »

VOLTAS.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Heram suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
A's amigas perguntando,
« Vistes lá o meu Amor? »

O rosto sobre huma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cançados
Algum descanço lhe dão,

Digitized by Google

Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dôr, e em si tornando,
Mais pesada sente a dôr.

Não deita dos olhos agoa,
Que não quer que a dôr se abrande,
Amor, porque em magoa grande
Secca as lagrimas a magoa.
Depois que do seu Amor
Soube novas perguntando
De improviso a vi chorando,
Olhai que estremos de dôr!

Percorram-se todas as poesias, contheudas no Cancioneiro de Resende, e nos outros Cancioneiros, e vêja-se se ali ha cousa que corresponda, já não digo que iguale, pela variedade, elegancia de expressão, abundancia de quadros, e harmonia versificatoria, a Carta a uma Dama, que vamos transcrever.

CARTA.

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria
Vi a Amor, que me dizia
« Escreve que eu notarei. »
E como para se lêr
Não era historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna,
Com que me fez escrever.

Não é acaso no estylo de Ovidio este exordio tão poetico? É o Amor que nota a Carta, e é com uma penna tirada das suas azas, que o Poeta escreve: occorreria isto a Bernardim Ribeiro, a Christovão Falcão, ou Resende, que sam, os primeiros dos nossos Trovadores? E quando lhe occorresse, saberiam elles exprimir este pensamento com tamanha viveza, e graça?

Digitized by Google

E logo, como a tirou,
Me disse; «Aviva os espritos,
»Que pois em teu favor sou,
»Esta penna, que te dou,
»Faça vôar teus escriptos.»
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que pozesse,
Pude emfim delle dizer
Que me deu com que escrevesse
O que me deu a escrever.

Eu que este engano entendi
Disse-lhe: «Que escreverei?»
Respondeu dizendo assi,
»Altos effeitos de mi,
»E daquella a quem te dei;
»E já que te manifesto
»Todas minhas estranhezas,
»Escreve, pois que te prezas,
»Milagres de hum claro gesto,
»E, de quem o vio, tristezas.»

Ah, Senhora, em quem se apura
A fé do meu pensamento!
Escutai, e estai attento,
Que com vossa formosura
Iguala Amor meu tormento.
E posto que tão remota
Estejaes de me escutar,
Por me não remediar;
Ouvi, que, pois Amor nota,
Milagres se ham de notar.

Escrevem varios Authores
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os Moradores
Vivem do cheiro das flôres,
Que nascem naquelle monte,
Si os sentidos podem dar
O mantimento ao viver,
Não he logo de espantar,

Digitized by Google

Si estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos vêr.

Esta tradicção popular de que os moradores das cercanias da fonte do Ganges se sustentam do cheiro das flores, é aqui mui bem trazida para o intento do Poeta, seria porém grande injustiça ao seu bom senso, o julgar alguem que elle tinha por verdadeira esta Fabula.

Huma Arvore se conhece
Que na geral alegria
Ella tanto se entristece,
Que como he noite floresce,
E perde as flores de dia.
Eu que em vêr-vos sinto o preço,
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de vêr-me triste.

Falla o Poeta aqui da famosa *Arvore Triste* tão conhecida na Asia, e cuja origem poetica se depara na historia de Saladino, um dos mais bellos trechos da *Lusitania Transformada*, de Fernão Alvares do Oriente, e n'um Poemeto de Francisco Rodrigues Lobo, impresso na *Phenix Renascida*.

Hum Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque sendo costumado,
Não lhe podesse empecer,
Si depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Sinão quando me fallece.

Quem da doença real
De longe Enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são, vendo sómente

Digitized by Google

Hum volatil animal.
Do mal, que Amor em mim cria,
Quando aquella Phenix vêjo
São de todo ficaria;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.

Da Vibora he verdadeiro,
Si a Consorte vai buscar,
Que em se querendo juntar
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar.
Assi quando me apresento
A' vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque damna
Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva,
De huma Estatua namorar-se;
Depois por manifestar-se
Converteu-a em Mulher viva:
De quem me hirei eu queixando,
Ou quem direi que me engana,
Si vou seguindo, e buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vai tornando?

De huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Si falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora, tyrannisaes,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa vêr mais.

Da Palma se escreve, e canta,
Ser tão dura, e tão forçosa,

Digitized by Google

Que peso não a quebranta,
Mas antes, de presumpsosa,
Com ella mais se levanta.
Co' peso do mal, que dais,
A constancia, que em mim vêjo
Não sómente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Si alguem os olhos quizer
A's Andorinhas quebrar,
Logo a May, sem se deter,
Huma herva lhe vai buscar,
Que lhes faz outros nascer.
Eu, que os olhos tenho attento
Nos vossos, que Estrellas são,
Cegam-me os do Entendimento,
Mas nascem-me os da Razão,
De folgar em meu tormento.

Si para onde o Sol sahe,
Descobrimos, navegando,
Hum novo Rio admirando,
Que o lenho, que nelle cahe,
Em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as Gentes;
Mais razão será que espante
Hum coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se converte em diamante.

Póde hum bruto nadador
Na linha, e cana influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do Pescador.
Si começam de beber
Deste veneno excellente
Meus olhos sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada, que se apresente.

Digitized by Google

Por esta Estrophe vê-se, que o Poeta tinha conhecimento do peixe, que os Naturalistas designam pelo nome de *Gymnotus Electricus*.

Isto sam claros signaes
Do muito, que em mim podeis,
Nem podeis desejar mais:
Que si vêr-vos desejais,
Em mim claro vos vereis.
E quereis vêr a que fim
Em mim tanto bem se poz?
Porque quiz Amor assim
Que, por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim.

Dos males, que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, si mos escutais
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
Amor por mais padecer!
Que aquella vista excellente
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vela se intende,
Que si se apaga c'o vento,
C'o mesmo vento se accende.

Exprimentou-se alguma hora,
Da Ave, que chamam Camão,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera a Senhora

Digitized by Google

Morre de pura paixão.
A dôr he tão sem medida,
Que remedio lhe não val,
Mas, oh ditoso animal,
Que póde perder a vida
Quando vê tamanho mal.

Ainda não achei esta Ave mencionada em algum Naturalista! Mas si ella tinha a condiçção, aqui apontada, e foi algum tempo moda te-las em casa, é muito probavel que se extinguisse esta especie, morrendo todas pela razão, que o Poeta aponta.

Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Si não fôra salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
Sam assi como as Harpias,
Que as mais doces iguarias
Vam converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
Não poder jámais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos, que tenho escripto,
C'os males, que heide escrever.
Não quero que se apregôe
Mal tanto para encobrir
Porque em quanto aqui se ouvir
Nenhuma outra cousa sôe,
Que a gloria de vos servir.

As poesias satyricas do Cancioneiro de Resende passam, e com razão, pelas melhores daquella collecção, mas entre todas ellas não se acha cousa, que valha estas Endechas a uma Dama feia, e de má condicção.

Digitized by Google

Vós sois huma Dama
Das feias do Mundo,
De toda a má fama
Sois cabo profundo.

A vossa figura
Não he para vêr,
Em vosso poder
Não ha formosura.

Vós fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeita beldade
De vós he tirada.

Sois muito acabada
De taixa, e de glosa,
Pois quanto a formosa
Em vós não ha nada.

Do gran merecer
Sois bem apartada,
Andais alongada
De bem parecer.

Bem claro mostrais
Em vós fealdade,
Não ha hi maldade
Que não precedais.

De fresco carão
Eu vos vêjo ausente,
Em vós he presente
A má condição.

De ter perfeição
Mui alheia estais:
Mui muito alcançais
De pouca razão.

Ou estas Coplas a uma Dama resando por umas contas.

Digitized by Google

Peço-vos que me digaes
As orações, que resastes,
Si sam pelos, que matastes,
Si por vós, que assi mataes:
Si sam por vós, sam perdidas,
Que qual será a Oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que si vêdes quantos vam
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir
Si vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão promptas,
Que si em huma trazeis contas,
Em outra trazeis espada.

Si dizeis que encommendando
Os que matastes andais;
Si resaes por quem matais
Para que matais resando?
Que si na força de orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Não as ergueis para Deos,
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê
Para nunca vêrem mais.
Pois se assim forem tractados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
Sam as horas dos finados.

Pois logo si sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não reseis onde vos vêjam,
Ou vêde para dar vida;
Ou si quereis excusar

Digitized by Google

Estes males, que causastes,
Resuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Ha algumas Coplas de Camões, que pelo seu pico, e mordacidade, merecem mais o nome de Epigrammas, que os de Ferreira, e Caminha. Tal é esta a certo fidalgo, que havendo-lhe promettido uma camiza, se não lembrára de cumprir a promessa

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Deve trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que Vossa Mercê,
Largueza tem por divisa
Como o Mundo todo vê,
He mister, que tanto dê,
Que venha a dar a Camiza.

E esta sobre o desconcerto do Mundo.

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos,
E para mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado,
Assim que só para mim
Anda o Mundo concertado.

E esta a certa Senhora, que lhe chamou Diabo.

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo
Vos queira tanto o Diabo.
Dais manisfesto signal
Da minha muita firmeza,

Digitized by Google

Que os Diabos querem mal
Aos Anjos por Natureza.

E finalmente esta dirigida a D. Antonio, Senhor de Cascaes, que havendo-lhe promettido seis Gallinhas recheadas por ums versos, que lhe fizera, lhe mandou metade de uma por principio de pagamento.

Cinco Gallinhas, e meia
Deve o Senhor de Cascais,
E a meia vinha cheia
D'apetite para as mais.

Affirmam alguns Biographos do Poeta, sendo um delles Manoel de Faria e Sousa, que elle tivera amores com uma escrava preta, chamada Barbara, que vendia mexilhões, e ás vezes o soccorria com os seus pequenos lucros; este amor não é de admirar em homem, que gastára parte da vida perigrinando pela Asia, e além disso a belleza é de todas as côres. Parece que houve quem o censurasse desta paixão, ou capricho, e o Poeta respondeu a este reparo com os seguintes versos tão graciosos, e cheios de suavidade, que Anacreonte de certo não se enfadaria de lhos attribuirem.

Aquella Captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi Rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no Ceo Estrellas,
Me parecem bellas
Como os meus amores,
Rosto singular,
Olhos socegados
Pretos, e cançados,
Mas não de matar.

Digitized by Google

Huma graça viva,
Que nelles lhe mora
Para ser Senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos
Onde o Povo vão
Perde opinião
Que os Louros sam bellos.

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr.
Lêda mansidão,
Que o siso accompanha
Bem parece estranha,
Mas Barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa;
Nella emfim descança
Toda a minha pena.
Esta he a Captiva,
Que me tem captivo,
E pois nella vivo,
He força, que viva.

Creio que não faltará quem lendo estes versos se persuada que Luiz de Camões estava doudo de amores pela gentil negrinha, e não ousarei dizer que não tem razão para isso; eu com tudo me não capacitarei de tal tão facilmente, porque me lembro da resposta dada pela Ama do Doutor Swift a uma Lady, que lhe dava os parabens de ser amada por homem de tanto engenho, e que tanto a celebrava nos seus versos. « Ah Senhora, dizeis isso, porque não sabeis que o Deão é capaz de dizer ainda finezas mais ternas, e cousas mais galantes em verso, á vassoura, com que eu varro a casa! »

De proposito me tenho demorado com as poesias de Camões no antigo estylo nacional, porque me tem mostrado a experiencia que é esta a parte de suas Obras, que

Digitized by Google

menos se lê, e que por essa razão se lhe não dá o apreço, que merecem, e por isso julgo necessario chamar para ellas a attenção dos Leitores, a fim de que melhor se conheça quanto o nosso Homero era superior a quantos o precederam.

Luiz de Camões deixou trez Comedias, de que os Criticos, e os seus Editores tem fallado como de cousa pouco importante, e composições de rapaz. Eu pelo contrario as tenho como objecto de grande monta, porque descubro nellas tantos vestigios de um grande talento Dramatico, que estou convencido de que si Camões tivesse tido a fortuna de nascer em uma Cidade, onde houvesse um Theatro público, e permanente, e elle ali vivesse vida socegada, e desabafada de miseria, teria sido o Lope de Vega Portuguez, e desputaria a palma da Scena ao Castelhano, qualquer que seja o seu merito, que na verdade é extraordinario, e que ninguem aprecia mais do que eu.

« As Comedias de Camões sam no gosto de Gil Vicente » dizem os Criticos com uma indifferença verdadeiramente comica, e presumem que tem dito tudo.

Seguio, é verdade o systema de Gil Vicente, e o preferio á fórma pedantescamente classica de Sá de Miranda, e Ferreira, e nisso vêjo eu a primeira prova do tino Dramatico, de que era dotado.

Mas esses Criticos myopes não tiveram vista para descubrir o progresso da arte, que se manifesta nas Comedias de Camões. Ha nellas Fabula bem ordenada, acção progressiva, melhor ligação de scenas, que no seu modello, desenredo facil, e natural, caracteres bem sustentados, dialogo vivo, rapido, gracioso, e elegante sem com tudo sahir da esphera da Comedia, não se fatiga a attenção do Leitor com conversas prolixas, e monologos fastidiosos como nos Dramas de Ferreira, e Miranda, ou com as bravatas exaggeradas, e estravagantes, que nellas observamos.

A primeira Comedia que se intitula *El-Rei Seleuco*, versa sobre o facto historico de Seleuco I., que havendo-se, já em idade avançada, casado com a formosa Stratonica, a cedeu a seu filho, que estava a ponto de perecer pela desatinada paixão, que sua Madrasta lhe inspirava. O as-

Digitized by Google

sumpto era um pouco melindroso para apresentar-se em Scena, mas o Poeta soube tirar-se delle sem comprometer os caracteres das suas Personagens.

Para prova do grande talento Dramatico de Camões, citarei uma unica Scena desta Comedia.

O Medico do Principe, pela alteração do seu pulso, quando a Madrasta está presente, conhece que a causa da sua enfermidade é a paixão irresistivel, que por ella concebeu. Descobre logo o unico remedio, que póde sara-lo, mas a difficuldade está em fazer sciente o Rei deste segredo; era na verdade cousa mui ardua o propôr a um marido velho, casado de pouco, e de mais a mais Rei, o ceder sua mulher a um rival, e que rival? seu proprio filho; e com tudo o Medico por seus artificios consegue collocar o Rei em circumstancias taes, que não póde deixar de annuir: ouçamos as Personagens.

REI.

Neste mal, que não comprendo,
Que meio dais de conselho?

MEDICO.

Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo
Yo quisiera nó entendello.

REI.

Porque?

MEDICO.

Porque hê entendido
Lo mas malo de entender
Para lo que puede ser,
Porque anda, Señor, perdido
D'amores por mi muger.

REI.

Santo Deos! que! tal amor
Lhe dá doença tão fera?
Que remedio achais melhor?

Digitized by Google

MEDICO.

Forçado será que muera,
Por que no muera mi honor.

REI.

Pois como? a hum só Herdeiro
Deste Reino não dareis
Vossa Mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não o engeiteis.
Dai-lha pois, porque eu espero
De vos dar dinheiro, e honras
Quanto eu para elle quero.

MEDICO.

No tira el mucho dinero
Las manchas de la deshonra.

REI.

Ora bem pouco defeito!
He pequice conhecida
Quando deixa de ser feito,
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveito.

MEDICO.

Quam facilmente aposfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió
Vestra Alteza que haria
Si agora fuesse yo?

REI.

A Mulher, que eu tivesse,

Digitized by Google

Dar-lha-hia; e oxalá
Que elle a Rainha quizesse.

MEDICO.

Pues de-la, si le parece,
Que por ella muerto está.

REI.

Que me dizeis?

MEDICO.

La verdad.

REI.

Sem dúvida tal sentistes?

MEDICO.

Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, aora tomad
Los consejos, que me distes.

REI.

Certamente que eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? porque via?

MEDICO.

Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oia.

REI.

E que maneira hade haver?
Que eu certo me maravilho
Possa mais o Amor do Filho

Digitized by Google

Do que póde o da Mulher.
Finalmente heide-lha dar,
Que a ambos conheço o centro,
Quero-o hir alevantar,
E hiremos para dentro
Neste caso praticar.

Eis aqui um Dialogo cerrado, vivo, sem inutilidades e cheio de artificio; estou certo que nem Moliere, nem Goldoni, os dous maiores mestres da Comedia moderna, se tirariam mais airosamente de situação tão delicada, do que o fez aqui um Poeta moço, sem experiencia de Theatro, mas a quem o Genio revelava os segredos da arte.

Maior progresso de arte se observa no Amphitrião, assumpto, que o Poeta tomou de Plauto, manejando-o tanto a seu modo, que um Leitor, que não conhecesse a Comedia latina, sem difficuldade julgaria esta por inteiramente original. Já aqui se encontra uma Fabula regularmente composta, e caracteres bem desenvolvidos, posto que os costumes estejam inteiramente modernisados, sem que isso comtudo enfraqueça a força, e interesse das situações. Nada mais gracioso que as scenas burlescas entre Sosia, e Mercurio, que toma a sua figura, como Jupiter toma a figura de Amphitrião para enganar Alcmena. Vêjamos a Scena VI. do Acto II. em que Mercurio pela primeira vez sahe ao encontro de Sosia, que vem do Porto para casa com um recado de Amphitrião.

MERCURIO.

Mil vezes comigo vêjo,
Para que meu Pai se affoute,
Pois em tão pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noite,
A' medida do desejo.
E pois que como possante
A mi todo se reporta,
Chego agora neste instante
A estorvar que este bargante
Me não chegue a esta porta.

Digitized by Google

SOSIA.

No sê que miedo, ó locura
Neste pecho se me cria:
Por Dios, que se mi afigura
Que hay mucho, que es noche escura,
Sin que venga el claro dia:
Mas sabed que pienso yo
Que el Sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que a noche quando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

MERCURIO.

Já sentes comprida a noite,
Que eu assim mandei fazer?
Pois mais te quero dizer
Que sentirás muito açoite,
Si cá quizeres vir ter.
Porém pois este bargante
Tem medroso coração,
Quero-me fingir Ladrão
Ou Phantasma, e por diante
Não hirá si vem á mão.
E com tudo, si passar,
A falla quero mudar
Na sua de tal feição,
Que couces, e porfiar
Lhe façam hoje assentar
Que sou Sosia, e elle não.
No veo passar nenguno,
En quien yo me pueda hartar.

SOSIA.

A quien oigo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera apporrear.

Digitized by Google

MERCURIO.

La carne d'algun humano
Me sería mui sabrosa.

SOSIA.

Oh! que vos tan temerosa!
Hombres comes, oh mi hermano!
No es mejor otra cosa?
Carne humana es mui mesquina!
Oh! no comas d'esso, no!
Antes carne de Gallina.
Pero si mas s' avicina
Que mas Gallina que yo?

MERCURIO.

Una voz de hombre agora
A la oreja me voló.

SOSIA.

Pesele quien me parió!
La voz traigo voladora?
Ella quisera ser yo.
Pues mi voz pudo volar
Dó la pudiesses oir,
Por contigo no reñir
Me debiera de prestar
Las alas para huir:

MERCURIO.

Que buscas cabe essa puerta,
Hombre? sê que eres Ladron.

SOSIA.

Ai! que el alma tengo muerta!

Digitized by Google

Oh! Jupiter me convierta
Las tripas en coraçon.

MERCURIO.

Quien eres? quieres hablar?

SOSIA.

Soy quien mi voluntad quiere.

MERCURIO.

Piensas que puedes burlar?

SOSIA.

Y tu puedesme quitar
Que yo sea quien quisiere?

MERCURIO.

Osas hablar tan osado?
Don Vellaco beberron!
Di quien eres?

SOSIA.

Un Criado
Del Señor Amphitrion.
Por nombre Sosia llamado.

MERCURIO.

Pienso que el siso perdiste,
Como te llamas, mal hombre?

SOSIA.

Sosia soy, si no me oiste.

Digitized by Google

MERCURIO.

Como? en persona tan triste
Osas de ensuciar mi nombre?
Éstos puños lhevarás
Pues tener mi nombre quieres,
Queresme decir quien eres?

SOSIA.

Oh Señor, no me des mas,
Que yo sere quin tu quisieres.

MERCURIO.

Con tan nova falsedad
Andais por esta Ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosia, tomad.

SOSIA.

Si me das por la verdad,
Que me harás por la mentira?

MERCURIO.

Y que verdad es la tuia?
Que te quiero dar castigo.

SOSIA.

Si no soy Sosia que digo,
Que Jupiter me destruia.

MERCURIO.

Mirad el falso inemigo!
Tomad esso bofeton,
Que yo soy Sosia, e no vos.

Digitized by Google

SOSIA.

Tu Sosia!

MERCURIO.

Sosia por Dios,
Esclavo de Amphitrion.

SOSIA.

De modo que tiene dos!

MERCURIO.

No terá aunque tu quieres,
Que a mi solo conoció.

SOSIA.

Pues luego de quien soy yo?

MERCURIO.

Si tu no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? nó.

SOSIA.

Enfin, has me de hacer crer
Que yo no soy quien soy yo?

MERCURIO.

Quien solias ta de ser?

SOSIA.

Tregoas me has de prometer,
Dirto-lo hey sin porfia.

Digitized by Google

MERCURIO.

Prometo.

SOSIA.

No me daras?

MERCURIO.

No, si no fuere rázon.

SOSIA.

Pues, hermano, ta sabras,
Que mi amo Amphitrion....

MERCURIO.

Tu amo? pues llevaras,
Mi amo es, que tuio nó.

SOSIA.

Ai que un braço me quebró.

MERCURIO.

Mas que luego te matasse.

SOSIA.

Ojalá Dios ordenasse
Que tu aora fuesses yo,
Y yo que te desmembrasse.

MERCURIO.

Essa tu tema tan loca
Puñadas te la han de quitar,
Dime, oh, verguenza poca,
Que hablas?

Digitized by Google

SOSIA.

Que puedo hablar?
Si me has quebrado la bocca?

MERCURIO.

Di quien eres sin fatiga.

SOSIA.

Soy un hombre, en quien tu das.

MERCURIO.

Dime pues que nombre has.

SOSIA.

Como quieres tu que diga
Para que no me des mas?

MERCURIO.

No me has de hablar contrahecho.

SOSIA.

Toda mi vida passada
Sosia fui, y con despecho
Aora soi.... que?... soy nada.
Que tus manos me han deshecho.

MERCURIO.

Cuyo eres, pues los sientes,
Dexando consejos vanos?
La verdad, que si me mientes
Das con la lingua en los dientes,
Y yo doite con las manos.

Digitized by Google

SOSIA.

Conoces Amphitrion?

MERCURIO.

Hombre sin seso te llamo,
Tan fuera estas de razon!
Piensas de mi, bevarron
Que no conosco a mi Amo?

SOSIA.

En su casa conociste
Uno que es Sosia llamado,
Hombre despreciado, y triste?

MERCURIO.

Dessa suerte lo dixeste!
Yo soy triste, y despreciado?
Pues sabe que te llegó
A la muerte tu fortuna.

SOSIA.

Pues luego si yo no soy yo,
Aunque nadie me mató,
Soy luego cosa ninguna.
Oh Dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto,
O morime la razon?
Yo no soy d'Amphitrion?
Y no me mandan del puerto?
Yo sê que no estoi loco,
De mi madre no naci?
No ando? no hablo aqui?

MERCURIO.

Pues sociega aora hum poco,

Digitized by Google

Que yo tambien diré de mi.
Yo no sê que yo soy yo?
Yo no te di con mis manos?
Mi Señor no me llevó
A la guerra, a dó mató
A quel Rey de los Thebanos?

SOSIA.

Yo esso mui bien lo sê.
Empero tu que hacias
Quando la batalla vias?

MERCURIO.

Escucha, yo lo diré,
Y cessaran tus profias.
Quando mi Señor andava
Peleando, y derramava
Lu sangre de algun mesquino,
Con una bota de vino
Yo lo mio accrescentava.

SOSIA.

Dice lo que yo hacia!
Con todo saber querria
Sola una cosa, si puedo,
Tu pecho entonces sentia...

MERCURIO.

De bever grande alegria,
Y del pelear gran miedo.

SOSIA.

Y despues?

MERCURIO.

Mui reposado
A dormir me echê de grado,
Desde el Sol hasta la Luna.

Digitized by Google

SOSIA.

Todo lo tiene contado.
Alfin tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna.
Pues de todo en un instante
Me has echado de mi fuera,
Aconseja-me si quiera
Que seré daqui adelante,
Pues no soy quien d'antes era.

MERCURIO.

Quando yo no ser quisiere
Esse que tu ser deseas,
Despues que yo Sosia no sea,
Darte hey, si te pluguiere,
Licencia que todo seas.
Y acojote luego amigo,
A buscar tu nombre digo,
Pues Dios vida te dexó,
Que el Sosia quedó amigo.

SOSIA.

Pues contigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.
Aora quiero hir alla
A do mi Señora esta,
Contar le como es venido
Mi Señor.... mas oh perdido!
Si un otro yo tiene alla
Todo lo tenia sabido.

MERCURIO.

Ah Hombre!

SOSIA.

Mi voz sonó!

Digitized by Google

MERCURIO.

Adonde vuelves aora?

SOSIA.

Por Dios no sê onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena és mi Señora.

MERCURIO.

Adonde vas?

SOSIA.

Con message
Para Alcmena.

MERCURIO.

Adó, Selvaje?
Pues quebraste la omonaje
Ahi veras tu perdicion.
Yo doite consejos sanos,
Y porfias otra vez?

SOSIA.

Altos Dioses Soberanos
Pues no me valen las manos,
Aqui me valgan los pies.

E' verdade que a situação é de Plauto; mas o dialogo é de Luiz de Camões, e esse dialogo é rigorosamente comico. Faz riso, e dó a confusão do pobre Sosia, que atarantado do que ouve, e das pancadas que leva, chega a persuadir-se que não é nada; igual chiste tem a Scena II. do Acto III. entre Amphitrião, e Sosia. A quarta do mesmo Acto entre Amphitrião, Alcmena, e Sosia: é igualmente bem concebida, bem executada, e summamente theatral a Scena I. do Acto IV. entre Jupiter, Alcmena,

Digitized by Google

e Sosia; e finalmente todo o Acto V. em que Amphitrião, attonito do que passa, se vê reduzido quasi a endoudecer. Confesso que em todas as Obras de Gil Vicente não encontro uma composição, que possa comparar-se com esta Comedia, que estou bem certo que, representada por bons Actores, ainda hoje seria applaudida no theatro.

A terceira Comedia de Camões tem por titulo *Filodemo*, e foi o primeiro modêlo daquellas Comedias de fabula emburilhada, que por tanto tempo reinaram no Theatro Hespanhol, e de que se encontram tantas entre as Obras dos seus mais famosos Poetas Dramaticos como Lope de Vega, Calderon, Moreto, Roxas, e Alarcon. O seu assumpto é o seguinte.

Havendo certo Fidalgo Portuguez, que andava na Costa de Dinamarca, agradado tanto á filha d'El-Rei, que achando-se a Princeza, em consequencia desses amores, ameaçada de passar de Donzella a Dona, tomaram ambos o unico partido, que lhe restava, que era fugir daquelle Reino.

Chegados á Costa de Hespanha, aonde elle tinha grandes possessões, sobreveio horrivel tempestade, que despedaçou o navio nos rochedos, perecendo todos os que nelle vinham, á excepção da Princeza, que pôde ganhar a terra sobre uma prancha, porém, apenas havia sahido em terra, deu á luz dous filhos, varão, e femea, e no mesmo momento expirou.

Os choros dos innocentes chamaram áquelle logar um Pastor daquellas visinhanças, que compadecido tomou conta delles, e os levou para sua casa, onde foram creados.

O minino, a quem deram o nome de Filodemo, levado de inclinação natural, abandonou os campos dirigindo-se a uma cidade, aonde por sua discrição, e pericia na musica alcançou grande valia em casa de D. Lusidardo, que era irmão de seu Pai.

Ignorando o parentesco, que os ligava, namorou-se de Dionisia, filha de seu amo, e foi correspondido nos seus amores; ao mesmo tempo que Venadoro, filho de D. Lusidardo, que era muito dado ao exercicio da caça, seguindo um Viado, separou-se dos companheiros, foi dar a uma fonte, onde Filomena, irmãa de Filodemo estava enchendo o seu cantaro, e de modo se apaixonou por ella,

Digitized by Google

que não quiz mais apartar-se daquelle sitio. Lusidardo, depois de have-lo procurado largo tempo, sabendo por um Magico, chamado Duriano, que os orfãos eram seus sobrinhos, os reconhece como taes, e consente nesta união.

Esta Comedia a quem caberia melhor o nome de Novella Dramatica, destingue-se das outras em ter algumas Scenas escriptas em prosa como alguns Dramas de Shakespeare, assim dous Poetas de nações tão diversas, e que então communicavam tão pouco, tomaram sem communicação alguma o mesmo caminho. Pela minha parte não posso approvar esta mistura em uma Peça, ha muita differença entre a prosa, e o verso, para que a passagem repentina de uma destas linguagens para a outra, no mesmo Drama, possa fazer-se sem que se resintam os ouvidos de um espectador milindroso.

No Filodemo acham-se as Scenas sérias matizadas com as jocosas, e de umas, e de outras ha muitas excellentes: tem variados, e interessantes caracteres, affectos vivos, e sobre tudo é bem dialogada, como póde vêr-se na Scena VII. do Acto I., em que o gracioso Velardo, que surprehendeo o segredo de seu amo, se exprime desta maneira.

VELARDO.

Ora bem esta a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da Cama
Para ouvi-lo! esta tomada!
Assim a tome má trama.
E mais crede que quem canta
Ainda descantará:
E quem do leito, onde está,
Por ouvi-lo, se levanta
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar
Que Dama formosa, e bella,
Saltasse o Demonio nella,
Para a fazer namorar
De quem não é igual della?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz Celestina,

Digitized by Google

Que por não lhe haver inveja,
Tambem para si deseja
O que o desejo lhe ensina?
Crede que si me alvoroço
Que a heide tomar por Dama;
E não será gran destroço,
Pois o amo quer a ama,
Que a moça queira o Moço.
Vou-me, que vêjo lá vir
Venadoro apercebido
Para á caça se partir.
E voto a tal, que he partido
Para vêr, e para ouvir.
Que he razão justa, e raza
Que seu folgar se desconte,
Em quem arde como braza;
Que si vai caçar ao monte
Fique outro caçando em casa.

É igualmente perfeito, em outro estylo, o dialogo da Scena II. do Acto III. entre Venadoro, e Florimena, junto da fonte onde a encontra.

VENADORO.

Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveu,
Dizei-me, por qual ventura
Andareis nesta espessura,
Merecendo estar no Ceo?

FLORIMENA.

Tamanho inconveniente
Andar na terra parece?
Pois a ventura da Gente
Sempre he mui differente
Do que, ao parecer, merece.

VENADORO.

Tal resposta he manifesto

Digitized by Google

Não se parecer co'as Cabras,
Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co'gesto
Sinão inda com palabras?
No matto tudo he rudeza,
Ha tal gesto, e discrição!
Não o creio.

FLORIMENA.

Porque não?
Não suprirá natureza
Onde falta a criação?

VENADORO.

Já logo nisso, Senhora,
Dizeis, si não sinto mal,
Que de vosso natural
Não hera serdes Pastora.

FLORIMENA.

Digo, mas pouco me val.

VENADORO.

Pois quem vos pode trazer
A' conversação do monte?

FLORIMENA.

Perguntai-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crêr
Hum as faça, e outro as conte.

VENADORO.

Essa fonte que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA.

Senhor, mais não perguntеis,

Digitized by Google

Porque outra cousa de mi,
Sabei que não sabereis.
De vós agora sabei,
O que não tendes sabido,
Si quereis agoa, bebei,
Si andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VENADORO.

Senhora, eu não vos pedia
Que ninguem me encaminhasse,
Que o caminho, que eu queria,
Si o eu agora achasse,
Mais perdido ficaria.
Não quero passar daqui,
E não vos pareça espanto,
Que em vos vendo me rendi,
Porque quando me perdi,
Não cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA.

Senhor, quem na Serra mora
Tambem entende a verdade,
Dos enganos da Cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual fôr mais sua vontade.

VENADORO.

Oh lindissima Donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como Estrella!
Quereis-me deixar a pena
E levas-me a causa della?
E já que vós conjurastes
Vós, e Amor para matar-me,
Oh não deixeis de escutar-me!
Pois a vida me tirastes,
Não me tireis o queixar-me!
Que eu em sangue, e em nobreza

Digitized by Google

O claro Ceu me extremou,
E a Fortuna me dotou
De grandes bens, e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui
Apoz hum Cervo ferido,
Permittio meu fado assi
Que andando dos meus perdido
Me venha perder a mi.
E porque inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem me ensinasse
Porque via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittio
A Fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o Cervo ferio
Vá como o Cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte
Eu a elle, outrem a mi!
Huma differença ha aqui
Que elle vai sarar á fonte,
E eu nella me ferí,
E pois que tão transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA.

Dos Arminhos ha certeza,
Si lhe a cova alguem çujar,
Morar fóra antes de entrar.
De estimar muito a limpeza
Pela vida a vai trocar.
Tambem quem na Serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser Pastora,
Que perder a castidade

Digitized by Google

A troco de ser Senhora.
Si mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim,
O que ella vio, ella o conte,
Porque eu vou-me para o monte
Porque ha já muito que vim.

Resta agora dar uma amostra da prosa comica de Camões, e será ella o monologo de Duriano, com que se abre o segundo Acto, escolho de pensado um monologo para que se conheça o tino dramatico de Camões, comparando este soliloquio tão breve, e tão rapido, o bem cortado de suas clausulas, e rhythmos tão apropriados á representação com as estiradissimas parlendas, que a cada passo se encontram nas Comedias de Ferreira, e Sá de Miranda, cuja verbosidade insoffrivel occupa ás vezes paginas inteiras, apurando a paciencia dos Leitores; e que faria a dos Espectadores se fosse possivel, que taes Dramas hoje subissem á Scena.

DURIANO.

Pois não creio eu em S. Pisco de pau, si heide pôr pé em ramo verde, the lhe dar trezentos açoutes. Depois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque não lhe mandei logo o setim para as mangas, fez de mim mangas ao Demo! Não desejo eu de saber sinão quem é o galante, que me succedeo!.. Que si vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado á minha!.. Ora tenho assentado que o amor destas anda com o dinheiro, como a maré com a Lua!.. Bolsa cheia, amor em aguas vivas; mas si se vasa, vereis espraiar este engano, e deixar em secco quantos gostos andavam como o peixe n'agua!

Temos visto até agora Camões superior em todos os generos de composição aos mais affamados Poetas Portuguezes do seu seculo; vêjamos agora como com o seu Poema se collocou a par dos Epicos de primeira ordem de todos os Paizes da Europa moderna.

Digitized by Google

CAPITULO II.

Os Lusiadas de Luiz de Camões.

—

Quando Luiz de Camões emprehendeu a composição dos Lusiadas não havia na Europa um só Poema vulgar, que podesse servir-lhe de guia. Que podia elle apprender da *Italia Liberata* de João Jorge Trissino, si não que seu Author succumbira debaixo do pezo do seu assumpto, e que imita-lo era um meio seguro, e infalivel para não ser lido? E' certo que podiam ensinar-lhe muito Dante na sua *Divina Comedia, Ariosto,* no *Orlando Furioso,* e Baiardo no *Orlando innamorate,* mas nesse muito, que elles podiam ensinar-lhe, não se comprehendia a urdidura, o estylo magestoso, a simplicidade de acção, e o colorido, e versificação propria de um verdadeiro Poema Heroico!

Camões era, como Shakespeare um Genio poderoso, e original, e abrio na Epopeia um caminho novo como aquelle o havia praticado no Drama. Em vez de cantar um heroe, e uma acção, como haviam praticado os antigos Epicos, cantou todas as acções grandiosas, e sublimes dos seus patricios, prepondo-as, e unindo-as com tanto engenho, e artificio, que soube fazer dellas um todo regular, e harmonioso: mas esta concepção era demasiadamente sublime para os homens do seu tempo, e por isso escapou aos seus admiradores, que só o louvavam pela belleza, e elegancia do estylo, e pela vivacidade pitoresca dos quadros; e aos seus detractores, que á força queriam fazer entrar nas molduras das regras de Aristotelles, um painel que não havia sido feito para ellas; foi por tanto louvado, e censurado sem ser comprehendido.

No intervallo, que decorreu desde o tempo da publicação dos Lusiadas, até ao seculo passado, sómente um

Digitized by Google

homem atinou com a idéa fundamental daquelle Poema, este homem era grande Poeta, este homem foi Rochefort, que deu aos Francezes a mais elegante traducção em verso, si não a mais fiel, da Iliada de Homero. Fallando de Luiz de Camões nas bellissimas, e eruditas prefacções da sua Obra, diz elle « *Um espirito tão ardente como o seu não podia deixar de produzir um novo genero de Epopeia.*

Sim, foi elle o primeiro, o unico até ao seu tempo, que comprehendeu a idéa do Poeta, porque só ao genio é dado comprehender o genio, e para traduzir Homero como Rochefort o traduzio, é condicção indispensavel o ter genio.

Luiz de Camões, considerando as façanhas dos Heroes Portuguezes, vio que a mais importante de todas pelos seus grandes resultados, não só para este Reino mas para a humanidade, era o descobrimento da India por Vasco da Gama; conheceu mais, que Portugal entregue aos Jesuitas, á Inquisição, e a um Governo dominado por estas duas potencias maleficas, principiava a decahir do pinaculo da gloria, a que havia subido, e que tanta grandeza adquirida á custa de tamanhas fadigas, e tanto sangue heroico generosamente vertido, hiria em breve sumir-se no esquecimento; quiz pois salvar este thesouro das glorias nacionaes imprimindo-as em um monumento, que resistisse á foice do Tempo, e que nos seculos futuros dissesse ao Mundo inteiro « Eis aqui o que foi Portugal, respeitai-o, Povos da Europa, porque nenhum de vós fez tanto. »

O Homero Portuguez, para conseguir este grande fim levantou no Parnaso uma Pyramide mais soberba, que todas as do Egypto; collocou Vasco da Gama no cimo, porque a sua acção foi o remate das façanhas Lusas, e nas quatro faces da mesma Pyramide grupou sem confusão em baixo relevo todas as proezas dos seus Reis, e dos seus Heroes antigos, e modernos. Nenhum homem ainda consagrou á sua Nação um Monumento tão brilhante!

Esta idéa era grande, sublime, original: mas para leva-la á execução, para reduzir á unidade tantas, e tão variadas acções de tão differentes tempos, era necessario um genio gigantesco, um homem tão essencialmente Poe-

Digitized by Google

ta como Luiz de Camões, e a prova é, que foi necessario a phylosophia do nosso seculo para comprehende-lo bem, e avalia-lo devidamente! E que será se nos lembrarmos que para tão grande empreza Camões achou uma lingua, que apenas começáva a depurar-se das fezes Godas; em que pouco se havia escripto, e, que podesse dizer-se bom, muito menos? Que Camões a aperfeiçoou, creando o dialecto poetico, separando-o da prosa, com que até ali andava confundido, elevando-o de repente a par dos magestosos quadros, que traçára em sua idéa creadora, introduzindo novas palavras, e novas fórmas de dizer tão elegantes, tão puras, que ainda não envelheceram, quando a linguagem dos seus contemporaneos se tem tornado em grande parte obsoleta?

Mal o avaliavam porém os Criticos myopes, que enfatuados de um saber pedantesco, e dominados pelos preconceitos escholasticos, se obstinavam em que os Lusiadas eram fundidos nos moldes da Iliada, e da Eneida, em que Vasco da Gama era o Heroe do Poema, e o descobrimento da India o seu assumpto, e em chamarem episodios á Historia do Reino, e a todas as narrações de façanhas de Heroes Lusitanos! Mal pensavam elles, que esses chamados episodios eram partes integrantes do assumpto, e que os episodios dos Lusiadas consistem apenas na parte mythologica, e em algumas descripções como a da Europa, e da Ilha dos Amores; a Historia de S. Thomé, as exclamações do Velho na praia, a narração de Monçaide, &c.

Com o mesmo fundamento atacaram o Titulo, e a Proposição, dizendo que o Poeta ignorava os principios da arte, porque no primeiro indicava muitos heroes, e não um só, e na segunda misturava episodios com a acção; mas pela razão acima apontada se vê, que o Titulo, e a Proposição eram o que deviam ser, e que os Criticos é que não os entendiam.

A maneira porque Luiz de Camões teceu a fabula do seu Poema é na verdade muito engenhosa, e cheia de artificio, mas como em todas as causas humanas se encontra o sello da imperfeição, cumpre confessar, que este plano é pouco favoravel para o grande desenvolvimento dos caracteres, mas o interesse, que resulta deste desen-

Digitized by Google

volvimento é sobejamente compensado pelo patriotismo ardente, e enthusiasmo pela gloria da patria, que passando do coração do Poeta para a sua Obra, fez dos Lusiadas o Poema mais nacional, e popular que até agora tem apparecido na Europa.

Alguns Criticos tem condemnado o Homero Lusitano por haver fundado o meravilhoso da sua Epopeia na Mythologia Grega, e Romana, que elles julgam inconveniente em um Poema de assumpto moderno, e cujos heroes são christãos; quizeram alguns defende-lo por meio da alegoria, e o Cardeal du Perron de Castera nas notas da sua traducção em prosa franceza não duvidou de affirmar, que por Marte se entendia Jesus Christo, e por Venus a Virgem Maria, na verdade que, si fosse assim, os symbolos não podiam ser melhor escolhidos!

Sem tomar tanto trabalho, sem gastar tanta subtileza, direi para defender Camões, que a mythologia no seu tempo, era considerada como parte essencial de toda a Poesia; que ella apparece, mais, ou menos, nos Poemas mais affamados da Italia, no Orlando de Baiardi, no de Ariosto, no Goffredo de Tasso, e até mesmo no *Parto da Virgem* de Sannazzarro, e porque hade fazer-se-lhe um crime de praticar o que todos praticavam, e de seguir a opinião do seu seculo?

Ainda mais, haverá alguem tão insensivel aos encantos da grande poesia, que negue que muitas das bellezas mais sublimes do Poema, como o Adamastor, a Ilha dos Amores, o Sonho d'El-Rei D. Manoel, a Pintura dos Paços de Neptuno, as Nymphas salvando as Náos, tem fundamento nessa mythologia, e que sem ella não existiriam? Não por certo; pois essa é a melhor defeza de Camões, porque um defeito que produz belleza de ordem superior, e em grande numero, já mais póde considerar-se defeito, si não pelas almas de gêlo, que raciocinam, e não sentem: para avaliar obras de imaginação é preciso ter imaginação, como para julgar de musica é necessario não ser surdo.

Um dos principaes predicados de Camões como Poeta Epico é a dexteridade de fundir a sua muita erudição na poesia, sem cahir na pezadez, e na pedantaria, como muitas vezes accontece a Vasco Mosinho de Quevedo no seu

Digitized by Google

Affonso Africano, em que parece que tem mais empenho em passar por erudito, que por Poeta.

O seu espirito phylosophico brilha nas sentenças, e moralidades cheias de bom senso, e que indicam grande conhecimento do mundo, com que deu realce ao seu Poema. É verdade que o Padre Francisco José Freyre na sua Arte Poetica as julgou demasiadas, tendo a multiplicidade das sentenças por mais propria da Tragedia; mas eu não posso ser desta opinião, nem acabo de entender que ao Poeta Tragico, que falla por entrepostas pessoas caiba mais liberdade para moralisar que ao Epico, que falla por si, e se supõe inspirado immediactamente por uma divindade.

Outros acham muito amiudadas as suas digressões, mas essas digressões sam tão patheticas, e cheias de interesse quando o Poeta falla de si, tão energicas, e vehementes quando o zêlo patriotico o leva a invectivar a corrupção dos costumes do seu seculo, a degeneração dos brios da nobreza, a ambição dos grandes, os abusos do Poder, que de certo não sei quem terá animo para condemnalos, quem ha ahi tão barbaro que deseje vêr supprimida as invectivas que elle faz no principio do Canto VII. contra as Nações da Europa, que se dilaceravam em discordias civis, e guerras religiosas, em proveito dos inimigos da fé.

Vêde-los Alemães, suberbo Gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do Successor de Pedro rebellado,
Novo Pastor, e nova Seita inventa:
Vêde-lo em feias guerras occupado,
Que inda co'cego error se não contenta:
Não contra o superbissimo Othomano
Mas por sahir do jugo soberano.

Vêde-lo duro Inglez, que se nomêa
Rey da velha, e antiquissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorêa:
Quem vio honra tão lonje da verdade?
Entre as Boreaes neves se recrêa,
Nova maneira faz de Christandade,

Digitized by Google

Para os de Christo tem a espada núa,
Não por tomar a terra que era sua.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rey
A Cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a Santa Ley
Da Cidade Hyerosolyma celeste;
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto,
E não contra o Cynipho, e Nilo Rios
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se ham de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz o nome, e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles, que em delicias
Que o vil Ocio no Mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divicias
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da Tyrannia innimicicias
Que o Povo forte tem de si innimigo:
Contigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesmo adversa.

Oh miseros Christãos! pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparsidos,
Que hums aos outros se dam a morte dura
Sendo todos de hum Ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de Cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pola guerra?

Vêdes que tem por uso, e por Decreto,
Do qual sam tão inteiros observantes,

Digitized by Google

Ajuntarem Exercito inquieto
Contra os Povos, que sam de Christo amantes;
E entre vós nunca deixa a fera Alecto
De semear zisanias repugnantes,
Olhai si estaes seguros de perigos,
Que elles, e vós, sois vossos inimigos.

Si cobiça de grandes Senhorios
Vos faz hir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo, e Hermo rios
Ambos volvem auriferas arêas?
Em Lidia, Assiria lavram d'ouro os fios,
Africa esconde em si lusentes veias,
Mova-vos já si quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa Santa.

Aquellas invenções feras, e novas,
De Instrumentos mortaes, de Artelharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bisancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás silvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scithia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgeanos
Bradando-vos estam, que o Povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão!... duro tributo!...
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queiraes louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas em tanto que cégos, e sedentos,
Andaes de vosso sangue, oh Gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena Casa Lusitana.
Na Africa tem maritimos assentos,

Digitized by Google

He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os Campos ára,
E, si mais Mundo houvera, lá chegára.

Aqui a elegancia do estylo, a viveza das imagens, a força da expressão, e do metro estam a par da elevação das idéas, e era esta a primeira vez que as Musas Lusitanas ousavam cantar neste tom. Dirá alguem que este bello trecho prejudica o Poema, ou é indigno da magestade da Epopeia?

Não é menos bella a digressão que se lê no Canto oitavo, Estança cincoenta e quatro sobre o escrupulo, que os Reis devem ter na escolha dos seus Conselheiros.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os Conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua Conselheira.

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa, e certa,
Que se enleve n'hum pobre, e humilde manto
Onde ambição acaso ande encoberta;
E quando hum bom em tudo he justo, e santo
Em negocios do Mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em só Deos prompta.

Esta doutrina é muito conforme com a boa razão, e a boa politica, e nella transflora o despeito patriotico do Poeta, vendo todos os negocios publicos mover-se pela influencia, e interesse dos Jesuitas, em quem D. Sebastião tinha uma confiança cega, e elle previa que disto viria, como veio, a ruina do Estado.

No Canto nove, Estança dezeseis tornou o Poeta de novo a censurar os erros daquella Côrte, governada por Frades, e os vicios dos Cortezãos, que uns, e outros de

Digitized by Google

tudo cuidavam, com tudo se entrometiam, mas sem lembrar-se de remediar as desgraças do povo.

Via Acteon na caça tão austero
De cégo na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero
Foge da gente, e bella fórma humana,
E por castigo quer doce, e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana,
E guarde-se não seja inda comido
Desses Cães, que agora ama, e consummido.

Quem se lembrar que D. Sebastião era, segundo a phrase da Escriptura *um poderoso Caçador diante do Senhor*, que com o engodo da caça o seu Confessor Jesuita, e o seu Escrivão da Puridade, irmão do Confessor, o traziam sempre fóra da Capital, para desvia-lo da conversação, e tracto dos Fidalgos velhos, carregados de serviços, e experiencia, e zelosos do bem público, facilmente conhecerá o alvo, a que é dirigido este tiro.

As pinturas dos Lusiadas sam cheias de movimento, de acção, verdade, e colorido; parece que não ouvimos o que narra o Poeta, mas que os factos se passam diante dos nossos olhos, tal é a seguinte do Canto primeiro.

Andam pela ribeira alva, arenosa
Os bellicosos Mouros accenando,
Com a adaga, e co'a hasta perigosa
Os fortes Portuguezes incitando;
Não soffre mais a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando,
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

Qual no corro sanguineo o lêdo Amante,
Vendo a formosa Dama desejada,
O Touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, accena, e brada!
Mas o animal atroce nesse instante
Com a fronte cornigera inclinada,

Digitized by Google

Bramando duro corre, os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põem por terra.

Esta comparação é original, e refere-se a um espectaculo privativo dos habitantes da Peninsula Iberica, mas parece traduzida de Homero pela viveza das côres, e a valentia da expressão. Prosigamos

Eis nos Bateis o fogo se levanta
Da furiosa, e dura Artelharia,
A plumbea pella mata, o brado espanta
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria;
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso!

Que abundancia! que viveza de colorido! que energia de expressão! que verdade! e que judiciosa escolha de circumstancias!

A plumbea pella mata, o brado espanta
Ferido o ar retumba, e assovia.

Sam dous versos, que Virgilio, e Homero invejariam, cheios de harmonia imitativa, e em toda esta Estança, não ha uma palavra ociosa, um termo improprio, um verso mediocre; e no Poema ha centenares dellas, de que póde dizer-se o mesmo; que admira pois que um Poema escripto desta maneira goze de uma reputação Europea!

Não se contenta a gente Portugueza,
Mas, seguindo a victoria, estrue, e mata,
A Povoação sem muro, e sem defeza
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou compra-la mais barata.
Já blasphema da guerra, e maldizia
O Velho inerte, e a Mãi, que o Filho cria.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,

Digitized by Google

A pedra, o pau, o canto arremessando,
Dá-lhe armas o furor desatinado,
Já a Ilha, e todo o mais desamparando,
A terra firme foge amedrontado.
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a Terra em torno cerca, em pouco espaço.

Huns vam nas Almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado deligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os Pangaios subtis da bruta gente,
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, e inimiga.

Tornam victoriosos para a Armada
C'o despojo da guerra, e rica presa,
E vam a seu prazer fazer agoada
Sem achar resistencia, nem defeza,
Ficava a Moura Gente magoada,
No odio antigo mais que nunca acceza,
E, vendo sem vingança tanto damno,
Sómente estriba no segundo engano.

Para descrever esta escaramuça com tamanha propriedade, e viveza, não bastava ser Poeta; era necessario juntar a esta qualidade as de Navegador, e Soldado, e haver presenceado, e tomado parte em factos identicos. Neste trecho só ha dous versos que me descontentam, não porque sejam ruins, mas porque descem um tanto da magestade de estylo do resto.

Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que hem cuidou compra-la mais barata.

É sobre tudo nas descripções maritimas, que mais realça o talento de Luiz de Camões, vêjam-se as Estanças quarenta, e cinco, e seguintes do mesmo Canto.

Digitized by Google

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos Bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o largo mar com larga véla:
A Gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della,
« Que Gente será esta? (em si diziam)
« Que costumes? que Leys? que Rey teriam? »

As Embarcações heram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas,
As vélas, com que vem, heram de esteira,
De humas folhas de Palma bem tecidas.
A Gente da côr hera verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao Mundo deu, de ousado e não prudente,
O Pado o sabe, e Lampethusa, o sente.

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias côres, brancos, e listados;
Huns trazem de redor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados.
Das cintas para cima vem despidos,
Por armas tem adagas, e traçados,
Com toucas na cabeça, e, navegando,
Anafins sônorosos vem tocando.

C'os pannos, e c'os braços acenavam
A's Gentes Lusitanas, que esperassem,
Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás Ilhas amainassem:
A Gente, e Marinheiros trabalhavam
Como si aqui os trabalhos se acabassem,
Tomam vélas, amaina-se a verga alta,
D'ancora o mar ferido em cima salta.

Não heram ancorados quando a Gente
Estranha pelas cordas já sobia,
No gesto lêdos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As Mezas manda pôr incontinente;

Digitized by Google

Do licor que Lieu plantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada enjeitam.

O que dá mais interesse a esta pintura, é o escrupulo, com que o Poeta notou todas as circumstancias deste encontro, que os Portuguezes tiveram com aquelles barbaros, a fórma dos bateis, sua ligeireza, suas vélas, tecidas de folhas de palmeira, a côr dos novos mareantes, seus trages listados, uns cingidos ao corpo, outros sobraçados, as toucas, ou turbantes, que traziam na cabeça, as armas de que usavam; é isto o que se chama colorido local, e é pena que o Author tanto amiudo se esquecesse delle! Mas como é natural a alegria dos Portuguezes vendo apparecer aquelles bateis em taes paragens! as considerações que fazem a respeito daquella gente estranha! o alvoroço dos barbaros ao descobrir embarcações tão differentes das suas, aquelle acenar com os pannos, e com os braços para que os esperassem! aquelle trepar pelas cordas para entrar nas naus apenas ancoradas, a franqueza com que comem, e bebem quanto se lhe apresenta, tudo isto sam pinceladas de mestre, tudo isto é palpitante de verdade! A versificação não desmerece das idéas, e

Tomam vélas, amaina-se a verga alta,
D'ancora o mar ferido em cima salta

sam dous versos daquelles, que só Camões sabia fazer.

As Estanças cincoenta, e oito, e cincoenta, e nove, contêm as duas mais breves, mais amenas, e graciosas pinturas de uma noite de luar, e do nascer da Aurora, observadas do mar, que a poesia até agora produzio.

Da noite os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas.
Os furiosos Ventos repousavam
Pelas covas escuras, peregrinas,
Porém da armada a Gente vigiava
Como por longo tempo costumava.

Digitized by Google

Mas assim como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a rôxa entrada
Ao claro Hyperionio, que accordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou
Por receber com festas, e alegria
O Regedor das Ilhas, que partia.

Como esta pompa, e alegria maritima, e militar se combina bem com o espectaculo de uma formosa madrugada! Como era formosa, e rica a imaginação, que produzia sem custo estes quadros!

Igual viveza, e força de colorido maritimo encontramos no quadro do Canto segundo, em que Venus, e as Nymphas do Mar, impedem a armada de entrar no Porto de Mombaça, onde os Mouros lhe tinham apparelhada a destruição.

As ancóras tenaces vam levando
Com a nautica grita costumada,
Da prôa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalisada,
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a Gente assignalada,
Vendo a Cidade grande, e tão secreta,
Vôa do Ceo ao Mar como uma setta.

Convoca as alvas Filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar nasceo
Das aguas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Já n'agoa erguendo vam com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma,
Doto c'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar, do que costuma:

Digitized by Google

Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima d'agua crespa em força summa,
Abrem caminho as ondas encorvadas
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o grave pezo
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento tezo
Enche as vélas da frota belicosa,
Repartem-se, e rodêam nesse instante
As Naus ligeiras, que hiam por diante.

Põem-se a Deosa com outras em direito
Da prôa Capitanea, e ali fechando
O caminho da barra estam de geito,
Que em vão assopra o Vento a véla inchando.
Põem no madeiro duro o brando peito
Para de traz a forte Nau forçando,
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Quaes para a cova as providas Formigas
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam de inimigas
Do inimigo Inverno congellado.
Ali sam seus trabalhos, e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado,
Taes andavam as Nymphas estorvando
A' Gente Portugueza o fim nefando.

Torna para detraz a Nau forçada
A pesar dos, que leva, que, gritando,
Maream vélas, ferve a Gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atravessando,
O Mestre astuto em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a Nau lhe mete medo.

Digitized by Google

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Moura Gente espanta,
Como si vissem horrida batalha;
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuidam que seus enganos sam sabidos,
E que ham de ser por isso aqui punidos.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus Bateis veleces, que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam.
D'hum bordo, e de outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do, que viam,
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assim como em Selvatica alagôa,
As Rãas, em outro tempo Lycia Gente,
Si sentem por ventura vir Pessoa
Estando fóra d'agua incautamente,
Daqui dali saltando, o charco sôa,
Por fugir do perigo que se sente,
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças n'agua lhe apparecem.

Assim fogem os Mouros, e o Piloto,
Que ao perigo grande as Naus guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge saltando n'agua amara.
Mas por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce, e chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

E accreditará alguem que um quadro tão pictoresco, tão rico de poesia, achasse barbaros, que o suprimissem em uma edição, substituindo-o por prosaicas trivialidades! Pois os Jesuitas não tiveram pêjo de commetter esse sacrilegio poetico em as edições, em que mutilaram, e desfigu-

Digitized by Google

raram o Poema para desacreditar o Author, e ultrajar a sua memoria, maculando a reputação, que tanto os encommodára!

Tenho lido em Poemas nossos, e estranhos, muitas pinturas de tempestades, e algumas dellas notaveis pela belleza da poesia, mas em nenhuma encontrei ainda tanta verdade, energia, e movimento como na que o Poeta descreve no seu Canto VI., essas circumstancias sam tambem escolhidas, como o poderia fazer um homem acostumado a encontrar-se naquelles terriveis lances. É de noite, os Navegantes, que estavam de quarto, fiados na serenidade do tempo acabavam de escutar as aventuras dos Doze de Inglaterra, e já Veloso se prepára para fazer a narração das proezas, e cavallarias do gran Magriço.

Mas nesse ponto assim promptos estando,
Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acodem despertando
Os Marinheiros de huma, e d'outra banda;
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das Gaveas tomar manda.
« Alerta, (disse) estai, que o vento cresce
« Daquella nuvem negra que apparece. »

Não heram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita Procella,
« Amaina » disse o Mestre a grandes brados,
« Amaina » disse « amaina a grande véla. »
Não esperam os ventos indignados
Que amainasse, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, com ruido,
Que o Mundo pareceu ser destruido.

O Ceo fere com gritos nisto a Gente
Com subito temor, e desaccordo,
Que no romper da véla a Nau pendente
Toma gran somma d'Agua pelo bordo.
« Aloja! » disse o Mestre rijamente,
« Aloja tudo ao mar não falte accordo;
« Vam outros dar á bomba não cessando,
« A' bomba, que nos himos alagando.

Digitized by Google

Correm logo os Soldados animosos
A dar á bomba ; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á Nau, a hum bordo os derribaram,
Trez marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham de huma, e de outra parte,
Sem aproveitar de Homens força, ou arte.

Os Ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força de impeto cruel
Si para derribar então vieram
A fortissima Torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura de um Batel
Mostra a possante Nau, que move espanto
Si acaso se sustem nas ondas tanto.

Até aqui mostra o Poeta, digamo-lo o assim, em globo o effeito de uma tempestade repentina, o apito do Mestre, que chama a gente a póstos, e manda tomar os traquetes das gavias, e ficar de prevenção para a tormenta annunciada pela nuvem negra, que se percebe ao longe! Rompe a tormenta, os ventos despedaçam a véla grande, que hia amainar-se, os soldados correm á bomba, os marinheiros sam derribados n'um bordo pelos balanços da nau ; trez delles não bastam para menear o leme, mesmo pondo-lhe talhas ; a nau levantada, e suspendida no ar por serras de vagalhões parece á vista um pequeno batel ; nada ha que desvie a nossa attenção deste quadro medonho, não escutamos mais que o rugir das vagas, o bramar dos ventos, o ranger dos cabos, e das roldanas, a celeuma dos marinheiros, e de espaço a espaço a voz do Mestre mandando manobrar, em termos laconicos, precisos, e verdadeiramente maritimos!

Depois de desenhado este quadro com pincel Homerico, é que o Poeta passa a campi-lo, passando da generalidade á especialidade, e presentando-nos os perigos de cada nau, e os phenomenos, que accompanham estes horrores da natureza.

Digitized by Google

A Nau grande, em que vai Paulo da Gàma,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada; a gente chama
Aquelle que a salvar o Mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a Nau de Coelho com receio,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o Vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a vêr parece que desciam
A's intimas entranhas do profundo.
Noto, Astro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do Mundo,
A noite negra, e fera se alumia
Co' os raios, em que o Polo todo ardia.

Nada mais sublime que esta Estança, e sobre tudo os dous ultimos versos.

As Halcyoneas Aves triste pranto
Junto da Costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram,
Os Delfins namorados entretanto,
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nesta Estança, e nas duas seguintes o Poeta soltando alguns rasgos amenos sem desparate, nos faz conhecer indirectamente a grandeza daquella procella, pelos seus effeitos; com tão admiravel artificio sabia elle servir-se da mythologia!

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gran Ferreiro sordido, que obrou
De Enteados as armas radiantes;
Nem tantos o Tonante arremessou

Digitized by Google

Relampagos ao Mundo fulminantes,
No gran diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em Gente as pedras converteram.

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas Arvores velhas arrancaram
Do Vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Segue-se a deprecação do Gama, implorando o auxilio do Ceo, e finda ella o Poeta accrescenta.

Assim dizendo os Ventos, que luctavam
Como Touros indomitos bramando,
Mais, e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros tufões, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

O Poeta não pinta com menos exacção as terras, que se levantam como nuvens nos confins do horisonte, os vapores erguendo-se do Occeano, e condensando-se em nuvens, e todos os mais phenomenos da navegação.

Alguns Criticos deparando nos Lusiadas alguns trechos imitados de Poetas antigos, e modernos, accusaram Camões de falta de invenção, e de se enfeitar com pennas alheias, esta accusação é injusta, Camões imitou alguns trechos de Virgilio, e de outros, como Virgilio imitára alguns rasgos de Homero, e Appolonio Rhodio, pela maior parte melhorando-os; mas ninguem levou tão longe esta calumnia como José Agostinho de Macedo, que não teve pêjo de affirmar, que tudo o que havia bom nos Lusiadas era furtado a outros Poetas, mas que o seu plagiarismo chegava a ponto de copiar todas as suas narrações de Casta-

Digitized by Google

nheda, e João de Barros, sem mais trabalho, que pôr em verso a prosa daquelles Historiadores.

Quando tractar daquelle Zoilo, em logar competente, farei vêr pela comparação dos trechos, que se dizem imitados, com os originaes, que essas imitações se reduzem ás vezes á semilhança de uma só palavra, e que por isso José Agostinho foi um infame calumniador. Agora pelo que respeita aos Historiadores, direi, que uma Epopeia é uma narração de factos, e que, esses factos vai o Poeta procura-los á Historia para os pintar depois com todos os adornos da poesia, e que é tamanha estupidez chamar por isso plagiario a um Poeta, como a um Esculptor por fazer uso da madeira, ou da pedra para formar as suas estatuas. Passemos aos exemplos, que instruem mais do que os argumentos.

Diz José Agostinho, que Camões no Canto primeiro, Estança sessenta e oito, quando disse

> Está a Gente maritima de Luso
> Subida pela enxarcia de admirada,
> Notando o Estrangeiro modo, e uso,
> E a linguagem tão barbara, e enredada.
> Tambem o Mouro astuto está confuso
> Olhando a côr, o trage, a forte armada,
> E perguntando tudo lhe dizia
> Si por ventura vinham da Turquia?

Furtára a Castanheda Liv. I. Capitulo VI. estas palavras « O Sultão perguntou a Vasco da Gama si vinha da Turquia.

Não é isto um plagiato bem comprovado? Castanheda conta na sua historia o facto, de que o Sultão perguntou ao Gama si vinha da Turquia; Camões refere esse mesmo facto, não como historiador, mas como Poeta, ornando-o de circumstancias pictorescas, como a gente trepada pelas enxarcias, as suas reflexões, sobre o modo, trajo, linguagem, e usos dos estrangeiros; junta-lhe a confusão do Mouro, e occupando com isto, de que não ha vestigio em Fernão Lopes de Castanheda, quasi toda a Estança, só na metade do setimo verso, e no oitavo é que faz que o Mouro pergunte *si vinham da Turquia*, e

Digitized by Google

é por isso que o maledico detractor ousa affirmar que roubára a Fernão Lopes. Raciocinando assim é claro que o Doutor Antonio Ferreira na sua *Castro* foi tambem um plagiario porque fortou aquelle assumpto das Historias de D. Affonso IV., e D. Pedro I.

A accusação de fazer Oitavas pondo em verso a prosa de Barros é outra mentira infame daquelle calumniador; e não queremos mais prova disto, que o mesmo exemplo que elle cita nas suas *Reflexões Criticas sobre o Episodio do Adamastor*. Eis aqui o que diz Barros.

« Porém de todo o Gado vaccum, que traziam, nunca poderam haver delles huma só cabeça: parece que o estimam; porque alguns Bois mochos, que os nossos viram, andavam gordos, e limpos, e vinham as Mulheres em cima delles, em humas albardas de tabua. »

Diz Camões no Canto quinto, Estança sessenta, e duas, e sessenta, e trez.

A gente, que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiópes heram,
Mais humana no tracto parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As Mulheres consigo, e o manso gado,
Que apascentavam gordo, e bem criado.

As Mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos Bois ali sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima
Que todo o outro Gado das manadas.
Cantigas pastoris em prosa, ou ryma
Na sua lingua cantam concertadas
C'os doces sons das rusticas avenas
Imitando de Tytiro as Camenas.

Dirá alguem de boa fé que nestas Oitavas se acha versificada a prosa acima transcripta? Tudo o que ha de commum entre a primeira Estança, e a prosa de Barros é o

Digitized by Google

epitheto *gordo* applicado a gado. No segundo é o dizer-se, que as mulheres *vinham montadas nos bois,* e sendo isto uma pintura de costumes, força era que o Poeta o apresentasse, inda que João de Barros não tivesse fallado em tal. Barros diz que parecia que os Negros estimavam muito os bois, Camões affirma sem escrupulo, ou dúvida, que elles os estimavam mais, que todo o outro gado das manadas; e isto é um pouco differente; e onde disse Camões, que os Negros não quizeram ceder aos Lusitanos uma só cabeça de gado vaccum? E onde fallou Barros, na citada prosa, nos bailes, festejos, e cantigas, em que falla Camões? Onde está pois o plagiato em cousas tão differentes? Aonde? No descaramento, e malevolencia do detractor; e eis aqui com que justiça tem sido criticado o grande Poeta.

Quintiliano disse, fallando de Lucano, que merecia mais ser contado entre os Oradores do que entre os Poetas: e eu digo, e talvez com mais razão, que Camões foi o homem mais naturalmente eloquente, que Portugal tem produzido, mesmo sem exceptuar o proprio Vieira. Nos discursos dos seus Lusiadas, encontram-se modelos de todos os generos de eloquencia. Poderia o militar mais facundo exprimir-se melhor, em circumstancias identicas, do que o Condestavel no Canto quarto deste Poema? Vêde como se levanta no Conselho de Guerra, e

> A mão na espada irado, e não facundo,
> Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo

sem exordio, e sem melindre se dirige aos, que se mostravam desanimados.

> Como? da gente illustre Portugueza
> Hade haver quem refuze o patrio Marte?
> Como? desta Provincia, que Princeza
> Foi das gentes na guerra em toda a parte,
> Hade sahir quem negue ter defeza?
> Quem negue a fé, e o amor, o esforço, e arte
> De Portuguez, e por nenhum respeito
> O proprio Reyno queira vêr sugeito?

Digitized by Google

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros, e valentes
Venceram esta Gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa, que tiveram?

Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz, e seu Filho sublimados
Sinão com vossos fortes Pais, e Avos?
Pois si com seus descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assim vos poz,
Trouxe-vos vossas forças o Rey novo,
Si he certo que c'o Rey se muda o Povo.

Rey tendes tal, que si o valor tiverdes
Igual ao Rey, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E si com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos ao vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só, com meus Vassallos, e com esta....
E dizendo isto, arranca meia espada,
Defenderei da força dura, e infesta
A Terra nunca d'outrem subjugada.
Em defeza do Rey, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu Rey forem contrarios.

Parece que estamos ouvindo aquellas allocuções tão concisas, e tão energicas, que Napoleão dirigia aos seus Soldados no momento de dar uma acção, electrisando-os para carregarem o inimigo sem susto, e sem receio.

Não é menos bello neste genero o discurso de Marte,

Digitized by Google

que se lê no primeiro Canto. Como é cheio de ternura, e de affectos ternos o discurso da Rainha D. Maria de Castella pedindo a seu Pai D. Affonso IV. que soccorra seu marido contra os Mouros, que haviam invadido o seu reino.

Quantos Povos a terra produzio
De Africa toda, Gente fera, e estranha,
O Gran Rey de Marrocos conduzio
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se vio
Depois que o salso Mar a Terra banha;
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle, que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
C'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada.
E si não fôr contigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do Reyno ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura
Sem marido, sem Reyno, e sem ventura.

Por tanto, oh Rey, de quem com puro medo
A corrente Moluca se congella,
Rompe toda a tardança, accude cedo,
A' miseranda Gente de Castella,
Si esse gesto, que mostras claro, e lêdo,
De Pai o verdadeiro Amor assella,
Accude, e corre, Pay, que si não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

Superior a este discurso pelo artificio oratorio, e pela passagem prompta de ums para outros affectos julgo eu a supplica, que Venus no Canto II. dirige a Jupiter a favor dos Portuguezes.

E mostrando no angelico semblante
Com riso huma tristeza misturada,
Como Dama, que foi do incauto Amante

Digitized by Google

Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri no mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste ao Padre falla.

Sempre cuidei, oh Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affavel, e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pesasse;
Mas pois que contra mim te vêjo iroso
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim, que fui mofina.

Este Povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vêjo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo
Sendo tu tanto contra o meu desejo.
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo,
Ora pois, porque o amo he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas morra em fim ás mãos das brutas Gentes,
Que pois eu fui..... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes
Como c'o orvalho fica a fresca rosa;
Callada hum pouco como se entre dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a segui-la, e hindo por diante,
Lha atalha o poderoso, e gran Tonante!

Nada mais perfeito que este quadro! Aquella tristeza misturada de riso, que anuvia um pouco o lindo semblante de Venus; a linda comparação, e nova da dama incautamente offendida pelo amante nos brincos amorosos, que chora, e ri ao mesmo tempo; a maneira engenhosa porque a Deusa no seu exordio capta a benevolencia de Jove, aquelle receio, que finge, de que Baccho possa mais

Digitized by Google

do que ella com Jove, a resignação ironica com que termina a Estança.

Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim que fui mofina.

Aquelle tornar logo ao assumpto, fazer sua a causa dos Lusos! *Este Povo que é meu* (diz ella) o attribuir á sua protecção os seus trabalhos, accrescentando,

Ora pois, porque o amo he maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Aquelle interromper de subito o discurso com lagrimas, e só produzir sons inarticulados, tudo isto sam rasgos de mestre; que sabe aproveitar todos os recursos oratorios, e tirar partido até do silencio; até a comparação da Deosa lavada em lagrimas com a rosa orvalhada pelo rocio da manhãa produz uma sensação deliciosa.

A resposta de Jupiter é um perfeito modelo do estylo sublime, e magestoso, que compete áquelles que reunem a vontade, e o poder, que ordenam quando explicam. Nunca o pai dos homens e dos Deoses, na Iliada, e na Eneida se expressou com tanta dignidade, e eloquencia, e sem sombra de arrogancia, como fallando pela bocca do Homero Lusitano.

Formosa Filha minha, não temais
Perigo algum aos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometto, Filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos que esta Gente,
Hade fazer nas partes do Oriente.

Todos os versos desta Estança correm fluidamente, uniformes na cesura, sem interrupção de sentido, e sem que este vá completar-se no hemestichio do verso seguinte; é a Omnipotencia que falla, e não admitte dúvida, nem hesitação no que pensa, ou no que diz.

Digitized by Google

Que si o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilyricos, e a fonte do Tymavo:
E si o piedoso Eneas navegou
De Scilla, e de Charybdis o mar bravo,
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos Mundos ao Mundo hirão mostrando.

Fortalezas, Cidades, e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros
Delles sempre vereis desbaratados,
Os Reis da India, livres, e seguros
Vereis ao Rey potente subjugados;
E por elles, de tudo em fim Senhores,
Serão dadas nas terras leys melhores.

Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso
Sem vento suas agoas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso
Que trema, e ferva o mar em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della ham medo os Elementos!

Vereis a terra, que agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum Porto mui decente,
Em que vam descançar da longa via
As Naus, que navegarem do Occidente;
Toda esta Costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello e enfiado,
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado, e subjugado.
Ali vereis o Mouro furioso

Digitized by Google

De suas mesmas settas traspassado,
Que quem vai contra os vossos claro vêja,
Que, si resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous Cercos terá dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, è sorte
Feitos d'armas grandissimos fazendo;
Invejoso vereis o gran Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo,
Do Mouro ali vereis que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

Gôa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser Senhora
De todo o Oriente, e sublimada
C'os triumphos da Gente vencedora:
Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os Idolos adora,
Duro freio porá, e a toda á Terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
Do Cananor com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se
Cidade populosa, e tão potente;
E vereis em Cochim assignalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cythara jámais cantou victoria,
Que assim mereça eterno nome, e gloria.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate quando Augusto
Nas Civis Accias guerras animoso
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos Povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactro Scythico, e robusto
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypsia linda, e não pudica.

Esta Estança é poetica, e sublime imitação dos seguintes versos de Virgilio.

Digitized by Google

In medio classes æratas, Actia bella,
Cernere erat, totum que instructo Marte videres
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus;
Hinc Augustus agens Italos in prælia Cesar
Hinc ope barbarica, variis Antonius armis,
Victor ab Auroræ populis, et littore rubro,
Ægiptum, viresque Orientis, et ultima secum
Bactra trahit, sequiturque, nefas! Ægyptia Conjux.

José Agostinho, que tantas vezes no seu Oriente, peraphrasea, e peiora Oitavas dos Lusiadas, chama a isto *roubo*, e *plagiato*: mas vejam como Francisco Dias Gomes, melhor Poeta, e melhor Critico que José Agostinho, avalia, e analysa esta imitação semilhante ás que Virgilio fizera de Homero.

« Ainda querem vêr poesia mais elevada, mais cheia de fogo, e movimento? Vamos por partes. *Marte instructo e furioso* é traducção de *totumque instructo Marte* com um epitheto de mais, *furioso*, que augmenta a força do colorido, sobre a novidade do partecipio *instructo*, com que o Poeta enriqueceo o nosso idyoma, de modo que nesta elegancia fica a Latina vencida da Portugueza. *Se vio ferver Leucate,* é traducção de *videres fervere Leucaten; quando Augusto nas Civis Actias guerras animoso*, o é tambem de *Actia bella Hinc Augustus agens Italos;* conhecidamente superior a esta do Epico Latino pela harmonia, e pela força do adjectivo *animoso. O Capitão venceu Romano injusto*, tambem esta excessivamente se avantaja a que traduz *Antonius,* que sem nomear este regimem do verbo *venceu* o faz conhecido pelos accidentes caracteristicos. *Que dos Povos da Aurora*, é traducção da formula *ab Auroræ populis,* assim como *e do famoso Nilo*, é de *Littore rubro Ægiptum,* onde acho mais sublime a elegancia Portugueza na mithonymia de Nilo por Egypto, que é certamente mais poetico por ser combinado com o predicado *famoso*. Tambem se deve reparar na discrição, com que o Poeta deixou de traduzir a clausula *littore rubro* por ociosa, estando *Ægiptum*. Do Bactro Scythico, e robusto, é a formula Latina *et ultima secum Bactra vehit*, posto que a traducção não exprima a idéa incluida no adjectivo *ultima,* eu acho com tudo a formu-

Digitized by Google

la Portugueza mais forte, e mais poetica nos dous adjectivos *Scythico, e robusto,* si bem que a palavra *ultima* suscita na intelligencia uma idéa de extenção, exprimindo longinquidade, por assim dizer, que faz a expressão bem attendivel. A *victoria trazia*, tambem acho este membro mais significativo, e poetico que o simples *Victor* do original Latino. —*Preso da Egypcia linda*, tambem excede a clausula Latina, que traduz sequiturque *Ægyptia Conjux*. O excesso está no predicamento na voz *linda*, que quer dizer formosa em grau subido, a qual idéa se não acha no original. —*Não pudica*, é traducção do admirativo *nefas!* cujo sentido tambem se póde referir á aversão que os Romanos tinham a casamentos com estrangeiras. Tambem o adjectivo pudico foi introduzido no idyoma pelo grande Camões. »

« Não ha dúvida que a traducção não expendeu as seguintes formulas do original. *In medio classes æratas — auroque effulgere fluctus — ope barbarica — littore rubro*, as quaes elegancias o nosso Poeta julgou meros ornatos não essenciaes ao todo, e por isso os não introduzio no seu quadro, e lhes substituio outras formulas, que sam necessarias á pintura, e não se acham no texto, as quaes sam — *furioso — civis — animoso — Romano injusto — famoso Nilo — Scythico — robusto — linda*, e *não pudica.* »

Concordo perfeitamente com o expendido nesta analyse por Francisco Dias, excepto com a sua ultima asserção. Não foi, como elle pensa, pelas julgar *meros ornatos não essenciaes*, que Camões despresou essas clausulas omittidas. Si elle fizesse uma traducção não deixaria de traslada-las, mas fazia uma imitação, e as deixou porque não convinham ao seu intento. Ha muita differença entre descrever os relevos historicos, que adornam um escudo, como Virgilio fez, ou citar um facto como Jove pratica neste discurso.

Desta analyse, e comparação feita por um homem reconhecido por juiz mui competente nestas materias, resulta, que Luiz de Camões imitando um quadro de Virgilio ficou mui superior ao original; e eu accrescento, que taes imitações não podem nem devem ser classificadas como plagiatos, ou roubos, e tenho a meu favor a opi-

Digitized by Google

nião do judicioso Boileau, que merece mais credito que José Agostinho, o qual chamava a estas imitações *luctar gloriosamente com os antigos.*

Como vereis o mar fervendo acceso
C'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De Nações differentes triumphando,
E sugeita a rica aurea Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Occeano obediente.

De modo, Filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano.
Nem das Boreas ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o Mundo de affrontados
Resuscitassem todos os passados.

A estes discursos poderiamos juntar o de Bacco meditando a ruina dos Lusos em Moçambique, no Canto I., o do Embaixador de Mombaça no Canto II., o do Enviado do Gama ao Rei de Melinde, no mesmo Canto, o do Velho na praia de Rastrelo, no Canto IV., o de Bacco, no Canto VI., instigando as Deidades maritimas para destruirem a frota Portugueza, e finalmente no Canto VIII. a falla do Çamorim ao Gama, e a resposta deste justificando-se, e confundindo as calumnias dos Mouros, e dos Catuaes corrompidos por elles.

Si os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteu na prisca idade,
Não causaram que o Vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua innimecicia
Na geração de Adão co' a falsidade,
Oh poderoso Rey, da torpe seita,
Não concebêras tu tão má suspeita.

Digitized by Google

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Si não cresses em quem não crêr devias.

Porque si eu de rapinas só vivesse
Undivago, e da Patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito, apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria exprimentando o Mar irado,
Os Antarticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

Si com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu Reyno antigo,
Mas si a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha Patria, e Reyno amigo
Então verás o dom soberbo, e rico
Com que minha tornada certifico.

Si te parece inopinado feito
Que o Rey da ultima Hesperia aqui me mande,
O coração sublime, o Regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e gran conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que creia delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos que os antigos
Reys nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos, e perigos
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram.
E descobrindo os mares inimigos

Digitized by Google

Do quieto descanço, pertenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rey, que arou primeiro
O mar, por hir deitar do ninho claro
O Morador de Abyla derradeiro.
Este por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crescendo c'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco a pouco caminhos estrangeiros,
Que hums, succedendo aos outros, proseguiram.
De Africa os Moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estam os Tropicos queimando.

Assim com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos por a ultima columna.
Rompendo a força do liquido estanho,
Da Tempestade horrifica, importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Esta he a verdade, Rey; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia
Tão longo, tão fingido, e vão proemio.
Mas antes descançar me deixaria
No nunca descançado, e fero gremio
Da Madre Thetys qual Pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que, oh Rey, si minha gran verdade,
Tens por, qual he, sincera, e não dobrada,

Digitized by Google

Ajunta-lhe ao Despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo póde vêr-se,
Que facil é a verdade de entender-se.

Luiz de Camões quando descreve batalhas tem tanto fogo como Homero, sem com tudo o imitar na diffusão. Os seus heroes não gastam o tempo em insultar os inimigos, nem em deslindar genelogias como a cada passo fazem os Guerreiros da Iliada. O nosso Poeta, que era militar, e que pintava lances, que tinha tantas vezes presenceado, e de que fizera parte, nunca se arreda da verdade, porque tracta de despertar nos leitores, as sensações, que elle proprio havia provado. Os encontros das massas, e os combates particulares succedem-se com uma rapidez, e viveza assombrosa, parece que vêmos a marcha das tropas, o estrondo dos golpes, a grita dos combatentes; as fallas dos Generaes sam breves, e proprias das circumstancias, é o patriotismo ardente do Poeta que se explica pela bocca delles de uma maneira nervosamente eloquente. Em taes casos a sua versificação sempre forte, e harmoniosa, toma novas forças, e desenvolve todos os recursos da harmonia imitativa. Que fogo! que impetuosidade de estylo na Batalha de Campo de Ourique.

Qual c'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido Moloso
Contra o Touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso.
Ora pêga de orelha, ora de lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

Esta comparação tão frisante, e tão vivamente descripta só podia ser assim executada por um Poeta nascido, e criado em Paiz, em que eram tão frequentes os combates de Touros.

Digitized by Google

Tal do Rey novo o estomago accendido
Por Deos, e pelo Povo juntamente,
O Barbaro comette apercebido
Com animoso Exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferve a Gente
Ás lanças, e arcos tomam, tubas sôam,
Instrumentos de guerra tudo atrôam.

Bem como quando a flamma que ateada
Foi nos aridos campos, assoprando
O sibilante Boreas, animada
C'o vento o secco matto vai queimando,
A pastoral companha que deitada
C'o doce somno estava, despertando,
Ao estridor do fogo, que se atêa,
Recolhe o Fato, e foge para a Aldêa.

Fato neste logar significa *rebanho,* ordinariamente de Cabras. Faço esta advertencia porque sam mui raros os nossos Diccionarios, que trazem este vocabulo com semilhante significação; o que foi causa do mais moderno, e sem dúvida o melhor Traductor Italiano dos Lusiadas, se enganar com este verso, que traduzio assim.

Trepido i panni aduna, e via sen fugge.

Não reparou este grande Traductor, e grande Poeta que os Pastores, que ficam no campo guardando o gado, não se despem porque não tem mais cama que a terra, e por isso não tinham roupa, que recolher, e por tanto só podiam cuidar em juntar o gado para conduzi-lo á povoação, ou aldêa como diz o Poeta.

L'Incendio intanto sue speranze strugge.

Este verso com que o Sr. Bricolani termina a Estança, além de não estar no original, é outro contrasenso. Aqui não se tracta de searas maduras, mas de *matto secco*, e a queima deste estava tão longe de estragar as esperanças dos Pastores, que pelo contrario lhas augmentava; pois todos sabem que os Pastores mui de proposito fa-

Digitized by Google

zem *queimadas,* isto é, põem fogo ao matto secco, para que, adubados os campos com as cinzas lhe produzam mais hervas na estação chuvosa.

Desta arte o Mouro attonito, e turvado
Toma sem tento as armas mui depreça:
Não foge; mas espera confiado,
E o Ginete belligero arremessa,
O Portuguez encontra-o denodado,
Pelos peitos a lança lhe atravessa;
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

Ali se vem encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos
Que Neptuno amostrou ferindo a Terra;
Golpes se dam medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava acceza a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

Cabeças pelo campo vam saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E de outro as entranhas palpitando,
Pallida o côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o Exercito nefando,
Correm Rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde,

E' isto o que se chama pintar a grandes traços; e assim caminha descrevendo o choque de um pequeno exercito contra uma multidão de Barbaros. Não acontece porém assim quando o Poeta descreve a batalha de Aljubarrota; então particularisa as manobras de cada devisão, destaca os individuos das massas, e mostra as proezas, e as providencias dos Chefes, e abala o coração dos Leitores com as differentes phases do combate, e a alternativa de bons, e ruins resultados dos esforços dos dous Contendores, e lança mão de todos os accessorios.

Digitized by Google

que podem dar mais luz, e vida ao grandioso quadro, que desenhava.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne invicto sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Téjo logra as agoas abundantes.
Os primeiros Armigeros regia
Quem para reger hera os mui possantes
Orientaes Exercitos sem conto
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos,
Outro tambem famoso Cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

E da outra ala que a esta corresponde
Antão Vasques d'Almada he Capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das Gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na rectaguarda não se esconde
Das Quinas, e Castellos, o pendão,
Com Joanne Rey forte em toda a parte
Que escorecendo o preço vai de Marte.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias
Resando as Mãis, Irmãas, Damas, Esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as Esquadras belicosas
Defronte das Imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todos grande dúvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e Atambores,

Digitized by Google

Alferezes volteiam as bandeiras,
Que variadas sam de muitas côres.
Hera no secco tempo, que nas Eyras
Ceres a fruta deixa aos Lavradores,
Entra em Astréa o Sol no Mez d'Agosto,
Baccho das Uvas tira o doce mosto.

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
Ouvio-o o Monte Atabro; o Guadiana
Atraz tornou ás ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro, e a Terra Transtagana:
Correo ao mar o Téjo duvidoso,
E as Mãis, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os Filhinhos apertaram.

Esta Estança não é só excellente pela poesia, e versificação; mas pela idéa indirecta, que dá da grandeza do combate, e estrondo delle, pelos effeitos, que produz.

Quantos rostos ali se vêem sem côr,
Que ao coração accode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
He menor muitas vezes que o perigo;
E, si o não he, parece-o, que o furor
De offender, ou vencer o duro Imigo
Faz não sentir que he perda grande, e rara
Dos membros corporaes, da vida chara.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Hums leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la,
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignalla,
Derruba, encontra, a terra em fim semêa
Dos que tanto a desejam sendo alhêa.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes

Digitized by Google

Cavallos treme a terra, os valles sôam.
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas, co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Nesta Estança todas as expressões fazem imagem, e não se encontra nella um termo improprio, um vocabulo inutil, os sons imitam perfeitamente os objectos,

as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroam.

Vêja-se como *quédas*, com a primeira longa, e depois da pausa, que a voz é obrigada a fazer na palavra *frequentes* do verso antecedente imita bem a cahida de um corpo, e o resto do verso pinta ao vivo o echo do rumor das armas! Procure-se nos Poetas anteriores a Camões tão repetidos exemplos de harmonia imitativa!

Eis ali seus Irmãos contra elle vão
Caso feio, e cruel, mas não espanta;
Que menos he querer matar o Irmão
Quem contra o Rey, e a Patria se levanta!
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra Irmãos, e Parentes, caso estranho
Qual nas guerras civis de Julio, e Manho.

Assi se pronunciava antigamente a palavra *Magno*, soando o *g* antes de *n* como hoje soa *nh*, pronuncia, que os Italianos inda conservam.

Oh Tu Sertorio, oh nobre Curiolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas Patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos:
Si lá no Reyno escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Digitized by Google

O ardente amor da patria, e da independencia nacional arrancou esta apostrophe ao coração do Poeta contra os irmãos do Condestavel, e os mais Portuguezes partidistas de Castella, e o que lhe dá maior pezo, e abono á sua sinceridade, é saber-se que um de seus Avós militava nesta batalha no exercito hespanhol; e como poderia um Poeta animado de tão generosos sentimentos deixar de incorrer no odio dos Jesuitas, e dos seus devotos, que machinavam surdamente a entrega de Portugal á Hespanha?

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos Inimigos a elles vão!
Está ali Nuno qual pelos Outeiros
De Ceuta está o fortissimo Leão,
Que cercado se vê dos Cavalleiros,
Que os Campos vam correr de Tetuão:
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso
Turbado hum pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê; mas a Natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o Cavalleiro, que a verdura
Tinge c'o sangue alheio. Ali perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a Virtude contra tanta gente.

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno, que, como sabio Capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença, e palavras coração.
Qual parida Leoa fera, e brava,
Que os Filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto o pasto lhe buscara,
O Pastor de Massylia lhos furtara;

Corre raivosa, e freme; e com bramidos
Os montes sette Irmãos atrôa, e aballa;
Tal Joanne com outros escolhidos

Digitized by Google

Dos seus, correndo accode á primeira ála.
« Oh Fortes Companheiros! oh subidos
« Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
« Defendei vossas terras; que a esperança
« Da Liberdade está na vossa lança.

« Vêdes-me aqui Rey vosso, e companheiro,
« Que entre as lanças, e settas, e os arnezes,
« Dos Inimigos corro, e vou primeiro;
« Peleijai, valorosos Portuguezes. »
Isto disse o magnanimo Guerreiro,
E, sobraçando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

É assim que sam verosimeis as fallas dos guerreiros no ardor de uma batalha, e não quando, como acontece na Iliada, converçam, e contam historias interminaveis com tanto socego como se estivessem sentados em roda do lar em uma noite de Inverno. Mas é tal o cégo enthusiasmo da antiguidade, que não só desculpa, mas defende, e admira estas grosseiras inverosimilhanças, e as apresenta como modelos dignos de imitação.

Porque eis os seus accesos novamente
De huma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá no marcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo,
Assi recebem junto, e dam, feridas
Como a quem já não doe perder as vidas.

A muitos mandam vêr o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava,
O Mestre morre ali de São Thiago,
Que fortissimamente peleijava.
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereiras tambem arrenegados,
Morrem arrenegando os Ceos, e os Fados.

Digitized by Google

Muitos tambem do Vulgo vil, sem nome
Vam, e tambem dos Nobres, ao profundo,
Onde o trifauce Cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste Mundo,
E porque mais aqui se amance, e dome
A soberba do Imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
A multidão da Gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as costas dam, e as vidas; já falleee
O Furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rey desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

O campo vai deixando ao Vencedor
Contente de lhe não deixar a vida,
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da Fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste enojo
De vêr outrem triumphar do seu despojo.

Alguns vam maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no Mundo,
Outros a sêde dura vam culpando
Do peito ambicioso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas Mãis, tantas Esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

O Vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no Campo em grande gloria:
Com offertas depois, e Romarias
As graças deo a quem lhe deo victoria.

Digitized by Google

Para em tudo ser perfeito, e acabado este quadro nem esqueceu ao Poeta mencionar os queixumes, maldições, e murmurios dos Soldados de Castella, que fugiam em debandada, ao passo que o vencedor mantinha o campo da batalha trez dias, segundo o estylo, e a bizarria do tempo, e as graças dadas depois ao Altissimo por victoria tão assignalada, que firmava a côroa na cabeça do Rei popular, e assegurava a independencia do reino. A pintura dos costumes é um dos principaes deveres do Poeta Epico.

Iguaes bellezas encontraremos no combate dos Doze de Inglaterra, um dos trechos mais valentes, e energicamente escriptos, que se encontram em todo o Poema dos Lusiadas. Citarei sómente os logares mais importantes, e notaveis pela expressão.

Já n'hum sublime, e público Theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Côrte,
Estavam trez, e trez, e quatro, e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não sam vistos do Sol do Téjo ao Batro
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os Cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante.
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido Diamante.
Mas enxerga-se n'hum, e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a Gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço;
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, Cavallo, ao bellico serviço.
Ao Rey, e ás Damas falla; logo se hia
Para os Onze, que este hera o gran Magriço.
Abraça os Companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

Digitized by Google

A Dama como ouvio que este hera aquelle,
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste ali do animal de Helle,
Que a Gente bruta mais que a virtude ama.
Já dam signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam de esporas, largam redêas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos Cavallos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração, no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme.
Qual do Cavallo vôa que não dece,
Qual, c'o Cavallo em terra dando, geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual c'as penachos do Elmo açouta as ancas!

Algum da li tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo,
Correndo algum Cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o Dono sem Cavallo!
Cahe a soberba Ingleza do seu throno,
Que dous, ou trez já fóra vam do vallo,
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

Não conheço em Epopeia alguma moderna um trecho superior a este em valentia de expressão, em linguagem pictoresca, rapidez de narração, variada desposição de grupos, belleza, e força de versificação, e harmonia imitativa! Vemos os cavallos mastigar os freios cobertos de espuma, a terra estremecer debaixo de seus pés, o Sol relampaguear nas armas polidas, e lustrosas: vemos a terra ferir fogo com o encontro dos Cavalleiros, um cahir do cavallo, cahir outro junto com o cavallo, um já co'as armas tintas de sangue, outro cahindo para traz com a força do golpe, que recebeu açoutar com as plumas do elmo as ancas do ginete, sentimos o estrondo das quédas, e no meio desta confusão

Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o Dono sem cavallo!

Digitized by Google

E' isto o que se chama ser Poeta pintor; é isto que se chama pintar com sons, e mostrar os objectos em vez de narra-los

Cahe a soberba Ingleza do seu throno.

Não sei se neste verso é mais para louvar o pictoresco da imagem, ou harmonia imitativa, mas sei que é um verso excellente, um verso digno de Luiz de Camões!

Luiz de Camões é insigne nas pinturas phantasticas, e mythologicas, em que emprega o mais vivo, e engraçado colorido. Vêja-se a marcha dos Deoses maritimos convocados para o alcaçar de Neptuno.

Vinha o Padre Oceano accompanhado
Dos Filhos, e das Filhas, que gerára,
Vem Nereo que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Nymphas povoára:
O Propheta Protheo, deixando o Gado,
Maritimo pascer pela agoa amara
Ali veio tambem; mas já sabia
O que o Padre Lieu no mar queria.

Vinha por outra parte a linda Esposa
De Neptuno, de Celo, e Vesta Filha,
Grave, e lêda no gesto, e tão formosa
Que se amansava o mar de maravilha,
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crestalino deixa vêr-se,
Que tanto bem não he para esconder-se.

Amphytrite formosa como as flores
Neste caso não quiz que fallescesse,
O Delphim traz comsigo que aos amores
Do Rey lhe acconselhou que obedecesse.
C'os olhos, que de tudo sam Senhores,
Qualquer parecerá, que o Sol vencesse.
Ambas vam pela mão; igual partido
Pois ambas sam Esposas de hum Marido.

Aquella, que, das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,

Digitized by Google

Consigo traz o Filho, bello infante
No numero dos Deoses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela arêa
No colo a toma a bella Panopêa.

Póde pintar-se com mais viveza, e graça os costumes de uma creança.

E o Deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude de herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste damno
Lhe resultou Deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, della sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

Encontra-se neste trecho á pintura de Tritão, que tão elogiada tem sido pelos Criticos, e pelos Commentadores do Poema.

Tritão que de ser Filho se gloria
Do Rey, e da Salacia veneranda,
Hera Mancebo grande, negro, e feio,
Trombeta de seu Pai, e seu Correio.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos heram
Hums limos prenhez d'agoa, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram,
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros Mexilhões, que ali se geram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de Lagosta.

O corpo nú, e os membros genitaes
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animaes
De mar todos cobertos cento a cento.

Digitized by Google

Camarões, Carangueijos, e outros mais
Que recebem de Phebo o crescimento,
Ostras, e Mexilhões de musgo çujos,
A's costas com a casca os Caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia com força já tocava
A voz grande, e canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.

Não quero contradizer a apinião de Garcez Ferreira, e do Padre Francisco José Freyre, que classificam esta pintura de excellente hypothipose, só direi que o merito da execução á parte, desejava antes encontra-la na *Sechia rapita* de Tassoni, do que nos Lusiadas. A casca de lagosta servindo de gorra, os mexilhões, carangueijos, ostras, e caramujos, que fazem de Tritão um embrexado vivente, e nadante, formam um monstro tão grutesco, que me parece mais proprio para figurar em uma composição burlesca, que na magestade do Poema Epico.

Não parecem traços do pincel Grego aquelles com que o Poeta nos apresenta a marcha de Venus em demanda de Jupiter para o implorar a favor dos Portuguezes?

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida
D'entre as Nymphas se foi que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as Estrellas luminosas,
E na terceira esphera recebida
A'vante passa, e lá no Sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

E como hia affrontada do caminho
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, o Ceo, e o Ar visinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos donde faz seu filho o ninho
Hums Espiritos vivos inspirava
Com que os Poles gelados accendia,
E tornava de fogo a Esphera fria.

Digitized by Google

E por mais namorar ao Soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na Selva Idéa já se apresentára;
Si a vira o Caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos Galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com que o Amor brincava, e não se via.
D'alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Minino as almas accendia,
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como Hera se enrolavam.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo encobre nem descobre
O véo de roxos lyrios pouco avaro.
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
Com riso uma tristeza misturada
Como Dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri no mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

O que ninguem iguala é esta poesia deliciosa, e a que se depára no trecho bellissimo, e original em que o Poeta descreve a Estança dos Amores na Idalia, e os seus trabalhos, e os seus exercicios.

Digitized by Google

Muitos destes Mininos vôadores
Estam em varias obras trabalhando,
Hums amolando os ferros passadores,
Outros hastas de settas delgaçando.
Trabalhando, cantando estam de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodia senora, e concertada,
Suave a letra, angelica a toada.

Nas fragoas immortaes onde forjavam,
Para as settas as pontas penetrantes
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As agoas, em que os ferros temperavam
Lagrimas sam dos miseros amantes,
A viva chamma, o nunca morto lume
Desejo he só que queima, e não consume!

Mostrem-me em algum Poema moderno uma Estança, que emparelhe com esta nas idéas, no engenhoso da alegoria, na graça das imagens, na originalidade, na força de expressão, e na elegancia de linguagem, e metro! Quando leio estes, e tantos outros trechos semilhantes, de que abundam os Lusiadas, confesso que me falta o animo para accusar o Poeta por haver lançado mão de um meravilhoso, que lhe forneceu bellezas de tão subido preço.

Voltaire, que de certo sabia sentir, e conhecer a boa poesia, diz fallando do Episodio do Adamastor, no seu Ensaio sobre a Poesia Epica. « Lorsque la Flotte est prete á doubler le Cap de Boune Espérance, appellé alors le Promentoire des tempêtes, on apperçoit tout-a-comp un formidable objet. C'est un Fantome, qui s'eleve du fond de la mer. Ta tete touche aux nues; les tempetes, les Vents, les meteores sont autour de lui, ses bras s'etendent un loin sur la surface des flots, ce monstre, on ce Dieu est le Gardien de cet Océaa, dont aucun Vaisseau n'avait encors fendu les flots. Il menace la flote, il se plaint de l'audace des Portugais, qui viennent lui disputer l'Empire de ses mers. il leur annonce toutes les calamités « qu'ils doivent essayer, dans leur intre-

Digitized by Google

priso. *Cela est grand en tous Pays sans doute.* » E que outra cousa póde dizer-se quando se encontram versos como estes.

.....
Huma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo,
Bramindo o negro mar de longe brada
Como se dera em vão n'algum rochedo
« Oh potestade (disse) sublimada,
« Que ameaço divino, ou que segredo
« Este clima, este mar nos apresenta
« Que mór cousa parece que tormenta? »

Não acabava quando huma Figura
Se nos mostra no ar robusta, e válida,
De desforme, e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquallida!
Os olhos encovados, e a postura
Medonha, e má, a côr terrena, e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande hera de membros, que bem posso
Certificar-te que este hera o segundo
De Rhodes extranhissimo Collosso,
Que hum dos sete milagres foi do Mundo.
Com tom de voz nos falla horrendo, e grosso,
Que pareceu sahir do mar profundo,
Arrepiam-se as carnes, e o cabello
A mim, e a todos só de ouvi-lo, e vê-lo.

E disse « Oh Gente ousada mais que quantas
« No Mundo commetteram grandes cousas,
« Tu, que por guerras cruas, taes, e tantas
« E por trabalhos vãos nunca repousas,
« Pois os vedados terminos quebrantas,
« E navegar meus longos mares ousas;

Digitized by Google

« Que tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
« Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

« Pois vens a vêr segredos escondidos
« Da Natureza, e do horrido elemento
« A nenhum grande humano concedidos
« De nobre, ou de immortal merecimento,
« Ouve os damnos de mim, que apercebidos
« Estam a teu sobejo atrevimento
« Por todo o largo mar, e pela terra,
« Que inda hasde subjugar com dura guerra.

« Sabe que quantas Naus esta viagem,
« Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
« Inimiga terão esta paragem
« Com Ventos, e tormentas desmedidas,
« E da primeira Armada, que passagem
« Fizer por estas ondas insoffridas
« Eu farei de improviso tal castigo
« Que seja mór o damno, que o perigo.

« Aqui espero tomar, si não me engano
« De quem me descubrio summa vingança,
« E não se acabará só nisto o damno
« Da vossa pertinace confiança.
« Antes em vossas Naus vêreis cada anno
« Si he verdade o que o meu juizo alcança,
« Naufragios, perdições de toda a sorte,
« Que o menor mal de todos seja a morte.

« E do primeiro illustre, que a Ventura
« Com fama alta fizer tocar os Ceos,
« Serei eterna, e nova sepultura
« Por juizos incognitos de Deos.
« Aqui porá da Turca armada dura
« Os soberbos, e prosperos tropheos,
« Comigo de seus damnos o ameaça
« Destruida Quiloa, com Mombaça.

« Outro tambem virá d'honrada fama,
« Liberal, Cavalleiro, namorado,

Digitized by Google

« E consigo trará formosa Dama,
« Que amor por gran mercê lhe haverá dado.
« Triste ventura, negro fado os chama
« Neste terreno meu, que duro, e irado
« Os deixará de hum crú naufragio vivos
« Para verem trabalhos excessivos.

« Verão morrer com fome os filhos charos
« Em tanto amor gerados, e nascidos,
« Verão os Cafres asperos, e avaros
« Tirar á linda Dama os seus vestidos,
« Os cristalinos membros, e preclaros
« A' calma, ao frio, ao Sol verão despidos:
« Depois de haver pisado longamente
« C'os delicados pés a aréa ardente.

« E verão mais os olhos, que escaparem
« De tanto mal, de tanta desventura,
« Os dous amantes miseros ficarem
« Na fervida, implacavel espessura,
« Ali depois das pedras abrandarem
« Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
« Abraçados as almas soltarão
« Da formosa, e miserrima prisão.

D. Leonor de Sá não espirou nos braços de seu marido Manoel de Sousa de Sepulveda; mas o Poeta com o excellente tino, de que era dotado, não duvidou em alterar a historia neste ponto para tornar mais pathetica a sua narração; é isto o que Guilherme Schlegel chama transportar a verdade historica para a verosimilhança da poesia. Compare-se este quadro tão terno com o que traçou Côrte Real no seu Poema, e se verá a grande differença, que se dá entre o grande Poeta, e aquelle que o deseja ser.

Mais hia por diante o Monstro horrendo
Dizendo nossos fados quando alçado
Lhe disse eu « Quem hes tu, que esse estupendo
« Corpo, certo me tem meravilhado. »
A bocca, os olhos negros retorcendo,

Digitized by Google

E dando hum espantoso, e grande brado,
Me respondeu com voz pesada, e amara
Como que da pergunta lhe pesara.

« Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
« A quem chamais vós outros tormentorio
« Que nunca o Ptolomeu, Pomponeo, Strabo,
« Plinio, e quantos passaram fui notorio,
« Aqui toda a Africana costa acabo
« Neste meu nunca visto Promontorio,
« Que para o Polo Antartico se estende,
« A quem vossa ousadia tanto offende.

« Fui dos Filhos asperrimos da Terra
« Qual Encelado, Egeo, e Centimano,
« Chamei-me Adamastor, e fui na guerra (*)
« Contra o que vibra os raios de Vulcano.
« Não que pozesse Serra sobre Serra,
« Mas conquistando as ondas do Occeano,
« Fui Capitão do mar, por onde andava
« A armada de Neptuno que eu buscava.

« Amores da alta Esposa de Peleo
« Me fizeram tomar tão grande empreza,
« Todas as Deosas despresei do Ceo
« Só por amar das agoas a Princeza.
« Hum dia a vi co'as filhas de Nereo
« Sahir nua na praia, e logo presa
« A vontade senti de tal maneira,
« Que inda não senti cousa que mais queira.

(*) José Agostinho de Macedo em um Folheto em que pertende provar, *que o Episodio do Adamastor é o maior entre os despropositos de Luiz de Camões*, diz, que o nome do Gigante é furtado da Gigantomachia de Clandiano, e nisto diz uma falsidade, e um desproposito, porque o Gigante, de que falla Claudiano, chama-se *Damastor*, e não *Adamastor*.

Sævus que Damastor,
Ad depellendos jaculum dum quæreret hostes,
Germani rigidum misit pro rupe cadaver.

Digitized by Google

» Como fosse impossivel alcança-la
» Pela grandeza feia do meu gesto,
» Determinei por armas de toma-la,
» E a Doris este caso manifesto.
» De medo a Deosa então por mim lhe falla,
» Mas ella com formoso riso honesto,
» Respondeu : « Qual será o amor bastante
» De Nympha, que sustente o de hum Gigante?

» Com tudo por livrarmos o Occeano
» De tanta guerra, eu buscarei maneira
« Com que com minha honra esquive o damno.
« Tal resposta me torna a mensageira.
« Eu que cahir não pude neste engano,
« Que he grande dos amantes a cegueira!
« Encheram-me com grandes abundanças
« O peito de desejos, e esperanças. »

O engano estava na equivoca intelligencia das palavras de Thetis, que tanto podem significar « *buscarei maneira com que evite o damno á custa da minha honra* » como « *buscarei maneira de evitar o damno por modo que me faça honra* » mas geralmente estas phrases de sentido doble só tem bom logar na Poesia Comica, e desdizem da dignidade do Poema Heroico. Quanto ao verso

Eu que cahir não pude neste engano,

deve advertir-se que a phrase *cahir no engano*, que hoje significa *deixar enganar-se*, vale aqui *descobrir o engano*, que era a accepção que tinha no seculo do Poeta, como póde vêr-se de muitos exemplos dos Classicos.

« Já nescio, já da guerra desistindo,
« Huma noite de Doris promettida
« Me apparece na praia o gesto lindo
« Da branca Thetis, unica, despida.
« Como doudo corri de longe abrindo
« Os braços para aquella, que era vida
« Deste corpo, e começo os olhos bellos
« A lhe beijar, e as faces, e os cabellos.

Digitized by Google

« Oh ! que não sei de nojo como o conte ;
« Que, crendo ter nos braços quem amava,
« Abraçado me achei com duro monte
« D'aspero matto, de espessura brava,
« Estando c'hum penedo fronte a fronte,
« Que eu pelo rosto angelico apertava,
« Não fiquei Homem, não ! mas mudo, e quedo,
« E junto de hum penedo outro penedo.

« Oh Nympha a mais formosa do Oceano,
« Já que a minha presença não te agrada,
« Que te custava ter-me neste engano,
« Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada !
« Daqui me aperto irado, e quasi insano
« Da magoa, e da deshonra ali passada,
« A buscar outro Mundo, onde não visse
« Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

« Heram já neste tempo meus Irmãos
« Vencidos, e em miseria extrema postos,
« E por mais segurar-se os Deoses vãos
« Alguns a varios montes sottopostos.
« E como contra o Céo não valem mãos,
« Eu, que chorando andava meus desgostos,
« Comecei a sentir do Fado imigo
« Por meus atrevimentos o castigo.

« Converteu-se-me a carne em terra dura,
« Em penedos os ossos se fizeram ;
« Estes membros, que vez, e esta Figura
« Por estas longas agoas se estenderam.
« Em fim minha grandissima estatura
« Neste remoto Cabo converteram
« Os Deoses, e por mais dobradas magoas,
« Me anda Thetys cercando destas agoas. »

Assim contava, e com medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuvem negra, e com sonoro
Bramido, muito longe o mar sôou.

Idéa, estylo, linguagem, invenção, affectos, colorido,

Digitized by Google

versos, harmonia imitativa, tudo justifica os louvores, e enthusiasmo, com que Voltaire, La Harpe, Delille, Mickle, Bouterwoeck, Sismondi, e os mais abalisados Criticos tem proclamado este Episodio pelo mais sublime rasgo não só dos Lusiadas, mas da Epopeia moderna, e é necessario ser José Agostinho para não ter peijo de dizer, que *a Fabula de Admastor era o maior desproposito de todos os desproposito de Luiz de Camões!* Lauder não disse a respeito de Milton tamanha heresia literaria, tamanha blasphemia contra o bom senso, e foi condemnado a deslizer-se no Pelourinho. Estou bem longe de approvar o fanatismo, que dictou esta sentença; detesto toda a casta de fanatismo, e o literario tanto como os outros, mas não posso abster-me de rir do Zoilo, que proferio esta infamia, e dos Semidoutos, que tiveram a baixeza, ou a ignorancia, de applaudi-la.

Na mesma plana em que collocam pelo sublime a Fabula de Admastor, collocam os Criticos pelo pathetico o quadro da morte de D. Ignez de Castro, em que o Poeta empenhou toda a suavidade do seu estylo, e o caudal da ternura, que trasbordava de seu coração, naturalmente apaixonado; quasi a par destes dous trechos originaes, e admiraveis, podemos por o sonho d'El-Rei D. Manoel tão cheio de imaginação, e de Poesia; um Poema, que contem taes bellezas, é um magnifico padrão da gloria nacional, que a foice do tempo não tem força para destruir.

Uma das cousas, que Voltaire notou nos Lusiadas como admiraveis, foi a formosura, e perfeição do estylo; e razão teve, porque ali a cada passo se encontram idéas expressadas por um modo tão novo, e tão brilhante, que sorprehendem, e arrebatam a quem tem coração para senti-las. Citarei alguns exemplos: eis aqui como o Mouro Monçaide designa ao Çamorim a Religião Christã.

> Tem a ley de hum Propheta, que gerado
> Foi sem fazer na carne detrimento
> Da Mãi, tal que por bafo está approvado
> Do Deos, que tem do Mundo o regimento.

Vêjamos agora como Vasco da Gama explica o mesmo objecto.

Digitized by Google

A Ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil,
Aquelle, que creou todo o Hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil;
Que padeceu affronta, e vituperio
Soffrendo morte injusta, e insoffribil,
E que do Ceo á terra em fim deseco
Por subir os mortaes da Terra ao Ceo.

Direi de passagem, que estes ultimos versos foram aproveitados por Dryden na sua formosa Ode a Santa Cicilia.

He rais'ed a mortal to the skies,
She drew an Angel down.

Estas duas expressões sam excellentes, e proprias das diversas circumstancias das pessoas, que as proferem. Moncaide, que é um Mouro, falla de uma Religião, que lhe é estranha, e que só conhece por tradicção, e caterisa-a por um facto isolado; mas Vasco da Gama, que professa o Christianismo dá uma idéa breve, e clara dos seus fundamentos.

No Canto I. um Mouro de Moçambique, fallando de Mahomet, designa-o por esta periphrase.

Nós temos a Ley certa, que ensinou,
O claro Descendente de Abrahão,
Que agora tem do Mundo o Senhorio,
A Mãi Hebrea teve, o Pai Gentio.

Póde acaso indicar-se mais poeticamente o Islamismo, e o seu Propheta?

Que Poeta soubera pintar assim a estranheza de um Povo Barbaro, ouvindo pela primeira vez o estrondo da Artelharia.

As bombardas horrisonas bramavam
Com as nuvens de fumo o Sol tomando,
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

Digitized by Google

Onde ha versos mais formosos, e engraçados que estes?

Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que, como Hera, se enrolavam.

Ou estes

Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas.
.....
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho
.....
O Vento dorme, o mar, e ás ondas jazem.
.....

As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram,
O nome lhe pozeram, que inda dura
Dos amores de Ignez que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que as lagrimas sam agoa, o nome amores!

Esta Estança é digna de Ovidio.

Que hum fraco Rey faz fraca a forte Gente!
.....
Quem como Astianax precipitado,
Sem lhe valerem Ordens, da alta torre!
Quem nem ordens, nem aras, nem respeito!
Quem nú por ruas, e em pedaços feito!
.....
A plumbea péla matta, o brando espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia!
.....
A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.
.....
Vimos as Ursas, apesar de Juno
Banharem-se nas ondas de Neptuno.

Digitized by Google

Seria necessario copiar pelo menos trez quartas partes do Poema, si quizessemos apontar todos os trechos, que nelle se encontram notaveis por aquella novidade de expressão, e bizarria de côres, que os mestres da arte denominam poesia de estylo, dote muito mais raro de encontrar n'um Poeta, que a faculdade de bem dispôr a materia, e o juizo, e solidez dos pensamentos.

Foi tambem Camões o primeiro, que introduzio em nossa lingua a poesia discriptiva, derramando-a profusamente no seu Poema. Tinha em suas longas peregrinações tido sobejo logar, e tempo para observar a Natureza debaixo dos differentes aspectos, em que ella se apresenta nos differentes climas, e desvairadas regiões do Mundo: é por isso que elle retrata com exactidão, e energia os variados phenomenos, que observára, achando sempre para exprimi-los os vocabulos mais proprios, que nunca faltam a quem falla de objectos, que conhece bem.

Quem não se arrebata vendo como elle nos pinta a evaporação das aguas do Occeano condensando-se em nuvens na atmosphera, e produzindo as mangas tão perniciosas aos navegantes, e os fogachos, ou reverberações electricas, que os antigos julgavam annunciar a presença de Castor, e Polux, serenadores das tempestades, e que os nossos marinheiros denominam fogo de Santelmo.

Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto:
Nem menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo d'alto espanto,
Vêr as nuvens no mar, com largo cano
Sorver as altas agoas do Occeano.

Eu o vi certamente, e não presumo
Que a vista me enganava, levantar-se
No ar hum vaporsinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se.
Daqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se

Digitized by Google

Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco a pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, ali se alarga quando
Os golpes grandes d'agoa em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Della em cima uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
C'o cargo grande d'agoa em si tomada.

Depois desta pintura tão viva, e tão propria, inda o Poeta acha meios de realça-la, applicando-lhe uma comparação tão justa, como elegantemente expressa; e, o que é mais, original, e filha toda do seu grande engenho.

Qual roxa Sanguessuga se veria
Nos beiços da Alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar c'o sangue alheio a séde ardente,
Chupando mais, e mais se engrossa, e cria,
Ali se enche, e se alarga grandemente.
Tal a grande columna enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

José Agostinho de Macedo sempre prompto a deprimir o merito do Homero Lusitano, tentou negar a originalidade desta comparação, dizendo que era traduzida daquelle verso da Poetica de Horacio

Non missura cutem nisi plena cruoris, hirudo.

Esta asserção é uma perfidia. Horacio comparou a tenacidade de um recitador impertinente, que não larga a pessoa, que involuntaria o ouve, sem ter acabado de lhe lêr todos os versos do seu canhenho, com a tenacidade da bicha, que não larga a pelle, si não depois de farta de sangue, e Camões explica o mechanismo, com que se fórma a manga, attrahindo, ou chupando, como elle diz, o vapor do Occeano pelo mechanismo, com que a sanguessu-

Digitized by Google

ga extrahe o sangue por meio da sucção: duas cousas inteiramente diversas, e que o Zoilo não entendeu, ou maliciosamente confundio.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo em fim vôou,
Porque co'a agoa a jacente agoa molhe,
A's ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do Sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na Escriptura,
Que segredos sam estes de Natura!

Entre os mais bellos trechos descriptivos de Camões notam-se com preferencia a descripção da Europa, da Esphera Celeste, dos Paços de Neptuno, da Tempestade, e sobre tudo a da Ilha dos Amores, muito superior sem dúvida pelo colorido, e naturalidade á da Ilha de Alcina, no *Orlando Furioso*, de Ariosto, e á do Jardim de Armida, na *Jerusalem Libertada*, de Torquato Tasso.

Mas ainda que ninguem estima, e admira mais do que eu o prodigioso genio de Luiz de Camões, que tantos serviços fez á Poesia, e á Lingua Lusitana, ainda que o considero como um dos dous maiores Poetas Portuguezes, e um dos poucos Epicos de primeira ordem da Europa moderna, não é tão cega a minha admiração por elle, que degenere em enthusiasmo frenetico, que pretenda sustentar rediculamente, que o seu Poema não tem defeitos; si tal fosse teria elle gozado um privilegio, que atégora nenhum homem gozou, nem gozará. A gloria dos grandes Escriptores não está, como bem advertio Longino, em não ter defeitos, mas em ter produzido numerosas bellezas de primeira ordem, que desculpem, e obscureçam esses defeitos: as-faculas, e manchas que ás vezes observamos no disco do Sol, não impedem que elle seja o mais brilhante de todos os Astros, pelo menos em relação aos habitantes do nosso Planeta,

Póde alguem negar que nos Lusiadas os quadros maritimos estam mais bem pintados, que os terrestres? Que a pintura da Ilha dos Amores, perfeitissima, si a consideramos isoladamente, deixa muito a desejar considerada

Digitized by Google

como Episodio do Poema! Pelo menos eu desejára, que em vez de o Poeta me apresentar ali uma floresta, que póde ser, se quizerem, o jardim de Venus em Chypre, dando de avesso a todas as suas reminiscencias classicas, e mythologicas, me transportasse a uma floresta virgem da Asia, nutrida de toda a riqueza selvatica da rica vegetação dos Tropicos, e que as arvores, as plantas, e as flores, que a embelecem alardiassem o caracter particular, e as fórmas que as differençam das arvores, das flores, e das plantas da Europa.

Quizera igualmente que Luiz de Camões tivesse tirado maior partido do Islamismo, das Ceremonias da Religião Braminica, e dos Costumes Orientaes.

No Canto oitavo, e nono nos informa o Poeta de que os Mouros instigados contra os nossos pelo odio religioso, e pelo ciume dos interesses commerciaes, de que até ali haviam feito monopolio, sobornaram os Catuaes para embaraçar o despacho do Gama, e talvez para destruir a frota no porto de Calicut: é isto certamente o que me diz a historia; mas eu quereria que o Poeta transportasse aqui a verdade historica para a verosimilhança poetica; dramatisasse este facto, e nos fizesse assistir aos conciliabulos dos Sarracenos, e dos Indios; escutar as suas discussões, e expôr os motivos das suas intrigas, e os meios, com que contassem para leva-las ao cabo. Parece-me que Monçaide affeiçoado aos Portuguezes, que tantos serviços lhe fez, e que os seguio á Europa abraçando a Religião Christã, podia representar nisto um papel tão brilhante, como Abdiel no conciliabulo dos Demonios no Paraiso Perdido de Milton.

Tambem me parece, que o Gama faz uma tristissima figura epica quando reconhece

> Que elle não hera mais que hum Diligente
> Descobridor das Terras do Oriente.

E quando

> Escreve a seu Irmão, que lhe mandasse
> A fazenda com que se resgatasse.

Quanto á verosimilhança não deixa de haver nos Lusiadas alguma cousa digna de censura. As façanhas de

Digitized by Google

algons Lusitanos antigos, e modernos pintadas nas bandeiras, sam invenção desgraçada, porque nas bandeiras nunca se pintam sénão armas dos Principes, ou das Nações a quem ellas pertencem: aquellas memorias só poderiam ter logar em paineis, ou em tapeçarias, que guarnecessem a camara do Capitão.

Desgosta tambem que o zêlo religioso de Camões o levasse a fazer que o Gama, contando ao Rei de Melinde a Historia de Portugal, todas as vezes que falla em Mouros lhe applique os epithetos de *nefandos, barbaros, torpes, cães, perros;* não se lembrando que fallava com um Principe Mahometano, e que este o recebia com tanta affabelidade, e agasalho; isto é peccar não só contra o decoro poetico, mas contra as regras da civilidade, e boa criação: mas serão taes estes defeitos, que obscureção a gloria do Poeta, e façam dos Lusiadas uma Obra secundaria? Não, responde a admiração de trez seculos, e essa admiração me parece um abono seguro da perpetuidade da sua fama.

A estima, e o applauso das Obras de Camões, e muito especialmente dos seus Lusiadas, tem progredido, e augmentado na razão directa dos progressos do bom gosto, da boa critica, e das sciencias; porém essa estima para vergonha nossa, é ainda maior entre os Estrangeiros, que entre os Portuguezes, sempre tibios apreciadores das proprias riquezas.

Foi neste seculo, epocha a mais brilhante da gloria de Camões, quando o seu nome era pronunciado com mais respeito entre as nações da Europa, quando os Criticos Alemães, Inglezes, Italianos, e Francezes se occupavam em analysar as suas bellezas, quando acabava de apparecer em Inglaterra a nova traducção de Lord Strangford, e na Italia a de Bricolani, que entre nós se ergueo do pó da terra um charlatão literario blasonando de aniquillar o que elle chamava a *maldita Seita Camoniana, que até por moda se hia propagando pela França.*

Esta mania lhe fez produzir não só os Artigos do Espectador, mas dous grossos volumes recheados de absurdos, inepcias, ignorancia, calumnias, e desaforos contra Camões. Ahi existem impressos para perpetuo ludibrio, e vergonha de seu author esses dous volumes, e o Dis-

Digitized by Google

curso Preliminar do Poema *Oriente*; porém esse Poema *Oriente* julgo eu mais honroso para o nosso Poeta, que todos os louvores, que lhe prodigalisou Faria e Sousa. Julgamos que a sua composição foi uma rigorosa penitencia, que José Agostinho se impoz pelos seus peccados literarios contra Camões. Pôr aquelle Poema ao lado dos Lusiadas foi dizer « eis aqui o que de um assumpto difficil tirou um homem de genio; eis aqui o que delle tirou um escrevinhador sem talento; sirva o nada, que eu fiz, de ponto de comparação para se conhecer o muito que fez Luiz de Camões. » Debaixo deste ponto de vista, deve confessar-se que José Agostinho de Macedo foi o mais generoso dos Criticos.

Ainda ha pouco a Inglaterra levantou uma Estatua a Sir Walter Scott!... E nunca chegará o tempo de pagarmos a nossa divida de gratidão ao mais nacional, e ao mais patriotico dos nossos Poetas? Ficarão os ossos do Homero Portuguez perpetuamente esquecidos sob o altar do côro debaixo do Convento de Santa Anna? Não serão jámais transferidos para um tumulo decente, que todos contemplem, que desperte a veneração dos seus compatriotas, e inflamme novos genios de briosa emulação? Continuaremos a ser por muito tempo a respeito das bellas artes, e com especialidade da poesia

> Tão rudes, e de engenho tão remisso,
> Que a muitos dará pouco, ou nada disso.

Como elle dizia dos seus contemporaneos, no seio da miseria, e da angustia?

Em mil oito centos, e dezoito, alguns admiradores de Camões, Inglezes, e Portuguezes residentes em Londres, ordenaram uma subscrição para levantar um monumento, onde descançassem honrosamente os ossos do cantor das nossas glorias; o celebre professor João Domingues Bomtempo foi incombido da composição da musica para as exechias, e tinha já desempenhado esta honrosa commissão por um modo digno dos seus talentos; mas quando se diligenciou a licença para se levar a effeito esta empreza, foi ella denegada pelo judicioso motivo de que *o Monumento havia de ser em Praça Publica!!*

Digitized by Google

Mr. Adamson na sua Vida de Luiz de Camões, obra cheia de erudição, de boa critica, e que mostra um profundo conhecimento da Literatura Portugueza traz uma longa lista de todas as traducções dos Lusiadas em Latim, Hespanhol, Italiano, Inglez, Francez, e Alemão, transcrevendo de todas ellas a morte de D. Ignez de Castro, exceptuando, a que Sulpicio Goubier Barrault, Major da Praça de Lisboa, fizera dos Episodios de Adamastor, e D. Ignez de Castro, que elle affirma que, apesar de todas as diligencias, não poderá descobrir, mesmo em Portugal, onde as fizera procurar. E' na verdade rara, e como possuo um exemplar desta traducção com ella terminarei o que tinha a dizer á cerca de Camões.

LA MORT D'INÉS DE CASTRO.

Tu vivais, belle Inés, et tranquille, et contente,
Tu cueillais les doux fruits d'un age ou tout enchante,
Dans cette erreur de l'ame, et ce calme trompeur,
Dont le sort vint bientot t'arracher la faveur.
Aux bords du Mondego sereins, et pleins de charmes,
Que tes beaux yeux toujonrs mouilleient de quiques larmes,
Aux monts, aux prés, aux bois, á la plus tendre fleur
Tu repetais le nom le plus cher á ton cœur.
Pédre etait loin de toi, mais te voiait sans cesse,
Du plus doux souvenir il paioit ta tendresse,
La muit, d'un songe heureux la seduisante erreur,
Ennivrait ses esprits, t'offrait á son ardeur:
Le jour, ses tendres veux, ses soupirs, ses pensées
Volaint jusques á toi, sur l'aile des idées.
Objets, songes, desirs, tout porte dans son cœur
L'empreinte de la joie, et l'attrait du bonheur.

Ce Prince fuit l'hymen, et l'espoir des caresses
Des plus touchants objets, des plus belles Princesses,
Vaincu d'un doux regard, d'un chaste amour épris,
Ce qui n'est pas Inés n'obtient que ses mepris,

Mais cet etrange amour allarme enfin son Pere;
Ce Veillard circumspect pese en juge severe
Le murmuro du Perple, et le gout dangereux,

Digitized by Google

Qui maitrisant son fils, l'eloigne d'autres nœux,
Pour arracher ce Prince au piege, qui l'arrete,
Le Roi condamne Inés, et prescrivant sa tête,
Croit noyer dans un sang, qu'il verse indignement,
Du plus fidel amour le feu le plus ardent.
Oh fureur! il fallait que ce fer invencible
Qui fit mordre la poudre á l'Affricain terrible,
Vit souiller son triomphe en portant le trepas
Dans le sein delicat d'un objet plein d'appas!

D'horribles meurtriers une troupe farouche
La traine aux pieds du Roi : ce spectacle le touche...
Mais le Peuple, que avengle un feroce transport,
La poursuit á grands cris, et demande sa mort.
On entendait d'Inés les accens lamentables,
Qui cherchaient a flechir des cœurs impitoiables;
Moins sensible á ses maux, á ses beaux jours ravis,
Qu'aux douleurs de son Prince, et qu'au sort de ses fils,
Elle elevait aux Ciel ses yeux remplis de larmes,
De ses duniers momens seules, et faibles armes;
Tandis que lachement un de ses assassains
D'un infame lien deshonnorait ses mains,
Puis baissant ses regards, sa tendresse envisage
Ses enfans de l'amour et le fruit, et l'image;
Et pour ces Orphelins craignant de nouveaux maux,
A' leur Ayeul cruel elle adresse ces mots.

« Entre ces animaux feroces par nature,
« Qui du carnage seul tirent leur nourriture;
« Et parmi ces Oiseaux de rapine, et de sang,
« Qui, fondand sur leur proie, en dechirent le flanc,
« De malheureux enfants proscrits des leur naissance
« Out trouvé la pitié, des secours, l'existence,
« Ainsi Semiramis vit ses jours conservés,
« Rome, tes fondateurs ainsi furent sauvés :
« Oh toi, qui des humains portes la resemblance;
« Si c'est l'etre en effet d'assouvir sa vengence,
« D'abuser sans remords d'un pouvoir inhumain,
« D'outrager la nature, et de tremper sa main
« Dans le sang d'une femme innocente victime,
« Sans force, sans secours, et qui n'a d'autre crime

Digitized by Google

« Que d'avoir captivé la tendresse d'un cœur,
« Que du sien, jeune encor, fut l'unique vainqueur :
« Alphonse ! vois mes fils, respecte leur enfance,
« Si ma fatale mort, mon sang, ni ma naissance
« Ne peuvent t'emouvoir en ma propre faveur,
« Ne les entraine pas, du moins, dans mon malheur,
« Suspend ce fer, ces feux, que justes dans la guerre,
« Sur le superbe Maure ont servi ta colere,
« Econte la clemence, et conserve des jours
« Qui n'ont pas merité que tu tranches son cours.
« Ne sois pas inflexible ! ah ! si mon innocence
« Pouvoit prendre en ton cœur un moment ma defence
« Si la pieté pouvait t arracher un regret.
« D'un exil eternel prononce moi l'arret,
« Aux glaçons de Scythie, aux sables de Libie,
« Dans des pleurs eternels j'irais trainer ma vie,
« Choisis quelque desert affreux, inhabité
« Theatre de carnage, et de ferocité,
« Lá toute á mon amour, á cet amour extreme,
« Qui quand je perds le jour, survit á la mort meme,
« Mes mains eleveront ces restes precieux,
« Ces tendres innocents, vois leurs traits ! vois leurs yeux!
« Ce regard, que te dit que ton fils est leur pere !
« Eux seuls consoleront leur miserable Mere ;
« Les Tygres, les Lions nous seront moins cruels,
« Que les cœurs endurcis des barbares mortels.

Le Monarque attendri penchait vers la clemence,
Il voulait revoquer la fatale sentence,
Un Peuple opiniatre, et le destein d'Inés
S'acharnait á sa perte, et hatait les forfaite,
Ainsi le sort le veut, et la troupe complice
Couvrant son attentat du faux nom de justice,
Faisant briller le fer, que guide la fureur,
Sert une rage injuste, et croit servir l'honneur.

Telle antrefaix l'aimable, e jeune Polixene,
D'une mere monrante et l'espoir, et la peine,
Quand Pyrrhus la trainaite le poignard á la main,
Fixait sa tendre mere, avec cet air serain
D'une jeune brebis, qu'on mene au sacrifice,

Digitized by Google

Deconvrait son beau sein, et s'offrait au suplice ;
Telle Inés presentait aux bourreaux de ses jours
Cette tete charmante, ouvrage des amours ;
Cette tete, ou depuis, et malgré la mort meme,
La vingeance, et l'amour mirent le diademe.
A' l'aspect des poignard retirés, de son flanc,
Arrosés de ses pleurs, et baignés de son sang,
Ces monstres s'acharnant encor sur la victime,
Bravaint les chatiments reservés á leur crime.

O soleil, tu devaist dans cet horrible jour
Priver de tes raions ce coupable sejour,
Ainsi que tu le fis dans ce moment funeste,
Quand Atrée insultant á son frere Thyeste,
Fit servir a ce Roi credule, et malheureux,
Les membres de son fils dans un festin affreux.
Pédre !.. est le dernier cri qui jette Inés mourante,
Echos, vous le sçavez, et lors que á cette amante
Eteinte par la mort la voix se refusoit,
Sur ses levres encor ce nom cher palpitait.

Telle la fleur des champs dont la jeune Bergere
S'empresse de former sa coronne legere,
Coupée avant le temps se fletrit sous sa main,
Perd son eclat brillant, et son parfum divin ;
Telle cette Beauté ravie á la lumiere ;
Les voiles de la mort ont couvert sa paupiere,
Sa paleur a terni l'albatre de son sein,
Et son soufle a seché les roses de son tein.

Nimphes du Mondegó, des larmes les plus tendres,
Vos tristes yeux longtemps ont arrosé ses cendres,
Et pour eterniser vos profondes douleurs
L'Amour meme en fontaine a transformé vos pleurs,
Le nom d'Amours d'Inés, qu'elle conserve ancore
Lui fut donné par vous, qui la vites eclore ;
Etvous dites sans cesse en regardant son cours,
Nos larmes sont ses eaux, et son nom les amours.

Digitized by Google

ADAMASTOR.

Dejá depuis cinc jours, au gré d'un vent heureux,
Nos vaisseaux s'elognaint de ces bords danjereux,
Vouguoient sur une mer jusqu'alors ignorée,
Une nuit, qu'au repos la flote etait livrée,
Je veillait, observant sous des astres nouveaux,
La sillomante proue ouvrir le sein des eaux,
Sur nos tetes soudain une effroiable nue,
Se forme, obscurcit l'air, y parait suspendue.

Ce nuage roulait, si chargé de vapeurs,
Qu'á son horrible aspect l'efroi glaça nos cœurs,
De la mer, qu'il noircit, les flots un loin mugissent,
Tels quand de leurs brisants les rochers retentissent.
O sublime pouvoir! m'ecriai-je a l'instant,
Est-ce un nouveau mistere, est-ce un ciel menaçant,
Dont ces mers, ces climats nous presentent l'image?
Prodiges plus affreux que la fondre, et la orage!

A peine j'achevais, que dans l'air tenebreux
Un Phantome apparait robuste, vigoureux,
Sa figure est diforme, et sa taille etonnante.
Jl a les traits chargés, la barbe degoutante,
L'air terrible, et mechant, le tein pale, et terreux,
Les yeux creux, les cheveux et crepus, et fangeux,
Sa bouche affreuse, et noire, et ses levres pendantes,
Offrent l'aspect hideux de ses dents jaunissantes.

D'abord, je te l'assure, á son corps monstrueux
De Rhodes je crus vois ce Collosse fameux,
Dont l'etrange grandeur n'eut jamais de pareilles,
Et que le monde compte entre ses sept merveilles,
D'un son horrible, et rauque il frappe enfin les airs,
Sa voix parait sortir de l'abime des mers,
A' l'entendre, á le voir nos cheveux se herissent,
Tout, notre corps frissonne, et nos veines tarissent.

« Hardis mortels, (dit-il) et plus audacieux
« Que tons ceux, qui du monde ont ettonné les yeux,

Digitized by Google

« Vous dont de vains travaux, tant de cruelles guerres,
« N' ont jamais pu lasser les armes temeraires,
« Vous osez donc briser ce terme limité?
« Vous osez de ces flots courir l'immensite?
« De ces flots, dont toujours j'ai gardé la surface,
« Dont jamais gouvernail n'a silloné l'espace?

« Eh bien! puisqu' aujourd'hui d'un regard penetrant
« Vous scrutez la nature, et l'humide element,
« Et sondez des secrets, dont des mortels celebres,
« D'un nom, meme immortel, n'ont percé les tenebres;
« Je lis dans avenir, ecoutez les malheurs,
« Dont votre trop d'audace essuira las horreurs,
« Tant sur ces vastes mers, que par toute la terre,
« Qu'il vous fant subjuguer par la plus dure guerre.

« Voyez votre voyage, et sa fatalité;
« Tous ces voiles armés par la temerité
« Auront pour ennémis, a jamais, ces rivages,
« Ou se rasambleront les vents, et les nuages!
« Et des premiers Vaisseaux contre moi revoltés,
« Qui franchiront ces flots jousqu'ici respectés,
« Le chatiment subit feră de tels ravages,
« Que vos perils seront moins grands que vos naufrages.

« Ma vengeance, j'espere, un jour dans ce climat
» De qui me decouvrit expiera l'attentat;
« Et l'ardeur de punir votre audace obstinée
« A' son seul chatiment ne sera point bornée,
« Oui, si la verité se decouvre á nos sens,
« Tous les ans vous verrez, freles jouets des vents,
« Vos Vaisseaux engloutis, et tant de maux á craindre,
« Que d'eux tous ressambles la mort sera le moindre.

« Au primier Chef illustre, et parmi vous fameux,
« Dont les faits porteront le renom jusqu'aux Cieux,
« Je dois par des decrets, qu'aux humains un Dieu céle,
« Servir de sepulture eternelle, et nouvelle,
« De la flotte du Turc c'est dans ces memes lieux
« Qu'il lui faudra laisser le trophée orgucilleux.

Digitized by Google

« Quiloa renversée, unie avec Mombaca
« De sa perte infaillible avec moi le menace.

« Aprez lui doit paraitre un Heros genereux
« Issu d'un noble sang, plein d'honneur amoureux ;
« Pour compagne el aura l'objet le plus aimable,
« A' l'amour il devra ce prix inestimable ;
« Mais trahis par le sort, et par leurs noirs destins,
« Et jettés sur mes bords arides, inhumains,
« Ils sortiront vivants du plus cruel naufrage,
« Pour soufrir des travaux plus forts que leur courage.

« Ils verront leurs enfans, objets de leur amour,
« Par la faim devorés, expirer tour á tour ;
« On verra l'affreux Cafre avide, et plus barbare
« Depouiller sans pitié la beauté la plus rare,
« Et ce corps, dont l'eclat efface le cristal,
« Nud soufrir la chaleur, le froid, un air fatal,
« Laissant de toute part sur l'arene brulante
« De ses pieds delicats l'empreinte encor sanglante.

« Echappés á ces maux, á ces tourments divers,
« Ces amans survivront á leur affreux revers,
« Pour languir, pour sonfrir, dans leurs sort deplorable
« Des arides forests la chaleur implacable,
« C'est la qu' apres avoir á force de malheurs
« Amolli les rochers pas leurs cris de douleurs ;
« Ils verront embrassés fuir leur ame immortelle
« De la triste prison, qui pour eux fut si belle

« Poursuivant son discours, ce Monstre horribel enfin
« Predisait nos destins ; quand me levant soudain
« Qui es-tu ? (di-je) toi, qui sous ce corps informe
— Nous viens emerveiller de ta stature enorme ?
Tournant alors la bouche, et roulant ses yeux creux,
Il pousse avec effort un hurlemente affreux,
Et repond d'un ton dur, que l'amertume enflamme,
Comme si ma demande eut opprimé son ame.

« Je suis ce Cap fatal, oculte, e renommé,
« Que le Cap orageux vous meme avez nommé,

Digitized by Google

« Ptolomée, et Strabon, Pomponius, ni Pline,
« En un mot nul mortel n'a sçu mon origine,
« Ni vu mon Promontoire inconnu jusqu'alors,
« Dela Côte Affricaine il borne ici les bords,
« E commandant ces mers s'etend sur leur surface,
« Vers le Pole Antarctique outré de votre audace.

« La Terre me compta parmi ses fiers enfans,
« Centimane, Encelade, Egée, et les Titans,
« Je suis Adamastor, et pris part á la guerre
« Contre le Dieu puissant, que lance le tonnerre;
« Mais on ne me vit point entasser monts sur monts;
« Conquerant l'Occean, et ses antres profonds,
« Je me chargeai des mers, ou courant la fortune
« Je cherchais furieux la flotte de Neptune.

« De ce hardi projet l'Amour fut le moteur,
« L'Epouse de Pelée avait seduit mon cœur;
« A' la Reine des eaux seule rendant les armes,
« Des Deesses du Ciel je meprisai les charmes,
« Sur les bord de la mer je la vis nue un jour,
« Les Filles de Nerée embellessaint sa cour,
« Soudain mon cœur fut pris, mais de telle maniere,
« Qu'a tout dans l'vnivers encor je la prefere.

« De mon enorme corps l'effraiante grandeur,
« D'obtenir son aveu m'otant l'espoir flateur,
« Je voulus l'emporter par la force des armes,
« Je le dis á Doris; la Deosse en allarmes
« Court tremblante d'effroi parler en ma faveur;
« Thetis, lui souriant de l'air de la candeur
« Quelle Nymphe pourrait (dit elle avec finesse)
« A l'amour d'un Geant igaler sa tendresse?

« Mais enfin pour sauver d'Occean aux abois
« D'une guerre si longue, essaions, toute foix
« Sans blesser mon honneur, d'arreter le carnage,
« Ma confidente ainsi me rendit ce message,
« Je n'en soupçonnai point le piege seduisant,
« Des amants insensés tel est l'avenglement

Digitized by Google

« Abondanment rempli de vaine confiance
« Mon cœur bercé d'erreurs se gonfla d'esperance.

« Ridicule jouet de l'imbecilité
« De la guerre deja je m'etais desisté,
« Par Doris une nuit m'est promise ; j'arrive,
« Et je crois voir Thetis seule ao loin sur la rive.
« Aucun voile jaloux ne convrait ses appas,
« C'est son port, sa blancheur!.. j'ouvre aussi tot les bras,
« Je cours baiser ce corps, j'y sens voler mon ame,
« Sa bouche, ses cheveux, son bel œil... tout m'inflamme.

« Ah! je ne puis conter sans honte, et sans regrets,
« Que croiant embrasser la brauté, que j'aimais,
« Je me vis embrassant un mont dur, effroyable,
« Convert d'une forest epaisse, impenetrable ;
« Et trouvant face á face un rocher dans mes bras,
« Quand je croiait presser d'angeliques appas ;
« L'Homme en moi disparut, muet, presque sans vie,
« Je devins une roche a une autre roche unie.

« Nymphe de l'Ocean la plus riche en attraits,
« Que t'en eut-il couté si je te deplaisais,
« De me laisser au moins l'erreur d'un bien supreme,
« Fut-ce un songe, une nue, un mont, le neant meme?
« Fuiant enfin ces lieux, insensé de fureur,
« Outré d'affliction, et de mon deshonneur,
« Je fut chercer un monde, ou delivré d'alarmes,
« Je ne visse personne insulter á mes larmes.

« Mes freres dés longtemps etaient deja vaincus,
« Et dans leur triste sort sans resource abatus,
« Pour plus de sureté les Dieux dans leur vengeance
« Les avaient ecrasés sous des roches immenses,
« Ainsi contre le Ciel tous les eforts sont vains,
« Tandis que je me traine en pleurant mes chagrins,
« Des destin ennemis trop coupable victime,
« Je commence á sentir la peine de mon crime.

« En terre dure un jour je vis changer mes chairs,
« Mes os petrefiés formerent des rochers

Digitized by Google

« Ces membres, que tu vois, cette figure enorme
« S'allongeant sur les eaux, prirent un autre forme ;
« En ce cap reculé les Dieux vengeant leurs torts,
« Convertirent enfin mon gigantesque corps :
« Et pour rendre á jamais mes douleurs plus profondes,
« Thetis meme, Thetis m'entoure de ses ondes.

Ce monstre ainsi parla pleurant affreusement,
Et de nos yeux surpris disparait á l'instant :
Avec lui disparut le tenebreux nuage,
D'un long gemissement la mer, et le rivage
Retentirent au loin : moi j'elevai les mains
Vers le Ciel, qui nous guide en ces climats lontains,
Le priant d'eloigner les disgraces futures,
Qu'Admastor predit dans ses tristes augures.
Sulpicio Goubier Barrault.

Da Dedicatoria desta Traducção a El-Rei D. Joseph se vê que o Traductor estava resolvido a emprehender a versão completa do Poema, si fosse para isso auxiliado pelo Governo. Por desgraça o Marquez de Pombal, que não era grande amador da poesia, não julgou que a offerta merecesse galardão, e assim perdemos o ter uma boa Traducção, dos Lusiadas em verso Francez, cousa que ainda não existe.

Digitized by Google

CAPITULO III.

Pedro da Costa Perestrello.

Si as Obras deste Poeta sam pouco conhecidas, menos conhecidas ainda sam as circumstancias da sua vida, a sua familia, a sua patria, os seus estudos, a sua fortuna, e o anno, e local da sua morte.

Nada disto consta da pequena noticia que delle nos dá Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, nem da que o professor de rhethorica, Antonio Lourenço Caminhá, ruim Critico, e mais ruim Poeta, collocou á frente de algumas Obras deste Poeta, cujos manuscriptos descobriu, e deu á luz; posto que eu duvido da authenticidade de algumas dellas. Esta noticia que elle diz extrahida de Barbosa, é verdadeiramente copiada delle sem alteração de uma virgula. Na falta pois de outras noticias somos obrigados a seguir o que diz Barbosa, e as conjecturas que podermos formar de alguns logares das suas poesias.

Parece pois que Pedro da Costa Perestrello seguio nos seus primeiros annos a vida militar, e servio em Hespanha, pois consta que assestira, no posto de Capitão, á celebre Batalha de Lepantho, no anno de 1571.

Esta batalha foi ganhada naquelle golfo sobre uma poderosa armada Othomana, com que o Sultão dos Turcos ameaçava a Christandade, e com especialidade a Italia, por D. João de Austria, filho do Imperador Carlos V., e irmão de Filippe II., Rei de Hespanha: aquelle Principe commandava em chefe as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova, e as galeras do Papa, e desejoso de gloria, deliberou-se a combater o inimigo, apesar das instrucções secretas, que tinha em contrario, e da oposição

Digitized by Google

do celebre André Doria, Almirante da Senhoria Genoveza, que não podendo al fazer, se conservou com as suas galeras em inacção, como simples espectador da batalha, e da victoria.

Esta victoria, que salvou a causa da Religião Christãa, fez grande estrondo na Europa, e foi celebrada pelos melhores Poetas do tempo; ella inspirou a Herrera uma Canção, e uma Ode, que se contam entre as trez mais sublimes composições daquelle grande Poeta; João Rufo, e Jeronymo Côrte Real a cantaram nos seus Poemas Epicos a *Austriada*, e a *Victoria de Lepantho*, e tornou o nome de D. João d'Austria summamente popular tanto na Hespanha, como na Italia, mas por isso mesmo despertou o ciume, e a desconfiança de Filippe II., que festejando a gloria do triumpho das suas armas, olhou desde então com sobrenho o triumphador, que procurou sempre affastar de si, removendo-o com especiosos pretextos para os Paizes Baixos, sem as forças necessarias para vencer os rebeldes, e fazendo-o cuidadosamente espionar como consta de Estrada, Hogo Groot, Bentivoglio, e outros historiadores, que tractaram das campanhas da Belgica.

Tambem parece, que a sua estada em Castella não contentou muito a Perestrello, talvez por vêr mal recompensados os seus serviços; é pelo menos o que póde colligir-se da seguinte Satyra violenta, por elle publicada contra a cidade de Madrid, capital daquella monarchia.

O Madrid, escuro Infierno,
Emulo del bien humano,
Que amontonas con tu mano
Muladares en Inbierno,
Para comer de Verano.

Tus apparecias serenas,
Por mi mal las conoci,
Por que otro bien non le vi,
Sinon tus salidas buenas,
Por que son salir de ti.

Desterraste al niño ciego,
Y del Mundo el bien maior,

Donde con poco valor
Arden tus Damas sin fuego,
Que aman todas sin amor.

Ala voz dulcisonante
Que en la Cythara se apura,
Diste nombre de loucura,
Y al mas grossero amante
Dás por dinero hermosura.

Las discretas, y las necias,
De todas no quitando una,
Tractas en igual fortuna;
Tienes corruptas Lucrecias,
Mas no se mata ninguna.

El Tarquinio es el dinero,
Que quita fuerça, y dolor,
El Intereis, el Amor;
Y de bravo es ya Cordero
Qualquer Bruto vengador.

En las tierras dó yo moro,
Cien Galinas toma un Gallo,
Al Carnero tantas hallo
Ovejas, Vaccas al Toro,
Tantas Yeguas al Caballo.

Y tus hembras infernales,
Que assi quiero que los nombres,
Indinas d'otros renombres,
Mas que brutos annimales,
Cada qual tiene cien hombres.

Prado tienes de placer,
Cercado de bosque ameno,
Fuera de ti como ageno,
Porque assi fu'e menester
Para ser el prado bueno.

Digitized by Google

Secas de Verano el Rio,
Llevas do inbierno la puente,
Eres seco indiferente,
Eres mas que el hielo frio
Mas que la fragoa caliente.

Quin te busca no se alabe,
Sino despues que te viere,
Que dirá, si sabio fuere,
Quien te quiere no te sabe,
Quien te sabe no te quiere.

Tambem me persuado, que voltando á patria desgostoso de Castella, é que alcançou o logar de Secretario d'El-Rei, de que falla o Abbade Barbosa Machado, o que me parece provar, em primeiro logar, que era fidalgo, pois sem essa circumstancia, não é probavel, que fosse assim empregado; em segundo logar, que era bem visto na Côrte, talvez pelo talento de Poesia, que então andava muito estimada, e cultivada dos Cortezãos.

Não admira que a victoria de Lepantho, que tanto enthusiasmo tinha produzido, não só nos Poetas Castelhanos, mas nos Estrangeiros, pois que a numerosa collecção de Poetas Italianos, que escreveram em Latim, está cheia de Poemetos a esta Batalha Naval, suscitasse o desejo de celebra-la em um Poeta que tinha ajudado a ganha-la com a sua espada: e assi acconteceu, porque Perestrello escreveu effectivamente com o titulo de *Batalha Ausonia* um Poema em seis Cantos, e em oitavas, que o Abbade Barbosa diz, que principiava por estes versos

La Santa Liga de Christianos canto,
De Austria las armas, y el Varon potente,

e terminâva com estes

Unida destes Principes la mano,
Los sceptros partirán del Othomano.

Accrescenta mais que, no ultimo Canto traz pintado o Estandarte Real, que os Christãos, haviam tomado aos

Digitized by Google

Turcos naquelle combate naval; é pois evidente que Diogo Barbosa Machado tinha lido este Poema, porém não nos diz si impresso ou manuscripto, pela minha parte julgo que seria manuscripto, porque nem o achei de venda em Lisboa apesar de toda a diligencia que fiz para encontra-lo, nem conheci ainda pessoa, que o tivesse visto, e fazendo-o procurar em Madrid, e em Cadiz, tive em resposta, que os livreiros ali não tinham conhecimento de semilhante obra. Não posso attribuir isto ao descuido das pessoas a quem incumbi dessa diligencia, pois quem procurou, e mandou outros, que em encommendára, tambem mandaria este se o encontrasse; igualmente não deparei com o seu titulo em algum dos Catalogos das Bibliothecas desta cidade, que examinei.

Lê-se mais na Bibliotheca de Barbosa, que Pedro da Costa Perestrello escrevera outro Poema, sobre a viagem de Vasco da Gama para a India, pelo Cabo da Boa Esperança, mas que não o publicára, por vêr que sahira á luz o Poema de Camões, e vem citadas as seguintes palavras de Manoel de Faria e Sousa, no Index dos Authores Portuguezes, de que Barbosa diz que tinha visto o original. «*Viendo la Lusiada cayeron sus osadias, y su Poema por el suelo: fué todavia vantaja grande el reconocer la vantaja agena; hizo otras cosas, y buenas.*».

Confesso que esta anedocta não me parece verosimil; seria demasiada modestia em um Poeta de reputação como Perestrello, o sacrificar ao esquecimento um Poema Heroico, cuja composição forçosamente lhe havia ter dado muito trabalho, só porque se havia publicado outro sobre o mesmo assumpto, não posso crêr que Perestrello tivesse em tão pouca conta a sua Obra, e o seu talento!

Tenho para mim, que a razão porque Perestrello não imprimio a sua *Batalha Ausonia*, e as suas outras Poesias, foi a mesma que fez com que elle não desse á luz o seu Poema do descobrimento da India; esta pelo menos será a minha opinião, em quanto não vir o facto abonado por pessoa para mim de mais authoridade que Manoel de Faria e Sousa cujo zêlo irreflectido pela gloria de Camões podia leva-lo a accreditar, que Perestrello obrara assim pelos motivos que elle lhe suppõem.

Tem havido entre nós nestes ultimos tempos tantas re-

Digitized by Google

surreições de poesias, que dormiam na sepultura do esquecimento, que não seria grande admiração que o *Descobrimento da India*, e a *Batatha Ausonia*, viessem fazer gemer os prélos, como o Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz, e o do Conde de Barcellos, e á vista delles poderiamos então avaliar com exatidão o merecimento poetico de Perestrello, e assignar-lhe o logar que com justiça lhe compete no Parnaso Portuguez; mas não podendo agora avalia-lo si não pelas poesias descobertas, e publicadas por Antonio Lourenço Caminha, não podemos têlo em conta si não de Poeta mediocre; esta collecção de que o editor tece um elogio tão enfatico, e exaggerado, que apenas poderia caber a Camões, consta da traducção de algumas Lições de Job, feita em tercia ryma, de uma Canção a Nossa Senhora, que o editor impropriamente qualificou de Ode, de cinco Odes, duas Epistolas, uma ao Marquez de Castello Rodrigo, e outra a El-Rei D. Sebastião, seis Epigrammas, a Satyra a Madrid, uma Ecloga, sete Oitavas a S. Pedro, dez Sonetos a differentes assumptos, sendo álguns delles em Castelhano, umas Voltas a um Motte, e uma Oitava sobre a morte de Lucrecia.

De todas estas composições a mais importante a meu vêr, é a traducção, ou paraphrase das Lições de Job; é ella escripta em linguagem pura, e apresenta bastantes Tercetos bem fabricados, e de quando em quando dá seus ares da energia, e força na Poesia Biblica. Não pertendo porém dizer com isto, que Perestrello possa neste trabalho igualar-se com Frey Luiz de Leão, e a comparação de alguns versos dos dous Poetas fará conhecer a differença.

PERESTRELLO.

Porque, Senhor, lhe diz, hes contra mi,
E queres opprimir á força pura
A obra de tuas mãos, feita por Ti?
Parece-te justiça por ventura
Os Maus serem de Ti favorecidos,
Condemnados os bons tua feitura?
Teus olhos por ventura esclarecidos
Sam de carne, Senhor, e corporaes,
Quaes vêmos os dos Homens cá nascidos?

Digitized by Google

Ou sam, Senhor, teus dias naturaes
Quaes nossos dias sam? ou os teus annos
C'os tempos vam correndo desiguaes?
Porque, Senhor, por termos inhumanos
Meus peccados inquires, e maldade,
E sem culpa padeço tantos annos?
Justiça peço a Ti, Deos de verdade,
Livre de Vicios, e desejos vãos,
Pois ninguem com peccados, ou maldade
Póde, Senhor, fugir das tuas mãos.

Vêjamos agora como o grande Lyrico Hespanhol exprimio as mesmas idéas.

FREY LUIZ DE LEÃO.

Este morir viviendo noche, y dia
Assi me enfada ya, que sin respeto
Las riendas soltaré a la lingua mia.
Diré mis amarguras en secreto;
Señor, condemnarás a un atrevido,
Ni me dirás razon de aqueste aprieto?
Es bueno ante tus ojos opprimido
Tener con violencia al que es tu hechura,
Y dar calor al malo? a su partido?
Tus ojos son de carne por ventura?
Tu vista qual la humana? tu partido,
Tu ser es como el ser de la Criatura?
Pesquisas lo que dudas engañado
Por dicha, o por suspecha manifiesto?
Tu sabes que jamas te fui culpado.
No sabes mi ignorancia? mas ni aqueste
Ni fuerza, ni saber alguno humano
Descarga de mis hombros lo que has puesto.

PERESTRELLO.

Tuas mãos que de nada me fizeram,
De graças mil, e dotes rodeado,
Contigo contra mi te converteram.

Digitized by Google

Pois lembre-te, Senhor, que sou formado
De lôdo, e pó, que em carne converteste,
E de preça serei nelles tornado.

Qual leite me mungiste, e composeste,
Como massa do queijo me ajuntaste.
De carne, nervo, e ossos me fizeste.

De piedade, e vida me dotaste,
Com teu soccorro, e bem favorecido,
Vesitaste minha alma, e me amparaste,
Espirito me deste engrandecido.

FREY LUIZ DE LEÃO.

Tus dedos me formaron, con tu mano,
Señor, me compusiste a la redonda:
Y aora me despeñas inhumano?
Acuerdate que soy vileza hedionda:
Del polvo me hiciste encenizado
Hora es que el mesmo polvo en mi se esconda.
Como se forma el queso, assi yo puedo
Decir-te, d'una leche sozonada
Me compusiste con tu sabio dedo.
Vestisteme de carne rodeada
De cuero delicado, y sobre estables
Huessos con firmes nervios assentada.
Vida me diste, y bienes no estimables
Y con tu vestidura perservera
Mi huelgo flaco, y dias deslenables.

Parece-me que não será difficil o decidir de que parte está a superioridade.

Tenho a seguinte Lição por um dos melhores trechos desta imitação poetica.

Dita fôra mui grande, em que me vira,
Si dentro dos Infernos me amparasses,
E me escondesses the passar tua Ira;

E tempo certo algum me lemitasses,
Em que depois daquella pena esquiva
De dar fim a meus males te lembrasses.

Digitized by Google

Qual Homem morto cuidas tu que viva?
Meus males cessem, e do corpo austero
Desejo desatar a alma captiva.
E, si me chamas responder-te quero,
« Sou obra de tuas mãos, dá-me a direita,
« Em que salvar-me do naufragio espero.
« De meus passos tomaste a conta estreita,
« Vistos os tens, Senhor, e numerados,
« A conta que fizeste hei por bem feita,
« Mas tu, bom Deos, perdoa os meus peccados. »

A Lição quinta é uma das mais bellas da Obra, pela facilidade da expressão, e pela melodia dos versos.

Homem nascido da Mulher, e enfermo
De pouca vida, e de miserias cheia,
Que passa como a Flor em breve termo.
E quasi ao vento como solta areia
Fugindo em sopro a nós desapparece,
Ou como sombra, que do Sol se alheia.
Que no mal, e mudanças que padece,
Não teve, nem terá alegre hum dia,
Nem nunca n'hum estado permance.
A este pois, Senhor, nesta agonia
Com sanha abres teus olhos, e o destinas
A juizo severo em tal porfia?
Quem podera, bom Deos, obras indinas
Do çujo Peccador fazer limpeza,
Si não as tuas mãos, que sam divinas?
Do Homem breves sam por natureza
Os dias, e os mezes, mas consiste
Em ti delles o termo, e a certeza.
O quanto ham de durar constituiste,
Que traspassar não póde a humana Gente:
Que queres pois, Senhor, ao Homem triste?
Delle te aparta piedosamente,
E deixa hum pouco de lhe ser contrario,
Porque goze de ti suavemente,
E seja de seus dias mercenario.

É opinião de alguns Criticos, e sabios orientalistas, que o Livro de Job, não foi originalmente composto na

Digitized by Google

lingua Israelita, mas a traducção Hebraica de um Poema Arabe; esta opinião tem muita probabelidade attento o estylo figurado da obra, as suas comparações tiradas do sol, da luz, das arêas, as maneiras metaphoricas de expressar as cousas, e a mensão de animaes, e aves, proprios da Arabia. E se compararmos este Poema, um dos mais sublimes que se tem escripto no mundo, com os Psalmos, e o Cantico dos Canticos, e outros que sam indubitavelmente hebraicos, notaremos entre elle, e elles não pequena differença nas idéas, e no estylo.

As Lições setima, e oitava podem dar ao Leitor idéa clara da differença, que corre entre a poesia das nações barbaras, e das nações civilisadas, e modernas; especialmente na escolha dos objetos de imitação.

Lição VII.

O meu esprito perderá seu brio,
Acabando-se hirão meus poucos dias,
E fica-me o sepulchro escuro, e frio.
Em amarguras, e melancholias
Meus olhos se detem, e eu sem peccado
Em ancias me desfaço, em agonias.
Mas si de ti, bom Deos, sou amparado,
Não poderei temer as Legiões
Do Mundo todo contra mim armado.
Atraz os dias, as maginações
Dessipadas desta alma, e divertidas,
Me dá nella mortaes perseguições.
As noites passo em dias convertidas,
Depois das trevas luz, e Sol espero,
As nevoas de meus olhos consumidas.
No que posso durar bem considero
Ter minha casa no profundo Inferno,
Meu leito nelle temeroso, e fero.
Corrupta podridão co'pranto eterno.
Por Pai quero chamar, por Mãi, e Irmãa
Os Bichos desse Abysmo sempiterno.
A Paciencia co'a Virtude sãa
Promptas, meu Deos, para serviço teu,
Livres as tenho de Esperança vãa,
Em ti postas, Senhor, justo Deos meu!

Digitized by Google

Qual seria o Poeta moderno, que ousasse escrever em um Poema original « *Eu quero chamar Pai á Podridão, e Mãi, e Irmãos aos Bichos do Sepulchro?* » com tudo, estas idéas, que em outra parte pareceriam sordidas, e extravagantes, suportam-se nas versões poeticas dos Livros Sagrados, que estamos custumados a lêr, e a respeitar desde a infancia. Esta explicação vale para algumas imagens da Lição seguinte.

Lição VIII.

Pegou-se a minha pelle á minha bocca,
A carne já tão fraca, e consumida,
Que só c'os beiços a meus dentes toca.

A Gente por mim chore entristecida,
E pelo menos meus amigos sintam
A dôr da minha trabalhosa vida.

E nunca desfavores teus consintam
Debaixo de tua mão ser perseguido
Daquelles, que os desastres meus requintam.

Que quer dizer o peito endurecido
Dos Homens, sinão Deos ser-me inimigo
Farto de carne, que me tem comido?

Oh! quem poderá neste gran perigo
Vêr que se escrevam declaradamente
Minha voz, e palavras como as digo!

Oh quem me dera que destintamente
Em chumbo as escrevesse ó ferro duro,
Ou pedreneira mais que o fogo ardente!

Que vivo, meu bom Deos, estou seguro,
Que da Terra no dia derradeiro,
Em carne, pelle, e osso vivo, e puro,

Homem resurgirei, qual fui primeiro,
Com olhos proprios meus, e não alheios,
Vêrei então a ti, Deos verdadeiro
C'os d'alma em tanto de esperanças cheios.

A Lição nona é um pungente grito de desesperação, que o Traductor exprimio com bastante energia.

Digitized by Google

Porque, Senhor, das corporaes entranhas
Da mulher me tiraste, e fui trazido
A vêr miserias tantas, e tamanhas?
Melhor me fôra então ser consumido,
E não me víra em tanta desventura
Si quasi sem nascer fôra nascido?
E do ventre levado á Sepultura,
O fim sé antecipára de meus dias,
Que sei sam breves, e de pouca dura.
Deixa-me pois, Senhor, as agonias,
E dôres lamentar desta alma tua
Antes de entrar nas tenebrosas vias.
E assim comigo de tornar me exclua
A vêr terra tão secca, e tenebrosa
De miserias coberta, e morte crua.
E da sombra me guardes espantosa,
Onde só trevas, e clamor do Inferno
Em confusão habitam lastimosa,
Desordem, dôr, temor, e pranto eterno.

Pedro da Costa Perestrello rompeo aqui um caminho novo, fazendo pela primeira vez ouvir na Lyra Lusitana alguns sons da Musa do Deserto, e do Cinnor Hebraico! pena é que não emprehendesse a versão completa do Livro de Job, Poema sublime, cheio de imagens grandes, e de elevadas sentenças! Trabalho é este, que ainda espera por um Poeta, que o emprehenda, e desempenhe com a mesma perfeição, com que o Padre Antonio Caldas desempenhou a versão de uma parte dos Psalmos.

O menor defeito da Canção, ou Ode a Nossa Senhora é a sua descommunhal estensão; tenho para mim que esta composição não é de Perestrello; não só porque a linguagem me parece muito mais moderna, mas porque está tão cheia de versos errados, outros duros, e outros prosaicos, que seria ridiculo attribui-la a um Poeta, que foi estimado no seu tempo.

Igualmente duvido da authenticidade das Odes, não porque ellas façam vergonha, a quem as compoz, mas porque vêjo nellas a imitação directa de Horacio, o que é contrario á pratica dos Poetas contemporaneos, que imitando as idéas dos antigos, guardavam sempre a fórma

Digitized by Google

externa da Poesia Italiana, como póde observar-se em Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões; até a escolha dos assumptos parece indicar um gosto mais moderno. Para que o Leitor possa avaliar a minha opinião transcreverei aqui algumas Strophes.

Leva por ondas a Cubiça humana
N'hum pobre lenho rôto, e mal vedado ....
Milhares d'Homens, d'onde o Sol se põe
Onde elle nasce.

Por Scillas, e Carybdis vam rompendo
Ignotos mares, bravas tempestades,
Perigos, e Vulcões, que a Morte fera.
Lhe põem diante.

As riquezas, que vam buscar tão longe,
Alijam pelo mar com pena grave,
Puxam, e affrouxam, e em roda viva
Todos trabalham!

As frouxas calmarias vam soffrendo,
Quando nas ondas falta o solto Vento,
As furias, que depois o Tormentorio
Cabo levanta.

Sugeitos a naufragios, e a tromentas
Huns ficam por manjar aos simples Peixes,
Outros, vagando em asperos desertos,
Morrem nas praias.

Outros, que escapam, procurando a vida,
Nas montanhas de Cafres habitadas
A vam perdendo lastimosamente
Ao desamparo.

Dirá alguem que esta linguagem, estas idéas, estas Strophes horacianas não rymadas pertencem ao seculo de quinhentos? Não indicam ellas antes uma epocha posterior á Arcadia? Suspeito muito que estas Odes sejam do professor Antonio Lourenço Caminha, que quiz com

Digitized by Google

ellas engrossar o numero das poucas poesias de Perestrello; mas seja, ou não seja assim, ellas posto que valham alguma cousa pelos pensamentos, valem pouco pela versificação, em que apparecem versos prosaicos, duros, e agudos, e mostram em quem a compoz grande ignorancia do metro da Ode; basta dizer, que todas as Strophes sam compostas de trez hendicasylabos, e um adonico, o que porduz uma disonancia insoportavel. O verso septenario é o unico que se casa bem com o hendicasylabo, porque a voz passa com facilidade, e sem repelão de um para outro. Substitui um octosylabo ao septenario final da mais bella Strophe de Garção, ou de Francisco Manoel, e destruirá toda a sua graça, e harmonia. O verso adonico produz excellente effeito no fim de uma Strophe composta de versos saphicos, mas se o collocaes depois de trez hendeçasylabos, a Strophe, como vulgarmente se diz « *vai de ventas a terra* » tão escandalisado fica o ouvido, com aquelle choque violento, entre dous versos de tão differente natureza. Nunca poderá ser grande lyrico quem não estiver bem penetrado destes segredos da harmonia metrica, conhecimento, cuja falta se nota em alguns Poetas de merecimento como Antonio Ribeiro dos Santos, mas cuja escrupulosa observancia se encontra sempre em Garção, Domingos Maximiano Torres, e Francisco Manoel.

Nada mais differente do que nós chamamos Epigrammas do que os de Pedro da Costa Perestrello; á maior parte caberia melhor o titulo de Epistolas moraes, tanto pelos assumptos, como pela extensão; neste caso me parece estar muito especialmente o que é dirigido á Filippe II. de Castella, e I. de Portugal.

Catholico Monarcha, cujo Imperio
De hum Polo ao outro, terra, e mar profundo
Dos Hemispherios rege o Hemispherio.
Grão Monarcha primeiro, e sem segundo,
Que d'onde nasce o Sol, onde se põe
O sceptro, e formosura tens do Mundo.
Que tudo quanto nelle persopõe,
As barbaras Nações mais apartadas
A teu querer, e acceno se dispõe,

Digitized by Google

Que as trez partes das terras habitadas,
Europa, Africa, e Asia mais remota,
Ao só teu nome estam domesticadas.
Que a nova Região gran tempo ignota,
Rica de perlas, fonte de ouro, e prata,
Gozas cada anno na ligeira frota:
Teu gran valor quebranta, e desbarata
As armas, e vigias peregrinas
A's rodas prendes da Fortuna ingrata.
Dos montes Pireneos ás Cisalpinas
Fragas rompendo as Aguias co'a Victoria
De novo exaltam tuas santas Quinas!
Digno por ellas de immortal memoria,
De Julio Cesar transcendendo as Eras,
Novos Homeros cantarão tua gloria.
Dos Hereges domaste a Serpe fera,
Da Ley de Christo encheste co'a verdade
Teus novos Mundos, tua nova esphera.
Com santo zêlo, e gran severidade
Presides teus juizos approvados
Nos termos da Justiça, e da igualdade.
Com bons costumes honras teus Estados,
Aos bons, e justos fazes Soberanos,
Com justas leys castigas os culpados,
Deos te guarde, bom Rey, por muitos annos.

O mesmo póde dizer-se de outro, que tem por objecto os louvores dos virtuosos, e prudentes, que despresam os bens da fortuna.

De Alcibiades dizem, que os Silenos,
Baixas, e vis imagens na Pintura,
Heram mais, quando pareciam menos.
Simples, e torpes heram na figura,
De fóra pareciam monstruosas,
Sublimes por de dentro em formosura.
De varios desbarates copiosos
Provocavam a riso os assistentes,
Com Phantasmas enormes, e espantosos.
Mas curtas descrepancias apparentes
Co'a capa se cobriam da simpleza
Grandes virtudes, varias, e excellentes.

Digitized by Google

Despresavam do Mundo a vãa riqueza,
Cobriam com seu gesto turbulento
Os altos bens da sabia Natureza.

Seu despresivel trajo, e ornamento
Nas cousas, que mostravam miseraveis,
Cobriam seu divino entendimento.

E sendo tristes Feras admiraveis,
Para si mesmas o remedio forte,
Sem dôr curavam chagas incuraveis.

Contentes cada um com sua sorte,
Vida passavam branda, e descançada,
Livres das ancias, e temor da morte.

A mudavel Fortuna despresada,
Lançavam de seus animos quietos
Não tendo della, nem querendo nada.

Seus crassos termos, doudos, e indiscretos,
Ao parecer dos homens habatidos
Em gloria convertiam bem secretos.

Da Cobiça geral aborrecidos,
De Terra, e mar solicitas Viagens
Alegres apartavam dos sentidos.

Não pendiam de Estados, nem linhages,
E tinham por fraqueza, e vão receo
Os enganos do Mundo, e seus ultrages.

E quanto mais o rosto tinham feo,
Tanto mais por de dentro parecia
De angelico favôr, e graças cheo.

A Socrates seguiam, que dizia
Quanto mais douto, e sabio se mostrava,
Que nada saber hera o que sabia.

Diogenes na pipa, em que morava,
Por Sileno famoso estava nella,
Pois tudo tinha, e nada desejava.

Longe dos tractos da Fortuna bella,
Sem mudar os desejos, nem o Estado,
Teve dos Sabios a mais clara Estrella.

Que sendo de Alexandre visitado,
E como seu favor lhe promettesse,
Ao Sol estando, disso descuidado:

Digitized by Google

Outras graças não teve, que lhe desse,
Mais que com livre voz altiva, e rara,
Que se apartasse, e o Sol lhe não tolhesse.
Resposta esta que tanto edificára,
Que a não ser Alexandre lhe dissera,
Que ser outro Diogenes tomára.
Resolução bem digna de quem hera,
De hum Principe tão grande, e tão famoso,
Posto do Mundo na mais alta esphera.
Que, si não fôra hum Rey tão poderoso,
Não tinha que hera ser em nada menos
Si pobre fosse reto, e virtuoso.
Destes houve no Mundo alguns Silenos,
Antisthenes por tal foi conhecido,
E admirando a grandes, a pequenos.
E Epicteto, Servo esclarecido,
E manço, e pobre tido em ludibrio
Sileno foi de bens enriquecido.
E ainda que o çafáro, e vil Gentio
Os Silenos por Monstros reputasse
Co'a natural doudice, e desvario,
E sem ponderação os despresasse,
Na ley da Graça temos approvados
Outros Silenos de mais alta classe.
Nos ermos para Deos santificados,
Fugindo dos humanos desconcertos,
Ricos de Deos, dos Homens despresados,
Em gloria se tornavam seus apertos,
A dura paciencia, e aspereza,
Doce manjar lhe davam nos desertos.
Alta sciencia tinham na surpreza,
No desamparo a vida mais segura,
E no ser pobres a maior riqueza,
Tinham em serem justos a ventura,
Nos trabalhos, e dôres a saude,
Cobrindo com severa catadura
As altas excellencias da Virtude.

Não será este o estylo das Cartas, ou Epistolas de Diogo Bernardes? Que semilhança tem isto com o Epigramma? Duvido muito que o Author pozesse tal titulo

Digitized by Google

a estas composições; tenho por mais verosimil, que lhe fosse dado por algum Copista ignorante, e que Caminha achando-as assim intituladas no seu manuscripto, lhe conservou sem mais exame aquella incoherente denominação.

A Ecloga tem o defeito commum a todos os Poétas daquelle tempo; isto é, de disfarçar com alegorias pastoris accontecimentos da vida commum. Parece que o ficto do Author nesta Obra é persuadir a um Cortezão, que desgostoso se retirára da côrte, o voltar para ella; não deixa porém, de conter bastantes bellezas proprias do genero, e a sua versificação é bastante fluida, e corrente, e me parece principiar de maneira mui natural. Advirto porém que desconfio muito de que este Poema não é de Perestrello; não só pela linguagem, mas até pelo nome de Alcino, de que não encontrei outro exemplo nos Bocolicos do seculo de quinhentos.

Alcino da Fortuna descontente
No fertil Riba-Téjo andava hum dia
Em trage de Pastor fugindo á Gente.
Tem por damno cruel vêr alegria,
Crecia no prazer o seu tormento,
Dobrava-lhe seu mal o bem que via.
Na dura sequidão, e apartamento
O menos do que tem tinha consigo,
Sua alma se lhe vai no apartamento.
Salicio, que de muito tempo amigo
De Alcino se chamava, exprimentado
Em obras de sincero amor antigo;
Por montes, e por valles apressado,
Solicito em desejo achar procura
Aquelle bom Pastor amigo, e amado.
E ainda que seu mal difficil cura
Não queira, nem remedio necessario,
Amor, que lho deseja, lho assegura.
E sem outro desvio haver contrario,
Achava nesta dôr o triste Alcino
N'hum bosque reclinado solitario.
Salicio, que bem vê que o desatino
Com forças de maior tormento damna,
No peito, que do mal se julga indino.

Digitized by Google

A causa conhecendo d'onde mana,
A queixa lhe desfaz, e desordena
Com prática de branda voz humana,
Dizendo-lhes: « Pastor, pois te condemna
« O odio baixo, e vil, a ley te manda
« Que quem culpa não tem, não tenha pena.
« Não te ponha temor vêr desta banda
« A roda, que, sem causa, outros levanta,
« Que ainda correrá porque desanda.»

ALCINO.

« Não me espanta, Salicio, vêr com quanta
« Mudança, se nos perde o bem presente,
« Quem vive, quem se alegra só me espanta.
« He prompta, como sabes, facilmente
« A justo parecer esta alma minha;
« A carne, como fraca os males sente.
« Da perda, que me vem culpa não tinha,
« Não pedirei perdão, pois não fiz erro,
« A quem me fez o mal isso convinha.»

SALICIO.

« No mais duro metal, no aço, e ferro
« O tempo faz gastar toda a dureza,
« Que cuidas que será no teu desterro?
« Vestigio pedregoso a Fortaleza
« Si mostra mil ausencias n'hum só dia,
« Pois dize, Alcino, em que porás firmeza.»

ALCINO.

« Agrada-me, Salicio, a fonte fria,
« As Arvores, os Montes, o Deserto;
« As Feras escolhi por companhia.
« Hum gesto vêjo só no desconcerto,
« Dos outros para mim, mas os Pastores
« Hum rosto tem de longe, outro de perto.
« A porta principal de seus favores
« Culpas accusa, que chamam Virtude,
« Fazendo vicios o que fez louvores,

Digitized by Google

« Curar-me deste mal não quiz, nem pude,
« Pois mais provoca dôr a Medicina
« C'os meios que accrescentam á saude.

A Epistola a El-Rei D. Sebastião, que tambem se encontra na Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade, tem por objecto dissuadir aquelle Monarcha da funesta jornada de Africa, que teve em resultado a sua ruina, e a ruina da nação: si aquella Epistola foi com effeito presente a D. Sebastião, é grande abono do valor, e generosidade do Poeta, que não temeo por uma exposição tão franca como respeitosa da verdade, expôr-se ao desagrado de um Rei mancebo representando-lhe os perigos, e mau resultado de uma empreza, porque elle estava possuido do maior enthusiasmo; si o não foi, e eu me inclino muito a isso, sempre prova que elle tinha bastante perspicacia para prever o fim, que poderia ter tão mal ordenada tentativa. Em todo o caso a leitura desta Obra póde servir de regra sobre o modo porque se póde fallar aos Principes sem covardia, e sem arrogancia, nem quebra de acatamento, e respeito, que todo o homem bem criado deve tributar á sua alta dignidade. Considerando-a pelo lado poetico, esta Epistola, sem ser um modelo do seu genero, contém alguns trechos que podem dizer-se muito bem escriptos.

.....

Com lagrimas do Povo foi pedida
A Deos esta mercê, que sem tardança
Lhe foi delle outhorgada, e concedida.
Em passo extremo dando co'a bonança
Teu nascimento havido, e alcançado
Com lagrimas de Amor, e de esperança.
E dellas em nascendo logo entrado
Em teu sceptro real já vás cada hora
Do Povo mais querido, e mais amado.
Este bem, que na paz gozas agora,
Sem delle te apartar, nem divertir,
Prospéra teus Estados, e os melhora,
E nelles crescerás com sempre ouvir
Aos bons, e maus com animo quieto,
Seus casos, e juizos presidir.

Digitized by Google

Em publico severo, e no secreto
De proprios motos, e sciencia certa,
Fujas o termo crasso, e indiscreto,
Que a poucos val, e a muitos desconcerta
Co'a preça, de vagar sintas prudencia,
Que he meio singular de todo o acerto.
A Guerra he doce vista na aparencia,
Terrivel, fêa, fera, e espantosa
A quem della tem mais experiencia.
Em apparato, e resplendor famosa,
Nos effeitos cruel Serpe malina,
Sobre todas as Pestes perniciosa.
Quem nella vio de furia Serpentina
Corpos nos Campos feitos natomia
Ter nos Abutres sepultura indina. (*)
E quem as nuvens d'Arcabuzaria,
Estrepito, furor, grita, e espanto
De horrendos trons da grossa Artelharia;
E quem sangue de vivos correr tanto,
Que delle tintos vio passar os Rios,
E dos feridos o clamor, e espanto.
Perde da mocidade os altos brios,
E teme com razão (delles isento)
Tornar a tantos duros martyrios.

Martyrios é vocabulo *esdruxulo,* isto é tem a antepenultima longa; mas o Poeta o faz aqui *grave,* isto é, com a penultima longa; a fim de rymar com *rios,* e *brios.* O mesmo praticou em o Epigramma VI. com a palavra *ludibrio,* a que alongou tambem a penultima para a fazer rymar com *gentio,* e *desvario,* o que só póde verificar-se pronunciando *ludibrio* grave, em logar de ludíbrio esdruxulo. Não sei se estas licenças, contra todas as regras da prosodia da lingua, serão admittidas hoje, em que os Poetas, quasi todos, se não pejam de ignorar os mais simpleces preceitos da theoria do metro; mas estou bem certo que no tempo da Arcadia ellas seriam altamente reprovadas pelos discipulos de Garção, e que nem os mais

(*) A edição de Caminha diz *ternos Abutres,* o que é grosseiro despropósito: muitos outros semilhantes ali ha, que emendei restituindo a verdadeira lição.

Digitized by Google

insignificantes, e rolhos versejadores se animariam a lançar mão destas, e d'outras licenças, que ora estou vendo praticar a cada momento por homens a quem não falta saber, nem talento poetico, mas a quem a natureza não dotou de um ouvido musico, e delicado. Bem conheço que estas, e outras censuras minhas, posto que feitas sem agrimonia, nem personalidades, e só no interesse da arte, armarão contra mim o melindre de alguns vaidosos, que querem ser louvados sem restricção; e póde ser que me tomem para alvo de suas Satyras, mas já daqui os advirto, que perdem o seu tempo, porque a minha inalteravel pachorra não se altera com essas cousas. Quando era moço sempre tive o bom senso de aproveitar-me das criticas, quando me pareciam judiciosas, e de despresar as injurias, ou rir-me dellas, e de quem mas dirigia: hoje que estou velho pois, com grande pesar meu, já passo dos sessenta, não é probavel que mude de systema.

Ora contra isto corre o pensamento
Com furia juvenil ao que não viu,
Em que busca prazer, e acha tormento.
E como não passou, viu, nem sentiu
O mal da Guerra antes de entrar nella,
Não póde vêr quam mal se persuadiu.

O Poeta passa logo a citar alguns exemplos dos males, que acarretou aos Principes o haverem-se empenhado em guerras desnecessarias, imprudentes, e de meros caprichos; e estes exemplos corroboram admiravelmente o que elle pertendia provar.

. . . . . .

O grande Xerxes com milhões de gentes,
Gozando em paz a grande Monarchia
De seus Reynos quietos, e florentes.
Quiz conquistar a Grecia com porfia,
De tomar para si o que hera alheio,
Tocado de soberba, e phrenesia.
Chegado a ella conheceo o enleio,
E com poucos dali rôto, e vencido
Desbaratado a seus dominios veio.

Digitized by Google

O outro Cyro fero, e tão temido,
Si o peito moderára denodado,
E fôra satisfeito do adquerido,

Não fôra por Thomiris degolado,
Nem seu peito, que em sangue se mantinha,
No odre do seu proprio mergulhado.

Cousas sam de cruel vida mesquinha,
Em que por culpa de homens temerarios
Por graves desventuras se caminha.

Ninguem se livra de successos varios,
Si não se conservar co'a paz amada
Em seus termos suaves, e ordinarios.

Cousa foi dos antigos bem notada
Nos Alexandres, Pyrrhos, e outros taes
Reprovando de guerras a jornada.

Houveram que nos Paços seus reaes
Poderam ser supremos, e excellentes
Gozando fama, e nome de immortaes.

E sendo dano cruel de tantas gentes,
Perderam com viver menos famosos
Mais quietos viver, e mais contentes.

Sentença foi de sabios curiosos
Dizerem que mais vale aos Reys da terra
Ser justos do que val ser poderosos.

Carlos, que o diga, que movendo guerra,
De Bergonha pacifico Senhor,
A' França, com ajudas de Inglaterra,

Com ira pertinaz, e vão furor
Morto ficou na empreza, em que perdido
Esperanças cortou do seu valor.

O mesmo se dirá do mui temido,
E poderoso Rey Carlos outavo,
Que em seus Reynos quieto, e bem servido,

Lançou na roda da Fortuna hum cravo,
Com que, cuidando que a retinha presa,
Sahio de França poderoso, e bravo,

E por Italia, sem achar defesa,
Com só fama das armas pôde tanto,
Que de todo se fez Senhor da Empreza.

Digitized by Google

Dando, partindo, e despondo de quanto
Quiz ordenar a prospera Ventura,
Sem nas voltas cuidar, de dôr, e espanto.
Os mimos da fortuna mal segura
Qual Meravilha foram, que n'hum dia
Abrindo a flôr a secca, e transfigura.

A flôr que se chama *Meravilha* não abre, e murcha em um dia como o Poeta aqui affirma; bem pelo contrario é uma flôr bem duradoura, pois se conserva por muitos dias com todo o seu brilho.

Tal deste Carlos foi a Monarchia,
Que vendo-se famoso, e prepotente,
Se quiz perder por fama, e ufania.
Voltando-se o que fez prosperamente
Em tantas perdas, e adversidades,
Que escapou dellas milagrosamente.
E cheio de ancias, e necessidades,
Veio de Italia rôto, e perseguido,
A seus Reynos por mil difficuldades.

O Poeta prosegue em citar outros exemplos, como do Rei Filippe, D. João I. de Castella, Francisco I. Rei de França, prisioneiro na batalha de Pavia, e conclue.

Estado he o dos Reys sublime, e honroso,
Si co'a Phylosophia sempre unido,
O Rey fôr sabio quanto he poderoso.
E assi na paz de santas leys rigido,
Os bens conseguirá perfeitamente,
Dos bons amado, e pelos maus temido.
Aqui lembro, Senhor, humildemente,
Exemplos de conquistas já passadas,
Que bem podem servir no que he presente.
Que sendo com resguardo ponderadas,
E antes de as provar bem entendidas,
Quanto forem dos sabios approvadas,
Tanto serão de Deos favorecidas.

Se D. Sebastião leu esta Epistola, é natural que fizessem muita impressão em seu animo os exemplos de tan-

Digitized by Google

tos Monarchas, que se haviam perdido em expedições de guerras mal combinadas; mas si Deos em seus inexcrutaveis juizos havia decretado que elle perecesse com o Reino nas margens do Mocazim, que força podiam ter supplicas, representações, e conselhos da prudencia? A vontade de Deos póde mais, que todos os esforços da razão humana.

Temos dez Sonetos de Pedro da Costa Perestrello, e trez delles sam em Castelhano; é bem pouco, si considerarmos o apreço, que no seculo do Poeta se dava a estes Poemas, e aos centenares delles, que nos deixaram os Poetas contemporaneos! Perestrello é muito natural, que não fosse mais avaro do que elles destas composições; mas o tempo as devorou quasi todas, ou dormem desconhecidas em alguma livraria antiga: eis aqui um que tem por objecto a Amisade, e que me parece dos melhores.

SONETO.

Amor, que tudo vence entre os nascidos,
Em termos põe perfeitos de Amisade
Dous corações iguaes n'huma vontade,
Promptos, conformes, n'hum querer unidos.

Da Natureza vam favorecidos
Aquelles, que em amor, e caridade,
Se amam, e se querem com verdade
Dos odios, e contendas esquecidos.

Mas inda que sabemos que os amigos
Sam muitos, e dos bens sempre Adversarios
De que devemos ter gran pena, e magoa.

Devemos procurar ter bons amigos
Pois estes muito mais sam necessarios,
Que para bem viver o fogo, e agoa.

Este Soneto é na verdade bem pensado; mas está incurso na condemnação de Boileau, que na sua Arte Poetica estabelece, que nos Sonetos não deve repetir-se palavra nenhuma.

Digitized by Google

Surtout de ce poeme il bannit la licence;
Lui meme en mesura le nombre, et la cadence:
Defendit, qu'un vers faible y pût jamais entrer,
Ni qu'un mot déja mis osat s'y remontrer.

Ora o vacabulo, *amigos*, não só se encontra repetido nos trecetos, mas o que é peior, serve duas vezes de ryma, e isto não póde deixar de haver-se por pobreza, e incorrecção, si não quizermos antes suppôr, que o Poeta escrevesse *imigos*, e não amigos no fim do verso primeiro do primeiro terceto, cousa que me parece verosimil, visto que faz melhor sentido.

O Soneto primeiro não tem se não duas rymas, que se repetem nos quartetos, e nos tercetos, o que me parece sobre maneira fastidioso; é natural, que si o Poeta podesse agora ser arguido disso, se desculpasse dizendo, que este modo de rymar era no gosto dos Arabes: bem sei que entre os Arabes reina esse gosto; porém duvido muito, que esse gosto seja o bom.

SONETO.

Dos annos mal gastados pede a conta
Aos humanos o Grão Senhor do Tempo;
A conta he larga, e he tão breve o tempo,
Que não ousam chegar a lhe dar conta.

A despesa não tem ordem, nem conta,
Perdem-se as horas, e perdeu-se o tempo,
E para se ganhar não he já tempo,
Que a preça não deixou dar boa conta.

Culpa he dos homens, mas não he do Tempo
Em deixar, quando podem, de dar conta,
Guardando-a, por descuido, a peior tempo.

A vida corre, e não discorre a conta,
Mas no fim correrá fóra de tempo,
Com nome de castigo, e não de conta.

Não tenho dúvida em conceder que reduzir a composição do Soneto á estreita moldura destas rymas obriga-

Digitized by Google

das, sem que pareça ter havido nisto grande trabalho, é prova de muito engenho, e habilidade, mas sempre negarei que estes *tours de passe-passe,* como dizem os Francezes, sejam o que se chama Poesia.

Parece-me muito preferivel a este o Soneto terceiro sobre a ingratidão dos homens para com os beneficios, que recebem da bondade do Creador.

SONETO.

As cousas se dispõem com mão severa
Por ordem singular da Natureza,
O verde prado, as flores, a belleza
Renovam na suave Primavera.

As Onças, os Leões, e a Tygre fera
Por desertos se apartam da aspereza,
E todas as mais cousas com pureza
Em seus destinos a razão tempera.

As Estrellas, o Ceo, o Mar, e a Terra
Seguem humildes sua temperança,
Em seu termo preciso, e lemitado.

O Homem só a Deos faz crua guerra,
Que sendo de Deos feito á semilhança,
Rebelde lhe he, soberbo, e levantado.

A' Temperança.

SONETO.

Guardar a Santa Mediocridade,
Evitar os extremos viciosos,
Com freios apertando rigorosos
As furias espantosas da vontade.

Os erros temperar na pouca idade,
Seus leves appetites trabalhosos,
O pouco, e muito termos sam ditosos,
E bem regidos sam felicidade.

Digitized by Google

O muito se consume com violencia,
O pouco cresce com ajuda expressa,
Da ordem dos prudentes moderada.

Pelo que cumpre em nossa diligencia
Siga em tudo com vagar sua pressa,
Que o pouco he muito, e que o muito he nada.

Desconfio muito de que este Soneto seja attribuido a Pedro da Costa Perestrello, e não verdadeiramente delle: uma das cousas, que mais me faz entrar em dúvida é o prosaismo da versificação.

Melhor pensado, e melhor escripto é o seguinte sobre o valor do interesse, e do favor.

SONETO.

Pragueja-se no Mundo por costume,
Porém não com razão, do Amor perfeito;
Os rogos, e affeição sam por respeito
Achêgas do Favor, ou do Queixume.

O Virtuoso que medrar presume
Não ponha nas virtudes seu direito,
Mas busque n'outros meios o proveito,
Com que tudo se ganha, e se consume.

Alcança-se o melhor com diligencia,
Com graça, com favor, e com valia,
Que sam no Mundo a parte mais segura,

Mas isto a par de Deos he insciencia,
Elle permitta vermos algum dia
Que quem tem a razão tenha a ventura.

Parece-me igualmente bom o seguinte sobre a phantasia.

Digitized by Google

SONETO.

Em varias fórmas corre a Phantasia
Por leves accidentes da vontade,
Magina, e anda com velocidade
Do Mundo as partes todas n'hum só dia.

Vontade a leva pela solta via
De pensamentos, em que a liberdade,
Sem deleites lhe dar na variedade,
Torna os cuidados em melancholia.

Assim se vai de hum mal a outros maiores,
Porque seguimos o que não devemos
A desejos sugeitos, e accidentes.

Largo caminho de tormento e dôres,
Que em roda viva de asperos extremos,
Nos deixam como em sonhos de doentes.

Pedro da Costa Perestrello, como muitos dos seus contemporaneos, apesar de haver abraçado a Eschola Italiana não déixava ás vezes de ter suas velleidades de poetar pelo estylo da antiga poesia nacional; estes Poetas podem nisto assemilhar-se aos Hebreos, que sustentando-se do maná celeste, durante a sua longa peregrinação pelo deserto, não deixavam de se recordar frequentemente com viva saudade das cebolas do Egypto, e de suspirar por ellas. Eis-aqui um Motte com suas voltas, que nos ficou das composições deste genero, que sahiram da penna de Perestrello, e que não é destituido de facilidade, e merecimento poetico.

MOTTE.

Fez-vos, Senhora, a ventura
Muito dura, e rigorosa,
Porém fez-vos mais formosa,
Que rigorosa, e que dura.

Digitized by Google

VOLTAS.

Fez vossa figura bella,
E depois de a fazer,
Arrependeu-se de vêr
Que ereis mais formosa que ella,
E então de inveja pura
Fez-vos dura, e rigorosa,
Porém fez-vos mais formosa,
Que rigorosa, e que dura.

De tão rara, e peregrina
Perfeição tão só se espera
Por natural não ser fera,
E ser branda por divina.
Furtai a volta á ventura,
Que se vos fez tão formosa,
Como adultera invejosa,
Vos quiz rigorosa, e dura.

As poesias de Perestrello acabam com uma oitava sobre a morte de Lucrecia, que é um verdadeiro Epigramma, e direi mais, um optimo Epigramma.

Si culpa tens Lucrecia no adulterio,
Foi justo premio tua morte feia;
E si culpa não tens, foi vituperio
Chegar a te matar por culpa alheia.
E posto que das castas tens o Imperio,
E por fama geral assim se creia,
Ainda nella duvidosa corres,
Si casta vives, se culpada morres.

Pedro da Costa Perestrello, foi contemporaneo do Doutor Antonio Ferreira, e de Luiz de Camões, mas nem teve a correcção, e elegancia de estylo do primeiro; nem o genio, a elevação, e colorido brilhante do segundo, quanto a versificação, si não teve a dureza, e escabrosidade que mancham alguns versos de Ferreira, tambem não chegou nem de longe á harmonia, sonoridade, e for-

Digitized by Google

ça, que destingue os versos de Camões de todos os dos Poetas, não só do seu tempo, mas da maior parte dos que floresceram em epochas muito posteriores, em que o mechanismo metrico foi estudado com mais esmero, e cuidado.

Uma singularidade que me parece notavel no destino de Pedro da Costa Perestrello, é o haver escapado ao furor laudadorio do Padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio, que no seu *Enthusiasmus Poeticus*, que precede a collecção dos seus Epigrammas latinos, louvou quasi todos os Poetas Portuguezes antigos, e modernos, bons, e ruins, quer escrevessem em latim, quer em castelhano, quer na lingua nacional, havendo entre elles muitos cujas Obras não existem, e de quem tambem já teriam perecido os nomes, si não extivessem consignados naquelle Poema latino, que não é destituido de merecimento, e de brio poetico.

FIM DO TOMO TERCEIRO.

Digitized by Google

INDICE DO TOMO TERCEIRO.

LIVRO IV.

CAPITULO I. *Pero de Andrade Caminha*..... 5
CAPITULO II. *Epistolas, e outros Poemas de Pero de Andrade Caminha*..... 45
CAPITULO III. *Luiz de Camões*..... 83
CAPITULO IV. *Algumas observações sobre a vida de Luiz de Camões*..... 116

LIVRO V.

CAPITULO I. *Rhythmas de Luiz de Camões*..... 137
CAPITULO II. *Os Lusiadas de Luiz de Camões*.... 235
CAPITULO III. *Pedro da Costa Perestrello*..... 310

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.

TOMO IV.

Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.

Lisboa.
NA IMPRENSA SILVIANA.
1852.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO VI.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Jeronymo Côrte Real.

O Doutor Antonio Ferreira com o bom senso, e juizo penetrante, de que era dotado, havia presentido a grande vantagem, que a poesia portugueza podia tirar do verso solto para seu aperfeiçoamento; e conhecendo que tarde, ou cedo elle tinha de tornar-se commum entre nós; expoz o seu parecer nos seguintes versos.

Oh doce ryma! mas inda ata, e damna,
Inda do verso a liberdade estreita
Em quanto com som leve o juizo engana.
Não foi a consonancia sempre acceita
Tam repetida, assim como a doçura
Continua o appetite cheio engeita;
Mas sofframo-la em quanto uma figura
Não vemos, que mais viva represente
Daquella Musa antiga a boa soltura.
Ferreira Liv. II. Carta X.

Para mostrar o que neste genero podia fazer-se em portuguez, aventurou neste verso a sua Epistola a D. João III., que não perdeu nada com isso, e a sua Tragedia *Castro,* que tanta nomeada lhe deu na Europa; mas o seu claro descernimento lhe fez conhecer que nem a

Digitized by Google

lingua tinha chegado ainda á grande perfeição requerida para pintar em verso solto, nem o verso adquirido a flexibilidade, e nobreza precisa para marchar livre, e harmonioso sem a moleta dos consoantes, e por isso contente com aquellas tentativas, resignou-se a tolerar a ryma (sam palavras suas) até ao tempo em que, prescindindo della, podessemos *imitar a boa soltura daquella antiga gente.*

Mas estas ponderações, tão judiciosas, e tão verdadeiras, ou não lhe occorreram, ou, si lhe occorreram, não tiveram pezo algum no animo de um Poeta da sua eschola, seu intimo amigo, grande sabedor, e juntamente distincto por seu nascimento, e por seus serviços militares, visto que sem reparar em obstaculos, e difficuldades, aventurou o verso solto na composição de trez longos Poemas Epicos, ou que pelo menos tinham a presumpção de o serem.

Este Poeta foi Jerónymo Côrte Real, natural de Evora, segundo as melhores opiniões, sem embargo de que este facto não está bem elucidado, e terceiro filho de Manoel Côrte Real, pessoa de noblissima linhagem, rico, e casado com uma senhora de extracção igualmente nobre.

Tambem não consta o anno do seu nascimento, mas póde, me parece, sem grande escrupulo suppôr-se que sería pouco antes de 1540, pois sabemos que no anno de 1571, commandava elle uma armada na qualidade de Capitão Mór.

Estudou, probavelmente na Universidade de Evora, não só as linguas antigas, e modernas, mas todas as boas disciplinas, que então se usavam, e que entravam no plano da educação dos fidalgos daquelle tempo, que se creavam para grandes feitos, e não para vegetar no occio, e dessipar grandes fortunas.

Destinguio-se muito na poesia segundo os principios classicos de Ferreira, com quem familiarmente convivia, assim como com Diogo Bernardes, Pero de Andrade, Antonio de Castilho, Francisco de Sá de Menezes, e outros grandes Litteratos, e Poetas daquelle tempo, todos amigos, e imitadores de Ferreira.

Cultivou tambem com grande esmero a Musica, tanto instrumental como vocal, e a Pintura, em que foi insigne, como, além de outros quadros, se próva pelo de S. Miguel, que existia, e não sei si ainda existe, na Capella das Al-

Digitized by Google

mas da Igreja Parochial de Santo Antão, na Cidade de Evora, obra do seu pincel, que os entendedores tiveram sempre em muita estima.

Foi casado com D. Luiza de Vasconcellos, senhora mui nobre, e abastada, cujo Pai exercia o importante, e rendoso emprego de Provedor dos Armazães; deste matrimonio teve uma unica filha, que veio depois a casar com um Cavalheiro por nome Antonio de Sousa.

Segundo o costume dos fidalgos do seu tempo seguio a vida militar, e durante alguns annos se destinguio tanto nas guerras de Africa como da India, assistindo a muitos combates, ajudando a ganhar muitas victorias, tanto por terra como por mar, commandando armadas, e fazendo grandes serviços, que El-Rei D. João III. remunerou fazendo-lhe mercê de Capitão Donatorio das Ilhas Terceira, e de S. Jorge.

Cançado em fim desta vida errante, e aventurosa, e da intemperie, e insalubridade dos climas de Africa, e do Oriente, voltou á patria, recolhendo-se ao seu Morgado de Palma para viver vida tranquilla, e philosophica entre os prazeres do hymeneo, e o cultivo das Bellas Artes.

A sua habitação era uma das mais aprazivéis, e commodas de toda a Provincia do Alemtéjo, situada em um alto, cercada de jardins, e fazendas bem cultivadas, dali a vista se espalhava por uma vasta paizagem, cheia de pontos de vista, e prospectos pictorescos, e deleitosos, que encantavam ainda os espiritos menos proprios para sentir bellezas simpleces da natureza.

O proprio Filippe II. esse homem sem coração, quando entrou em Portugal, ficou transportado de admiração quando visitou o domicilio do Poeta, e não cessava de exaltar a amenidade, e encantos do sitio.

Foi neste verdadeiro Paraiso Terrestre, que Jeronymo Côrte Real, longe dos encargos publicos, das intrigas palacianas, tão frequentes no seu tempo, no seio da opulencia, e dos prazeres delicados, entre a cultura das Bellas Artes, e da Poesia, independente, e livre passou o restante dos seus dias até ao anno de 1593, em que falleceu, com cincoenta e dous annos de idade, pouco mais, ou menos visto não termos certeza do anno do seu nascimento.

As Obras de Jeronymo Côrte Real, foram muitas tan-

Digitized by Google

to em Castelhano, como em Portuguez. As que me consta haverem sahido á luz, ou que chegaram ao meu conhecimento sam as seguintes.

Successo do segundo Cerco de Dio, Lisboa 1574, em quarto. Este Poema foi reimpresso pelo Professor Bento José de Sousa Farinha, em 1784. Frey Pedro de Rodillas o traduzio em verso Castelhano, dando á luz a sua traducção em Alcalá, 1597.

Felicissima Victoria concedida del Cielo al Señor D. Juan de Austria en el golfo de Lepanto de la poderosa Armada Othomana, en el año de Nuestra Redempcion, em 1592, Lisboa 1578, em quarto.

Naufragio, e lastimoso successo da perdição de Manoel de Sousa de Sepulveda. Lisboa 1594, em quarto, foi dado á luz pelo genro do Author depois da sua morte, e foi pouco depois traduzido em oitavas Castelhanas por Francisco de Cintrera, e impresso em Madrid em 1624.

Além destas edições ha uma de Rolland, Lisboa, em 1783, em oitavo, e outra em dous pequenos volumes de dezeseis, em 1842. Estas duas edições sam a meu vêr as melhores, e mais conhecidas.

Estes trez Poemas sam em verso solto, salvo o Naufragio de Sepulveda, em que ha alguns trechos, especialmente fallas, escriptos em oitava ryma.

Todos elles estam compostos segundo as idéas erradas, que então vogavam em Hespanha á cerca do Poema Epico, e que ainda parece não estarem desvanecidas de todo segundo se deprehende do moderno Poema intulado *a Iberiada* composto por Frey Ramon Valvidares y Longo.

Este modo particular, com que a maior parte dos Hespanhoes, e alguns Portuguezes, concebiam a Epopeia, consistia em versificar a Historia, adornando a narração com algumas flores Poeticas, alguns episodios; algumas comparações, e pouco maravilhoso, e ás vezes nenhum; sem dar-se ao trabalho de architectar uma fabula dramatisando os acontecimentos, desenhar caracteres, e fazer nos factos as alterações, e grupamentos necessarios para os reduzir á unidade da acção. Assim preferiam o exemplo de Lucano, e de Silio Italico aos de Homero, e Virgilio, unicos guias seguros neste genero de composição, e com tanto que tivessem escripto a verdade, pouco lhe impor-

Digitized by Google

lava que as suas composições estivessem de accordo com as regras da arte, que lhe chamassem Poemas Epicos, ou Poemas Historicos.

Porém a imitação de Lucano não era o unico motivo deste systema errado, mas a mania de celebrar acções contemporaneas, cujos Actores viviam, e que por isso davam pouca margem para invenções dramaticas, e episodicas, e para a indispensavel transferencia da verdade historica para a verosimilhança poetica, e o maravilhoso. Para evitar este inconveniente estabeleceram mui judiciosamente os Mestres da Poetica, que para a Epopeia se não escolha uma acção demasiado antiga, nem demasiado moderna, porque no primeiro caso se vê o Poeta obrigado a pintar muitos costumes estranhos para nós, e no segundo o pleno conhecimento do facto, e as testemunhas presenciaes, ou quasi presenciaes delle, cortam os vôos da invenção, e phantesia do Poeta, e tornam mui difficil o jogo dos agentes sobrenaturaes.

Esta regra é judiciosa, e util; mas não concordo inteiramente com ella quanto á primeira parte, porque a pintura de costumes nimiamente remotos, e estranhos, é sim uma difficuldade, mas não prejudica o effeito: bem estranhos para nós, sam os costumes dos Gregos da Iliada, e da Odissea, e dos Heroes da Eneida, e essa mesma pintura é talvez o que mais encanta, e recrêa naquelles Poemas. O que em verdade neste caso me parece mais inconveniente é que o Poeta em vez de pintar esses costumes com exacção, e escolha, lhe substitua outros alheios daquelle tempo, como praticou o Doutor Miguel da Silveira no seu Poema intitulado *o Mechabeo*, estimavel a outros respeitos, que sendo os seus Heroes Hebreos, ou Gregos, não sam Gregos nem Hebreos os costumes, que nelle pinta.

Concordo porém perfeitamente com a segunda parte, porque nada ha mais contrario á magestade do Poema Epico, e á liberdade de fingir, de que necessita o Poeta, que o compõem, do que uma acção muito recente; os grandes feitos, e os heroes tornam-se mais respeitaveis com a distancia dos tempos *maior ex longinquo reverentia*. Uma acção antiga apresenta-se-nos em certo vago prestigioso, que não se dá naquellas, de que fomos espectadores,

Digitized by Google

porque as contemplamos por todas as suas faces, e de uma maneira precisa, e determinada; e os heroes contemporaneos difficilmente parecem taes áquelles, que os vêem todos os dias, e tractam, e conversam com elles, e que sabem perfeitamente o que fizeram, como o fizeram, e por que. Estou bem certo de que Themistocles, e Cezar nunca pareceram aos Gregos, e aos Romanos como nos parecem a nós.

O resultado parece acodir aqui em auxilio da theoria, pois não conheço um unico Poema Epico sobre acção contemporanea do Author, que tenha reputação universal, e que não labore em grandes defeitos. Bem sei que não faltará quem para refutar esta assersão, me cite a *Araucana* de Alonso de Ercilla; mas si a Araucana passa pelo primeiro Poema Epico Hespanhol, deve-o a ter sido citada por Voltaire no Ensaio sobre o Poema Epico, e é muito natural que Voltaire o citasse porque não conhecia outro. Si a Araucana fosse a melhor Epopeia dos Hespanhoes, isso só provaria que a Hespanha não tinha ainda um Poema Epico. Qual será o bom Juiz na materia, que a pesar de seus defeitos, lhe não prefira a *Invencion de la Cruz* de Zarate, a *Christiada* do Padre Ojeda, ou o *Bernardo* de Balbuena? Como póde julgar-se Epopeia na accepção rigorosa, e technica deste termo, um Poema cuja acção finda duas ou trez vezes, sem maravilhoso, e que principia por uma discripção geographica do Chile, e acaba por um manifesto sobre os direitos de Filippe II. á Corôa de Portugal? Sejamos francos, todo o merito da Araucana está no estylo, que muitas vezes não chega á dignidade Epica, mas o estylo só por si não constitue um Poema Epico; para isso é necessario uma fabula bem construida, machinismo grandioso, e sublime, episodios interessantes, que nasçam da acção, e que se enlacem bem com ella, que o assumpto seja grande, e de interesse geral, e como nada disto se encontra na Araucana, nunca esta poderá considerar-se si não como uma chronica versificada, e escripta em estylo quasi sempre poetico.

De todos os Poemas Heroicos de Jeronymo Côrte Real, que chegaram até agora ao meu conhecimento, é a Batalha de Lepanto o que mais si aproxima á fórma epica, pôsto que não passe de um Poema Historico; mas ha nel-

Digitized by Google

le rica imaginação, muito talento discriptivo, e comparações verdadeiramente homericas, alguns episodios brilhantes, e os seus versos soltos, sam, si não me engano, os mais bem fabricados que atéli tinham apparecido em Castelhano.

A verdadeira acção começa no setimo Canto, em que D. João d'Austria recebe da mão do Cardeal Gravella o Estandarte da Liga, e se apercebe para hir procurar os Turcos: os Cantos antecedentes sam empregados na discripção de feitos, que não fazem parte da acção, mas que tem alguma relação com ella, e de que o Poeta lançou mão para estender o seu Poema a quinze Cantos, e não sam pequenos, tal é a invasão da Ilha de Chipre, o Cerco, e tomada de Nicosia, a devastação de alguns logares do Zante, e Cephalonia pelos Corsarios, commandados pelo Rei d'Argel Ochali, e alguns episodios de paixão, e algumas invenções mythologicas, e não parecerá pequeno disparate, que tendo o Poeta feito a sua invocação nestes termos

No pido de la Lyra, y voz d'Apollo
La suave consonancia, y dulce accuerdo,
Ni la abundante vena clara, y pura
De aquella antiga fuente Cabalina,
Ni llamo las Hermanas, que en la cumbre
Del celebrado monte, el verde suelo
De açucenas, y rosas variado,
Pisan con blanco pié, tierno, y desnudo.

A vos, oh buen Jesu, a vos, Dios mio,
Levantado en el monte en Cruz triumphante,
Del abierto costado en sacra fuente
El arroio sangriento invoco, y pido,
Concededeme, Señor, que del yo guste,
Y en la sagrada vena mi alma lave,
Convertiendose alli mi rude ingenio
En elegante frasis, y alto estillo,
Y la mi baxa lyra ya tocada
Del divino favor de vuestra mano,
Con varias consonancias, y altos puntos
Rompiendo el ayre, suene en toda a parte

Digitized by Google

Sabiendo-se por ella el fin glorioso
Del conflicto naval fiero, y terrible,
Donde Selim quedó obscuro, y triste,
Y con tal resplendor el Joven d'Austria,
Aquel prodigio en quien valor, y esfuerzo,
Animo liberal, y cortesia
Entendimiento alto, altos conceptos,
Clemencia con justicia se ve junto,
Del monarcha Español Rey potentissimo,
Unico, amado Hermano, y del gran Cesar
Carlo Quinto segundo, amado higo.

não parecerá, torno a dizer, pequeno disparate ao Leitor, que tenha acabado de lêr esta deprecação tão piedosa, e tão christãa a Christo Crucificado, o hir deparar dahi a pouco com o Templo de Cupido, e com Venus, que pede a Vulcano, que lhe fabrique armas para D. João d'Austria combater os Turcos, e que vá offerecer-lhas, e entregar-lhas no Canto IX.

Não sou tão escrupuloso como Rolin, que julga quasi que os Poetas Christãos peccam em fazer uso das machinas pagãas, antes penso como Boileau, que ellas tem logar em uma Epopeia, que não seja de assumpto religioso, mas tenho que é necessario que esse machinismo não seja como os vestidos dos forçados, de panno de duas côres, e por isso acho summamente ridiculo, abjurar a mythologia na invocação, e admitti-la no corpo do Poema; Milton, que invocou o Espirito Santo, e a Musa Celeste, buscou os seus agentes sobrenaturaes no Ceo, e no Inferno do Christianismo; e Camões que se servio dos Deoses Homericos, invocou as Tagides, e Caliope.

Não farei exame deste Poema, por ser Castelhano, e por isso alheio do objecto deste Ensaio, contentando-me com dizer, que deve contar-se entre os melhores da Hespanha, e que prova bem o talento do Author, e a sua poetica fecundidade. Attendendo porém a que este Poema é quasi desconhecido entre nós, peço licença ao Leitor, para apresentar a pintura do ultimo assalto dado a Nicosia pelos Turcos, e sua tomada por Mostafá Bachá.

Como en las hierrarias de Cantabria
Do se labra de hierro grande copia,

Digitized by Google

Aquellos duros yunques golpeados
Con trabajo continuo, y fuerza immensa
Hazem fiero sonido, que ensordesce
Qualquiera habitacion circumvezina,
La mal compuesta Casa, y techo humosa
De centellas ardientes occupando;
Aviva-se por puntos el combate,
Cresce en ambas las partes furia, y saña
Buela una crude nuve de saetas,
Que haze notable mal, y mortal daño;
Por el fosso allanado ya se tienden
Varones valentissimos sin vida,
En lagunas de sangue; otros con pena,
Y rabias de la muerte se rebuelven.
El severo Tyrano anda con ceño
Bravissimo a los suios animando
Y con palabras asperas reprehende
A tan facil entrada tanto espacio,
Ellos desto afrontados arremeten,
Com nuevo, impetu, y nueva furia alzando
Al Cielo horrenda grita, assi ferozes
Con rabioso furor entrar insisten.

No es menor la fuerte resistencia,
Que la sobervia, fuerzas, y osadia,
Trava-se una sangrienta, peligrosa,
Porfiada, cruel, dura pelea,
Echan de las almenas graves pesos,
Arrojan dardos, piedras, hastas, gruessas:
Hierve la Gente, suena el rumor d'armas,
Suena el grito, la voz, suena el gemido.
Caen estos, y aquellos nel conflicto
Turbulento, rebuelto, y peligroso;
Trabajan levantar-se, y con la prisa
El uno al otro se aze, y alli se impide.

Assi como por fiesta en la ancha plaza
Donde anda el furioso, bravo Toro,
Acierta de caer alto palanque,
Que el peso de la Gente hizo renderse,
Dexanse alli venir con grande estruendo

Digitized by Google

Gruessas vigas al suelo; alza-se al ayre
Regosigada grita, y queda herviendo
La rebuelta tan ciega, y tan confusa,
Nadie mira por otro, solo entiende
Darse maño, o remedio de salvar-se,
Y el que el grave monton a cuestas tiene
Echa apenas la voz quasi sin vida.
Da vozes Mostaphá, grita victoria,
Janizeros traz el victoria gritan,
Entran con denodada fuerza, y saña
En horrendo tropel dentro del muro.
Ya mueren los valientes defensores,
Ya de inmemigos piés hollados quedan,
Y aquellos que el horror de la presente
Muerte recelan, vuelven las espaldas,

Un alarido horrible, un llanto fiero
Anda por la Ciudad a Dios llamando,
De las flacas mugueres, que sin orden
Atonitas van, palma, y pecho hiriendo.
Bien assi como quando alla en la vanda
De Grullas el Halcon hambriento affierra
La que el Hado le da, las compañeras
Acá, y alla van todas esparzidas,
Y de su mortal daño recelosas
Llevantan per los ayres altos gritos,
No saben, de turvadas, a que parte
Las tristes del peligro se asseguren.

El Dandolo animoso incita, y mueve
Los valientes Soldados a honra, y fama,
Y con palavras dignas de memoria
Dobra las fuerzas, y animos aviva.
Tal si acierta que alçando el braço armado
Con la sangrienta espada al puño azida
Antes que el fiero golpe al enemigo
Mostre quanto es potente por su daño,
En el suelo se tiende traspassado
Del mortifero plomo, y fuego ardiente,
Que repentino llega, toca, y rompe
El bravo coraçon, que ardia en furia.

Digitized by Google

Tal si acierta a empuxar la gruessa lança
Con cholera movido, y fuerza immensa:
Embolbiendo el pequeño, agudo hierro
En caliente, espumosa, roxa sangre,
Del curvo arco la cuerda el uno suelta
Volando el mortal tiro dó haja daño
Otro despara el trueno, apunta el raio,
Dó no puede quedar livre la vida.

Estando en estos puntos la rebuelta,
Que a tal sazon parece el Mundo hundirse
Una pequeña bala ardiendo en fuego
Ayrada, furiosa, y brava llega
Al noble Nicolao; un acerado
Petto, y el coraçon juntos le rompe,
Çae el fuerte Varon, dando los ojos
A un profundo, mortal, eterno olvido,
Traz el va Bernardino, a quien volante
Saeta, atravessando el petto, muestra
La punta ensangrentada a las espaldas,
Las plumas escondiendo en las entrañas,
Un temblor ya mortal va por los guessos.
Al misero Mancebo en tal instante,
Bañole alli un sudor copioso, y frio
El amarillo rosto, elada fronte,
Y con ancia penosa revolviendo
Los ojos de tinieblas ya cercados,
Con ultimo gemido, y vos postrera,
Va suelta de prison volando el alma,
Marco Julio Romano, mal herido,
Y al termino final quasi llegado,
Tendido entre los muertos queda, y entran
Los Turcos de rondon, y con victoria
Por las calles corriendo van, sobevios,
Con impetu cruel a todos matan.

Jeronymo Côrte Real era homem muito instruido, e um espirito original, que não imitou Homero, nem Virgilio, nem Ariosto, e quiz abrir um caminho novo na Epopeia; alguem comparou o *Cerco de Dio* com a *Italia Liberata* de Trissino; mas eu confesso que a unica analo-

Digitized by Google

gia, que encontro entre estes dous Poemas é o serem ambos escriptos em verso solto.

Seria difficil deparar na nossa historia do Oriente um assumpto mais proprio, e mais digno da Epopeia do que o Cerco de Dio, é uma acção altamente heroica, de justa grandeza, unica, e interessante a Portugal pelos seus resultados. E' um punhado de bravos, que enserrados em uma fortaleza quasi desmoronada, a cinco mil legoas da sua patria, privados das cousas mais necessarias, vendo todos os dias diminuir os seus, sem esperança quasi de soccorro, porque o inverno lhe fecha os mares, resolutos a morrer, ou vencer, mantem o seu posto com inabalavel constancia durante muitos mezes contra todas as forças do Sultão de Cambaia, um dos mais poderosos Monarchas da India, auxiliado pelos consideraveis reforços, que lhe presta o Sultão dos Turcos, até que tornando-se o tempo mais brando, D. João de Castro póde chegar a soccorre-los com uma armada, e ajuda-los a libertar a fortaleza, dessipando, e extreminando o poderoso exercito, que a cercava.

E' claro que si naquelles Heroes faltasse a constancia, e o valor, e deixassem perder aquella fortaleza, todo o Imperio Portuguez na India se perderia tambem com ella, porque os Reis do Oriente, malsoffridos do nosso jugo, que tanto lhes pesava, aproveitariam o ensejo para sacudi-lo, e colligados com o Rei de Cambaia victorioso, nos acommetteriam ao mesmo tempo em todos os pontos do nosso dominio, e assim conseguiriam expulsar-nos do Industão.

E' pois evidente que Côrte Real soube escolher um assumpto, grande, admiravel, e digno de ser cantado por um Poeta Patriota, nome que elle de certo merecia; o que elle não soube foi architectar sobre esse assumpto uma fabula dramatica, cujo progresso fosse alternativamente adiantado, e atrazado pelo jogo de paixões ardentes, e de caracteres bem desenhados, entrança-la artificiosamente com episodios, que lhe dessem variedade, e accommodar-lhe um maravilhoso, que a amenisasse com quadros brilhantes, em uma palavra compôr um Poema Epico, e não um Poema simplesmente historico.

Preocupado com as doutrinas dos Hespanhoes a este

Digitized by Google

respeito, deu como elles na mania de escrever só a verdade pura; mas a verdade pura não tem logar na poesia, mas sim a verdade revestida, e adornada pelos dedos magicos da ficção. O Cerco de Dio é uma relação nobre, energica, e elegante de tudo, que se passou no cerco de Dio, mas não um Poema, em que o Leitor vêja passar diante de seus olhos aquelle grande acontecimento. O Poeta narra circumstanciada, e chronologicamente quantos assaltos deu Rumecão, Jusarcão, e Coge Çofar á fortaleza, como D. João Mascarenhas, e seus companheiros a defenderam, como D. João de Castro veio em seu soccorro, vio, combateo, e venceo; conta quantas minas rebentaram com estrago, e quantas sem elle, não lhe esquece um facto, não omitte uma circumstancia, mesmo daquellas que por treviaes, e insignificantes, não mereciam ser mencionadas neste genero de escripta, mas debalde procuramos ali os differentes caracteres dos seus heroes, nem os vêmos operar elles mesmos. Côrte Real historiou o segundo Cerco de Dio com a mesma exactidão com que Jacintho Freire de Andrade o praticou depois na vida de D. João de Castro, e ainda me parece que o Historiador é muito superior ao Poeta na eloquencia das fallas, além de que, quanto lhe é dado, esboça os caracteres dos heroes, e dá á sua narração uma certa fórma dramatica, que a enche de vigor, e de vida.

O Cerco de Dio consta de vinte e um Cantos, mas é de notar, que grande parte do penultimo, e o ultimo todo não fazem parte delle, e sam uma verdadeira excrescencia; pois vencida a batalha, destroçados os Mouros, mortos os seus principaes Chefes, apossados os nossos da Cidade, e derrocadas por elles todas as suas cercas, e muros, despedido D. João Mascarenhas do Governo da Praça, e nomeado outro Governador para substitui-lo, parece que a acção está perfeitamente terminada, e que nada tem com ella as profecias, e excursão de D. Manoel de Lima pelas costas de Cambaia mettendo tudo a fogo, e a sangue, e commettendo barbaridades, de que o mesmo Atila se envergonharia; a chegada do Vice-Rei a Gôa, e de Mascarenhas a Portugal, sam cousas absolutamente estranhas ao assumpto, e com que o Poeta, levado da sua exhuberante fecundidade, quiz encher alguns centenares

Digitized by Google

de versos. Parece-me que para Jeronymo Côrte Real andar regularmente na composição do seu Poema devia começa-lo com os preparativos do Vice-Rei para soccorrer, e descercar Dio, e narrar depois em logar opportuno todos os factos antecedentes, daquelle memoravel cerco; mas isto suppunha a organisação de uma fabula dramatica, o que estava muito longe das idéas do Author sobre o Poema Epico.

Si no Cerco de Dio não ha fabula, nem caracteres, tambem não ha episodios, se não quizermos abusar dos termos, dando esse nome a algumas digressões espalhadas com mão avara por alguns cantos do Poema.

O Meravilhoso além de offerecer a mesma contradicção com invocação, que já notamos na *Batalha de Lepanto*, é sobre maneira mesquinho, pois se reduz todo a algumas visões, e sonhos, sem resultado, algumas profecias, e lisonjas a algumas familias nobres.

A linguagem é quasi sempre pura, correta, e ás vezes elegante, mas o dialecto poetico se confunde a miudo com o da prosa, e a versificação ainda não tinha grangeado aquella flexibilidade, e harmonia indispensaveis para prescindir da ryma: daqui nascem frequentes trechos tão pobres de estylo, como de harmonia metrica, e daquella sonoridade, que lisongea, e contenta o ouvido.

Jeronymo Côrte Real, quiz talvez imitar Ariosto, Berni, e o Conde de Scandiano, fazendo preceder os seus Cantos de proemios, ou introducções moraes, sahiu-se porém mal desta tentativa, porque os seus exordios recheados de maximas pesadas, e de trivialidades moraes, estão mui longe de emparelhar com os prologos tão chistosos, tão engraçados, e tão burlescamente philosophicos, com que os trez grandes Poetas Italianos preludiaram os Cantos dos seus tão longos, e tão complicados Poemas.

« Nesse caso (dirão alguns) *O Cerco de Dio* é um Poema informe, e sem merecimento algum. » Alto lá, Senhores Criticos! Informe quanto quizerdes, mas sem merecimento nego, porque tem muito merecimento, e merecimento de muitos generos.

Já não é pequeno merecimento o ser o Cerco de Dio composto de vinte e um Cantos, nada pequenos, e escripto em versos soltos, em um tempo, em que ninguem sa-

Digitized by Google

bia fazer bem taes versos, e poder-se lêr todo sem fastio, e muitas vezes com gosto.

Outro merito deste Poema é a abundancia, e belleza das suas comparações quasi sempre frisantes, originaes, extensas, e formando como as de Homero pequenos, e brilhantes quadros, que de quando em quando distrahem o espirito do Leitor, da monotonia da narração, offecendo-lhe estas variadas scenas para descançar da continuada attenção. Taes sam as seguintes:

Bem assi como quando hum gran penédo
Que longo tempo estava da fragosa
Rocha dependurado, ameaçando
O Rio, que por baixo vai fugindo,
Com curso accelerado, e as correntes
Forçosas, e continuas solaparam,
A Terra, que sustinha o grave pezo;
Dali daquella altura com gran furia
Se deixa vir, fazendo hum espantoso
Estrondo, e dando n'agoa, os ares gemem,
Com sonorosa voz ali causada
Do fero golpe, rouco, e temeroso.
Os Peixes, que alcançou a dura pedra
Em cima d'agoa, ficam em pedaços,
Outros de espanto cheios vam fugindo,
Mas já passado o impeto furioso
Do perigo esquecidos, tornam logo
A seguir os caminhos costumados;
Assi desta maneira os Mouros vendo
O damno, que este fogo lhe fizera,
Queimados, todos delle se affastaram,
Mas com esforço grande, e ousadia
Arremetem com furia, dando pouco
Por tiros de espingarda, com que morre
Grande numero delles!

Cerco de Dio Canto VII.

Esta comparação além de frisante, está cheia de uma variedade de objectos, todos bem expressados, que a tornam rica, e agradavel; alguns pechosos, e ruins de contentar a julgaram mui longa, como Perrault censura Ho-

Digitized by Google

mero, por muitas, que tem neste gosto; e que elle Perrault metia a bulha, chamando-lhe, julgava elle que com muita graça, « *comparações de rabo comprido* » mas Perrault, a quem não faltava saber, mas que não tinha o sentimento da grande Poesia, foi nesta parte victoriosamente refutado por Boileau, que lhe provou, que as comparações em um Poema não servem só para elucidar os objectos, mas tambem para realçar o estylo, e variar o tom geral da Obra.

Qual fica o rôxo Lyrio, que o agreste
Rustico Lavrador com curvo arado
Arranca do logar, que o sustentava,
Dando-lhe ali virtude, e formosura:
Murcha-se a verde folha, e se entristece
A fresca frol perdendo o humor, e a vida,
Assim desta maneira o gentil moço
Inclina o debil colo, cerra os olhos,
Constrangidos da morte, e com profundo
Gemido espira, e vôa ao Ceo sua alma.
Cant. II.

Assim como frenetico tomado
Do mortal accidente, que o juizo
Lhe transtorna de todo, ali imprime
Mil phantasticas fórmas alteradas,
Affronta-se o Enfermo, vira os olhos,
Desvelados, a huma, e outra parte,
Levanta o braço, dando em vão mil golpes,
Com varios desatinos brada, e pede
Vingança pera o mal, que imaginado
O triste passa; e sente tanto a pena,
E trabalhos gravissimos causados
Só da imaginação, como si fossem
Verdadeiros, e firmes, não fingidos;
Desta maneira aquelle bellicoso,
Prudente Capitão raivoso, e bravo
Consigo falla só.
Cant. XII.

Qual se mostra feroz, raivoso, e bravo
No campo o Javali, que perseguido

Digitized by Google

De animosos Libréos, e dos Monteiros,
Que a morte lhe procuram, vendo a preça;
E alaridos dos Cães, que já lhe chegam,
Com temerosos roncos encrespadas
As hirtas cerdas, vira, bate o dente
Agudo, todo involto em branca escuma,
E ao que chega huma vez, faz que não ouse
Importuna-lo mais, assi o Mancebo
Com a espada na mão, e accezo em ira
Escarmenta os Imigos.

Cant. XIII.

Formava-se hum rumor surdo, e confuso
Ali destes diversos pareceres,
Como quando se quebra manso rio
Antre pequenas pedras, levantando
Transparentes empolas com rugido
De sonorosas, mal distinctas vozes.

Cant. XVI.

Ao merito das comparações junta-se no *Cerco de Dio* a belleza das discripções; a natureza parece que havia formado Côrte Real, para que fosse o primeiro Poeta descriptivo da sua Patria; mas a opinião do seu seculo o levou á Poesia Epica, porém nessa mesma, elle, cedendo ao impulso do seu genio, prodigalisa a fluz as mais vivas, e energicas descripções de todo o genero, animando-as do mais rico colorido. Vêja-se esta descripção rapida, e concisa de uma tempestade.

Mas quando Phebo já se declinava
Para dar luz a outro meio Mundo,
As Alcyões, as azas sacudindo
Contra elle, tempo adverso pronosticam,
Fugiu de todo a luz, e hum manto escuro
Cobriu a redondeza. Já começam
Grossas, e negras nuvens a estender-se
Polo Ceo, amostrando carregado
O medonho semblante: já nas praias
Se quebram com furor inchadas ondas,
Já se mostrava o mar escuro, horribil,

Digitized by Google

Aterado, bramando a todas partes,
E quanto mais a noite se cerrava,
Tanto crescia o vento com mais força.
Accodem marinheiros aos Logares,
Que tem necessidade; amainam vélas,
Recolhem-nas, e já quasi perdidos,
Aguardam a braveza do soberbo
E verdenegro mar; ali os navios
Gemem da grande affronta que padecem,
Algumas vezes sobem lá nas nuvens,
Outras ao centro descem; entram dentro
Embravecidas ondas, e aos Soldados,
Deixam todos cobertos de grossa agoa;
Soava o grande Ceo de um Polo ao outro;
Com trovões espantosos, e medonhos
Mostravam os relampagos espessos,
Seu resplendor fogoso, e luz ardente.
Eis vem bramando com estrondo horrivel
O furiosissimo Austro, e traz comsigo
Huma pezada nuvem grossa, e negra,
Que huma multidão grande vem lançando
De emgelada pedra involta em agoa;
Eis a espantosa imagem fera, e crua,
Da morte se lhes põem diante dos olhos,
A gente, levantadas as mãos, pede
Em alta voz a Deos misericordia.
Desta maneira arribam combatidos
Das furiosas, crueis, inchadas ondas,
Quasi desbaratados tomam porto
No logar, que o passado dia, todos
Tinham passado já, e ali repairam
Cousas damnificadas da tormenta.

Cant. XII.

Este quadro é perfeito, e nelle não falta nenhuma das circumstancias, que sobem occorrer em semilhantes lances; o Poeta nos faz ver o que elle proprio havia muitas vezes presenceado no decurso de sua vida aventureira, e maritima: Alcyones que sacodem as azas annunciando mau tempo, o Ceo, e o mar, que escurecem, as nuvens, que se condensam, os ventos, que se desencadeiam, os marinheiros

Digitized by Google

que trabalham, e deixam as naus em arvore secca, e subidas ao alto, ou descidas a grande profundidade, segundo obedecem aos corcovos do mar, as ondas que se arrojam sobre o convez, e alagam os soldados, que estam sobre a tolda, o rebôo dos Trovões, o fuzilar dos relampagos, a chuva, o pedrisco, as serras de escarceos levantadas pelo vento, e as gentes aterradas, e com as mãos erguidas pedindo a Deos misericordia, até que arribam no mesmo porto, de que na vespora haviam sahido com mar bonançoso, e tempo sereno. Não foi no seu gabinete, e sentado ao seu bofete, que o Poeta imaginou esta tempestade, consultando os livros de viajantes, mas consultou as suas remeniscencias, e pintou aquelles perigos, que tão frequentes vezes tinha visto, em que mil vezes julgára perder a vida.

Examinemos agora uma discripção de outro genero, e seja esta a pintura do passamento de Nuno Pereira, que falleceu no navio, que o conduzia a Gôa, onde hia curar-se das perigosas feridas, que havia recebido combatendo valorosamente nos baluartes da Fortaleza de Dio.

Pois como pouco a pouco já chegasse
Aquella hora final, que todos temem,
Os seus cançados olhos começaram
Sentir da vida o termo derradeiro.
Vistos estes signaes accodem juntos
Seus criados ali, e os outros todos,
Que no navio vam, mostram tristeza,
Vendo o nobre Varão, que já espirava.
E nesta grande affronta, em que está, chamam,
Jesu com grandes brados; outros trazem
Com preça a funeral, ultima cera,
Companheira das horas derradeiras.
Entregam-lha na mão, e a triste alma
Trabalhada commette sahir fóra:
Mas cercada de extremos differentes,
Acobardada torna a recolher-se,
Dando ao misero corpo grave pena.
Os olhos tem no Ceo promptos, e fixos;
A boca meia aberta, os beiços negros,
Amarello na côr, inchado o peito,

Digitized by Google

O alento apressado, os membros frios,
E do esprito vital desamparados,
Ouve-se na garganta hum som já rouco;
Começa a estremecer-se com penoso
Mortal desasocego, e triste angustia
De que a Morte vem sempre acompanhada.
Aquellas trez Irmãas, crueis, e feras
Por quem passam as nossas mortaes vidas,
De traz da cabeceira ali presidem
Neste passo final tão certo em todos
Signaes mostrando claros de tristeza,
Vestidas de huma côr avorrecida
Qual para o triste officio se lemita.
Mantos de negro panno tem cobertos,
Que hums tristissimos rostos escondiam.
A sentença aguardaram do Supremo
Justissimo Juiz, a quem confessam
Os Anjos por Senhor, e a quem com vozes
Suavissimas louvam para sempre
Os altos Seraphins, e a cujo nome
Se inclina a larga terra, e o Reino escuro.

Sendo chegado o termo, os póros se abrem,
Estilam-se por elles gotas frias;
Abaixa os olhos já cheios de morte,
E com grande agonia de improviso
Huma nevoa mortal lhe cerca o rosto.
Vendo Atropos signaes tam conhecidos,
Alevanta no ar o braço, e corta
N'hum momento o delgado debil fio,
Ajudada de todos, com devotas,
E pias orações, se foi sua alma
Ao Ceo, ficando o corpo ali estendido.

Se abstrahirmos da inconveniencia das Parcas collocadas de traz da cabeceira do enfermo, esperando para lhe cortar o fio da vida, a sentença do supremo Juiz, que os Anjos confessam por Senhor, que sam idéas que se combinam muito mal, e que os contemporaneos do Author não acharam ser deffeito, esta pintura é palpitante de verdade, e de colorido energico.

Digitized by Google

O Author chama á morte *passo final, e certo em todos.* É verdade: a morte póde considerar-se como um vasto paiz, para onde estam em jornada todos os que tiveram a desventura de nascer; mas os caminhos porque nelle se entra não sam todos tão fragueiros, e asperos ums como os outros; e tenho para mim que vai por um dos mais penosos aquelle, que fallece em uma viagem, no centro de um navio, cercado da immensidão dos mares, entre pessoas estranhas, e indifferentes, longe da patria, privado de todos os soccorros, atormentado pelas saudades dos pais, das irmãas, da esposa, dos filhinhos, e com a certeza de que nem ao menos seus ossos serão cobertos pela terra, que o vio nascer!

O Cavalleiro Hypolito Pindemonte, grande, e elegante Poeta da moderna Italia, que lhe deu a mais bella traducção da Odyssea de Homero; este Poeta, que foi um dos mais teimosos, e incansaveis viajadores do seu tempo, já deu todo o pezo a esta idéa penosa, descrevendo no seu Poema dos Inconvenientes das Viagens, a morte de um desses *corredores do Mundo* exposto ao desamparo em uma estalagem em poder de creados ladrões; sejame permittido citar estes bellos versos de um Poeta de tanto merito, e ainda inteiramente desconhecido entre nós, pois que o demasiado amor á literatura Franceza, e Ingleza nos tem tornado estranha a Italiana, que os nossos avós estudavam com tanto fructo.

Oh felice chi mai non pose il piede
Fuori della natia ma dolce terra!
Egli il cuor non lasció fitto in oggetti
Che di piú riveder non ha speranza,
E cio che vive ancor morto nó piange.
. . . . . .
Si l'importuna
Morte ti vuol rapir, brami tu dunque
Che nella stanza d'un Ostier ti colga
Lungi dai tuoi, tra ignoti volti, e in braccio
D'un Servo, che fedel prima, ma guasto
Anch'ei dal lungo viaggiar, tuoi bianchi
Lini, le sete, e i preziosi arredi,
Mangia co'i gl'occhi, e nel suo cor t'uccide?

Digitized by Google

Non pietá di congiunto, non d'amico
Vienti a chiuder le ciglia; debilmente
Stringer no puoi co'la mano mancante
Vera man cara, e un caro oggeto indarno
Dai moribonds, erranti occhi cercato
Gli chini nel tuo sen con un sospiro.

Mas as descripções marciaes sam as, que especialmente brilham no *Cerco de Dio*, e em que triumpha o talento poetico de Jeronymo Côrte Real. Havendo passado a maior parte da sua vida entre estes espectaculos de destruição, póde observa-los, e analysa-los de perto, e parece que se recrêa em pinta-los com uma verdade, e energia espantosa. Parece impossivel que chegue a tanto a sua inexhaurivel fecundidade, e que depare na lingua os termos, e expressões necessarias para pintar batalhas sobre batalhas, assaltos sobre assaltos, tanta diversidade de combates, de feridas, de mortes; elle nos faz ouvir o rechinar das flechas, o sibilo das rosciadas de mosquetaria, o estrondo das bombardadas, o baque dos muros, que se desmoronam, os alaridos dos vencedores, os ais dos moribundos; faz-nos vêr o rutilar das lanças, o relampear das espadas, e dos alfanges golpeando nos capacetes, e nos escudos, e as nuvens, e turbilhões de poeira, e de fumo, que rodêam, e involvem os combatentes, e os estragos das minas, que rebentam, e que os sepultam em labaredas, e ruinas. E' assim que emparelha ás vezes com Homero, e com Camões, a quem é tão inferior em outras qualidades de Poeta. Eis aqui como elle no Canto IX. descreve os Mouros, que marcham a assaltar a Praça, e se travam com os vencedores.

Ainda a bella Aurora não mostrava
Os seus louros cabellos quando tinham
Postos seus esquadrões em bom concerto.
Postas suas bandeiras em logares
Onde ficam Senhoras, e devassam
A Fortaleza, e muros Portuguezes,
Levando com solemne reverencia,
E honrado acatamento huma figura
De aspecto ferocissimo, espantoso

Digitized by Google

A qual representava o seu Propheta,
Preverso causador de tantos males,
Estando juntos já perto dos muros
Cheios de confiança, e vãa soberba
Com formosos guiões, e mil bandeiras
Desatadas ao Vento, tocam muitos
Instrumentos de guerra, dando gritos
Que com medonho estrondo vam rompendo
O ar, e as altas nuvens: Todos juntos
Com impeto arremetem, e em trez partes
Dam hum assalto fero, mas em todas
Acharam forte, e dura resistencia.
Os nossos arremessam com gran furia,
E com igual destreza, toda sorte
De offensivas, crueis, e duras armas.
Impellem-nos com força, como aquelles
Que o mais da sua vida exercitaram
Em asperos combates, em batalhas
Perigosas, e duras, arriscando
Cada momento as vidas pela honra.
Capitães excellentes d'ambas partes
Accodem, animando os seus soldados,
Os quaes cada hum defende, e guarda o posto
Que com perigo lhe assinára a sorte.
Alça-se hum gran clamor, e vozaria,
Que o campo retinir faz todo em roda...
Cada momento mais, e mais se accende
A furia do combate sanguinoso,
Os muros, as estancias todas ardem
Com coruscantes raios, cahem grandes
Montões de corpos mortos dos Imigos.
Accode aqui a frol dos Sarracenos,
Frecham com força, e preça curvos arcos,
Lançam dardos espessos, com que ferem,
E maltratam valentes Cavalleiros,
Aqui aos cercados dam grandes trabalhos
As homecidas setas escondidas
Pelas escuras sombras, e ares negros.
Aqui perdendo os Mouros vidas, perdem
As almas para sempre, cousa digna
De lastimosa dôr, e sentimento.

Digitized by Google

Dom Fernando de Castro aqui peleja
Com coragem, e animo invencivel,
Resistindo aos Imigos tinge a espada
De sangue fresco, e quente sobre aquelle
Que nella estava já coalhado, e frio,
Dom Francisco de Almeida grande parte
Sustem do fero assalto, dando muitos,
E grandissimos golpes; pois Dom Pedro
D'Almeida seu Irmão, bem claro mostra
Hum coração maior do que promettem
Os poucos annos seus, e tenra idade.
Estava ali diante o forte Moço
Soffrendo a força, e furia do perigo
De laminas coberto, e o duro escudo
Cortado dos pesados, duros golpes;
Em cima da cabeça huma celada
Que, ferida do Sol, outra vez torna
Mandar ao alto Ceo os claros raios.
O rosto juvenil, em côr sanguinha
Convertido, mostrava a grande affronta,
E o trabalho, em que está, soffrendo, e dando
Golpes de muita força; Luiz de Sousa
Tambem se mostra aqui ousado, e duro,
Por força defendendo a entrada aos Mouros.
Aqui Antonio Peçanha, fortemente
Acommettido foi pelos contrarios
Com muitas Espingardas, e com grande
Quantidade de settas; mas com forças,
Com fero coração dos seus Soldados,
E grande esforço seu vai resistindo
O impeto, e furor destes imigos.

Em toda a parte saem grandes golpes
Desparam-se Espingardas, e huma somma
De lanças mil de fogo arremessadas.
Ouve-se hum grande estrondo, hum gran rugido
Das armas, como quando no gran monte
Ethna os feros Ministros de Vulcano
Com agoa, terra, fogo, e ar forjavam
A Jupiter coriscos, atroando
As sombrias moradas, com continuas

Digitized by Google

E grandes marteladas. Aqui os gritos
Dos miseros, que morrem, vam subindo.
Bem se peleja, e fere em ambas partes,
Bem se conhecem forças, e ousadia.

Neste tempo hera tanta a força, e preça
Das lanças, dardos, settas, e Espingardas,
De tão continuos golpes, que parece
A machina do Mundo destruir-se.
Tal hera a tenebrosa escuridade,
E tal a confusam, que punha espanto
Em todo o coração; mas nesta sombra
Escura, negra, e triste resplandescem
Nos altos muros, fogos rutilantes
De alcanzias, que lançam com gran furia
Os nossos nos imigos, que porfiam
Na fortaleza entrar por pura força.

O quadro seguinte, em que Côrte Real pinta o somno agitado dos soldados portuguezes depois da destruição de Ansote, em razão de se lhe representarem em sonhos as fadigas do dia, e as crueldades por elles praticadas naquella Cidade, tem sido com razão muito elogiado pelos Criticos estrangeiros.

Cançados todos já de tantas mortes
Ao serviço d'El-Rey tão necessarias,
Embarcam-se nas fustas, quando Apollo
O luminoso carro já escondia,
E os Cavallos banhava no Occeano,
Ficando o ar involto em negra sombra,
E o Mundo todo em côr escura, e triste,
Todos tomam repouso do continuo
Trabalho, em que o passado dia andaram,
Estendem-se por bancos, por convezes,
Dam repouso aos cançados, lassos membros,
Entregando-os a hum brando, e doce somno.
Dormindo movem hums os fortes braços,
Dando com muita força em vão mil golpes,
Outros com vozes mal distinctas dizem
«Aqui matemos estes, que nos fogem!»

Digitized by Google

Alguns isto dizendo levantavam
As cabeças em somno sepultadas;
Mostrando com signaes de furor grande
Naquellas mortes inda andar involtos!
Mas o profundo somno torna logo
Render os alterados corpos; liga
Os sentidos de novo, e representa
Em todos huma imagem muda, e triste
Da cruel, fera, horrenda, e negra morte.

Quantas vezes teria o Author sido testemunha destas scenas de tarimba, de que faz aqui uma pintura tão viva! E' a bellezas desta ordem, que deve a sua duração este monumento, erigido em honra da patria pelo Poeta Soldado!

Entre as suas descripções mais pictorescas conto eu aquella, em que elle no Canto dezenove nos mostra a confusa precipitação, e desordem com que os habitantes de Goga abandonam, fugindo, aquella cidade acommettida por D. Manoel de Lima.

Aqui neste logar os Portuguezes
Se detiveram vendo a grande preta,
Com que a mesquinha Gente vai fugindo.
Mil carretas douradas vam sem ordêm
Pelo espaçoso campo, e vam de longe
Com Libestinos raios reluziado;
Gente a cavallo vai por outra parte,
Levando muitos delles as mulheres
Abraçadas comsigo: tambem fogem,
Traspassadas de medo, muitas outras,
Com volumes de fato nas cabeças;
Nos braços levam Filhos, que não podem
Andar, e os outros já de mais idade
Tambem vam carregados ajudando
Suas miseras Mãis. Vam muitos Velhos
De longa idade, e annos já cançados
Com corrida forçosa, e desusada.
Bem assim como quando por castigo
Divino, se permitte aquella grave
Contagiosa Doença, de quem todos

Digitized by Google

Fogem, sem se lembrar mais que das vidas,
Os caminhos, e campos occupados
Se mostram de avexada, e triste Gente,
Attonitos, pasmados, e as entranhas
Traspassadas, não sabem onde assentem,
Ou onde lhe será logar seguro,
Sem concerto, e sem ordem vam fugindo
Dos rebates mortiferos; que em dando
Matam sem ter remedio, e estas mortes
Causam temor aos outros; desamparam
As Familias, e Casas, deixam tudo
Fugindo do rigor, que Deos lhe mostra;
Assim desta maneira pola Varzea
Hia toda esta gente em mil manadas.
Todos fugindo vam quanto mais podem,
Receiosos dos males, dos Estragos,
Das perdas, e das mortes, que este mesmo
Famoso Capitão tinha já feito,
Poucos dias havia, em toda a Costa
Desta grande enseada com que o nome
Delle hera nesta parte assás temido.

Abrazada Goga, cujo incendio durou quatro dias, D. Manoel de Lima manda trazer á sua presença trez Mercadores Banianes, que haviam sido apresionados, e os interroga sobre o numero de gente de peleja, que havia escapado de Goga, e sobre o sitio onde se haviam refugiado; os pobres Mercadores respondem, que os fugitivos eram quasi todos gente inerme, e que tinham procurado refugio em um logar a uma legoa dali.

D. Manoel os obriga a servir-lhe de guia, entra pelo Sertão, e seus soldados passam á espada tudo quanto encontram, sem perdoar a sexo, nem a idade, nem aos animaes, com cujo sangue, e immundice profanam os poços, e tanques consagrados ao rito do paiz, deixam grande numero de Mouros enforcados nos Pagodes, e entre elles os trez Banianes, pacificos pelos principios de sua seita, e que na qualidade de mercadores, e estrangeiros nada tinham com as desavenças do Sultão de Cambaia, e dos Portuguezes. Depois da narração circumstanciada destas bellas proezas, o Poeta traça com vivissimas côres um

Digitized by Google

quadro da petulante, e selvatica alegria dos soldados no meio dos estragos, e das ruinas.

Chegando perto já do Logar, fogem
Aquelles, que estam nelle recolhidos,
Levando seus thesouros; e deserto
Fica todo o Logar ao fogo entregue,
Abrazado foi logo em curto espaço
E com fumosas chammas confundido.

Acabado este damno se recolhem
Onde a armada ficou. Todos cançados
N'hum campo se assentaram, que visinho
Estava da Cidade, e nelle hum grande
Alto Tamarinheiro ali assombrava
Verdes, e frescas hervas com frondosos
Robustos, estendidos, velhos braços.
Em cima dellas põem brancas toalhas
Polas hervas, e flores estendidas.
Aqui nobres Mancebos, ali destros,
E valentes Soldados se assentaram.
Em bom concerto e ordem lhe trouxeram
Com grande diligencia muitos pratos,
Bem povoados de todo o necessario,
Com que os cançados animos recreiam,
Já dos grandes trabalhos esquecidos.

Juntas estam aqui muitas Cotias
Encalhadas na terra, ardendo todas
Em grandes labaredas. Os Soldados
Querendo ali ordenar suas cozinhas,
Assam nellas Cabritos, assam quartos
De gostosas Vitellas, assam gôrdos,
Assás tenros Cordeiros. Hums não podem
Tanto espaço soffrer a fortaleza
Do desmandado fogo, outros de preça
Com rostos affrontados vam correndo,
Levando nos tostados páos, que servem
De Espetos, assaduras, que estillando
Vam gotas de cheiroso, e quente çumo.
Depois de satisfeitos se levantam

Digitized by Google

Embarcam-se na armada sem levarem
Desta grande Cidade mais proveito,
Que hum trabalho grandissimo, sustido
Por serviço d'El-Rey com grande gosto.
Porque como esta armada toda fosse
De Navios subtis, e esta Enseada
Mostrasse ali soberbas, procelosas,
E levantadas ondas pola força
Polo impeto furioso das correntes,
Que ali sam sempre certas, e contínuas,
O Capitão pedio, e juntamente
Mandou a todos quantos seguem sua
Vencedora bandeira, que não levem
Destas fazendas grossas, porque possam
Os Navios soffrer qualquer tormenta,
E possam mais ligeiros passar esta
Trabalhosa Enseada a outra banda.
Tudo, por esta causa, foi queimado
Sem nada se salvar, sem dar proveito
A muitos, que ali tem necessidade.

Si alguma cousa falta a esta scena de cannibaes civilisados, sam a meu vêr, as cantigas, os brindes e aquelles alaridos tumultuosos, que em taes casos nunca costumam faltar; nem pareça estranho, que os Soldados de D. Manoel de Lima se banqueteassem em um campo tinto de sangue, e juncado de mortos, e assassem a carne no fogo das embarcações incendiadas. A historia moderna nos apresenta sobejos exemplos destas barbaridades suggeridas aos Soldados pelo delirio da victoria.

No tempo da Invasão da Peninsula pelos Exercitos de Napoleão, narram os papeis publicos desse tempo, que entrando os Francezes á viva força em uma pequena Cidade, os Soldados de um Regimento, comeram o rancho em uma praça della, servindo-lhe de cadeiras os cadaveres hespanhoes, que por ali jaziam, emborcando grandes tarros ao som dos gritos de *vive l'Empereur!* Em circumstancias iguaes todos os homens praticam as mesmas cousas.

Entre as digressões, com que Jeronymo Côrte Real costuma ás vezes amenisar, e interromper a monotonia da sua narração, deve quanto a mim muito especialmen-

Digitized by Google

te notar-se a seguinte do Canto IX., que é uma especie de Hymno, em louvor da Nação Portugueza.

Antigo Portugal, Reyno ditoso,
Ganhado aos Infieis, e concedido
Por divino favor ao Rey primeiro,
Que, rasgados os Ceos, vio lá na gloria
C'os olhos corporaes as Santas Chagas,
Em ti o gran Marte influe sua potencia,
Fazendo-te temido athe nas partes
De ti mais apartadas, aonde o Indo,
E o furioso Ganges, com crescidas,
Apressadas correntes vam regando
A fertil, opulenta, e rica terra.
Mui fera, e belicosa Gente crias,
Costumada a vencer grandes batalhas,
E a romper mil exercitos famosos,
Com numero pequeno de valentes,
E fortes Cavalleiros; os quaes todos
Dotados sam de esforço, e cortezia,
Pois de honestas Matronas, pois de Damas
Honestas, e formosas, bem se póde
Dizer que hes escolhido em todo o Mundo.
Governado de Reys prudentes foste
Com justiça direita, e santo zêlo,
Aos pequenos, e aos pobres sempre ouvindo
Seus aggravos, seus males, e miserias.
Agora em ti floresce hum Rey potente
Cuja vinda mostrou ser milagrosa;
E quando quasi estavas arriscado
Sugeito a mil trabalhos, e perigos,
Então t'o concedeo aquella Eterna
Divina Magestade. Este promette
Na sua idade tenra um alto preço,
Hum esforço, e valor ao Mundo raro;
Este Senhor será perfeito em tudo,
Segundo claro delle o Ceo nos mostra;
Dar-lhe-ha Deos felices, largos annos
Para que te acrescente em fama, e honra,
E para que com gloria, e nome eterno
Faça o que delle está pronosticado.

Digitized by Google

Côrte Real, que neste logar tão altas cousas prophetára ácerca d'El-Rei D. Sebastião, passou pelo desgosto de vêr ainda em sua vida desmentidas as suas enfaticas prophecias, o Rei, e a gloria do Reino sepultar-se nas arêas de Africa, e a Patria sugeita ao jugo estrangeiro. Agradeçamos-lhe porém os bons desejos, pois em todas as suas obras respira um vivo amor da patria, e um ardente espirito religioso; mas estes dous sentimentos tão nobres, mas pouco illustrados, o levam ás vezes além dos justos lemites, chegando a ponto de descrever com grande complacencia as barbaridades inauditas commettidas por D. Manoel de Lima nas suas excurções pela costa de Cambaia, não só queimando, e arrazando Cidades, estragando plantações, matando ácinte os rebanhos de gado, passando á espada velhos, mulheres, e mininos, fazendo esquartejar vivos centos de prisioneiros, e o que é mais, de fazer a apologia destes excessos nos seguintes versos.

Depois que este logar, que se chamava
Do Abexim, foi queimado, e tudo quanto
Havia dentro delle; determina
O Capitão dar fim ao que já tinha
Começado tão bem, com tanta honra;
E ainda que fazia estas cruezas,
Não hera por cruel, que mui benigno,
Brando, e affavel hera; mas cumpria
Tractar desta maneira huma tal gente,
Porque heram tão soberbos, que daquellas,
E d'outras muitas móres crueldades,
Tinham necessidade; porque sendo
Tractados menos dura, e cruelmente
Levantam de contínuos novas guerras,
Dando novos trabalhos cada dia;
Assi que hera mui justo, e necessario
Doma-los com temor, com força d'armas.

Estas razões não desculpam o santarrão de D. João de Castro de dar tão barbaras ordens, nem D. Manoel de Lima de as haver executado com tão infernal exactidão. O Poeta devia lembrar-se de que si as leis da guerra permittem matar os inimigos armados, nem essas leis,

Digitized by Google

nem as da humanidade, e muito menos os preceitos do christianismo, permittem assassinar creanças, mulheres, velhos, e cidadãos inoffensivos, e desarmados, e muito menos juntando a essas mortes as horriveis atrocidades praticadas por D. Manoel de Lima.

Côrte Real preocupado com as opiniões fanaticas do seu tempo, persuadia-se, como João de Barros, que emprega longas paginas em argumentar a favor deste absurdo, que os Mouros, e Gentios, e todos os que estavam fóra do gremio da Igreja, estavam privados dos fóros da humanidade, e que suas terras, fazendas, e vida eram propriedade dos Christãos Orthodoxos, que podiam dispôr dellas a seu bel prazer, e por isso julgava licito todo o mal, que se lhe fizesse. Em consequencia desta doutrina, diametralmente opposta ao Evangelho, e á boa Politica, Côrte Real declara necessarias estas barbaridades.

Necessarias!.. Sería mais justo, e mais verdadeiro denomina-las perniciosas, e contrarias aos nossos interesses! Sim, ousemos fallar claro depois de alguns seculos, e em tempos de verdadeira phylosophia, o nosso espirito de dominação, e as violencias, e crueldades de muitos dos nossos Capitães, é que accenderam em todas as nações pacificas do Industão esse odio implacavel contra os Portuguezes, ao passo que as outras Nações Europeas, que ali aportavam, eram bem, e hospitaleiramente recebidas, e assim devia ser, porque se lemitavam ás amigaveis relações commerciaes, sem exigirem pareas, e vassallagem dos Reis, e sem insultarem, e menoscabarem o culto religioso dos Indigenas, que é a unica injuria, que os póvos não sabem perdoar!

Os nossos historiadores dizem unanimemente, que os Mouros, por ciume de commercio, e por antipathia de religião, com suas intrigas, e calumnias nos tornavam odiosos aos Gentios naturaes da terra. Porém esta assersão é inadmissivel: si os Mouros nos disserviam porque eramos christãos, e negociantes, porque não praticavam o mesmo com os Hollandezes, os Francezes, e os Inglezes? Por que estes póvos longe de se queixarem delles, confessam o grande proveito, que tiravam dos seus serviços? Os Mouros não conhecem Calvinistas, nem Luteranos, nem Zuinglianos, nem Episcopaes, nem Presbyterianos, elles

Digitized by Google

não entram nas nossas dissidencias, todos os Mercadores da Europa eram para elles Christãos, como para nós sam Mahometanos todos os que professam o Alcorão, sem destinguirmos as differentes, e variadas seitas, em que estam divididos

---

CAPITULO II.

O Naufragio de Sepulveda, e outros Poemas de Jeronymo Côrte Real.

—

Ainda não tivemos um Poeta tão fecundo em Poemas Epicos como Jeronymo Côrte Real; porém de todos elles o que é mais lido dos nacionaes, e mais conhecido, e applaudido dos estrangeiros é sem duvida o Naufragio de Sepulveda, que talvez seja o mais defeituoso de todos.

Os dous que tem passado perante os nossos olhos, posto que não contenham fabula epica, sam pelo menos epicos pelo assumpto grande, interessante, e publico; porém no Naufragio de Sepulveda apenas apparece um assumpto particular, a desgraça de uma familia, que naufraga na costa de Africa, e que nella perece de miseria, e cansaço, e de fome, depois de passarem grandes calamidades; Luiz de Camões nos *seus Lusiadas* escolheu este successo para fazer parte do seu mais magnifico Episodio, tenho para mim, sem querer dar a minha opinião como regra, que as poucas Estanças, em que elle o descreve, valem mais do que todo o longo Poema de Côrte Real.

A desgraçada heroina deste Poema, D. Leonor de Sá, filha do Governador da India Garcia de Sá, e que passava no seu tempo pela mais formosa Dama do Oriente, era prima de D. Luiza de Vasconcellos, Esposa de Jeronymo

Digitized by Google

Côrte Real, e o Poeta em obsequio a sua mulher quiz erguer um monumento poetico á memoria, e desventura daquella desditosa senhora.

Por este lado conseguio o Poeta o que pertendia, mas si elle fosse tão rico de bom gosto, como de imaginação, e de talento, si quizesse reduzir-se aos lemites marcados pela natureza do seu assumpto, teria feito um optimo, e interessante Poema de seis, ou oito Cantos, e a sua gloria seria mais pura.

O seu primeiro erro está, quanto a mim, em querer fazer uma Epopeia de dezesete Cantos, sobre um assumpto, que não era epico, pois em vez de uma acção meditada, emprehendida, e perfeitamente desempenhada pelo heroe, só nos apresenta um seccesso eventual, qual é um naufragio, independente da vontade de todos, os que nelle figuram, e um encadeamento de infelicidades da mesma natureza.

Tenho pelo segundo erro do Author a multidão de objectos estranhos, a que recorreo para encher o vasto quadro, que traçára, e que continuamente destrahem a attenção do assumpto principal, quando todo o esforço da arte deveria consistir em concentrar nelle toda a attenção, e interesse dos Leitores. Será injustiça contar no numero destas excrescencias viciosas os episodios do Templo da Verdade, e do Templo da Mentira, onde o Author se entretem a passar em revista todos os Heresiarchas, e a invectivar contra elles? O outro em que um Mago mostra a Pantaleão de Sá, na costa d'Africa, pintada em paineis a jornada de Africa, e a perda d'El-Rei D. Sebastião? Este episodio não só é reprehensivel por ser inteiramente alheio do assumpto, mas porque prejudica o interesse geral da Obra, e esfria a sensibilidade para com os heroes della, pois qual será o Leitor, em cujo peito palpite um coração portuguez, que vendo desmoronarse a Monarchia Lusitana nas margens do Mocazem, eclypsar a gloria de tantos seculos, sepultar-se a independencia da patria com o seu Rei naquellas arêas, tenha se quer uma lagrima para o infortunio de uma familia particular, quando a calamidade publica absorbe todos os seus sentimentos?

Não faria ou grande crime a Jeronymo Côrte Real de

Digitized by Google

introduzir neste Poema a Mythologia Grega. A opinião pedantesca, que no seu tempo reinava nas escholas, não admittia Poema Epico sem Mythologia Grega, mesmo nos assumptos modernos, nem Sannazaro, nem Ariosto, nem o proprio Tasso deixaram de nesta parte mais ou menos condescender com este gosto dos seus contemporaneos, o que eu lhe não perdoo é o mau uso que fez dessa Mythologia, e entregar os fios todos da sua acção a esses agentes imaginarios, não tirando dessas machinas nenhum grande effeito, nenhuma daquellas bellezas sublimes, que admiramos em Camões.

Todo o fructo que o Author tirou destas machinas mythologicas se reduz a algumas descripções, e alegorias ás vezes engenhosas, e algumas pinturas, e o alardo de uma erudicção frequentemente pedantesca; mas esse fructo é sobejamente descontado com o que prejudicam ao desenvolvimento da acção, e ao effeito do pathetico, e apesar disso o Poeta parece que se não atreve a dar um passo, sem valer-se do auxilio daquellas machinas heterogenias. Si Luiz Falcão, Governador de Dio, morre assassinado com um tiro, é porque o Amor aconselhado por Venus, que lhe dá espingarda, para Anthero fazer uso della, accompanhado pelo Odio, Ira, Desespero, e Resolução livra assim Manoel de Sousa de um rival, que lhe disputava a mão de D. Leonor. Si o galeão grande naufraga é porque Amphitrite, e as Nymphas do mar insoffridas de que D. Leonor as exceda em formosura, rogam a Eolo que solte os ventos, para excitarem a tempestade, que motiva a sua perdição.

Se estas invenções parecem mesquinhas, e improprias; devem parecer ridiculos os amores dos Deoses por D. Leonor de Sá: namora-se della Prótheo, só porque a vê assomar-se a uma janella da nau. E eis aqui a pintura que o Poeta faz desta Deidade maritima.

> Andava em tal sazão Prótheo pastando
> Ali rebanhos mil de humilde Gado,
> E vendo a poderosa Nau, parou-se,
> Alegre por vêr Gente Portugueza.
> A desforme cabeça sobre as ondas
> Alça, de verdes limos abraçada,

Digitized by Google

Sacode a barba inculta, e os cabellos
Hirtos, e duros mais que a neve brancos,
Olha o antigo velho como as ondas
Arrebentam na Nau alta, e soberba:
Olha os diversos trages, olha a Gente,
Que pelo vêr ao bordo se juntava,
Alçam da poderosa Nau aos ares
Huma grita, que chega ás altas nuvens,
Não se espanta o marinho fero Monstro,
Nem deixa de mostrar lêdo sembrante;
Leonor, que já do mar vem enfadada,
Do prolixo caminho avorrecida,
O subito alvoroço, e grita ouvindo,
Assoma-se por vêr o que os espanta,
O velho Prótheo vio, que em duas azas
Espinhosas, e grandes se sustenta,
Attonito, e pasmado; mas de vê-lo
Ella fria ficou, e quasi muda.
Olha o peito escamoso, a côr, e o rosto,
A proporção, e o talhe differente;
Olha aquella figura estranha aos Homens,
Mas conhecida, e usada á Natureza.
Alça os olhos o Velho, firma-os fixos
Nos olhos de Leonor, e não podendo
Soffrer a viva luz, e ardente raio,
Que o frio coração penetrou dentro.

Esta pintura é bella, e poetica; mas será este Adonis marinho muito perigoso para a virtude de D. Leonor de Sá? Será verosimil, que o velho Prótheo, o Propheta do Occeano, o mais sabio de todos os Deoses, que formam a Côrte de Neptuno, represente o papel de amante derretido, que o Poeta lhe attribue? Que este velho venerando dê um descante á sua bella, em oitava ryma accompanhado pela Harpa de Cimodoee? Pois é isso exactamente o que accontece; e aqui vai a tal Canção, exactamente copiada, sem levar, borrão, ou emenda, ou cousa, que dúvida faça.

Remedio do meu mal, quem te detem?
Que te faz, que não venhas dar-me vida?

Digitized by Google

Quem he o que me atalha tanto bem?
Como estás do teo Prótheo assi esquecida?
Vem formosa Lionor, ah Lionor vem,
Alegra esta alma triste a ti rendida,
Não pagues tanto amor com crueldade,
Que não se espera tal de tal beldade.

Chega, verás o mar assocegado,
Ornado de bellissima Pintura,
De Neptuno verás tão celebrado
A escamosa, e horrida figura.
Verás do Reino liquido salgado
O bando da marinha formosura,
Que toda junta vem obedecerte,
E aqui aguarda toda só por vêr-te.

Verás arder huma alma em triste peito
No meio deste mar por ti gritando,
Verás hum coração todo desfeito
Em lagrimas mil vãas nada esperando,
Verás varios affectos n'hum sugeito,
Verás amor cada hora accrescentando
A' minha grave dôr novo tormento
Fiado apenas só do pensamento.

Tu verás isto, e Prótheo desventura
Nos teus olhos verá certa, e sabida,
Verá, vendo-te, a summa formosura,
Por honra, e mal do Mundo cá nascida.
Verá huma belleza clara, e pura
Por onde a Divindade he conhecida,
Côr de rosa verá, verá cabellos,
E hums olhos, que só Deos póde faze-los.

Vem, alma minha, vem, vem descuidada,
Descobre-me esse rosto tão formoso,
Vêr-me-has a vida já por ti chegada
Ao ponto extremo, e passo trabalhoso?
Vem frol da formosura mais louvada
Abranda o peito esquivo, desdenhoso,

Digitized by Google

Apaga já este ardor, pois todo o mar
Não tem força, nem basta ao apagar?

E' Prótheo que falla, ou o Myrtilo de Guarini, ou o Amintas de Torquato Tasso? E ainda esses mesmos, não exprimem as suas queixas amorosas em termos tão alambicados; mas ainda temos que vêr mais Numes arrebatados na formosura de D. Leonor: namora-se della o Deos Pan, que com seus pés de cabra, e com seus cornos retorcidos não é mais bem apposto Galan que Prótheo, mas o Poeta, temendo talvez que nos persuadissimos de que os encantos da sua heroina só tivessem poder, e influencia sobre monstros, lhe dá em fim por amante a Apollo, o mais bello, o mais prendado, e o mais brilhante de todos os Deoses do Olympo, mas que resulta de toda esta farragem erotico-mythologica? Lamentações, lagrimas, cantigas, suspiros, e pensamentos Platonicos, em estylo Bucolico: nenhum desses Deoses sabe o que quer, ou faz uma tentativa para obter as boas graças de D. Leonor, nem para salva-la do infortunio, em que perece! Não é de certo assim, que Ovidio costuma pintar-nos os amores dos Deoses.

Em um Poema de Jeronymo Côrte Real, é excusado fallar em caracteres; D. Leonor de Sá é mulher muito ordinaria na ventura, e na desgraça; não sabe mais que gemer, e soffrer. Manoel de Sousa é um homem inconsequente, fraco, sem previsão, nem energia, credulo, e teimoso. Commandante de uma nau, é tão ignorante como o seu Piloto, que procurando o Rio de Lourenço Marques, passa por elle sem o conhecer; achando-se por desgraça á testa de um Esquadrão por cuja segurança deve vigiar, e responder, se entrega á mercê de um Regulo Cafre, dividindo a sua gente, e entregando as suas armas, apesar de todas as representações, que os seus lhe fazem, chegando a sua estupidez a desconhecer que a sua salvação, e a de todos estava na união, e nas armas.

Contra todas as regras da poetica, e do bom senso, em logar de principiar com a acção, isto é, a viagem para Portugal, que só tem logar no Canto VI., começa o Poeta a sua narração pelo menos vinte annos antes, com o nascimento de D. Leonor, empregando quatro Cantos,

Digitized by Google

e não pequenos, contando os amores desta Senhora com Manoel de Sousa de Sepulveda, a opposição que seu Pai Garcia de Sá faz a estes amores por ter empenhado a sua palavra com Luiz Falcão, a morte deste mandado assassinar por Manoel de Sousa, o seu casamento com Sepulveda, as festas publicas, e particulares feitas por esta occasião, e o nascimento de seus filhos, eis aqui um exordio que não póde chamar-se *ab ovo,* mas á *Gallina.*

Mas, dirá alguem, como é possivel que sem embargo desses defeitos, e irregularidades, seja o *Naufragio de Sepulveda* o mais lido, o mais estimado de todos os Poemas de Côrte Real, e o mais seguro abono da immortalidade do seu nome? A resposta é facil; a vida dos Poemas está mais no estylo, que na boa, e perfeita ordenança delles. Ninguem lê as Tragedias de Campistron bem ordenadas, e fracamente escriptas, e as bellezas de estylo, e a energia das sitações fazem que as Tragedias de Corneille, cheias de defeitos de disposição, e as de Shakespeare mais irregulares ainda, sejam hoje ouvidas, e applaudidas no theatro com o mesmo enthusiasmo com que foram recebidas no seu tempo. É pelo estylo que a Eneida tem contrabalançado, a grandeza da Iliada. O grande Tragico João Racine dizia a seu filho Luiz, o Author do Poema da Religião: « A unica differença que ha entre mim, e Pradon, é que eu sei escrever. » E si isto não é verdade porque as Tragedias de Pradon sam tam ruins pela disposição como pelo estylo, ao menos prova que elle adheria á doutrina de Boileau, de que o estylo é a vida dos Poemas.

A fama, e a estima do Naufragio de Sepulveda devem-se á sua linguagem, sempre pura, elegante, e cheia de phrases, e modos de dizer energicos e pictorescos; á sua versificação, porque si os seus versos soltos estam ainda longe da harmonia, e precisão, que Bocage, e outros modernos souberam dar-lhe, não deixam por isso de serem mui superiores a todos, que no seu tempo se haviam escripto nas linguas modernas. Deve-se ás suas comparações brilhantes, e originaes, ás discripções, e pinturas, que nelle prodigamente derramou o genio essencialmente discriptivo do Poeta. Tal é esta da partida da nau de Sepulveda sahindo do porto de Cochim, e o principio da viagem.

Digitized by Google

Com véla inchada vai a Nau cortando
O transparente Campo de Neptuno,
Impellida por Zephiro; atraz deixa
Hum rasto de salgada branca escuma.
Foge-lhe a conhecida Terra; fogem
N'um momento a gran praia, o porto, a Gente.
Altas frondosas Arvores de vista
Se perdem já, e em nevoa se convertem.
A Costa já se vê toda confusa,
Mal distinctos os montes, e agras Serras,
E quanto mais se aparta, tanto em grossos
Turvos densos bulcões tudo se muda.
Ao Norte deixa já todas as Terras
Do soberbo Hidalcão, Rey poderoso,
Inimigo da Gente Lusitana,
E deixa Baçain, Cidade insigne,
Soberba em outro tempo, humilde agora,
Da Cidade Taná pouco distante
Deixa as grandes ruinas, que do Tempo
Amigo de mudar estados, foram
Convertidas em vil, triste desenho.
Em trez mil, e trezentas casas nella
Télas de ouro, e de prata se teciam,
Com sedas outras mil de varias côres,
Agora já não tem mais que a memoria.
Tambem deixa Salcete, e o animal fero
Feito de Pedra, e igual a hum alto monte;
E o estranho admiravel Edificio
Debaixo de alta rocha fabricado;
Obeliscos geraes da Natureza
Sem arteficio humano aqui se mostram,
Obra, onde se vê claro o saber alto,
E aquella alta, e divina omnipotencia.
Deixa a grande Cambaia, onde o invensivel
Rey Lusitano tem por força, e armas
Aquella Fortaleza, já dos Turcos,
Por seu mal, duas vezes combatida.
No mesmo parallelo mais ao Norte
Deixa os fortes Mogores, tambem deixa
Os Reynos de Caxem, Xael, que ao Reino
Famoso Portugues pagam tributo.

Digitized by Google

A Persia vai deixando, e deixa o seio
Que della tomou nome, e onde se mostra
A Ilha Ormuz esteril, mas por causa
De universaes concursos rica, e nobre.
Ali Judeos habitam, e o nefando
Torpissimo Alcorão se prega, e guarda;
Idolatras Gentios com seus ritos,
E com superstições ali residem.
Ali os Christãos Armenios, e outros muitos
Jacobitas, Scismaticos, distinctos
Dos outros Moravitas, separados
Sam dos que a sacra fé Christãa confessam.
Ali a torrida Zona tem tal força,
Que os seus habitadores os abraza,
E para metigar tal ardor usam
Os Cataventos tanto celebrados.
Em Damas formosissimas, em tracto
De amores, de delicias, de branduras
Memoria faz de Papho, e Chipre, aonde
Se honra Venus, e Amor cem sacrificios.

Deixa Arabia deserta á parte esquerda,
E á dextra Baçorá no fim do seio,
E os celebrados Rios tão famosos
Dos quaes o Nascimento a nós he occulto.
Deixa no meio dellas o soberbo
Unico, e admiravel Edificio
Fundado por Nembroth, robusto, e bravo,
Em Babel por tal obra sempre vivo.
Já deixa o rouxo mar, que na Cidade
Sues acaba o curso; á dextra parte
Deixa o Toro, e Medina, onde o perverso
Inventor do Alcorão tem casa, e nome.
As sessenta Palmeiras se divisam,
E antes dellas as fontes do animoso
Insigne Capitão, que o Povo amado
Livrou da Servidão cruel do Egypto.
O celebrado monte já descobre
Onde a Ley foi de Deos a Moysés dada,
E onde a Esposa bellissima de Christo
Em custodia deixou seu santo corpo.

Digitized by Google

O Cabo Guardafu, deixa, e Arquico,
Alencer, e Suaquem, já deixa o fertil
Gran Reyno d'Abassi, de vagamundos,
E occiosos Moradores habitado.
Já volta deste Cabo ao Sul, e corre
Esta Africana Costa, e nella deixa
Zeila co'a guerra atroz sangrenta, e dura,
Dos Basnagais, do gran Rey da Ethiopia,
D'onde a Raynha de Sabá o filho
Por vêr do que, Pastor sendo, deo morte
Ao fero Phylisteo, que o circumciso
Povo, amado de Deos, tinha affrontado,
Veio a Jerusalem, e tambem deste
Reyno Candace foi, cujo Ministro
Ignorando Isaias, por Philippe
Ficou na sacra fé de todo instructo.

Parece que estamos lendo um trecho *dos Argonautas* de Apollonio Rhodio, que tanto se esmera nestas discripções de navegação, e em juntar a cada Porto, e Cidade, que nomeia a memoria de suas legendas, antiguidades, e circumstancias physicas, e peculiares.

Não é menos imaginosa a pintura de Eolo, vindo accompanhado dos ventos, e a chamado de Amphitrite, e o impulso que elles dam ao velame da nau, que estava em calmaria.

Como recado teve o fero Eolo
Da marinha Princeza, vem n'hum ponto
De brandos, frescos Ventos rodeado
Os soberbos deixando em prisão dura
Em grutas profundissimas, debaixo
De altos montes, e Serras pedregosas,
Bramando com braveza, e força immensa,
Com impeto cruel, e infernal furia.

Zephiro com suave força inclina
Por onde vai passando as verdes Faias,
E os Ulmeiros frondosos; com voz surda
Brandamente queixar os faz com graça.
Coro, Septemtrião, Phenix, e Circio,

Digitized by Google

Brancas nuvens espalham pelos ares.
Tracio, Tapir, e Ethesias com mais vivo
Sonoroso rumor entram nos bosques
Libonothos, Olympias, e Atabulo
Menses, Podromo, Cecias, e Eurothono
Respirando vem todos, e nas partes
Calmosas dam favor, e brando alento.
Depois que no mar entram, vendo as ondas
Tão quietas, e planas, e banzeiras
Todos juntos com brando, fresco assopro
Por differentes partes as levantam.
Chegam Thracio, e Tapir, onde a Nau fixa
Com frouxa véla está sem movimento
O grande Treu, sentindo a favoravel
Vinda já desejada não a engeita,
Antes no seio concavo recebe
O propicio soccorro, e pola parte
De bombordo se enfuna, inchado vira
Com forçoso poder a frouxa poija,
A Mezena, e Traquete o mesmo fazem,
O canhamo torcido o masto ajuda,
Já favorece o leme a véla, e vôa
Pelo encrespado mar a Nau triumphante.

A discripção da tempestade é cheia de verdade como feita por um homem, que muitas vezes se havia achado naquelles funestos accontecimentos, mas demasiado longa para poder aqui copiar-se; o Poeta não quiz omittir circumstancia alguma das que tem logar naquellas catastrophes; parece-me porém que elle teria andado melhor, reduzindo a sua pintura aos traços mais salientes, e de maior effeito; a tempestade, que se lê no Canto VII. dos Lusiadas de Luiz de Camões, não é menos bella, e vigorosa por ser mais breve, e mais rapida. Nestas materias só o gosto marca os lemites, em que o Poeta deve conter-se.

Passemos agora a uma discripção de outro genero, e vêjamos como Côrte Real pinta um Deserto Africano em toda a sua pompa selvatica, e natural.

Por humis caminhos asperos descendo
Entram em longo, estranho, e fresco valle

Digitized by Google

Onde palmas altissimas honravam
Aquelle umbroso sitio defendido.
Ali frondosos Ulmos, ali Faias,
Fazem lêdo Verão, e doce sombra.
Ali os Alamos altos com brandura
Se queixam dos assopros de Favonio.
Ali naturaes fontes com rumores
Sonorosos, e mansos se repartem
Por frescas, verdes hervas, demandando
Com voltas, e revoltas o mar alto.
Quasi no meio delle se devisa
Hum frondoso, cerrado, espesso bosque
Do Semicapro Pan tosca morada,
A quem rudes Pastores sacrificam.
Por verdes, frescas hervas apascenta
Rebanho de lanoso, e manso Gado,
E livre já de Amor que tanta pena
Nos olhos de Seringa lhe buscava,
Agora o verde campo, agora, o prado
Esmaltado de flôres piza isempto;
Agora a cristalina fonte, agora
Os ares sãos, e puros o recream,
Esquecido de Amor, e seus enganos,
Quieto, e alegre traz o pensamento;
Tudo o que lhe dará alivio busca,
E tudo que o fará triste avorrece.
Quantas vezes subido a mór altura
Do solitario, esquivo, aspero monte
O declinado Sol se lhe escondia,
Por detraz das fragosas, e altas Serras?
Dali via o Solar carro banhar-se
Deixando de ouro as nuvens perfiladas.
Dali o claro Horisonte, e o Ceo roxeado
Reverberado vio nas puras ondas;
Dali via os Pastores, que os Rebanhos
Contentes ás malhadas recolhiam;
As rusticas samphonhas resonando
No confuso silencio, e ar nocturno.
Dali mil vezes vio com rosto alegre
De dous fortes Carneiros lêda justa
De lanosos, e grandes corpos ambos,

Digitized by Google

De retorcidas armas bem providos,
Com severa presença, recolhendo
Atraz os curtos passos, remettiam
Com denodada furia, e bem no meio
Da carreira se davam fero encontro;
Quantas vezes ali a rociada
Aprazivel Aurora vio no Oriente
Com risonho semblante, e lêdo aspecto
Restituir á terra a côr perdida
Vendo as contentes Aves alegrar-se
Com suavissima queixa, e doces cantos
A vinda festejando do gran Delio,
Que o rubicundo raio descobria.

Já fallando do *Cerco de Dio* fizemos notar o vigor de colorido, e fogo militar, que este Poeta alardea nas discripções dos combates; agora notaremos outro ponto de semilhança, que elle tem com Homero, que é a variedade de circumstancias, que elle emprega nas feridas, e nas mortes dos seus heroes, o que mui especialmente póde vêr-se na narração de uma escaramuça entre os Portuguezes, e os Cafres, que elle faz no Canto IX. do Poema, de que estamos tractando.

Accende-se a peleja horrida, e fera,
Cresce o bravo furor em cada parte,
Si morre hum Portuguez, com vinte vidas
Dos Inimigos esta só se compra.
Procura cada hum por varios casos,
E por successo incerto haver victoria.
Levanta-se hum clamor the ás Estrellas,
E alarido, que chega, e rompe as nuvens;
N'huma parte as agudas frechas passam
De esforçados Varões os fortes peitos;
Em outras jazem muitos, reclinados
Os celebros sangrentos sobre os hombros,
O Mancebo animoso, que do illustre
Antigo, e nobre sangue descendia
Dos generosos Sás, vendo hum daquelles,
Que mais soberba mostram, e ousadia,

Digitized by Google

Que dobrando com força immensa hum arco,
Nervoso, grosso, e forte despedido
Tinha hum monte d'agudas, mortaes frechas,
Causando muito mal aos desarmados,
Cerra com elle ao tempo que assestava
Contra elle o furioso, mortal tiro.
A flecha sacudida chega, e toca
A rodella, que de aço he guarnecida,
Resvalla, e vai com força rechinando
Por meio dos subtil delgados ares;
Mas elle nas entranhas, pela parte
Do vivo coração a espada esconde,
Com bramido espantoso se debruça
O Gentio na terra, onde co'a raiva
Mortal as hervas morde, que de sangue
Da ferida cruel já estavam tintas.
Toma Amador de Sousa, ardendo em ira,
Huma teza, mociça, grossa lança,
Torcendo o corpo adquire móres forças,
E a hum monte de inimigos a arremeça,
A hum delles passa o peito; cahe de costas
O Gentio co'a dôr, que o desatina,
E fóra de si bate a dura terra
Huma vez, e mil vezes co'a cabeça.
Traz este tambem mata outro, que accode
Para vingar o morto companheiro;
Chega feroz, mas logo fica em terra,
Humilde, por seu mal entregue á morte.

E tu, Tristão de Sousa, não detinhas
O infatigavel braço hum só momento,
Mas, movido com cholera, tiraste
A muitos em tal tempo a triste vida.
O clamor, e alaridos dos que morrem,
Com som funesto o campo, e o monte atroam,
E nas cavernas concavas formavam
Com viva voz diversos appellidos.
Banha-se o campo em sangue, mas os Cafres
Recebem maior parte deste damno;
Muitos corpos se estendem, cujas almas
Gritando vam com dôr ao negro abysmo.

Digitized by Google

O valente Dourado, que ali tinha
Com perigo da vida honra ganhado,
E os seus robustos braços tinham feito
Nos inimigos seus sangrento estrago,
Vendo hum Cafre, que ali hera entre todos
Julgado com razão por mais valente,
Remette com furor; e não recua
O Imigo, antes seguro espera o golpe,
Que sobre elle já vinha tão pesado,
Que bastava a fender qualquer dureza.
O ligeiro Adversario furta o corpo,
O golpe fica vão, e a vida salva.
Não tarda o Cafre em vir, antes coberto
Do forte escudo torna o braço alçando,
O alfange descarrega, cuja ponta
Na cabeça a Dourado hum pouco alcança,
Ambos investem, dando-se mil golpes,
Com que retine o ar, e o valle geme,
Que si o Dourado he forte, e valoroso,
O seu contrario quasi igual responde.

Assim como cerdosos dous Selvagens
Pelas brenhas, e mato ambos crescidos
Hum arremette ao outro denodado,
Com agudo colmilho, e crespo lombo,
Das escumosas boccas com braveza
Lançam roncos horriveis, e fumosos,
Nos assanhados olhos amostrando
Reverberar relampagos espessos.

O Dourado não quer que se dilate
Mais a forte contenda. Chama, e pede
O divino favor, do qual sentindo
Conhecido signal, redobra os golpes,
A rutilante espada alto levanta,
E contra o duro imigo a manda, e fende
O corpo quasi todo! Vai fugindo
Aquella alma furiosa ao Reino escuro.

Mas que aproveita ao triste tal victoria?
Pois que não teve tempo de gozar-se

Digitized by Google

Della? Nem teve tempo que os cançados
Membros, hum pouco só favorecesse?
Que apenas acabava o fero transe,
Quando lá da contraria parte vôa
Huma frecha cruel de rigoroso
Destino infelicissimo guiada
Levemente lhe passa o forte peito,
Passa-lhe o coração robusto, e duro,
Huma ponta ali mostra as pennas, e outra
Nas costas mostra o ferro em sangue tinto.
Cahe o forte Varão regando a Terra
Com escumoso, ruivo, e quente sangue.
Desamparados já da luz radiosa
Os frios olhos cerra em noite escura.

Apoz esta vem duas; huma fere
O Sampaio no braço esquerdo, e abrindo
A bocca, por queixar-se co'a dôr grande
A outra, que lhe traz a morte, chega,
Mete-se pela aberta bocca, e passa
Sem nada se deter, e o Varão fero
Co'a raiva aperta os dentes, racha, e quebra
Aquella vãa, ligeira, e subtil hasta;
Cahe-lhe o Arcabuz das mãos, elle recua
Quatro passos atraz, e n'hum momento
Atravessa a purpurea alma n'hum rio
Todo sangrento, e cahe sem mais mover-se.

Este passar alternativamente do combate geral de duas hostes aos duellos individuaes, e destes áquelles; este cuidado em particularisar as circumstancias de cada morte, cada golpe, cada queda, e a atitude de espirar, dirá alguem que não recorda a maneira habitual de Homero? Não prova isto que o Poeta estava cheio da leitura da Iliada, e que sabia imita-la?

Si a poesia discriptiva tem feito viver o Naufragio de Sepulveda, não lhe tem dado menos razões para isso as muitas, e bellissimas comparações, quasi todas originaes, de que o Author soube adorna-lo, e muitos rasgos pathe-ticos, e cheios de novidade, que neste Poema frequentemente se deparam; entre estes conto eu a ternissima pin-

Digitized by Google

tura dos companheiros de Sepulveda, que não podendo já resistir ao cançasso de tão prolongada marcha, e á extenuação da fome, se deixam cahir moribundos no meio daquelles descampados, dirigem os seus ultimos adeos aos seus socios de infortunio, e se resignam a ser em breve pasto das feras, e das aves de rapina. Trecho é este que faz muita honra ao talento do Poeta, e que será mui difficil encontrar em outro Poema algum, que possa equiparar-se com elle.

Alguns se rendem já, já de cansados
Se deixam ser de Tygres mantimento,
Os olhos nos que vam, gemem, suspiram,
Em lagrimas banhados se despedem,
Dizendo: « Hi-vos, amigos, Deos vos livre
« Deste passo espantoso, em que ficamos. »
Apoz estas palavras, reclinando
Os lassos membros, choram seu fim triste.
Ali de bravos Tygres, e outras Feras
Em breve espaço sam feitos pedaços.

Finalmente além destas, e de outras bellezas de execução, que poderia facilmente apontar, é bastante fundamento do apreço, em que é tido este Poema, apesar da falta de ordem, e de bom gosto, que nelle reinam, o interesse, que inspira nos corações dos Leitores sensiveis, o valor romanesco, bem que infructuoso, de um punhado de homens, que emprehendem uma longa jornada, por entre perigos, e obstaculos insuperaveis, atravez dos Desertos da Africa, e o quadro lastimoso de um Amante apaixonado, que vê perecer de cançasso, e de fome, nua, e meio enterrada na arêa a Esposa, a quem adora, e os innocentes filhinhos, e que se entranha desesperado pelos matos, em busca dos Tygres, que o devorem: se houvesse alguem, que podesse lêr esta terrivel narração sem derramar lagrimas, mereceria bem que se lhe applicasse o verso de Dante

Ma si non piangi di che pianger suoli?

É verdade que a Mythologia Grega, absurdamente empregada, ás vezes damna o pathetico da situação, como ac-

Digitized by Google

contece no Canto XVI., em que Phebo, com suas importunas cantigas, requesta D. Leonor quasi moribunda: mas a terrivel realidade vem depreça chamar a nossa attenção sobre o abandono, e a morte daquella infeliz, e de seus filhinhos, e obrigar-nos a verter lagrimas sobre a sepultura, que Manoel de Sousa lhe cava na arêa.

Poucas vezes a Musa de Côrte Real soltou accentos tão ternos, poucas vezes alardeou uma eloquencia tão commovedora como na pintura do passamento daquella infeliz, e da magoa de seu Esposo, que cheio de funestos presentimentos, a encontra no instante tremendo de exhalar o ultimo suspiro.

No Canto atraz passado, se vos lembra,
Vistes o Capitão ouvir mil gritos,
E o coração presago a dura morte
Da sua Leonor lhe descobria;
Com trabalho se apressa por achar-se
Presente ao mal que teme, e já vê certo;
E da penosa dôr affadigado
Quasi arrastrando vai os lassos membros,
Hum difficil anhelito lhe secca
A bocca já mortal, e os tristes olhos
Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.

Chega aonde Leonor ao passo forte,
E termo tão temido estava entregue,
Vê que a turvada vista rodeando
A elle só demanda, a elle só busca,
E, vendo que he chegado, esforça hum pouco
O animo, e procura despedir-se,
Levanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer-lhe fallar,... a Morte a lingua impide,
Firma-os cada vez mais no triste rosto
Daquelle unico amigo, que já deixa;
Trabalha agasalha-lo, e não podendo,
Com dôr mortal na terra se reclina.
.....

Entregam-se a morrer aquelles olhos,
Que mil mortes já tinham dado a muitos;

Digitized by Google

Huma mortal angustia lhe rodêa
Aquelle alegre Angelico sembrante:
Já de todo lhe foge a côr de rosa
Do rosto tão formoso; já se esfria,
Já fica a branca mão sem movimento,
O peito eburneo fica sem sentido,
Qual da casta Diana a bella imagem
Se viu por mão de Phydias esculpida,
Que, o soberbo edificio ennobrecendo,
Sentiu do Tempo Avaro a força, e a ira.
Entre antigas ruinas jaz a illustre
Admiravel Figura despojada;
E ainda que perdeo estado, e gloria,
Desenho lhe ficou, valor, e estima.
Ali mostra hum perfil medido, e justo,
Nos membros porporção perfeita, e rara;
Mostra formosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo formoso, mas não vida.

Tal na deserta praia fica o corpo,
Mais que marmore, ou branca neve, branco,
De crespas febras de ouro soccorrido,
Que com intento casto ali o defendem.
Alça-se hum alarido athe ás Estrellas,
Das Criadas, que em torno della estavam.
Ferem com duros punhos rosto, e peitos,
Fazendo hum triste som, que rompe ás nuvens,
Dos gritos, e lamento outra vez torna
O concavo rochedo a voz escura;
E correndo por baixo do Arvoredo
Miseraveis accentos vai formando,
Quantas vezes o nome amado chamam,
Com palavras de choro interrompidas,
Tantas Echo chorosa lhe responde,
Co'a mesma dôr, c'o mesmo sentimento.

O Varão infelice, traspassado
De huma terrivel dôr já sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga, e pezo triste,
Junto do amado corpo se reclina

Digitized by Google

Com semblante affligido; os tristes olhos
Com intrinsica pena os tinha promptos
Naquella já defuncta formosura.
Cuida no duro termo, a que seus gostos,
A que todos seus bens se reduziram,
Cuida em contentamentos já passados,
Que agora muito mais o intristeciam.
Ali, por maior dôr se lhe apresenta
O vario proceder dos seus amores,
O principio alterado, e o successo
Tão prospero, jucundo, e tão felice;
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro, e tão amigo de mudanças,
E quando imaginava estar mais alto
Vio da mudavel roda a volta dura.

O Poeta riunio aqui todas as circumstancias capazes de mover a compaixão: uma joven tão formosa como desgraçada, sem um tenue véo com que se cubra, expirando de fome, e cançaço abraçado aos filhos em um descampado de Africa, procurando com os olhos o esposo ausente, e quando elle chega, não tendo já forças para articular um adeos; e sem mais consolo que morrer com os olhos fictos nelle; os gritos, e lamentos, e choros das criadas, suas unicas exequias, repetidas pelos echos das rochas, e dos arvoredos dos desertos; a dôr muda do esposo, que se reclina ao lado do cadaver, e não podendo chorar medita nos seus gostos passados, nas vicicitudes dos seus amores, na ventura que lhe fugio, e na desgraça que lhe resta; tudo isto sam pinceladas de mestre, concepções de espirito altamente poetico; duvido que em alguma Tragedia se encontre uma Scena, em que o terror, e a compaixão esteja levada a este auge! Até a versificação é, neste trecho, perfeita, harmoniosa, e inergica quanto póde ser! Mas o genio do Poeta ainda não cança, ainda acha novos rasgos que juntar a esta pintura tão terna, vêjamos.

Depois que hum grande espaço está pasmado,
Opprimido de dôr o peito enfermo,
Alevanta-se, e vai mudo, e choroso

Digitized by Google

Onde a praia se vê mais opportuna,
Apartando co'as mãos a branca arêa
Abre nella huma estreita sepultura,
Torna-se atraz, alçando nos cansados
Braços aquelle corpo lasso, frio.
Ajudam as Criadas ás funestas
Derradeiras exequias com mil gritos:
« Ai duro tempo! (dizem) como apartas
« Para sempre de nós tal formosura! »

Na perpetua morada tenebrosa
A deixam, levantando alto alarido.
Com salgado liquor banhando a terra,
Aquelle ultimo, vale, todas dizem.

Não fica Leonor só na casa infausta,
Que de hum tenro filhinho se acompanha,
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Ali co'a morta May o Filho morto,
Ambos com muito amor em terra jazem,
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto.
Ambos na solitaria praia ficam,
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao Mundo hum triste, raro exemplo,
Da perversa, cruel, impia fortuna.

O misero Sepulveda rodêa
Os olhos com effeito saudoso,
Em lagrimas desfaz o vulcão turvo,
De que assombrado tinha o triste esprito,
Com voz do triste choro embaraçada
Palavras diz de lastima, e piedosas.
Nos braços toma hum Filho, que ali tinha,
De tenra idade, e vista miseravel.
Por estreita vereda entra no mato
De bravos Leões, e Tygres povoado,
A morte vai buscando, elles doidos
De seu mal lha darão em breve espaço.

Aqui devia acabar o Poema; depois destas scenas, em que está esgotado todo o pathetico, que interesse póde

Digitized by Google

achar o Leitor nas lamentações de Phebo, de Prótheo, e de Pan, que vem um depois do outro querelar-se sobre a sepultura de D. Leonor, e gravar sobre ella um Epithaphio, tudo isto é gracial, e inoportuno; nunca se fez um uso mais inutil, e absurdo da Mythologia Grega, não foi assim que della soube servir-se Camões, e a razão desta differença, (além da habilidade individual do Poeta) está, segundo penso, em que Camões applicou o meravilhoso mythologico a uma acção grande, publica, e de interesse geral, e cujos resultados eram mudar o estado da Europa, e talvez do Mundo inteiro; e Côrte Real a uma acção particular, e romantica, que não admittia os grandes meios, e as grandes machinas da Epopeia. O *Naufragio de Sepulveda* é uma verdadeira Tragedia narrativa, em que o grande ponto estava em excitar a compaixão, vibrando brandamente as cordas mais sensiveis do coração dos Leitores; e é tal a força de homogeniedade, e ligação das idéas, que as poucas vezes que o Poeta recorreo ao meravilhoso christão, o fez sempre com grande effeito, e para prova basta citar a apparição do espectro de seu filho natural a Manoel de Sousa de Sepulveda, o sangue de Luiz Falcão mandado assassinar por elle, apresentando-se diante do throno do Altissimo para pedir vingança, e a descida do Anjo, que por ordem do Senhor, vem deslumbrar, e amedrontar com seu folgor o espirito do culpado, e finalmente, a scena em que a Desesperação, e a Paciencia, dispertam a alma do viuvo de Leonor. Isto mostra que o Poeta teria feito melhor obra, se menos obediente aos preconceitos das escholas, unicamente se tivesse servido das machinas, que lhe fornecia a religião dos seus heroes, que era a sua propria.

Os Cantos deste Poema, como os dos outros, sam precedidos de Prologos, mas estes pelas idéas, e pela expressão sam muito superiores aos outros. Contentar-me-hei de citar o do Canto IV., que muitas vezes se eleva á magestade, e força da Poesia Lyrica.

Nada resiste ao Tempo; tudo vence,
Tudo desfaz, consume, e tudo gasta;
Grandes males, e perdas, grandes damnos,
Grandes desgostos dá a esquecimento.

Digitized by Google

Leva-nos da memoria em pouco espaço
Aquillo que antes hera espanto á Gente,
E o que nos assombrou hontem, já hoje
Leve o faz parecer brando, e tractavel.
Não ha tristeza grande, que não cure,
Não ha dôr, que com elle seja grave,
Todo o mal, e rigor, toda a aspereza
Este Velho cruel nos torna facil.
Aquelle caso atroz que a quem o ouvira
A grande indignação o provocava,
Tão esquecido fez, que quasi em sonho
Julgava a Gente ter accontecido.

Cesse já a Tempestade, e o duro Inverno
Passe, e leve comsigo as sombras negras,
Rompa-se o manto escuro, e tenebroso,
Que as amorosas almas tem sombrias;
Desfaça-se o Vulcão, e a nevoa espessa,
E infelice vapor molesto, e triste;
Venha já o resplendor do louro Apollo,
Aclare destes dous o mal occulto.
O brando, suave Zephyro respire,
Nos brandos corações dos dous amantes,
Favoreça o gran mal, que o bravo, e fero
Vulturno tinha nelles supprimido;
Venha já, venha já a lucida estrella
Do Sepulveda já ditoso, e lêdo.
Brotem Lyrios os campos, que athegora
De Cardos espinhosos se cobriam,
Desappareça o rosto fusco, e negro
Da tristonha, sombria, e muda Noite,
Que em suspiros, e angustias occupados
Os dous ardentes peitos sempre tinha.
Appareça o risonho, lêdo rosto
Da fresca Aurora, e mostre lêdas côres
Nos tristes horisontes; resplandeça
Nos tristes corações alegre dia.

Compare-se este Prologo com qualquer dos do *Cerco de Dio*, e facilmente se convencerá o Leitor da grande differença, que entre elles se dá.

Digitized by Google

Resumindo, o *Naufragio de Sepulveda* é um Poema irregular, falto de ligação, e nexo de idéas, cheio de pedanteria, e mau gosto; mas entre esses defeitos ha bellezas de primeira ordem, que justificam os louvores, que por naturaes, e estrangeiros lhe tem sido prodigalisados.

A inexgotavel fecundidade de Jeronymo Côrte Real, não se contentou só com a composição dos Poemas, de que havemos feito menção; elle compoz mais outro tambem em verso solto sobre os Novissimos do Homem, que foi publicado pela primeira vez em Lisboa, no anno de 1768, em formato de 4.°, e com vinte e trez paginas; nada direi a seu respeito, porque apezar de todas as diligencias nunca pude alcançar um exemplar delle.

Consta tambem que havia composto outra Epopeia em muitos Cantos, e que tinha por titulo *Perdicção d'El-Rei D. Sebastião em Africa, e das calamidades que se seguiram a este reino.* Mas os Authores, que fazem mensão delle, não accrescentam que fôra impresso. Tambem me não foi possivel encontra-lo, e é muito probavel que ficasse manuscripto, porque os seus parentes se não atreveriam a da-lo á luz durante o dominio dos Hespanhoes. Tenho para mim que o desapparecimento deste Poema foi grande perda para o Parnaso Portuguez, porque aquella grande catastrophe devia inspirar bem o estro de um Poeta de tamanha esphera.

Na primeira parte da Monarchia Lusitana, Livro IV., Capitulo VIII., acha-se um trecho de uma Elegia deste Poeta á morte de uma Dama illustre, natural de Evora, que mostra bem o que o Poeta poderia fazer neste genero.

Não temos as rhythmas de Jeronymo Côrte Real, que é natural que fossem numerosas, visto que nenhum Poeta principia por compôr um Poema Heroico; para tomar tão grande empreza é necessario que se tenha longo tempo exercitado na versificação, e aperfeiçoado o estylo nas composições lyricas: mas duas Cartas, em Tercetos, de Sepulveda a D. Leonor, e de D. Leonor a Sepulveda, que se lêem no Canto II. do Naufragio de Sepulveda; assim como as Canções de Pan nos Cantos IX., e X., me convencem de que si as suas composições deste genero chegassem a imprimir-se, Bernardes, Caminha, e talvez Fer-

Digitized by Google

reira teriam neste Poeta um rival, que lhe desputasse a palma da Poesia Bocolica, e Epistolar.

Posto que Jeronymo Côrte Real escrevesse habitualmente em linguagem pura, e elegante, e seja um dos Classicos, que nos cumpre cuidadosamente estudar, não obstante isto, seu estylo deixa ainda muito que desejar; pois aqui se acha o dialecto poetico misturado com o da prosa, como em todos os seus contemporaneos, á excepsão de Luiz de Camões, que foi o primeiro, que soube fazer entre estes dous dialectos a necessaria distinção, e por falta della Jeronymo Côrte Real descahe muitas vezes em modos de dizer rasteiros, e indignos da magestade da Epopeia, e mesmo da Poesia elevada. Citaremos alguns exemplos, porque as faltas, e descuidos dos grandes Poetas sam a lição mais proficua para os Poetas noviços.

E se intentava
O muro fabricar fóra do termo
Já lemitado d'antes, que impossivel
Seria sofre-lo elle em nenhum modo.
.....

Aonde estavam
Por Capitães *Alonso Bonifacio,*
Luiz de Sousa, e Gil Coutinho.
.....
Deixando ali trezentos estendidos.
.....
Estando as cousas já *nestes taes termos.*
.....
Morreo Mestre João, Varão prudente,
E muito exprimentado em Cirurgia.
.....
E ainda não sabiam que hera morto.
.....
O Padre Frey Antonio, que d'Alcunha
Do Casal se chamava, e nesta parte
Custodio hera Geral de São Francisco,
Hia por Capitão d'outro navio;
Trez Frades leva ali por companheiros,

Digitized by Google

E leva vinte e quatro bons Soldados,
Dando-lhe de comer mui largamente.
Cerco de Dio.

Dirá alguem que os versos sublinhados contém mais do que prosa, e prosa mui rasteira? No *Naufragio de Sepulveda* tambem não faltam destas faltas de toda a elegancia, e numero poetico, por exemplo.

N'uma caprina pelle *cheia de sangue.*
.....
A nefanda vingança abominavel
Desse Conde Julião ao vivo estava.
.....
De todos *he tractado com respeito.*
.....
A formosa Leonor, *e os dous pequenos*
Bellissimos Mininos.
.....
Os seus Mininos ambos desembarcam
Simão, *e o que Thadeo tem por alcunha.*
.....
Do recebido mal remediar-se.
Naufragio de Sepulveda.

Outro defeito do estylo deste Poeta, é o sestro de amontoar os epithetos, de modo que é raro o substantivo, que não appareça acompanhado de trez adjectivos, por exemplo.

Seguiam todos esta insignia torpe,
Espantosa, infernal, fera, e medonha.
.....
Varão nobre,
Prudente, grave, affavel, e esforçado.
.....
A tenebrosa, triste, e negra sombra.
.....
O duro coração bravo, e raivoso.
.....

Digitized by Google

Mortiferos, crueis, bravos semblantes.

. . . . . .

Não é defeito o juntar n'um verso trez epithetos a um sugeito, e occasiões haverá em que possa até ser belleza; o que é defeito é faze-lo tão frequentemente como o Author pratica, porque dahi resulta a monotonia, e a verbosidade; mas pede a justiça que se desculpem estas, e outras negligencias dos nossos Poetas antigos, que não podiam fazer tudo, que nos applanaram o caminho do Pindo, e que luctavam com as difficuldades de introduzir na lingua patria uma poesia nova.

CAPITULO III.

Luiz Pereira Brandão.

—

De todas as circumstancias relativas á pessoa deste Poeta só acho duas bem averiguadas; a sua naturalidade, e as suas desventuras; no de mais não encontrei senão contradicções, e incertezas.

A sua patria foi a cidade do Porto, e o seu nascimento parece verosimil que tivesse logar no intervallo, que decorre de 1530 a 1540. Da sua familia tudo se ignora, assim como a profissão, que exerceo, e a sua posição social.

Sabe-se que estudou nas aulas dos Jesuitas, onde se distinguio, e a quem sempre foi mui acceito, e devoto. Vindo á côrte ahi grangeou alguma reputação como Poeta, alguns amigos entre os Literatos, e alguns protectores entre os Fidalgos.

Estava elle na côrte quando a Caballa Jesuitica, dirigida pelo Padre Camara, Confessor d'El-Rei, e seu irmão

Digitized by Google

Martim da Camara, Ministro, e valido do Monarcha, conseguio, contra o parecer de todos os Capitães experimentados nas guerras d'Africa, e d'Asia, que elle se resolvesse a intrevir com mão armada na questão do Xarife com seu Tio Muley Muluco sobre o throno de Marrocos; e Lisboa toda fervia em apparatos, e preparativos para esta desgraçada expedição, que todos os homens prudentes lamentavam, antevendo que della proviria a ruina total destes reinos, e os resultados comprovaram bem o justo motivo destes receios.

Folgavam porém com ella os Jesuitas, que lá tinham seus fins; folgava D. Sebastião amentado pelas suas instigações apoiadas em falsas prophecias de Jesuitas, que lhas mostravam para escandecer-lhe o espirito guerreiro, e que elle acreditava com tanta fé como se fossem as de Isaias, ou de Daniel; acreditava com a mesma confiança, e boa fé as promessas pomposas do Xarife, que segundo o costume dos pretendentes em facilitar o que requerem, lhe affiançava, que, apenas elle pozesse pé em terra, toda a Mourisma correria a alistar-se debaixo da sua bandeira, e partindo destes fundamentos, contava vêr em breve toda a Mauritania Christãa. Folgavam os fidalgos moços, que arrebatados de ardor marcial já phantasiavam titulos, e commendas em recompensa das suas proezas; folgava finalmente Filippe II. no centro do Escurial, e passeando pelos seus longos corredores, traçava com D. Christovão de Moura, o plano de aproveitar-se dos despojos do Sobrinho, cuja perda, com razão, havia como inevitavel.

D. Sebastião porém contava tanto com a victoria, que determinou levar comsigo alguns Poetas, que presenceassem as suas proezas para as celebrarem depois em seus Poemas; da maneira que muito depois Luiz XIV. se fez acompanhar dos seus dous Historiographos Boileau, e Racine para historiarem, como testemunhas de vista, as suas Campanhas de Flandres, mas com o infeliz resultado de nenhum dos dous Poetas deixar si quer um Capitulo de taes Historias.

Parecia muito natural, que existindo nessa epocha em Lisboa Luiz de Camões, que vinha de dar provas evidentes não só do seu assombroso genio poetico, mas das suas

Digitized by Google

felizes disposições para o genero epico, com a recente publicação dos seus *Lusiadas,* que andavam nas mãos de todos, fosse este o escolhido para o desempenho dos projectos d'El-Rei a esse respeito.

Mas a Companhia de Jesus detestava, e perseguia Luiz de Camões, cujas idéas liberaes, e apaixonado amor da independencia, e gloria da sua patria não o tornavam proprio para servir de instrumento áquelles agentes de Filippe II., e aos muitos males, que lhe haviam já feito, quizeram ainda juntar o dissabor de vêr preferidos a si dous homens, que estavam tão longe delle em aptidão, e saber; pozeram pois em movimento todas as machinações, e intrigas para que Luiz Pereira Brandão, e Diogo Bernardes fossem escolhidos para serem os Homeros do novo Achyles, pôsto que nem um nem outro tivessem hombros bastante robustos para sustentar tão grave pezo.

É muito de presumir, que os que estavam á testa daquella Corporação Religiosa, si este nome lhe compete, conhecessem bem a mediocridade dos seus protegidos; e que nada se perderia com a sua nomeação, porque estavam bem certos de que naquella expedição haveria muito que chorar, e nada que cantar; mas isso mesmo prova a malignidade, que os animava, pois não perdiam a occasião de mortificar o amor proprio de um Poeta tão grande como desgraçado, quando tractavam da subversão completa de um reino.

Partio a Esquadra, a mais brilhante, e pomposa, que tem sahido da barra de Lisboa, parecia que hia a triumphar, e não a combater. Reinava o luxo a bordo; tudo era armas douradas, e vestidos bordados com quantas louçainhas podéra inventar o gosto, ou o capricho da numerosa nobreza, que acompanhava o Monarcha, e em breve tempo aproaram ás praias d'Africa.

Desembarcou El-Rei, e passou immediatamente uma revista geral ao exercito, e então começaram a desvanecer-se as illusões, e a manifestar-se a má fé de ums, e as demonstrações dos sinistros projectos de outros: os Terços Hespanhoes, e Flamengos, que o Rei de Castella mandára em auxilio do de Portugal, commandados pelo Capitão Aldana, apresentaram menos de metade da força, que se dizia terem, e com que se havia calculado. Dos

Digitized by Google

Mouros parciaes do Xarife apenas algumas duzias de homens vieram reunir-se com elle. Moley Moluco congregava em roda de si um numeroso exercito, e os seus emissarios giravam appellidando a terra para a guerra Santa, e os póvos se levantavam em massa para defenderem os seus lares, e a religião de Mahomet ameaçada pelos Giaoures.

Ainda houve alguns homens prudentes, e sinceros, zelosos do bem da patria, e do bom serviço d'El-Rei, que ousaram propôr no concelho de guerra, que vista a notavel diminuição das forças Portuguezas, e a fallencia das promessas do Xarife, cujos partidistas nem appareciam, nem tomavam armas, o exercito devia reembarcar-se, e guardar-se a empreza para occasião mais opportuna.

Era na verdade este o unico passo, que devia dar-se, e nada tinha de deshonroso, porque o engano das promessas do Xarife o cohonestavam bastante.

D. Sebastião allucinado com as suas idéas de heroismo cavalheiresco, e com as sugestões, e Prophecias Jesuiticas, regeitou este voto com indignação, e com grande applauso dos fidalgos mancebos mandou levar tendas, e que o exercito se internasse no paiz.

A marcha se verificou com bastante desordem, e grandes fadigas, e privações, debaixo de um sol ardente, e pisando arêas escaldadas, cahindo alguns soldados exhauridos de forças pelo cançaço, e a sêde.

Chegados em fim a uma vasta planice bordada pelos rios Lucco, e Mocazim; ali souberam pelos corredores, e espiões, que o Imperador de Marrocos, em uma liteira, porque se achava gravemente enfermo, dizem que de veneno, á frente de uma multidão de Mouros, pela maior parte cavallaria, vinha ao seu encontro, resoluto a dicidir a contenda em uma só batalha.

D. Sebastião mandou, que o seu exercito fizesse alto, e tomasse posições. Distribuio toda a gente em trez batalhas, collocando em logar, que lhe pareceo opportuno, um corpo de reforço, ordenando ao seu commandante que, pena de incorrer na sua indignação, ali permanecesse, e não fizesse movimento algum sem que elle em pessoa lho ordenasse. Não é facil hoje atinar com o motivo daquella disposição singular. Desconfiaria elle da victoria, e disti-

Digitized by Google

maria aquelle corpo fresco para cobrir a rectaguarda da sua gente desbaratada, até que cobrando animo, podesse refazer-se, e effectuar a retirada em ordem, e sem grande perda? Destinaria aquella tropa para perseguir os Mouros na fugida, em quanto descançavam os que tivessem combatido? Não sei, mas é evidente, que aquella ordem foi uma das principaes causas da sua ruina.

Raiou em fim o fatal dia 4 de Agosto de 1578, e começaram a apparecer as primeiras bandeiras Mouriscas, e pouco depois o immenso exercito de Muley Moluco estendendo-se em fórma de meia lua, segundo o costume daquelles barbaros.

D. Sebastião deu signal, e travou-se a batalha com uma alacridade de ambas as partes, poucas vezes vista, e foi peleijada com um encarniçamento mais proprio de leões, que de homens: El-Rei fez prodigios de valor, e teve alguns cavallos mortos debaixo de si, e o seu exemplo poude tanto no animo dos seus soldados, e da nobreza, que os commandava, que os Mouros foram rotos, e desbaratados, fugindo por toda a parte, e hindo alguns dar ás portas de Fez, e de Marrocos, onde levaram o desalento e o terror.

Os Portuguezes, bradando victoria, seguiram o alcance, matando, ferindo nelles desapiedadamente, quando de diversos pontos se ouviram vozes gritando « *ter! ter!* » A estas vozes pararam todos, attonitos, e perturbados, espalhou-se um terror panico, e os Mouros, vendo que cessava a perseguição, e o pequeno numero dos, que os perseguiam, tomando animo, se voltaram sobre o inimigo incerto, e desordenado: o mesmo Muley Moluco, moribundo, faz um esforço para montar a cavallo, a fim de anima-los com o seu exemplo, e as suas vozes; porém breve cahio desfallecido, e recolhendo-se á sua liteira ali espirou. Um Elche, seu valido, conhecendo a importancia de que a sua morte se não divulgasse, passou a dar as ordens, que lhe pareceram opportunas, como emanadas do Imperador, a cuja liteira se dirigia como para recebê-las.

D. Sebastião, desesperado por vêr que assim se lhe arrancava a victoria das mãos, julgou, e com razão, que poderia remediar tudo fazendo entrar na acção o corpo

Digitized by Google

de reserva, mas não podendo hir collocar-se á testa delle, mandou repetidas ordens para que elle avançasse, mas o commandante, em virtude das primeiras, que havia recebido do proprio Rei, recusou tenazmente cumpri-las.

Esta circumstancia acabou de perder tudo; os Portuguezes não poderam tornar a reunir-se, nem combater com a mesma energia, pois além de haverem exhaurido as forças no primeiro combate, achavam-se debilitados pelas feridas, pelo ardor de um sol intenso, e pela sede, e além disso cercados por uma alluvião de Mouros, que augmentava de momento em momento, e o resultado foi como todos sabem, a morte de dous Reis o Moluco, e D. Sebastião, e do Xarife, que se intitulava como tal, e a perda da lustrosa nobreza, que havia acompanhado o Monarcha, parte da qual morreu combatendo, e parte foi reduzida á escravidão com muitos outros homens de menos conta, que os Mouros pouparam, não por humanidade, mas por avareza. Demanda foi esta em que todos os litigantes perderam o objecto disputado, e ainda em cima a vida.

Mas quem soltou as vozes, que fizeram deter o impeto das tropas, e esfriar o seu ardor? Quem soltou essas vozes, que nos roubaram a victoria, e deram logar aos Mouros para reconhecer-se, e animar-se fazendo retroceder a fortuna, que lhe hia voltando as costas? Ninguem o soube; ninguem póde explicar o motivo dellas, pôsto que todos, que escaparam, referissem o facto, e o confirmassem como verdadeiro! Em minha opinião foi isto o effeito de planos premeditados pelos traidores, que trabalhavam para que esta expedição fosse a ruina dos, que foram a ella, e da independencia nacional.

Nem posso igualmente persuadir-me de que a inacção absoluta, em que o commandante da reserva se obstinou em conservar aquelle corpo, apesar das repetidas ordens, que recebeo para entrar com elle no combate, nascesse sómente da cega obediencia ás primeiras ordens d'El-Rei; na campanha tudo sam calculos de probabelidade, que podem falhar, e que é preciso remediar de prompto. Ninguem póde antever com exactidão mathematica todas as providencias, que devem tomar-se para assegurar o exito da batalha, que vai dar-se: a habilidade dos Generaes está em accodir, e providenciar segundo as occorrencias.

Digitized by Google

É claro que no estado, em que estava a batalha de 4 de Agosto, a victoria só poderia conseguir-se, se o corpo de reserva, fresco, e ainda não tocado de terror panico dos outros corpos, fizesse uma carga vigorosa, e verdadeiramente Portugueza, sobre os Mouros, quebrando-lhe assim o ardor, e dando logar aos terços para respirar, reunir-se, e voltar ao combate; o General da reserva, ou não vio isto, ou não o quiz vêr, no primeiro caso é reo de notoria incapacidade para commandar; no segundo é reo de cumplicidade na traição, de cuja existencia hoje ninguem duvida. As ordens d'El-Rei não o desculpam, porque obedeceo antes ás primeiras do que ás segnndas? Não eram ellas as unicas, que podiam ser uteis no estado das cousas? Não está primeiro que tudo a salvação commum, e restaurada a victoria não sería El-Rei o primeiro, que louvasse a sua prudencia, e valentia? Mas para que nos demoramos nestas reflexões? Deos o havia assim destinado; os crimes, as atrocidades comettidas pelos Portuguezes nas Indias Orientaes haviam accendido a sua justa indignação sobre este Reino; tinha chegado o tempo do castigo: a justiça divina levantou neste dia o seu braço irresistivel; e como os grandes haviam sido os mais culpados, foi sobre elles que elle cahio mais pesadamente.

No meio da multidão immensa de captivos de todas as classes, que eram conduzidos ás masmorras de Fez, e de Marrocos, viam-se os dous Poetas Diogo Bernardes, e Luiz Pereira Brandão, que ali haviam hido para observar as proezas dos nossos, e celebrar a victoria, que se contava como infalivel.

Póde suppôr-se os trabalhos, os insultos, e vexames porque passariam os infelizes prisioneiros em podêr de barbaros exaltados pelo triumpho, lembrados do perigo que haviam corrido, e estimulados pelo fanatismo religioso: homens pela maior parte creados na riqueza, e nas dilicias da côrte, seminus, famintos, sobrecarregados de fadigas, arrastrando ferros, soffrendo injurias, e pancadas, que vezes não amaldiçoariam o seu destino! Que vezes não verteriam lagrimas amargas! E quantos não perderam a vida á força do mau tratamento, ou envenenados pelo desconsolo, e pela desesperação. Eis aqui como Luiz Pereira nos transmittio uma parte da condição des-

Digitized by Google

graçada dos seus companheiros, e de que lhe coube não pequena porção.

Hiam os tristes, que hera magôa vê-los,
Pelo pescoço presos caminhando,
A' força de durissimos flagellos,
Que as feridas lhe vam ensanguentando.
Nas gargantas lhe punham os cutellos,
Os Mouros com temor, e arreceiando
Inda os forçosos braços manietados,
Heram de noite a quartos vigiados.
.....

Os mais captivos, que em varias manadas
Caminham co'Arraial tristes, e afflictos,
Cheios de cruelissimas lançadas,
Padeciam tormentos infinitos.
Forças tiram das forças já acabadas,
Muitos dando apoz ellas os espritos,
E os, que andar não podem por diante,
Feitos sam em pedaços n'hum instante.

Vam quaes aquelles tristes, e saudosos
Israelitas quando presos foram,
Dos Babilonios, que nos deleitosos
Instrumentos, que deixam, os bens memoram
Onde Euphrates, e Tygre caudalosos
Das lagrimas, que ali sobre elles choram,
Turbam a clara vêa, e não me espanto
Pois agora o Sabut faz outro tanto.

Era natural, que os dous Poetas no meio daquella calamidade procurassem o desafogo de suas penas empregando as poucas horas, que de dia lhe ficavam livres, e parte das noites no cultivo da poesia; as letras foram sempre a consolação dos homens instruidos; mas o diverso caracter de um, e de outro transflora no modo, porque se aproveitaram de tal lenitivo.

Diogo Bernardes compunha Elegias lamentando as suas desventuras pessoaes, ou seus peccados, e Jaculatorias a Nossa Senhora, muito devotas, e muito prosaicas: Luiz

Digitized by Google

Pereira Brandão de espirito mais patriotico, e elevado, pareceu esquecer-se de si, para só lembrar-se da desgraça da sua patria. Concebeo a idéa de em logar da victoria, que tinha sido chamado a cantar, transmittir á posteridade em um Poema aquella lamentosa catastrophe, e os martyrios de tantas, e tão nobres victimas imprudentemente sacrificadas pelo inconsiderado ardor guerreiro de um Rei mancebo, illudido por falsos amigos, e obcecado por um falso zêlo religioso, que arteiramente lhe haviam introduzido no coração: de um Rei, que, si conduzio a flôr do seu Reino á morte quasi infalivel, tivera o heroismo de regeitar salvar-se, para morrer combatendo como heroe á frente das suas bravas tropas, provando assim, que não havia nelle um espirito vulgar.

Para suavisar seus trabalhos do captiveiro, para de algum modo se esquecer por alguns momentos da sua penosa situação, principiou Luiz Pereira o seu Poema, que intitulou *Elegiada*, titulo na verdade apropriado á natureza do assumpto, que nelle se tractava; e tinha já escripto uma boa porção delle, quando depois de largos tempos de miserias, e tribulações penosas, conseguio ser resgatado, e voltar á patria. Veio porém encontra-la em tal estado, e envolta em tantas calamidades provenientes da ruina da sua independencia, e das violencias de um governo estrangeiro, e oppressor, e dos seus agentes portuguezes ainda mais oppressores do que elle, que a nova situação em que se achava, longe de distrahi-lo das amarguras daquella, de que sahira ha pouco, e alterar a disposição de espirito, em que principiára o seu Poema, lhe dava novos estimulos de continua-lo, e completa-lo.

E assim succedeo. Si o genio poetico do Author correspondesse ao seu patriotismo, a Elegiada seria hoje um dos mais interessantes monumentos erigidos no Parnaso á gloria Lusitana! A concepção era grande, e sublime! Continha o pleito do Christianismo, e do Islamismo, que disputavam a posse da Africa, dicidida em uma sanguinolenta batalha com a perda, e ruina de uma Monarchia, que dominava com seu sceptro uma grande extensão de terreno da Asia, de Africa, e do novo Mundo: era um assumpto original; que podia ser embelecido com todos os prodigios da imaginação, e do meravilhoso! Mas não

Digitized by Google

basta uma grande idéa para formar um grande quadro, é necessario que o pintor seja um Raphael, ou um Caravaggio, que saiba desinvolve-la completamente, e anima-la com um colorido rico, e grandioso! Mas estes dotes não se davam em Luiz Pereira, Poeta mediano, e que não tinha senão bons desejos.

Sem a imaginação, o saber, o enthusiasmo, e o magico estylo de Luiz de Camões, que apenas bastariam para tão grande empreza, Luiz Pereira julgou que tinha feito tudo narrando em dezoito longos Cantos, em oitavas, a historia daquella desastrada expedição, principiando ainda na regencia da Rainha D. Catharina, e hindo despondo os factos pela ordem chronologica até á volta a Lisboa da frota destroçada.

Logo no seu exordio o Poeta nos faz saber, que o seu plano é seguir exactamente a verdade historica, o que tanto vale como confessar, que não tem plano, nem artificio epico: eis aqui como elle se explica.

Verdades canto dinas de memoria,
Castigos justamente merecidos,
Não fabulosa, ou sonhada historia,
Que engana peitos, embaraça ouvidos.
Não de Alcides a fingida gloria,
Nem factos, que não fossem accontecidos,
Nem de Busiris altares indinos,
Nem Jason, nem Theséos peregrinos.

Cante Homero o que chorou Dardania;
Cante depois Virgilio o amor de Dido,
Inventem damno da fatal insania,
Por ser seu nome mais engrandecido
Que eu choro o Rey da triste Lusitania
Sentido athe das pedras sem sentido,
Cuja historia certa, e dolorosa
Excede toda a outra fabulosa.

Bem sei a quantos votos aventuro
O fructo do trabalho começado,
Mas a dôr de ficar o nome escuro
Da Patria minha me faz ser ousado,
Quero que saiba o Tempo lá futuro

Digitized by Google

Quando quizer culpar este passado,
A razão que moveo o Lusitano
Para principio ser de tanto damno.

Fortuna foi que não lembrasse ao Poeta principiar a vida do seu heroe de mais longe, por exemplo do momento da sua concepsão, entretendo-nos dous ou trez Cantos, pelo menos, com os incommodos, que sua Mãi a Rainha, padecera durante a sua gestação, com o parto, com o baptismo d'El-Rei, sua creação, estudo das primeiras letras &c.; inda bem que não cahio nessa tentação, contentando-se com abrir a scena nas vesporas de ser declarado maior, e tomar as redêas do Governo.

Bem sei que o Poeta podia defender-se de haver posto em verso a historia d'El-Rei D. Sebastião com o exemplo, e authoridade de muitos Poetas, não só contemporaneos seus, mas mesmo Gregos, e Romanos, pois esta mania de versificar a historia data de tempos muito antigos; que outra cousa fizeram na Grecia os Authores da *Adrastida*, da *Theseida*, da *Heracleida*, de que falla Aristoteles, e Nonno na sua *Dionessiada*? Que outra cousa fizeram Silio Italico na sua *Guerra Punica*, *Lucano* na sua *Phasalia*, Stacio na sua *Thebaida*, e na sua *Achyleida*, em que tencionava narrar toda a vida de Achyles « *nos ire per omnem Heroa?* » Toda a questão é se taes exemplos devem seguir-se, e isso é que me parece difficil de provar á vista das regras, e do bom senso, e a prova decisiva está em que nenhuma das Epopeias, que no mundo tem adquirido grande reputação, pertence á classe destes Poemas Historicos; porque ninguem deseja que a historia seja escripta em verso, mas todos desejam vêr um facto historico transportado com arte para o meravilhoso da poesia; isto é, uma fabula magnifica, e engenhosa architectada sobre fundamentos historicos.

Ha porém na Elegiada um defeito, quanto a mim muito mais ponderoso do que a ordem historica, e chronologica, e este defeito é a longuidez da narração, a frialdade do estylo, e o prosaismo da versificação. Lucano nos arrebata muitas vezes com a vivacidade, e atrevimento de suas idéas, a eloquencia de seus discursos, e uma multidão de versos, que facilmente se estampam, e gravam

Digitized by Google

profundamente na memoria. Stacio com o robusto colorido das suas pinturas, com a feroz energia dos caracteres dos seus heroes, e a sua versificação sonora, e vibrada faz estremecer o coração dos Leitores, e disperta o seu interesse e curiosidade. Mas no Poema de Luiz Pereira não ha nada disto; e pôsto que a sua linguagem seja pura, não merece o nome de elegante, pois é muitas vezes manchada com vocabulos, e frazes, que ainda que sejam Portuguezes, sam com tudo baixos, e populares, e como taes indignos da poesia, especialmente epica. Tal é, *turba multa, cumba, contar polos dedos, rabo, tremer a barba, Bastião* por Sebastião, e muitas outras deste jaez, que a cada pagina se deram.

Quanto á versificação não conheço Poeta algum daquella epocha, tão falto de numero, e harmonia como Luiz Pereira; os seus versos mostram-se a cada passo prosaicos, e coxos, por não dizer errados, pela falta das synalephas; e não serei exaggerado se disser, que em todo este longo Poema se não encontram duzentos versos, que possam dizer-se bons; si algumas vezes sahe deste seu habitual prosaismo, é para os fazer duros, e insoportavelmente asperos, e isto depois de Luiz de Camões haver com seu exemplo mostrado a que ponto de harmonia, e de força podia chegar o metro Lusitano. É necessario que Luiz Pereira tivesse um ouvido bem grosseiro, e pouco sensivel á melodia para contentar-se com versos semilhantes a estes, que hirei citando a eito, e sem escolha conforme os fôr deparando.

Nunca enxuto em Portugueza gente.

E sem o que não é tudo mais nada.

Não de Alcides a fingida gloria.

Nome ao pego d'Ancora profundo.

Que de Carlos o Calvo ousado leva.

Tornando ao trabalho conveniente.

De falsos gostos, e contentamento.

Digitized by Google

E o tenro moço no duro accidente.

Não se acha tal memoria em algum lembrado.

De Pario Alabastro marchetava.

De muitos, que a viram celebrada.

Ponderando a quanto está obrigado.

Medúla o furor do Povo bruto.

Huns apoz outros passam o Herculeo Estreito.

Fazem-se alpendres, e repartimentos.

De varias pegadas toda cheia.

Dos seus dando o tramo promettido.

A elle, e aos seus desafiando.

E isto hera Ilha venerada.

Serão isto versos, ou regrás de ruim prosa, sem censuras, nem accentos, nem harmonia? Pois toda a Elegiada, com excepsão de mui poucos trechos, está versificada neste gosto, e por isso não conheço, em nossa lingua, Poema de mais fastidiosa leitura. Apesar disso não lhe tem faltado panegeristas em prosa, e verso; não acoimarei muito disso a Côrte Real, Bernardes, Caminha, e Francisco de Andrade, que dirigiram Sonetos, e Epigrammas ao Author; póde servir-lhes de desculpa, primeiro, que escreveram debaixo da influencia do assumpto, segundo, que os illudia a amizade do Author; mas como póde desculpar-se, que depois de passados tantos annos o Padre Reis no seu *Enthusiasmus Poeticus* levasse a sua raiva elogiadora, a celebrar o Poema de Luiz Pereira nos seguintes termos?

Flebilis umbrosæ residens sab fronde Cumpressi
Tristia magnanimi lugebat fata Sebasti,

Digitized by Google

Et querulo rigidas cogendo carmine petras
In lamenta, fugit solatia blanda Pereira:
Et ne dulce sonans posset medicamina plectrum
Ferre sibi, empactum saxo comfregit acuto,
Triste gemens!

Para isto é necessario ou demasiada indulgencia, ou muito pouco sentimento da belleza poetica; á vista disso que credito podemos dar aos louvores tributados por este Padre a tantos Poetas Latinos, e Portuguezes, que hoje nos são inteiramente desconhecidos?

O melhor, ou para fallar com propriedade, o menos mau, que se encontra na Elegiada, sam alguns quadros discriptivos, que não sam destituidos de viveza, e de colorido, é porém de notar, que havendo elle passado alguns annos de sua vida na Mauritania, se descuidasse de adornar o seu Poema com algumas pinturas locaes, que podiam enchelo de vida; mas contente de invectivar com vehemencia, e amargura os Mouros, não cuidou de descrever os seus usos e costumes, tão pictorescos, assim como a paizagem das suas terras. Porém este é um peccado de todos os nossos Epicos, que pôsto que alguns delles tivessem girado muito pela Africa, e pelo Oriente, e que celebrem factos, que lá se passaram, apesar disso, apresentam nas suas composições tão pouco colorido local, e menos ainda, do que os que escrevem sem conhecer aquelles paizes senão pela simples leitura dos livros.

Uma das melhores discripções da Elegiada, é a que o Poeta nos faz de Cintra no Canto IV.

Deixei, si bem me lembra, o Moço ousado
Sobindo pela Serra penhascosa,
Onde quando mór bem he o esperado,
Tanto a esperança delle he mais sabrosa.
Cançado sobe; muito mais cançado
Da tardança, que faz grave, e penosa,
Mas quando acima já chegar presume
A nova esperança esta resume.

Contudo ávante vai, cança, e porfia,
Athe chegar ao fim do monte erguido,

Digitized by Google

Que a região das Nuvens estendia
No Mundo pela Fama conhecido.
O Olympo Thessalico excedia
Onde dos Ventos é claro, e sabido,
Que no Templo de Jupiter mostravam,
Que a tão alto logar nunca chegavam.

Deu-lhe seu proprio nome a bella Filha
De Latona, e foi já sua morada,
Vê bem no cume huma meravilha,
Que não cuido que fosse igual contada.
Só cem passos da terra o Moço trilha,
Em cima, que não fosse alcantilada,
Os quaes occupa hum Templo, que se invoca,
A Senhora da Pena, ou d'alta Roca.

Aqui vio claras fontes cristalinas,
Que em duras pedras tinham nascimento,
Edificadas altas officinas
De hum consagrado, e púdico Convento.
Hum peregrino ali de peregrinas
Pedras, com jámais visto entendimento
Hum retabulo fez, que parecia
De rica, de subtil Marcenaria.

De Pario Alabastro marchetava
O Corinthio porfido, enxerindo
O jaspe em Luso marmore, que estava
Suspenso o Rey, pintar-se presumindo,
Brutescos, e cordões dependurava,
Tudo de pedra, que se estava rindo,
Quem não vio esta obra desusada
De muitos que a viram celebrada.

Não só no altar santo se embebia
O moço Rey, que está rapto, enlevado,
Ouvindo tão suave melodia,
Que lhe parece está beatificado.
Mas como para o Mundo em fim pendia
Sahe-se do templo, a vêr o mar inchado,

Digitized by Google

Descobrindo dali do Olympio monte
Do meu Orbe terreno o horisonte.

Tendo sempre presente na memoria
O que lhe o seu esforço permittia,
Dos seus passados a superna gloria,
Que nelle o tempo assim escurecia,
A prolongada empreza, e obrigatoria
A quem a Ley de Christo pertendia
Estender the ao ultimo terreno,
Contra a lança do Barbaro Agareno.

Magoa, com que no mar os olhos vira,
Por lhe não renovar tristes lembranças,
E caminhando assi triste suspira,
Effeito de cumpridas esperanças,
Do monte desce em fim, onde subira,
A vêr o que he sugeito de mudanças,
E forte de perigos não cuidados
Só para cobiçosos ordenados.

Vê que as nuvens abaixo errando andavam,
Cobrindo os vales, que altas serras fendem,
Desce athe que por cima lhe ficavam,
Que em fria sombra pelo ar se estendem,
Bosques de ferteis plantas se mostravam
De cujos ramos fructos varios pendem,
Humas, e outras sempre florescendo,
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouvindo as rotas Lymphas, que cahindo
Por entre lisas pedras murmurando,
Parece certo ali que vam sentindo
O que no peito o Moço está traçando,
Onde Flora, de Zephyro fugindo,
As esquecidas folhas meneando,
Do bosque, bem parece que dizia
Porque tão cruelmente lhe fugia.

Sendo nectar, e ambrosia ali o Rocio,
Que em matutinas flores lento, e grave,

Digitized by Google

Cahindo lá do Ceo coalhado, e frio
Da astuta Abelha hera manjar suave,
Debaixo de um Castanho alto, e sombrio
Se assenta o Luso, porque mais o aggrave,
Seu mal ouvindo ao som das duras aguas,
Paçarinhos cantarem tantas magoas.

Ali por divertir o vagamundo
Pensamento, mil cousas considera,
Para applacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouso se modera.
Ali vê o que foi Senhor do Mundo,
Que mais, depois de sê-lo, não quizera
Que lograr o socego desejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz, porque faltando
Ao appetite aquillo, que deseja,
O peior muitas vezes desejando,
Nada o quieta em fim por mais que vêja,
Assim todo o repouso despresando
Abraça huma interna, e vãa peleja,
D'onde turbado, e triste se levanta,
Depois que de confuso se quebranta.

Por entre os lisos troncos corcovados
O passo move aonde escriptas crescem
Varias tenções de peitos namorados,
Que em perpetua memoria permanecem.
Estão do tempo ali dos Reys passados,
Que os cortezãos d'agora já aborrecem,
A pureza d'amor porque chorando
Não andam as pobres Arvores riscando.

Desta Estança se deprehende quanto é antigo em Cintra o costume dos amantes gravarem na casca das arvores coplas, e inscripções em obsequio das suas bellas, ou em desafogo das suas penas; pois que o Poeta tem o cuidado de nos advertir, que as lendas, que El-Rei D. Sebastião ali examinou, existiam ali já do tempo dos Reis seus antecessores: esta pratica de Galanteria Lusitana, fô-

Digitized by Google

ra herdada dos Romanos, como testeficam aquelles formosos versos do Mantuano.

Certum est in sylvis, inter spelæa ferarùm
Male pati, tenerisque meos incidere amores
Arboribus; crescent illæ, crescetis, amores!

e ainda hoje subsiste, como o sabem todas as pessoas, que frequentam Cintra, aonde a cada passo deparam nas arvores estas lendas amorosas, e mesmo outras de differente sentido.

Cynthra se chama esta deleitosa
Parte, aonde repouso o Moço engeita,
Vai pensando achar huma cavernosa,
Pedra, de largo ventre, e porta estreita,
Ousado entra na Gruta temerosa,
E huma lamina dentro escripta espreita,
Toda Arabicos versos a occupavam,
Que grandes cousas lhe pronosticavam.

Sahe o Rey muito já triste, e turvado
Do concavo penedo, imaginando
No novo caso, aonde descuidado
Em varios desconcertos vai cuidando.
Oh como me levam alvoraçado
Si a causa fôra amor, atraz chorando
Pois claras fontes, verdes arvoredos,
Não poderam fazer seus olhos lêdos.

Descobre a breves passos altos tectos
Por entre a verdejante, espessa rama,
De alguma mais que humana industria feitos,
Quaes não cantou moderna, ou prisca fama,
Não consummando outros tão perfeitos
O longo Tempo, ou a Dardania chamma,
Igualmente o louvor ali se parte,
Nem ali a materia excede á Arte.

Entra subindo por torcida escada
De marmores lusentes jaspeados,

Digitized by Google

A varios corredores de estremada
Vista, e parapeitos relevados:
Ouvem a voz humana retumbada
Os Passaros nocturnos, e espantados
Fugindo vam da luz, e teitos ricos,
A dar nos curvos, inimigos bicos.

Entrando logo na meravilhosa
Casa dos brancos Cisnes, que guardando
O costume na morte tenebrosa
Parece certo ali que estam cantando,
Avante passa onde huma dolorosa
Nympha mostrava estar-se-lhe queixando,
Da agua, que por cima lhe corria,
Que n'huma curva concha ali sahia.

De huma banda do solio coarteado
Sahia de clara agua huma espadana,
Que mais de duas lanças levantado
Parece que repugna a industria humana;
Da outra parte hum teito está dourado,
Que os quatro Ventos tem, por onde mana
Fresco rocio, e ás vezes se exprimenta
De bravo Inverno ali brava tormenta.

Logo a Galé ávante a vista espanta
De tarjas cheia, aonde está pintado
O Monstro de septivoca garganta,
E Cérbero trifauce encarniçado:
Ipomanes, que atraz vai de Atalanta,
Cephalo, que madruga namorado,
Bosques, Batalhas, e selvagens Feras,
Sulphureas grutas, horridas Chimeras.

A Camara das Pegas entre aquelles
Aposentos estava, e outros, que callo,
Cujo lavor o grande Praxitelles
Ou Callicrates mal póde iguala-lo.
Pois Parrhasio, Protogenes, e Apelles,
Timante com os mais, em que não fallo,
Si ficaram suspensos na Pintura,
Parceiros achariam na Esculptura.

Digitized by Google

Em fim, por dar remate, o Moço entrando
Pola Casa dos Cervos, estendia
A vista em varias cousas occupando,
Que ali de seu cuidado o suspendia;
O espirito bravo levantando,
Vendo que hum forte escudo ali pendia
De cada hum dos Cervos, que mostrava
Levar gloria no peso, que levava.

Os escudos brasões sam do esforçado
Bravo Luso, e de seus tropheos antigos,
Onde se vê o que he por sangue honrado,
E o que deve a honra a graves prigos.
De Reys, Duques o sangue derramado
De Capitães, flagelo de Inimigos,
E da que morta Pedro lhe procura
Melhor que Mauseola Sepultura.

Os Noronhas, os Eças, Alancastros,
Menezes, Mellos, Sousas, Manoeis,
Coutinhos, Telos, Teles, Pharos, Castros,
Silvas, e Aragões tambem vereis,
Almeidas, e Mendonças, e outros Castros,
Castellos-brancos, e outros que sabeis,
Que aqui não he razão, que vos nomee,
Porque com tanto nome os não enlee.

Esta exacta descripção do Paço de Cintra nos faz vêr as alterações, que nelle tem havido, comparando o que diz o Poeta com o que hoje ali se vê, e com o que já desappareceo. A salla dos Cisnes, que ora vêmos, não é a de que falla o Poeta; basta olhar para as pinturas para se conhecer que foi modernamente arranjada, desmanchando-se outras para forma-la de tal tamanho.

Um dos melhores episodios deste Poema, se tal póde chamar-se um facto, que não pertence á acção, e que lhe fica muito antecedente, é quanto a mim a narração que se lê no Canto II. do Cerco de Marzagão pelos Mouros: é escripto com um vigor bem pouco usual neste Poeta, e em versos mais cadentes do que elle costuma

Digitized by Google

fazer: em prova disto citaremos algumas das Estanças, que nos parecerem melhores.

Mas neste tempo hum Cavalleiro forte
Que Pedro, e Lourenço hera chamado,
A Fama rouba, apesar da morte,
De glorioso tempo já passado:
E pondo o rosto a toda a adversa sorte
Não podendo soffrer vêr-se cercado,
Da Villa sae com sós seis Cavalleiros,
A incerto fim seguros companheiros.

Entra pelas tranqueiras de secreta
Maneira astutamente fabricadas,
Ali trincheiras, Labyrintho em Creta,
De arcabuzeiros todas occupadas;
Pasmam todos de vêr, que hum só cometta
Tantas Gentes assim em Campo armadas;
Promptas estam a vêr que determina,
Vendo do seu furor logo a ruina.

Que curva, a grossa lança sobraçando,
Largando a redêa ao bellico Cavallo,
O campo todo vai desbaratando,
Não ousando nenhum já de espera-lo.
Os seis atraz por terra derribando
O fero Povo, fazem retira-lo;
Mas infinita Gente, que crescia
Certissima prisão lhe promettia.

Onde voltando aqui, e ali ferindo
C'o duro corte da lusente espada,
Rompendo o inimigo, vinha abrindo
O forte, e largo braço larga estrada.
Vem-nos atraz os Mouros perseguindo,
Qual de Sabujos timida manada,
Que atraz de Hibernio Alão, que vai seguro,
Vai cada qual batendo o queixo duro.

Pouco montando a ley potente, e certa
De muitos contra poucos, que corrupta

Digitized by Google

Do valor Lusitano, fica incerta
Nesta Gente sem medo, brava, astuta,
Onde entrando na Cidade aberta,
Tintos de sangue, de fereza bruta,
Sam c'o rustico dedo ali amostrados,
E dos fortes amigos abraçados.
.....

Não tarda para males o malvado
Espirito Infernal, que astutamente
Nas alcanzias põem o fogo usado,
Como quem sempre vive em fogo ardente:
Arrebenta o furor accelerado,
Azas dá já o fogo á Lusa Gente,
Ficam os Mouros quedos, e pasmados,
Do espantoso caso descuidados.

O que vendo Isidoro, que já estava
Prompto na occasião do imigo damno,
Ao que lhe dá esperança o fogo dava,
Triste de ti, oh Povo Mauritano!
Atêa-se o furor, que medulava
No polvoroso centro, e o Africano
Intento desordena, e desbarata,
E a infinita Gente abraza, e mata.

Já em hum se converte outro Elemento,
Não cabe o fogo aonde cabe a Terra,
Com horribil estrondo turbolento
Do improprio lugar se desencerra;
Levanta ao Ceo o impeto violento
No mobil solo a gente ali de guerra,
Dentro do negro fumo gritos sôam,
Ardidos corpos variamente vôam.

Vai polo ar ardendo a Feiticeira,
Que sempre as Gentes animando andava,
A Povo iniquo, e mau peior Conselheira,
Do Senhor Infernal prescita Escrava,
Não sendo parte a nunca verdadeira
Promessa, que ella a Muça segurava,

Digitized by Google

Para deixar a empreza bellicosa,
Tão fera, tão cruel, tão duvidosa.

Mas mais endurecido apalpa, e intenta
Outra nova maneira de combate,
Arteficios de fogo ordena, e intenta,
Com que os Portuguezes desbarate;
E outra vez solicito exprimenta,
(Depois que com trabucos rompe, e abate
As fracas casas,) cavernosa guerra
Debaixo lá do intimo da Terra.

Vinham com ferreos picos já rompendo
Os imigos a cava, quando ouvindo
Isidoro o rumor, que vem fazendo,
A foi tambem de cá depreça abrindo.
Hums, e outros se vam apercebendo
Para quando se fosse descobrindo
A interna espelunca, e larga mina,
Que ali descobre subita ruina.

Vem-se subitamente os Militantes,
Não metem tempo entre a vista, e effeito,
Já de sulphureas chammas crepitantes
Se tolda o curvo, e terreno teito;
Pelouros de arcabuzes sibilantes
De rosto a rosto ali, de peito a peito,
Disparam, sam os nossos quatro ousados,
E os seus os mais ferozes, e esforçados.

Já das espadas os agudos fios
Se escondem pelos membros sanguinosos,
Lá cahem na fria gruta corpos frios,
Sôam extremos gritos dolorosos.
Correndo vam sanguinolentos Rios,
Feridos andam já braços nervosos,
Ventres premem, alentos affadigam,
A duras mãos os collos se subjigam.

Como Olympicos rudes exprimentam
Herculeas forças, testas humedecem,

Digitized by Google

Curvos, direitos a victoria intentam,
Torcidos pernas, braços ali tecem
Quaes os ramos da Parra, que se augmentam,
Que no Olmo sombrio se entretecem,
Cortado já do rustico machado
A' terra vem, da vida acompanhado.

Assim os Mouros cahem c'o já perdido
Sangue, do Luso ferro ataçalhados,
O Vencedor despoja ali o vencido,
Vencidos ficam em vida sepultados,
Tapava-se o logar curvo, homecido,
Já disto os Agarenos inojados
Desenrolam o barbaro estandarte,
E comettem de novo o baluarte.

Vem com tanto furor, com tanta ira,
Que os animos dos Lusos aquebrantam,
Hum o dardo, outro fogo ardente atira
Apoz de vozes altas, que levantam;
Accode Rui de Sousa, e o rosto vira
Para os que só de vê-lo ali se espantam,
Os ousados imigos derribando,
Que bravamente vinham já trepando.

Corta as robustas mãos, que dependuram
Hum corpolento Mouro valoroso,
D'huma ruina abate os que fulguram
Com ferro agudo, e modo rigoroso:
Os sem ventura Mouros se aventuram,
Vendo seu Rey diante já furioso,
A quebrantar as leys, que o medo ordena,
A pura força então de premio, e pena.

Tornam de fero impeto animados
Tragando ousadamente ferro, e morte;
Precipitando logo esvicerados
No mesmo intento, de huma mesma sorte.
Sam os mais destes já despedaçados,
Bem se vê nelles si era agudo o córte
Da Lusa espada; ameas si pesavam,
Arrebentados corpos o mostravam.

Digitized by Google

Ardido andava o Sousa peleijando,
O Carvalho tambem de furia ardia,
Vam-se já os imigos retirando
Vendo quanto os engana a vãa porfia.
Os Portuguezes guerra inda bradando
Guerra, que espanto, e larga paz fazia.
Não tornam os Mouros, não, mas levantaram
O campo, e as trincheiras abrazaram.

Levanta o Rey o arraial vencido,
E deixa o campo de tropheos cheio;
Levanta as mãos o Luso agradecido
A quem lhe he sempre de Victoria meio.
Chega a nova do caso acontecido
Ao Reyno, que está cheio de receio,
Fazem-se nelle já pela victoria
Prazeres de importante e longa Historia.

No Canto I. encontra El-Rei D. Sebastião na Serra de Cintra um velho Eremita, que lhe narra a Historia do Reino até ao seu tempo. A collocação deste episodio não é dos mais felizes, porque não é probavel, que El-Rei a ignorasse, ainda que o velho tem desculpa, por não conhecer a pessoa, com quem fallava. Nesta narração encontra-se incluida a Legenda do Rei Ramiro, e do Mouro Alboazar, Legenda Romantica, que admira que nenhum dos nossos Authores Dramaticos se tenha lembrado della para assumpto de um Drama, que bem tractado devia produzir grande effeito.

Pois pela Cava entregue toda a Hespanha,
Como Troya pela malvada Helena,
Tendo como he razão culpa tamanha,
Para exemplo dos mais tamanha pena;
Fez-se Senhora della Gente estranha,
Como a divina permissão ordena,
Mas nunca podem tanto os Mauritanos,
Que acabem de domar os Lusitanos.

Empreza sobre a qual hum Rey andava
Chamado Alboazar, perto do Douro,

Digitized by Google

Onde dali as Terras procurava,
Submetter ao esquivo jugo Mouro.
Mas Ramiro (outro Rey) que prompto andava,
Por conservar seu bem, e seu thesouro,
Que hera a Mulher, que o Mouro lhe furtára,
Secretamente pelo Rio entrára.

Por baixo do Arvoredo entrando veio,
Com a frota Ramiro mansamente
Por ser o Rio então coberto e cheio
De bosque, si he que antiga voz não mente:
Alheio vai de prigos como alheio
Que hera, porque o Amor lhe não consente
Temor de aventurar a liberdade
Nas mãos, que lhe roubaram a vontade.

E deixando-a ficar ali secreta
Dá por signal que quando lá tivessem
Ouvido alguma canora trombeta,
Que sem temor a terra comettessem,
E porque mais seguro se entremetta
Vai de modo que não o conhecessem,
Onde lá n'huma fonte se sentava
Em quanto o Mouro Rey á caça andava.

O terceiro verso desta Estança é dos que tem o accento na quarta, e setima syllabas, sam muito usados na lingua Franceza, e na Italiana, porém avessos ao genio do nosso idyoma, em que produzem pessimo effeito, e por isso tem sido abandonados por todos os Poetas, que se prezam de bons versificadores.

Logo vem huma Moura a tomar della
Com vaso, que de sua Esposa hera,
Onde hum annel lançou, porque a cautela
Lhe diga como ali seu bem a espera;
Fica a Esposa muda, e amarella
Depois que tanto amor, e fé pondera,
Mandando sem tardar logo chama-lo,
Depois de com promessas segura-lo.

Digitized by Google

Vai o coitado sem suspeitas lêdo,
Que por chegar a vêr a por quem chora,
Não sei si prigo algum bastára, ou medo,
Para que a tal chamado assi não fôra;
Manda a Esposa então pô-lo em segredo,
Que muito mais do Mouro se namora,
Ao qual, vindo da caça, lhe dizia
A quem lhe dê Ramiro o que daria?

Nestas, e noutras graças descontente
Sendo trazido o brando namorado,
Ante o Rey, e a adultera presente,
A ser á dura morte ali julgado.
Perguntando-lhe o Mouro gravemente
Si delle fôra preso, e condemnado,
Que maneira de morte lhe ordenára,
Em que mais cruamente o atormentára?

Ao que lhe respondeu sabia, e discreta-
Mente Ramiro assim: « O mór tormento
« Que o odio, que te tenho te decreta,
« Hera fazer-te dar a alma c'o alento,
« Tangendo tanto espaço huma trombeta,
« Que se te desfizesse o corpo em vento;
« E si inda outro maior tormento houvera,
« Nelle perpetuamente te tivera. »

« Ora (diz o Rey Mouro) a mesma pena,
« Que executar em mim, cruel, querias,
« Essa mesma te dou, que inda he pequena
« Pera o que só por isso merecias. »
Logo o supplicio á crua gente ordena,
Já destroncam as Arvores sombrias,
Já denuncia o alto Cadafalso
Da má, e falsa Esposa o peito falso.

Sobe Ramiro nelle, e a rir provoca
A ruda Plebe; vai com confiança;
Põe grossa trompa retorcida á bocca,
Da pena o meio, he meio de vingança.
Quam de preça o poder então se troca!

Digitized by Google

Quem se póde jactar de segurança!
Estam os seus no mar com prompto ouvido;
Sôa já rouco o tremulo ruido.

Ouve-o da frota a Gente, que advertida
Estava já, e dá na descuidada,
Que estava vendo como acaba a vida
Quem a morte lhe assim tinha ordenada;
Ferro homecida passa ao Rey homecida
O peito crú; furor de aguda espada
Deixa pendendo em hombros corpolentos
Barbudos rostos já sanguinolentos.

Aspera corda já as mãos rodêa,
Presas atraz, da perfida Raynha,
Formosa de feições, de culpas fêa,
C'o rosto á terra murmurando vinha,
O Mouro Esposo rabida nomêa,
O passo á força de hombros encaminha,
Roga, promette, avisa, e amoesta,
A vista torce, turbida, e molesta.

Tantos extremos faz de sentimento,
Tantos protestos vãos desatinados,
Que já rompendo a ira o soffrimento
Lemite poem a adulterinos brados;
E com modo asperissimo, e violento
No niveo collo lhe atam os Soldados
Pendente corda, presa á corda grave,
Que a morte lhe assegure, e a vista aggrave.

Fazendo-lhe anojado com que desse
O nome ao pégo d'Ancora profundo,
Que assim se chama agora, onde pozesse
Com a lembrança delle exemplo ao Mundo.
Alguns dizem que o nome aqui tivesse
De Leixois o começo, e que segundo
Deixado foi ali, bem lho pozeram,
Si os tempos outro algum não corromperam.

Onde Caia de então dizem que teve
Este nome, porque a fonte fria,

Digitized by Google

Em que Ramiro assentado esteve,
Sacaia, em Moura lingua se dizia.
Donde o nome corrupto tomar deve,
Inda que a Fama nisto desvaria:
Tudo faz esquecer tempo comprido,
Mas Mourisco parece este appellido.

Outros dizem, que hum Capitão Romano
Chamado Gaio Servio aqui chegou,
Que vencido do braço Lusitano
Em hum Castello ali se restarou,
Ficando o tal logar, si não me engano,
Gaya por nome como se chamou,
E inda agora se chama este alto monte,
O qual do Porto está quasi defronte.

Pois do Porto, e de Gaia o nome veio
A Portugal, segundo se publica,
Ou do Porto dos Gallos, como creio.
Que Porto dos Francezes significa,
Que como sempre estava de Náos cheio,
Segundo se inda agora verifica,
Dos Albernéos Gallos este Rio,
Não he pôr-lhe este nome desvario.

Temos aqui poeticamente explicada a origem dos nomes *d'Ancora, Leixois, Gaya, Portugal,* o que é uma intensão verdadeiramente epica, que Luiz Pereira havia aprendido dos antigos. É porém de notar, que elle mostrou muito bom juizo, omittindo algumas circumstancias desta Legenda Romantica, que desculpando o chamado Rei Mouro Alboazar, teria necessariamente tornado Ramiro menos interessante. Si Alboazar havia roubado a Rainha Esposa de Ramiro, foi em desaggravo da injuria, que elle primeiro lhe havia feito, roubando-lhe sua irmãa Zarha, ou Zaida, de quem teve um filho por nome Alboazar Ramires; e em tal caso tambem parece menos criminosa a Rainha, que Ramiro tinha offendido faltando-lhe a fé conjugal, dando-lhe assim o exemplo para lhe faltar a elle. A' vista do que, Luiz Pereira deu provas de que conhecia as regras da arte, descartando-se daquella par-

Digitized by Google

te do assumpto, que prejudicava ao fim, que se havia proposto.

Outro episodio, tambem estranho á acção, mas bastante interessante, é a narração do naufragio, e morte de Manoel de Sousa de Sepulveda, e de sua Esposa D. Leonor de Sá, feita por Pantaleão de Sá, que fôra parte, e victima daquella catastrophe, mas que teve a fortuna de salvar-se com os poucos, que o seguiram. Nesta narração ha algumas Oitavas bem fabricadas, taes sam estas da tempestade.

Vem levantando bravos, e furiosos
Nos verdes mares já brancas capellas,
Encontram-se hums com outros impetuosos,
Sobe a escuma delles ás Estrellas;
Combatem inhumanos, rigorosos,
Os tristes Nautas cheios de querellas,
Embalançando a Nau de tal maneira,
Que a hora vimos todos derradeira.

Corre com tudo a Nau, seguindo aquella,
Furia, que mais potente a conquistava,
Crescendo sempre a horrida procella,
Com que o mar o furor accelerava;
Mas vendo não poder assim rende-la,
Os Ventos, cada hum o ventre inchava,
Ficando a Nau em calma trabalhando,
C'os enjoados mares peleijando.

Não se passando largo espaço, quando
Todos juntos ali subitamente,
O maior papafigo espedaçando,
Deixam sem véla a desastrada Gente;
Eis o Piloto aqui alto bradando,
A morte escura vendo já presente,
« Amaina, amaina! o outro papafigo
« Para remedio do ultimo perigo. »

O qual não hera ainda bem tomado
Quando ficou a Nau atravessada,
Ao impeto do mar medonho, e irado,

Digitized by Google

Onde cuidámos fosse soçobrada.
Eis vem hum feio mar incapellado,
E huma, e outra onda acapellada,
Que, dando nella, cheia d'agua pende,
Onde o temor as linguas nos suspende.

Apoz este o furor embravecido
Dos feros Ventos, subito romperam
Os apparelhos todos, conhecido
Fim dos tristes, que a morte então beberam;
Varios gemidos vam n'hum só gemido
Ao Ceo, dos que mil lastimas disseram;
Alguns perdão pedindo de giolhos,
No Ceo pondo a esperança apoz os olhos.

Accodindo os Ministros c'os machados
Para cortar o masto, que pendia
C'os balanços da Nau desordenados,
Onde vimos, que ali claro se abria.
Em tal perigo sendo então escusados,
Que subito os tirou desta porfia,
O Vento na mór força do receio
O quebrando c'hum sôpro pelo meio.

Onde sem vélas, mastos, e apparelhos,
Sem antena, ordenámos novo amparo,
De pôdres vélas, e de mastos velhos,
Para tormenta tal fraco reparo.
Servindo mais prestezas que conselhos,
Mas o furor do tempo pouco avaro,
Nos tornou a levar a pôdre véla,
Que podera c'hum sôpro meu rompe-la.

Eis a Nau se atravessa, e a gente geme,
Em alta voz, que o Ceo escuro atrôa,
Eis hum inchado mar lhe leva o leme,
O gorupés, o masto (outro) da prôa.
Vêde, Senhor, si com razão me treme
Inda a voz, de temor que não perdôa
A nenhum coração por mais ousado,
Que seja o valoroso, em tal estado.

Digitized by Google

Esta pintura horrivel é palpitante de verdade, e de energia de expressão. Poucos sam os espectaculos, que a natureza possa apresentar mais horrendos, que o de uma nau, que luctando com um temporal desfeito, a pouco e pouco se vai desfazendo entre o bramido das ondas, que a levantam ás nuvens, e a escuridade, que cobre a esphera, o curuscar dos relampagos, e o sibilar continuo dos ventos, que representa que todas as Giboias, e as Sucriús da America, e todas as Boás, e Adevinhas da Africa ali concorrem com a esperança de devorar os desgraçados Nautas, que já tem abandonado toda a esperança de salvamento! Pela minha parte não sei imaginar uma situação mais dolorosa, e o Poeta soube exprimi-la com bastante força, e colorido.

Tambem não faltam rasgos de pathetico, e de poesia na narração da viagem, e trabalhos daquelles desgraçados pelos arêaes da Africa, opprimidos de sêde, fome, e cançasso, trahidos, e roubados pelos negros, mas de tudo isto só apresentarei aos Leitores a pintura da morte de D. Leonor, e seus filhos, e da desesperação de seu Esposo, que a encontra morta quando volta com algumas fructas, que fôra colher para alimentar-lhe a vida.

Mas não esteve muito repousando,
Que quem de verdade ama não repousa,
E assi accorda, lá da alma arrancando
O doce nome do seu triste Sousa.
Antre suspiros rouca a voz soltando,
Dizendo cousas, mas em cada cousa
Interrompem extremos amorosos
Os brados vãos, que dava dolorosos.

Aqui cortou a Parca os tenros annos,
D'hum dos Filhinhos, que apertado tinha,
Comsigo estreitamente, vãos enganos
Nos quaes a força da paixão sustinha,
Aqui o mais cruel dos inhumanos
Brutos c'o pranto ouvido se detinha,
Convencido de magoa, ouvindo as magoas,
Que tornavam atraz correntes agoas.

Não bastando levar-lhe desta sorte
Amor o coração a dôr tamanha,

Digitized by Google

Que com o mesmo rigoroso córte
Logo hum Irmão ali outro acompanha,
Com vagarosa, e piedosa morte,
Lhe accrescentando a dôr cruel, e estranha,
Onde não póde tanto o soffrimento,
Que as redeas não largasse ao sentimento.

Dizendo « Esposo meu, abrigo, e ampare
« Dos Filhos, e da May, que sós deixaste,
« Torna, torna, cruel, que o tempo avaro
« Tos rouba aos olhos, que apoz ti levaste.
« Olhos quanto me foste nelles caro,
« Lembre-te Leonor, que tanto amaste,
« Para te não causar esquecimento
« Tão breve, a mim tão longo, apartamento. »

Apoz isto, qual neve endurecida
Do raio ardente, fervido, Nemeo,
Com a vista turbada, e escondida,
De suor frio o rosto todo cheo;
Com bocca pouco aberta, denegrida,
Com já mortal, e languido meneo,
Qual cortada do arado alva Bonina
Pouco a pouco a cabeça, e corpo inclina.

O fecho desta Estança é tão bello pelas idéas como pelo estylo, e os versos; nada mais melancholicamente gracioso, que a aproximação de uma bonina, que cahe, e murcha cortada do ferro do arado, e uma mulher joven, e formosa, que perece de desfallecimento, e cançasso em meio de um deserto de arêa retisnada pelo Sol ardente da Africa; pena é que estas pinceladas mimosas, e patheticas não sejam mais frequentes na Elegiada.

Assi fenece aquella illustre Dama
De perpetua memoria, e louvor dina,
No Mundo alcança peregrina Fama;
Quem nunca vio tão casta peregrina?
Onde não basta ao choro, que derrama,
Nem o não vêr remedio não lhe ensina
Para enxuga-lo á companhia triste,
Que a grave dôr jámais razão resiste.

Digitized by Google

Chora; mas nisto vem c'os braços cheios
De fructas o culpado em taes tardanças,
Muito mais carregado de receios,
Que andam hombro por hombro de esperanças;
O qual crendo dos gritos, e meneios
O que lhe affirmam as desconfianças,
Certo do que não crê no que adivinha
Sem alma os Corpos vê, que n'alma tinha.

Os Filhos vê nos braços de Leonor,
Da rigorosa morte, esquiva, e dura,
Cortada a fresca, e tenra idade em flôr;
E a ella morta, e pallida a Figura,
Que inda parece viva ter o amor;
No cimo lhe dos braços dependura
Cada Filhinho, o rosto amortecido,
Sem os soltar o corpo sem sentido.

Não chora, e pôsto já tinha perdido
O juizo, não perde o sentimento,
Que amor lhe dá na dôr novo sentido,
Apoz do natural conhecimento:
Da qual internamente convencido,
Depois de respirar o grosso alento,
As mãos deu ao trabalho suspirando,
A doce Esposa, e filhos enterrando.

Apoz isto furioso vai correndo,
Por aquellas Florestas, e espessuras,
Com rouca voz mil lastimas dizendo,
De magoa enternecendo as pedras duras
Onde a fome cruel satisfazendo
Alguma Fera nelle, a desventuras
Tamanhas, deu o fim que tenho dito,
Jámais tão desastrado em carta escripto.

Poucas situações podem encontrar-se tão dolorosas em um Poema, como a de um Esposo, e Pai obrigado a abrir nas arêas de um descampado de Africa com suas proprias mãos o sepulchro, em que deve depositar os cadaveres de uma Esposa formosa, e querida, e de dous filhinhos bel-

Digitized by Google

los como Anjos, e mortos de fome, e cançasso. A dôr profunda, de que o Poeta o pinta possuido no meio daquelle trabalho, sem derramar uma lagrima, nem soltar um suspiro, é um toque de mestre, e ao mesmo tempo philosophico. As grandes magoas, aquellas, que não admittem consolação, e que se acompanham do desespero, sam mudas, e sem pranto. Depois de D. Ignez de Castro, nenhuma Senhora Portugueza se fez tão famosa pelo excesso de suas desventuras: as Musas porém a tomaram debaixo da sua protecção, e cobriram de flores a sua sepultura abandonada nas cercanias do Rio de Lourenço Marques, Jeronymo Côrte Real lhe consagrou um Poema inteiro, Luiz Pereira um Canto da Elegiada, e Camões as seguintes Estanças dos Lusiadas, que valem mais, que o Poema de um, e o Canto do outro, e que promettem mais duração.

Outro tambem virá de honrada Fama,
Liberal, Cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará formosa Dama,
Que Amor por gran mercê lhe haverá dado;
Triste ventura, negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro, e irado
Os deixará de hum crú naufragio vivos
Para soffrer tormentos excessivos.

Verão morrer com fome os Filhos caros
Em tanto amor gerados, e nascidos,
Verão os Cafres asperos, e avaros
Tirar á linda Dama os seus vestidos.
Os cristalinos membros, e preclaros
A' calma, ao frio, ao Sol verão despidos,
Depois de ter pisado longamente
C'os delicados pés a arêa ardente.

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida, implacavel espessura.
Ali depois das pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão,
Da formosa, e miserrima prisão.

Digitized by Google

Camões para tornar o quadro mais pathetico finge que D. Leonor morreu abraçada com seu marido, apartando-se nisto da Historia, que nos diz, que Manoel de Sousa, depois de haver sepultado sua Esposa, e seus filhos, pegando no que restava, se embrenhou com elle pelos matos, não havendo mais noticia delles.

Mas nem todos os episodios da Elegiada sam, como estes, desligados da acção: tal é no Canto XVIII. o acontecimento de um Alemão, que salvando-se da batalha com sua Esposa, é surprehendido pelos Mouros, que a ferem mortalmente, dando-lhe depois morte a elle junto ao cadaver da amada.

Vem c'os Tudescos huma Dama bella
Com quem foi liberal a Natureza,
As partes, que reparte, juntas nella
Pondo como a que tanto estima e presa,
Pôde quem tudo póde assim rende-la,
Que Patria, Pais, e tudo em fim despreza,
Por seguir seu amado, e doce Esposo,
Hum Soldado Tudesco valoroso.

Este, depois de já desbaratado
O Campo todo, põe a Esposa amiga
Nas ancas de hum Frisão acostumado
Para tão dura, e aspera fadiga,
Hindo rompendo valoroso, e ousado
Pela Gente cruel, gente inimiga,
Que atraz o hia sempre perseguindo,
Com lançadas a hum, e outro ferindo.

Vai chorando a coitada ali abraçada
C'o doce amigo, o rosto atraz voltando,
De purpura vestida, escabellada
Sempre do imigo o Esposo ali escudando.
Qual nas ancas de Nesso a ingrata amada
Dejanira, que a setta receiando
Tira á orelha já do braço forte,
Com que, oh Centauro, Alcides te dá morte.

Assim vai a Tudesca, e juntamente
A fere Amor, e a Canalha fera,

Digitized by Google

Que mais sente de Amor o mal que sente,
Que daquelle em que certa a morte espera;
Vêde como he hum d'outro differente,
E quam pouco lhe ali então doera
Perder a vida, não vivendo d'ella,
Que lhe doe pela alheia de perde-la.

Mil magoas vai dizendo a sem ventura,
Mil temores a cercam, e desconfiam,
Sobre quem lhe dará a morte escura
Fortuna impiedosa, e Amor porfiam.
Antecipa-se aqui a sorte dura,
Vendo que amores já a consumiam,
E faz com que hum Alarbe a lança atire,
Ante que assi d'amor a triste espire.

Passa o ferro cruel, cruel, e agudo
As entranhas da inclita Donzella,
Que dando-lhe bradou: « Ditoso escudo
« Pois tua vida póde defende-la! »
Fica o Esposo aqui pallido, e mudo,
Que não pareceo dar a lança nella
Como a verdade deu mais crua nelle
Passando o corpo a ella, a alma a elle.

Onde o turbado Amante bem quizera
Voltar pera vingar a morte crua,
Si o brando rogo não lho defendera
Com que a empreza lhe estorva a presa sua;
Dizendo: « Esposo meu, si se perdera
« A minha vida só sem essa tua,
« Comprando-a tão barata, aqui com ella
« Ganhava o grande gosto de perde-la.

« Mas como cá sem vós, ficar eu posso?
« Como apartar nos póde o tempo imigo,
« Si he verdade que estou no peito vosso,
« Como sempre nesta alma estaes comigo?
« Olhai a obrigação deste amor nosso
« A quanto vos obriga, doce amigo,
« Seja de ambos de dous só huma a sorte,
« Só huma a vida, e huma mesma a Morte. »

Digitized by Google

Torna o amante então a hir proseguindo
Seu caminho, já tenro da brandura,
Com que o vai a triste persuadindo,
Que tornára de cera hũa pedra dura.
Vam-se já dos imigos encobrindo
D'hum Soveral pela horrida espessura,
Aonde ao pé d'huma Arvore, que acharam,
Mais triste, e escondida, se apearam.

Ali já do perdido sangue o bello
Rosto da linda Dama amortecida,
Cahindo de mortal sombra amarello
Ficou, e a bocca hum pouco denegrida;
Por cima lhe ficou solto o cabello,
E os olhos pouco abertos, escondida
A vista tendo, o collo reclinado,
C'hum braço em terra, e outro derribado.

Não de outro modo a viva côr perdendo,
Que quando já da rude mão cortada
A candida Açucena vai pendendo,
Em pouco espaço pallida, e mudada
A matutina graça emmurchecendo
Aquella suavidade transformada
Já em tristes memorias do bem caro,
Que tão de preça leva o tempo Avaro.

Assim a triste pallida jazia
Na dura terra junto ao terno Esposo,
Que maldizendo a sorte as mãos torcia,
Da certa morte ainda duvidoso,
Onde de quando em quando interrompia
O impeto de alento soluçoso,
A voz desordenada, e dissonante,
Ora grave, ora aguda, ora tremante.

Dizendo: « Oh doce amor! doce Esperança,
« Esperança não já, pois vós partistes,
« Deixando-me só cá a triste lembrança
« Pera mór magoa de memorias tristes!
« Em que me confiei! oh confiança

Digitized by Google

« Como no fim em fim sempre mentistes!
« Ah! porque como a morte, Alarbe bruto,
« De meu sangue levaste o ferro enxuto?

« Ah como do meu bem me partirei?
« Ou como poderei viver sem ti?
« Que não vivas comigo! onde estarei
« Que tu não estejas, e eu esteja aqui?
« Ah quanto em ser o teu amor ganhei,
« E quanto em te perder, meu bem, perdi?
« Pois que me fica cá a bella Consorte
« Sinão tão desastrada, e escura morte. »

Isto dizendo, o rosto descobriu
Da descorada, e já morta Donzella,
Que parece que morta inda sentiu
Chegar-se o seu amado Esposo a ella,
Ou seja que inda Amor se não sahiu,
Ou inda a alma delle dentro nella
Estava, ou que fosse por ventura
O que o Desejo ás vezes affigura.

Elle co'a voz tremente, o rosto lento
Ajuntou ao que fica, e morto estava,
Olhando si respira o tibio alento,
Ou se inda o coração lhe palpitava,
Renova-lhe outra vez o sentimento
Amor, que só por isso o enganava;
Já tomára viver naquelle engano,
Mas teme em fim o lemitar seu damno.

Onde os Mouros, que andavam desmandados
Por aquella Selvatica floresta,
Ouvindo os roucos, e tristonhos brados,
Com que responde o Echo á voz funesta,
Por elle áquella parte ali guiados,
Que de espaço em espaço afflicta, e mesta
Resoava, o lugar lhe determina
Que esconde o triste, e a morta peregrina.

Os quaes, ao vêr ali tal aventura,
Co'a condição perversa, embravecida,

Digitized by Google

Põem a cerviz do triste em prisão dura,
E em continuada morte a morta vida;
O qual c'o coração da dôr escura
Partido, e resistindo a tal partida,
Pondo a defeza brava em fracos braços
Foi feito logo ali em mil pedaços.

O meravilhoso, que é uma das partes mais essenciaes da Epopeia, pois que é elle quem levanta o assumpto da região prosaica para as alturas da poesia por meio da intervenção dos agentes sobrenaturaes, que surprehende, arrebata a nossa imaginação, e tanto lisongea o innato orgulho do coração humano, fazendo-lhe crêr que as suas acções interessam o Ceo, e o Inferno, é talvez o que menos avulta neste Poema. Luiz Pereira mostrou nisto grande esterilidade de invenção: nenhuma das suas machinas presenta resultado grandioso; lançou mão das personagens alegoricas, que só podem servir de comparças, ou figurantes, e já mais de agentes principaes nas grandes scenas da fabula sobrenatural, que se enlaça com a fabula historica do Poema Epico. Que grande effeito póde produzir a Vangloria que tenta D. Sebastião em sonhos com a esperança de grandes conquistas? O Engano, que se lhe apresenta em trage de Mercador, e lhe dá a falsa noticia de que em França se prepara uma armada contra elle? A sombra de um Caciz velho, que em sonhos inspira ao Rei Mouro o projecto de pôr cerco a Marzagão? Uma Feiticeira que consulta o Diabo, que lhe apparece em fórma de Bode? Tudo isto me parece mesquinho, e indigno da magestade do Poema Heroico.

Todo o emprego do meravilhoso em um Poema Heroico é atrazar, ou adiantar a acção; si não serve para isto entra na classe dos *ornamentos ambiciosos,* de que falla Horacio, e póde deleitar com ficções agradaveis, porém não excitar interesse produzindo obstaculos, e desenvolvendo-os por meios sobrenaturaes; e já se vê que as personagens puramente alegoricas sam pouco proprias para esse fim quando se tracta de materia grave; o seu verdadeiro logar é nos Poemas Heroicomicos, como o *Lutrin* de Boileau, ou o *Hyscope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva.

O unico rasgo de machinismo verdadeiramente Epico,

Digitized by Google

que se encontra na Elegiada, é o Concilio Infernal, convocado por Lucifer, no Canto II., em que ha algumas bellezas de estylo, mas que nem apresenta effeito dramatico pelas discussões, nem pelo resultado, que se reduz ao Rei do Inferno incumbir a Vangloria e a Cobiça de promover alguns desaguisados na Côrte Lusitana.

Onde lá nos abysmos cavernosos
Deste principio Lucifer horrendo
Já enojado, piza a ardente c'rôa,
Nova, que pelo Reyno escuro sôa.

Sôa o rumor qual Boreas enojado
Vai por espessos, e altos Arvoredos,
Ou qual do fero Noto o mar inchado
Do fundo mostra os intimos segredos.
Que formando o medonho, e rouco brado
Por cavernas de concavos rochedos
Arruinar-se o Mundo representa
Signal d'alguma horrida tormenta.

Assim vai o murmureo discorrendo
Por este hospicio triste, escuro, enorme,
Onde hum blasphema, e outro está gemendo
Em pena desigual, pranto conforme:
Vai-se já de Plutão a gruta enchendo
Dos Espiritos maus, turba disforme,
Accodem os Penates, e os maiores
Dos Infernos Juizes Regedores.

Está lá no sulphureo assento pôsto
Lucifero lançando fogo ardente,
De negra bocca, serpentino rosto,
Desenroscando o rabo de serpente,
Com fera vista mostra o presupposto
Damnado, contra a fraca, humana gente,
De Aguia sam os pés, e os braços delle,
De Lixa tem a verdenegra pelle.

Os outros, que o rodeiam, differentes
Figuras tem, a qual peior Figura,
De Dragos, Onças, Tygres, e Serpentes,

Digitized by Google

Todos com negra côr á sombra escura.
Os que logares tem mais preeminentes
Nesta Casa de pena eterna, e dura
Mais perto de Plutão estam sentados,
E os outros por carvernas encostados.

Todos esperam vêr o que queria
Neste caso Plutão ordenar delles,
Que já com voz medonha lhe dizia
Que toda sua esperança tinha nelles;
E contra a Vangloria proseguia
(Depois que se aconselha contra aquelles
Portuguezes) dizendo: « Oh vãa Senhora,
« De meu erro primeiro executora!

« Vai, vai vencer aquelle Lusitano,
« Nova esperança do valor passado,
« E tu, Cobiça, com sedento engano
« Todos os Grandes traze ao teu mandado,
« Tecei ao Luso Rey bem novo damno,
« Qual nunca foi no Mundo imaginado,
« E vós outros, Ministros do tormento
« Cheguai a breve fim meu fero intento. »

Isto dizendo, já pegada á coma
A Vangloria de um Drago esquivo, e horrendo,
A Figura, que vio Nabuco toma,
Qual o grande Colosso parecendo.
Leva de sceptros infinita somma
O leve Vento inchado vem bebendo,
Hum olho só qual Polyphemo tinha,
De cabos de Pavões coberto vinha.

A Elegiada de Luiz Pereira Brandão é um grande assumpto estropiado, que sómente se torna recommendavel pela pureza da linguagem, alguns trechos de poesia discriptiva, algumas comparações pictorescas, e alguns episodios, se póde dizer-se que ha episodios, ou que a maior parte delles o sam em uma ordem historica de successos, e que propriamente mais póde chamar-se Biographia metrica d'El-Rei D. Sebastião, que Poema Heroico, visto

Digitized by Google

que não tem ordidura dramatica, nem fabula, nem unidade, requisitos necessarios em semilhantes composições, junte-se a estes defeitos tão consideraveis outro mais sensivel, que é a ruim versificação, e ninguem dirá que somos injustos quando collocamos a Elegiada na plana das nossas Epopeias de terceira ordem.

A fortuna sempre caprichosa e céga conservou esta composição informe, e essencialmente mediocre, e deixou perecer as Poesias de Antonio de Castilho, o Parnaso Lusitano de Luiz de Camões, as Satyras de Francisco de Sá de Menezes, as Poesias Lyricas de Gabriel Pereira de Castro, de Manoel de Galhegos, de Domingos Maximiano Torres, de Domingos Pires Monteiro Bandeira, de Sebastião José Ferreira Barroco, e outras muitas antigas, e modernas, que os amadores das Musas lamentam com tanta razão.

CAPITULO IV.

Francisco de Sá de Menezes.

Entre os Poetas, que a cidade do Porto se ufana com razão de haver produzido, é este um a quem de justiça pertence um dos logares mais distintos.

Francisco de Sá de Menezes foi filho de João Rodrigues de Sá, que tambem cultivava a poesia, segundo consta do testemunho dos seus contemporaneos, que fallam com muito louvor dos seus versos, pôsto que nunca sahissem á luz. A sua familia era das mais distintas da sua provincia, e foi depois agraciada com o Marquezado de Abrantes; sua Mãi chamava-se D. Maria da Silva, e era de linhagem tão nobre como seu esposo.

Não consta ao certo o anno do seu nascimento, mas parece verosimil que teve logar pouco antes de 1600. Applicou-se com grande proveito ao estudo das linguas

Digitized by Google

Grega, e Latina, das Sciencias, das Letras, e dos Idyomas das mais cultas nações modernas, tornando-se assim habil para os empregos do Estado, que exerceo com bom desempenho.

A uma erudição não vulgar juntava grande talento para a poesia, em que depreça adquirio grande nomeada; e imitou com desvelos os Italianos, e com especialidade a Torquato Tasso, por quem é evidente haver-se regulado na composição da sua Malaca Conquistada.

Consta que casou mui moço com D. Antonia de Andrade, que era sua prima, e filha de Balthasar Leitão de Andrade, Commendador da Ordem de Christo, e Thesoureiro da Casa da India, de que teve um filho, por nome Balthasar de Sá Leitão, que foi elegante, e engenhoso Poeta Latino, como se deprehende do seguinte Epigramma em louvor da Malaca Conquistada de seu Pai, e que se lê á frente da terceira edição daquelle Poema, feita em Lisboa por José d'Aquino Bulhões no anno de 1779.

Cum laus ex gnato veniat suspecta parenti,
Me gnatum, fateor, vix juvat esse tuum,
At cum conspicio laudanda Poemata, lœtor,
Cum me sors tanto fausta parente, beat,
Insequar ergo Patris vestigia, carmina fingam,
Carminibus sed erit gloria nulla meis,
Phœbo digna moves nam solus plectra; neo ulle
Ingenium poterit vincere Musa tuum
Si fuit in Gnato Virtus invisa Theodoso
Dum Famæ credit nil superesse suæ;
Ipre tuos possim merito incusare triumphos,
Spes etenim laudi nulla relicta meæ est.
Ergo omnes ultro mittamus plectra; relinquit
Hic liber exhaustas, quas ultra claudit, opes.

Teve tambem uma filha, por nome D. Joanna de Sá e Menezes, que foi casada com Fernão da Silveira, irmão segundo do Conde de Sarzedas, que militou nas campanhas dos Paizes Baixos na qualidade de Capitão de Cavallaria, e que foi depois Conselheiro de Guerra dos Reis D. João IV., e D. Affonso VI., e que veio a perder gloriosamente a vida na Batalha das Linhas d'Elvas, ganha-

Digitized by Google

da aos Castelhanos em 14 de Janeiro de 1659, deixando numerosa posteridade.

Francisco de Sá de Menezes foi Commendador de S. Pedro de Fins, e de S. Cosme de Garfo da Ordem Militar de Christo.

Senhor de uma casa opulenta, cercado da estima dos Concidadãos, e com especialidade dos Literatos, empregando o tempo, que lhe restava do desempenho dos seus deveres, como homem publico, no tracto das Musas, passava Francisco de Sá de Menezes tranquillamente seus dias, quando a morte lhe arrebatou dos braços a Esposa, que lhe servira sempre de consolação nos dissabores da vida; esta perda lhe abateu o espirito de maneira, que tomando de dia para dia maior aborrecimento ao mundo, resolveo por fim abandona-lo, sem que as rogativas, e instancias dos filhos, dos parentes, e dos amigos fossem poderosas para o fazerem mudar de resolução.

Depois d'algum tempo de hesitação sobre a escolha do seu ultimo domicilio, resolveu em fim retirar-se para o Real Mosteiro de Bemfica, da Ordem dos Pregadores, nos suburbios de Lisboa, onde tomou o habito, e professou no dia 14 de Dezembro de 1641. Ali debaixo do nome de Frey Francisco de Jesus, se entregou com todo o ardor á observancia dos preceitos da regra, e ás praticas de devoção mais austeras, tornando-se por este modo objecto de veneração, e respeito para todos os Religiosos, que com elle habitavam aquella Santa Casa.

Neste modo de vida, e constante desapego do mundo persistio com admiravel constancia, e placidez de espirito, sem jámais desmentir-se até ao dia 21 de Maio de 1661 em que Deos foi servido de chama-lo da vida temporal para a eterna.

As Obras deste Poeta, de que temos noticia, sam as seguintes.

Malaca Conquistada, Lisboa, 1634, em 8.°, e depois reformada, e alterada em varios logares, 1658, em 4.°

Canção, que se encontra no principio do Gigantomachia, Poema de Manoel de Galhegos, 1628, em 4.°

Um Soneto que vem no Templo da Memoria, Poema do mesmo Manoel de Galhegos, 1625, em 4.°

D. Maria Telles, Tragedia, que se conservava manus-

Digitized by Google

cripta na Bibliotheca do Paço Real, a qual ardeo com o mesmo Paço na occasião do Terremoto de 1755, e principiava com este verso.

Horas alegres do ditoso Dia.

A Morte de D. Maria Telles, irmãa da Rainha D. Leonor, Esposa de El-Rei D. Fernando I., e casada com o Infante D. João, irmão de D. Fernando, é úm dos raros assumptos verdadeiramente tragicos, que offerece a nossa Historia; e a escolha deste assumpto prova grande descernimento, e tino theatral em Francisco de Sá de Menezes. Uma esposa amante, e innocente, assassinada barbaramente por seu marido, allucinado pelas calumnias da propria irmãa da victima, e com a esperança da mão de sua filha, unica herdeira do Reino, que vasto campo para o desenvolvimento de paixões encontradas, para a pintura de caracteres, e de todos os recursos patheticos da compaixão, e do terror! É muito para sentir, que esta Tragedia perecesse; seria curioso vêr o partido, que o Author havia tirado deste facto doloroso, e com que artefício teria architectado a sua fabula um homem, que tanta invenção dramatica havia mostrado na sua Epopeia.

Escreveo mais.

Satyras, que existiam manuscriptas na opulenta livraria do Bispo do Porto, D. Rodrigo da Cunha, em um volume de 8.°, como consta do seu Index, impresso na cidade do Porto no anno de 1627, em 4.°

É muito probavel que Francisco de Sá tivesse composto muitas poesias d'outros generos, como Sonetos, Canções, Epistolas, que tanto andavam em moda no tempo, em que floresceo, mas ou os annos as devoraram, ou ficaram sepultadas na livraria do Convento de Bemfica, onde talvez se desencaminhassem quando pela extincção das Ordens Regulares aquelle Convento foi secularisado; ou elle proprio as queimaria nos ultimos annos da sua existencia, ou porque as julgasse pouco dignas do seu talento, ou por escrupulos de consciencia na vida ascetica, que abraçára. O certo é que desappareceram; hoje toda a gloria de Poeta, tão fecundo, se acha reconcentrada na sua Malaca.

Para dar alguma idéa do estylo lyrico do Author, e

Digitized by Google

porque tanto a Gigantomachia, como o Templo da Memoria, de Manoel de Galhegos, sam dous Poemas hoje quasi desconhecidos, apezar do grande talento daquelle Poeta, copiarei aqui, ainda que em Castelhano, a Canção, em que Sá de Menezes celebrou o primeiro, e o Soneto em que elogiou o segundo.

CANCION.

Batid, Cisnes del Tajo,
Batid alegres las canoras alas,
Con vuelo altivo penetrando el Cielo;
Dexad el margen, y florido suelo
Del curso trasparente
Del cristal fuguetivo, que amais tanto;
Por sublimes regiones discorrendo
Canoros derramad dulces accentos,
Y el aire ennobleciendo,
Enriqueced, y suspended los vientos.

Celebrad, Cisnes, admirando, el canto
Del Varon Lusitano
Del nuestro nuevo Apollo,
Que d'uno al otro Polo
Resuena horrible, pero dulce tanto,
Que igualmente deleita, y mueve espanto.

Celebrad, Cisnes, que cantando pinta
Con tal destreza, y modo tan estraño,
Que haze un illustre engaño.
Assi a lo vivo imita,
Que parece que en Phlegra resuscita
Los de la Tierra monstruosos partos,
Que amontonando montes,
El Cielo escalam, rompem horisontes.

Segunda vez parece
Tamblan en el supremo firmamento
Sus claros moradores,
Y en el largo Oceano
Los divos nadadores,
Y que entre el fuego en el escuro eterno

Digitized by Google

No se da por seguro
Con puerta de diamante y ferreo muro,
El horrible Señor del negro Infierno.

Celebrad, Cisnes, que cantando pinta
O, por megor decir, hace visibles
De la trabada guerra
Entre el Cielo, y la Tierra
Sin arte militar fieros assaltos;
Los encuentros horribles
El combatir, la pertinas porfia,
Las faltas, y las sobras de osadia,
Y que hace sentir a los oydos
El estruendo, las voces, y clamores,
De aquellos finamente conduzidos
De odio, nascido apenas, ya infinito,
A temerario, y horrido conflito.

Celebrad, Cisnes, que cantando advierte
A los subervios vanos
Su infelice suerte,
Y que no valem contra el Cielo manos:
Si el sacrilego osar mismo encamina
Misero precipicio, alta ruina,
Modestia al mundo ensiña
Y religioso zelo,
Temer la pena, y respetar el Cielo;
Moved, candidos Cisnes,
Moved canoros las canoras alas,
Con alto canto celebrad el canto,
Que, applausos adquiriendo, obriga a espanto.

Este estylo é verdadeiramente lyrico, elle corre facil, e animado, e até na irregularidade das Strophes o Poeta soube dar-lhe todo o ar de um canto improvisado, sem preparação, nem estudo.

Eis aqui o Soneto endereçado a Manoel de Galhegos.

Digitized by Google

SONETO.

Venturoso Hymeneo felice cantas
De alta Belleza, de Héroe soberano,
Cisne do Tejo, Orpheio Lusitano,
Que, tudo suspendendo, almas encantas.

De aquelle alto valor, de graças tantas
Não poderá já o Tempo ser Tyranno,
E tu, fazendo á Musa illustre engano,
A's Estrellas mais altas te levantas.

Dignamente serão sempre invejados
Por teu clarim, que assombra, e alegra o Mundo,
E invejado serás em toda a idade.

Assim do Tempo, e Morte respeitados
Entre immortaes, não em logar segundo,
Simulacros sereis da Eternidade.

A Malaca Conquistada, consi derando-a debaixo do ponto de vista da composição, e das regras da arte, é o melhor Poema do genero classico, que possuimos. A acção é justa em seus motivos; tracta-se de vingar a morte dos companheiros de Diogo Lopes de Sequeira, traidoramente assassinados em Malaca, debaixo das apparencias de paz, e de commercio: importante em seus resultados por que o dominio, e posse de Malaca punha em mão dos Portuguezes a aurea Cherunesso, e a chave do commercio da China, da Arabia, das Filippinas, e das Molucas: verdadeiramente heroica porque se emprehende tomar á viva força uma Cidade, Metropole de um grande Reino, forte por sua situação, por suas forteficações, pelos seus habitantes, cujo valor era proverbial no Oriente, ajudados pelas forças de poderosos alliados; de justa grandeza, conforme o preceito de Aristoteles, que exige que uma Epopeia não seja tão longa, que se confunda a memoria, nem tão breve que não tenha o necessario desenvolvimento.

A acção da Malaca é unica, interessante, gloriosa pa-

Digitized by Google

ra a Nação Portugueza. Os episodios conforme os preceitos da arte, nascem todos do assumpto, e cooperam para o affermosear, sem offuscallo, defeito, que mesmo os grandes Epicos não tem sempre sabido evitar.

O caracter do Heroe tem toda a belleza historica, e poetica, de que era susceptivel. Não conhecemos si não o Goffredo de Tasso, que possa rivalisar com elle: Affonso d'Alboquerque é neste Poema, como na Historia, aquelle Portuguez honrado, que como se diz em um dos Cantos

Huma palavra, hum Rey, e hum Deos só tinha.

É o unico homem que passou á India sem manchar-se com piratarias, e crueldades inuteis, que valente como Achyles, e prudente como Nestor, sabendo vencer inimigos muito superiores em numero, concebeo a idéa politica de fundar um grande Imperio no Oriente, civilisar os Indios, castigar as demasias dos seus, preferir a justiça ao lucro, e deixar na Asia uma memoria respeitavel, e saudosa mesmo entre povos por elle conquistados: quantas vezes os Indianos, desesperados com a oppressão Portugueza, não correram ao seu sepulchro para clamar vingança contra os seus successores! Sá de Menezes soube desenhar com mão de mestre esta grande figura, que descola no seu quadro como Alexandre nas prodigiosas batalhas de le Brun.

Igualmente bem pintados estam os Heroes secundarios cujos variados caracteres lançam o interesse, o contraste, e o movimento neste grande Drama Epico. Aladino, Geinal, Solimão, Garcia, Jaime, Abreu, Araujo, Mello, Etol, Alaida, Titonia, e Glaura, mostram a fecundidade do Author nesta parte, e as variedades das suas concepções Epicas. Só quem tendo lido a Historia da Conquista de Malaca, na vida d'El-Rei D. Manoel, pelo Bispo Jeronymo Osorio, passa depois a comparar com o Poema aquella narração eloquente, é que póde fazer adequada idéa da força de invenção que o Author possuia, e do raro talento com que sabe fundar meravilhosas machinas epicas sobre accontecimentos, e circumstancias as mais treviaes.

Nenhum dos nossos Epicos foi tão exacto, e tão fiel na pintura dos costumes asiaticos, dos ritos, e das differentes

Digitized by Google

opiniões dos variados povos daquella parte do Mundo. As suas discripções geographicas sam verdadeiras; grandiosas as das tempestades, e das navegações; e as das batalhas navaes, e terrestres, magnificas, variadas, e cheias de fogo.

Igual colorido se encontra nas suas narrações, e por todas ellas basta apontar a dos Amores de Alaida, da fundação de Malaca, das façanhas d'Alboquerque, das desventuras de Glaura, e a da catastrophe dos companheiros de Diogo de Sequeira.

O Meravilhoso é uma das bases, essenciaes, e necessarias do Poema Heroico. Digam o que quizerem em contrario alguns Criticos modernos, que desprovidos de imaginação, querem reduzir á bitola das suas mesquinhas faculdades prosaicas, e positivas as vastas, e elevadas concepções do genio, e despojar os heroes antigos das superstições, crenças, e preconceitos, que formam uma feição do seu caracter, e que tanta influencia tiveram nas suas acções, e façanhas. A prova mais evidente do erro, em que laboram esses Criticos, é que de tantas Epopeias antigas, e modernas, nem uma só ainda conseguio a estima geral sem ser adornada do meravilhoso, ou fundada nelle, porque o homem, que tem em si uma parte espiritual, não póde contentar-se com idéas unicamente terrestres.

Sá de Menezes mostrou-se muito superior ás preocupações do seu seculo dando, d'avesso á Mythologia, que os seus contemporaneos julgavam admissivel em toda a sorte de Poemas, a ponto que Sannazzaro não escrupulisou de fazer uso della no Poema *de Partu Virginis*. Menezes teve o bom senso de conhecer, que só do Christianismo podia tirar machinas convenientes a uma Epopeia, cujos heroes eram Christãos, e é força confessar, que elle soube tirar optimo partido deste meravilhoso, que em todos os tempos tem feito parte da religião do vulgo.

A parte erotica não é menos bella neste Poema, e depois de Camões talvez nenhum Epico de Portugal seja tão singelo, tão terno, e verdadeiro nos affectos! Francisco de Sá de Menezes estava mui longe das affectações rethoricas, e dos conceitos rebuscados de Vasco Mozinho de Quebedo: é certo que as Damas do Affonso Africano

Digitized by Google

tem mais espirito, que as da Malaca, mas que importa? si esse espirito é do Author, e não dellas?

Houve um Critico contemporaneo, que se lembrou de assacar a Sá de Menezes o defeito de Gongorismo. Nada me parece mais injusto, e infundado do que esta censura; o Gongorismo é o excesso da poesia, o abuso dos ornamentos, e o esquadrinhado dos conceitos; e o defeito maximo da Malaca, reconhecido por todos os homens de gosto, o defeito que faz com que ao Author não possa dar-se o primeiro logar entre os Epicos Portuguezes, que elle merece sem dúvida pela archytectura do edificio epico, é a fraqueza da poesia, e a falta de colorido em seu estylo, bem que a sua linguagem seja sempre pura, correcta, e digna dos nossos melhores Classicos: Sá de Menezes é como alguns Pintores, que distribuem, e grupam magistralmente as figuras em um quadro, que as desenham com todo o primor d'arte, mas que não as fazem realçar pelo colorido quanto era preciso, porque lhe falta um bom empaste de tintas.

Outro defeito, e não pequeno, é a dureza da versificação: a natureza não havia dado a Sá de Menezes um ouvido musico, e daqui nasce a escabrosidade de alguns versos, que desformosam algumas das suas Estanças. O mesmo defeito, com muito maior excesso, se encontra nas poesias do Doutor Antonio Ferreira, onde com tudo se não acham versos tão fluidos, e harmoniosos como na Malaca quando o Poeta acerta em versificar bem, o que não é raro acontecer. Creio porém que boa parte dos defeitos versificatorios da Malaca não devem imputar-se ao Author; muitos delles sam evidentemente o resultado da incorrecção typographica, por isso muito sería para desejar, que fazendo-se quarta edição deste Poema, já bastante raro, fosse esta vigiada por um Corrector habil, e intelligente, que fizesse desapparecer estas maculas, e restabelescesse algumas rymas, que si acham trocadas.

Lisongeio-me de haver neste resumido exame do Poema de Sá de Menezes apontado sincera, e lealmente as bellezas, sem dissimular os defeitos com a imparcialidade, que se exige em taes materias, e que de tudo que levamos dito resulta, que esta Epopeia é um dos mais bellos ornamentos da nossa literatura.

Digitized by Google

Passarei agora, segundo o systema por mim adoptado nesta obra, a apoiar as minhas assersões citando alguns trechos da Obra, que me parecem mais conducentes a esse fim.

SONHO D'AFFONSO D'ALBOQUERQUE.

Em quanto soffrem treguas seus cuidados,
Quaes sohem vencedores vir da guerra,
Marchar em ordem vê fortes Soldados,
Seguindo a insignia, que a infernal desterra:
De branco, e rôxo rijamente armados,
Co'a purpura vital regando a Terra,
Causa no peito de Alboquerque espanto
O Esquadrão bello, que julgou por Santo.

Quem heram, e a que vinham desejava
Perguntar, elevado no que via;
Mas o somno, que então senhoreava
Os sentidos, a lingua lhe prendia:
Como por desata-la em vão cançava,
Na falta della os braços estendia;
Ancioso trabalha, e juntamente
Compaixão dentro n'alma, e gloria sente.

Em confusão tão alta « Oh Varão forte,
Lhe disse um dos ethereos Cavalleiros,
« Os, que presentes vês, da lei da morte
« Livres já, bens gozamos verdadeiros;
« Fomos dos escolhidos, a que em sorte
« Tocou ser de Sequeira companheiros,
« As vidas nos tirou Malaca fera,
« Por ti vingança; nosso sangue espera.

« Tu á do barbaro Rey dura impiedade
« Darás fim, e principio venturoso
« Ao Santo Imperio, e á Christãa piedade
« Nesse extremo do Mundo tão famoso:
« E a ruina fatal da aurea Cidade
« Hum exemplo depois será glorioso,
« De todos respeitado, e o fero imigo
« A que razão faltar, tema o castigo.

Digitized by Google

« Eis do teu valor grande a digna empreza,
« Em que te está aguardando eterna gloria,
« O Ceo o quer, que o teu bom zelo presa,
« E por nós te promette alta victoria:
« Dos Ventos a mudança, e sua braveza
« Obra he divina, accorda, e na memoria
« Estampa o que no Ceo está ordenado,
« E por obra hade pôr teu peito ousado. »

Disse, e desapparece o bando eleito,
Restituindo ao ar a fórma leve,
Accordando Alboquerque cheio o peito
Dos sentimentos, que no somno teve;
Deixa o nautico logo encosto estreito,
E no mais firme da lembrança escreve
A divina Visão, e o effeito espera,
Que ser ordem do Eterno considera.

Presentando-lhe está o pensamento
O modo, em que estillando sangue os víra,
Accrescentando mais o sentimento,
Que contra os Homicidas move a ira;
Por dar effeito ao soberano intento,
Que o Ceo lhe destinava, já suspira,
E ao celeste Esquadrão, que lho predisse,
Com affectos piedosos assim disse:

« Seguir prometto, oh almas venturosas,
« Essa, que me mostraes, alta esperança;
« Entrarei nas emprezas duvidosas
« Com vossa bem fundada segurança:
« E das mortes crueis, bem que ditosas,
« Darei ao justo Ceo justa vingança,
« Inda que, pois em Deos pára o desejo,
« Morrer como morrestes, vos invejo.

« Gozai do Sol divino o eterno dia,
« Na divina Sião eternamente;
« E alcançai, que nos dê tão certa guia
« Como a seu Povo na columna ardente. »
Assim dizendo, a Aurora bella abria

Digitized by Google

As rubicundas portas do Oriente,
O fresco orvalho as conchas recebiam,
E as pérolas presadas concebiam.

O Leitor terá notado neste quadro a facilidade, com que o Author funde as idéas Christãas na sua poesia, e não é esse pequeno merito, nem muito trivial nos nossos Poetas Heroicos cujos Actores a maior parte das vezes se exprimem mais como Pagãos, que como Christãos! Os quatro versos desta ultima Estança sam deliciosos pela graça das imagens, e pela harmonia facil, e corrente dos versos, e isto prova que Francisco de Sá de Menezes não tem um estylo tão fraco de colorido poetico como alguns Criticos tem pertendido ensinuar.

VIAGEM DE ALBOQUERQUE PARA COCHIN.

Em bem composta Esquadra a naval tropa
Segue pela maritima campanha,
Da grande Capitania a excelsa pôppa,
Que assombrado Neptuno humilde banha;
Quaes d'Africa passando á illustre Europa
Os Grous, deixando a patria pela estranha,
Em ordem seguem pela aerea estrada
Seu Capitão em ala concertada.

Posta a prôa no Austro, dividia
Alegre as crespas ondas; respirava
O sôpro Boreal, que a neve fria
Nos montes de Tartaria congelava,
E de Maldiva o mar, que entre Ilhas cria
Salutifero antidoto, deixava
Para o Poente, e as Ilhas que florescem
C'os despojos, que as Palmas offerecem.

Eis já ao Septentrião Onor lhe fica,
E Bracelor armigera, e possante,
Com Mangalor de Cardamomo rica,
De prodigos palmares abundante;
A rica Mangalor, que mais se applica
A' Cultura, que a guerras, ao Levante,

Digitized by Google

Com outros grandes Povos, e outras Gentes
Ao Rey de Bisnagá obedientes.

Do Canará já atraz deixando a Costa,
Corre a do Malabar, Reyno de Marte,
Do Gate vendo a altura descomposta,
Com quem amigo o Ceo tanto reparte,
Nella a abundancia reina no alto posta,
Que ao cultor o trabalho excusa, e arte,
Por ser Erario rico dos haveres
Da formosa Pomona, e flava Ceres.

Entre o Decan, e o Canará cortando,
Vai despendendo Rios caudalosos,
Que com seu cristal puro vam regando,
E enriquecendo os campos espaçosos:
Com as mais altas nuvens visinhando,
E ás vezes c'os Planetas luminosos,
Acaba aonde em mais estreita fórma
Do Comorin o Promontorio fórma.

Assombra a Armada ao Malabar robusto,
De nome Lusitano fero imigo,
Mas sua contumacia, e odio injusto
Muitas vezes tem visto em si o castigo:
Toca arma em Calecut o Povo adusto,
Que atalha a prevenção qualquer perigo,
As Quinas Santas no Estandarte vendo,
De Alboquerque os desenhos não sabendo.

A' vista de Cochim vélas tomaram,
Os Nautas destramente cuidadosos,
E ao mar as firmes ancoras deitaram,
Ao som dos Instrumentos bellicosos:
A Terra juntamente saudaram
Com estrondo, e bramidos espantosos
Dos concavos metaes arruinadores,
Dos raios do Tonante imitadores.

A Gente corre, e só deixa a Cidade,
Que, desejando vêr, cobre as ribeiras,

Digitized by Google

Os olhos alongando á variedade
De flamulas, pendões, e de bandeiras.
Nabeodaia, seu Rey, que de amisade
Procurava dar mostras verdadeiras,
Logo refrescos manda á Lusa Gente,
E ao Capitão magnifico presente.

Este modo de nomear as terras, caracterisando-as pelas suas posições, configuração, productos, costumes, e usanças, de seus habitantes, além da muita erudicção geographica do Poeta, prova que elle tinha lido, e estudado com muita reflexão os Poemas de Homero, e que sabia imita-lo sem o copiar. Não seria obra pouco interessante aquella, em que um homem instruido, e de boa critica, examinasse quanto o conhecimento da lingua Grega, ou a ignorancia della, influirá nos nossos Poetas para formação mais ou menos perfeita do seu estylo, e maneira de colorir, e animar os seus quadros. Infelizmente o gosto pelo estudo desta bella lingua cada vez se vai perdendo mais entre nós com grave perjúizo da poesia, e da eloquencia. O exame, e estudo dos bons modelos póde mais nas Bellas Artes, que todas as regras, e preceitos dos livros, em que se pertende ensina-las.

As Batalhas da Malaca Conquistada saín como as da Iliada cheias de vigor, e de incidentes variados, e nellas o Poeta mostrou grande habilidade em traçar o quadro dos estragos, e effeitos das armas de fogo, como se evidenceia da rapida pintura do combate entre a armada de Diogo de Sequeira, e a de Malaca, em frente desta Cidade.

Livre Sequeira, bem que assás turbado,
Do enganoso, e atrevido pensamento,
Eis vê da Armada imiga o mar coalhado,
Que a demandar o vinha, em pôppa o vento;
Vio que Serrão tambem vinha accossado
De imigos Calaluzes, e o violento
Estrondo na alterada terra ouvia,
Que mais cada momento, e mais crescia.

Manda nos Bateis logo embarcar Gente,
Que soccorra Serrão, em terra invista;

Digitized by Google

E c'o valor, que pede o mal presente,
A' furia, e rigor barbaro resista.
Athe salvar alguns, que da insolente
Turba fugindo, peleijando á vista
Da Armada andavam, dilatando a morte,
Ou da prisão a miseravel sorte.

E como no perigo repentino
O costumado accordo não fallesce,
Invocando com fé o favor divino
Rosto á Fortuna faz, que se offerece;
Manda ancoras levar, intento dino
Do heroico peito, que em valor floresce,
E contra a numerosa armada move,
Porque de ira tão justa o rigor prove.

Em breve a tiro de canhão chegando,
O estrondo começou fero, e tremendo,
Mortes a Artilharia vomitando,
Que invisiveis os ares vam rompendo;
Sobem nuvens de fumo, o ar turbando,
E a clara luz do Sol escurecendo,
A confusão medonha se accrescenta,
Que ali a do eterno escuro representa.

Ouve-se mil gemidos lastimosos
Dos que miseramente pereciam,
Dos Lenhos os encontros rigorosos,
Que, investindo hum com outro, se rompiam,
Mil Vulcões fulminantes, e espantosos
Por entre o negro fumo appareciam,
Bem como quando Jupiter irado
Com feros raios fende o ar turbado.

No rigor duro da batalha o vento
Levanta o fumo, descobrindo o estrago,
Do inimigo, e o Sol sanguinolento
Vê de mortos coberto o immenso lago.
Succede logo ao Mouro atrevimento
Covardia, e terror, com justo pago,
Do conflicto fugindo, se apartaram,
Os que soberbos no conflicto entraram.

Digitized by Google

Dam fogo logo, mas com vão effeito,
Da Terra á Artilharia muita, e grossa,
Que pouco lhe valera, si respeito
Sequeira não tivera á prisão nossa.
Refrêa-lhe o furor, e ira no peito
Entender que alcançar aos presos possa
Por pacificos meios liberdade,
E a deitar ferro torna ante a Cidade.

Digam os que tem tido a desaventura de assistir a uma peleja naval, si não estão reunidos, e inergicamente expressos nestas poucas Estanças os principaes traços de tão horrivel scena! As nuvens de fumo, que se levanta em turbilhões, e escurece os ares, as lumeradas que rompem ondeando por entre ellas, o rebombo estrondoso das explusões, o choque das embarcações, que se abalroam, e despedaçam umas contra as outras, a celeuma dos marinheiros, e os gritos dos feridos, e moribundos, e depois o vento, que dissipando a fumaçada descobre o estrago dos navios, e os cadaveres boiando sobre as ondas! E logo a fugida dos Mouros, e a artilharia da cidade disparando-se toda para proteger a sua entrada no Porto: em qual dos nossos Epicos se encontrará semilhante poesia, si não fôr em Camões?

Vêjamos agora com que calor, e força o Poeta nos faz vêr a primeira investida dada a Malaca, queimando primeiro as embarcações Guzarates, que defendiam a entrada do porto.

Arrancam todos com clamor horrendo
Ferindo os ares, e c'os remos duros
As ondas alteradas revolvendo,
Espuma levantando, e cristaes puros.
Gritam tambem os inimigos, vendo
De improviso o rebate, mal seguros,
Nas concavas cavernas repetiam
Mil echos tudo, e tudo confundiam.

Qual sohe, tocando a fogo na noite alta,
Que em casa cada qual ter imagina,
Correr a Gente, que da cama salta,

Digitized by Google

Athe que a parte, que se abrasa, atina.
Tal no mar, e na terra sobresalta
O estrondo, e a vozeria repentina;
Os de Luso entre tanto o mar cortavam,
E por chegar os remos apertavam.

Comparação pictoresca, cuja idéa o author não deveu a nenhum dos Poetas, que o precederam.

Chegados á distancia, que podia
Fazer effeito, o emprego rigoroso
Nas inimigas Naus da Artilharia,
Fogo ao salitre dam, que arde espantoso,
Nos ardentes pelouros morte fria
Se involve, e lógo se ergue um lastimoso
Som confuso de gritos, e gemidos
Dos que morrendo estão, e dos feridos.

Bravos os inimigos responderam,
Tambem a artilharia disparando,
E chegando a abordar, os receberam
Pedras, fundas, e dardos mil tirando.
Cubertos dos escudos, remetteram
Os fortes Portuguezes; e pegando
Em varias partes fogo, n'hum momento
Sobem chammas, e fumo pelo vento.

Entrou o medo, confusão, e espanto
Nos Guzarates miseros, cercados
De fogo, e fumo; hum lastimoso pranto
Aos ares levantando acobardados;
Vendo seu fim, alguns em rigor tanto
De outro remedio já desesperados,
Saltam por entre as chammas accendidas
Procurando no mar salvar as vidas.

Mas já tambem no mar a imiga sorte
Lhes tinha apparelhado morte dura;
Acabam nelle ás mãos da Gente forte,
Que a ferina traição vingar procura;
Presa os imigos já da justa morte,

Digitized by Google

Dam-lhes o mar, e fogo sepultura;
Movem contra a Cidade os vencedores,
Querendo executar novos rigores.

Bem como o bravo Touro, magoado
Do farpão duro, segue o que o ferira,
E apenas morto deixa o Moço ousado,
Quando outro logo segue ardendo em ira:
Tal Affonso iracundo, e indignado
Traz de hum castigo a dar já outro aspira:
Com a Cidade bellicosa cerra,
Fazendo a ferro, e fogo dura guerra.

Em seu ser o maior influxo estava,
E aos Edificios, em que o mar batia,
Desde os bateis c'o fogo se alcançava,
Que em balcões, e janellas se accendia:
O sopro Boreal, que respirava,
A' chamma forças dava, que sobia,
Ameaçando o Ceo pontas vibrantes,
Imitadoras vãas dos vãos Gigantes.

O forte Lima foi o que primeiro
Huma casa accendeu com mão ousada,
Descendo sobre o invicto Cavalleiro
Tiros, que a Pagãa turba arroja irada:
Teixeira, por amor aventureiro,
O fogo n'huma mão, e n'outra a espada,
Com pesar do inimigo, e vilipendio,
Fez n'outra casa rigoroso incendio.

O Poeta chama aqui Pagãos aos Malaios, denominação que lhe não pertence, porque sam Mahometanos, e só verdadeiramente por aquelle epitheto se designa os Idolatras; mas tem a seu favor o exemplo dos Poetas Italianos, e de muitos dos nossos, que abusivamente denominaram assim os Mouros; mas esta pratica não deixa por isso de ser tão impropria como seria chamar Hereges aos Judeos.

Abreu, Silva, Miranda, hum, e outro Andrade,
A foz do estreito Rio atravessaram;

Digitized by Google

E de tiros formando tempestade,
Sahida á Armada barbara estorvaram.
Os mais, correndo ao longo da Cidade,
Mil ao fogo Edificios entregaram,
Entre os primeiros vai Jorge Botelho,
Em larga idade de valor espelho.

Coutinho, cujo peito generoso
Aos maiores perigos se inclinava,
Com alguns salta em terra, e espantoso
Parece que arruinar tudo ameaçava;
Huma gran Casa vê, que numeroso
Esquadrão de inimigos amparava,
Iroso raio, os accomette, e offende,
E o soberbo Edificio em fogo accende.

Estavam nesta casa apercebidos
Das armadas Reaes os bastimentos;
Enxarxias, munições, com os fundidos
Por Vulcano Mavorcios instrumentos;
Cresceu a voraz chamma, e recolhidos
Os fortes Portuguezes, pelos ventos
Vôa a Casa em pedaços dividida
Pelo furor da polvora accendida.

Os miseros Malaios, quando viram
Tão espantosa, e subita ruina,
Todos de hum medo frio se cobriram,
Solicitando o que o vil medo ensina.
El-Rei de Pan, e o Principe acodiram
A' aquelle estrondo horrivel, e com dina
Reprensão os animam, a que virem,
E á vingança do grande estrago aspirem.

Pôde a vergonha tanto, e Real respeito,
Que tornam animosos á defensa,
E com mil tiros, de mortal effeito,
Fazem á Portugueza Gente offensa,
Mas como o fogo já de teito, a teito
Vai correndo veloz com furia immensa,

Digitized by Google

A que parte acodissem não sabiam,
Que tudo involto em morte, e chammas viam.

Em tanta confusão, em tanto damno
Tenros Meninos, timidas Donzellas,
Imbelles Velhos com interno espanto,
E gritos altos ferem as Estrellas;
E correndo á Mesquita em triste pranto
Envoltas rogativas, e querellas,
Mil votos liberaes offereceram,
Que sendo a Deoses vãos, nada valeram.

Eis-aqui uma imitação de Homero, sem com tudo se copiarem os versos da Iliada, assim como naquelle Poema em quanto os Troyanos combatem com os Gregos, suas Esposas, Mãis, e Filhas se dirigem chorando ao templo de Minerva, e offerecendo-lhe um rico Peplo, procuram desarmar sua ira contra Troya; aqui em quanto Malaca é atacada, e combatida pelos Lusitanos, as mulheres, velhos, e meninos correm á Mesquita, para implorar com lagrimas, preces, e votos a protecção do Ceo: a semilhança é completa, quanto á idéa fundamental, pôsto que as accessorias difiram.

A derribada Troya, quando ardia,
E Roma ao natural representava
O incendio fero; e a turba, que temia
Chega lá onde o Rey turbado estava.
Entre o Povo confuso Damur hia,
Que por Santo Malaca venerava,
Porque devoto Peregrino fôra
A tumba visitar, que o Mouro adora.

Os Muslimes, ou Musulmanos, appellidam *Agibes*, e tem por santos, todos aquelles, que tem feito a perigrinação de Meca, para orar sobre o sepulchro de Mafoma. Todo o Mahometono é obrigado a fazer esta perigrinação, ao menos uma vez na vida. A maior parte destes Romeiros dirigem-se ao Cairo, donde partem, em grandes caravanas, que atravessam o deserto da Arabia, com grandes fadigas, sendo muitos os, que morrem de cançasso, e de

Digitized by Google

sêde antes de chegarem a Meca, e ao voltar de lá. O caminho das Caravanas fica marcado no deserto com os cadaveres, que ellas vam abandonando. Estas romagens sam uma fonte de riqueza para a Meca, e para o Cairo.

Tantum religio potuit suadere malorum!

Vendo este o Rey turbado, assim o reprende:
« Não te dóem (disse) de Malaca os damnos?
« Que mais teu duro coração pertende,
« Que vêr do Ceo tão claros desenganos?
« Barbaro fogo esta Cidade accende,
« Que assombro foi do Mundo tantos annos,
« O Ceo o quer assi, que não houvera
« Quem contra seu Decreto se atrevera.

« Não soffre o Ceo, que tenhas por captivos
« Homens, a quem fizeste guerra injusta,
« A damnos te aventuras excessivos,
« Além dos muitos, que a teu Reyno custa,
« Abranda, oh Rey, os peitos vingativos,
« Dá-lhes os que dam causa á guerra justa,
« Que não será julgado por fraqueza,
« Pois vencer paixão propria é fortaleza. »

Estas palavras, ou necessidade,
Que a tudo obriga, ao duro Rey mudaram
O peito, e disposeram a vontade,
Que a dispôr fortes casos não bastaram.
Dar manda logo aos Presos liberdade,
Que delle, póde ser, não alcançaram,
Si o esperado soccorro lhe chegára
Antes que a guerra Affonso começara.

Em tanto em bellicosa competencia
Comettiam façanhas espantosas
Os de Luso, e já tarde a resistencia
Era vãa contra as forças victoriosas,
Crescendo hia das chammas a violencia,
As Torres consummindo mais famosas,
Por entre o fogo, e fumo andava a Morte,
Ministra da ira d'Alboquerque forte.

Digitized by Google

Andava o Capitão destro e valente,
Pelo mar decorrendo a toda a parte,
Solicito acodindo, e diligente
C'o valor grande accompanhando a Arte;
E em quanto á forte, e victoriosa gente
Favor Vulcano dá, Neptuno, e Marte;
Eis vê sahir de mães tão esquivos,
Como triumphando, livres os captivos.

Qual nas Albaneas Serras Leão iroso,
De quem fôra o Monteiro perseguido,
Que os filhos lhe levava, e temeroso
Soltára, por se vêr delle seguido:
Vendo-os livres, se esquece generoso
Da dôr, que tanto o tinha embravecido,
Alegrar-se com elles só procura,
E do Monteiro timido não cura.

Tal o Varão insigne ante si vendo,
Os que em logar de filhos estimava,
A concebida cholera perdendo,
De se alegrar com elles só tractava:
Das armas cessar manda o estrondo horrendo,
Em signal da alegria, que gozava,
E por honra dos Hospedes o dia
Em festas passa ao som da Artilheria.

Parece-me que o Author não podia terminar melhor este bello, e variado quadro, que, com a excellente comparação que acabamos de transcrever.

Seria necessario transcrever todo o Canto IX. para mostrar como Francisco de Sá de Menezes no quadro de uma batalha terrestre sabe com admiravel facilidade apresentar differentes acontecimentos, variar os grupos, e destacar das massas, á maneira de Homero, os heroes de ambos os partidos, empenha-los em duéles uns contra os outros, confundi-los logo nos choques dos batalhões cerrados, tornar a destaca-los delles, e variar ao infinito os estragos, as mortes, os ferimentos; observando sempre o caracter distinctivo de cada inimigo, e o colorido local. Não deixarei por tanto de citar as oitavas deste Canto, que mais proprias me pareceram, para provar o que levo dito.

Digitized by Google

Porém Carol, Ragois com Ariavo
Fazem com feros golpes respeitar-se;
E sobre todos o soberbo, e bravo
Solimão procurava avantajar-se.
Garcia, que da Fama a eterno gavo
Aspira, vendo o tempo de mostrar-se
A' tranqueira, que lhe era impedimento,
Generoso se chega, si violento.

As mãos robustas deita ás estacadas,
E traz gran parte dellas com ruina;
Treme o Malaio, vendo-as derribadas,
E vencedor o Luso si imagina.
Em tanto o Sá famoso despresadas
As inimigas armas, determina,
Rompendo pelos barbaros guerreiros,
Abrir largo caminho aos companheiros.

Garcia de Sá era da familia do Poeta, e foi depois Governador Geral, ou Vice-Rei da India, e Pai daquella D. Leonor de Sá, que desposou Manoel de Sousa de Sepulveda, Senhora que passava pela primeira formosura da India, e que hoje é ainda mais celebre pelo seu naufragio na Terra de Natal, e sua desgraçada morte nos arêaes de Africa, com seus trez filhinhos, e Esposo. Jeronymo Côrte Real, casado com uma prima de D. Leonor, lhe consagrou o Poema de que fizemos mensão no Capitulo I. pertencente a este Poeta.

O Poeta faz, que o seu parente Garcia de Sá execute na Malaca Conquistada, o mesmo papel, que Achyles representa na Iliada, e Rinaldo na Jerusalem Libertada. E' elle o mais bello, o mais moço, e o mais intrepido dos Cavalleiros Portuguezes, e sem cuja cooperação a Providencia não permitte, que a empreza se remate. Desculpemos-lhe esta vaidade, ou demasiado amor pela sua familia.

Mas qual nas officinas de Vulcano
A çafra cercam os Ministros duros,
Quando para o Tonante Soberano
Os raios formam de Elementos puros,
Tal elles, por chegar ao extremo damno,

Digitized by Google

Aquelle, de que estavam mal seguros,
Bravos, quanto iracundos, o cercavam,
E nelle golpes mil reciprocavam.

Elle qual já nos Callidonios montes
Das inimigas armas não curava
O monstruoso Javali, que as fontes,
Caminhos, campos, valles infestava,
Dos inimigos as altivas frontes,
E contrapostas armas despresava,
Já destes se repara, a aquelles tira,
Segundo o move o Acaso, ou leva a Ira.

Tirou-lhe com a maça, semilhante
A' do Thebano, Ariavo hum golpe feio,
Que bem a derribar fôra bastante
O robusto do Ceo seguro esteio:
Porém o Cavalleiro vigilante
Se desvia, e ficou Carol no meio,
Que ali lhe tinha limitado a sorte
O fim da vida em desastrada morte.

Do golpe horrendo, em partes mil desfeito,
Faz com sangue o Pagão a terra imparo,
Ao tempo que Garcia abrio no peito
Do soberbo Ariavo fonte escura.
Passado o golpe, que trocado o effeito
Teve no intento, já que a maça dura
Tornava a levantar, a aguda espada
Sahida abrio á vida, á morte entrada.

Cahe o feroz pela cruel ferida
Sanguinolento rio derramando;
E o fero Solimão, a espada erguida,
Sobre Garcia vai, fogo brotando.
Baixava o ferro agudo, que homecida
Fôra do forte incauto, si imitando
O destro Mello a Clito, não chegára,
Que no seguro escudo lho repára.

Sobira apoz Garcia o forte Mello;
E assim reparar pôde o claro amigo,

Digitized by Google

Travando ferocissimo duello
Com o soberbo quanto forte imigo;
Cuidou o Serraceno desfaze-lo
Estreitando-o nos braços; mas antigo
Carvalho não está, nem Sobro duro,
Como o Guerreiro se mostrou, seguro.

Hum breve espaço forcejando andaram,
As forças apurando por render-se,
Athe que mais irosos se largaram,
Por tornar co'as espadas a offender-se:
Porém outros successos estorvaram
O tornar, por então, a combater-se,
Entrando com gran furia os que subiam,
A quem mal os Malaios resistiam.

Corre Mello nos barbaros ferindo:
Por onde passa mata, tronca, fende:
E o bravo Solimão, só resistindo,
A Christãa multidão deter pertende.
Decepa hum braço a Arthur, e dividindo
A cabeça a Leonel em terra o estende.
Mas, carregando tantos, foi forçoso
Seguir os seus, porém mais vagaroso.

Duvido muito que no tempo da Conquista de Malaca houvesse um Portuguez chamado Arthur; hoje que a Anglomania tem feito tantos progressos neste Paiz Classico da imitação, ainda é mui raro encontrar alguem com este nome.

Tal dos Monteiros duros acossado,
O Leão generoso se retira,
Porque a vista da morte ao esforçado
Pôsto que dê temor, valor não tira.
Em tanto com Detaide embaraçado
O forte Affonso esteve; e dali inspira
Valor nos seus co'a vista, e claros feitos,
E temor frio nos Malaios peitos.

Com o Lequio Cambir Leão se affronta,
E Castel-branco c'o Borneo Malano,

Digitized by Google

Que então cerrava a irrevocavel conta,
Dos breves dias do vital engano:
Por junto ao paladar a aguda ponta
Entra, e o passo lhe abre a eterno damno;
Sahe rosicler fervente em grossa vêa,
E cahe de bruços na sanguinea arêa.

Este, ao partir-se da querida Esposa,
O tornar victorioso lhe assegura,
Porém ella affligida, e lacrimosa
Não fia de esperanças na ventura,
Parte elle em fim, deixando-a receiosa:
E quanto o ama mais, menos segura;
Que o coração persago adivinhava,
Do amado Esposo a perda, que chorava.

Outra imitação de Homero, e de Virgilio; estas curtas digressões sentimentaes amenisam o horror do quadro terrivel de uma batalha, alliviam o espirito do Leitor, chamando-o, quando menos o espera, a sentimentos ternos, e sam a mais evidente prova do talento Epico do Poeta.

No mesmo ponto entrou pela outra parte
Da ponte Bathurel com nova Gente,
E Bandão com hum raro esforço, e arte,
Voltava, junto hum Esquadrão valente;
Vê Affonso o perigo, e manda parte
Da Lusitana Esquadra em continente
Com Pereira, e Abreo, porque deitassem
Da ponte a Bathurel, e a segurassem.

Elles, de assignalar-se desejosos,
Como dous feros raios fulminantes
Abrem pelos imigos, que furiosos
Victoria se promettem de arrogantes;
Haraspe c'os Pegús, pouco ditosos,
Soccorre a Bathurel; mas semilhantes
Foram ali os dous na mortal sorte,
Bem que em varias feridas, varia a Morte.

A bocca Bathurel, gritando, abria,
Culpando, e reprendendo seus Soldados,

Digitized by Google

Quando a lança, que em morte se involvia,
De Abreo, por ella entrou truncando os brados.
Cahe o feroz, rendido á Morte fria,
Os olhos retorcendo inda indignados;
Dar-lhe vingança Haraspe bem quizera,
Mas de Pereira o atalha a espada fera.

Desce a talhante espada, e dividida
Deixa a fronte suberba, e chega aos dentes;
Cahe o Barbaro forte, já sem vida,
E a rebelde alma nas regiões ardentes.
Mortos os Capitães, logo perdida
A braveza dos mais, poucos valentes,
Salvar sómente as vidas procuravam,
E ao rio por mais preça alguns saltavam.

C'os Guzarates Abdalá soccorre,
E aos, que fugindo vam, o medo enfrêa,
Aos golpes inimigos quasi Torre
Excelsa, e firme de mudança alhêa:
O valente Noutel por elle morre,
E entrega Antonio, e Lopo á morte fêa,
Quando hum bote de lança o fiz Terceiro
De Annibal, e Sertorio Companheiro.

Quer dizer o Poeta, que a lança lhe vazou um olho, por que tanto Annibal como Sertorio tinham um olho de menos; parece-me com tudo, que este modo de expressar, além de affectado, é pouco digno da magestade do estylo heroico.

Fica aonde a luz perde dôr intensa,
Os sentidos confusos, e turbados,
Retiraram-no os seus, e em sua defensa
Se mostram offensores denodados.
Os de Luso, que já nem dam licença
Para fugir, os vão seguindo ousados,
Pelas ruas, que Marte poz de sorte,
Que já as inunda o sangue, e occupa a Morte.

Coutinho nesse tempo se affrontava
Com Batrão, e na briga perigosa

Digitized by Google

Mal ferido o Pagão mais se indignava,
E mais furia ministra á dextra irosa;
Porém Bandão, que a peleijar tornava
Remetteo por seu mal, que a rigorosa
Espada, que a Batrão ferira o peito,
Mais rigoroso nelle faz effeito.

Passa o fio subtil pela garganta,
E do alento vital corta o caminho,
Cahe elle em fim, qual decepada Planta,
E deixa a alma suberba o ninho antigo.
Clamor barbaro logo se levanta,
Chovendo tiros mil sobre Coutinho,
E muitos, a quem furia tanta alcança,
Foram do morto General vingança.

Mas Botelho, Alpoim, Silva, Caldeira,
Pessoa, e Castel-branco rebateram
As fileiras Malaias de maneira,
Que em desordem cobarde se poseram.
Em tanto Solimão a ira primeira
Invencivel sustenta. Não poderam
Os encontros fazer de tanto imigo,
Que não se exponha intrepido ao perigo.

Não se repara o Barbaro; só tracta
De ferir, a infinitos dando morte;
Ao valente Gastão de hum golpe mata,
Que ousado quiz provar com elle a sorte.
A Macedo apoz este a alma desata,
Passando-lhe de ponta hum peito forte,
Que em Milão sabio artifice forjára,
E em planetarias horas temperára.

Com furia tanta a espada atraz rodêa,
Que se faz respeitar dos que o seguiam,
E já a vergonha aos seus o medo enfrêa,
Tornando a soccorre-lo, os que fugiam.
Gritando, elle os anima, e se recrêa
Nos de Luso matando, que perdiam

Digitized by Google

O campo. Oh quantas vidas acabára,
Si o Ceo ali a Garcia não levára.

Vinha o famoso Sá de sangue alheio
O Valor, como as armas, matizando,
Aos que irado seguia horrendo, e feio,
A quem o segue heroico exemplo dando:
Os inimigos com igual receio
Delle fugiam, qual costuma o bando
Das leves Pombas, da Aguia caudalosa,
Que ligeira as persegue, e rigorosa.

Conhece o Turco fero o Varão forte,
Todos por elle deixa, e só deseja
Nelle vingar do grande Ariavo a morte,
E soberbo o chamou assi á peleja.
« Já me não poderá tirar a sorte,
« Que o Mundo ás minhas mãos morrer te vêja,
« Espera, ou foge, que de qualquer arte
« De mim não poderás hoje escáparte. »

A's vãas palavras, que levava o vento,
Não responde o Guerreiro valoroso,
Mas, do escudo coberto, ao mais violento
Encontro corre intrepido, espantoso:
Com duros golpes o furioso intento
Cada qual delles executa iroso,
Ora usam d'arte, e ora os leva a furia,
Tractando sempre de fazer-se injuria.

Hum altabaixo horrendo o Pagão tira,
Que o Christão Cavalleiro lhe rebate,
E de ponta responde, pondo a mira
Lá onde o coração pulsando bate;
Deo-lhe o Pagão o escudo, e cégo de ira
Cuidando rematar o cruel combate
Outra ponta lhe tira, mas errada
Passou por entre o peito, e o braço a espada.

Chegaram a juntar peito com peito:
Já do furioso encontro a gloria fiam,

Digitized by Google

Aos fortes braços, já do laço estreito
A ferir-se de novo, se desviam.
Mas a tanto furor tirou o effeito
Bellicosa ambição dos que corriam,
Por offender tambem o Pagão forte,
Parte querendo, em vão, na grande morte.

Garcia o não consente, e iroso grita,
Que o deixem co'elle só, e o ajudára,
Tanto o vêr tantos contra hum o irrita,
Si imputar-se-lhe a culpa, não cuidára.
Mas no rigor, que o imigo necessita,
Si golpe tira algum, d'outro o repára,
Nem o Pagão, que o cortez acto entende,
Já lhe tira, nem delle se defende.

Viegas, Araujo, e os Companheiros
Dos passados aggravos incitados,
Em tudo querem ser sempre os primeiros,
Vingativos, ferozes, indignados.
Reforçado Esquadrão de Jáos guerreiros,
The então a vencer acostumados,
Ao encontro lhe sahiu; porém já a sorte
Hums guiava á Victoria, outros á Morte.

Feroz o encontro foi, dura a porfia,
E estar mostrava o caso duvidoso,
Athe que dos de Luso a alta valia
Pelo Esquadrão rompeo dos Jáos famoso.
Não que perdesse o Jáo a valentia
Hum só ponto do antigo ser brioso,
Que das lanças passados caminhavam
E, morrendo, vingar-se procuravam.

No mesmo tempo Lima, que invencivel
Os imigos levára de corrida,
Achou diante o Principe terrivel
Com a Gente mais brava, e mais lusida.
Salva-se Rostucão contra o possivel,
Que já nas mãos da morte tinha a vida.

Digitized by Google

A batalha mais fera se renova,
Fazendo cada qual heroica prova.

El-Rey de Pan, com quem não foi avaro
Amor, ferio tambem na Christãa Gente,
A tempo que chegou, com valor raro,
Geinal, de não vir antes descontente.
Não lhe soffreo o espirito preclaro
Estar da guerra, vendo a guerra, ausente;
Sentido de que Affonso se excusasse,
E segui-lo na gloria o não deixasse.

Elle o Competidor odioso vendo,
O sangue se lhe altera, a furia cresce,
Move contra elle em fim bravo, e tremendo
Qual o raio, que d'alta nuvem desce.
Vôando o Rey áquelle estrondo horrendo,
Repentino temor em si conhece;
Mas logo, de si mesmo envergonhado,
O inimigo feroz espera ousado.

A ferir-se começam com bravèza,
Mas fez-se conhecer, em brève espaço,
De Geinal o valor, força, e destreza,
E El-Rey de Pan se vio no extremo passo.
Acodiram-lhe os seus nesta estreiteza,
Tendo já feito atraz hum, e outro passo
Chamando-o vai Geinal, e o vai seguindo,
Pelos imigos larga estrada abrindo.

« Não fujas (disse) que o fugir da Morte
« He vão, si ao fatal limite chegaste,
« Sê para me tirar a vida forte,
« Pois o melhor da vida me tiraste;
« Não desmereças por cobarde a sorte
« Ditosa, que eu perdi, e tu alcançaste,
« Mas foge, que pois tens ditosa Estrella,
« Conserva a vida para gozar della. »

Taes palavras Geinal ao vento dava,
Porque o Rey assombrado o não ouvia,

Digitized by Google

E de se pôr em salvo só tractava,
Vencido já o valor da cobardia.
Aladim, que de nada se assombrava,
Bravo os seus animava, e defendia;
Corta hum braço a Rodrigo; e a Mathias
Antecipou o fim dos vitaes dias.

Porém Dom João de Sousa, que matança
Igual fazendo vinha nos Malaios,
Os olhos nelle pondo, se abalança,
E tal si acaso dous ardentes raios,
Dos que costumam dar ao Ceo vingança,
Nos ares se mostrassem, que desmaios
Mortaes aos mortaes causam, tal irosos
Violentos se encontram, e espantosos.

Pesados golpes com furor se tiram,
E com igual destreza se reparam;
Nunca taes dous de Cadmo os campos viram,
Nem os onde Asia, e Europa trabalharam.
Logo de ambas as partes acodiram,
E de modo hums, e outros se ajuntaram,
Que lhes foi necessario dividir-se,
E atraz tornaram por poder ferir-se.

Porém não torna atraz o heroico Luso,
Antes persegue mais o imigo bando,
No já sem ordem Esquadrão confuso
Hum numero infinito derribando.
Tal como os Lavradores tem por uso
A seu tempo as Searas hir segando,
Ou no monte cortar a espessa brenha
Por dar depois ao fogo a secca lenha.

Assim derribam na Agarena turba,
Que a vil fugida por remedio escolhe,
Brama iroso Aladim, e a vista turba
A cholera, o furor, que a alma recolhe:
Geme, grita, ameaça, e não perturba
Do medo a sombra o coração, nem tolhe

Digitized by Google

A Fortuna, que irada se lhe mostra,
Dar de heroico valor heroica mostra.

De traz de todos por escudo fica,
Ora offender procura, ora repara,
Não foge, não, que o seu valor implica,
Mas c'os seus se retira, a quem ampara.
Porém em vão aqui, e ali se applica,
E sem dúvida a vida ali deixára,
Si então Detaide, e El-Rey não soccorreram,
Que dos de Luso a furia detiveram.

Sobre hum grande Elephante guarnecido
De rico arreio de ouro, e seda, obrado
Lá na rica Ceilão, tinha subido
O Velho Rey, de forte arnez armado,
A pé Detaide o segue, do lusido
Esquadrão dos Darus acompanhado:
Dous Elephantes diante delle vinham,
Que dous Castellos sobre si sustinham.

Trez, a quem chamam Naires domadores,
As adestradas Feras lhe regiam,
E das machinas destros tiradores
Dardos, e hervadas frechas despediam.
Horrendos gritos, bellicos clamores,
Rompendo os ares, the ao Ceo subiam,
Chegam pois a ferir, mas brevemente
Victoria conseguio a Christãa Gente.

Em quanto faz Geinal, e Aladim rosto,
Paiva, Miranda, Lima, Jaime, Andrade,
Comettem com heroico presuppôsto,
Dos fortes Brutos a ferocidade,
Foi o ferro nos dous primeiro pôsto,
Que com a natural bravosidade,
E das feridas grande sentimento
Bramidos deram ao turbado vento.

Os Naires, a que hum tempo obedeceram,
Nas trombas retorcidas abraçaram,

Digitized by Google

E logo c'o furor, que concebêram,
Meios mortos, de si longe os deitaram;
Com isto contra os seus á volta deram,
Matam muitos, os mais desordenaram,
Derribando a Detaide mal ferido,
Que quasi falto esteve de sentido.

Neste trecho, não pequeno, e energicamente escripto, tem passado diante de nossos olhos uma multidão de lances variados, em que figuram differentes Actores sem confusão, e sem se impeçerem: a alternativa de successos prosperos, e infelizes já para um, já para outro partido, conservam suspenso o espirito do Leitor sem saber para que lado penderá a victoria, e assim se excita a sua curiosidade, e interesse: além disso não se esquece o Poeta de animar os seus quadros com o colorido local, apresentando o uso, que no Oriente fazem dos Elephantes na guerra, já fazendo-os carregar com torres cheias de gente armada, já fazendo-os combater com espadas ligadas ás trombas, como se vê em outro Canto, já mostrando os inconvenientes deste uso, pois muitas vezes aquelles animaes sendo feridos, exasperados com a dôr despedaçam os seus guias, e voltando, derribam, e desordenam as fileiras, dos que os trazem na sua frente, ajudando assim os inimigos a destroça-los: em nenhum outro dos nossos Epicos se acham mencionadas estas circumstancias locaes.

Francisco de Sá tem igualmente muito cuidado em aproveitar, revestindo-as da magia do estylo poetico, as tradições, e crença do Oriente; assim o pratica, por exemplo, com a persuasão vulgar na India, de que na Serra Jáoa existe um animal cuja costella esquerda tem a propriedade de impedir a sahida do sangue, por mais feridas, que se abram no corpo.

No IV. Canto, narra o Poeta que, Ayres Pereira abordando um navio, nelle combate longo tempo com um Mouro, até que vem abraços com elle.

Pereira, em suas forças confiado,
C'o Agareno se abraça; e de tal sorte
Nos braços o apertou no ar levantado,
Que o espirito render-lhe fez á morte.

Digitized by Google

O corpolento Antheo assi apertado
Nos braços acabou de Hercules forte,
Porque forças da May não recebesse,
E as recebidas ultimas perdesse.

Do corpo despedida a alma indignada
Pela porta desceo da pena, e pranto,
A'quella escura, e misera morada,
Que athe no pensamento causa espanto.
Dos valentes Soldados foi entrada
A defendida Embarcação em tanto,
E, captivos alguns dos defensores
Depois de obras em armas superiores.

Alcançada a victoria, extincta a ira,
Saber o Cavalleiro desejava
Quem fôra o forte Barbaro, em quem víra
Tanto valor, que morto inda invejava.
Feridas mil lhe vê, e mais se admira
De que nenhuma sangue derramava,
Em fim pergunta o que lhe causa espanto
A hum Velho, que lhas lava com seu pranto.

« Força (diz elle) de cruel destino
« Em vão com varios meios resistida,
« Foi guiando a essa morte de continuo
« Esse, que a vossas mãos perdeu a vida.
« Querer fugir ao Fado he desatino,
« E sam mui poucos os que tem unida
« A razão á vontade; e entre cento
« Domina os Astros hum c'o pensamento.

Eis aqui temos uma allusão ao Dogma da Fatalidade, tão celebre em todas as religiões do Oriente, e muito mais no Islamismo; note-se o artificio com que o Author o traz aqui, não como rasgo de erudição, mas insensivelmente, e como um modo de expressar do Sarraceno, intimamente convencido delle, é isto o que se chama fundir a erudição na poesia, segredo com que mui raros Poetas acertam.

Digitized by Google

« Seu bom Progenitor no rigoroso
» Ponto, antes de espirar, a mim o entrega;
» Estimei o penhor pouco ditoso,
» Porque a minha desdita o bem lhe nega.
» Servo, si bem no amor Pay cuidadoso,
» Fiz quanto a diligencia humana chega,
» Por elle a varias partes navegando,
» Oraculos, e Magos consultando.

» De hum monte de Ceilão na excelsa alteza,
» Desde antigas idades venerada,
» Onde hum penedo na horrida aspereza
» Conserva de hum Varão Santo a pégada,
» De Sciencia rico, amante da pobreza,
» O Adivinho Larnão teve morada,
» Busca-lo fui, que amor he todo excessos,
» Por saber delle o fim, vida, e successos.

» Já que a meu rogo levantou figura,
» Deixou incerta assim minha esperança
» Com valor grande, si em secreto dura;
» Dará reinando a seu maior vingança;
» Mas corta Astro infeliz esta ventura;
» Sua vida estará posta em balança,
» Mas si lhe fôr contraria em tudo a sorte,
» Eterna fama o livrará da morte.

» Dali passei lá onde o grande Rio
» Mecón em gruta escura respondia;
» Propuz-lhe o meu desejo, ou desvario,
» E co'a resposta assi me desconfia:
— Cortará ao forte Moço o vital fio
— Hum que virá lá donde acaba o Dia. —
» Eu doudo então co'a dôr, d'amor levado,
» Quiz estorvar o que ordenava o Fado.

» No mais inculto da fragosa Serra
» De Jáoa Animal fero, e raro habita,
» Que virtude n'hum osso tanta encerra
» Que, Rémorá do sangue, a d'agoa imita.
» Fiz-lhe, alho o alcançar, e aos montes guerra.

Digitized by Google

» Que amor todo o trabalho facilita,
» Cuidando assegurar com elle a vida,
» De mim guardada em vão, delle offrecida.

» A esquerda Costa do animal precioso,
» Abrindo-o vivo, lhe arranquei do peito;
» Della a manilha fiz, que o valoroso
» Braço rodeia, e tem o sangue estreito.
» Felice Caçador, mas desditoso
» Em conseguir do meu intento o effeito;
» Que á minha diligencia que lhe importa
» Fechar o sangue, aberta á morte a porta?

» Deitou ferro em Malaca o Luso Bando,
» E o Vate de Mecon trouxe á lembrança:
» Temi, fero homecida imaginando,
» E anticipar-me quiz cégo á vingança.
» Tanto pedindo fiz, e aconselhando,
» Que em parte consegui minha esperança
» Com mortes, e prisões de alguns dos vossos,
» Que custaram tambem muitas dos nossos.

» E para que melhor do caso informe,
» Sabei, que foi o gran Nahodá Beguêa
» Esse a que Morte fez tanto disforme,
» E em fórma vendo estaes horrida, e fêa.
» Si fôra o Fado a seu valor conforme,
» Malaca, que inda delle se arrecêa,
» Sua fôra, atalhando immenso damno,
» Livrára a amada Patria de hum Tyranno.

» Que esse infelice, a quem Estrella dura
» Ordenou males do remedio fóra,
» Descendia do Rey de Sincapura
» Morto pelo traidor Paramissôra.
» Por reinar justamente se aventura,
» O peito illustre em quem o valor mora,
» E devia vingar seu Ascendente
» No do Traidor Tyranno descendente.

» Mas como para effeito do gran caso
» Hera forçoso dar a muitos parte,

Digitized by Google

» Qual se derrama ás vezes, si d'hum vaso
» Algum liquor para outros se reparte,
» Se derrama o segredo antes do prazo,
» Já concertado com industria, e arte,
» Em fim minha esperança destruida;
» Hums perdemos a Patria, outros a vida.

» Deixou hontem Pacem neste navio
» De mim o Varão forte aconselhado,
» Dando com má fortuna ao vento frio
» Vélas, fugindo de Alboquerque irado.
» Torcia a Parca o derradeiro fio,
» E quanto fiz por contrastar o Fado
» Foi apressa-lo mais, que, si porfia,
» A hums cruel arrastra, a outros guia.

» Criei desde o infelice Nascimento
» O que frio Cadayer estaes vendo,
» Porém aqui, Senhor, o sentimento
» Está da Historia o fio interrompendo;
» Nega apressado o soluçar o alento,
» E dos olhos dous rios sahem correndo,
» Não o estranhei, que do esperado fruito
» Já me não fica mais que sentir muito.»

Assim dizendo, caudalosa veia
De soluços, e lagrimas derrama;
E como a vida o misero receia,
A morte pede, e pela morte chama.
Mas Pereira façanha julga feia
Dár a morte a quem só já morrer ama,
E do braço tirar manda a manilha
Do sangue Rémora, alta meravilha.

Tal como no Jardim succede, quando
O secreto registo o Cultor move,
A represada Lympha sahe pulando,
E livre da prisão no tanque chove,
Tal o sangue detido rebentando
Causa espanto, e já a lastima comove,
No instante, em que do braço fóra esteve
A actractiva força, que o deteve.

Digitized by Google

Este é um dos mais bellos episodios da Malaca Conquistada, tão abundante de episodios excellentes, mas vêja-se como o Poeta soube ligar esta historia com o assumpto do Poema, fazendo dizer ao Ayo de Nahodá Reguea, que pelo receio que tinha de que elle fosse morto por um Portuguez fizera todas as diligencias para promover o mortecinio dos Portuguezes, em Malaca, cuja vingança é o motivo da acção! Vêja-se si Francisco de Sá de Menezes tinha, ou não estudado, e comprehendido bem a theoria dos Poemas Epicos! Si sabia ou não reduzir todos os acontecimentos á unidade da Fabula! Vêja-se mais a terna melancholia, o accento da amisade extremosa, e verdadeira, que repassa todo o discurso do Velho Agareno, e dicida-se si os Criticos não tem sido injustos em accusar de fraco de poesia o estylo deste Poema! A comparação de um repuxo que se levanta em um tanque quando se lhe solta o registo, com o sangue a espirrar por todas as feridas do cadaver, quando lhe tiram a manilha do braço, me parece tão formosa, e propria, como original.

Francisco de Sá de Menezes, que nas discripções de combates, mostrou a mais viva, e inergica eloquencia, com a inexhaurivel fecundidade de sua rica imaginação, não se distingue menos no estylo patetico, e linguagem affectuosa, e branda da desgraça, e do amor, para comprova-lo citaremos uma parte do seu episodio de Glaura, que tem sido julgado pelo mais bello, e mais importante do Poema.

No Canto VI. do Poema, o Rei de Malaca convoca um Conselho de naturaes, e estrangeiros, onde se ventila, e discute o modo de destruir os Portuguezes. Um Mago Christão, por nome Etol, natural de Meliapor, é o unico que ousa propôr a paz, profetando, que o contrario seria a ruina de Malaca. Suas razões excitam a indignação de todos, e o Rei manda prende-lo. Nessa noite, por suas artes, escapa da prisão, e em um batel encantado se dirige á Armada Lusitana.

Apresentado a Alboquerque lhe assegura a conquista, e victoria em presença dos Capitães, mas accrescenta, que aquella não póde levar-se ao cabo sem entrar nella um Cavalleiro a quem o Ceo a destina, e que ora se acha em um

Digitized by Google

paiz longiquo, onde as Potencias infernaes o levaram por meio de uma tempestade, e que ali jaz preso de amor, e esquecido da gloria. Este heroe é Garcia de Sá, o ascendente do Poeta, de quem acima fallámos. O Mago se offerece para conduzi-lo á armada, uma vez que haja um Cavalleiro, que o acompanhe; todos se offerecem, mas Affonso d'Albuquerque receiando alguma traição, nega o seu consenso: porém em quanto elle considera, D. João de Sousa, fidalgo valoroso, chamando o Mago de parte, salta com elle no batel, e partem. O Capitão fica abrazado de cholera, e de pesar, mas o caso não tem remedio, por que o batel encantado vôa com tanta rapidez, que dar-lhe caça seria trabalho baldado.

Os dous viajantes passam sem perigo longo tracto de mar, e Sousa embebido na conversação do Mago, que lhe vai narrando as façanhas de muitos heroes Portuguezes, que no futuro tem de militar na India, não dá tino do immenso caminho, que tem precorrido.

De mais Heroes o Sabio lhe tractára
Ornato, e resplendor do mar d'Oriente,
Si delicada voz não lho atalhára,
Que rompeu pelos ares tristemente.
Altera-se o Guerreiro, que julgára
Ser o grito de quem desditas sente,
E perguntar querendo ao Companheiro,
Ouvem segundo grito, ouvem terceiro.

Ouvem logo mais vozes, e gemidos,
Que o silencio da noite interrompiam,
E, entrando ao coração pelos ouvidos,
Mais se chegavam, mais, e mais feriam.
Applica o Sabio attentos os sentidos
A' parte, d'onde, ao parecer, sahiam;
Por entre a escuridão, que o Mundo cobre,
Terra em penhascos altos se descobre.

Ao Guerreiro a mostrou, que com effeito
Piedoso o rogou, que vêr quizesse
Quem com gritos feria o excelso teito,
Que a obrigação pedia lhe valesse.

Digitized by Google

Etol, não menos compassivo o peito,
Onde de seu furor o mar se esquece,
O Lenho guia, e com piedoso salto
A causa buscar vam do sobresalto.

Foram-lhe as vozes lastimosa guia,
E a luz, que a Irmãa do Sol ao Mundo dava,
Que sem nuvens no Ceo resplandecia,
Quem triste às despedia lhe mostrava.
Os de amor laços bellos offendia
Offendida Belleza, que abrandava
Com lagrimas o monte, e as Estrellas
Feriam suas magoas, e querellas.

« Torna (dizia) serás mais piedoso
» Não usando comigo de piedade,
» Executa o mandado rigoroso,
» Si he que intentas guardar fidelidade.
» Com razão teu Senhor verás queixoso,
» E eu com razão te accuso de impiedade,
» Mas que sejas, ordena o Fado duro,
» Cruel comigo, e a teu Senhor prejuro. »

Assim chorava, quando salteada
Se vio de Etol, e do Guerreiro forte;
Vence a natural força, e accobardada
Todo o mal teme, só não teme a morte.
Mas sendo pelos dous assegurada,
Pára, já offerecida a qualquer sorte,
Brandamente a consolam; ella em tanto
De novo torna ao lastimoso pranto.

Sousa se lhe offerece, e juntamente
De seu lamento a causa lhe pergunta,
« Amo, já aborrecida, adoro ausente,
» (Disse ella) co'a esperança hoje defunta,
» E quantas ha no Inferno penas sente
» Meu peito. Contra mim tudo se ajunta:
» Que tanto a ser cruel a sorte chega,
» Que me dá males, e morrer me nega.

Digitized by Google

« Nasci nobre em Sião; nasceu comigo
» Amor, que foi crescendo com a idade,
» Que desde o infeliz berço amei o imigo,
» Que idolatrando adora esta vontade.
» E tambem tenro Infante, quando amigo
» Me hera o Ceo, me rendeu a liberdade
» Esse, que de matar-me tem desejo,
» Por quem vivi, por quem morrer desejo.

» A idade pueril juntos gozámos,
» Bem, que annos juvenis depois negaram;
» Para vêr-nos que traças não achámos,
» Depois que os Pays crueis nos apartaram?
» Quaes sobresaltos, e ancias não provámos,
» Quando dar-me por Dono outro intentaram?
» Athe que Amor, e Fé poderam tanto,
» Que o laço nos ligou de Hymineo santo!

» Em tanto bem, Batrão, que assim se chama
» Meu Consorte enganoso, ou enganado,
» Por valer a Malaca, e ganhar fama,
» Passou o campo azul de naus arado;
« Fiquei, qual fica ausente quem bem ama,
» Quando, (não tinha, cuido, o mar passado,)
» Servo, que por fiel sempre foi tido,
» Torna da parte do cruel querido.

» Na carta, que a message acreditava,
» Morte a ausencia chamava, e me dizia,
» Fingindo, que mostrasse quanto o amava
» Passando o mar, si a vida lhe queria.
» Eu, que só vê-lo sempre desejava,
» Julgai que gosto o meu então seria,
» Vamos, (disse) lá donde a vida tenho;
» E incauta os pés meti no falso lenho.

» Heram os Nautas de região estranha,
» E quem em mim levassem não sabiam:
» Que foi, entendo, cautelosa manha,
» Porque dizer de mim não saberiam.
» Tomaram terra ao pé desta montanha,

Digitized by Google

» Adonde Feras só bramar se ouviam,
» Havia em tudo o mais silencio mudo,
» E cobria a nocturna sombra tudo.

» Com engano me fez saltar em terra,
» Já apartados da praia, e do Navio,
» Do peito o duro intento desencerra
» Tirando a espada com furioso brio,
» Dizendo: Bem que julgue indigna guerra,
» E truncar sinta de tua vida o fio;
» Perdôa, Glaura, mando-he rigoroso
» De meu Senhor, e teu marido iroso.

» Eu quasi morta, misera tremendo,
» A causa perguntei da minha morte,
» Não sei! me respondeu, e o braço horrendo
» Contra fraco poder levanta forte.
» A vida aborrecida aborrecendo,
» O peito descobri, e disse: Córte
» A dura espada o collo, passe o peito
» Em toda a sorte só a Batrão sugeito.

» Por elle, não por mim, amava a vida,
» E pois elle a aborrece, eu a aborreço,
» Laço de amor a tem com elle unida,
» Sua he, como sua lha offereço.
» Que foi sua sentença obedecida
» Com gosto, lhe dirás: vêr que padeço
» Por gosto seu, e que elle assim o ordena,
» Doce a morte fará, suave a pena.

» E a teu Senhor, e meu affirma, quando
» Ante elle tornes, que de mim offendido
» Nunca foi, e seu gosto idolatrando,
» Morta o amarei, si lá fôr permittido.
» Assim disse, o mortal golpe aguardando,
» Injusto tanto, quanto obedecido
» Quando, o que já a ferir-me se applicava,
» Vi que o ferro da mão cahir deixava.

» Pois dar-te a morte o Ceo o não permitta:
» Que tambem te respeito por Senhora;

Digitized by Google

» Mas ser aos dous fiel se facilita,
» Si a ley guardares, que te der agora:
» A perpetuo desterro necessita;
» Mas póde o Ceo dispôr que inda alguma hora,
» Claras as cousas, vos vêjaes unidos,
» E me sejaes os dous agradecidos.

» Só que a vida conserves, de ti quero,
» Occulta, ou peregrina, porque chegue
» Só de tua morte a fama ao Esposo fero,
» Em quanto a opinião errada segue.
» Assim disse; mas eu que não espero
» Já da vida algum bem, que o ferro empregue
» Em mim lhe peço, e aquella cortezia,
» Que estimação merece, me offendia.

» Assi pedia a morte, e assi a negava
» Quem dar á triste vida fim devera.
» Eu pela dar áquelle, que a mandava,
» Elle indigna julgando a tenção fera.
» E como já determinado estava,
» Que eu delle a vida acceite, não espera;
» Só me deixa, dizendo-me, ao deixar-me,
» Podes não te occultar, eu desterrar-me.

» The á praia o segui; mas qual o vento,
» Partio vôando no infiel navio;
» Lagrimas de meus olhos cento a cento,
» Ao mar mandaram caudaloso Rio:
» Com gritos penetrei o firmamento,
» Mil vãos queixumes dando ao Vento frio,
» Ao tempo, que chegastes, onde agora
» Males minha alma sem remedio chora.»

Os Astros contemplando Etol, em quanto
Que a escutava, lhe disse: «As luzes bellas
» Enxuga, illustre Glaura, que a teu pranto
» Fim ditoso promettem as Estrellas.
» Hir comnosco te importa; deixa tanto
» Inutil suspirar, e vãas querellas.

Digitized by Google

» Vem, Malaca verás, em tempo breve,
» Que ao pensamento imita o lenho leve. »

« Senhora, (o Sousa diz) socega, e fia,
» Que quando os Astros faltem esta espada
» Não faltará, e te fará n'hum dia
» Juntamente inculpavel, e vingada. »
Ella que a Etol ouvio, que a levaria
Ao aureo assento, disse: « Confiada
» Na promessa, que he o mais do nobre peito,
» Vos sigo, e ao valor vosso me sugeito. »

Embarcam os trez logo, e pela amara
Lagôa o Baxel vôa; no horisonte
Em tanto de Hyperion a Filha cara
Já descobria a rubicunda fronte.

Este trecho me parece um perfeito modelo de narração clara, dramatica, pathetica, e elegante. Este episodio de Glaura, uma das mais bellas concepções da phantasia de Francisco de Sá de Menezes, enlaça-se continuamente com a acção do Poema produzindo sempre scenas, e situações interessantes até á conversão, e morte de Glaura, que tem logar no Canto XII., e ultimo do Poema.

Outro episodio não menos formoso, e que parece ter sido inspirado ao Author pela Dido de Virgilio, e talvez pela Armida de Tasso, é a historia de Thitonia, Rainha do Cathai, mui respeitada dos seus povos, como descendente da Aurora.

Esta Princeza, tão moça como formosa, havia generosamente acolhido Garcia de Sá, arrojado ás praias do seu Reino, por uma tempestade suscitada por Lucifer, para desvia-lo de Malaca, porque sabia que da sua espada dependia a conquista daquella Cidade; a pequena embarcação, que o conduzia, despedaçou-se nos rochedos, escapando apenas do naufragio elle, e os seus companheiros Mello, Lemos, Villalobos, Coutinho, e alguns poucos dos Marinheiros.

Agasalhado Garcia, e os seus no Palacio Real, em breve se estabelece entre a Rainha, e elle uma correspon-

Digitized by Google

dencia amorosa, mas honesta, que talvez terminasse pelo Hymeneo, si Etol, chegando ali com Sousa, no seu batel encantado, não conseguisse despertar-lhe os brios guerreiros resfriados pelo amor, reduzindo-o a embarcar-se com elle, e os seus companheiros, fugindo occultamente daquella perigosa habitação.

Por porta occulta, que talvez deixava
Ora o cuidado, ora o descuido aberta,
Fogem; e mal em tanto repousava
Thitonia, mal dormindo, e mal desperta.
Andar junto de hum Rio então sonhava,
E correr pela esteril, e deserta
Arêa em vão, porque beber queria,
E como a Tantalo a agua lhe fugia.

A grande pena o coração no peito
Lhe estreita assi, que despertou gritando;
A voz retumba no dourado teito,
A Gente em somno involta despertando.
Cerca a familia feminil o leito,
De tanto grito a causa perguntando,
Ella suspira, e diz: « Gran mal me aguarda,
« E em sonhos já me afflige, e me accobarda. »

Não tarda o mal, que ao ponto dous Monteiros,
Dos que a emprazar a caça madrugaram,
A fugida dos inclitos guerreiros
A' bella, e triste amante revelaram.
Julga Thitonia os sonhos verdadeiros,
Dos olhos fontes vivas lhe brotaram,
E como n'alma o dardo d'amor sente,
Da infausta cama salta impaciente.

Gritando mêa descalça, e mal vestida,
Apoz o ingrato amado sahe correndo,
Sem reparar, da grande dôr vencida,
No credito, que arrisca, e vai perdendo.
Já neste tempo a Aurora despedida
Do amante Esposo, vinha apparecendo;

Digitized by Google

Parou ella entre a Gente, que a seguia,
E assim se queixa á que abre a porta ao Dia.

« Rubicunda Deidade, a quem adoro,
» Clara, do claro Dia percursora,
» Não consintas, que offendam teu decoro
» Em mim, que May te chamo, bella Aurora.
» Ah! não se diga que te vêjo, e choro!
» E que me deixas em tristeza agora,
» Que o Mundo alegras, sendo a confiança,
» Que em ti puz, vãa, e vãa minha esperança!

» E se o chamar-me Descendente tua,
» Não sam do Mundo Fabulas sonhadas,
» Hoje se mostre! Impede a tenção crúa,
» Que deixa minhas ancias enganadas;
» Assi o Ceo vida a Mémnon restitua,
» Pelas lagrimas bellas derramadas
» Dos teus olhos, que enxuga a luz do Dia
» A quem já as minhas fazem companhia. »

Não disse mais, que a pressa, e grande pena
A mais larga oração lugar não davam,
O monte desce, em quanto a luz serena
Com canticos as Aves saudavam.
A' praia chega, e nella amor lhe ordena
A execussão dos males, que a esperavam.
Dar vê o Navio á véla. Ai fera vista,
Quem haverá, que a tanta dôr resista?

O contraste das aves, que saudam com seus canticos o despontar da Aurora, com as lagrimas, as querelas, e afflicção da Rainha do Cathai, sam uma pincelada de mestre, que dobra o interesse, e o pathetico da situação. Ha no Poema muitos rasgos semilhantes, que parecem lançados ao acaso, e que por isso mesmo indicam aos conhecedores maior artefício.

Já então vinha sahindo o gran Planeta;
Dormindo estava o mar, dormia o vento,
E qual sahe pelos ares veloz setta,

Digitized by Google

Rompia o Lenho o líquido Elemento.
Conhece os fugitivos, e indiscreta,
Rendida quanto a Amor, no seu tormento,
Disse gritando: « Foges, inimigo?
» Mas do Ceo mais ligeiro he o castigo.

» Deoses, cujo poder he immenso, eterno,
» Do cristalino assento moradores,
» E os que tendes do mar largo o governo,
» E quantos sois na terra habitadores;
» E vós, que lá imperaes no escuro Averno,
» E puniz dos ingratos os rigores,
» Si justos sois, á pena, que me alcança,
» Guardai justiça, concedei vingança.

» A ti Nemésis vingadora, invoco,
» E a vós, negras Irmãas, Ministras d'ira;
» Que bem cuido que a lastima provoco
» Inda a mesma impiedade, que odio inspira.
» Deste, por quem em pena a gloria troco,
» Açoite viperino o peito fira,
» E perseguido seja como Orestes,
» E em odio mesmo a Humanos, e Celestes.

» Oh Thetis, bella May da bella Aurora,
« Tu que hes, si antiga fama me não mente,
» Da Casa de Thitan progenitora,
» Doe-te desta affligida descendente.
» O humido Povo, que em teu Reyno mora,
» Contra o perfido incita: o gran tridente
» Empregue nelle o digno teu Consorte,
» Pôsto que indigno de tão nobre morte.

» Fique entre a vasa, e limos sepultado;
» De Malaca não chegue a vêr a terra;
» E quando vê-la lhe conceda o Fado,
» A' traição morra na primeira guerra.
» Mas ai que digo? Amor he só o culpado,
» Que cégo infante sempre os golpes erra,
« Do peito me roubou a liberdade,
» E ao prejuro, deixou livre a vontade.

Digitized by Google

« Mas, triste! que Deidade o favorece,
» E contra mim por elle se conjura?
» O mar tranquillo, e brando lhe offerece
» Presos os ventos em masmorra escura;
» E o navio traidor desapparece:
» Oh Deoses inimigos! sorte dura!
» Não vos mostreis em tudo rigorosos,
» Dai-me a morte, sereis tambem piedosos! »

Neste tempo, vencendo a dôr penosa,
O espirito, que infunde aos membros vida,
Perdeu a bella face a côr de rosa,
E cahira, a não ser dos seus sustida.
Cercou-a a turba feminil chorosa,
Imaginando em tudo ter perdida
A natural Senhora, e gritos davam,
Que em valles, e cavernas retumbavam.

Chegou da linda, quanto triste amante,
A vida quasi ao derradeiro fio;
Usam remedio mil, nenhum bastante
Para curar de amor o desvario.
Hera o mal ao da morte semilhante,
Banha o pallido rosto hum suor frio,
A luz se turba de huma, e de outra Estrella;
Mas neste extremo, por extremo bella.

Assi, o vital espirito suspenso,
Ao Alcaçar em braços a levaram,
E com magoa, e com dôr, pesar immenso
Mais activos remedios lhe applicaram.
Em tanto aquelle sentimento intenso,
Por quem as vitaes vias se serraram,
Fez termo; e recebendo alento o peito,
Ferio com gritos o estrellado teito.

Do mortal paroxismo em si tornada,
Se alegram todos; ella soluçando
Os olhos baixos, como envergonhada,
E no amoroso excesso imaginando,
Ora amor sente, ora a paixão mostrada,

Digitized by Google

E o caso com razão considerando,
A desesperação lhe accende a ira,
Já por vingança, já de amor suspira.

Este abatimento de espirito, esta especie de pejo meditativo, costuma seguir-se sempre depois da explosão immoderada de uma paixão ardente, e forte, mas este estado abre commummente caminho para novos excessos, e novas violencias; o Poeta traçando esta pintura da desordem da alma de Thitonia, mostrou grande conhecimento do coração humano descrevendo-o, não só como Poeta, mas como grande Philosopho, que era. Até aqui este magnifico episodio dá, como já fiz observar alguns, bastantes ares de semilhança com a Dido de Virgilio, e mesmo com a Armida de Tasso, mas Francisco de Sá de Menezes, que tinha sobeja invenção para seguir as pisadas dos servis imitadores, sabe descobrir meios de hombrear com os seus modelos, terminando o seu quadro de modo, que o desemelha intéiramente dos do Poeta Latino, e Italiano, dando-lhe novo realce, e novo interesse. Vêjamos.

O dia todo passa entregue ao pranto,
Tambem chorosa a noite não socega,
E lhe ordenava o mesmo amor em tanto
Fim, mas fim triste, ao mal a que se entrega.
Na gran Corêa, do Japão espanto,
A quem a paz ha largos annos nega,
Reinava Jocolano aos seus acceito,
E a formosa Thitonia no seu peito.

Desejoso de vêr, e de mostrar-se
Nos jogos, que celebra bellicosos,
Cathai aos Deoses vãos, em que ajuntar-se
Os guerreiros costumam mais famosos;
O mar passou; e quando a assignalar-se
Se appercebe entre tantos valorosos,
Delle triumpha Amor; que em toda a parte
Ostenta mais poder Amor, que Marte.

A clara Filha da lusente Aurora
A vêr as festas a hum Balcão sahia,

Digitized by Google

Qual a formosa May na alegre hora
Que o Mundo alegra, dando passo ao dia.
A formosura estranha o Rey adora
Admirado, e contente do que via,
Todo o suspende hum amoroso encanto,
E a amada liberdade perde em tanto.

De amor preso, sem alma, levantado,
Se tornou a assistir ao Real Governo,
D'onde, pôsto que não desesperado,
Todo o mais hera hum amoroso Inferno.
A' boa, ou má fortuna apparelhado
Fazer procura seu amor eterno,
Declarando quanto ama, e quanto sente
Co'as finezas, que usar póde hum ausente.

Intenta tudo quanto Amor ensina,
Por ter da esquiva amada o bem de Esposo,
Mas dura Estrella, que a rigor a inclina,
Ao passo que hera amante, o fez odioso:
Felice em seu despreso outro imagina,
Que vive quem bem ama receioso,
Hum, e outro cuidado o inquietava,
E em amorosas iras se abrazava.

Nestas ancias chegou de vôo a Fama
Da suspirada ingrata, exaggerando
O mal fundado amor, oh quanto a flamma
Dos ciumes, e amor cresce abrazando!
Iniquissimo a Amor mil vezes chama,
E á, que desesperado está adorando;
Geme, suspira, chora, e não descança
Todo involto em desejos de vingança!

Já, condemnado o longo soffrimento,
Passa o mar com trezentos escolhidos,
E, dando panno ao favoravel Vento,
Ao Cathai porto chegam desmentidos;
Dali sobem ao celebre aposento,
Todo revolto em choros, e gemidos,

Digitized by Google

Hera então alta noite, e de repente
Entram, ferindo a descuidada gente.

Note-se nesta Estança a significação que o Poeta dá ao adjectivo *desmentidos*, tomando-o na accepção de *disfarçados*, ou *não persentidos*, de que não tenho achado exemplo em nenhum outro Classico.

Confusas vozes, com estrondo horrendo,
Nas bóbedas, e teitos retumbavam;
Defendiam-se alguns, outros temendo
Onde chorava a triste amante entravam:
Ella o rumor ouvindo, e fugir vendo,
Os que guardar a vida procuravam,
De hum dardo lança mão, e generosa
Corre, onde a confusão hera espantosa.

Bradando vinha o amante Jocolano
Aos seus, que a amada ingrata respeitassem,
E áquelle, que hera causa do seu damno,
Ou prender, ou dar morte procurassem.
Quando cruel destino, ao bem tyranno
Quiz, então mais cruel; que se encontrassem
N'hum corredor escuro, donde a vida
Troncou incauto, delle mais querida.

Com o dardo ella passa o escudo forte
Do Principe infeliz, que a fera espada
No peito lhe escondeo involta em morte,
Lá onde hera d'amor doce morada:
Cahe a infelice, como o quer a sorte,
E assi disse, esforçando a voz cançada,
«Sejas bem vinda, oh morte, hoje piedosa,
»Fim desejado á vida tão penosa!»

Fere no coração do amante irado,
A delicada voz, e logo teme
A desgraça maior; acobardado
Da sua má fortuna, o triste geme.
Correm com luzes hum, e outro Soldado:
Seu damno reconhece, e vendo-o treme.

Digitized by Google

O coração feroz no peito ardente,
Que já males da morte, e de amor sente.

Brotar o sangue vê do aberto peito,
E nelle tinta a generosa espada,
Por terra derribado o aureo teito,
A luz dos bellos olhos eclypsada.
Vê seu mal infinito, o bem desfeito,
Morta a esperança, a dôr eternisada,
E assi os queixumes derramou ao Vento,
Que lhe dictava o grave sentimento.

« Possivel he que o justo Ceo permitta
» Que injusto Amor, e injusta sorte unidos
» Promulguem dura ley com sangue escripta,
» Contra fracos mortaes endurecidos!
» Monstro cruel d'amor, e de desdita,
» Em quem erros, sem culpa commettidos,
» Pedindo aos Ceos estão maior vingança,
» Que haver perdido a vida, e a esperança.

» Os funestos vistigios do ferino
» Rigor, que me movia, triste vêjo,
» E não me mata a dôr? duro destino!
» Vingança de mim mesmo ter desejo.
» Olhos que mais crueis inda imagino,
» Que a dura mão, que tão incauta vêjo,
» Enxutos vós, sem luz huma e outra Estrella,
» A mão a chaga fez, vós podeis vê-la.

» Oh belleza divina, hoje eclypsada
» Por esta dura mão inadvertida,
» Quem como de mim sois, morta, adorada,
» Podera com morrer dar-vos a vida.
» Tu, sacrilega mão accelerada,
» Para do bem maior ser homecida,
» Emprega em mim tua furia, volta o ferro,
» Contra este peito, origem do teu erro.

» Mas, costumada ao feito atroz, receio
» Rebelde a este serás por ser piedoso,

Digitized by Google

» Oh! não seja assim, não! si o caso feio
» A' Morte me não faz tambem odioso.
» E tu, gentil Espirito, bem creio
» Que agora me serás mais rigoroso,
» Acceita este de mim ultimo Officio,
» Si por vingança não, por sacrificio. »

Assim dizendo, sobre o ferro duro
Se lança, antes que ser possa estorvado,
Entra no amante peito o Fado escuro,
E cabe mortal sobre o objecto amado.
De altos clamores o Celeste muro
Triste, e piedosamente penetrado,
Cobre as Estrellas, e começa o dia
O successo chorando a Aurora fria.

Tal é o episodio de Thitonia, o mais pathetico, e dramatico da Malaca Conquistada, a Epopeia mais dramatica, que possuimos. Nas mãos de um homem de genio elle daria assumpto para uma optima Tragedia, ou para um excellente Drama sentimental. Parece impossivel que na epoca em que tantos Mancebos de talento se tem dado a escrever para o theatro, nenhum delles ainda se lembrasse de o tractar! Nasce isto sem duvida da pouca leitura, que actualmente se faz dos nossos Poetas antigos, de que ha tanto, que aprender, e que imitar! A maior parte dos novos Vates contentam-se com lêr, e imitar os Francezes; e não só despresam a leitura dos Poetas Italianos, mas até a dos Portuguezes do seculo de quinhentos, que foi a nossa idade de Augusto, por isso esses livros preciosos se vão cada vez tornando mais esquecidos; por isso a lingua Portugueza se vai adulterando com uma profusão de galicismos, e anglicismos, que repugnam a sua indole, e a sua harmonia! despojando-se daquella graça primittiva, daquelles modos de dizer pictorescos, daquella loçania de cores, daquella energia, e vigor, que tanto nos encanta em Ferreira, e Camões, e em Garção, e Francisco Manoel, que tanto se esmeraram em imitalos. Oh! com quanta razão clamava o ultimo á juventude Lusitana.

Digitized by Google

Como em limpida fonte em nossos Mestres
Do Seculo das Letras Lusitanas,
E nas Paginas ferteis dos Latinos
Bebam linguagem pura os bons engenhos.
Francisco Manoel. Epist. I. Tom. I.

Não ha em nenhum dos nossos Poemas Epicos uma discripção do Inferno, que possa comparar-se com a, que se lê no Canto VI. da Malaca Conquistada; que rica imaginação na pintura local! que variedade na distribuição dos supplicios! que propriedade na personalisação dos vicios, como estão bem caracterisados os outros habitantes daquella funesta região de lagrimas, e tormentos! Lusbel está ali desenhado com um vigor de pincel, que faz lembrar muitas vezes o Satan de Milton. Bem sei que não faltará quem tache de desacato o, que acabo de dizer, e o attribuirão á falta de gosto, ou exaltação de amor das cousas patrias, de nenhuma destas duas supposições me offendo, nem envergonho; não da primeira, porque o bom gosto é um dote natural, que não depende do individuo, ou possui-lo, ou deixar de o possuir; da segunda porque acho melhor ser notado de demasiado espirito patriotico, que de despresar os nossos pelos estranhos, que muitas vezes valem menos do que elles; direi com tudo, para que me entendam bem, que estou muito longe de preferir o Inferno, e o Lusbel de Sá de Menezes, ao Satan, e ao Inferno do Paraiso perdido; mas sustento, que o quadro do Poeta Portuguez póde apparecer sem grande desvantagem ao pé do quadro do Homero Britanico, e já não é pouco que o nosso Poeta, possa dizer com Correggio, sem ser tachado de arrogancia *son pittor anch'io!* Pelo menos não ha no Inferno da Malaca Conquistada, alguns defeitos essenciaes, que se encontram no do Paraiso perdido: Milton, por exemplo, que era um republicano exaltado, a ponto de fazer a apologia do regecidio, em vez de procurar o typo do Inferno na Anarchia, segundo a judiciosa, e engraçada difinição de Casti

L'Inferno ch'é? una anarchia di Diavoli.

figurou o reino do Principe das trevas como uma Monarchia representativa, com uma Camara de Lords, e ou-

Digitized by Google

tra de Communs, que tem assento em separado, e os seus habitantes unidos, pacificos, e obedientes ao seu Monarcha.

But far within,
And in their own dimensions like themselves,
The great Seraphic Lords, and Cherubim
In close recess, and secret conclave sat.

PARD. LAT. BOOK. I.

Temos pois no Inferno de Milton uma Camara de Lords, que em suas proprias dimensões deliberam separados dos Communs, que para prova da sua inferioridade entram no Pandemonio transformados em Anões, ou Pigmeos.

Behold a wonder! they but now who seem'd
In bigness to surpass earth's giant sons,
Now less than smallest dewarfs, in narrow room
Throng numberless, like that Pygmean race
Beyond the Indian mount.

Igualmente o seu odio ao Clero lhe suggerio a lembrança de pintar os Demonios entretendo-se com discussões theologicas sobre os dogmas da graça, e da predestinação.

A sua paixão pela musica, de que elle tinha não vulgar conhecimento, o levou á ficção, mui pouco theologica, de que os Demonios tangendo, e cantando com a perfeição de Espiritos, que haviam habitado o Ceo, com a doçura, e prestigios da musica conseguiam adormentar as penas eternas. Estes defeitos sam graves, e mais graves porque sam voluntarios; mas porque os conheço, não deixo de admirar o raro talento de Milton, e de fazer justiça ás innumeraveis bellezas de primeira ordem, com que superabundantemente resgata, e compensa os seus descuidos.

Francisco de Sá de Menezes é muito abundante de sentenças, e maximas moraes, mas em vez de alardea-las, e enfia-las umas nas outras pedantescamente, como praticou Sá de Miranda, elle as embebe (digamo-lo assim) nos discursos das suas personagens com tanto artefício, que

Digitized by Google

parece que involuntariamente lhe escapam, segundo a expressão vulgar, *por entre os dedos.*

Outro merito, e não pequeno, do nosso Poeta é saber realçar com a elegancia, e a Poesia da expressão as circumstancias mais triviaes, e menos poeticas.

> E em alguns, a quem pés, e mãos ataram,
> Sanguineo rito á força executaram.

Poderá dizer-se por um modo mais elegante, e decente que alguns Portuguezes captivos foram circumcidados por força?

> Passou o campo azul de naus arado.

Não exprime esta expressão methaphorica com bastante nobreza, a idéa trivial de atravessar o mar?

Para dizer que Tuão Bandão recebendo do Rei de Malaca o bastão de General lhe fizera reverencia á moda do paiz, serve-se o Poeta desta phrase.

> Com grata adoração pôsto, que indina,
> Por trez vezes cabeça, e corpo inclina.

Não indicam estes versos bem poeticamente o romper d'Alva?

> Fugia cobarde
> Do claro Dia a Noite, e já as Estrellas
> Buscavam de Nereo as Filhas bellas.

Veja-se em fim esta bellissima Estança, em que o Poeta fazendo memoria de alguns Principes Sarracenos, que se vão retirando da Cidade já rendida ao valor de Albuquerque, e dos seus, especifica o estado lastimoso, em que cada um delles chega á presença do Rei fugitivo.

> Ali chega Geinal da vida incerto,
> Que escapara das mãos do forte Lima,
> Do muito sangue, que perdia, coberto,
> O lasso corpo sobre a espada arrima.

Digitized by Google

Por mil partes o fino arnez aberto,
A acompanha-lo em vão Cambir se anima,
Que rio de seu sangue a Terra esmalta,
E co'a falta do sangue a vida falta.

Para escrever este Capitulo precorri de novo a Malaca Conquistada, o bem architectado da sua fabula, a variedade, e bem sustentado dos caracteres, o seu movimento dramatico, a rica invenção dos seus episodios, a formosura nas suas discripções, e sua poesia, verdadeiramente epica, me confirmaram na opinião, que sempre tive, de que depois de Camões, o primeiro logar entre os nossos Poetas Heroicos cabe de justiça a Francisco de Sá de Menezes.

Digitized by Google

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO VII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Antonio de Abreo.

Si attendermos ao testemunho dos Authores contemporaneos, devemos fazer a mais elevada idéa deste Poeta, que pelos seus grandes talentos era geralmente conhecido pela antonomasia do *Engenhoso;* mas é muito para notar, que as pessoas, que tanto nos abonam o seu merecimento literario, quasi nada nos transmitissem ácerca da sua pessoa, da sua fortuna, dos acontecimentos da sua vida, e da sua posição social.

Um dos nossos amigos possue um exemplar da Bibliotheca de Barbosa com varias notas marginaes de letra de mão, que parecem escriptas por pessoa contemporanea, da publicação daquella obra, as quaes contém muitas observações, em que, quem as escreveo, se mostra mui bem informado das materias, e ter feito muita diligencia para apurar a verdade, e corregir os descuidos do Author.

Em uma das notas ao primeiro Tomo, se diz, que Antonio de Abreo foi filho de Duarte de Abreo Castello-Branco, Senhor da Quinta da Charneca, e de Brites Teixeira: mas não declara onde, e quando nasceo, ou morreo. Como porém ali se não dá á Mãi o tractamento de *Dom*, nem se declara, que ella fosse mulher do sobredito Duarte de Abreo Castello-Branco, parece que desta circumstancia póde deduzir-se, que Antonio de Abreo fôra seu fi-

Digitized by Google

lho natural, ou bastardo, e que não nascêra de legitimo matrimonio.

Todas as noticias, que temos a seu respeito, se reduzem a que era homem de boa convivencia, de caracter jovial, e mui prompto em respostas agudas, e que tinha grande facilidade em compôr extemporaneamente em diversas qualidades de metro.

Consta mais, que fôra intimo amigo de Luiz de Camões, a quem admirava muito, e procurava imitar, e que com elle convivera muitos annos, tanto em Portugal como na India, onde passou grande parte de sua vida, sem que se saiba que motivo o levou áquelles remotos paizes, e em que qualidade residio no Oriente: é porém mui verosimil, que lá fosse com o unico intuito de mercadejar, porque se fosse como militar, ou para exercer algum emprego público, civil, ou de justiça, difficil cousa seria, que delle senão fizesse alguma vez menção nas Obras dos Historiadores daquelle tempo, e com especialidade nas Decadas de Diogo do Couto, de ordinario tão exacto em fazer menção de todas as pessoas, que tinham caracter público.

Consta mais que teve um irmão Frade, não se diz de que Ordem, Franciscano talvez, por nome Frey Bartholomeo de Santo Agostinho, a quem sobre o leito da morte confiou uma grande collecção dos seus versos sagrados, e profanos, que elle nunca publicou, e que por isso se julgaram perdidos.

Não obstante isso o Professor Antonio Lourenço Caminha, no anno de 1805 publicou um pequeno folheto, impresso na Officina Regia, com o titulo de *Obras ineditas de Antonio de Abreo, Amigo, e Companheiro de Luiz de Camões no Estado da India, fielmente extrahidas do seu antigo manuscripto, que possuimos, em Papel Asiatico.*

Não serei eu quem dê estas Obras todas por authenticas na fé de um homem tão falto fé como o Professor Caminha, tantas vezes convencido de haver attribuido aos nossos Poetas antigos Obras evidentemente modernas, e até da propria lavra delle Caminha.

Para mim é caso demonstrado, que Antonio Lourenço Caminha nunca possuio o antigo manuscripto de Antonio de Abreo, que seu irmão Frey Bartholomeo deixou perder, em logar de publica-lo: e que tal codice escrip-

Digitized by Google

to em *Papel Asiatico* é mais uma impostura daquelle Poeta rolho, e belforinheiro literario. O Abbade Barbosa diz clara, e explicitamente na sua Bibliotheca Lusitana, que as poesias sagradas, e profanas de Antonio de Abreo, compenham *uma grande Collecção*, e acreditará alguem que elle por esta expressão queria designar vinte Sonetos, uma Ode, uma Sextina, e a Discripção Geographica de Malaca, contendo cincoenta, e oito Estanças? Não de certo, porque o Author da Bibliotheca Lusitana conhecia o valor dos termos, e fallava com propriedade a sua lingua. Acreditará alguem, que Antonio Lourenço Caminha, si possuisse aquella preciosidade literaria, em Papel Asiatico, ou Europeo, deixaria de a dar ao prélo por inteiro, e se contentaria de extrahir della aquelle pequeno folheto? Esta supposição é inadmissivel, em um homem, que com a mira no interesse, que dahi tirava, compilava, quantos manuscriptos antigos, e modernos encontrava, de mui pouco merecimento, e ás vezes de nenhum, para formar volumes, que imprimia em nome de authores antigos, mesmo phantasticos, como um certo Duarte Galvão, Poeta que ninguem conheceo, e que elle fingio ser Estribeiro do Duque de Bragança D. Theodosio, sem nos dizer qual, sem ao menos apontar o tempo, em que floresceo.

Mas serão apocriphas todas estas poesias? Assim o julgo de algumas, mas não o assevero de todas. Tenho como taes alguns Sonetos em italiano mourisco, cheio de erros grammaticaes; alguns Sonetos portuguezes tão ruins pelas idéas, como pela versificação. E' evidente que a Ode ao Bispo D. Jeronymo Osorio, não é de Antonio de Abreo, mas de Pero de Andrade Caminha, e que como tal anda nas suas Obras, impressas pela Academia Real das Sciencias em 1791, onde póde vêr-se a paginas 205, e comparando-se o seu estylo com o das outras Odes, que ali vem, facilmente se convencerá o Leitor, versado nestas materias, que ella é verdadeiramente daquelle Poeta, que eu tenho pelo melhor lyrico da eschola de Ferreira.

Ha porém neste Folheto, publicado pelo Professor Caminha, alguns Sonetos, e com especialidade o Poema intitulado Discripção Geographica de Malaca, que pela linguagem, idéas, e versificação me parece pertencerem na

Digitized by Google

verdade ao seculo de quinhentos, e não tenho duvida em admitti-los como composições de Antonio de Abreo; pois ainda que não acredito que o dito Caminha possuisse, como diz, a Collecção que se perdeo nas mãos de Frey Bartholomeu de Santo Agostinho, não vejo incompatibilidade alguma, que em cumpilações manuscriptas girassem pelas mãos dos Curiosos algumas composições do nosso Poeta, involvidas com as de outros engenhos, e que alguma destas Collecções fosse parar ao poder de Caminha, que tomaria daqui motivo para dizer, que possuia a Collecção completa de Antonio de Abreo, em *Papel Asiatico*.

Admittindo pois como genuinos os Sonetos, de que fallo, que sam quasi todos em estylo ascetico, suscita-se uma lembrança, que talvez não seja desprovida de verosimilhança, isto é, que Antonio de Abreo, cançado de sua vida vagamunda pelas regiões de Africa, e do Oriente, voltando á patria, e desenganado das chymeras do mundo, tomára o habito, talvez da mesma Ordem, que seu irmão havia professado, e findára os seus dias em um Claustro, e nelle composera aquellas poesias. Dou isto como conjectura minha, mas que me parece não ser destituida de fundamento á vista dos Sonetos, que passo a transcrever. Eis aqui o que serve de introducção aos outros.

SONETO.

Oh vós, que ouvis o som dos nossos (*) versos,
E minha antiga Rhythma conhecestes,
Applaudi a quem fez diffrentes estes
Conceitos dos antigos meus preversos.

E dos sentidos meus já a Deos conversos,
Que para o seu louvor sempre estão prestes,
Si escandalo alguma hora merecestes,
Mudai-o agora em pensamentos tersos.

Rendei graças comigo da mudança
Deste estado sublime, e venturoso,
Aquella, que he de nós doce Esperança.

(*) Julgo que *nossos* é erro typographico, ou de copia, e que deverá lêr-se *novos*.

Digitized by Google

Da qual, si ouvido chego a ser, ditoso
Meus dias passarei na confiança
De vir a ter hum eternal reposo.

Não indicam os pensamentos contiudos nestes versos o arrependimento de antigos erros, a emenda da vida passada, o desapego do Mundo, e a entrada no Claustro?

O mesmo caracter se observa, e o mesmo me parece que se póde inferir deste Soneto, em louvor de S. Boaventura, que sempre esteve em grande veneração entre as differentes, e variadas Ordens Franciscanas.

SONETO.

Doutor das almas, que inflammado, e ardente
Qual Seraphim, trouxeste a alta doutrina,
De fazer Anjos cá dos Homens dina,
Tão celeste, tão pura, e tão fervente.

A qual nos mostra, que a tua alta mente
Nos Ceos tomou quanto de Deos ensina,
Quando, porque se abaixa humilde, indina,
De mais perto o converte, enxerga, e sente.

Daquelle odio, e despreso, que ensinaste,
A ter de nós c'o escripto, e com o exemplo,
Nos alcança, que enchamos nossas almas.

Com o qual guardando Deos em nós seu Templo,
Vencendo dos Demonios o contraste,
De mil victorias lhe alcançamos palmas.

Está tão pouco clara a sentença dos dous ultimos versos do segundo quarteto, que me parece que elles foram alterados, e desfigurados pela ignorancia dos copistas.

Entre os melhores Sonetos de devoção, que sahiram da penna do Poeta, póde, si não me engano, contar-se o seguinte, endereçado a Santa Maria Magdalena, na acção de ungir com balsamo precioso as Sacrosantas Plantas do Redemptor.

Digitized by Google

SONETO.

Com alabastro de precioso unguento
Na casa de Simão Maria entrou,
E sobre Jesus todo o derramou,
Lagrimas aos pés seus chorando cento.

Oh! engano do humano entendimento!
Toda a Casa a Santa obra mal julgou;
Só Christo a defendeu, só a louvou
Por exequias do seu enterramento.

Oh! Prophetisa rara, em cujo esprito
O amor de Christo entrou de tal maneira,
Que firme te fez ser como hera escripto.

Tu foste a immortal pedra, e verdadeira
Aonde o nome seu ficou escripto,
Tu quem o viste ao Ceo subir primeira.

Não fica inferior a este o seguinte, em louvor da Cruz, em que o Mediador padeceo.

SONETO.

Arvore triumphal, victoriosa,
Que co'a raiz no Ceo, ramos na Terra,
A' morada infernal fulminas guerra,
Do passado triumpho inda pomposa.

Tu hes a via porque á gloriosa
Côrte se vai sómente cá da Terra,
Quando purgas do erro a alma, que se enterra,
Quando contrita a ti corre, e chorosa.

A ti, oh Cruz, a ti vou confiado,
De vêr teus doces ramos estendidos
C'o fructo « Salvação » lêdo, e presado.

Sê minha intercessora, e teus ouvidos
Benigna me offerece neste estado,
Em que sómente ao Ceo dou meus gemidos.

Digitized by Google

O Soneto á inconstancia, e velubilidade do mundo, é um dos que parecem indicar, que o Author, no fim da sua vida, havia abraçado o retiro da vida claustral.

SONETO.

Riquezas, e Honras vãas, que ao vario Mundo
Dentro do seio teu volves cada hora,
Inda primeiro que a lusente Aurora
Banhe de luz o globo alvo, e rotundo.

Delles fugindo vou lêdo, e jocundo
A' solidão aonde o prazer mora,
Pois temo, e tremo, que qualquer demora
Me não sobterre neste val profundo.

Deixai-me viver já sem, o triste engano,
Em que errante vaguei, nesta pousada,
Feita para o mortal por Deos Sobrano.

E isempto já da carne tão pesada,
Isempto de huma vez de todo o damno,
Da Terra suba á immortal morada.

O Soneto feito no dia da Commemoração dos Defuntos parece bem pensado, e bem escripto.

SONETO.

Aos que acabam em teu serviço santo
Livras em vida do mundano enleio,
Por terem do amor teu o esprito cheio,
Da gloria tua veste o eterno manto.

Benigno Pay! aos outros que inda tanto
Bem não merecem, e convém por meio
Do fogo ser purgados, abre o seio
Da clemencia ao desterro, á pena, ao pranto.

E neste santo dia, em que a memoria
De todos encommenda a Sacra Esposa,
Que o Ceo dotou de graça tão notoria.

Digitized by Google

Seus ais ouve na Patria venturosa,
E manda aos Anjos dessa eterna gloria,
Que nos alcem de Estancia tão penosa.

O Soneto a Jesu Christo respira todo o fervor, e affecto de uma alma convertida, e a firme esperança na misericordia divina; e é igualmente um dos melhor versificados, de toda a Collecção.

SONETO.

Chamei, Senhor, por ti, regando o estrado
Com lagrimas da minha consciencia;
Bem sei que não mereço achar clemencia,
Nem, sem tua graça, ser justificado.

Mas do esprito contrito o puro brado
Na ara de bondade da tua Essencia,
C'o coração provado em paciencia
A' tua vontade offerecido, e dado:

Elles me alcancem teu amor immenso,
E minha alma, abrasada em vivo fogo,
De desejos te offerte o puro incenso.

Desta arte poderei, alcando o rogo,
Tua morada vêr lêdo, e suspenso,
E do Mundo sahir com desaffogo.

Qualquer porém que seja o merecimento dos Sonetos de devoção de Antonio de Abreo, tenho para mim, que os que elle dirigio a objectos profanos lhe sam muito superiores, talvez por terem sido compostos no verdor da idade, e quando a sua phantasia se não achava obscurecida pelas sombras da idade avançada, e pelas tribulações dos remorsos. Tal é este, em que o Poeta se dirige a Chaul no tempo, em que estava cercada por um poderoso exercito do Nisamaluco, que ameaçava a sua ruina; attribuindo aquelle flagello aos vicios, e ás delicias dos seus moradores.

Digitized by Google

SONETO.

May dos Deleites, da Cobiça, e Ouzena
Perversa Eschola, e só de roubos cova,
Que aos Vicios todos torpe altar renova,
E o Matrimonio de infiel accena!

Chaul dormente entre a frescura amena
Dos teus Jardins, accorda á vida nova,
E si o pouco temor de Deos to estorva,
Dos malvados receia a justa pena.

Coberto de pesar, d'entre a ruina
Dos Edificios teus, alçando as palmas,
A Deos pede segura Medicina.

Do pó da dôr vestindo as tristes almas,
Applaca de huma vez a ira divina,
E assim do Ceo vê se a tormenta acalmas.

Desgraçadamente as reprehensões, que o Poeta dirige aos moradores de Chaul, não eram uma exaggeração declamatoria, bem pelo contrario, ellas assentavam em fundamento verdadeiro. Os Portuguezes estabelecidos na India, já não eram aquelles homens de ferro, enthusiasmados pelo amor da gloria, e pelo fervor religioso, que seguiam as bandeiras de D. Francisco de Almeida, e de Affonso de Alboquerque. Todos os Historiadores, tanto nacionaes, como estrangeiros, nos informam, que esses homens pervertidos pelo exemplo das nações, com quem viviam, corrompidos pelas delicias do Oriente, sem mais ficto que adquirir riquezas para submergir-se na crapula, e nos vicios, só cuidavam em dar redea aos seus prazeres, e a um luxo ruinoso, que lhe enervava as forças, e animava os Povos Indigenas a rebellar-se contra elles, perdendo aquelle terror, e susto, que nelles haviam incutido os primeiros Conquistadores. Tal foi o estado em que D. Constantino de Bragança encontrou a India, e de que forcejou, quanto pôde, para a tirar durante o seu Vice-Reinado; mas o mal tinha lançado fundas raizes, e lavra-

Digitized by Google

va sem freio, nem medida. Os Portuguezes recentemente chegados do Reino, não eram proprios para applicar-lhe o remedio; já não era, como d'antes, a flôr da Nobreza, que lá hia procurar honra, e illustrar-se pela gloria das armas, era uma turba de aventureiros obscuros, que sedentos de ouro, lá corriam para mercadejar á sombra da milicia, enfrascar-se nos vicios, que lá havia, juntando-os aos, que levavam da Europa; foi a corrupção, e a soltura de costumes dos Portuguezes, que arruinou a nossa influencia, e o nosso poder no Oriente, ajudando assim as causas externas, que sam conhecidas de todos.

Depois de reprehender tão asperamente os Portuguezes de Chaul pelos seus vicios, que hiam produzindo a sua ruina, o Poeta se volta para Deos implorando o seu auxilio, e a salvação do estado, em dous bellissimos Sonetos, que passamos a transcrever.

SONETO.

Manda, alto Deos, aos Portuguezes peitos
Hum impavido esforço como o antigo,
Que a frente abata do cruel Imigo,
Ousado a destruir teus santos feitos.

Plantada fique a Fé, e os seus preceitos,
Que o Filho teu nos deo com peito amigo;
E elle soffra o exemplar castigo
Devido aos seus, e mais aos nossos feitos.

Nos olhos seus, que já olhar te sabem,
Tal luz lhe põem, que os Mouros vendo os céguem,
E com tua gloria ás suas mãos acabem.

Como Ovelhas perdidas se congreguem,
E envoltos no proprio sangue acabem,
Depois que ao Portuguez braço se entreguem.

Digitized by Google

SONETO.

Manda ora, alto Senhor, sobre a ousadia
Do cruel Mouro esforço a teus Soldados,
Porque possam vencendo denodados,
Troncos mil esparzir na terra fria.

Nos peitos seus lhe poem tal valentia
Que os fortes Esquadrões deixem prostrados,
E só de os vêr attonitos, pasmados
Trémam do auxilio, que tua mão lhe envia.

E desta rara maravilha, e gloria
Bem claramente tua, a ti se cante
Accorde canto de eternal memoria.

O Lusitano Povo te levante
Padrão perenne sobre sua Historia,
Que os Polos ambos de esplendor espante.

Não sei si o Omnipotente deu attenção ás supplicas poeticas de Antonio de Abreo; mas o que não admitte dúvida é que não entrava nos planos da sua alta providencia, e misericordia, que a Cidade de Chaul cahisse de novo nas mãos dos infieis, pois que pelo seu auxilio os sitiados não desanimaram, resistiram com valor heroico aos inimigos, acobertados, não já pelas suas muralhas, e bastiões, mas pelas ruinas dellas, e delles, e que o Nisamaluco se vio obrigado a levantar o Cerco, e desistir da empreza, que tinha tanto a peito, com grande perda dos seus, e maior quebra da sua honra militar, e da opinião, que no Oriente se havia concebido do seu poder.

Affonso de Alboquerque fallecêra, como elle disse á hora da morte «*mal com os homens por amor d'El-Rei, e mal com El-Rei por amor dos homens*» e si a sua entrepidez sem igual, as suas expedições quasi romanticas, e a sua espada sempre vencedora o haviam feito temido de Gôa a Malaca, e de Malaca ao Cairo; a sua probidade, sem mancha, a fundação de um novo Portugal na India, o seu talento administrativo, a justiça imparcial,

Digitized by Google

pôsto que severa, tinha tornado o seu nome grato, e respeitado até dos proprios inimigos. Contam os Historiadores, que algumas vezes os Indios desesperados com os vexames, que soffriam dos Portuguezes, hiam abraçar-se com a sepultura, em que descançavam as cinzas do Heroe, até serem transportadas para a patria, e com lagrimas, e gritos implorar-lhe protecção.

Não admira pois, que a vista do tumulo de um homem de tanta virtude, serviços, e que tamanha gloria adquirira para a sua patria, exaltasse a imaginação ardente de um Poeta como Antonio de Abreo, e lhe inspirasse o seguinte

SONETO.

O Corpo jaz aqui, que o gran thesouro
Da Fé, da Caridade, e da Esperança,
Saber, justiça, esforço, e temperança,
Guardou, que ora os Ceos tem por divino ouro,

Venerou, e temeu Gentio, e Mouro
Seu grave, e santo aspecto, e a fiel lança
Sempre ante elle venceo, tu que olhas, lança
Flores, versos na tumba, palma, e louro.

De Reys vem, a Reys serve, e Reys subjiga,
Trez sempre, e Reinos trez, duas vezes toma
Ormuz, e curva-lhe a cerviz imiga.

Em que barbara lingua, em que Idyoma
Igual Heroe se vio na Grecia antiga,
Na gran Carthago, nem na illustre Roma.

Este Soneto parece-me digno do assumpto, e nelle ha vislumbres do estylo do Doutor Antonio Ferreira, e apenas acho nelle que notar alguma dureza no quarto verso do primeiro quarteto; e a pobreza da ryma *lança* verbo, *lança* arma, no segundo quarteto, pôsto que não faltam exemplos deste uso nos nossos Poetas antigos, e mesmo modernos, que não deixa por isso de ser defeito.

Das muitas poesias de Antonio de Abreo, que se perderam em poder de seu Irmão, só escaparam as poucas

Digitized by Google

que por um feliz acaso, foram parar ás mãos de Antonio Lourenço Caminha, entre as quaes a veracidade de algumas é muito problematica, e destas a mais importante, e que felizmente é tambem aquella cuja authentecidade parece mais bem comprovada, é um Poemeto, que contém a Descripção Geographica da Cidade de Malaca, que probavelmente foi escripto quando o Poeta ali vivia. A linguagem é puramente quinhentista, o colorido verdadeiro, e fiel, a versificação corrente; mas tanto pelo estylo, como pelo metro me parece estar muito longe da grandiosidade, e harmonia de Camões, e da correcção de Ferreira, e Caminha; que são os trez maiores ornamentos da Eschola Italiana entre nós. O Poema é como se segue.

DESCRIPÇÃO DE MALACA.

O Sabio Homero, o Livio, e Montuano,
E os de mais no Parnaso laureados,
Que escreveram o ficto, e o profano,
E os feitos, dos Antigos signalados;
Mil louros dam ao nome Lusitano,
E a seus heroicos feitos sublimados,
A Fama pelo Mundo os apergôa
Da Fundação de Ulysses athe Gôa.

Confesso ingenuamente que não percebo a idéa do Poeta nesta Estança; não sei que louvores podiam dar Homero, Tito Livio, e Virgilio aos grandes feitos dos Portuguezes, que só tiveram logar muitos seculos depois da morte daquelles Authores; quererá o Poeta dizer, que as almas daquelles grandes homens, suppondo-as nos Elysios, lá se occupam com as proezas do Condestavel, de Affonso de Alboquerque, de Duarte Pacheco? Que as celebram, e engrandecem lá mesmo? Este pensamento poetico podia admittir-se, mas era necessario que Antonio de Abreo o innunciasse deste modo, aliás esta primeira Estança, quando se examina com attenção, só apresenta uma perfeita embrulhada.

Grandes os conta a Terra, e os mesmos Ceos,
A Gloria immortal tendo por Chronista,

Digitized by Google

De toda a Europa, e Asia c'os tropheos
Onde tem dilatado a gran conquista.
O seu louvor isempto de labéos,
Já no Mundo não ha quem lhe resista,
O mesmo tempo delles se amedrenta,
E do seu braço rigido os isempta.

Empreza he de Minerva, do seu Choro,
De todo o raro Engenho, e peregrino,
E athe do plectro de Amphião canoro
O Lusitano esforço, e seu destino.
Elle canta de si seu proprio Foro,
Que não ha mister força èsse ouro fino,
Por todo o Mundo cantam seus louvores
Os Gregos, e Latinos Escriptores.

Traçar sómente quero a descripção
Da Gentia, Malaia Chersonesa,
Da Terra, e Mar, da Gente a condicção,
Do regimen, do tracto, e da riqueza,
Do astuto imigo nosso a pertenção
Com que o esforça a Gente Portugueza,
Da usança da Paz, e mais da Guerra,
E do regimen, que em si tem a Terra.

Passando o Oriental Mar por Taprobana,
E colhendo nas ondas espumosas
O celebrado Ganges, que a profana
Gente lava com sorte desditosa,
Dali correndo a Terra Martavana
De Bramás, Gente fera, e viciosa,
Despede hum longo braço c'o preceito
De nunca Eólo ter nelle direito.

Obrou a Natureza por tal arte
Por bem duzentas legoas, que o estende,
Tendo aurea Chersonesa n'huma parte,
E de outra o gran Malaio, que a defende,
As boccas lhe estreitou mais do remate,
Com que Neptuno humilde se lhe rende,

Digitized by Google

Cruzar, e a par este gran thesouro
A Droga, a Pedraria, a Prata, e Ouro.

Este braço Oriental tão affamado,
Este Imperio Gentilico, inhumano,
Mahometico todo nomeado,
Por muitos annos foi de Rey profano:
Propicio vendo o Barbaro o seu fado
Presume mais de si que ser humano,
Mas desta presumpção o desengana
A invencivel Gente Lusitana.

Neste rico, Archypelago do Oriente,
Para a parte do Artico assentada
Jaz n'huma estancia fertil, e eminente
De Malaca a Cidade memorada
De Povos Orientaes, e do Occidente,
Por causa do Commercio frequentada,
Querida dos amigos por preceitos,
Temida dos imigos por seus feitos.

Pelo centro hum formoso, e caudal Rio
Bem como o Tybre a Roma, a formosenta,
Formoso, cristalino, e mui sombrio;
De mil Nações por pontes se frequenta,
De huma parte, e da outra o vil Gentio
Se recolhe do Luso em Torre isempta,
Reparo algum não tem firme, e seguro,
Que o Luso braço não consente muro.

Francisco de Sá de Menezes, na sua *Malaca Conquistada*, tambem refere, que aquella Cidade não tinha muralhas, nem forteficações algumas, mas por outra razão, que dá nos seguintes versos.

Muros não fabricou, porque os despreza
Dos Naturaes a indomita braveza.

Antonio de Abreo, diz aqui, que os Portuguezes é que lhe não permittiam ter muralhas; qual dos dous se engana? A primeira opinião tem a seu favor a valentia

Digitized by Google

dos Malaios, proverbial no Oriente; a segunda parece ser filha da boa politica dos Portuguezes, que vivendo no meio de tantos, e tão ferozes inimigos, e tão longe da India, deviam procurar a sua segurança prohibindo-lhe ter forteficações, que podiam servir contra elles.

Monancabo a visita, e enche de ouro
Das riquissimas minas, e caudaes,
De Saphyras, Rubis o Pegá Mouro
De perolas sem preço Orientaes.
Os braços tem já puros de thesouro
Da Rocca Velha, e todos desejaes
De Cânfora o Branéo acompanhado,
E de Ambar que outros muitos mais presado.

Subido ouro do astuto destro Chim,
A fina seda, almiscar, porcelana,
De Samatra o suave Bemjoim,
E tudo em que se ceva a sede humana,
O rico Siam já dado no Bremim,
De Cochim o calamba, que olio mana,
De Sapam chumbo, nitro, e vitualhas
Lá apercebem celeiros, e muralhas.

Os Sundas, e Malaios com Pimenta,
Com massa, e noz os ricos Bandanezes,
Com roupa, e Drogas Cambaia a oppulenta,
E com cravo os longiquos Maluquezes:
Bengala com mil pannos a frequenta,
Nem falta São Thomé com seus trez mezes,
Esta de mantimentos a fornece,
E Jáoa de cavallos a guarnece.

Ali a subtil obra do Japão
Precede inda á materia de ouro, e prata,
O tecido, e o lavrado de invenção,
E o mais, de que a Musa aqui não tracta;
Avaros peitos fartos ficarão,
Almas não, que a cobiça não se farta,
Aqui jaz o thesouro Oriental,
Que se espalha por todo o Universal.

Digitized by Google

Mas si isto em muito tendes, tende em mais
O que tanto precede ao recontado,
A virtude dos proprios animaes,
Que nella vi, e tenho exprimentado:
O Unicornio, que tanto decantaes,
Por outro nome Abada nomeado,
Não ha cousa em seu corpo sem proveito,
E contra todo o mal, nenhum exceito.

Unicornio está aqui, não no sentido vulgar, designando um animal fabuloso, que tem um só corno, que passa por grande especifico contra toda a qualidade de veneno; mas sim para designar um dos animaes mais ferozes, que se conhecem, e quasi tão corpolento como o Elephante, com quem anda em perpetua guerra. Os Gregos chamaram a esta fera, Rhynoceronte, e os nossos antigos *lhe* deram o nome de *Abada*, vocabulo talvez tomado de alguma das linguas do Indostão. A denominação de *Unicornio*, que o Author lhe dá aqui, e que outros já lhe haviam dado, parece convir perfeitamente áquelle gigante dos matos, porque a natureza lhe collocou sobre o nariz um fortissimo, e agudo corno, que lhe serve de defesa. Creio porém que o Author leva a exaggeração demasiado longe, quando diz

Não ha cousa em seu corpo sem proveito,
E contra todo o mal, nenhum exceito;

pois em nenhum naturalista encontrei ainda mencionadas tantas virtudes do Rhynoceronte.

Em grandeza não chega a sua altura,
Mas sendo quasi igual ao Elephante
Nos pés, pois não possue nelles juntura,
Não se póde deitar, que se levante.
De Mula tem o rosto, e em tromba dura
O curto, e grosso corno de diamante,
A bocca mui rasgada, os peitos grossos,
E em cada pé trez unhas, fortes ossos.

O Rhynoceronte, ou Abada não tem propriamente tromba; mas simplesmente o beiço um pouco prolongado,

Digitized by Google

como o Tapir, nem o corno está collocado nella, mas sobre o nariz; e mesmo quando não tivesse junturas nas pernas, nem por isso ficaria privado de deitar-se, e levantar-se, por que a natureza, que é provida, lhe daria meios para isso, assim como deu ás Cobras, e outros animaes, que não tem pernas, os meios necessarios para andar, e pôr-se a prumo.

As pedras de cevar tão celebradas
Pelo Mundo por usos excellentes,
De buchos de Bogios sam tiradas
Nestes Malaios matos florescentes,
E as do Porco Espim tambem dotadas
Aqui vi de virtudes eminentes,
E o cornicho, que a Cobra tem, sómente
Desfaz a dura pedra em continente.

A estas deu o Ceo virtudes taes,
Que ao mal de qualquer sorte impõem respeito;
Dellas usam os Reys Orientaes,
Do Physico zombando, e seu preceito:
Contra o que he frio, e quente, e contra o mais
Que traga o Humano Ser, fazem proveito,
E só contra a peçonha racional
Do iniquo peito humano, nada val.

Dá bem o Author a entender a maldade do coração humano; é naverdade o unico, ou quasi unico veneno contra o qual não se descobrio ainda antidoto. A educação, as leis, a religião, os supplicios tudo falha, tudo é impotente contra a maldade dos homens, que apesar de tudo se abandonam aos vicios, e perpetram crimes, e delictos, por mais odiosos, e abominaveis, que sejam: a razão parece que sómente serve para tornar os homens mais preversos, ajudando-os a occultar seus attentados, e pallia-los com denominações especiosas, em logar de conduzi-los para a virtude. Hobbes não duvidou escrever, que o homem nascia mau, porque era isso a sua natureza. Esta opinião tem sido muito combatida, mas parece-me que os Tribunaes, e o Confessionario advogam poderosamente o parecer do Phylosopho Inglez.

Digitized by Google

Aqui o Capro Signo he temperado,
E o Leo contra a antiga Geographia,
De Boninas matisa o verde prado,
E a ribeira jaz sempre ali sombria;
O Bosque todo o anno está occupado
Com feros animaes, que estranhos cria:
Tal que Venus, e Marte de viçoso
O escolhem para o seu furto amoroso.

Aqui na mata espeça, e brando feno
Ambos doces effeitos concluiram,
E ora em verde Outeiro, ora em ameno,
As armas, e o amor almas uniram.
Aqui o dourado pomo, que o veneno
Esconde dentro em si, ambos fruiram,
O Satyro de inveja desatina,
E o Phauno, que os vê, d'amor se fina.

Creio que foi Antonio de Abreo o unico dos nossos Poetas antigos, que fez uso do verbo *fruir*, admittido depois pelos melhores Escriptores da Eschola Latina. Esta Estança é mui poetica, e o rasgo contheudo nos dous ultimos versos além de gracioso, está muito no estylo da poesia antiga.

Cytharea formosa, affeiçoada
A' Terra, que lhe deu contentamento,
A destina a Nação mais estimada,
E traz a Lusitana a seus assentos:
A Gente a seu Mavorte assemilhada,
E que possue de amor seus movimentos;
Já de huma, e de outra cousa a preeminencia
O tem mostrado a longa experiencia.

Tanto a Edicção de Caminha, como o Parnaso Lusitano Tomo II. traz no principio desta Estança *Cynthia*, *Cynthia*, mas eu substitui este nome pelo de Cytherea, que me pareceu a licção genuina, e a outra resultado de pouca exacção dos Copistas, ou de descuido do Author. Combinada esta Estança com a antecedente, o fio das idéas pede que se lêa Cytherea, e não Cynthia, porque aquella, e não esta é que o Poeta mostra folgando amo-

Digitized by Google

rosamente com o Deos da Guerra, e só por affeição á terra, em que tivera *contentamento*, é que a entregou aos Portuguezes; é claro que não se tracta de Cynthia, mas de Venus, que segundo Luiz de Camões, nos seus Lusiadas, é a Deosa affeiçoada, aos Portuguezes, e sua constante protectora.

A forja aonde o fino amor se apura
Dos Povos, he do Rey a gratidão,
Esta dilata o Imperio, e a ventura,
E não desarma seu poder em vão.
Esta cria o esforço, a chaga cura,
E torna Heroe o minimo Varão,
Esta dilata sempre o Luso Estado,
Por mar, e terra além do imaginado.

Esta creou aquelle Heroe valente
Affonso d'Alboquerque, que famosos
Feitos obrando, ganha no Oriente
A mór parte dos Reynos bellicosos;
Pois me falta o estylo competente,
E do alto Homero os versos sonorosos,
Só direi, que seus feitos bem mostraram,
Que pela Patria, e Rey se executaram.

A tudo vence Amor, ou tarde, ou logo,
Que o peito que he leal, e he amoroso,
Traspaça pelo ferro, e agua, e fogo
Constante, firme, lêdo, e amoroso,
Criado este Heroe foi no marcio jogo,
Aonde o esprito seu fez bellicoso.
Por seu Rey concluio heroicos feitos,
Altos muros deixando ali desfeitos.

Descanta, Tu, Caliope, o que obrou
O impavido Almeida memorado,
A quem da morte a Fama libertou,
De immortal palma, e louro corôado.
Este foi quem a Patria sublimou
Com nome illustre, e feito signalado,

Digitized by Google

Aquelle, que adquirio tanta honra, e gloria,
Que d'Asia, e Europa assumpto foi da historia.

Amor que tornou sangue este potente
Das Turquescas Nações, e das Sultanas,
A Zona torrida, a Bacchica Gente,
Mahometicas, Gentias, e Profanas;
Descantem deste Heroe tão sabiamente
Quanto amou leys divinas, e as humanas,
Ditosa Lusitania, e o Outeiro
De Abrantes, que criou tal Cavalleiro.

Supponho que nesta Oitava se introduziram erros de copia, que a tornam inintelligivel. Que quer dizer, que o *Amor tornou este potente sangue das Nações Turquescas, e Sultanas?* Quaes sam as Nações *Sultanas?* Porque se denominam aqui Nações *Bacchicas* as Mahometanas, Gentias, e Profanas? Acaso porque sam da India, e Baccho conquistou este paiz, segundo a Mythologia? Ou porque Baccho nos Lusiadas se serve dos Mouros para impecer aos Portuguezes? Mas aos Mouros é prohibido o vinho, e povos que a religião obriga a ser abstemios, não sei com que propriedade podem chamar-se Bacchicos? Se fossem Inglezes, ou Suissos, bebedores mestres, e affamados!

Recontam os annaes mais verdadeiros
Da Lusitana Historia Oriental,
O quanto illustres foram taes Luzeiros
Da sua feliz patria Occidental.
Como foram Heroes, e Cavalleiros
Em ganhar este Imperio alto, e Real;
Em defender a Patria, ao Rey servir,
E seus rivaes imigos destruir.

Governa com poder, e mando isempto
Todo este Sul do Norte separado,
Tendo pôsto por obra o fundamento
Para abrir o Commercio desejado:
Sulcar por nova via o salso argento,
No lenho Canari abalisado,
E pôr em fim o Sul em grande conta,
Que a seu Deos, e Monarcha tanto monta.

Digitized by Google

Ao Malabar dar intenta, e Dachem
A perda tanto delles reciada,
Que no Commercio aberto claro vem
Pela agua, pelo fogo, e pela espada.
Meio abre ao Luso Estado qual convém,
A fim da honra, e Fé ser dilatada,
A Nau já se apercebe d'util Gente,
Argonauta animoso, e diligente.

Prestes estava já a sabia Gente,
Odiosa por roubos, e affamada,
Trabalha cada hum com furia ardente,
Para a Empreza em seu damno designada,
Em vão o Costa se arma diligente,
De bellicosa furia, e mão armada,
Porque chegando Almeida denodado
Desfeito deixa todo aquelle Estado.

Ajuntam com presteza os Samatrinos
Galiotas, e Galés a mais de cento,
Não lhe faltam canhões, e columbrinos,
E bellicosa Gente ao seu intento.
Cem mil homens em guerras mui continos
Com Capitão de esforço, e de ardimento,
E não pertendem mais da cavalgada
Do que a Cidade, e a Nau deixar queimada.

Sobre a tarde apparece na ribeira
Com soberba, e confiada presumpção,
A Chersonesa Armada mui ligeira
Com bandeira, e estandarte de invenção;
Do Levante a ordem guardam, e a maneira
Em cerrado, e aberto o Esquadrão,
O mar enchem de vélas infinitas,
E todo o ar de Instrumentos, e de gritas.

Comettem a gran Nau em noite escura,
Fazendo o fogo hum dia luminoso,
De esforço estando cheia, e da ventura,
E do Luso valor sempre animoso.
Cada hum dos Argonautas bem procura

Digitized by Google

Nesta empreza ganhar hum nome honroso.
Vencem animos altos em peleja
Toda a cousa por alta que ella seja.

Os Barbaros com uivos desmedidos,
Presagio verdadeiro de seus males,
Com estrondos, que turbam os ouvidos,
Atrôam de Neptuno os fundos valles.
Ostentam-se soberbos, e ardidos,
Antes, que, oh valor Luso, aballes, talles!
Oh que espantosa scena parecia,
O vêr que tudo em fogo, e grita ardia.

Péga o fogo por vezes, Deos o apaga;
Tudo tenta o brutal comettimento,
Cada hum em despreso a vida estraga,
Porque nenhum a quer sem vencimento;
Tentam com furia huma, e outra ilharga,
Mortes atalham com subtil intento,
Só lembra ao Luso o Mouro aqui vencer,
Nada por nada deixa de fazer.

Com oleo, e cal, penedos, e pontões,
Com arteficios mil, e surriadas
Os convida Caranja; mas montões
D'almas sahem dos corpos desatadas.
Perdem vidas, galés, e munições,
Em menos de trez horas desastradas;
De sangue o mar, e a terra se alagou,
E o Estandarte Luso se arvorou.

De subito no mar, e terra logo,
E na Cidade dando o Ariplena,
Com animoso assalto accende fogo,
Porém nas chammas supportou a pena.
Oh Ceos, que incendio! Mas o justo rogo,
Movendo o Summo Deos, depreça ordena,
Que o cristalino Polo se turbasse,
E que hum diluvio d'agua o apagásse.

Tudo perdem no mar, e na Cidade
Os que ousam entrar nella enfurecidos,

Digitized by Google

Mil delles sobrevem em quantidade,
Porém logo se vem arrependidos.
Muito mór lhe parece a mortandade,
Do que he a ingente copia dos feridos.
Deixando o campo em fim as costas deram,
E, as armas largando, se acolheram.

Trabalha então da perda por forrar-se,
E em outro mór combate refazer-se,
Porém peiora em vez de melhorar-se,
E acaba no affinco de perder-se.
Ousado, e temerario quer chegar-se,
Mas o temor o faz arrepender-se;
Retira-o por fim o grave damno,
Avisando-o, já tarde, o desengano.

Os Elementos quatro lhe impediram
Do divino favor o que esperavam,
No mar a agua, e vento lhe affundiram
Galés, e Galeotas, que estimavam.
Contra elles terra, e fogo assi conspiram,
Que os vivos com os mortos se juntaram;
Vendo-se conjurados n'hum momento
Contra elles mar, terra, fogo, e vento.

Oh poderosa mão de Deos, armada
Contra o infido Mouro, e fementido,
Sejaes na terra, e Ceo sempre exaltada
Com terno peito, e coração rendido;
Pois tendes a soberba derribada,
Não só deste rival torpe, e descrido,
Mas d'outros, igualando com o chão
O poder de Melique, e do Hidalcão.

A pintura rapida, e impetuosa deste combate é um dos melhores trechos do Poema; tanto pelas idéas, como pelo colorido, e versificação.

Não fica em pé o iniquo Malabar,
Imigo fero, audaz, e bellicoso,

Digitized by Google

Com quem mais que valor manha empregar
Val, que é dos quatro menos poderoso:
Unidos bem poderam conquistar
O Mundo, e não lhe ser difficultoso,
Vêde o poder de Deos, que n'hum só anno
Os desfaz pelo braço Lusitano.

Mil graças rende Almeida da Victoria
A quem dellas Author he conhecido,
Já que por seu serviço, e honra, e gloria
De lha dar tão felice foi servido:
Pede-lhe o que trazia na memoria,
Que he vêr-se de Malaca despedido,
A Coge se apercebe, embarca a Gente,
Na Nau se embarca o Costa diligente.

Entregando o Governo de Malaca,
Já Senhor do despojo Oriental,
No dia dos trez Reys feliz se embarca:
Co'a nova pertenção Occidental;
Ali a cruel Parca audaz o ataca,
Mas nada, si Deos quer, a Parca val;
Abrio a Nau tal agua dando á véla,
Que pouca esperança houve de vence-la.

Embarca não póde rymar com *ataca*, e *Malaca*, porque está de permeio o *r*, que destroe a consonancia. Antonio de Abreo parece que rymava com difficuldade, ou que ao menos era pouco escrupuloso nesta parte, porque nas poucas poesias, que restam delle, se encontram algumas destas rymas falsas.

Vencida quasi esteve a Náu por agua,
Que vencer nunca pôde ferro, e fogo,
Sem ter remedio algum mais do que a magoa,
Neste azo da Fortuna, e do seu jogo:
Mas Deos, que foi a Guia desta taboa,
Ouvio do Luso peito o justo rogo,
E a viagem seguir faz perigosa
Com estylo mais justo, e milagrosa.

Digitized by Google

Sempre Deos favorece o bom respeito,
E sempre os Heroes tem da sua mão,
Passa o mar, e dos Ventos a despeito,
Victorias mil alcança ao Hidalcão:
Com esforçado brio o Luso peito,
O fim vence da sua pertenção;
Chega á Patria, e do Rey he recebido
Com publica honra, e peito agradecido.

Da Viagem lhe deu, e dos perigos
Das guerras, e do encontro Samatrino,
De seu poder, Estado, e dos amigos,
Das armas, da Milicia, e culto indino.
Do Meio de extinguir estes imigos,
Que tanto anhela com favor divino,
Estas palavras o bom Rey dizia,
E deste geito Almeida respondia.

«Poderoso, e alto Rey, a occasião
» Que Deos offrece agora de extirpar
» O Samatrino imperio, em nossa mão
» Certo está, e a fé sua dilatar.
» Não percas pois, Senhor, esta Sasão,
» Que ao diante será de damnos mar;
» Olha que a tempo hes disto avisado,
» Olha bem o que importa ao teu Estado.

» Desd'a aurea Taprobana athe Japão
» Se estende hum largo, rico, e vasto Estado,
» O qual com poucas forças, e invenção
» Poderá ser por ti senhoreado;
» De tudo verás presto a conclusão,
» Si o Samatrino fôr dali lançado,
» Debaixo estando tudo de huma chave,
» De huma porta, que feche este conclave.

» Sam Terras de Nações á razão dadas,
» Que se podem domar, e converter,
» De todas as riquezas semeadas,
» Que a mortal Gente sohe em muito ter.
» Sadias, e de bens mil abastadas,

Digitized by Google

» De tudo quanto pede o humano ser,
» Não deixes pois, Senhor, tão nobre empreza,
» Aonde ganharás honra, e riqueza.

» Entram no Adachem cem Naus cada anno
» De bellicosos Turcos, prenhes de ouro,
» Das quaes tiram proveito, e fazem damno,
» Pois dam engenho, e arte ao forte Mouro.
» Mil, e vinte quintaes, que não me engano,
» De Pimenta retorna ao seu Thesouro;
» Si isto pois atalhar se não procura
» A possuir virão a mór ventura.

» Sua guerra he já guerra guerreada,
» Seu desenho até qui foi differente,
» Negocêa com ouro; e embaixada,
» Aos outros Reys invia do Oriente.
» Determina atalhar com sua Armada
» Os bens, que vem do Sul tão facilmente.
» Cercar jámais Malaca não pertende,
» Pois he por outro modo que a offende.

» Dá ao Turco, o infido Samatrim,
» Aviso deste Estado, e esperança,
» Este incita com ouro o Çamorim,
» C'o Hidalcão, e Melique faz liança:
» Porque fulminem guerra ao nosso fim,
» Com arrojada e barbara pujança
» A todos peita, e mostra a obrigação,
» Que tem de devastar todo o Christão.

» Os nossos principaes sam os direitos,
» Que sustentam no Oriente o teu Estado,
» E estes vem do Sul por dous Estreitos,
» Bem como ao Mundo todo está mostrado:
» Selecú, e Singapura bem acceitos
» Pelo sabroso fruito, e desejado;
» Destas duas gargantas tudo pende,
» Que este imigo atalhar tudo pertende.

» Ao teu General do Oriente,
» Tão importante empreza só compete,

Digitized by Google

» Que o mandares lá outro do Ponente
» Devisões, e incommodos promette.
» Ventar Sul contra Norte de repente
» O mar atravessado logo mete,
» Porque o Jardim do Norte he só regado
» Com as aguas do Sul, e aproveitado.

» O Turco, o Gran Mogol, e o Hidalcão,
» Zonaluez contiguo, e Malabar,
» Alçada sempre tem a forte mão
» Tempo aguardando fixo, e bom logar,
» Daqui resulta ao Norte a occasião
» Para todo o favor ao Sul negar,
» Pois estando a seu cargo o provimento,
» Não podem faltar meios ao protento. »

Procede d'alma, e honra amor levado
A seu Rey nas lembranças proveitosas,
Mas quem olvidar póde o destinado,
E o giro das Estrellas luminosas!
Intentar comette-las he de ousado,
Do grande o pertender cousas honrosas,
Vencer quizera logo e animoso,
Mas foi-lhe o fado avaro, e invejoso.

As nove Irmãas, que no Parnaso habitam,
E se banham nas aguas Cabalinas,
Me aconselham, e pedem, e inda invitam
Não prosiga nas cousas Samatrinas,
Hum novo canto a começar me incitam
Em altas cousas de memoria dinas.
Si intenta-las cantar o engenho rudo,
Desculpa obedecer ás Musas tudo.

Descançar quero hum pouco pois me obrigo
De hir cantar outro assumpto dos portentos
Da Fortuna, e Neptuno duro imigo,
Como de Eólo os rijos movimentos,
Os successos, os casos, o perigo.
A que homens deram causa, e elementos,
E por fim o que o nosso bom destino
Alcançou por hum modo tão divino.

Digitized by Google

Que assumpto seria este que Antonio de Abreo pertendia cantar? Segundo as idéas do tempo é natural que tivesse em vista a composição de algum Poema Epico sobre as façanhas dos Portuguezes na India, ou em outra parte do Globo; mas levou elle á effeito este projecto? Deu-lhe ao menos principio? Não se acha nos Contemporaneos a solução destas perguntas: é porém mui crivel, que si elle compoz o Poema, aqui promettido, qualquer que fosse o seu genero, devia estar incluido na grande Collecção das suas Poesias; mas seu irmão Frey Bartholomeo de Santo Agostinho, a quem elle a confiou antes da sua morte, julgou a proposito dar-lhe fim privando assim a Literatura Nacional daquella riqueza poetica.

Si aquella Collecção existisse, poderiamos julgar com segurança até que ponto Antonio de Abreo fôra merecedor da reputação de grande Poeta, que desfructou em um tempo, em que florescia Camões: mas limitados a julgar do seu merecimento pelos poucos versos, que nos restam delle, de alguns dos quaes é mui problematica a authentecidade, força é que a sua gigantesca fama se reduza a muito acanhadas dimensões, e que o seu nome possa apenas ser collocado entre os dos Poetas de segunda ordem do celebrado Seculo de Quinhentos.

Digitized by Google

CAPITULO II.

Fernão Alvares do Oriente.

A Cidade de Gôa, Metropole do Imperio Portuguez no Oriente, um dos mais brilhantes theatros das façanhas do grande Affonso de Albòquerque, que a conquistou ao Sabaio para ser a cabeça do Estado, que a sua atilada politica, não menos que o seu valor guerreiro, destinava fundar no Oriente, esta Cidade tão rica, e tão suberba, que elle fez o principal emporio do commercio da Asia, e hoje tão decahida do seu antigo esplendor, foi a patria de Fernão Alvares do Oriente, um dos nossos mais famosos Poetas antigos: mas si os seus versos sam muito conhecidos, não acontece o mesmo á sua pessoa, a cujo respeito tudo sam dúvidas, incertezas, e conjecturas.

A epocha precisa do seu nascimento ignora-se, mas parece verosimil que tivesse logar pelos annos de 1540, pouco antes, ou pouco depois: nada consta da sua familia, mas podemos conjecturar que seria distincta, e rica, visto que não póde negar-se, á vista dos seus escriptos, que ella lhe dera educação esmerada, e scientifica, e uma educação destas, especialmente naquelle tempo, não a poderia dar a seus filhos quem fosse desprovido dos bens da fortuna.

Esta educação não foi mal empregada; foi semente que cahio em terreno fertil, que depreça fructificou, e produzio abundante seara. Fernão Alvares amava o estudo, applicava-se assiduamente, e por isso fez rapidos progressos nas bellas letras; havia nascido Poeta, e como tal se fez conhecer logo na sua adolescencia.

Commercio, e armas era a occupação de todos os Portuguezes na Asia; nobres, e plebeos, velhos, e moços mercadejavam, e combatiam segundo a occasião o deman-

Digitized by Google

dava; podia applicar-se-lhe aquelle verso, que Camões escreveo em sentido bem differente,

N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna,

a espada para combater os Mouros, e Gentios, defender as fortalezas, abater o orgulho dos Reis, e castigar as suas rebelliões contra o poder Lusitano; a penna para escrever correspondencias mercantis, e lançar no livro mestre a receita, e despeza das suas transações. O Portugal Asiatico, era, nem podia ser outra cousa, um Estado de Mercadores Soldados, como antigamente Carthago; e destas duas circumstancias tirava a sua existencia, a sua segurança, e o seu esplendor, e riqueza.

Não admira pois que Fernão Alvares seguisse na sua mocidade a vida militar. O nosso Historiador Diogo do Couto, no Capitulo XIII. da sua Decada IX. conta mui prolixamente, segundo o seu costume, que Hecobat, Imperador, ou Rei dos Mogores no anno de 1573, invadio com um poderoso exercito, pela maior parte de cavallaria, o Reino de Cambaia, e depois de muitas batalhas, em que venceo, e derrotou sempre os naturaes, se apoderou de todo aquelle paiz: não contente ainda com esta fortuna, foi apresentar-se diante de Damão, mandando intimar o Governador, e mais Portuguezes, que habitavam naquella praça, para immediatamente lha despejarem, e entregarem, como fazendo parte integrante da sua nova conquista.

Os Portuguezes na India estavam costumados a dar ordens, e não a recebe-las; mandavam, mas não obedeciam, tinham o seu direito na espada; os seus titulos de posse na força, e esse direito, e esses titulos sam incontestaveis para aquelles, que não tem forças superiores para oppôr-lhe. Em consequencia disto o Governador da Praça zombou do orgulhoso mandado do Mogor; preparou-se para a defeza, e as hostilidades principiaram.

Chegada esta noticia a Gôa, o Vice-Rei D. Antonio de Noronha, conhecendo quanto importava a conservação daquella fortaleza para a segurança do nosso commercio, e do nosso dominio naquellas partes, deu logo obra aos preparativos necessarios para soccorre-la, e castigar o atre-

Digitized by Google

vimento dos Mogores, e pôz no mar uma poderosa armada, em que, além de outros muitos navios, se contavam setenta e seis Fustas bem artilhadas, e guarnecidas de brava, e lustrosa gente.

Não me pertence narrar aqui os successos desta expedição, mas sómente notar, que Diogo do Couto ali faz expressa menção do nosso Poeta, como Commandante de uma das referidas Fustas: o que prova que o cultivo das Musas o não desviára da palestra de Marte.

O Abbade Diogo Barbosa Machado diz tambem, que elle commandára outra Fusta em uma expedição, que teve logar no tempo de Antonio Moniz Barreto: isto nada tem de improbavel, mas nem Barbosa declara d'onde tirou esta noticia, nem eu a encontro mencionada em algum dos nossos Historiadores.

Consta tambem, que Fernão Alvares fizera, naturalmente por motivos de commercio, uma viagem á Cidade de Macau, e de lá passára á Provincia de Cantão, que fica visinha, e é um dos principaes emporios, ou mercados do Imperio da China, e que ali se demorára bastante tempo, e que voltando a Macau, dali se fizera de vela para o Imperio do Japão, não menos rico, e commerciante, que a China.

De um episodio da sua Lusitania Transformada parece collegir-se, que elle antes de partir para as Ilhas do Japão havia deixado em Macau o seu casamento justo com uma formosa donzella daquella Cidade, cujo nome era, ao que parece, Catharina; mas que na sua volta a achou esquecida delle, e empregada em outro, de que tomou tanta paixão, que mandando-lhe todas as cartas, e prendas, que della tinha recebido, se embarcou precipitadamente em um navio, que estava verga d'alto para Malaca, e partira para aquella Cidade.

Ali tornou a embarcar-se, em outro baixel, que estava de retorno para a Europa; sua viagem foi feliz até ao Cabo de Boa Esperança, onde o colheu uma tempestade, que o fez, si não naufragar, ao menos arribar á Costa d'Africa, onde foi obrigado a demorar-se algum tempo, antes que tivesse logar para continuar a sua viagem para Portugal, onde finalmente chegou a salvo.

Todos os, que tem tractado deste objecto, concordam

Digitized by Google

com o Padre Joaquim de Foyos, a quem devemos a nitida, e correcta edicção de Fernão Alvares do Oriente, e que é a segunda, que delle tem sahido á luz, que este episodio contém em resumo a vida, e successos do Author; mas o que se lê na prosa sexta, do livro terceiro, será tambem verdade, ou adorno poetico para dar solução á historia de Felicio? Si a resposta fôr pela affirmativa é claro, que o ciume mal averiguado de Fernão Alvares acarretou a desgraça sobre elle, e sobre a sua innocente amante, pois deu credito á sua infidelidade sómente por uma carta della, que o seu rival lhe mostrou, mas carta forjada por elle, contrafazendo a letra de Catharina, á vista de outra, que obtivera por intervenção de uma amiga perfida.

Consta mais da mesma prosa, que a amante de Fernão Alvares, recebendo as cartas, e as prendas, que elle lhe recambiava sem a ouvir, tomára disso tamanha paixão, e desgosto, que em breve terminou a sua existencia.

Verdade, ou não, que isto seja, pareçe que a magoa do Poeta o acompanhou, muito tempo, e a inquietação, que lhe causava, o levou em breve á Italia, procurando com a mudança dos logares, e o bolicio das jornadas, e viagens espairecer os pesares, que o opprimiam.

O meu amigo Angelo Tallassi, me affirmou muitas vezes, que em uma livraria de Ferrara, sua patria, encontrára um pequeno livro contendo uma Ecloga, duas Canções, alguns Sonetos Italianos, e outros Castelhanes, com o nome de Fernão Alvares; não o affirmo, nem o nego; sómente cito o facto, como prova de que elle visitára as principaes Cidades da Italia, sendo mui natural, que elle desejasse percorrer terras tão differentes daquellas, que havia até ali conhecido.

Ali se deu com affinco ao estudo dos Poetas Toscanos, e com especialidade de Sannazzaro, cuja grande reputação estava ainda mui fresca, pois havia passado da vida presente com 72 annos de idade, em 1530, e os seus escriptos pastoraes serviam então de modelo a todos os Poetas da epocha.

E evidente, que a leitura da Arcadia de Sannazzaro lhe suscitou a lembrança de compôr a sua Lusitania Transformada, em que ha visiveis imitações da Obra Italiana,

Digitized by Google

e elle proprio parece insinua-lo, quando diz no principio da primeira prosa, que havendo deparado com a frauta de Sincero (Sannazzaro) pendurada em um troco do Menalo, tornando com ella á patria, canta com ella, na Lusitania Transformada, as glorias de Deos, e as leis tyrannicas do mundo.

Daqui parece colher-se, que elle trouxera para Portugal a resolução de compôr a sua Obra, e que nessa composição trabalhou aqui nos ultimos annos da sua vida, que talvez não fosse longa, pois a Obra parece não estar terminada; mas ignora-se o anno, o sitio em que teve logar a sua morte, e aonde foi sepultado.

A Lusitania Transformada, é um titulo defeituoso, pois não dá idéa do assumpto da Obra, com elle baptisada. Quando lêmos á frente de um livro *A Primavera,* ou o *Pastor Peregrino,* concebemos logo a idéa da materia de que tracta; mas mesmo depois de lida a Pastoral de Fernão Alvares, não podemos entender bem a significação do titulo, e apenas podemos suppôr, que o Poeta quizera dizer, a Lusitania Transformada em Arcadia.

Esta Obra consta de trez livros, compostos de prosa, e Poemas de todo o genero, como a Arcadia de Sannazzaro, e Lope de Vega, e as Pastoraes de Francisco Rodrigues Lobo, com a differença, que naquelles os versos sam sempre separados da prosa, e nesta os versos muitas vezes sam continuação dos dialogos, e das narrações.

Esta Obra é escripta em linguagem purissima, correcta, elegante, posto que a prosa pareça ás vezes desatada, e falta de numero, carecendo da fluidez, e harmonia de periodos, que tanto admiramos em Francisco Rodrigues Lobo. A sua fabula não é implexa, e os seus nexos se soltam verosimilmente pela marcha natural dos incidentes. Ha nella muita imaginação, muita invenção nos episodios, e historias cheias de interesse, de que se compõem. É certo que nella desejaramos encontrar mais quadros Asiaticos, e pinturas dos costumes, e bellezas pictorescas daquellas regiões estranhas; quizeramos antes, que as scenas se passassem nas margens do Ganges, ou do Indo, que nas do Douro, e a historia de Saladino bastaria para nos convencer do interesse, que o Poeta teria por este modo conferido á sua composição.

Digitized by Google

As poesias de Fernão Alvares do Oriente, á excepção de uma Elegia, que principiava

Saia desta alma triste, e magoada,

que consta andar em um Cancioneiro, collegido em 1577 pelo Padre Pedro Ribeiro, cujo manuscripto existia na copiosa bibliotheca da casa de Lafões, aonde pereceo (*) com muitas outras preciosidades literarias, existem todas encerradas na Lusitania Transformada, e é por ellas, que podemos hoje formar juizo do talento poetico do Author.

Estas poesias constam de Sonetos, Canções, Elegias, Eclogas, Epistolas, Quintilhas, Estanças, e Epigrammas;

(*) Assim o affirmam o Abbade Barbosa Machado, e o Padre Joaquim de Foyos, o primeiro na Bibliotheca Lusitana, e o segundo na sua Introducção á Lusitania Transformada, de que foi Editor, e aqui segui a mesma opinião na falta de melhores noticias. Quando porém fiz nova leitura de Camões para escrever os Capitulos que nesta Obra lhe pertencem, deparei no Volume 3.º da Edição de 1783 a paginas 344 uma Elegia, que como as antecedentes, e as seguintes vem ali recolhidas na dúvida de serem de Luiz de Camões, ou não, mas que andavam dispersas por algumas Edições das Obras deste Poeta, como consta da advertencia do Editor a paginas 326, no fim da Elegia XII., ultima das que indubitavelmente pertencem a Camões. Os primeiros versos daquella Elegia

Saiam desta alma triste, e magoada
Palavras magoadas de tristeza,

e o ser feita á morte de um tal D. Tello, que foi morto na India em uma batalha, me fizeram suspeitar que esta poderia ser a Elegia de Fernão Alvares, que Barbosa, e Foyos davam por perdida, pois que o principio, e o assumpto me faziam assim suppôr; passei pois a examinar minuciosamente o estylo, e modos de dizer daquelle Poema, e tirei em resultado o persuadir-me de que elle não era de Camões, porém de Fernão Alvares, e o mesmo que se julgava perdido.

Digitized by Google

e sam, na minha opinião, as mais bellas composições lyricas, que depois das Rhythmas de Luiz de Camões, nos ficaram dos Quinhentistas: Fernão Alvares do Oriente me parece, depois de Camões o homem mais naturalmente Poeta, de mais imaginação, e de gosto mais apurado daquelles tempos, o seu estylo correcto, imaginoso, elegante, e ás vezes sublime, e sobre tudo a robustez de sua expressão, e perfectibilidade de metro apresenta tanta semilhança com o talente, e maneira de compôr do Cantor dos Lusiadas, que alguem chegou a affirmar, que a Lusitania Transformada não era mais que o Parnaso de Luiz de Camões, cuja perda tem sido tantas vezes, e com tanta razão lamentada.

Mas esta supposição me parece inteiramente destituida de fundamento: reconheço, é verdade, essa muita semilhança entre os versos, e o estylo de Fernão Alvares do Oriente, e os de Luiz de Camões; mas estou certo, que nenhum delicado conhecedor da materia deixará de sentir, que nas Poesias da Lusitania Transformada faltam certas pinceladas amenas, e graciosas, certa audacia phylosophica, certa maneira particular, e facil de dizer, que parece individual, e privativa de Camões; e que a versificação deste tem mais variedade de cesuras, mais fluidez, e doçura, que a daquelle: tenho por tanto para mim, que tal supposição, mal fundada, deve desculpar-se, como illusão do desejo de encontrar a obra perdida, ou despresar-se como effeito de malignidade, contra o Poeta Oriental.

Parece-me que em apoio da minha opinião póde citar-se a paixão de Fernão Alvares pelos versos esdruxulos, escrevendo nelles Canções, e Eclogas, inteiras, cousa nunca praticada por Camões, que tinha sobejo gosto para sentir quanto é desagradavel semilhante modo de escrever, em uma lingua como a nossa, que não tem taes dicções em seus verbos, a não ser com o auxilio affectado de sufixas, e muito poucas nos nomes; foi a leitura, e o exemplo de Sannazzaro, que levou Fernão Alvares a semilhante pratica, sem attender á diversidade do genio dos dous idyomas.

Deixando porém este assumpto desagradavel, passarei a apresentar aos Leitores o testemunho de estima, e de admiração, que Fernão Alvares deixou na sua Obra ao

Digitized by Google

Homero Portuguez; acha-se elle no Livro I., e é do theor seguinte: « Muitas estatuas estavam polas columnas do templo, alevantadas, mas consumidas de maneira, que se não deixavam conhecer, nem ainda lêr os letreiros, que declaravam cujas fossem; mas entre todas a estatua do Principe dos Poetas da nossa idade, que cantou a larga navegação dos Lusitanos, a qual se divisava das outras com este letreiro, *Principe dos Poetas,* titulo, que daqui parece que trasladou á sua sepultura um peito illustre, e generoso. Estava só com toda a sua perfeição, com que seu esculptor ali a posera de principio; com quanto que um esquadrão de Bonzos, e Zoilos, que lhe ficavam aos pés, com muitos tiros pertendiam damnifica-la.... » Estas linhas sam tão honrosas para Camões, a quem sam dirigidas, como para Fernão Alvares, que as escreveo. O discipulo, que honra o mestre, é sempre digno de louvor.

É indubitavel que a semilhança de estylo, que se nota nas Obras de Fernão Alvares, e de Camões nasce do desvelo, com que o primeiro estudava, e imitava os versos do segundo, o que melhor se evidenciará pelas citações, que passamos a fazer.

Parece-me que o mestre não desdenharia esta Canção do discipulo.

Agora que descança
Do triste peito humano os vãos cuidados
A noite escura, e mansa,
E já não se ouvem brados
De Ovelha, ou de Pastor por estes prados.

E o silencio refrêa
Do subtil ar o leve movimento,
Diana a luz albêa
Trazendo, no alto assento,
Seus cabellos dourados sólta ao Vento.

Os Animaes nos montes,
Os Paçaros nos troncos, que florecem,
Os Peixinhos nas fontes,
Já pelo somno esquecem
O pasto, e reposados adormecem.

Digitized by Google

Agora te alevanta,
Oh pensamento meu tão mal esperto,
Pois vês que a fresca Planta
Vendo o têu desconcerto,
Te mostra para o Ceo caminho aberto.

Por onde hirás vôando
Em o que a vista alcança á summa altura,
Quem tudo fez louvando;
Em quanto tens segura
A doce occasião da noite escura.

E minha Musa agreste
Louvores espalhando aos Ceos serenos,
Do nosso Rey celeste,
Nestes campos amenos
Já que não póde o mais, celebre o menos.

Que si tanto podera
Minha flauta em rudeza ao Mundo rara,
Que o seu som detivera
O curso da agua clara,
E os montes mais remotos abalára.

Ou se o Ceo me influira
Tal graça, que fizera ao Mundo espanto
A minha branda Lyra,
E a Phebo com meu canto
Ganhára o ramo verde, que amo tanto.

Jámais os vãos cuidados
Em que o sentido empregam os humanos,
De mim foram cantados,
Nem os falsos enganos
Que me gastaram dez, e outros mais annos.

Aquelles, que assignalam
Seu preço no valor sanguinolento,
E os que as obras igualam,
Ao alto pensamento,
Deixara sepultar no esquecimento.

Digitized by Google

Em quem empregaria
O talento que assim cobiço agora?
No Senhor, que vos guia,
Que do Ceo, onde mora,
De nós na baixa terra se enamora!

Ao negro esquecimento
Não se rendera então meu vario canto,
Em quanto o quarto assento
Trouxesse o Sol, e em quanto
Vestisse a Terra o Sol de verde manto.

Mas pois pobre me vêjo
Quão rica a causa, á qual me aspira o peito,
Pois este meu desejo,
Em tão alto sugeito
Chegar não póde a ter devido effeito.

Vós, fonte cristalina,
Vós louvaes o Senhor, frescos Rosaes,
De cuja mão divina
A frescura alcançaes,
De que este alegre canto, e monte ornaes.

Vós, Nymphas, e Pastores,
Do peito a voz lançai, agua dos olhos,
E deste campo as flores
Atando em frescos molhos
Nas mãos offerecei-lhas, de giolhos.

A Flor mimosa, o rudo
Espinho, e tudo quanto o valle cria,
Ao Creador de tudo
Com muda melodia
Cantando estam cantares de alegria.

Mas ah! que de invejosa,
Aurora, derramando o fresco orvalho,
Com tua luz formosa
Pões a meu canto atalho,
Canto, com que eu o punha ao meu trabalho.

Digitized by Google

Phebo as celestes flores
Destingindo, as terrestres pinta, e doura;
Os simples Lavradores
Já tornam á lavoura,
Exercicios de Ceres branca, e loura.

Repousa, oh Frauta, em quanto
Com varios sons o campo se mistura;
Tua voz entre tanto
Descance aqui segura
Do Tempo, da Fortuna, e Inveja escura.

Além da imitação do estylo de Camões, o Leitor póde notar nesta Canção, ou Ode alguns versiculos dos Psalmos habilmente aproveitados.

A seguinte, tirada da prosa sexta do livro segundo, faz-se notavel pela elevação dos pensamentos phylosophicos, e energia do estylo.

O Tempo, que profana
Os bens proprios, que deu, e o Fado incerto,
Que a quanto póde a sua força estende,
A' Natureza humana
Assi contrarios sam (si acaso he certo
Que o regimento seu dos casos pende).
Que o peito, que pertende
Chegar ao Ceo sublime,
O Tempo, e Fado com mais força opprime,
Mas então tu, altivo pensamento,
Em quem o Ceo alta inclinação imprime,
Nos maiores perigos mais contento,
Sobes a esse alto assento
Com a chamma veloz, clara, e lusente.

Quanto na redondeza
Cria o curso do Ceo, que arrebatado
Traz si leva por força os outros nove,
Seguindo a Natureza
Do Elemento mais leve, ou mais pesado,
Do que mais participa, em fim se move,
Pois si nada ha que estorve

Digitized by Google

Que tudo não prosiga
Seu natural; nossa alma, a qual obriga
Maior razão, seguindo esse alto, e raro
Ardor daquella formosura antiga,
Em si aquella luz tão clara vendo
De que he retrato claro,
Resplandece, e ás Estrellas sobe ardendo.

Nem casos de Fortuna,
Nem semrazões do Tempo, a que he sugeita,
E com tanta razão a mortal vida,
Nem a vida importuna
No bem, si viu algum, tão curta, e estreita,
Como no mal, que vê larga, e comprida
Nem a gloria perdida
O peito nobre isenta
Daquella alteza, que a alma sempre intenta,
Que como a verde palma, insigne Planta,
Não se dobra c'o peso, que sustenta,
Mas então com mais força o Ar rompendo,
Os ramos alevanta,
Assi do corpo huma alma o peso erguendo.

Que o peito generoso,
Que do principio seu não degenera,
Do principio, que o deu no Mundo a tudo,
O que ha mais trabalhoso,
Perigo por subir a essa alta esphera,
Ousado vence, si o temeu sesudo,
Ou no continuo estudo
Passando a vida escassa,
A qual em tudo o mais em vão se passa,
Faz que o Louro gentil lhe cerque a frente,
Que a terra baixa mede, e o Ceo compassa,
E porque entre os Heroes a Fama o assente
No seu sublime monte
Ao Ceo sobe abrazado em fogo ardente.

Porém si o Fado injusto
Jámais corta os successos á medida
Da valia daquelle, que os procura,

Digitized by Google

A muito pouco custo
Entende muito bem que em fim na vida
Pouco falta a quem só falta a ventura.
Que nunca a sorte escura
Usou de igual balança
Nos bens, que acaso cá no Mundo lança.
E ninguem lá verá que mude o estylo
Com sempre a vêr tão certa na mudança,
Si fôr não só do campo florescente,
Que rega o Téjo ao Nilo,
Mas si do Nilo fôr the o Oriente!

O Ceo ligeiro, e vago,
Que revolvendo sempre as varias rodas,
Tão certo corre em seu processo incerto,
Si faz em tudo estrago,
Si tudo desconcerta, as horas todas
Perpetuamente traz com seu concerto:
E no seu curso certo
De contínuo caminha,
Guardando as suas leys por justa linha,
Mas ah, vida mortal! ah triste vida,
Sómente para ti vida mesquinha,
Por mais que vam os tempos descorrendo
Por tão justa medida,
Nunca hirei tempo justo, e claro vendo.

Mas com quanto no Mundo
Nunca alguem viu hum dia alegre, e claro,
Depois de tantos vêr tristes, e escuros,
Comigo o Ceo profundo
Se mostrou, e se mostra o Fado Avaro,
Em suas leys mais asperas, e duras;
Nem vêr seus mal seguros
Successos já me admira,
Antes mais me admirára si os não vira;
Que com razão qualquer prazer que siga,
Do Tempo a semrazão das mãos mo tira:
Si a sorte de meu sangue o peito enchendo,
Nunca me foi amiga,
E si o Ceo contra mim foi sempre horrendo.

Digitized by Google

O Mundo injusto, e vario
A'quelles sempre dá seus vãos favores,
Em quem fica o seu bem mal empregado:
O Tempo, que he contrario
A pensamentos altos, seus furóres
Em quantos os tiveram, tem provado.
Pois como hum alto estado,
Póde viver seguro
Em tempo do metal mais baixo, e puro,
Si a venda pende só de hum fraco fio,
Si sempre se mostrou o Mundo escuro,
Pôsto que o Ceo se mostre alegre á Gente,
De prazeres vasio,
E os dias cheios de ira, e pena urgente.

Si alguem diz que o tormento
Com causa padecido se alivia,
He falso parecer ao Vulgo acceito,
Que nenhum sentimento,
Da mór pena, que tenha, em fim teria,
Quem dá culpa tivera isento o peito.
Pois si vivo sugeito
Em vida triste, e escura
A' sem razão do Tempo, e da ventura,
Que a tudo ha tanto tem negado o preço,
E se ha na vida quem na gloria pera
Que tem sem merecer, não se gloria:
Da pena, que padeço,
Porque causa minha alma se injuria?

Que nem hum alto estado,
He bem que satisfaça a quem o alcança,
Si para isto lhe falta o merece-lo;
Nem si he arrebatado,
Das mãos daquelle a quem se deve, o cança,
Que merecer o bem he mais que have-lo.
O metal amarello,
A prata, as pedras finas,
A Gloria que, Fortuna, aos teus destinas,
Ou tiras a qualquer, ou dás acaso!
E como as honras deste nome indinas,

Digitized by Google

E as penas vem por casos desastrados,
Para que he fazer caso
Só daquillo em que os casos sam culpados.

Nenhum cometimento
Quando merece mal successo honroso;
Honrou nunca entre bons o bom successo,
O alto pensamento
Mui mal póde abater fim desditoso,
Si foi do bem, que pertendeu, avesso.
Porque como o processo,
Dos tempos desvaria
O que qualquer nos feitos pertendia,
Não se ha de pôr nos fins o premio delles,
Que quem aos Ceos os pensamentos guia,
Não lhe tira do tempo o fero assalto,
O que valer por elles,
Pois de continuo aspira ao que he mais alto.

Aquelle que tiver,
Que he melhor ter hum bem que desmerece,
Que merece-lo só sem que o possua,
Por pouco merecer,
Trabalha, porque a quem menos merece
Mais a Fortuna dá da gloria sua.
A Luz, o Sol, a Lua,
Seus brandos raios negue
A quem do Fado a luz tão varia segue,
Pondo nos bens, que tem todo o descanço,
Que eu só d'agora ao meu cuidado entregue,
Que d'outros vãos cuidados me desvia,
Por ter bens nunca canço,
Por merecer trabalho cada dia.

Está no excelso cume
Do monte mais sublime a branca neve,
Que no licôr, que doce, o Sol desata.
Por antigo costume
O Mundo, o que em logar mais alto esteve,
Não póde ser que não desfaça, e bata.
Assi que a sorte ingrata

Digitized by Google

Como Vento que infuna
A Nau da vida misera, importuna,
A leva aonde a deixa espedaçada,
Si os bens que dam os Fados, e a Fortuna,
Acabam quando estam mais sublimados,
Bem posso dar por nada
Tudo que podem dar Fortuna, e Fados.

E si o meu pensamento,
Que pude levantar a essa alta esphera,
Derriba-lo de lá podér Ventura,
A gloria que já sinto,
Que de tê-lo subido assi me espera,
Não póde derribar, que está segura.
Falte Fortuna escura,
A meus comettimentos;
O Tempo vão, e os Fados avarentos
Faltem tambem, que em fim sam Tempo, e Fados:
Mas por satisfação dos meus tormentos
Aquelles, que me vem subindo ao alto
De tão nobres cuidados,
Si elles faltarem, saibam que eu não falto.

Vê-se que Gabriel Pereira de Castro tinha presente o fecho desta Canção, quando na sua Ulysséa, Canto IV., Estança cento e oito, escreveu os seguintes versos:

A Paciencia os casos facilita,
Soffrendo has de vencer Fortuna, e Fados,
Sempre o animo ergue a cousas altas,
Si ellas faltarem, vejam que não faltas.

Nenhum dos nossos Epicos se aproveitou mais dos trabalhos alheios, e o que nisto ha mais singular, é que ninguem tinha menos precisão disso, visto a rica, e fecundissima veia, de que era dotado, e vendo-se geralmente, que os trechos mais bellos, e mais perfeitos do seu Poema, sam aquelles, que elle tirou do seu proprio fundo.

Eis aqui outra Canção, sobre a felicidade da vida campestre, que deve ser contada entre as melhores producções de Fernão Alvares do Oriente.

Digitized by Google

Que sorte tão ditosa,
Que dom tão sublimado aquelle alcança,
Que apesentou nos campos a ventura!
No bem, de que a alma goza
Isempta de temor, e de esperança,
Nem desta, nem daquella se assegura.
Passando a vida alegre, não procura
Vêr os soberbos Paços,
Em que busque os favores,
Que grangeam sómente Aduladores
A' custa d'alma! e a força dos seus braços
A fructa lhe daria
O ramo, aguas a fonte, o campo as Flores,
Ou quão alto descanço em fim teria
Quem tão baixa tivesse a Phantasia!

Verá nos Arvoredos,
Da Natureza as Obras contemplando,
A fructa de mil flores variada,
Dos asperos penedos
Veria a fonte clara hir murmurando,
Por entre alvos seixinhos dirivada;
Veria pelos montes pendurada
A sua amada Ovelha,
Na manhãa clara, e pura;
Que deixando dos campos a verdura,
Dera a seu doce canto attenta orelha;
Oh quem passar soubesse
A vida tão quieta, e tão segura,
Della apartando assim todo o interesse,
Que nunca em móres cousas a metesse!

Veria a alegre Aurora
Communicar no campo ás frescas flores,
A bella côr, que tem na roxa fronte;
Veria donde mora
Pintadas de subtis, e varias côres
Na praia conchas mil, flores no monte,
E quando o Sol se esconde no horisonte
As nuvens transparentes;
Verá na fresca tarde

Digitized by Google

Como de noite a luz nos montes arde,
Pintar de bordaduras differentes;
O fructo colheria,
Que por colher melhor seu tempo aguarde;
E em nada melhor gosto levaria,
Que em levar o seu Gado á fonte fria.

Dera-lhe o campo a Vide,
Dera-lhe a Vide os cachos rôxo, e verde,
E os cachos o licôr gostoso, e lindo.
O Valle em que reside,
Quando o Sol da quentura a força perde,
Fôra com vagarosos pés medindo;
Canções cantando hũa ora, outrora ouvindo,
N'hum gostoso descanço,
E descançado gosto,
Teria todo o seu cuidado pôsto
Em tosquiar o simples Gado, e manso:
Quando mais Phebo ardesse
Em o levar ao mais seguro pôsto;
E vestir-se de lãa, que lhe elle desse;
E mungi-lo do leite, que comesse.

Do triste, ou lêdo rosto
Daquelle, de que em vão, vão preço espera,
Não trará seu descanço pendurado:
Nem temor, nem desgosto,
Lhe causará na guerra ardente, e fera,
Cahir o Companheiro ao proprio lado.
Não exprimentará no mar irado
Dos Ventos procelosos
A furia nunca mansa;
O que pois tão ditosa sorte alcança,
Que de tantos encontros perigosos
A Ventura o desvia,
Si entende sua bemaventurança,
Que lhe cantam as Aves á porfia,
Quão bemaventurado que seria!

Em fraco lenho, e leve
A vida não entrega ao Vento irado,

Digitized by Google

Para as Pedras buscar, que a India manda,
Nem põem o gosto breve
No soberbo metal, que nega o Fado,
A quem traz elle mais trabalha, e anda.
Por mais que volte a huma, e outra banda,
O Sol não lhe seria
Si não sereno, e claro,
Que mal póde mudar-se o gosto raro
Da vida, que em tão doce paz se cria,
Por mais que a acommettesse
Com seus tiros mortaes o Tempo avaro,
E ainda acertaria se dissessé,
Que por mais que a Fortuna revolvesse.

Si o vestido lhe falta
De fina prata ornado, e de ouro alheo,
E as casas de subtil, e varia tinta;
No Campo se lhe esmalta
O verde chão de gracioso arreo,
Que o Ceo de suas proprias côres pinta;
E sem que do temor o assalto sinta,
Ao somno socegado
O convida a corrente
Do Ribeiro, que corre mansamente,
Por entre as hervas humidas do prado;
Si a costumada onzena
A Terra lhe negar tão pouco o sente,
Que por causa mais grande, ou mais pequena,
Nunca em si sentiria maior pena.

Quão bemaventurado,
Quão ledo, quão ditoso, em fim sería
O que mercê do Ceo tão grande houvesse,
Que só acompanhado
Das Ovelhas pacificas, que cria,
Na doce solidão viver podesse!
E sem buscar do Mundo outro interesse,
No seguro remanso,
Que para si buscasse,
Alegre a vida em santa paz passasse;
Que nunca profanára o seu descanço

Digitized by Google

Outra mais grave pena,
Por mais que a sorte dura salteasse
Com varios casos sua paz serena,
Que pesar-lhe da vida ser pequena.

Os Sonetos de Fernão Alvares do Oriente sam escriptos com elegancia, com idéas escolhidas, e engenhosas, e mais que tudo em excellentes versos. Este Poema tão mimoso dos Poetas da Eschola Toscana, é um daquelles, que os engenhos Portuguezes tem cultivado com mais felicidade, poucas nações da Europa poderão apresentar tamanha quantidade de bons Sonetos, como a Portugueza; mas a abundancia produzio, como era de esperar, a saciedade, e os Seiscentistas extravaganciando, e delirando largamente em Sonetos, desacreditaram de modo o genero, que dos mesmos Poetas Classicos sam os Sonetos as composições que menos Leitores encontram. Fernão Alvares do Oriente não foi dos mais prodigos destes Poemas, ao menos na Lusitania Transformada; trascreveremos alguns dos melhores, eis aqui um ao Nascimento do Salvador.

SONETO.

Como, si do Ceo hes Senhor superno,
Te vêjo, immenso Deos, pobre Minino?
Como te offende o frio, Rey benino,
Si tens dos Elementos o governo?

Ou como o ventre te encerrou materno,
Si não comprende o Ceo teu ser divino?
Como choras, si cantam de contino
Anjos, com quem dispenças gosto eterno?

Como, si hes Verbo tu do Padre immenso,
Me não fallas, Senhor? como, si infante
Meravilhas ao Mundo já disseste?

Si hes Deos, como te falta o sacro incenso?
Si Homem, como to dam? « Ninguem se espante;
« Homem terreno sou, sou Deos Celeste. »

Digitized by Google

Estas idéas sam nobres, pôsto que a expressão seja um tanto affectada. O seguinte a um Crucifixo é summamente engenhoso.

SONETO.

Quando o Mundo creou Deos increado,
Da Terra o Paraiso deleitoso,
Quatro Rios brutou, que o gracioso
Terreno d'agua fresca tem banhado.

Depois que Adão peccou, Deos encarnado
Deu de outro Paraiso mais formoso
Cinco Ribeiros de licôr precioso
Desta, e daquella mão, dos pés, do lado.

Neste tanque gentil da Santa Igreja
Se ajunta este licôr, antes thesouro,
Das almas lavatorio, e mais resgate.

Quemquer que immundo, e que captivo esteja
Aqui tem certo, isempto já do chouro,
Liquor que o lave, e preço que o resgate.

Note-se, que o Poeta no segundo verso do segundo Terceto escreve *chouro* em logar de *choro* para rymar com *thesouro,* que está no fim do segundo verso do primeiro Terceto; esta licença não sería hoje desculpada, porém os nossos antigos eram mais indulgentes em materia de ryma.

Os Sonetos Eroticos sam, como era de esperar, superiores aos de assumpto moral, e nisto succedeu ao Poeta o mesmo, que aos seus contemporaneos: vêjamos alguns.

Digitized by Google

SONETO.

O brando Amor, mas em meu damno forte,
Só nelle quiz mostrar potencia rara;
Em não querer que a mão do Fado avara
Hum dia me outhorgasse alegre sorte.

Da Parca dura assim temi que o corte
Com a vida a fé d'alma me acabara;
Mas ah! que he semrazão injusta, e clara
Que o que começa Amor acabe a Morte.

E como a pena, que me traz cançado,
Tem feito n'alma eterna eterno assento,
Estou n'hum triste, mas seguro, estado.

Que si Amor não der fim ao meu tormento,
Nem Fortuna remedio ao meu cuidado,
Nem morte mudará meu pensamento.

SONETO.

No bem dando-me assalto o Tempo fero;
Que me pintava alegre a phantasia,
Cumprida do Receio a prophecia,
Do que esperei nenhuma cousa espero.

Mas si, apesar das Leys do Fado austero,
E do Desejo, que em contrario guia
Da Razão, si não posso o que queria,
Poderei não querer o que mais quero.

Eis que a ti, desta Troia injusta Helena,
Flamma bella, e cruel, raio celeste,
De quem quiz triste offerecer-te o peito.

Os penhores te entrego, que me deste
Quando Mulher, que agora bes fera Hyena,
Fera que de Mulher tens só o aspeito.

Digitized by Google

Parece que este Soneto foi pelo Author remettido á sua Dama Macaista com as cartas, e prendas, que della havia recebido, quando por causa da sua infidelidade, verdadeira, ou supposta, fugio arrebatadamente de Macau. Este Soneto acaba com uma injuria, que é o signal mais evidente, de que o Poeta a amava ainda. O odio não desaffoga em vituperios; reconcentra-se no despreso, e espera em silencio a occasião da vingança. O seguinte é descriptivo, e excellente no seu genero.

SONETO.

Ilha, suave, amena, e deleitosa,
Por dom de Deos entre ondas moradora,
Que ornaram com seus dões Pomona, e Flora,
Huma no fructo, outra na flor ditosa.

De Lyrios sempre ornada estás, e Rosa,
Da graça singular de que hes Senhora,
Do nome que te deu a sorte agora
Ornada mais que nunca, e mais formosa.

Pois hes premio gentil de Varões claros,
Que por seu Rey contentes vam passando
Dos Ventos o rigor nas aguas frias.

Sempre te seja o Sol sereno, e brando,
Nunca sejam os Ceos contigo avaros,
Pois tu hes liberal dos dões, que crias.

O Author finge que encontrou este Soneto gravado no tronco de um dos dous alamos, que na Ilha de Santa Helena, defendiam a Ermida dedicada áquella Santa, e elle gravára no outro alamo o seguinte

Digitized by Google

SONETO.

No Ceo, no Mar, na Terra celebrada
Helena, por trez dões, que ao Mundo deste,
O grande Constantino, com que encheste
Tanto o Ceo de progenie sublimada.

Na Terra aquella Planta consagrada
A qual nos deu por fructo o Rey celeste;
No Mar esta Ilha alegre, a que trouxeste
A Gente de seus medos salteada.

Pois de tantas mercês não foste escassa
Muitas graças te dê todo o Universo,
E mais graças te dê quem mais te deve.

O teu louvor se cante em prosa, e verso,
E lêa em teu louvor todo o que passa,
Tudo, que em teu louvor aqui se escreve.

Então era a Ilha de Santa Helena celebrada pela verdura, e fresquidão dos seus arvoredos, pela salubridade de seu ar, e de suas aguas limpidas, e perenes: hoje é famosa pela prisão do maior Capitão dos tempos modernos, pelos tractamentos atrozes, e as injurias, e insultos á grandeza decahida, e ao infortunio, que constam das Memorias de Hudson Low, Governador Inglez daquella Praça, e instrumento docil das ordens do seu Governo, outras inscripções se lêem agora nos troncos, e nos rochedos de Santa Helena, gritos da opinião pública, que chamam a maldição da posteridade sobre o mais horrivel, e inutil de quantos crimes a Cobardia, e a Politica tem atégora comettido.

As Eclogas, que formam a parte mais importante das Poesias da Lusitania Transformada, umas sam compostas em Tercetos, outras em Oitavas, e algumas em Estrophes, e outras combinações de versos, de differentes medidas, e rymas. O Author, seguindo a Camões, os Italianos, e os Antigos, soube atinar quasi sempre com o tom proprio destes Poemas; o estylo nem é levantado de mais,

Digitized by Google

nem tão humilde que descaia na baixeza, os seus Pastores nem sam tão moralistas, e sentenciosos como os de Sá de Miranda, nem tão rusticos como os de Rodrigues Lobo. Eis aqui uma daquellas em que o Author julga necessario levantar mais o estylo; é o canto de duas Nymphas, que arrependidas de seus antigos erros, cantam queixando-se do amor.

CLIMENE.

Pensamento, que hum tempo alevantado
Contra o Ceo, lhe negaste o seu direito,
E de Amor tributario a seu cuidado,
Por peita deste lagrimas do peito.
Alma, que opprime jugo tão pesado,
A ser tão grave o coração sugeito,
Desempenhe a razão já agora, e ordene
Outra fonte no peito de Climene.

EPHYRE.

Ferida já de nova dôr suspire
A alma, que suspirou d'Amor ferida,
A aquella alteza, que perdeo, aspire
Por sua alteza tal, tão mal perdida.
Si já no gosto a morte achou Ephyre,
Agora nos tormentos busque a vida;
E o mal, que pela vista entrou no peito,
Saia por elle em lagrimas desfeito.

CLIMENE.

Si aquella May d'Amor, bella Erycina,
Que no Filho sustem sceptro, e governo,
Tyrannica, falsaria, que destina
Por hum breve prazer tormento eterno,
Sómente a culpa tem da pena indina,
Que os seus padecem n'hum comprido inferno,
Seus bens fugindo, a jurdição lhe negue
Quem lhe teve athegora o peito entregue.

Digitized by Google

EPHYRE.

Si aquelle Rey, digo, cruel Tyranno,
Que o seu fogo accendeo nas nossas agoas,
Converte hum breve gosto em largo damno,
Desconta por hum bem perpetuas magoas,
Quem se vê livre do seu doce engano,
Do seu ardor não exprimente as fragoas,
E si tem seu rigor exprimentado
Furte o corpo, antes alma, ao seu cuidado.

CLIMENE.

No fundo lá do cristalino Téjo,
Da Fortuna vivi levando a palma,
Depois, seguindo Amor traz hum Desejo,
Que á custa se alcançou da vida, e da alma,
Em estado tão misero me vêjo
Agora, que ficou o gosto em calma,
Que de corrida tomo este desterro
Por pena, e por remedio do meu erro.

EPHYRE.

Livre vivi, passando alegre a vida
No Reyno de cristal posta em socego,
Da dôr, que n'alma entrou pela ferida,
Que nella o tiro fez d'hum Moço cégo:
Depois a Liberdade vi perdida,
Por quem me fez fazer tão baixo emprego,
E assim perdi por huma vaidade
A vida, a alma, o socego, a liberdade.

CLIMENE.

Pelos olhos bebi doce veneno,
Criei no coração gostosa chaga,
Agora sinto a dôr da cura, e pena,
Que afflicto o coração bebe a triaga.
Alegra-nos Amor com breve acceno,

Digitized by Google

Corre á preça Fortuna quando affaga,
Que acreditando a sua insignia bella
D'ancora usa no mal, no bem da véla.

EPHYRE.

Gloria qualquer, que se alcançou na vida,
Tarde, e á custa da vida em fim se alcança,
Mas, triste! que depois de possuida,
De preça, e levemente faz mudança!
Por mór magoa, depois de estar perdida,
Mui de vagar se perde da lembrança,
E afflige assim n'hum bem o mal de have-lo,
Temor em o gozar, pena em perdê-lo.

CLIMENE.

Lembranças occiosas, que á memoria
O passado prazer me apresentais,
Que foi daquella, que alcançastes, gloria?
Ou de tê-la alcançado, que alcançais?
Si renovando agora a doce historia
Do gosto que perdi se perde o mais?
Para que ainda em vós lembrança guardo
Depositos de que inda faço alardo?

EPHYRE.

A Cerva, que ferio setta embebida,
A poz aguas descorre o monte, e a fragoa;
Que remedio terá a alma ferida
De dous golpes da culpa, pejo, e magoa?
Porque possa cobrar de novo a vida,
Que por erros perdeu, banha-se n'agua,
Que lhe vertem do peito lastimado
Pejo, e magoa, que tem, por ter errado.

CLIMENE.

Jágora pois, cançada phantasia,
Que com memorias tristes me acompanhas,

Digitized by Google

De ti lanço as reliquias de alegria,
Que já lançam de mim magoas tamanhas,
Sobre o fogo de amor, que o peito esfria
No bem, aguas derrama das entranhas,
Porque elle assim se apague, e o pensamento
As mostras nellas dê do seu tormento.

EPHYRE.

Tu tambem, coração, que nos ardores
Desse amor athequi te viste acceso,
Rompe os grilhões, despede os Passadores,
Com que ha tanto te vês ferido, e preso,
Chorando sempre aonde quer que fores,
Sobre ti de teus erros leva o peso,
Que pois lagrimas sam o suor d'alma,
De amor seccando hasde levar a palma.

Confesso, que estas lagrimas, *que sam suor da alma* me parecem mais proprias dos *cristaes d'alma*, do Escobar, que das Obras de um Poeta da esphera de Fernão Alvares do Oriente; isto prova, que no tempo do Author já começavam a apparecer symptomas da corrupção do gosto, que depois se desenvolveu, com tanto excesso, como testemunham as Poesias dos Seiscentistas.

Tenho por uma das mais amenas, e formosas Eclogas de Fernão Alvares a primeira, que se encontra na Lusitania Transformada, em que tantas vezes deparamos a viveza das pinturas campestres de Virgilio, e a phraseologia brilhante de Camões, que o Poeta havia escolhido para modelo.

FELICIO.

As portas marchetadas de ouro abrindo
A Moça de Titão, a luz serena
Do seio espalha gracioso, e lindo.
E convidando ao canto a Philomena,
Chora, co' choro mitigando as dôres,
Pérolas, que ornam a verdura amena.
Pelo campo, que esmaltam varias côres,
Hide, minhas Ovelhas, passo a passo,
Pascendo as hervas, e gostando as flores.

Digitized by Google

Inda agora o Sol sahe de luz escasso,
Dellas satisfazei a fome agora,
Em quanto aqui reclino o corpo lasso.

Torna o fresco Verão; Pomona, e Flora
Seus dões vem pelos campos espalhando,
Cantando espalha Phauno a voz sonora.

Como este Rio move o passo brando,
Regando as plantas, cujos ramos lêdos
Com guarda-lo do Sol lhe estam pagando.

Fazem doce harmonía os Arvoredos,
Que o Vento bole, e as aguas derivadas
Das asperas entranhas dos penedos!

As Aves, humas de outras namoradas,
Enchem de queixa saudosa o monte,
N'hum desconcerto alegre consertadas.

Boninas varias vai regando a fonte,
Que convida correndo manso, e manso,
O Rouxinol, que suas magoas conte.

A qualquer parte pois que os olhos lanço
Materia me offerece de alegria,
Tudo quanto co'a vista alegre alcanço,

Tudo que vejo emfim a phantasia
A hum prazer suave me alevanta,
Que a mór alteza o pensamento guia.

De flor coberta, e fructo a fresca planta,
A agua com brando som regando as flores,
O Cordeirinho, que do som se espanta;

Este campo, que imita o Ceo nas côres,
Aquelle, que do manto alegre o veste,
Cantam com lingua muda mil louvores.

O valle, o monte, a serra, o mato agreste,
Azas ligeiras dam ao pensamento,
Com que subindo á altura vai celeste.

Si tivera qualquer doce Instrumento,
Entre estas flores, e Arvores cantando,
A minha voz tambem soltára ao Vento.

Tambem aqui cantára, em verso brando,
O que de novo o Ceo n'alma me inspira,
Ao Ceo, da Terra, o pensamento alçando.

Digitized by Google

Mas já ventura ao meu desejo inspira,
Pende huma flauta deste florescente
Ramo, por quem Apollo em vão suspira.
Esta, si a phantasia me não mente,
E si a verdade o peito me adivinha,
Foi de hum Pastor, que poz espanto á Gente.
Pastor que arrebatou a Sorte asinha;
O qual ouvindo Alpheo, comsigo ufano
O vagaroso curso ali detinha.
Como se chama?... Oh pensamento humano!
O Tempo mo levou já da memoria,
Que das almas tambem se faz tyranno.
Ah! si, Sincero, cujo nome a Gloria
Celebra entre os Pastores, e alcançou
De baixo esquecimento alta victoria,
E depois de mil versos, que cantou,
A frauta, e não quiz della outro interesse,
Neste formoso tronco a pendurou.
O tronco fez Apollo, que crescesse,
Tão alto os ramos seus da terra erguendo
Só porque pôr-lhe a mão ninguem podesse.

Estes versos fazem alusão á Arcadia de Sannazzaro, que o Author imitou na sua Lusitania Transformada; no tempo em que Fernão Alvares viajou pela Italia era aquella Pastoral a Obra mais affamada naquelle paiz, era, digamolo assim, o livro da moda, e ainda hoje conserva grande parte da sua bem merecida reputação. *Sincero* era o nome poetico de Sannazzaro, cujo nome de baptismo era *Giacopo,* isto é, Diogo.

E sobre a flauta as azas estendendo
Das Injurias do Tempo a guarda, e cobre,
No Inverno, e no Verão reverdecendo.
A' vista dos mortaes tambem a encobre,
Porque o Tempo d'entre elles desterrando
Foi todo o bom costume, e usança nobre.
Que do mundo perdido, e miserando
Desterrada a simpleza bem nascida,
Veio a cobiça os peitos occupando.

Digitized by Google

D'onde em logar da paz, que alegra a vida,
Erymnis alevanta mortal guerra
Nos hombros do que menos póde erguida.
Mora, deixando o prado alegre, a Serra
O Pastor, que em logar da clara fonte
Vê que o sangue espalhado tinge a terra.
Ferro, em logar de Louro, cinge a fronte,
E pelo som, que alegre faz a Ovelha,
A trombeta espantosa atrôa o monte.
Tingindo o rosto está da côr vermelha
Vergonha, a quem pelo que vê suspira,
Mas o temor lhe tira pela orelha.

Estas saudades, e encomios dos tempos passados, e queixumes contra o tempo presente sam de antiga data nos Authores, e especialmente nos Poetas. Já Horacio dizia

Ætus parentum, peior Avis, talit
Nos nequiores, mox daturos
Progeniem vitiosiorem.

Todos como Hesiodo contam a idade, em que existem, como a idade de ferro, a idade mais calamitosa do mundo. Sómente Voltaire ousou exclamar em uma Poesia jocosa

Oh le bon Temps que ce siecle de fer!

hoje a mania é elogiar a idade media, como o tempo da virtude, e da felicidade do genero humano! Desejava poder transportar esses, que choram tanto pelos tempos do feudalismo, para essa epocha de barbarez, e de ignorancia, para vêr si se julgavam felizes no meio do fanatismo, e da rapina, que então reinava, sem segurança de propriedade, nem de vida, no meio dos incommodos, e da miseria: queria vêr si não choravam então por este seculo de ferro, em que a tranquillidade é raras vezes perturbada, em que a existencia é mais ditosa, em que os prazeres, e commodidades se multiplicam, em que a justiça defende o pequeno da oppressão do grande, e o pobre das injurias do rico: ha, é verdade, crimes, e violencias, mas o crime, e a violencia não é como então o

Digitized by Google

estado normal da Sociedade; não ha Santos que façam milagres, mas não ha guerras de religião, que ensanguentem, e devastem a terra; nem Tribunaes que queimem a gente porque não come toucinho, ou porque toma tabaco. Bem considerado tudo, 'creio que si o mundo não tem melhorado, pelo menos não tem peiorado: tem mudado os costumes, as opiniões, e as ridicularias, e fallando francamente, eu desejára não ter nascido; mas si essa desventura me estava reservada, dou muitas graças a Deos por me haver antes feito nascer no seculo XVIII., que em outro algum dos precedentes; cada um tem seu gosto.

E se acontece a alguem que tome a Lyra,
Para furtar o corpo a seu cuidado,
Logo o desgosto dentre as mãos lha tira.

Que, quanto ante o Falcão arrebatado,
A Pomba mansa val, flores do Pindo
Valem tanto entre as mãos de Marte irado.

Donde c'o ramo a flauta ao Ceo subindo,
Não consentiu que lhe pozesse a bocca
Na Terra algum Pastor do Téjo ao Indo.

Mas a mim que hum desejo n'alma toca
De renovar na Serra o canto, oh Louro,
Consente-me fazer contigo troca.

As agoas te consagro do meu chouro,
E tu, si estimas lagrimas, em pago
Dellas me dá, que alcance este thesouro.

Assi nunca do Ceo ligeiro, e vago,
Sintas injuria alguma; nem o ardente
Raio, neste teu monte faça estrago.

Que se brandura alguma em ti se sente
Agora a ti me dês façil subida,
Oh ramo mais que todos florescente.

Porque alcance esta dita eu só na vida,
Eu só, que tanto estimo o preço della,
Porque com fama eterna me convida.

Já te tenho na mão sanfonha bella,
Contigo agora ao Ceo suba meu canto,
Meu canto ao Ceo te suba feita estrella.

Digitized by Google

E já que me chegou meu fado a tanto,
Que quiz trazer-me a vêr esta Ribeira,
D'onde fizeste a todo o Mundo espanto,
E, já que quiz que te alcançasse, queira
Fazer que a voz, que em ti cantando espalho,
Em tudo se pareça co'a primeira.
Si em tudo não, que sei que pouco valho,
Ao menos seja com clemencia ouvida,
Premio, que eu tomarei por meu trabalho.
Si a vida triste foi por ti sentida,
De Sincero, e de Phylli a morte escura,
Que em fim doe mais que a morte a triste vida.
Si chorando cantaste a sorte dura,
Do Tempo que a Discordia, e a má Zizania
Meteo entre os Pastores na espessura.
Eu, á Patria tornando, a sua insania
Em ti choro com dôr que d'alma nasce,
Arcadia transformando em Lusitania.

Por estes versos parece que o Author compoz esta Egloga no tempo da sua estada na Italia, onde concebeo o projecto da sua Obra.

No campo alegre aonde o Gado pasce,
Quando os cabellos desencrespa a Aurora,
Ou quando o Sol ao Mundo esconde a face.
Ao som d'agua, que rega a flor, sonora
A sombra fresca da Aryore, que nella
De si, como Narciso, se enamora,
Contigo cantarei; a minha Estrella
Que do Louro me deu, poz-te na bocca,
Por ti de louro me dará capella.
E já que tudo ao canto me provoca,
A cantar me offereço em quanto presa
Estiver a alma nesta estreita roca.
Na floresta sombria, e na devesa
Quando o Sol as cobrir com verde manto,
E eu nellas contra o Sol achar defesa.
Varias Canções entoarei, e em quanto
Trouxer flores a Terra, o Ceo Estrellas,
O nome á Fama, e a voz darei ao canto.

Digitized by Google

Entre as boninas brancas, e amarellas,
De que para as Serranas os Pastores,
Hum ramalhete tece, outro capellas.
O nome cantarei, o campo, as flores
Louvando a Deos tambem, flauta pelida,
A quem somos ha tanto devedores.
E si eu em cousas vãas gastando a vida,
Andei sempre; e si nellas estiveste
Tu tambem sempre ao Mundo offerecida,
Com novo acôrdo agora ao Rey celeste
Cantemos já louvores, misturando
Com musica do Ceo estylo agreste.
E assi alegremente hirei levando
O peso que me tem a alma opprimida,
Que na vida, que he misera, cantando
Se forja o soffrimento para a vida.

Eis aqui outra Eclega, em Quartetos, em que os dous Pastores Urbano, e Jacintho cantam alternadamente; é a ultima do livro primeiro, e que se torna notavel por sua brevidade, e que é bem contra o costume do Poeta, que ás vezes pecca por demasiada extenção nos seus escriptos.

URBANO.

Tão enleado trouxe o pensamento
No bem que desejei, no mal, que vejo,
Que largos annos vi do meu desejo,
Horas breves do meu contentamento.

JACINTHO.

Horas, que na mortal vida mesquinha
Do trabalho alcancei por interesse;
Mas que tão pouco espaço vos tivesse
Nunca me pareceu quando vos tinha.

URBANO.

Pois tardo quão de preça ao fim caminha
Na vida qualquer gosto á vida estranho,
Si vos vi tão tardias como estranho,
Que vos visse mudadas tão asinha?

Digitized by Google

JACINTHO.

Em mal se mudou logo ao pensamento
O bem, que esperou tanto; e na mudança
Se tornaram os annos de esperança
Em vagarosos annos de tormento.

URBANO.

Derriba hum desengano do alto assento
A's machinas que enganos fabricaram,
D'onde veio, que em vento se tornaram
Aquellas Torres, que fundei no vento.

JACINTHO.

Porque vi sempre a dôr ao bem visinha,
Mudei em soffrimento as esperanças,
Já que minhas passadas seguranças
O vento mas levou porque as sustinha.

URBANO.

A's penas pela culpa me encaminha
A Phantasia errada; e neste engano
Só me ficou da minha culpa o damno,
Do mal, que me ficou, a culpa he minha.

JACINTHO.

Castello, que chegava ao Firmamento,
Fundei na esperança, e no desejo;
Agora em terra por mal firme o vejo
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.

URBANO.

Amor, c'o fado em nosso mal parece
Que está n'hum desconcerto concertado;
Com aspero rigor affligе o Fado;
Amor com brandas mostras apparece,

Digitized by Google

JACINTHO.

Porque atormente as almas pôr procura
Amor á Esperança ousado freio:
E porque arrisque as vidas ao Receio,
Tudo possivel faz, tudo assegura.

URBANO.

Mil bens com larga mão nos offerece,
Que depois nega a condição isempta,
Lêdo nesta Trágedia representa,
E logo no melhor desaparece.

JACINTHO.

Ou acompanha o engano a vida escura,
Ou a magoa de ser desenganado,
De sorte que na vida em todo o estado
Ha grande engano, e grande desventura.

URBANO.

Os sentidos aos quaes razão parece
Por hum gosto a mil penas se aventuram,
E soffrem males mil, que sempre duram,
Por hum pequeno bem, que desfallece.

JACINTHO.

Si o bem da vida, e o mal tão pouco atura,
Quem pelo bem me fez da vida escassa,
E por fugir seu mal, que logo passa,
Aventurar hum bem, que sempre dura?

Este Canto em Strophes alternadas dos Pastores Rogerio, e Silvandro, estrahido da Ecloga I. do Livro II. me parece digno de transcrever-se aqui.

ROGERIO.

Qual ao Sol alto a neve,
Ou qual ao Vento a nevoa, a cêra ao fogo,

Digitized by Google

Do triste amante em breve
Se desfaz a alma em lagrimas, e logo
Se refaz porque tenha
Amor sempre nas fragoas agua, e lenha.

SILVANDRO.

Em hum ditoso engano
Vivendo lêdo, e miseravel, mostro
E abraçando seu damno,
Fogo no peito traz, agua no rostro:
Porque no peito ardente
Hum contrario com outro se acrescente.

ROGERIO.

Ao som que o pensamento
Faz nos duros grilhões, que o tem atado;
Celebra o seu tormento;
E cantando de amor cruel do Fado,
Inimigo a Victoria,
O pranto tem por gosto, a dôr por gloria.

SILVANDRO.

Com doce som ao visco
Em que nos prende amor, nos traz, seguindo
O fero Basilisco,
Que segue, falsas lagrimas fingindo.
Dos animaes o estylo,
Que na sua agua doce esconde o Nilo.

ROGERIO.

Talvez com lêdo gesto
Finge a falsa brandura, com que engana,
Talvez com manifesto
Rigor, maltrata quem o adora, Insana
Porfia, e nescia quando
Trabalha hum Tygre de abrandar chorando.

Digitized by Google

SILVANDRO.

Por mais que a Furia cante
Do falso amor, em alta voz, Cassandra,
Não queres, cégo amante,
Fugir seu vago incendio, Salamandra
Já feito: mas o lume,
Que a vida te sustenta, te consume.

RUGERIO.

Camelião faminto,
Que mal sustenta o leve mantimento,
Que inda a Iphis o cinto
Tirou; bem se retrata o ar, e o vento,
De que vives, na canna
Que o nosso Pan seguio em fórma humana.

SILVANDRO.

Do Ar queres que viva,
E de agua, em fogo a vida, em vão seguindo,
O nada, a sombra esquiva,
O nada emfim, que sempre vai fugindo,
Mostrando que te agrada
Ar, agua, fogo, vento, sombra, e nada.

RUGERIO.

Vós, que á sombra encostados
Destas Plantas, fugis á calma estiva,
Dai o peito a cuidados,
Pastores, de hum amor, que o peito aviva;
Que em Bethlem foi nascido,
E não ao que nasceu em Chypre, ou Gnido.

SILVANDRO.

A Ti pois, com fé pura,
O' Virgem bella, mais que os Lyrios branca,

Digitized by Google

Alevanto segura
A vista, que outras lagrimas estanca:
A vosso amor sugeito,
Que outros cuidados me ausentou do peito.

Igualmente me pareceo digno de notar-se o seguinte Canto dos Pastores Frondoso, e Urbano, que se lê na Ecloga III. do primeiro Livro.

URBANO.

Depois que a deleitosa Primavera
Os ramos veste com frondente arreio,
Aos Troncos despe o frio Inverno a Hera,
A frescura roubando-lhe do seio.
Nada n'hum firme estado persevera,
Que o Tempo a varias partes torce o freio,
Mas traz ligeiro o damno, e vagarosa
Toda a alegria grande, e sumptuosa.

FRONDOSO.

Toda a alegria grande, e sumptuosa
Messageira he do mal, que está visinho,
Que nascer d'entre Espinhos vejo a Rosa,
Que, quando a cólho, a mão primeiro espinho:
Assi comsigo a sorte mais ditosa,
Escondido o pesar traz de caminho,
E a furto do prazer, e alegre Fado
Abrindo as portas vem a hum triste estado.

URBANO.

Abrindo as portas vem a hum triste estado
O triste, que esperou na dôr bonança;
Que o mal, que espera o bem, he mal dobrado,
E o bem, que tem o mal, he bem que cança;
Assi, si a dôr me tem ao jugo atado,
Mais me afflige de gostos a esperança;
Como o temor me afflige a alma chorosa
Si vêjo hunia hora alegre, e deleitosa.

Digitized by Google

FRONDOSO.

Si vêjo huma hora alegre, e deleitosa,
Vêjo em cambio mil annos de tormento,
Mas a magoa, que traz sorte invejosa,
N'huma alma eterna faz eterno assento.
No maior gosto pois que esta alma goza,
Como achar poderei contentamento?
Pois estando no bem mais sublimado,
Tremendo estou do mal apparelhado.

URBANO.

Tremendo estou do mal apparelhado,
Do bem nunca alcancei mais que a esperança,
E si dá mais do bem o Tempo irado,
Delle não deixa então mais que a lembrança.
O mais alegre, e deleitoso estado
Acompanham tormentos, e esquivança,
Entre os raminhos, de que nasce a Rosa,
Não vês que mora a Serpe venenosa?

FRONDOSO.

Não vês que mora a Serpe venenosa
No campo, que de flores mil se esmalta?
Que de improviso erguendo o colo irosa
O caminhante descuidado assalta?
Esta idade de ferro trabalhosa
De magoas cheia, e de prazeres falta
Tem asperos abrolhos semeado,
Entre as flores do fresco, e verde prado.

URBANO.

Entre as flores do fresco, e verde prado,
Cuja excellencia rouba o tempo ufano,
Mal póde muito tempo hum doce estado,
Isempto estar das mãos do Fado insano.
Pois vou de meus descanços desterrado

A todos fique aqui por desengano
Em voz alta gritando meu tormento,
Não se engane nenhum contentamento.

FRONDOSO.

Não se engane nenhum contentamento,
Que vão ao fim correndo passo a passo,
E a todos o ligeiro movimento
Levando vai ao derradeiro passo,
Pois que seguro o firme fundamento
Em o gosto farei do Mundo escasso,
Que me foge apressado mais que o Vento,
Que mais instavel he, que o pensamento.

Como é terno, e melancholico o exordio da Ecloga IV., deste mesmo Livro! Como os versos correm faceis, como uma veia de agua limpida, que murmura sobre as arêas, e a verdejante felpa dos prados.

Porque a meu triste officio me alevanto
Tão tarde, que já a Aurora clara, e pura
Estende pelo Ceo seu rôxo manto!
E alegrando dos Campos a verdura,
A's cousas restitue as proprias côres,
Que lhe roubou da noite a sombra escura!
Alguns de novo já chorando as dôres,
A que atalhava o somno socegado,
Regando vam com lagrimas as flores.
Porém essoutros, que em ditoso estado
A vida alegres passam, espertando
O gosto, em que se vem, sentem dobrado.
Oh Tu, Pastor do Téjo, caminhando
Levas a repastar as Ovelhinhas,
Ora tangendo a fláuta, ora cantando,
Por flores odoriferas caminhas,
As manadas guiando ao prado enxuto,
Mas eu fugindo vou, e deixo as minhas.
Colhendo do Arvoredo alegre o fructo,
A' sombra estás ouvindo agreste Avena,
Mas eu nos montes só meu pranto escuto.

Digitized by Google

A ti, nos campos teus, o Ceo te ordena
Gosto, contentamento, e gloria estranha,
Mas a mim só nos meus tormento, e pena.
Com musica suave te acompanha
Cantando o Rouxinol, e o Estorninho,
E a mim bramindo as Feras da montanha.
O Ribeiro com brando murmurinho
Convidando-te está ao doce somno,
Mas eu por montes asperos caminho.

Vê-se que o Poeta sabia empregar, e multiplicar a tempo os contrastes, e é esse um dote, que não é muito commum, mesmo em Poetas de grande reputação; elle prova a facilidade de contemplar diversos objectos, e compara-los entre si, e isto não se consegue sem imaginação viva, e muito talento de observação.

A este exordio não fica inferior o da Ecloga IX., do Livro I., pela valentia da expressão.

Buscando o largo mar Nabão famoso,
Do seu natural impeto forçado,
Regando com sua agua o ramo umbroso,
A cuja sombra está do Sol guardado,
Corta hum campo gentil, que o Ceo formoso
Tem de varias Estrellas semeado,
Junto onde jaz aquella antiga Estancia
Que o nome do Nabão tirou, Nabancia.

Urbano, a quem trouxera aqui Ventura
Desterrado do seu paterno ninho,
Que hum pequeno prazer, na vida escura,
Para hum grande pesar abre o caminho;
Ao longo do Ribeiro, que a verdura
Regando vai com grande murmurinho,
Vendo quam mal merece o seu tormento
Aguas ao Rio, e queixas dá ao Vento.

O exordio da Ecloga II., do Livro II., contém a linda pintura de uma paizagem Oriental illuminada pelo clarão da Lua.

Digitized by Google

ARSELIO.

Com luz tão clara os campos alumia
Diana, que crerás que á noite escura
Sua propria presença empresta o dia.
O Tempo, que he calmoso, co'a frescura
Nos convida de hum ar sereno, e fresco
A gozarmos aqui desta espessura.
A viração, que agora de refresco
Vem por cima daquella Arvore Triste,
Gloria deste horisonte montanhesco,
Movendo as azas brandamente, insiste
No peito meu contra o rigor da calma,
Que quanto aperta mais mais lhe resiste.
E no seu brando movimento a alma
Me recrêa c'o cheiro, a que se deve
Dos outros cheiros todo o preço, e palma.
Do tempo nos occupe espaço breve
Doce conversação, que o tempo encurta,
Porque da vida o tempo assim se leve.

É nesta mesma Ecloga que se encontra a Historia de Saladino, que os Criticos tem julgado o mais bello, e poetico trecho de toda a poesia da Lusitania Transformada. Esta Historia de Saladino é uma antiga Legenda Indiana, no gosto de Ovidio, que explica poeticamente a origem da fructificação da Palmeira, e da Arvore Triste.

Dá-se o nome de Arvore Triste na India a uma que durante a noite abre uma multidão de lindas flores, que exhalam perfume suavissimo, mas que apenas nasce o dia se fecham, e tornam inodoras, ficando a arvore com as folhas tristemente decahidas. Francisco Rodrigues Lobo compoz sobre a Arvore Triste um Poemeto, em Oitava ryma, que não é indigno do seu talento, mas que não anda na Collecção das suas Obras, e que sómente se encontra impresso no principio do Tomo IV. da *Phenix Renascida*.

Digitized by Google

HISTORIA DE SALADINO.

N'huma parte que mais ao Oriente
Se estende a Terra, que dos Lusitanos
Ganhou aos Mouros o animo valente:

Dizem os Naturaes, que, ha muitos annos,
Houve hum Senhor em preço, e gentileza
Assignalado então entre os Humanos.

De huma Mulher, que mais que as outras préza,
Que muitas o seu rito lhe concede,
Hum Filho teve só de igual Nobreza.

A todos do seu tempo o Moço excede
Nos bens, que o Ceo para os humanos gera,
De que nunca se farta a humana sede.

Tinha-lhe ornado as faces Primavera,
De nova, e rôxa flor, de ouro esparzido
O monte onde a razão tem sua esphera.

Foi por dom raro Saladino havido,
Que o Moço Saladino hera chamado,
Na guerra soffredor, na paz temido.

Mas seu descanço, e venturoso estado
Polo fogo, que Amor no Mundo accende,
Em cinza foi desta arte, e em pó tornado.

Hum dia quando pois á Terra estende
Os seus raios do Ceo o louro amante
Da Nympha, que com lagrimas offende,

O Moço, ou de esforçado, ou de arrogante,
Porque com fama illustre alargue a vida,
E com a vida a mesma fama espante;

Da casa de seu Pay pôsto em fugida,
O descanço deixou dos patrios lares,
Bem, de que huma alma illustre he mal soffrida.

Pondo por obra feitos singulares
Dignos do peito seu, que eu não declaro,
Que he razão que só tu, Fama, os declares;

O Mundo todo descorria em claro
Qual Sol, que o Ceo descorre, visitando
Os signos c'o seu lume altivo, e claro.

Digitized by Google

C'os grandes, e soberbos fero, e brando
C'os humildes mostrava, e pequeninos
O peito, a guerra, e paz sempre alternando.

Das mãos tomou a empreza aos Paladinos,
E nella o fez o Ceo tão venturoso,
Que póde ter logar entre os divinos,

Mas por remate, neste valle umbroso,
Poz Saladino a ultima columna,
De seus illustres feitos fim ditoso.

Neste tempo por ordem da Fortuna,
Que os males traz de longe para o damno,
Que ordena á vida misera importuna,

A inclemencia do Polo, o Fado insano
A' Terra trasladou hum dos Planetas
Celestes, disfarçado em trage humano.

Veneno, com que Amor tempera as settas,
De corações altivos prisão dura,
Incendio fero d'almas indiscretas.

A força rigorosa da Ventura
Inventou em Grisalda, transformando
Em mal, que damna o bem da formosura.

Vivia então ali Grisalda ornando
De graça os campos, com seu lindo aspeito,
Que mostra amor no mór perigo brando.

C'o Pay Grisalda estava, que sugeito
A's semrazões do tempo, a sorte injusta
O tinha reduzido a passo estreito.

Vivia, a vida grangeando á custa
Do descanço da vida, em que vivia,
Na arte, que Ceres ensignou, robusta.

Vendo o Mancebo Saladino hum dia
Que flores odoriferas Grisalda
N'hum campo seu com livre mão colhia;

Que da carga cheirosa enchendo a fralda,
Dos dões da bella Flora ornava o seio
Sobre ouro pondo de Jasmins grinalda,

Sentindo n'alma hum amoroso enleio
Sacrificou á Dama os seus cuidados
Da paga indignos, que de amor lhe veio.

Digitized by Google

Mas como a differença dos Estados
No Moço pensamentos não soffria,
Que fossem tão rasteiros, e acanhados,
Tudo o que entre ambos desconforme havia
Pôde igualar amor, que tudo iguala,
Que não consente alteza em companhia.

Imitação daquelles bellos versos de Ovidio no Poema das Methamorphoses.

Non bene conveniunt, nec una in sede morantur . Majestas, et Amor.

Os vestidos deixou de preço, e gala,
O semventura amante; que a ventura
Mais foge de quem mais merece acha-la.
As armas pelos troncos dependura,
Das Plantas mais occultas, consagrando
Os seus trophéos ás Nymphas da espessura.
E a trajos desfarçados ajuntando
Forças de amor, em que seu peito escora
Do Pay da Moça se entregou ao mando.
A Filha bella, ao Pay servindo, adora,
A elle entrega o corpo, a alma a ella,
Feito já Lavrador co'a Lavradora.

Aquelles que tiverem lido *Primalião*, um dos melhor pensados, e mais bem escriptos Livros de Cavallarias, que sahiram á luz, quando era moda compôr, e publicar destes livros, se lembrarão sem dúvida, ao lêr isto, de D. Duardos Principe de Inglaterra, disfarçado em hortelão no jardim da Infanta Flérida, velando as noites para ter o gosto de se encontrar com ella, e gozar da sua conversação; e quem sabe se de lá tirou Fernão Alvares esta idéa!

Em companhia de Grisalda, e nella
Os trabalhos da vida temperando,
C'o gosto da presença amada, e bella,
Viveu hum tempo as Arvores ornando
Do nome do seu bem, que nellas hia
D'alma, onde o tinha escripto, trasladando.

Digitized by Google

A bella Moça, que no amante via
Chammas d'amor, que em tudo a busca, e serve
Com agua, porque ardesse, lhe fugia.

Quanto mais elle neste incendio ferve,
Mais de neve se mostra; porque a braza
Entre estas frias cinsas se conserve.

Si o peito tam misero fogo abraza,
Podia ter Mulher n'alma encoberto,
Fogo, que altas montanhas queima, e arraza?

Athe que vendo o Pay o Moço esperto
No trabalho, que nelle Amor o esforça,
Vendo-lhe o mesmo Amor no peito aberto:

Quiz obriga-lo, mas com pouca força,
A receber a Filha por Esposa,
Que a tanto o seu desejo ardente o força.

Nesta vida cançada, mas ditosa,
Na sua opinião, lêdo vivia,
Do aprazivel verão colhendo a Rosa.

O bem da Casa de seu Pay trazia
Da vista desterrado, e da lembrança,
Que se occupava só no bem, que via.

Não tardou muito que a fatal mudança
Seus bens com mão ligeira não trocasse,
Que para fazer mal não faz tardança.

Quiz que este gosto em magoa se tornasse,
Porque não quiz que só com Saladino
Seu uso de mudar-se se mudasse.

Armado de aspereza o seu Destino,
Que contra o seu socego conspirava,
Trouxe aqui nesse tempo hum Peregrino.

O qual no tempo que Grisalda estava
Sugeita ao Pay, de que hera o mais vesinho,
Sugeito a seu amor se lhe mostrava.

Sua alma tinha feito nella o ninho,
The que de injusta occasião forçado
Lhe fez o Amor fazer outro caminho.

Da Dama se apartou com seu cuidado,
Que amor, que mal se emprega, a mais obriga,
Por delle se apartar della apartado.

Digitized by Google

E como mais que em tudo Amor periga
Na ausencia, torna o Peregrino agora
Mui fóra, entrando em si, da sorte antiga.

Mas ella, que o não vê qual d'antes fôra,
De quem a já despresa feita Escrava,
Despresa o que de si a fez Senhora.

Branda com o livre, contra o amante brava,
Do peito femenino certa usança,
Fugindo deste, aquelle só buscava.

E mostrando huma subita mudança
No rosto seu, no coração trazia
Do seu antigo Amor nova Esperança.

Os olhos, em que alegre Amor se ria,
Do bello Esposo seu vendo a presença,
Já agora se vem tristes quando o via.

Mas o Moço, de quem a differença
Foi do gosto mudado conhecida,
Quem ha que Amor com arteficios vença?

Por se desenganar foi homecida
De si; que em fim hum desengano indino
Nunca a ninguem custou menos que a vida.

Mostrou-lhe á vista o seu cruel destino,
Mão estranha colher seu fructo amado,
E pisar sua flor pé peregrino.

Que huma vez com a Esposa em tal estado
O Peregrino achou, que bem podera
Nas redes de Vulcano ser tomado.

A chamma d'alma ardente, que devera
Ser com sangue do Adultero apagada,
C'o sangue de seu peito se tempera.

Mas c'os assopros logo accrescentada
Dos suspiros ardentes, que derrama,
Não acha o Triste refrigerio em nada.

De huma parte affeição da bella Dama,
D'outra vingança da inimiga ingrata,
Lhe traz o peito ardendo em viva chamma.

Amor do Amante as mãos rendidas ata;
Do Aggravado o furor pede vingança;
Mas o furor em agua Amor desata.

Digitized by Google

Reprende-la tomou por segurança;
Mas nisto aquillo fez que faz na fragoa
Quem agua pouca em muito fogo lança.
Que ella mostrando então vergonha, e magoa,
Do amor de coração tão limpo, e puro
Deu por satisfação dos olhos agoa.
Que outra vez, roto da vergonha o muro,
Imiga já de tão amigo Esposo
Poz em effeito o pensamento impuro.
De seu tormento Saladino iroso
Mil remedios buscando a seu tormento,
Escolheo o peior, e o mais custoso.
A muitos ajuntou n'hum fresco assento
Amigos, e parentes de Grisalda,
O Pay entrou, e a May no ajuntamento.
Depois de juntos com tristeza igual da
Causa, que tinha para a ter, de flores
Pondo sobre a cabeça huma grinalda.

igual da — Estas rymas artificiaes, pôsto que dellas haja alguns exemplos nos antigos Poetas Italianos, sam de muito mau gosto, mal cabidas com a lingua Portugueza, e por isso será mui difficil encontrar exemplos deste uso nos outros Poetas do seculo de ouro da nossa literatura.

Assi por huma Palma das maiores,
Que viu aquelle assento, foi trepando
Officio aqui tambem de Lavradores.
Por huns degraus, que a Natureza obrando
No tronco vai, sobe elle passo a passo,
Seguro, seu intento executando.
Depois que em riba esteve, abrindo o passo,
Pélos olhos a lagrimas cançadas,
De que não foi o triste peito escasso.
Magoas, que dentro em si tinha encerradas,
A suspiros mortaes soltando o freio,
Soltou nestas palavras magoadas:
« Nem de espanto mostreis o peito cheio
» Do triste caso, que vereis diante,
» Nem magoa alguma vos occupe o seio,

Digitized by Google

» Que em quem persegue o Ceo firme, e constante
» Magoas se empregam mal; pois no mofino
» De infortunios d'Amor ninguem se espante.

» Só de vôs quero, que este caso indino
» Escripto fique aqui, porque notoria
» Seja no Mundo a fé de Saladino.

» Aqui em longa, e celebrada Historia,
» Nos troncos destas Arvores escripta,
» De tão constante Amor fique a memoria;

» Porque si falta a quem merece a dita,
» No Mundo vil, do mal pagado amante,
» A alma comsigo se console afflicta,

» E aviso seja ao triste Navegante,
» Porque voltando deste porto a véla,
» Não encontre Sirena, que lhe cante.

» Tu, por meu mal, Grisalda, ingrata, e bella,
» E fôras, si não fôras bella, ingrata,
» Belleza ingrata contra o Ceo rebella.

» Tu só causa da magoa, que me mata,
» Magoa, que me não tem tirado a vida,
» Porque inda por maior damno a dilata.

» Já que quizeste ser della homecida,
» Conhece agora quanto lhe devestê,
» E quanto foste tu desconhecida.

» Minha voz derradeira manifeste
» Como de Cisne, quando a Morte o chama,
» Quão mal tamanho amor me agradeceste:

» Depois que de meu peito ardente a chamma
» Te foi clara com mostras, de que agora
» Dam testemunho as aguas, que derrama,

» O coração, de que te fiz Senhora,
» Te dei, d'outro qualquer cuidado isempto,
» E adorando as prisões, que errado adora.

» Tu pondo n'outra parte o pensamento,
» Desta vontade pura despresaste,
» A alma, que em si te deu eterno assento.

» Com falso intento as leys d'amor quebraste,
» Buscando para o meu rubi presado,
» Engastado em meu peito, estranho engaste.

Digitized by Google

» A grave dôr do peito magoado
» Me constrange a tomar justa vingança,
» De quem na minha offensa está culpado.

» Mas tu da grave dôr, que assi me alcança,
» Causa, que para o collo offereceste,
» Deste Iphis, destes raios d'ouro a trança.

» Entende que te fez segura deste
» Furor, de ti com causa merecido,
» Esse amor, a que tu tal premio deste.

» Que a ti sugeito, pôsto que offendido,
» Desesperado, mas com tudo amante,
» Me traz comigo em desigual partido.

» Mas leve amor seu estandarte ávante;
» Atraz fique o Furor, que incita a offensa,
» Que póde mais em mim verte diante.

» Amor, que tudo vence, agora o vença,
» Que quando contra ti me armára o peito,
» As mãos soltas me atára essa presença.

» Mal podera offender tão bello aspeito,
» Menos podera ser, que eu aggravado,
» De ti, em ti ficasse satisfeito.

» Pois esse, que em meu damno alevantado
» A sorte traz, não quiz tirar-lhe a vida,
» Só porque pôsto tens nelle o cuidado.

» Porque nelle não fosses offendida
» De mim, nem o teu peito magoasse,
» Dada no seu por minha mão ferida.

» Que como do amador a alma se passe
» Em quem ama, não quiz que se offendesse
» Qualquer parte de si, que nella achasse.

» E hera bem que a vingança se fizesse
» Do aggravo contra mim só commettido,
» Em quem mais me agradara mais perdesse.

» Tendo-me logo eu tão offendido,
» Tomo a vingança em mim, que sou, Senhora,
» Em quem tu perdes mais o mais perdido. »

Isto disse das lagrimas, que chora
Hum Ribeiro soltou, do qual o escasso
Tronco ficou tão liberal agora.

Digitized by Google

E apoz ella lançando o corpo lasso
Desesperado sobre a terra dura,
Passou da vida logo o extremo passo.

Aquella rica, e bella vestidura,
Que huma alma em si tão namorada encerra,
Em mil pedaços fez fortuna escura.

D'onde ali se ficou cobrindo a Terra,
Que cobria fresquissima esmeralda
De rubis, que de amor esparze a guerra.

As gotas, que saltaram, de Grisalda
Parece, por tomar della vingança,
Tingiram de vermelho ardente a fralda.

Ella, que a todos já seu erro alcança,
Ser na mente do amigo manifesto,
Mais digna de quem fez no amor mudança,

Cobrindo-lhe c'hum véo vergonha o gesto,
Tinto de fina grãa, que antes da culpa
Si triste o fez depois, fizera honesto,

Com palavras, e lagrimas desculpa
(Natural erro) o erro, que o culpado
Fazendo vai mais grave co'a desculpa,

E o Povo todo em lagrimas banhado,
O corpo á terra deu, cobrindo a urna
Da varia pompa, que offerece o prado.

Na seguinte manhãa quando a nocturna
Sombra, fugindo da presença ao dia,
Foi para se esconder buscando a furna,

O chão, que do Deposito servia
Enriquecido assim, porque mais nelle
Brandura que n'hum peito humano havia.

Brotou mudado em ramo fresco aquelle
Despojo d'alma tão illustre e clara,
Hum tronco, que tomou mil graças delle.

Planta, que perdes a fragrancia rara
Sendo de feminina mão tocada,
Por quão cara te foi sendo tão chara.

Nesse cheiro gentil, de que dotada
Por beneficio estás da tua Estrella,
Vêmos a tua fé representada.

Digitized by Google

As côres, que a Flor traz branca, amarella
Da desesperação dá signal esta,
E mostras da de peito casto aquella.
E si cahindo vai quando a floresta
Com luz visita o Sol, vergonha, e magoa
De amor mal empregado manifesta.
Quando se estilla em grãos d'aljofre a agoa,
Que choram as Estrellas saudosas,
Que então lhe accende Amor no peito a fragoa.
Na sombra escura flores amorosas
O preço, que encerrais no seio, abrindo,
Mais lindas vos mostraes, e mais formosas;
Porque na terra o peito casto, e lindo
Sua dôr saudosa manifeste,
Quando o Ceo vem a sua descobrindo.
Então se vêja, que no campo agreste,
Quando o Ceo semeado está de flores,
Responde a flor terrena á flor celeste.
Sabe, no caso mais, que dos amores
Tambem, Ribeiro meu, do triste Amante
Em quem mostrou amor tantos primores;
A bella Palma, insignia triumphante,
Que então sem fructo a fronte alevantava
Ficou de varios fructos abundante.
Hera entre bravas Plantas, Planta brava,
Que a seu Senhor não dava mais tributo,
Que a rama, cuja sombra a praia ornava.

O Author chama á Palmeira planta; e parece-me que com muita razão; nem a Palmeira, nem a Bananeira sam verdadeiras arvores; mas plantas gigantes, cujo talo impropriamente se chama tronco, pois que não tem as qualidades constitutivas da madeira.

Triste arêal de humor gostoso enxuto,
Terra de destra mão não cultivada,
A Palmeira occupou, nua de fructo.
Mas depois, que das lagrimas regada
De Saladino foi com copia larga,
De sua alma no tronco derivada;

Digitized by Google

Já se ergue para o Ceo levando a carga,
Que vai pelo seu choro d'agua cheia,
Na cara, que de humor salgado amarga,
O liquido cristal, que assi recreia
A quem o gosta com doçura estranha,
Que a Palma estilla por secreta veia.
Tomou do mesmo choro seu tamanha
Doçura, porque delle o tronco antigo
Nos poros seus o Sal de todo apanha.
Mil fructos dando assim o ramo amigo,
Ficou, que Saladino aqui primeiro
A' custa accrescentou do seu perigo.
Este o premio de amor tão verdadeiro
Foi, com que a fé do misero Mancebo
Pagou hum peito ingrato, e lisongeiro.

Este bellissimo trecho de poesia, que tantos applausos tem recebido dos entendedores, prova o quanto a Lusitania Transformada perdeu em seu Author não haver collocado a scena da sua acção no meio dos Palmares do Oriente aproveitando os costumes, legendas, e tradições do paiz, que seriam fonte inexhausta de interesse, e de deleite para os Leitores: mas é tambem certo, que esta idéa difficilmente poderia occorrer a alguem no seculo do Author, em que a imitação dos Antigos, e dos Italianos parecia a todos o unico caminho de subir ao Parnaso. Fernão Alvares propoz-se a imitar Sannazzaro na sua Arcadia, consegui-o, e não terei dúvida em dizer, que o excedeo; e segundo as idéas, um pouco pedantescas do seculo, em que vivia, não tinha mais que fazer, nem os Leitores que exigir delle.

Pela minha parte eu concordo com os seus admiradores sobre o merecimento poetico da Historia de Saladino, a pesar disso não hesito em declarar, que sem fallar em algumas pequenas negligencias do estylo, e de expressão, me não contenta a methaphisyca de amor platonico, e os alambicados sentimentos, que resombram em parte da falla de Saladino: elles não me parecem convir a um Mahometano: o amor dos Musulmanos é abrazador como o Sol dos seus paizes ardentes, o seu ciume é como o furor dos Leões, e dos Tygres, e nada mais estranho, e

Digitized by Google

mais opposto á sua natureza, caracter, e opiniões, que esse culto exaggerado dado ás mulheres segundo o enthusiasmo da Cavallaria. Dizer, como Saladino, que não ousa vingar-se do seu rival, por não dar desgosto á sua bella Adultera, me pareceria demasiada devoção em D. Florisel de Niquea, Amadis da Gaula, ou D. Floridante de Hespanha; mas attribuir tal conceito a um Indio Musulmano, me parece transcender todos os raios de verosimilhança.

Fernão Alvares do Oriente é um dos nossos melhores Classicos, e um alumno, que faz muita honra á Eschola Italiana; as suas Obras devem ser estudadas pelos que pertendem fallar a nossa lingua com elegancia, e pureza, porque nellas encontrarão muitos modos de dizer graciosos, muitas expressões energicas, e pictorescas, de que podem aproveitar-se nas suas composições, tanto em verso, como em prosa. O Padre Antonio dos Reis no seu Enthusiasmo Poetico, lhe consagrou estes versos:

Ferreira canorus, (*)
Tuque colens, Fernande, plagas, quas roscido primum
Tithoni Conjux, madidis cum surgit ab undis,
Adspicit, in Pindo, non nomina parva, sedetis.

(*) Este Ferreira, de que aqui se falla, não é o Doutor Antonio Ferreira, o Author da Castro; mas outro Poeta mais moderno, cujo nome era Diogo Ferreira de Figueiroa, de que faz mensão D. Francisco Manoel de Mello nas suas Obras Familiares.

Digitized by Google

CAPITULO III.

Francisco de Andrade.

—

Este Poeta, que figura distinctamente entre os nossos melhores Epicos de segunda ordem, nasceu na Cidade de Lisboa; não consta ao certo o anno do seu nascimento, pôsto que pareça verosimil que fosse pelos annos de 1540, pouco mais ou menos.

Foi filho de Francisco Alvares de Andrade, fidalgo da Casa d'El-Rei D. João III., e de Isabel de Paiva, sua mulher, e filha de Nuno Fernandes Moreira, Escrivão da Camara de Lisboa.

Francisco de Andrade frequentou, com muito áproveitamento, os estudos de humanidades, em que sahiu muito extremado, grangeando tal respeito por seu talento, e saber, que faltando da vida presente o Guarda Mór da Torre do Tombo Antonio de Castilho, grande Literato, e grande Poeta, foi, sem o requerer, escolhido para o substituir naquelle logar, cuja serventia, naquelles tempos, só era conferida a pessoas de consummada literatura.

Foi igualmente agraciado com a nomeação de Chronista Mór do Reino, que muitas vezes se annexava ao emprego de Guarda Mór da Torre do Tombo. No exercicio destes logares, tão lucrativos como honrosos, passou a vida tranquillamente até ao anno de 1614, em que falleceu.

Francisco de Andrade desde os seus primeiros annos cultivou a poesia, que então andava mui valida na côrte, e estimada entre os particulares: porém de todas as suas Obras poeticas, que nos consta terem sido numerosas, apenas publicou as seguintes: Instituição d'El-Rei Nosso Senhor; esta Obra é uma traducção em verso solto, ás vezes elegante, de outra que o Doutor, e Lente da Universidade de Coimbra Diogo de Teive, havia compos-

Digitized by Google

to com este titulo « *Epodon, sive Iambicorum carmen, Libri trez* » e sahiu á luz com o original em Lisboa, anno de 1565. A traducção principia com estes versos

Doutas habitadoras do Parnaso,
Manifestai agora aos bons Poetas
O sagrado liquor das vossas fontes.

Apesar da louçania, e elegancia de linguagem desta traducção, força é confessar, que os versos peccam muitas vezes por falta de numero, e de nobreza; este defeito lhe é commum com todos os Poetas coevos, que todos parecem fallar uma linguagem estranha, quando se desajudam da ryma: antes da epocha da Arcadia, não ha em Portuguez versos soltos, que possam dizer-se bons.

Philomela de S. Boaventura. Lisboa 1566, em 12.°

Esta Obra principia assim

Philomela suave, que cantando,
O fim do breve Inverno denuncias,
E a vinda do Verão alegre, e brando.

Esta poesia é muito superior á outra, pelos pensamentos, pela expressão, e pelo metro. Junte-se a isto o seguinte Soneto, em louvor da Elegiada de Luiz Pereira Brandão, impresso com o mesmo Poema, e teremos todos os Poemas de menor extenção, que restam de Francisco de Andrade.

SONETO.

De lagrimas, de mortes, de crueza,
De sangue, inda hoje fresco em Barberia,
Brandos versos fazer, doce harmonia,
Que dá gosto apesar da mór tristeza;

Maior espanto foi, mór estranheza,
Que o que fingiu de Orpheo a Poesia,
Que si elle as cousas naturaes movia,
Estoutro move a mesma Natureza.

Digitized by Google

Esta estranheza tal, que em mór espanto
O que melhor a entende hoje tem pôsto,
A ti, Pereira, só foi concedida.

Ditoso aquelle, a quem chegar teu canto,
Que pois da sua dôr fizeste gosto,
Tambem de sua morte serás vida.

Mas que caminho levaram os seus outros Sonetos, as suas Poesias Lyricas, que não deviam ser em pequena quantidade, visto que estava então tanto em moda escrever neste genero? Ficaram sem dúvida em manuscripto sepultadas nas livrarias de alguns Conventos, e pela suppressão delles, sabe Deos o fim que tiveram.

Que elle devia, como os outros Poetas do seu tempo, ter composto Sonetos, Eclogas, Canções, Epistolas, e Elegias é cousa que não admitte dúvida. Nenhum homem enceta a carreira poetica com a composição de um Poema Epico: para abalançar-se a tamanha empreza é necessario ensaiar muitas vezes o vôo, adquirir forças, e grangear com longo exercicio a perfeição de estylo, para poder remontar-se com segurança a região tão elevada; e com tudo nada mais trivial entre nós, que vêr Poetas, que se apresentam no Pindo só com uma Epopeia na mão! Que Poesias Lyricas nos deixaram Gabriel Pereira de Castro, Francisco de Sá, e Menezes, Antonio de Sousa Macedo, Braz Garcia Mascarenhas, e Vasco Mouzinho de Quevedo? Qual sería a causa disto? Pensariam acaso que a Poesia Lyrica era um jogo pueril, que lhe não dava honra? Sería por isso, que Francisco de Andrade, em tão longa, e prospera vida, não teve tempo de collegir, e publicar os seus Poemas deste genero? Mas quantos Poetas Heroicos não trocariam de boamente a sua gloria pela de Pindaro, Horacio, e Petrarcha? pela de Chiabrera, de Gray, de Antonio Diniz, e de Francisco Manoel? Um Poeta Lyrico de primeira ordem vale cem vezes mais do que um Epico mediano, ou um escriptor de Tragedias de segunda ordem: Rousseau, e Le Brun sempre serão mais estimados, e applaudidos que Campistron, e La Fosse. Embora Caliope, e Melpomene tenham no Pindo um throno mais elevado do que Clio, e Eu-

Digitized by Google

therpe: as grandes reputações em poesia, não provém do genero, que se cultiva, mas da maneira superior por que se cultivam os generos. O genio sempre é grande em qualquer terreno, que se apresente.

Quanto não teria perdido a Literatura Italiana si Torquato Tasso, e Ludovico Ariosto, contentes da gloria, que lhes resultava de haverem publicado o *Gofredo*, e o *Aminlas* o primeiro, e o segundo o *Orlando Furioso*, tivessem queimado, ou deixado em manuscripto as suas outras composições? Marini por haver publicado o *Adonis*, e Guarini o *Pastor Fido* regeitaram acaso o louvor, que podiam grangear-lhe as suas Poesias Lyricas?

Para affiançar immortalidade ao grande nome de Klopstock bastava sem dúvida a grande concepção da sua *Messiada*, a mais sublime, e a mais rica de todas as Epopeias sagradas: mas deixam por isso os Alemães de lêr, e admirar as suas magnificas Odes, que todos os dias repetem, e cantam com enthusiasmo?

Si Luiz de Camões não tivesse dado á luz senão as suas rymas, nem por isso deixaria de ser considerado como o primeiro dos nossos Poetas antigos, o Patriarcha da nossa poesia, e o aperfeiçoador da versificação portugueza; tamanha é a pureza, e louçania de linguagem que nellas reinam, tão brilhantes as suas imagens, tão patheticos os seus affectos, e tão harmoniosos, e correctos os seus versos.

Foi, não se nega, grande brazão para a nossa patria, e para as nossas letras, que elle com os *Lusiadas* desse á Europa um genero novo de Epopeia, como o reconheceo Rochefort, no Prefacio da sua traducção de Homero, em verso francez; mas tambem não póde negar-se, que o Cantor das glorias nacionaes, para ser tido em conta de grande Poeta não precisava juntar os Louros Epicos, ao Diadema Lyrico, com que as Musas lhe haviam adornado a douta fronte.

É pois muito para sentir, que os nossos melhores Poetas Epicos tivessem o capricho de condemnar ao esquecimento as suas composições lyricas.

É nas poesias lyricas, que o grande Poeta, livre de regras, e fórmas convencionaes, póde mais francamente abandonar-se ao impulso da inspiração, soltar os vôos

Digitized by Google

da phantasia, divagar como a Abelha de flor, em flor, sobre differentes objectos, tornar rapidamente ao assumpto, e revestir as suas idéas de toda a magia do estylo, de todos os encantos da linguagem, e da harmonia variada da versificação.

Outra vantagem da poesia lyrica, é que ella nasce ordinariamente das impressões fortuitas, que soffre a alma do Poeta, e por isso se torna a expressão natural dos seus affectos, da sua admiração, dos seus prazeres, que se harmonisam, e consonam com os sentimentos do Leitor, o que se torna uma fonte perene de interesse, e de sympathia; além disso a pequenez dos assumptos não dá logar ao cançasso, ás quebras de imaginação, que frequentes se encontram nas grandes composições como a Tragedia, e o Poema Epico, que sam verdadeiras tarefas, e não meros desafogos do engenho.

Si considerarmos a belleza de estylo, e da versificação de Francisco de Andrade, não podemos deixar de conhecer, que as suas composições lyricas seriam de merito muito relevante, e de muita gloria para o seu nome, mas o Poeta não se dignou de collegi-las, e contentou-se de apresentar-se no Templo da Memoria quasi sem mais recommendações do que o *Primeiro Cerco de Dio.*

Esta Epopeia consta de vinte Cantos, em Oitavas, e a Fabula, si póde dizer-se que tem Fabula, começa não *ab ovo,* mas a *Gallina,* segundo a expressão de Scaligero, em objecto semilhante, pois o Poeta abre a scena do seu Poema dando larga conta da vida, costumes, e caracter do Sultão Badur, Rei de Cambaia; passa logo a narrar a tomada da Ilha de Beth, pelo Governador Nuno da Cunha, com tamanho estrago, e matança dos naturaes, que por isso os Portuguezes lhe ficaram chamando a Ilha dos Mortos: eis aqui o modo porque elle descreve esta grande facção.

O Lusitano Heitor á porta imiga
Chega, com ferrea luz resplandecendo,
Não ha nenhum dos seus, que não o siga,
E tambem não commetta ousadamente;
Trava-se ali cruel, e dura briga,
Porque a força maior da imiga Gente,

Digitized by Google

Posta em hum Esquadrão naquella parte,
Seu forte Capitão segue o estandarte.

Huns por subir então no baixo muro,
E, por romper a porta, outro trabalha,
Faz isto não haver logar seguro,
Mas perigosa em todos a batalha;
Oh fortuna cruel! oh fado duro,
Quem ha que contra ti resista, ou valha?
Guarda-te, forte Heitor, muda esse pôsto,
Porque em mortal perigo ahi estás pôsto.

Mas quem ha hi, que não esteja preso
Do que manda o que o Ceo alto governa?
Desce hum raio de Marte, em fogo acceso,
Lá da parte do muro mais superna,
Não detem o forte aço o subtil peso,
Ao valoroso Heitor passa uma perna,
Cahe o corpo mortal, que a morte o chama,
Mas triumpha da morte a eterna Fama.

Mas antes no salgado Senhorio
Trez vezes accendeo o Sol seu lume,
Que cortasse o subtil delgado fio
A Parca, que as mortaes vidas consume;
Aposentam na Terra o corpo frio,
A alma sobe ao claro ethereo cume,
Com gran perda da Gente Lusitana,
De que o salgado humor de carpir mana.

E feita mais feroz, e mais accesa
Co'a grave dôr, que lá n'alma a lastima,
Rompe a porta, dá fim á dura empreza,
Por mais que lho defendem lá de cima;
Porém acha no Mouro gran defesa,
Que tambem a honra mais que a vida estima,
Porque qualquer parece hum novo Marte
Em quanto os não entraram d'outra parte.

Porém depois de entrados não se rendem,
Nem de fraqueza mostram apparencia,

Digitized by Google

Em quanto dura a força, se defendem,
E vam buscar a morte á competencia,
Os mais delles em fim mortos se estendem,
Que não lhes val nenhuma resistencia,
E o mesmo logar mortos occuparam,
Que para defender vivos tomaram.

A todo o que escapou das mãos dos nossos,
Os melhores dos seus já mortos vendo,
Lá junto ao mais intrinsico dos ossos,
Se foi hum tremor frio decorrendo,
E para se salvar dos fortes, grossos,
Esquadrões Lusitanos, recolhendo
Se vai qual por cisterna humida, e fria,
Qual por furna, ou por cova alta, e sombria.

Hum a que entre humas pedras tinha dado
De salvar-se o temor grande esperança,
Por hum de seus imigos foi achado,
Que o fez sahir á sanguinosa Dança;
Acena logo o Mouro c'o terçado,
Estende o Portuguez a teza lança;
O ferro por diante nelle encobre,
Que por de traz de novo se descobre.

O Mouro, cuja Fama agora vôa,
Lá pela região clara, e superna,
E c'o metal sereno o Mundo atrôa,
Pola fazer ao Mundo sempiterna,
Pola lança passada assi si côa,
Ao imigo cruel corta uma perna,
Juntamente na terra ambos se estendem,
E juntamente o Espirito ambos rendem.

De meus versos cantado eternamente
Fôras, valente Mouro, si meu canto,
Não tivera outro objecto aqui presente,
De que eu me ensoberbeço, e me honro tanto,
Que com imaginar nelle sómente
The ás claras Estrellas me levanto;

Digitized by Google

Mas a falta da minha, ou de outra historia
Não poderá tirar-te a tua gloria.

Alguns, a quem o esforço inda não falta,
Por fugirem do jugo Lusitano,
Qual o ferido Cervo corre, e salta,
A buscar o remedio do seu damno,
Sobem logo na rocha, que he mais alta,
E se vam abraçar com largo Oceano,
Onde chegando já despedaçados
Entre os Peixes ficaram sepultados.

Os Christãos a triste Ilha em fim tomaram,
Cessa logo o furor, mitiga-se a ira,
Só dous, ou trez captivos nella acharam,
E as cinzas de que o fogo consumira,
O seu primeiro nome lhe mandaram,
Os mortos, que ella em vão chora, e suspira,
E de si lhe pozeram o segundo
C'o qual he conhecida hoje no Mundo.

Este tão triste fim tão lastimoso
Do que tão facil hoje se cuidava,
Mostrou quanto então hera proveitoso,
O conselho que o Turco antes lhe dava,
Porque o Povo de si pouco animoso
O alvoroço perdeo que antes levava,
E do animoso Heitor, que tanto estima,
O entristece a grãa falta, e desanima.

Depois desta espantosa carnificina, Nuno da Cunha manda uma frota infestar as costas de Cambaia, em virtude de cujas devastações o Sultão faz propozições de paz, que são acceitas.

Entanto os Mogores rompem guerra com o Rei de Cambaia, este vendo-se em grande apuro, implora o soccorro de Martim Affonso de Sousa, Capitão do Mar. Edifica-se a fortaleza de Dio; mas de preça se conhece que Badur, que só por força da necessidade, e pelo desejo de ser soccorrido concedera aos Portuguezes o assentarem fortaleza em Dio, agora livre de perigo, não só se arrepen-

Digitized by Google

dêra da mercê outhorgada, mas conspira para demoli-la, e exterminar todos os Portuguezes, que nella existem.

As suspeitas tornam-se realidades, e o Governador da India Nuno da Cunha, informado desta perfidia, e conhecendo a importancia do negocio, apresentou-se em Dio com uma armada formidavel.

O Sultão, vendo os seus projectos transtornados, e procurando illudir o Governador, á força de honrarias, resolve ir visita-lo a bordo da almiranta; Cunha o recebe com toda a distinção, mas na volta para terra, é por sua ordem assassinado a bordo de uma fusta.

Narra depois o Poeta, como o Governador depois de confiscar os armazães, e thesouro de Badur, faz collocar no throno de Cambaia a Merizam Harard, que em breve é desthronado pelos Grandes do Reino, que tomam o partido do Principe Mahamoud, sobrinho de Badur, e por isso seu legitimo herdeiro.

Todos estes acontecimentos, e alguns, em que não julguei necessario tocar, formam a materia dos primeiros nove Cantos, vindo por isso a acção a principiar no Canto decimo, o que na verdade é um pouco tarde.

Neste decimo Canto o Renegado Italiano Coge Çofar, apresenta-se em Amadabat, côrte do Sultão Mahamoud, a quem persuade a vingança de Badur seu tio, a expugnação da fortaleza de Dio, e o exterminio dos Portuguezes, por quem aquelle Monarcha fôra morto. O Sultão lhe confere o commando de suas tropas, com que Çofar marcha para Dio, e dá um vigoroso assalto á Villa dos Rumes, é rechaçado, e se retira ferido para Nevanegaes.

Antonio da Silveira, Capitão da fortaleza, vendo assim repetidas as hostilidades, toma a resolução de defender a Ilha, e o Renegado a ataca com todas as suas forças, ha diversos recontros, de que resulta ficar finalmente a Ilha em poder dos inimigos, que dahi concebem grandes esperanças do bom resultado da sua empreza.

O Capitão assalta novamente os Mouros, e recolhe-se á fortaleza, onde se fortefica; Coge Çofar, e Alican, fazem sua entrada na Cidade, e passam logo a assentar seus arraiaes, e Lopo de Sousa Coutinho, ataca, e rompe os inimigos por differentes vezes.

Uma armada de Turços, vem lançar ferro diante de

Digitized by Google

Dio; o Poeta dá conta dos motivos desta expedição, e do acontecido em sua viagem; o Chefe manda assaltar a fortaleza pelos Janizaros, e uma horrivel tempestade dispersa a frota Othomana, que vai acolher-se no porto de Madrafabal; continúa em tanto o cerco, dam-se diversos, e repetidos assaltos, em que a defesa é igual á vivacidade dos ataques. Lopo de Sousa chega ao baluarte de Francisco Pacheco, e salva a fortaleza.

Tornam a surgir os Turcos diante de Dio, e dam morte a João Peres, e a seus companheiros; Antonio da Silveira recebe uma carta de Francisco Pacheco, a que responde. Os Turcos assestam sua artilharia, e com ella varejam impetuosamente o baluarte de Sousa, e os nossos melhoram o melhor, que podem as suas estancias.

Entra Manoel de Vasconcellos duas vezes na cava, e João da Niva trabalha por persuadir a guarnição para que entregue a praça, recusa ella capitular, e os Turcos a acommettem por cinco partes, e sendo repellidos recorrem a uma mina, em que é morto Gaspar de Sousa, que hia reconhece-la.

Entra na fortaleza o soccorro de Gôa, e Antonio da Silveira, ordena que os Catures vindos de Gôa se façam de véla ao despontar da manhãa; os inimigos atacam impetuosamente o baluarte, chamado do mar, mas sam rotos, e desbaratados na arremettida, ficando morto no campo o chefe, que os commandava.

Os Musulmanos cessam por algum tempo os assaltos, e continuam com o assedio. Os Turcos, já menos confiados, appellam da força para a astucia, retiram-se para assim colherem os Christãos desprevenidos; porém Silveira aventando o projecto dos Infieis, toma todas as precauções, que lhe aconselha a sua prudencia, e pratica da guerra.

Desembarcam de noite os Barbaros, e amparados das suas sombras dam vigoroso assalto á praça, e sam rechassados com grande morteciuio, e dicide-se finalmente o negocio em uma batalha geral, em que os inimigos desbaratados se embarcam.

Por esta exposição da marcha do Poema, se vê que o Author em sua contextura não empregou artificio algum, nem soube dar-lhe a fórma epica, sendo aliás mui facil

Digitized by Google

reduzi-lo ás regras, começando o Poema com o Conselho de Estado, em que o Sultão deliberasse o cerco da fortaleza, e mandasse para ali marchar as tropas, e narrando depois, em logares convenientes, todos os acontecimentos, que enchem os nove primeiros Cantos, que não fazem parte da acção, mas que tem referencia a ella.

Não quero dizer com isto, que Francisco de Andrade ignorava as regras estabelecidas para a contextura da fabula epica; elle era sobejo instruido, e conhecia bem os exemplares Gregos, e Romanos, e si em logar de um Poema Heroico nos deixou um Poema Historico, e quasi sem artificio algum em sua composição, foi porque estava subjugado pela opinião erronea dos Hespanhoes, de que os assumptos nacionaes deviam ser tractados por este methodo a fim de não se faltar á verdade. Assim o praticaram João Rufo na sua *Austriada*, Ercilla na sua *Araucana*, Samper no *Carlo Famoso*, Jeronymo Côrte Real na sua *Batalha de Lepantho*, e nos dous Poemas Portuguezes o *Naufragio de Sepulveda*, e o *Segundo Cerco de Dio*, Francisco Rodrigues Lobo no seu *Condestabre*, Lope de Vega na sua *Corona Tragica*, e tantos outros, que em logar de verdadeiras Epopeias, publicaram Historias, e Chronicas, em estylo poetico, e ás vezes em excellentes versos.

Não julguem porém os Leitores, que esta estravagancia de tomar por Epopeia a Historia em verso sem fabula, nem architectura dramatica, nem unidade de acção seja privativa dos Hespanhoes, e Portuguezes; entre os Gregos, e os Romanos se encontra a mesma opinião, pois Aristoteles, e outros fallam da *Adratida*, da *Theseida*, e da *Heracleida*, Poemas que continham toda a vida de Adrasto, de Theseo, e de Hercules; e entre os Romanos, Lucano escreveo em verso toda a guerra civil de Cesar, e Pompeo, Silio Italico todos os acontecimentos da segunda guerra punica, e Stacio emprehendeo um Poema intitulado *Achyleida*, de que nos resta o primeiro Canto, e parte do segundo, em que cantava toda a vida de Achyles, como elle mesmo nos informa no exordio.

Nos ire per omnem
Heroa.

Digitized by Google

Parece á vista destes, e de outros exemplos, que poderia citar, que os Gregos, e Romanos, ou não conheciam a Poetica de Aristoteles, ou não reconheciam a authoridade das suas regras, pois que os seus Epicos tão pouco se conformaram com ellas.

Não farei grande culpa a Francisco de Andrade por haver empregado o meravilhoso mythologico, até porque o assumpto do seu Poema nada tem de religioso: nisso não fez mais que seguir a opinião do seu seculo, em que se julgava, que era aquella a linguagem peculiar do Parnaso, tendo nisso boas authoridades com que defender-se, tanto de naturaes, como de estranhos, e muitos annos depois o severo, e escrupuloso Boileau, na sua Poetica, approvou, que os Poetas modernos usassem na Epopeia das machinas do politheismo, com tanto que o assumpto fosse profano.

Não terei com tudo a mesma indulgencia com o uso mesquinho, e até direi ridiculo, que elle fez desse meravilhoso. Tal é a idéa estravagante, que se observa no quarto Canto, em que o Poeta finge que Zephyro, vivamente apaixonado pela Rainha de Cambaia, pede auxilio a Eolo para rouba-la na occasião, em que seu marido a mandava para Judá.

Zephyro, a quem o Amor hoje acrescenta
A sua natural velocidade,
A gran preça que leva inda ha por lenta,
Tanto o vai apertando a saudade;
Por onde em breve espaço se apresenta,
Perante aquelle, a cuja magestade,
Elle, e os mais Ventos dam obediencia.
E lhe faz a devida reverencia.

Logo desta arte a lingua solta ousado,
Que Amor dá para tudo atrevimento,
« Eterno Rey, a quem no Ceo foi dado,
» Dos Ventos o poder, e o regimento,
» Porque eu sei que de ti foi sempre usado,
» Antes foi sempre teu contentamento,
» Dares favor ao teu que delle tinha
» Necessidade, o peço eu para a minha.

Digitized by Google

» Lá na parte, onde o Sol d'entre o Occeano
» Solta o primeiro raio matutino,
» Hum tal parecer vi, tão sobrehumano,
» Que não creio que haja outro mais divino;
» Pera meu mal o vi, pera meu damno,
» Pois lhe sou tão sugeito, que imagino,
» Que si não daes remedio a mal tão forte,
» Começará nos teus tormento, e morte.

» Deixei-a, que com curso vagaroso
» O Reyno de Neptuno cortando hia,
» Já que Boreas te achou tão piedoso
» Quando Amor o abrazava d'Orythia,
» Não queiras a mim só ser rigoroso,
» Pois outro fogo mór em mim se cria,
» Não queiras que Cupido se engrandeça
» De fazer que o que he teu a elle obedeça.

» Consente que Noto, Africo, Levante
» Me dem nisto o remedio só que tenho,
» E que comigo passem tanto ávante,
» Que vam lá ter á parte d'onde eu venho,
» E façam lá que o mar se inche, e levante,
» E que a seu pesar volte a prôa o lenho
» Em que vai meu bem todo, e vá direito
» Onde eu quietar possa o acceso peito. »

Traz disto o humor dos olhos mal refreia,
E do peito os suspiros triste, e ardente;
Eolo a quem a bella Dinopeia
Quiçá faz entender o que este sente,
De piedade então tendo a alma cheia,
No que lhe pede Zephyro consente;
E não consente só, mas determina
Fazer com que elle acabe o que imagina.

Esta ficção corre parelhas com as paixões, e extremos amorosos de Phebo, de Protheo, e de Pan por D. Leonor de Sá, que tornam inutil, e fastidiosa uma grande parte do Poema do Naufragio de Sepulveda, de Jeronymo Côrte Real.

Digitized by Google

Este namoramento de Zephyro tambem, segundo me parece, tem manifesta inverosimilhança. É possivel que elle nesta viagem visse pela primeira vez a Rainha de Cambaia? Nunca teria adejado nos jardins de Amadabat, em occasião, que ella ali passeava? Que nunca tivesse entrado no harem de Badur, onde ella vivia? Mas dado tudo isto, que pertendia fazer aquelle Numen, levantando uma tempestade? Acaso meter a nau a pique, e affogar o objecto dos seus amores? Bello meio na verdade de satisfazer a sua paixão! É verdade que elle diz a Eolo, que quer

Que volte ao Lenho
Em que vai o meu bem, e vá direito
Onde eu quietar possa o acceso peito;

mas vemos que a tempestade faz que o baixel se desgarre do rumo, que levava, e quando a tormenta é applacada por Neptuno, vá dar a uma Ilha desconhecida, onde a Rainha salta em terra, e separando-se da sua comitiva, se embrenha sósinha em um bosque delicioso para meditar nos seus amores, e nas suas saudades; aproveita acaso o Zephyro esta occasião tão favoravel para arrebata-la como Boreas praticára com Orythia? Pelo contrario, espera tranquillamente que ella torne a embarcar-se, e enfuna as vélas da nau até a conduzir a Judá, onde a Rainha hia procurar asylo. Póde haver procedimento mais absurdo, e inverosimil que este do esposo de Flora, considerado no sentido poetico, e no sentido amoroso? Póde com razão applicar-se-lhe o titulo da Comedia de Shakespeare «*Muita bulha para cousa nenhuma.*»

Além de todas estas circumstancias, que a tornam ridicula, esta machina pecca contra as regras, e artificio da contextura epica: segundo ellas, toda a intervenção meravilhosa deve ter por fim retardar, ou adiantar a conclusão da fabula: dar-se-ha essa circumstancia neste caso? Que Zephyro ajudado pelo muito complacente Eolo, levante uma procella, que leve a nau, em que vai a Rainha de Cambaia, a uma Ilha; que elle a roube, ou deixe de roubar, que influe isso na marcha do Poema? Em que retarda, ou adianta a sua solução? Em cousa ne-

Digitized by Google

nhuma de certo. A Rainha entra em Judá, e ali fica. Badur não se lembra mais della, e o Leitor ignora o resultado deste acontecimento, de que presenciou o principio, e de que não vê desfecho; e este contarello absurdo apenas serve de destrahir a sua attenção, e de alongar a estenção material do Poema. Não é assim que o Cantor dos Lusiadas costuma aproveitar-se das ficções mythologicas: no seu Poema a intrevenção de Baccho suscita sempre obstaculos á empreza de Vasco da Gama; a de Venus os aniquilla, e favorece o cumprimento da empreza do Gama.

Quando Homero faz adormecer Jupiter nos braços de Juno nas cumiadas do Ida, acobertado de uma nuvem de ouro, não faz de certo uma narração occiosa para affectar engenho, ou para divertir os Leitores; pelo contrario os resultados desta ficção tornam-se immensos, porque transtornam inteiramente a situação das duas nações belligerantes, que combatem nas praias de Ilion.

Jupiter havia prohibido aos Numes tomarem parte na acção, e com seus olhos fictos no theatro da guerra, dirige os acontecimentos della: Heitor, inspirado por elle, desbarata os Gregos, fazendo delles horrivel carnificina, transpõe com os seus o fosso, derriba os muros, que guardam o campo, e quasi chega á linha dos navios varados em terra, para lhe pôr o fogo; a consternação é geral no campo, os principaes Capitães retiram-se feridos; mas apenas o Deos adormece nos braços de Juno, os outros Numes inimigos de Troya, descem em soccorro dos Helenos, que reanimados repellem os Troyanos, os põem em fugida, os acossam para fóra dos vallos; e o proprio Heitor ferido é levado pelos seus para fóra da refrega, e privado do uso dos sentidos; eis aqui como os grandes Poetas sabem fazer uso do meravilhoso.

Outro inconveniente, e não pequeno, dos Poemas Historicos, é que em taes composições os caracteres dos heroes ficam apenas esboçados; por isso é baldado procurar no *Cerco de Dio*, aquelles grandes desenvolvimentos de paixões, e de caracteres, com que Homero, Tasso, e Ariosto animam os grandes quadros dos seus Poemas Epicos, tornando-os verdadeiros Dramas cheios de interesse, e de grandiosidade.

Digitized by Google

Grande louvor merece, quanto a mim, Francisco de Andrade, por não se haver esquecido de adornar o seu Poema com brilhantes episodios, historicos, ou de invenção, com que amenisa, e varia o seu assumpto. Tal é o seguinte episodio, em que no segundo Canto se narram os successos da vida de João de Santiago.

Este para que a minha historia pede,
Senhores, attenção, seguia a insana
Ley primeiro do immundo Mafamede,
E nasceu na infiel Terra Africana.
Ley, que a brutalidade toda excede,
Que os seus por si sómente desengana;
Mas tanto póde a carne com seu damno,
Que val mais que a razão, que o desengano.

No Mundo fôra apenas este entrado
Quando se viò sujeito ao jugo imigo,
D'entre os braços da cara May roubado,
Perdeo da sua Patria o ninho antigo,
Dahi ao fiel Povo foi levado,
Banham-no no licôr sagrado, e amigo,
Que as culpas lava, enche de graça o peito,
E põem nas almas ser puro, e perfeito.

O Ceo, que para varia sorte o chama,
A hum Calafate Portuguez o entrega,
Gran saber, discrição nelle derrama,
Grande engenho, e agudeza lhe não nega;
Grandemente por isto o Senhor o ama,
E depois acontece que navega
Lá para o Oriental Reyno o mar bravo,
E leva em companhia o seu Escravo.

Nem lá cessa este Amor, esta vontade,
Em quanto de ar o corpo vivifica,
E quando a alma mandou á Eternidade,
Este amor por mil provas verifica;
Deixa o amado Servo em liberdade,
E com ella tambem ao Servo fica,

Digitized by Google

Por morte do Senhor, mui grande parte
Do que suas mãos lhe deram, e sua Arte.

Já neste tempo aquelle que tomára
Dos dous de Zebedeo nome, e appellido,
Da idade pueril, que atraz deixára,
Os tenros annos tinha consumido;
Agora no veril estado entrára,
E com estudo tal tinha aprendido
Quasi as linguagens todas do Oriente,
Que dellas usa assás perfeitamente.

Este ultimo verso é prosaico pela falta de numero, e pela vulgaridade da expressão; nos nossos Poetas antigos é mui facil deparar exemplos destas negligencias.

Depois que a cruel A'tropos, e horrenda
De seu Senhor cortou o subtil fio,
Ajuntando o que pôde de fazenda
Entra de Bisnagá no Senhorio;
Nenhum ha que melhor a lingua entenda,
Daquella Terra, e o Rey que hera Gentio,
Logo por sua audacia o reconhece,
E dá-lhe entrada em casa, e o favorece.

Sobre o segundo verso desta Estança farei um reparo, que de certo não faria em outro escriptor menos polido, e menos correcto: *subtil fio* é uma expressão demasiado vaga, e que não designa bem a *vida*, deveria por tanto dizer *vital fio*, ou cousa semilhante.

Este seu favor logo não se acaba,
Que co'a lisongeria se aconselha,
E tudo louva ao Rey, nada desgaba,
Nunca se lhe para isso nega a orelha;
Seus Idolos approva, e ritos gaba,
E mil vezes ante elles se ajoelha;
Tanto favor lhe mostra El-Rey por isto,
Que entre os seus mais acceitos hera visto.

Digitized by Google

Mas como hum cubiçoso, e mau conceito,
Não póde muito tempo estar no seio,
Que Deos ás vezes, que he Juiz direito,
Faz que de se mostrar seja elle o meio:
Não póde este encobrir tanto o seu peito,
De maldade e cobiça sempre cheio,
Que antes que muito tempo ali passasse
Elle per si se não manifestasse.

D'huma parte este Vicio baixo, e immundo,
Pay de todos, e tronco verdadeiro,
Que a Gente pasma, e athe por sem segundo,
Mais qualquer em segui-lo he o primeiro,
Que sempre he falso o bem que mostra o Mundo,
E d'outra hum tal favor n'hum estrangeiro,
Avorrecido o fez d'outros privados
Os quaes delle se tem por acanhados.

Este odio, inda que novo, assi crescìa,
Que em breve tempo foi maior que antigo,
Por onde elle naquelle mesmo dia,
Que o Ceo se lhe mostrára mais amigo,
E mais alto chegou sua valia,
Se vio encaminhar para castigo,
Que o miseravel corpo no ar levanta,
E com laço cruel prende a garganta.

Esta he do Mundo a bemaventurança,
Oh quanto vás juizo humano errado,
Nisto para quem põem a confiança
No que de si promette hum alto estado;
Este triste chegando á mór bonança,
O sobem n'hum rocim, e deshonrado,
O guiam para a forca, a qual faz guerra
E soe punir os maus naquella terra.

Já de huma côr mortal coberto o rosto,
E a força natural quasi perdida,
Chegado estava áquelle triste pôsto,
Lá onde condemnado deixe a vida,
Quando os mesmos a que elle deu desgosto,

Digitized by Google

E que por elle viram abatida
Sua privança (dôr que ás almas chega)
O pediram a El-Rey, e não lho nega.

Torna o misero em si, vive, e respira,
Os membros cobram o calor nativo,
Torna a côr ao logar donde sahira,
Da-lhe alguma figura já de vivo;
Anda, vê, falla, e cuida que he mentira
Vêr-se solto, e inda cuida que he captivo;
C'os olhos o está vendo, e o pensamento
Inda cuida que he sonho, ou fingimento.

Porém vendo que já segura tinha
De hum perigo mortal a vida cara,
Temendo que si ali mais se detinha
A veja n'outro mór do que passára,
Para Gôa dali logo encaminha,
Foge á terra, que á morte o condemnára,
Mas não se fica longo tempo em Gôa,
Que logo para Ormuz voltou a prôa.

D'Ormuz na branca praia apenas salta,
Quando o seu grande engenho, e ousado peito,
Que com tantos trabalhos lhe não falta,
O faz a El-Rey da terra tão acceito,
Que privança alcançou logo tão alta,
Que no Reyno por elle tudo he feito;
A Cubiça, que lhe hera Natureza,
Fez que logo juntasse gran riqueza.

Ali sua Bonança ha por segura,
E que sua Fortuna ali soffregue,
Mas como ella o que pôz na mór altura,
Sempre c'o maior mal tracta, e persegue,
Faz que neste ali foi de pouca dura,
Tudo quanto lhe fôra antes entregue;
Perde o mando, as riquezas, a privança,
E quasi de viver a confiança.

A causa disto foi, si não me engano,
Saber de certo El-Rey, que se fizera

Digitized by Google

Este, naquella terra, *hum tal tyranno,*
Qual Sicilia jámais de si não dera,
E outro castigo mór, outro mór damno
Este falso em Ormuz então tivera,
Si aquelle Capitão não o atalhava,
Que a Christãa Fortaleza governava.

Hum tal tyranno, é expressão prosaica, e plebea, e indigna da magestade do estylo do Poema Heroico.

De segundo perigo em salvo pôsto,
Deter-se aqui tambem mais arrèceia,
E outra vez para Gôa volta o rosto,
Onde seus infortunios remedeia;
Em gran miseria ali, em gran desgosto,
Passa a vida de males sempre chèia,
Athe que outra occasião o tempo traga,
Com que possa curar a nova chaga.

Mas o Ceo, que the então lhe fôra vario,
De novo bem lhe dá novo desenho,
O Governador manda o Secretario,
Da India, ao que já acima dito tenho;
João Santiago vê, que necessario
Lhe he naquella jornada o seu engenho,
Porque a Cambaia lingua bem sabia,
Pede-lhe que o levasse em companhia.

Ferreira o companheiro não enjeita,
Leva-o por seu Pharante na viagem,
E em entrando em Cambaia se aproveita
Do seu esperto engenho, e da linguagem.
Logo c'o Sultão teve tão estreita
Amizade, que a todos fez vantagem;
Tal hera o seu saber, e habilidade,
Que bastava a ganhar qualquer vontade.

A sua inclinação perversa o incita
A que nenhuma ley tem firme, e assente,
Por que tão devoto entra na Mesquita,
Que faz a Mafamede a Moura Gente;

Digitized by Google

Como quando o Christão Templo visita,
Que honra a Deos verdadeiro, e omnipotente;
Com igual devoção tambem acode,
Quando está c'o Gentio ao seu Pagode.

De tal sorte o Sultão se lhe affeiçoa,
Que quando o Secretario se despede,
Para cortar o mar direito a Gôa,
Lhe pede que lho deixe, e lho concede,
Logo a sua bonança ao cume vôa,
E todas as passadas bem excede,
Que logo foi em tantas honras pôsto,
Quantas soube inventar o Amor, e o Gosto.

A primeira he fazer que elle se vêja
Com gran Casa, e apparato soberano,
E para a sustentar como deseja
De renda vinte mil pardaos cada anno,
Lhe tinha dado El-Rey para que esteja
Rico, grande, abastado, alegre, ufano,
E dous Logares para que mais cresça,
Sua honra, e seu estado se engrandeça.

Nem farto inda com isto o ardente peito,
O Rey, a quem amor novo então céga,
A este, sem mais conselho, ou mais respeito
O mando universal do Reyno entrega,
Tal que aos mais nobres seus, contra direito,
Qualquer Cargo, que tem, agora nega,
E para este só quer que se reserve,
E tambem de Farante este lhe serve.

Porém em quanto o Ceo hum tal estado
Tão alto, e soberano então lhe dera,
Não lhe deu hum aspeito nobre, e honrado,
Conveniente ao Estado, em que o pozera.
Hera de rosto mal affigurado,
No qual por mil signaes se via o que hera,
Do mal contagioso combatido
A quem França tem dado o appellido.

Digitized by Google

Parece-me que esta circumstancia sordida não devia apontar-se em escriptura tão nobre como um Poema Epico, muito mais sendo absolutamente inutil, de qualquer maneira, que a considerem é este um daquelles casos, que o judicioso Boileau recommenda na sua *Arte Poetica*.

Ne presentez jamais de basse circumstance.

Se examinarmos a literatura de todas as nações, acharemos que em todas ellas a poesia lyrica chega primeiro á sua perfeição, que a epica, e a tragedia, e a razão é, porque o estylo grave, e sublime é o mais difficultoso, e porisso o ultimo que chega á perfeição. Os Francezes tiveram Malherbe, e Racan, que escreveram Odes, e Idylios com pureza, e elegancia, antes de Rotrou, e Corneille, que com muito mais genio (expecialmente o segundo), apesar das scenas sublimes que admiramos em suas Tragedias, nellas a cada passo claudicam pelas idéas, e pela expressão.

Mas como nada disto lhe tirava
A grande descrição, grande eloquencia,
Que o seu peito de si dentro enserrava,
Taes que c'os Vicios vam em competencia,
Aquelle que algum tempo o conversava,
E disto tinha alguma experiencia
Vê que os Principes ficam desculpados,
Que lhe foram já tão affeiçoados.

Em casa deste Rey, que a tanta altura,
De hum estado tão baixo o alevantára,
Se mostrou a Fortuna de mais dura
Do que em todas as outras se mostrára,
Mas como nenhuma ha firme, e segura,
Aqui lhe deu o fim que lhe aguardára,
Do que d'hum Infiel malvado Esprito
Como espero que ávante seja dito.

No Canto IX. apresenta o Poeta um episodio de caracter differente, em que pinta o amor de dous Esposos Mogores, querendo o marido sacrificar-se para salvar a

Digitized by Google

esposa á custa da sua propria vida, pois que só a ella, e não a elle se concede o refugiar-se na fortaleza. Passo a transcreve-lo para dar uma amostra do estylo pathetiço, e affectuoso de Francisco de Andrade; os Leitores comparando-o com outros iguaes de Luiz de Camões poderão adquirir mais uma prova da superioridade deste sobre todos os seus rivaes em todos os dotes de grande escriptor.

Mas se me ouvis, vereis o raro, e forte
Poder de Amor, que tudo desbarata;
Antre estes a que a branda, amiga sorte,
Com tanto risco seu hoje arrebata
Das mãos da rigorosa, cruel morte,
Havia alguns que o nó conjugal ata,
E as Mulheres comsigo então traziam,
Como nas guerras sempre estes faziam.

Um, que co'a Companheira tão unida
A alma tinha, e o amor tem nella pôsto,
Que della só pendia a sua vida,
Seu descanço, seu bem, todo o seu gosto,
Vendo aquella purpurea côr perdida,
Que antes acompanhava o bello rosto,
Agora se internece, agora se ira,
Treme, disfarça em vão, arde, e suspira.

Estes dous versos sam excellentes; e seria difficil o fechar esta Estança com maior energia.

De novo olha d'amor, e temor cheio,
Aquelles olhos, antes vivos raios,
E como de os salvar não vê então meio,
Lhe causa não um só, mas mil desmaios,
Agora tem da morte mais receio,
Que entre os mais duros golpes dos Cambaios,
Por que menos mortal o imigo achava,
Que o perigo da que a vida lhe dava.

A bellissima Moura, que a vontade
Tem tambem ao amante tão sugeita,

Digitized by Google

Que nem vida, nem gosto, ou liberdade
Sem elle lhe podia ser acceita,
Menos sente em tão fresca, e tenra idade,
E tal que o mesmo Amor se lhe sugeita,
De arreceios da morte vêr-se cheia,
Que o mal, que o raro Esposo então receia.

Os olhos nella põem tão brandamente,
Que rompera a intractavel penedia,
E junto ao amor antigo, o mal presente,
Estilar vivas perlas lhe fazia,
O namorado Mouro a que hum ardente
Fogo n'alma de novo esta agua cria,
Não sabe já que faça, nem se entende,
Pois o que mata, o fogo nelle accende.

Nestes versos pagou o Author um tributo á mania dos conceitos, molestia epidemica de toda a literatura do seu tempo, e que depois subio ao maior excesso tanto em Portugal, e Hespanha, como na Italia, e na França.

E maldizendo em fim o fado imigo,
Quer tentar o remedio derradeiro,
Chega-se ao muro, em parte de hum postigo,
Abre algumas entradas por dinheiro,
Sente então não trazer muito comsigo
Com que mais accender possa o Porteiro,
Que quanto o Mundo tem menos inflamma,
Que huma lagrima só do que tanto ama.

« Valeroso, e esforçado Lusitano
(Diz contra o que o postigo a cargo tinha)
» Em cuja mão está o bem, ou damno
» Meu, e da triste companheira minha,
» Si aquella parte acaso tens de humano,
» Que sempre ao grande Esprito, anda visinha,
» Mostrarás piedade não duvido,
» A quem, si o tu não salvas, he perdido.

» Usa tu comigo hoje de brandura,
» Basta ser-me a Fortuna imiga forte,

Digitized by Google

» Si quer porque esta grande formosura,
» Ante ti não receba cruel morte;
» E tudo, o que entre tanta desventura,
» Me consentio salvar a adversa sorte,
» Te dou, que mais riqueza não procuro,
» Que vêr-me c'o meu bem pôsto em seguro.»

O Portuguez, que não hera composto
De jaspe, nem estava em odio acceso,
Enternecido assás do bello rosto,
De que o tristè Mogor via tão preso,
Diz, que os metêra dentro com grau gosto,
Mas que do Capitão lhe hera defeso,
Que o que só fazer póde he que ella entrasse,
Com tanto que de fóra elle ficasse.

Acceita o Mouro a entrada só da Esposa,
Por ella ao Portuguez as graças rende;
Já sua perdição ha por ditosa,
Pois seu amor da morte elle defende,
E inda que a larga ausencia, e trabalhosa,
O amor, e saudade mais lhe accende,
Morrer por lhe dar vida assás lhe paga
Todo o mal, que lhe causa a nova chaga.

Responde, que o partido elle acceitava,
E que de ficar fóra he satisfeito,
Porque salvando-se ella, elle salvava
A melhor vida, e o gosto mais perfeito;
E porque o gran temor o estimulava
Quiz que esta entrada logo houvesse effeito,
Chega-se á porta, e solta a sua Estrella,
Tira-se atraz c'os olhos postos nella.

C'os os olhos postos nella atraz se tira
O triste amante cheio de saudade,
E a cada passo mais ama, e suspira,
Os olhos lá se vam traz a vontade;
A Moura, a que o amor não consentíra
Que donde tinha entregue a liberdade,

Digitized by Google

Os olhos apartasse hum só momento,
Bem vio do seu amor o apartamento.

Pintura excellente de um amor extremo, exprimida, e animada com colorido simples, e por isso mais proprio para despertar a compunção, e o interesse na alma do Leitor.

E vendo que ficando elle de fóra
Por salvalla, a morrer se offerecia,
Não quer que em piedade a vença agora,
Quem agora em amor não a vencia,
Torna atraz com gran força naquella hora,
Que para a recolher se apercebia
O Portuguez, porque ha por bem mais raro
Na morte acompanhar o Esposo charo.

Que cousa não fará já o poderoso
Amor, por mais que seja alta, e sublime,
Pois que n'hum feminil peito medroso
Tal despreso da morte agora imprime?
Chegada a bella Amante ao charo Esposo
Não sente cousa já que ali a lastime,
Si não temer que a morte agora a tracte
Tão mal que a deixe viva, e lho arrebate.

E porque ambos os leve juntamente
A Morte, que estar perto lhe parece,
Nem haja cousa ali que della o ausente,
Os braços, a que a neve alva obedece,
Lhe lança tão unida, e tristemente
Quanto a verde Hera o antigo Ulmeiro tece,
Onde de tanta gloria fica cheia,
Que a morte mais deseja que receia.

Em meio deste gran contentamento,
Que d'amoroso amor lhe banha o rosto,
Solta a suave voz, e brando accento,
Que d'amor, e de queixa vai composto:
« Amado Esposo meu, em quem sustento
» A vida, a liberdade, a gloria, o gosto,

Digitized by Google

(Lhe diz) » e sem quem tenho por perdida
» A gloria, a liberdade, o gosto, a vida.

» Quam mal te merecia o que te eu quero,
» Dar-me a voltas da vida hum mal tão forte,
» Que tanto para mim fôra mais fero,
» Quanto me dilatára mais a morte;
» Si de viver sem ti já desespero,
» Que poderá sem ti dar-me tal sorte
» Si não morte cruel, aspera, e grave,
» Que comtigo terei branda, e suave?

» Como viver sem ti, meu bem, podera,
» Quem de ti vive só, de ti respira?
» Quem salvação sem ti, e vida espera?
» Sem ti bem pódes vêr o que sentira;
» Por mais perdida então eu me tivera,
» Quando em salvo, sem ti, posta me vira:
» De peior morte então fôra captiva,
» Quando, meu bem, sem ti me achára viva.

» Bem vêjo que amor deve desculpar-te,
» Que em ti foi, certo, amor a mi inimigo,
» Mas si queres salvar-me em toda a parte
» Fóra de ti me pões no mór perigo;
» Não consintas que mais de ti me aparte,
» Deixa-me ter a morte aqui comtigo,
» Não queiras, dilatando-me huma agora,
» Que outras mil mais crueis sinta cada hora. »

O frio caramelo, a branca neve
Não se desfaz assi ao Sol ardente,
Nem a branda materia, que em si teve
D'Abelha o fruito, doce, e excellente
Se desfaz tanto a qualquer chamma leve,
Que tem na pedreneira sua semente;
Quanto o Mouro, a suave voz ouvindo,
Sente-se a pouco, e pouco hir consumindo.

Menos arde o Vesuvio que o seu peito,
Menos tem que seus olhos agua o Téjo,

Digitized by Google

Porém em fogo, em agua assi desfeito
Não torna atraz, mas cresce o seu desejo;
Vê-se agora de novo mais sugeito
A aqueste seu antigo amor sobejo;
Porque o que em sua Esposa agora entende,
O que lhe sempre teve mais accende.

D'amor, e do arreceio combatido
O triste não se entende, ou determina,
Não porque sinta então vêr-se perdido,
Mas do seu bem temendo a mór ruina.
O que com tanto amor lhe tem pedido
A fazer-lhe a vontade o move, e inclina;
O receio de a vêr á morte entregue
Por outra parte o move, a que lho negue.

Com a alma inda confusa, e duvidosa
D'esta arte entre suspiros a voz lança,
« Pedira-te eu perdão, amada Esposa,
» Antes hum só meu bem, minha Esperança,
» Si a força d'amor grande, e poderosa
» A quem nada resiste aonde alcança,
» Agora a te arrojar não me forçára,
» Que mal sem esta força eu te arrojára.

» Não cuides, amor meu, que menos forte
» Me foi o teu cruel apartamento,
» Que si me víra em mãos da cruel morte,
» Que esperando aqui estou cada momento;
» Mas porque em meio desta adversa sorte,
» Alcançasse este só contentamento,
» De vêr que por salvar-te me perdia,
» O mal da tua ausencia bem soffria.

» Amor neste meu erro foi culpado,
» Si o que nasce de Amor erro se chama,
» Porém eu a este amor sou tão atado,
» Que o desejo de errar-te inda me inflamma;
» Porque vêr-te em tão triste, e iniquo estado,
» Mal o póde soffrer quem tanto te ama,

Digitized by Google

» A' custa não só de huma, mas mil vidas,
» Porque todas por ti sam bem perdidas.

» Por isso o grande amor, que me mostraste,
» E agora te obrigou a vir buscar-me,
» Polo que tu em mim sempre enxergaste
» Te peço, que este não queiras negar-me,
» Que pois na vida os males me abrandaste
» Não queiras mais na morte atormentar-me,
» Basta ser-me a Fortuna imiga, e dura,
» Não ajudes tu minha desventura.

» Eu sempre pera ti só quiz a vida,
» O que desejei sempre tinha agora,
» Mas n'hum grave tormento convertida,
» Vêjo esta gloria estando tu de fóra.
» Não queiras que por ti vêja eu perdida
» A vida, o bem, o gosto só n'huma hora;
» Foge, foge, Amor meu, do mal presente,
» Porque, vivendo tu, morra eu contente. »

Em quanto estas palavras solta o triste,
E solicito amante, desejando,
Dar vida ao seu amor, de novo insiste,
E ao postigo outra vez se vai chegando,
Ella, que ao seu amor menos resiste,
Quanto mais amor nelle está enxergando,
Das suas razões mesmas contra elle usa,
E com ellas d'entrar então se escusa.

Forçado de hum amor sincero, e puro,
Esperando qualquer a morte estava,
Porque a Moura não quer ter o seguro,
Que a quem he sua vida se negava;
Quando se abre huma porta, que no muro
Livre entrada aos Mogores todos dava,
Porque Silveira vendo o que he passado,
Que os recolhessem já tinha mandado.

Esta situação é verdadeiramente dramatica, e o episodio bem pensado, e bem escripto; parece-me porém, si

Digitized by Google

não me engano, que ha aqui demasiada rhethorica, e demasiado estudo na expressão dos sentimentos, e dos affectos. A leitura de Petrarcha, havia feito impressão no espirito dos Italianos, e pôsto em moda entre elles os conceitos um pouco alambicados, e eivados de platonismo nos assumptos eroticos, e não admira por isso que os Portuguezes, e Hespanhoes, adoptando o systema metrico, dos Italianos, e a sua maneira de poetar, tambem fizesse passar para os seus quadros a imitação do estylo dos originaes, esquecendo-se de que a reforma, que pertendiam fazer na poesia das suas respectivas nações, devia consistir em combinar a fórma externa da Poesia Toscana, com o espirito, e maneira de colorir dos Gregos, e dos Romanos.

No Canto VIII. apresentou Francisco de Andrade outro episodio de um genero extraordinario, de que Simão Machado tambem lançou mão na sua primeira Comedia do Cerco de Dio, e que tem fundamento historico, pois que muitos Historiadores fazem mensão delle, referindo que um Mouro de mais de trezentos annos de idade se apresentou a Nuno da Cunha na occasião em que tomou posse de Dio, por morte do Sultão Badur, pedindo-lhe a confirmação da mercê de uma pensão alimenticia, mensalmente paga, que lhe havia sido conferida em razão de sua prodigiosa ancianidade, por todos os Reis de Cambaia.

Acabado isto assi de concertar-se,
Em gran proveito assás dos Lusitanos,
Posta a Cidade em paz sem recear-se
De quaesquer sobresaltos, quaesquer damnos,
Hum Mouro veio ao Cunha apresentar-se,
De tal antiguidade, e longos annos,
Que os que de novo a Terra povoaram
Muito poucos nos annos o passaram.

Nesta mesma Cidade o seu assento
Tinha este então, e muito antes tivera;
Sua idade trez vezes annos cento
Sobre mais trinta, e cinco affirmam que hera,
Humilde no saber, e entendimento,
Que na seita gentilica já crera,

Digitized by Google

No Reyno de Bengala foi nascido,
E de estatura não muito crescido.

Esta idade tão larga, e monstruosa,
Que quiçá crêr-se agora mal merece,
Se provou que não hera fabulosa,
E por tal dentro em Dio se conhece:
Porém inda outra mór, mais espantosa
Monstruosidade aqui se me offerece,
Si acaso a natureza a tem mais rara,
Em tempo em que he dos annos tão avara.

Nehum tempo mostrou o que esta minha
Historia neste Mouro aqui apresenta,
Porque de sós dous Filhos, que inda tinha,
Tinha doze annos hum, outro noventa;
Bem vêjo que calar isto convinha,
Para quem com rigor em tudo attenta;
Mas este si não crêr isto que digo
Haja-o lá com a Fama, e não comigo.

Affirma-se tambem, vou com receio
De escrupulosas linguas maldizentes,
Que quatro, ou cinco vezes neste meio
Lhe dera a Natureza novos dentes.
Estranha cousa assás, mas nisto creio
O que affirmam passados, e presentes,
Que contam delle inda outra mais estranha
Cousa, com ser tão nova esta, e tamanha.

Dizem, que aquella barba, que se via
O antigo peito então estar-lhe ornando,
Quatro vezes, ou cinco se sabia;
Que em branca, e preta a côr fôra mudando;
Sendo branca de todo de novo hia
Pouco a pouco huma negra côr tomando,
E sendo toda negra se alterava,
E pouco a pouco em branca se tornava.

Esta monstruosidade nunca ouvida,
Esta reformação da Natureza,

Digitized by Google

A este foi neste tempo concedida,
A voltar de uma estreita, alta pobreza;
Porque possâmos vêr que a longa vida,
Que tanto a imiga carne estima, e presa,
Não serve em fim de mais, que ser materia
De dar vida a trabalhos, e a miseria.

Diante do gran Cunha o Mouro posto,
A lingua desatou logo desta arte:
« Senhor, cem annos ha que deste posto
» Mudança nunca fiz para outra parte,
» Sempre em todo este tempo achei bom rosto,
» Como na terra pódes informar-te,
» Nos Reys, que antes aqui senhoriaram;
» Sempre a passar a vida me ajudaram.

» O Sultão, de que agora a furia brava
» Dos teus, deixou no mar o corpo frio,
» No tempo que da vida elle gozava,
» E tinha desta Terra o Senhorio,
» Cada mez hum Cruzado, e meio dava
» A estes cançados annos, e eu confio
» Que este bem lá no Ceo se lhe apresente,
» E lá receba a paga eternamente.

» Obrigou-o a fazer isto que digo
» Vêr que os passados Reys isto fizeram,
» Pois perdeu esta terra o seu antigo
» Rey, e os fados a ti a concederam,
» Não sejas a esta idade tu só imigo,
» Dá-me o que os outros Reys tambem me deram,
» A tão cançada idade sempre humanos,
» Valha-me nisto a posse de cem annos. »

Vendo o Governador tão longa idade,
Que as antigas idades quasi excede,
E apoz isso a miseria, a pouquidade,
Que para sustentar-se então lhe pede,
Com grande espanto assás, gran piedade
De tão pobre velhice lho concede;

Digitized by Google

Parte-se tão contente o pobre Mouro
Como quem tem achado hum gran thesouro.

O Leitor curioso deve cotejar esta falla do Mouro, com a que Simão Machado lhe attribue, e se acha neste Ensaio, no Capitulo correspondente, para vêr como os dous Poetas expressaram as mesmas idéas. Francisco de Andrade, referindo este phenomeno, trabalha por persuadir ao Leitor, que elle não acredita o que conta, nem podem ter outro fim as expressões, que se lêem na introducção: *idade tão larga, talvez mal merecia crêr-se,... nenhum tempo mostrou o que esta minha historia refere deste Mouro, bem vêjo que convinha calar isto, quem não acreditar o que digo, haja-o lá com a Fama, e não comigo, &c.* mas si esta dúvida, em que eu o acompanho, lhe faz honra como philosopho, prejudica-o como Poeta,

Si vis me flere dolendum est
Primum ipsi tibi.

Si queres que acredite o que dizes, mostra tu primeiro que o acreditas: Francisco de Andrade devia lembrar-se de que Virgilio, referindo uma cousa não só mais inverosimil porém inteiramente impossivel, se contentou com esta unica reflexão

Prisca fides facto, sed fama peronnis.

E na verdade nada produz peior effeito, que ouvir um homem, fazer narração de cousas, que elle proprio mostra que sam falsas. O Poeta Epico deve mostrar-se persuadido das cousas, que celebrar. A idade do Mouro, e as mais circumstancias, que o Poeta narra, não sam verosimeis, mas não sam impossiveis. Tem por fundamento a tradicção do paiz, e a memoria que disso fazem os Historiadores, e é regra estabelecida na Poetica, que a opinião vulgar basta para dar a qualquer facto a verosimilhança poetica. É certo que o maximo da vida humana se calcula em cem annos, e que sam raras as pessoas que chegam a este termo; mas isso talvez se deva ao nos-

Digitized by Google

so modo de viver, aos nossos trabalhos intelectuaes, e mechanicos, aos desgostos, paixões, vicios, bebidas artificiaes, ruim qualidade de alimentos, ou nocivamente preparados; circumstancias estas, que cooperam para abreviar a vida, e gastar as molas da existencia. Ha porém muitos exemplos, especialmente nas regiões do norte, de Macrobios, que fazem excepção, o que os jornaes quasi quotidianamente referem. Quasi todos os Historiadores da India nos fallam do chamado João dos Tempos, famoso por haver vivido duzentos annos. Ha poucos annos que falleceu um Escocez deixando um filho de mais de cem annos, e outro de sete. Eu conheci um homem chamado Pedro, que fôra pescador, e vivia em casa do Juiz de India, e Mina, na rua direita de Santa Martha, que contava cento e quatro annos, gozava boa saúde, e cantava ainda as modas do seu tempo, e viveo ainda alguns annos. O meu amigo o Sr. Francisco Antonio Martins Bastos, hoje Mestre de Suas Altezas, me convidou um dia, que nos achavamos em Cacilhas, para vêr uma mulher de cento e dez annos. Fomos lá, e quando chegamos á casa, antes pocilga, em que ella vivia, a vi chegar do rio, pois era lavadeira, com uma grande trouxa de roupa á cabeça: era uma mulher mui baixa, e mui magra, quasi composta só de pelle, e osso, e fallou ao meu amigo com muito acerto, e desembaraço; e só cinco annos depois é que Deos a chamou a si. A ama de leite do General Washington, o fundador da liberdade dos Estados Unidos da America, era talvez a mulher mais velha do Mundo, pois falleceu ha pouco com cento e sessenta e seis annos de idade, no pleno gozo dos seus movimentos, e das suas faculdades intelectuaes, e si a natureza póde fazer que um individuo dure cento e sessenta e seis annos, porque não poderá fazer que outro dure, duzentos, ou mais? Póde alguem marcar os lemites do seu poder? A renovação dos dentes, e do cabello sam phenomenos de que Physicos, e Naturalistas fazem muitas vezes mensão, e ainda ha bem poucos annos, que certa mulher sexagenaria, moradora na Freguezia de Santa Catharina desta Cidade, recobrou a vista, que havia muito que tinha quasi perdida, parece-me pois que um Poeta como Francisco de Andrade podia forrar-se ao traba-

Digitized by Google

lho de mostrar que duvidava da veracidade do phenomeno, que referia.

Um dos defeitos do Cerco de Dio é a escacez de comparações, que muitas vezes se faz sentir; e essas mesmas poucas comparações, que tem, ficam muito longe em força, e colorido poetico das que admiramos em Luiz de Camões, Gabriel Pereira, e Francisco de Sá, e Menezes.

Mas em desconto dessa falta o nosso Poeta mostra muito vigor nas discripções, em que de ordinario é abundante, e cheio de vivacidade, e verdade; tal se mostra na descripção que faz da armada, com que Nuno da Cunha se prepara para atacar a Cidade de Dio.

Tanto que no outro dia Phebo veio
Banhar-se, na de Bete triste praia,
Parte o Governador sem ter receio,
Porque com tantas mortes não desmaia.
Vê-se o mar de Navios quasi cheio,
Revolve-o a chumbada, e longa Faia,
Estendendo o remeiro os duros braços,
Encolhe-os logo com iguaes espaços.

Os dous versos que fecham a Estança, descrevem de uma maneira sublime a acção de remar.

E cinco dias antes que o dourado
Planeta visitasse aquelle Sino,
Que no salgado Reyno foi gerado,
E no Ceo tem assento alto, e divino.
Singra o Governador acompanhado
De seu nobre apparato delle dino,
Meia legoa daquella forte, e brava
Cidade, para onde elle navegava.

E vendo-se onde já desejou tanto,
Não se quer mais deter hum só momento,
Logo com diligencia ordena quanto
Vê, que lhe he necessario ao seu intento;
Mas porém antes que entre esse meu canto,
No combate cruel sanguinolento,

Digitized by Google

Lhe parece razão, que hum pouco tracte
Do modo, e dos logares do combate.

Foi o principio então deste apparáto
Porem-se taes Bateis em ordenança,
Levava o primeiro hum espalhafato,
Que a morte involta em fogo de si lança,
O segundo hum Leão, que em desbarato,
Põe tudo quanto sua furia alcança,
O terceiro outra Peça desta sorte
Cruel, ruinadora, grossa, e forte.

De mantas, e arrombadas vai por cima
Coberto cada hum como convinha,
Vai por Capitão de hum o forte Lima,
O qual de Vasco então o nome tinha.
De gran preço, valor, de grande estima,
A quem perigo, ou morte não detinha,
E dos que no Batel leva comsigo
Qual hera seu parente, qual amigo.

Leva hum negro Estandarte, que em pintura
Mostra a triste Visão, que a derradeira
Hora espantosa traz á creatura,
A que o peccado fez da morte herdeira,
Já com esta pintada, e vãa figura
Prophetisando a sua derradeira,
A qual hera tão clara, e tão medonha
Que não ha quem os olhos nella ponha.

Aquelle experimentado Cavalleiro,
Jorge de Lima, vai naquelle dia,
No segundo Batel, a quem primeiro
Ninguem no esforço foi, ou na ousadia.
Levava Tristão Homem o terceiro,
Cujo animo esperto, e valentia
Hera huma verdadeira testemunha,
Que lhe convinha assás á sua alcunha.

Estes grandes Bateis, que de tal arte
Apparelhados vam para este feito,

Digitized by Google

Que poderam fazer em toda a parte
Tremer a barba ao mais ousado peito,
Assi ham de bater o baluarte
Que da parte do mar estava feito.
E roto com poder de ferro, e fogo
Se haviam de chegar para elle logo.

Huma cadêa neste muro afferra,
Desse duro metal que dá Biscaia,
Que chega aos baluartes, lá da Terra,
E nega ao mareante que entre, ou saia,
Porque do rio a livre entrada cerra;
Mas chegando os Bateis á sua praia
Ham-de largar-lha, para que entre, e acuda
A' nossa Armada, e possa dar-lhe ajuda.

Está o Silveira então nobre, e esforçado,
Que o nome tem do Santo Lusitano,
Que na grande Lisboa foi gerado,
E morto, inda honra o Povo Paduano,
Algum tanto dos muros affastado
Pera se segurar de todo o damno,
Que podia fazer-lhe a Artilheria,
Com trinta Embarcações em companhia.

O gran Cunha, de quem esta ordem pende,
Nem deixou de fazer tudo o que lhe hera
Necessario para isto, que pertende,
E que hera a causa só que ali o trouxera.
Lá sobre o baluarte que defende
A Terra, trez Navios pôr fizera,
Que com força de grosso bronze cavo,
Hum combate lhe dê aspero, e bravo.

N'hum, que hera huma Galé grande, e bastarda
Vai Francisco de Sá senhoreando;
N'outro, que hera Galé Real, he guarda
Nuno Fernandes Freyre, e tem o mando.
Nada Antonio de Sá traz estes tarda,
Que huma grande Albetaça vai mandando,

Digitized by Google

Todos trez valerosos, e esforçados,
Todos por suas obras signalados.

Sobre outro Baluarte a quem Diogo
Lopes, que de Sequeira tem alcunha,
Com seu nome depois, ordena logo
Bem nove Embarcações o nobre Cunha,
Que c'o pó salitrado envolto em fogo
Lhe dê hum gran combate, e nellas punha
Seis Basyliscos, onde habita a morte,
E outros grossos canhões de toda sorte.

Manoel d'Albuquerque ali apparece
Por Capitão em huma Galeaça,
Em nada huma Galé desobedece
Quanto Jorge Cabral manda que faça;
A Manoel de Sousa outra obedece,
Quando manda, castiga, ou ameaça;
Outra faz quanto manda em todo a parte
Martim Affonso de Mello Zuzarte.

Nunca neste entrou algum desmaio,
Nem a morte diante causou medo,
Vasconcellos Francisco (si bem caio)
N'outra Galé tem mando firme, e quedo.
N'hum Batel Vasco Pires de Sampaio,
N'outro mandava Henrique de Macedo,
N'outro Martim de Freitas Senhor anda,
Miguel Carvalho huma Albetaça manda.

Qualquer destes tambem com signaladas
Obras ganhado fama por si tinha,
Que heram com grande nome celebradas,
Nem o invejoso nellas se detinha.
Os Bateis levam todos arrombadas,
E tudo mais então quanto convinha,
Pera bem seu, e damno do contrario
Como a cada hum hera necessario.

Mandou-se a muita parte da outra armada,
Que em outras partes faça outra contenda,

Digitized by Google

E aquella ardente furia arrebatada,
A quem força não ha que se defenda,
Que o Ceo atrôa, os muros torna em nada,
Sem hum ponto cessar nellas despenda,
Porque estando os imigos divididos
Possam mais facilmente ser vencidos.

Em quanto em se ordenar põem tal cuidado
O Portuguez, mais forte que manhoso,
O Mouro não esteve repousado,
Porque nunca o temor foi occioso,
Tambem lança de si ferro coado
O canhão inimigo furioso,
E a caminhar com tal furia o constrange
Que a Frota, inda que longe, bem abrange.

Já Melique Tocão, Senhor da Terra
Antes, (como vos já disse) sabia
Deste grande apparato, desta guerra,
Que diante de si agora via.
Tambem, diz-se, que dentro logo encerra
Munições, mantimento, artilheria,
Armas, Gente, e tambem repaira o muro,
Mas com isto não se ha por bem seguro.

O nome Portuguez por si sómente
Com tão alto temor nelle se assenta,
Que esta forte Cidade, e forte gente,
Nem tudo o mais, que forte se apresenta,
Não podem segura-lo no presente,
Naufragio, que lhe mostra esta tormenta,
E dizem, que a Cidade elle deixára
Si o que então succedeo, não lho estorvára.

Francisco de Andrade costuma fazer muito uso de periphrases, e de phrases, por isso vemos aqui designar Antonio da Silveira por este modo: *Silveira, que teve o nome do Santo Lusitano, que foi gerado em Lisboa, e depois de morto ainda honra o povo de Padua;* e accrescenta em outra Estança

Digitized by Google

Estes quatro bateis, que de tal arte
Apparelhados vam para este feito,
Que poderam fazer em toda a parte
Tremer a barba ao mais ousado peito.

mas pôsto que estes modos de dizer sejam mui poeticos, e admittidos na alta poesia, cumpre com tudo advertir, que muito repetidos tornam o estylo affectado, e pretencioso, e si não houver grande advertencia, e cuidado no seu uso, observando-se todas as relações das phrases, umas com as outras, podem produzir um sentido que á primeira vista pareça ridiculo, e desafie a hilaridade do Leitor: é o que acontece no ultimo verso acima apontado,

Tremer a barba ao mais ousado peito.

cujo sentido mais obvio é, que ha peitos que tenham barbas; e semilhante desproposito não póde deixar de fazer rir o Leitor mais bem intencionado. E de que vem isto? De que o Poeta empregando a phrase baixa, e plebléa *tremer a barba*, para dizer *tremer de medo*, lhe juntou o periphrase *ao mais ousado peito*, querendo assim designar o *Mouro mais ousado*, ou o *homem mais ousado*. É necessario que quem aspira á gloria de escrever bem não se contente de conceber só *boas* idéas, mas que procure exprimi-las bem, e correctamente. É verdade que a rythma é muitas vezes causa destas imperfeições, e talvez della proviesse esta negligencia do Cantor de Dio.

Ha tambem bastante força de colorido na discripção, que o Poeta faz no Canto XVII., de um Mancebo Portuguez, que combate, e mata um Mouro entrando atraz delle pelo rio dentro, com grande perigo de sua vida.

Depois que da espingarda não se ajuda
Este Marte novel logo com preça,
Apertando nas mãos a espada aguda,
Traz um dos outros Turcos se arremeça,
Impedir-lhe o Furtado assás estuda,
Mas de seguir o Turco elle não cessa,
Que mais he então ao seu esprito ardente,
Que ao que manda o Furtado obediente.

Digitized by Google

O Turco, de entranhavel medo cheio,
Dá-lhe as costas, ligeiro quanto o vento,
Com tal preça porém traz elle veio,
O Moço, que lhe chega n'hum momento.
Bem desejou o Turco então ter meio
De entrar lá onde os seus tem seu assento,
Mas a preça do Moço he tão sobeja,
Que o faz desesperar do que deseja.

E vendo que chegar já não podia
A's Estancias dos seus, lá junto á cava,
Onde então mais segura, e certa via
Aquella salvação que desejava,
E pôr-se em defensão não se atrevia
Contra o Moço feroz que o maltratava,
No Rio o rosto põe com grande magoa,
Determinando já salvar-se n'agoa.

Direito ao Rio vai com tal presteza,
Qual nelle põe hum grave temor frio,
O Moço, que lhe é igual na ligeireza,
Junto com elle vai tambem ao Rio,
Onde sempre lhe faz com gran crueza
Sentir da dura espada agudo fio
Em quanto lhe durou esta corrida,
Mas nem com isso faz que perca a vida.

Não foi isto escondido á imiga Gente,
Que mais de mil lhe tem deserta a fronte,
E qual sobe o Libreo que o Touro sente,
Ou sente o Javaly correr o monte,
Salta de cá, e de lá feroz, e ardente,
Por ferrar no animal que tem defronte,
Mas reprime-o a teza, e dura trella,
E astuto Caçador, que ferra nella.

Tal vêjo cada hum dos que atraz digo,
Que os dous da Turca Estancia estavam vendo,
Os quaes vendo o furor do Moço imigo,
Em vingadora furia estam ardendo,
Bem desejam de hir lá, mas o perigo

Digitized by Google

Tanto estam dos mortaes tiros temendo,
Com que os Christãos ao Moço dam ajuda,
Que nenhum d'onde está o passo muda.

Nenhum a propria vida aventurando,
Quer segurar a alheia naquella hora,
E assim nenhum faz mais que estar olhando
Como salvar-se o seu trabalha agora,
O qual chegado ao Rio, tanto entrando
Foi pela agua, que os hombros sós tem fóra;
Entra tambem traz elle o ousado moço,
Athe que lhe a agua deu pelo pescoço.

Tam differentes heram na estatura,
Que inda que o Mouro estava ávante posto,
E o Moço atraz, onde ha menos altura,
Com tudo a agua mais perto tem do rosto.
Pára aqui o triste Mouro, que outra dura
Sorte arrecêa na agua, outro desgosto,
Temendo, que se lá mais dentro entrasse,
A corrente tambem traz si o levasse.

Procura o Mouro assás por dar effeito
A aquella obra, que tinha começada,
Mas elle, e o Mouro estam de tão mau geito,
Que alcança-lo mal póde com a espada:
Aquelle Sousa, a quem elle he sugeito,
Que no muro está então, de lá lhe brada,
Que encolha o braço a si, depois o estenda,
E co'a ponta da espada o imigo offenda.

O Moço, cujo esprito forte, e ousado
No perigo maior mais prevalece,
Tambem agora está tão acordado,
Que do Senhor a falla bem conhece;
E havendo-se por bem aconselhado,
Logo neste conselho lhe obedece:
Ja não levanta o braço, e d'alto fende,
Mas para si o encolhe, e logo o estende.

Huma outra vez encolhe, e estende o braço,
Mas nem o que pertende assim alcança;

Digitized by Google

O triste Mouro em todo aquelle espaço
Nem sómente lhe vêio huma lembrança,
Que tambem traz ao lado o subtil aço,
Com que de se salvar tenha esperança,
Que tanto o aperta o medo, que imagina
Que tem na salvação maior ruina.

O Moço, que o furor agora céga,
Porque chegar ao Mouro a agua lhe impede,
Com tudo quer tentar si o que elle nega
Póde o esforço acabar, mas mal succede.
Entra pela agua mais, nem assi chega
Ao fim do que o desejo então lhe pede,
Que como a agua n'altura o senhorêa,
Vam-se-lhe os pés por baixo, e cahe na arêa.

Vê-se então mais que nunca perigoso,
Porque d'agua ficou todo coberto,
E o Mouro, em defender-se antes medroso,
Para offender se mostra agora esperto;
Salta logo sobre elle, desejoso
De o fazer affogar, e muito pêrto
Esteve está tenção de vir a effeito,
E os, que de fóra o vêm, o dam por feito.

Mas aquelle valor raro, e sobejo
Na mór necessidade mais se accende,
Que inda que o Moço já cançado vêjo,
E das mãos á espingarda huma lhe prende,
E bebera agua assás, vendo o desejo
Do Mouro, que affoga-lo então pertende,
Volta a espada para elle, e faz que lhe entre
Lá trez, ou quatro vezes pelo ventre.

Corre o sangue infiel em grosso fio,
A quem o Moço deu larga sahida,
Começa-se a tornar o corpo frio,
A que o sangue traz si levava a vida,
Perde a côr natural a agua do Rio,
E de branca em purpurea he convertida,

Digitized by Google

E o contrario á infiel face acontece,
Que, sendo antes purpurea, amarellece.

Do mortal ferro o Mouro traspassado
Solta de todo o Moço, e o desafferra,
E logo posto em pé desatinado,
Correndo da agua vai lá para a terra;
Porém apenas hera nella entrado
Quando o Esprito infiel, que o corpo encerra,
Blasphemando desceu á eterna queixa,
Solto do corpo já, que em terra deixa.

O Moço, que de todo já se sente
Livre de tal trabalho, e tal perigo,
Tambem se põe em pé, assás contente,
Inda envolto no fresco sangue imigo,
Desatina de novo a imiga Gente,
Porque lhe tolhe hir nella ao que atraz digo,
Mas c'o que póde então lhe faz que vêja
O que seu peito imigo lhe deseja.

Qual da espingarda lança o chumbo fóra,
Qual faz que a subtil flecha córte o vento,
Porém nenhum tão certo atira agora,
Que execute no Moço o duro intento.
Elle fazendo ali qualquer demora,
Em quanto alguma força toma e alento,
Ufano da agua sahe, com vagaroso
Passo, mais confiado, que medroso.

Na mão direita a espada sustentando,
E na esquerda a Espingarda faz a via,
E junto lá c'os Turcos caminhando,
Já mais delles o rosto não desvia;
Por entre mortaes tiros vai passando,
Com mostras de despreso, e de ufania,
E assi, apesar da imiga furia brava,
Inteiro, e são entrou dentro da cava.

Recebido de todos foi com tanto
Prazer, que a pouco mais fôra infinito,

Digitized by Google

Porém mais que o prazer fóra o espanto,
Vendo em tão pouca idade tanto esprito.
Não quero em teu louvor soltar o canto,
Famoso Moço, por o que hei só dito
De ti, materia já será bastante
Para que todo o engenho de ti cante.

A descripção deste combate singular me parece reunir todos os requisitos necessarios para o tornar digno da magestade da epopeia; perspicuidade, e clareza de estylo, elegancia de expressão, evidencia de perigo, variedade de situações, alternativas de susto, e de esperança, diversos affectos dos espectadores, e versos que se destacam do fundo pela harmonia, e viveza das imagens.

No Rio o rosto põe com grande magoa,
Determinando já salvar-se n'agoa,
.....
Salta de cá, de lá feroz, e ardente,
.....
Que encolha o braço a si, depois o estenda,
E co'a ponta da espada o imigo offenda.
.....
Que como a agua na altura o senhorêa,
Vão-se-lhe os pés por baixo, e cahe na arêa.
.....
Que, sendo antes purpurea, amarellece.
.....
Qual faz que a subtil flecha córte o vento.

Foi sempre uso de quasi todos os Authores de Poemas Epicos o fazerem a descripção do sitio, e a origem das Cidades, a que se refere a acção, que celebram. Assim o praticou Vasco Mousinho de Quevedo com Arzila, Francisco de Sá de Menezes com Malaca, Torquato Tasso com a Jerusalem.

Seguindo esta pratica Francisco de Andrade consignou tambem no seu Poema a localidade de Dio, e a historia da sua fundação.

Digitized by Google

O sitio, onde ella tem seu fundamento,
Polo mar c'huma ponta vai entrando,
A qual hum Rio, (cujo nascimento
Vem lá da salgada onda,) vem cortando;
E que seja Ilha a faz, que em comprimento
Duas legoas sómente está mostrando,
E lá na parte onde ella mais se alarga
Meia legoa sómente se vê larga.

Estas rymas de *alarga*, e *larga*, devem cuidadosamente evitar-se; a regra prescreve, que o simples nunca ryme com o seu composto; porém os nossos Poetas, a exemplo dos Italianos, fizeram sempre tão pouco caso della, que o abuso tem passado a uso.

Foram antigamente habitadores
Dest'Ilha, a que hoje tantas sam sugeitas,
Alguns poucos, e pobres Pescadores,
Em pobres casas vís, baixas, e estreitas;
E outros, do mesmo officio imitadores,
Redes, Barcos, e as cousas, que sam feitas
Para uso deste officio, ali passaram,
E aquella Povoação accrescentaram.

Durou-lhe muito tempo aquelle estado
Tão vil, tão baixo, e pobre, que então tinha,
Sem ter nella outra gente gasalhado
Senão a que da rede se mantinha,
Por falta do cristal, que liquidado
Seu curso para o mar sempre encaminha,
E porque a falta principal estava
Lá no logar onde a Ilha se habitava.

Porém como esta humana, e fragil massa
Nada arreceia pera conservar-se,
E por todo o trabalho grande passa
Onde entende que póde segurar-se,
Para esta Ilha tão secca, e d'agua escassa,
Depois vieram muitos a passar-se,
E passados sam já annos trezentos,
Depois que estes ali tem seus assentos.

Digitized by Google

E por fugir a mais graves perigos
Aqui sua morada estes fizeram,
Lá onde os moradores seus antigos
Antes, e com razão fugir deveram;
Porque os crueis Rezbutos, que inimigos
De alheios bens, d'alheias vidas heram;
A Terra firme então com roubo, e morte
Salteam, sem que escape o fraco, ou forte.

Facil foi esta gente, que não cura
Da Patria, que com medo despovôa,
Porque além de passar por toda a dura
Cousa, o temor em que elle põe a prôa,
A maior parte só tem de largura
Da que a setta, que sahe da bésta vôa,
O Rio, que Ilha a terra está fazendo,
E a parte mais estreita se está vendo.

Aquelle ajuntamento de Estrangeira
Gente faz, que hum logar antes tão pobre,
Depois venha a crescer de tal maneira,
Que se converte em Villa grande, e nobre,
Mas donde teve origem sua primeira,
Aquella alta nobreza, que hoje encobre
O resplendor ao Indio, e Garamanta,
No que se segue a minha historia canta.

Quando o Principe nobre, e valeroso
Sultão Madafaxão, de cuja linha
Este cruel Badur falso, enganoso,
O Terceiro apoz elle ao Reyno vinha,
Sobre o Cambaico Reyno populoso,
O mando, o sceptro, o imperio, e poder tinha,
Foi cercar hum logar lá nessa Terra
De Madou, com que então trazia guerra.

Os grossos Esquadrões, que de lusentes
Armas cobertos o logar resistam,
Não foram partes sós daquellas Gentes,
Que de Madafaxão o reyno habitam;
De diversas Nações, e differentes

Digitized by Google

Sam, os que neste cerco então militam;
Que a nobre empreza, quando a fama estende,
Os Estrangeiros sempre chama, e accende.

Acaso succedeo que hum dia estava
Naquella Ilha El-Rey junto assentado,
Em que alivio de noite no corpo dava,
Dos trabalhos do dia fatigado,
Quando passa hum Milhano, que cortava
Com as azas o ar leve, e delgado,
Do ventre o peso immundo acaso lança,
Que a ferir a real cabeça alcança.

O Poeta merece grande louvor pelo bem que soube pallliar com a expressão a sordidez desta imagem; os povos orientaes sam muito preocupados de agouros, assim como os povos antigos, e geralmente o vulgo entre as nações modernas: mas este que tanto alvoroçou o Rei de Cambaia, faz lembrar outro com que o Deão d'Elvas, ao entrar na sua carroagem, foi avisado da affronta, que lhe estava reservada.

E hum Pardal lhe estravou no tejadilho.
Diniz, Hissop.

El-Rey, que o mau agouro n'alma sente,
Temendo fica alguma adversidade,
Que sempre costumou a Moura gente,
Dar fé a semilhante vaidade;
Em fim apaixonado, e descontente,
Sem lembrança da sua magestade,
Bradando diz: « Si ha alguem tão destro, e forte,
» Que aquella funesta Ave traga á morte. »

Não ha nenhum que ponha nisto o tento,
Porque muito o Milhano se affastára,
E tinha-se por vão o pensamento
Daquelle que ali então imaginára,
Com a frecha alcançar a Ave, que o Vento
Com gran difficuldade inda alcançára;

Digitized by Google

Com tudo não faltou hum que o tentasse,
E que este seu intento effectuasse.

Lá na Tartaria Terra foi nascido,
Este tão signalado, aquelle dia,
Dito Meliqueyaz, mas conhecido
Muito mais pelas obras, que fazia;
Este, inda que hum espaço assás comprido
Vio de si o Milhano, porque fia
Em sua força assás, destreza, e manha,
Tenta huma obra espantosa, rara, estranha.

O Poeta poz aqui *signalado* por *assignalado,* usar do simples pelo composto é pratica de que muitas vezes se encontram exemplos nos escriptos dos nossos Classicos.

Entre os dedos o Arco, e a frecha prende,
No pé esquerdo se firma, e de tal geito
Para diante o braço esquerdo estende,
E para traz encolhe o que he direito,
Que o rijo arco á gran força então se rende;
Tanto o encurva que a córda chega ao peito,
E com tal furia a aguda frecha lança,
Que em breve espaço a misera Ave alcança.

Da ferrada, subtil, leve madeira,
Passada a ligeira Ave desditosa
Deixa dos azues ares a carreira,
Que então foi por seu mal tão vagarosa:
Ditosa si então fôra mais ligeira,
Ah! si apressára o vôo quão ditosa!
Mas não ha quem fugindo se defenda
Da morte, tão veloce quanto horrenda.

Morto o triste Milhano á terra dece,
Com gran louvor do dextro, e forte Mouro,
A tristeza d'El-Rey desapparece,
Que por livre se tem do mau agouro;
Ao Tartaro honra muito, e favorece,
Cuida que he pouca a prata, menos o ouro

Digitized by Google

Para satisfazer bastantemente
Hum serviço tão bom, tão diligente.

Descobre a sua gran magnificencia
Naquelle, que o servio tão a seu gosto,
Porém depois que teve experiencia
Por obras, que elle fez ante o seu rosto,
Do esforço, do valor, siso, e prudencia,
E do mais, que o Ceo tinha nelle posto,
O desejo de honra-lo se lhe dobra,
E logo este desejo põe por obra.

A Ilha de Dio o Tartaro lhe pede,
Com a Povoação, que dentro cerra,
El-Rey, a quem aquillo então succede,
Conforme ao que seu peito dentro encerra,
Não sómente aquella Ilha lhe concede,
Mas dá-lhe tambem lá na firme Terra
Duas legoas, ou trez segundo estendo,
Quanto se vai a mesma Ilha entendendo.

Melique, que em altura se vê tanta,
Que passa o que elle estava desejando,
Depois que ora o não crê, ora si espanta,
Se quer aproveitar do novo mando;
Vendo a disposição do Rio, e quanta
Fortaleza na entrada está mostrando,
E vendo a Ilha, tambem da mesma sorte,
Faz nella huma Cidade nobre, e forte.

Com grande engenho a faz, e com grande arte,
Cerca-a de forte muro, e larga cava,
Que toma da Ilha muito maior parte
Do que a Povoação antes tomava;
Põe aqui a Torre, ali o Baluarte,
Onde a necessidade o demandava,
De grossa artilharia lhe põe tanto,
Que nada teme, em tudo causa espanto.

Aquelle baluarte, que hoje em dia
C'o nome de couraça se conhece,

Digitized by Google

Huma grossa cadeia despedia,
Do metal, a que todo o outro obedéce,
Que lá the o baluarte se estendia,
Com que o mar se defende, e fortalece,
E a força do pesado cabrestante
Faz com que ella se abaixe, e se alevante.

Quasi em meio do Rio ali criára
De pedra huma restinga a Natureza,
Lá na bocca da barra, que juntára
A este forte logar mais fortaleza;
Do mar o baluarte aqui assentára,
Sobejo em comprimento, e na grandeza,
O Tartaro prudente, e o fortifica
Com a Terra, que em meio lhe edifica.

Além da força, que por beneficio
Da natureza já tinha esta entrada,
Quiz que fosse tambem com artificio
A força natural accrescentada;
E para isto ordenou hum edificio;
Lança da terra firme huma estacada
De tão rija madeira forte, e grossa,
Que qualquer grande força deter possa.

Esta grossa estacada de tal arte
Melique poz, que aquillo bem entende,
Que ficasse lançada pela parte
De fóra, porque encerra em si, e defende
Melhor do mar o grande baluarte,
A qual the ao canal quasi si estende,
E põe-lhe ao longo, porque nada a abrande,
De grandes pedras soltas copia grande.

Feita a Cidade já tão forte, e brava,
Melique de mui grossos mercadores
Em breve tempo a encheo, porque lhe dava
Licenças em seus tractos, e favores;
E de hum pobre logar, que agasalhava
Em si sómente pobres Pescadores,

Digitized by Google

Veio a ser a melhor Cidade agora,
Das que o sitio lá tem junto da Aurora.

Vendo depois o Mouro, que a opulencia
Crescia na Cidade cada dia,
E o concurso daquelles, e frequencia,
Que ali tinham seu tracto, e mercancía,
Sendo tal seu saber, sua prudencia
Que em tudo proveo sempre o que cumpria,
Por evitar os males, que imagina,
Fazer outro edificio determina.

Fronteiro a esta Cidade, que nomeio
Lá da parte, onde a firme terra fica,
Está hum logar de branca areia cheio,
Huma Villa aqui o Tartaro edifica,
A qual pera de nada ter receio
Com grosso muro a cerca, e fortifica,
E tal foi, que podiam neste assento
Bem mil visinhos ter recolhimento.

A causa, que moveo este prudente
Tartaro, a que esta Villa edificasse,
Foi só para que em quanto a Turca Gente
Do Estreito do Mar rôxo navegasse,
Para a Dio vir ter quietamente,
Naquella Villa ali se agasalhasse,
Pelas grandes revoltas, que causavam,
Com que a nova Cidade inquietavam.

E porque aquelle, a quem a soberana
Providencia, huma loura côr tem dado,
Na barbara linguagem Indiana,
C'o proprio nome seu Rume he chamado,
E aquelle que nasceu lá na profana
Turquia, desta côr loura he dotado,
Daqui esta nova Villa, que estou vendo,
A dos Rumes se diz, segundo entendo.

Ficaram deste Tartaro animoso
Dous filhos, quando a morte o senhorcia,

Digitized by Google

Hum Melique Tocan mui valeroso,
Outro Melique Sacla se nomeia;
Mas o cruel Badur de cobiçoso,
Que tanto bem não soffre em mão alheia,
Com grandes crueldades nunca ouvidas,
A Cidade lhes toma, e tira as vidas.

Si destas descripções, que podem chamar-se narrativas, porque contém a representação de factos e acções, passarmos a examinar ás que se denominam pictorescas, e que tem por fim representar-nos objectos physicos, como paisagens, montes, rios, e situações, não acharemos de certo menos merecimento de estylo, e de expressam neste Poema, hoje tão pouco lido, e tão pouco conhecido. Veja-se a pintura, que o Poeta faz da habitação de Eólo, e do carcere dos Ventos.

Daqui com grande pressa faz mudança
Lá contra Stróngile Ilha conhecida
Entre as Vulcaneas septe, e celebrada,
Porque Eólo ali faz sua morada.

Aqui, n'huma profunda cova escura,
Os inquietos Ventos encerrados,
Jupiter poz, e com bem forte, e dura
Prisam a todos tem presos, e atados.
E porque ainda possam mais segura
Mente dos seus furores ser domados,
Lhe poz tambem hum grande monte em cima,
E hum Rey lhes deo, que os mande, e que os reprima.

Elles com grande ruido, estrondo horrendo
Sempre em torno da porta estam bramando,
Eólo, a quem o Padre alto, e tremendo
Deu sobre elles o sceptro, deu o mando,
Os está de huma torre alta regendo,
Seus impetos, e furias temperando,
E de tal sorte o temem, e veneram,
Que por elle se enfreiam, ou se alteram.

Logo do Real Sceptro a ponta volta
Ao cavo monte, qu'em si os ventos cerra,

Digitized by Google

Empuxa-o pera hum lado, e a prisam solta,
A'quelles, com que faz a sua guerra.
Sahe a turba feroz com grão revolta,
Soverter desejando o mar, e a terra,
Mas vendo do seu Rey a veneranda
Presença, param, vendo o que elle manda.

Elle lhe manda então, que ao companheiro
Zephyro dem favor no que pertende,
Já Zephyro dali parte ligeiro,
E ajudado do amor, que dentro o accende,
Em breve tempo chega onde o primeiro
Raio da luz dourada Phebo estende;
Contente assás de vêr-se já tão perto
Do seu bem, que ser seu já tem por certo.

Os furiosos Ventos, que seguiram
O companheiro sempre, que os guiava,
Tanto, que da prisam soltos se virám,
Mostram a sua antiga furia brava.
Os mansos mares, tanto que sentiram
Aquella Furia, que antes presa estava,
De tal sorte se vam embravecendo,
Que parece athe ás nuvens hir-se erguendo.

As grossas, altas ondas escumosas,
Dos furiosos Ventos constrangidas,
Vam quebrar seu furor nas alterosas
Rochas, ou lá nas praias estendidas.
Retumbam as montanhas cavernosas,
Vêem-se do mar as nuvens combatidas,
Que a força, com que encontra a rocha dura,
Lhe faz com que então suba a tanta altura.

O claro ar, e sereno se escurece,
Que a grossa, e negra nuvem lhe succede,
O resplandor do Sol desapparece,
Esta nuvem tambem mesmo lho impede.
No mar ao meio dia hoje anoitece,
Horrisonos trovões de si despede

Digitized by Google

O Ceo, e apoz estrondos espantosos,
Solta de si mil raios luminosos.

Chegam em tanto o Euro, Africo, e Noto,
Onde os Navios vam, que lá levavam,
E c'o seu costumado terramoto,
Em tudo gran temor então causavam.
Eis já com alta voz grita o Piloto,
Os marinheiros não se descuidavam,
Saltam de cá, de lá, com grande pressa,
Hum á corda, hum ao remo se arremessa.

Mas por mais que ande esperto, e diligente,
De se poder salvar já desconfia,
Porque cada momento mais presente,
Crescendo a Tempestade, a morte via.
Zephyro receioso, e descontente
Do perigo, em que vê, por quem morria,
Roga aos Ventos, que em fim queiram pôr freio,
Nem lhe dem tanto bem, com tal receio.

Porém elles, que mal então podiam
Refrear o que tem por natureza,
Cada momento mais, e mais cresciam,
Em impeto, furor, ira, e braveza.
Ora por entre as ondas descobriam
Dos mares a arenosa profundeza,
Ora fazem, que o mar tão alto saia,
Que lá nas nuvens quer fazer a praia.

Nas Naus atribuladas isto espalha
Grande espanto, temor, desconfiança,
Mas a gente, que nellas se agasalha,
Faz quanto de viver lhe dá esperança.
Com revesada força se trabalha
Na longa Bomba, e o mar ao mar se lança,
Ora se encolhe a escota, ora se solta,
Cresce a voltas do medo a gran revolta.

Bem sei que isto é uma imitação de Virgilio, mas uma imitação livre, a que o Poeta accrescentou muitas pince-

Digitized by Google

ladas suas, especialmente na pintura da tempestade, e se exprime com uma valentia de estylo, e sonoridade de metro, com que se torna digno de muito louvor.

Estas mesmas bellezas se encontram na pintura de Merizan, no momento de acommetter os Cambaios, com o seu pequeno esquadrão de Mogores.

Nesta hora estando de uma, e d'outra parte
Para a batalha tudo apparelhado,
Vendo o Mogor, que o imigo não se parte,
Mas que n'hum Esquadrão está cerrado;
Faz soar o anafis, larga o estandarte,
Então já de romper determinado,
A Gente faz que a grita ao Ceo se iguale,
Retumba o prado, o bosque, o monte, o vale.

Posto então Mirizan na dianteira
Reluzindo-lhe em ferro o corpo, e a testa,
Pedindo que cada hum segui-lo queira,
Chega o escudo ao peito, a lança enresta;
E mostrando já o Sol a luz primeira,
Favoravel a alguns, a alguns funesta,
C'os seus, a quem mercês novas promette,
Com gran furia os imigos acommette.

Aquella ardente machina batida
Dos Ciclopas, nas fragoas de Vulcano,
Com gran força na terra despedida
Lá do celeste assento soberano;
Da força humana nunca resistida,
Antes traz onde chega o ultimo damno,
Nada a detem de quanto acha diante,
O marmore, o aço, a rocha, o diamante.

Não se vio penetrar tão facilmente
O copado Pinheiro, a larga Faia,
Como o forte Mogor co'a sua Gente
Penetrou o Esquadrão dos de Cambaia.
Parte-se logo em dous, e livremente
Larga estrada lhe dá por onde sáia;

Digitized by Google

Passa a Gente animosa, em breve espaço,
Pelo caminho feito com seu braço.

Signal deixa do seu esprito forte,
E o leva em si da imiga covardia,
Mirizan, porque a muitos deu a morte,
Com perder trez da sua companhia;
E si elle não faltára á sua sorte,
E ao seu mesmo esprito, e valentia,
Quando em seu Rey da Terra poz a prôa,
De Cambaia alcançára a altá corôa.

O Poeta representou, com igual viveza, no Cánto IX. o affogo, e açodamento com que os Mogores, que fugiam do furor dos soldados de Cambaia, por quem haviam sido derrotados, se atropellavam, e emborilhavam na entrada da porta da Villa dos Rumes, que Antonio da Silveira mandára abrir para recolhe-los.

Saltêa acaso o Lobo carniceiro
Das ovelhas a timida manada,
Em ausencia do Alão seu companheiro,
E do Pastor de que hera antes guardada;
Correm cheias de medo, e a que primeiro
Acerta do corral co'a larga entrada,
Segura fica ali, de medo alheia,
Nem morte, ou desventura já receia.

Desta sorte os Mogores, que presente
Ter o imigo cruel inda cuidavam,
Vendo que dentro já se lhe consente,
A' porta com gran furia se lançavam,
E querendo entrar todos juntamente
Huns aos outros a entrada embaraçavam,
Que como aqui só esperam de salvar-se
Qualquer então procura adiantar-se.

Mas como a porta a poucos agasalha,
E a todos nella a vida se promette,
Qual de ilharga o caminho abrir trabalha,
Qual a entrada c'os hombros acommette,

Digitized by Google

Qual torna hum pouco atraz porque se valha,
Mas donde este se alarga outro se mete,
Ora vam atraz todos, ora ávante,
Movimento ao das ondas semilhante.

Porém como na Villa então já tendo
Poucos a poucos vam recolhimento,
E a porta os começou de hir recolhendo,
Já com menos revolta, e impedimento,
Pouco a pouco se viu hir desfazendo
Aquelle revoltoso ajuntamento,
Não se ouve grita já porque já cessa
A revolta, o tumulto, a grande pressa.

A pintura da Cobiça, debaixo do nome de Plúto, é adornada de muita invenção, e originalidade.

Mil vezes no caminho a Furia incita
A que se desça á Terra, imaginando
Que em qualquer dos logares, que vê, habita
A Cobiça, que então hiam buscando;
Porque segundo a todos solicita,
A sêde de hir o seu accrescentando,
Crê não só que a Cobiça ali estaria
Mas qualquer dos que vê, crê que o sería.

Não se detendo, a Furia lhe responde:
« Não me espanto de teres esse engano,
« Que o seu doce veneno Pluto esconde,
« Em todo o peito, que he mortal, e humano,
« E mui poucos serão os peitos onde
« Não reine este appetite cégo, e insano;
« Isto faz tantas vezes enganar-te,
« E cuidar que vês Pluto em toda a parte. »

Tanto nesta hora já tinham andado,
Porque qualquer ligeiro então vôava,
Que já o assento vêm, que gasalhado
A'quelle, que buscavam, em si dava,
Este n'huma alta cova está assentado,
Lá onde em maior copia ouro se cava,

Digitized by Google

Pobre, mal petrechado, mal composto,
Mas tem em torno hum forte muro posto.

Vê-se no meio delle huma ferrada
Porta de huma materia forte, e dura,
A qual o mais do tempo está cerrada,
Que nem com isto Pluto se assegura.
Tanto que a Furia aqui faz a chegada,
Dar fim a isto a que vem logo procura,
Chega-se á porta, e bate quanto póde,
Porém de dentro lá ninguem lhe acode.

Pouco se espanta a Furia, que isto antigo
Uso he, do que naquella parte mora;
Insta em bater de novo, onde atraz digo,
Accesa já de si pela demora.
Logo na porta abrir sente hum postigo,
E vio hum, que a cabeça lança fóra,
E pergunta de lá, que quer? quem hera?
E irada lhe responde assim Megera:

« Abre a porta, que a ti do alto, e temido
» Plutão mandada sou, bem se conhece. »
Treme Pluto sómente em ter ouvido
O nome de quem só teme, e obedece;
Cerra o postigo, e lá por escondido
Logar sahe fóra, e entre elles apparece;
Espanta-se o Sultão do que então via,
Porém a Furia não, que o conhecia.

Vê-se-lhe huma presença veneranda,
Digna assás de real sceptro, e corôa,
Com velhos trapos vis, e çujos anda,
Mal ornado, e composto na pessoa;
Mostrando-se vem côxo de huma banda,
De outra se lhe vêm azas, com que vôa,
Cégo he de todo, e quem põe nelle o tentó
Vê, que ás vezes lhe falta o entendimento.

Parece-me, que esta pintura tem grande merecimento poetico, em razão dos traços de mestre, com que é de-

Digitized by Google

senhada. A casa de Pluto, em um terreno aurifero, em sitio forte; cercado de forte, e grosso muro, em que ha uma porta, mui forte, e chapeada de ferro, que raras vezes se abre; tudo isto indica bem o cuidado, que tem os avarentos, em precaver que lhe não roubem os seus thesouros! Vêde como a Furia bate replicadamente na porta, sem que de dentro se lhe responda; e quando já está impacientada, é que sente abrir, não a porta, mas um postigo, por onde Pluto deita a cabeça, para perguntar quem é, e o que quer! Megera manda-lha abrir em nome de Plutão, este nome tremendo o faz obedecer, mas como? abrindo logo a porta? pelo contrario, Pluto nem com o medo se esquece das precauções; fecha primeiro o postigo, e vem ter com elles por um caminho occulto; tamanha é a desconfiança, que tem de tudo: cumpre confessar que o Poeta não podia observar melhor os costumes desta personagem.

O seu bom juizo ainda acha novas pinceladas sublimes, com que avigorar este quadro. Pluto é um velho de aspecto venerando, e proprio para empunhar sceptro, e cingir corôa: isto dá a entender, que a Avareza é vicio particular dos Velhos, dos Reis, e altas Personagens, que ordinariamente quanto mais tem mais desejam! Já tinha dicto que a sua habitação era pobre, e mal trastejada, e agora accrescenta, que seus vestidos eram çujos, andrajosos, e mal aceiados: tal é o costume dos avaros, que morrem de fome, e vivem na miseria no meio das riquezas, que possuem! Não traz isto á memoria dos que o conheceram, o Manteigueiro de miseravel, e sordida reputação, que passeiava por essa cidade emboçado em um capote já desbotado, que se descalçava para entrar nas salas do seu apparatoso palacio, para não gastar as alcatifas; que possuindo uma duzia de soberbos leitos, dormia em um sotão em uma enxerga com lançoes de estopa, e nella se obstinou em receber o Viatico, e expirar?

Tam deest Avaro quod habet quam quod non habet.
PUBLO SYR.

Não é menos bella a pintura da casa do Somno, no Canto XVI., posto que em parte imitada das Methamorphoses de Ovidio.

Digitized by Google

Lá junto dos Cimerios uma escura
Profunda cova está, que do lusente
Sol nunca vio a luz dourada, e pura,
Ou seja Oriental, ou do Occidente.
Grossas nevoas de si a terra dura
Exhalando ali está continuamente,
Com que huma incerta luz ali se espalha,
E aqui o inhabil sonho se agasalha.

Ali da vigilante, e cristada Ave
Não denuncia o canto a nova Aurora;
Nem do Pato, ou do Cão sôa a voz grave,
Nem de fera, ou do gado em alguma hora.
Os ramos do gran Vento, ou do Ar suave
Movidos, nem humana voz lá fóra
Fazem qualquer rumor, qualquer ruido,
Com que o silencio seja interrompido.

Não se sente ali cousa que inquiete,
Mas tudo tão calado se está vendo,
Que huma quietação longa promette,
E por brancos seixinhos vem correndo
Hum Ribeiro, que traz aguas do Lethe,
Cujo brando rumor favorecendo
Não sómente está o somno ao que dormia,
Mas convidando ao somno o que vigia.

Ante as portas da Cova alta, e profunda,
A Dormideira está sempre, e floresce,
D'outras Hervas ali a Terra abunda,
Com cujo çumo a noite se enriquece,
De somno, que por toda a terra infunda,
Com que a Gente descança, e se adormece,
E do mais que a dormir move, e convida
Se vê aquella terra bem provida.

Não ha portas em todo aquelle assento,
Em que está o molle somno agasalhado,
Para que da couceira o movimento,
Não faça o seu ruido acostumado.
Tudo o que póde ser impedimento

Digitized by Google

Ao somno, dali estava desterrado,
E esta porta, que estava sempre aberta,
Nenhuma guarda tem fiel, e certa.

Aqui n'hum leito sempre molle, e brando,
Qual os seus molles membros o pediam,
Estava sempre o somno repousando;
Junto delle tambem jazer se viam
Vãos sonhos, que o estam sempre acompanhando,
E em mil fórmas cada hora se volviam,
Cujo numero he tal, que senhoreia,
As Estrellas do Ceo, da praia a areia.

Tanto que entrára aqui Marte, e diante
Os sonhos com as mãos de si apartára,
Que lhe impedem a entrada, a rutilante
Luz sua toda a casa tornou clara.
Nem das armas o estrepito bastante
Sendo então, ou a luz que nella entrára,
Para que o Somno sinta a menor parte,
Logo para onde o vê se chega Marte.

Huma, outra vez o bolle, e o preguiçoso
Estende o braço, e a perna, e inda dormindo
Ergue os olhos pesado, e vagaroso,
Mas deixa-se outra vez logo hir cahindo.
Bolle-o Marte outra vez mais furioso,
Elle o peito co'a barba indo ferindo,
Os olhos com as mãos esfrega, e agora
Em fim a si de si se lança fóra.

E sobre o cotovello hum pouco erguido,
Ergue o rosto para elle a vêr quem hera,
E sendo Marte delle conhecido
Nas armas, e presença horrenda, e fera,
Com rouca voz, e mal inda entendido
Lhe pergunta o que quer, e a que viera;
Marte agora o furor usado esconde,
E com aspecto brando lhe responde.

Mas na minha opinião não ha em todo este Poema, nem em nenhum outro dos nossos Poetas deste seculo, excep-

Digitized by Google

tuando os Lusiadas, uma pintura tão viva, tão imaginosa, e cheia de pathetico, e ternura romantica, como a descripção que se lê no Canto IV., da Ilha desconhecida, aonde a Rainha de Cambaia é conduzida, depois da tempestade, que a fez desgarrar do rumo de Judá aonde se dirigia na sua frota; por ella verá o Leitor a grande perda que será para o nosso Parnaso o desapparecimento deste Poema, si algum Editor benemerito lhe não obstar, fazendo delle nova edição.

Não tem andado muito quando o esperto
Gageiro, que o calcés alto vigia,
Donde o Mar mais ao longe he descoberto,
De lá brada, que ao longe terra via,
Mas que não saberá dizer ao certo,
Que terra he, pois nunca a conhecia,
Porque o Vento lhe faz assás remota
A via, da primeira sua róta.

Em todos causa agora grande gosto
A nova, que de lá de cima sôa,
Porque esperam dar fim ao seu desgosto
Com que o mar, e o temor inda os magôa,
Acefarcão tambem com lêdo rosto
Manda, que para lá caminhe a prôa,
E tão amigo então o vento acharam,
Que em pouco tempo á Terra se chegaram.

Onde chegando, vêm huma espaçosa
Ilha, que de nenhum he conhecida,
Mas de fresco arvoredo tão formosa,
Que a lograrem-se então della os convida:
Por toda a parte mostra huma arenosa
Praia, que naquella hora combatida
Da quieta onda faz que inda mór seja
O desejo de quem muito a deseja.

Em meio desta praia se está vende
Huma larga Bahia, ao modo feita
De Lua, que de novo apparecendo,
De travez o fraterno raio acceita.

Digitized by Google

D'hum lado, e d'outro ao Ceo se vai erguendo
Huma intractavel rocha tão direita,
Que em vão subir a cima tenta, e estuda
Si não o que das azas tem ajuda.

A' sombra desta rocha sempre estava
Em gran silencio o mar brando, e sereno,
Antre hum, e outro penedo se mostrava
Hum espaço de praia não pequeno;
Da qual a secca areia se acabava
N'hum prado verde, assás suave, e ameno,
Que hum Outeiro tão alto tem defronte
Que bem merecerá nome de monte.

Lá da mais alta parte deste Outeiro,
D'entre occultos penedos murmurando,
C'o brando alegre tom, desce hum Ribeiro,
Que todo aquelle prado atravessando,
De seu doce licôr, o derradeiro
Curso, está c'o salgado ali juntando,
Que tal frescura nesta parte gera,
Que faz nella perpetua a Primavera.

Tão clara, e mansa corre esta onda pura,
Que a funda arêa bem clara apparece,
Vê-se por todo o prado huma verdura,
Que ali perpetuamente permanece,
Que ajudada do esmalte, e formosura
Da bonina, que ali sempre florece,
Rôxa, vermelha, azul, branca, amarella,
Faz que nunca se aparte a vista della.

Vai de huma, e d'outra parte o manso rio,
De hum espesso arvoredo acompanhado,
Com que aquelle logar he tão sombrio,
Que não póde do Sol ser visitado.
Menea os altos ramos hum Ar frio,
Com brando murmurar mal concertado;
Creio que este he o logar onde foi visto
O que esconder em vão tentou Callisto.

Digitized by Google

Neste logar a armada se recolhe,
Quando o Sol já se inclina ao Occidente,
Já pela longa antenna a verga encolhe
O Marinheiro esperto, e diligente,
Já faz que o mar a curva ancora molhe,
Nos bordos apparece toda a Gente,
De forças, de prazer, d'alento cheia
Co'a visinhança só daquella areia.

Acefarcão tambem vendo o formoso
Sitio, que a fresca terra lhe apresenta,
Apoz hum temporal tão perigoso,
De achar-se em tão bom porto se contenta;
Entra onde está a Raynha, desejoso
Que o trabalho do mar, e da tormenta
Queira satisfazer, e em terra saia,
Recrear-se, si quer, naquella praia.

Dá-lhe com alvoroço a boa nova,
Crendo que outra melhor dar não podia,
Porém ella, que só por bom approva
O que ajuda o tormento, em que se via,
Crendo, que póde ali com força nova,
Entregar-se ás lembranças, que sentia,
Para isso alvoroçada lhe concede,
O que para outro effeito elle lhe pede.

Já na ligeira barca entra o Grumete,
A qual em breve espaço se vê ornada,
Do fino, Oriental, rico tapete,
E da molle, e tambem rica almofada;
Logo a Raynha lá nella se mete,
De Acefarcão, e alguns acompanhada,
O duro braço logo o remo afferra,
E dividindo o mar, si chega á terra.

Logo a Raynha a barca desampara,
De se vêr só na terra desejosa,
Onde vendo as boninas, e agua clara
Da sombria arboleda copiosa,
Para o seu pensamento se prepara

Digitized by Google

Já do tempo em que o tinha saudosa,
Porque lhe parecia que ali tinha
Logar, como para elle lhe convinha.

Na descoberta praia o passo quedo,
Não detem, mas lá o leva airoso, e lento,
Onde vio o cerrado, alto Arvoredo,
Porque lá a guia então seu pensamento;
E n'hum logar tão só leva inda medo
De achar para este gosto impedimento,
Porque amor sempre nisto esteve posto,
Dar sempre gran receio a qualquer gosto.

Vai-se ao longo do Rio passeando,
Que dos seus apartar-se determina,
Com brando virar d'olhos alegrando
Ora aquella clara onda, ora a bonina;
Acefarcão a vai acompanhando,
E huma da companhia femenina,
Porque os outros não quiz que o acompanhassem,
Nem tão pouco estes dous quiz que a deixassem.

Quanto mais adiante o passo muda,
Render-se á saudade mais se deixa,
E a sua saudade agora ajuda,
Da triste Phylomella a branda queixa;
Que do ferro cruel, que a fez ser muda,
E do engano do mau Thereo se queixa,
Em mil partes ali com doce, e branda
Voz, que o mais duro peito move, e abranda.

Tanto ao longo do Rio então passeia,
Que perdendo de vista a sua gente,
C'huma mouta encontrou, espessa, e cheia
De mil flores, que dam cheiro excellente:
Neste logar, a vista se recreia
C'o brando murmurar da agua corrente,
C'o cheiro se deleita que ali furta
A crespa viração á branda Murta.

A' vista deste Rio socegado,
Entre o cheiro suave destas flores,

Digitized by Google

Vê logar a Raynha apparelhado,
Para a contemplação dos seus amores,
Sobre o verde tapete, que ali ornado
A Natureza poz de varias côres,
Se assenta, desejosa de occupar-se
Naquillo, com que só póde alegrar-se.

Faz apartar os dous algum espaço,
Que então de companhia pouco gosta,
Pondo na dura terra o tenro braço
Na branca mão a bella face encosta,
E como então se vê sem embaraço,
Que a memoria de lá donde a tem posta
Lhe possa divertir, de todo entregue
Se sente ao pensamento que a persegue.

Tam altamente nelle se transporta,
Que mal podia então ser conhecida,
Si ella era Mulher viva, ou Mulher morta,
Ou pedra, em tal figura convertida.
Ante este alto traspasso abrindo a porta
A' lingua, que athe então teve impedida,
De suspiros ardentes rodeiada,
Em taes palavras sólta a voz cançada.

« Em que podia Amor mostrar mais claro
» Quão brando, e favoravel me he seu peito,
» Que em me fazer sugeito ao muito caro
» Esposo, de quem sei que me he sugeito,
» Porque o melhor estado, o bem mais raro,
» O gosto mais suave, e mais perfeito,
» Que a vida póde dar, he ter seguro
» O puro amor, que o paga outro amor puro.

» Mas quanto he mór o meu contentamento
» De vêr quão bem me he paga esta vontade,
» Tanto temo depois maior tormento
» Si quanto ouço d'amor tudo he verdade;
» Pois me ordenou tão largo apartamento,
» Em que sómente o mal da saudade

Digitized by Google

» Em tamanha tristeza me tem posto,
» Que não basta contra ella o maior gosto.

» Começo já a temer que me ordenasse
» Amor este tal bem, tão sobrehumano,
» E que dentro desta alma mo arreigasse
» Com a continuação de hum, e de outro anno;
» Para que d'entre as mãos mo arrebatasse
» Com muito maior dôr, muito mór damno,
» E assi me fique o mal firme, e dobrado,
» Que em memoria de bens está fundado.

» Porém por outra parte estou cuidando
» Que quanto mal tiver todo merece
» Quem o está de antemão adevinhando,
» E a seus vãos arreceios obedece;
» Quem em meio do bem, que está passando,
» C'o mal, que inda não sente, se intristece,
» Bem merece que tenha o que adevinha,
» E dentre as mãos lhe fuja o que antes tinha.

» Nem poderá em mim tanto a desventura,
» Que em mim possa imprimir desconfiança,
» Que no meu caro Esposo estou segura,
» Que não poderá nunca haver mudança,
» Seja a sorte cruel, seja-me dura;
» Que tanto poder tem minha esperança,
» Que ella basta a fazer gran resistencia
» A quanto mal me causa a triste ausencia. »

Inda a Raynha aqui não concluíra
O que Amor, e Esperança lhe dictava,
Si então Acefarcão não lho impedira,
Que c'os olhos de lá a acompanhava;
O qual, inda que nada então lhe ouvíra,
Do que ella para si só razoava,
O que nella de fóra vê sómente,
Lhe mostra bem o que ella dentro sente.

O contínuo suspiro, que do meio
Do saudoso peito lhe sahia,

Digitized by Google

O brando humor dos olhos de que cheio
De fóra o peito tem, que dentro ardia;
Ora a inquietação do seu meneio,
Ora o grande traspasso com que elle a via,
Lhe dão claro signal, antes certeza,
Da sua grave dôr, e alta tristeza.

E vendo quam contrario foi o effeito
Da tenção, com que a fez sahir em terra,
Se move a compaixão daquelle peito,
A quem fazia Amor tão cruel guerra,
Vendo-o cada momento mais sugeito
A' saudade ali, que dentro encerra,
Vê bem que n'hum logar tão deleitoso
Se cria o mal do peito saudoso.

Determina fazer que daqui saia,
Onde não cura o mal, mas o accrescenta,
Onde a triste lembrança de Cambaia,
Com mór dôr, e desejo a atormenta;
E tambem porque vê que lá na praia
Já no Occidente o Sol o carro assenta;
Huma, e outra cousa o move, antes obriga
A que outra vez das naus a via siga.

Posto em pé, c'o devido acatamento,
Se chega a ella, e lhe diz, que já tempo hera
De fazer para a praia movimento,
Pois o Sol ao Oriente as costas dera;
E quiçá, que com grande sentimento,
Da sua ausencia a sua gente espera,
E não a espera só, mas com cuidado
Revolve em busca della o monte, e o prado.

A Rainha convem, recolhendo-se a bordo, e assim termina esta descripção episodica, uma das mais ternas, e patheticas, que a Musa epica dictou entre nós. Nada mais pictoresco, e rico do que a paizagem, uma vasta Bahia sempre serena, e tranquilla, formada por outeiros, e rochedos alcantilados, praias a perder de vista, arvoredos,

Digitized by Google

prados verdejantes esmaltados de boninas, e cortados de um remanso limpido, e crystallino, aves que descantam, toda a pompa simples da natureza campestre! Vêde como é interessante esta Rainha, tão joven, tão formosa, tão amante, e tão saudosa, que só acceita hir a terra, não para espairecer, mas para entregar-se sem testemunhas aos devaneios das suas saudades! Como nos comovemos vulupiosamente vendo-a caminhar sem mais companhia que um ancião, e uma serva, a passos vagarosos, contemplando destrahida ora as mansas aguas do regato, que costeia, ora as flores, cujas côres vivas se destacam do tapiz de verdura, que pisa; ora prestando attenção aos quebros saudosos do Rouxinol, com que simpathisa a melancholia, que a devora! e quando no mais fechado do arvoredo, se desvia dos seus, e sentada sobre flores, encostada á mão, deixa em dúvida si é mulher, ou estatua, não nos faz recordar da ternissima pintura de Laura, meditando á sombra de um bosquel, como a pintou Petrarcha na sua famosa Canção, que principia

Chiare, fresche, e dolci acque?

Não parece que estamos lendo um Idylio de Gesnner, de Schmidt, ou de Quita, ou algum trecho de um Poema Alemão!

E que encanto nas palavras, e nas idéas daquella amante tão sincera, e de tão boa fé! como sólta a redêa á sua phantasia, ás suas esperanças! como desvia de si todos os receios, todos os temores, e se embevece em venturas sonhadas, formando castellos no ar sobre a felicidade futura! Tudo isto está no caracter do amor verdadeiro, tudo isto é conforme á natureza, bem imaginado, e bem descripto; e apesar disso pede a boa critica que se note, que o Author no meio de tantas bellezas de invenção, e de estylo, cometteo um grave erro contra a verosimilhança! Quem é o objecto de tantos amores, de tanta ternura, de tantas saudades? Acaso Tancredo, aquelle heroe, que Tasso pintou tão cheio de generosidade, e ternura? Rinaldo o mais joven, o mais bello, o mais valeroso de todos os Cavalleiros, que passaram á Palestina, para remir a Sepultura de Christo? Bem pelo contrario,

Digitized by Google

é Sultão Badur! nada menos que o Rei de Cambaia, que o Poeta, no principio deste mesmo Poema, nos pintou como o mais barbaro, o mais perfido, o mais traiçoeiro, e malvado de todos os homens; como um monstro sitibundo de sangue, um despota orgulhoso, e cobarde, quebrantador de pactos, e promessas, não respeitando nem os bens, nem a vida, nem a honra de seus subditos, o bello ideal em fim dos Tyrannos! Eis aqui o heroe que o Poeta foi buscar para protogonista de um Drama de ternura, para occupar continuamente a idéa da mais bella, e da mais terna das bellezas do Oriente. Onde estava o bom senso de Francisco de Andrade quando pensou, e executou tal desparate? Não vio elle que só a lembrança, e o nome de Badur bastava para matar todo o interesse desta situação? Que as ternuras, e requebros com que elle se despede de sua Esposa, no Canto III., as lagrimas, que então derrama, e as que verte vendo partir, e amarar-se a nau, em que ella vai, não podia deixar de promover o tedio, ou o riso do Leitor! Um Badur, representando o papel de Myrtillo! ou de Amintas! póde dar-se maior inconsequencia! que conceito podemos fazer da critica de Ferreira, de Caminha, de Castilho, e de outros, que o Poeta consultava, si não viram, nem lhe advertiram este erro, em que cahira! Nas grandes concepções da Epopeia, e da Tragedia é necessario que todas as partes se correspondam, e formem um todo perfeito.

Francisco de Andrade parece que tinha estudado mui desveladamente o Poema de Ariosto, e os dos Epicos que o precederam, como o *Morgante* de Pulci, e o *Orlando Innamorato* do Conde de Scandiano Matheo Maria Baiardi, e outros. A imitação destes exemplares é visivel no *Cerco de Dio;* já pelos Prologos no principio dos Cantos, que ainda que excellentes alguns, por serem todos em estylo serio, não tem o sainete, e chiste, que encontramos nos de Ariosto, e dos outros Italianos, já pelo tom geral da narração, já finalmente por certas formulas repetidas, como por exemplo:

Do que atraz prometti cantar cá ávante.

.....

Digitized by Google

Tal vêjo cada hum dos que atraz digo.

.....

Logo si me escutaes vos será dito.

e como conta esta historia, &c. não conhecendo o Poeta que estas formulas de dizer prosaicas, sim podem desculpar-se, e mesmo approvar-se em um Poema Romancesco, como os que nos deixaram aquelles Poetas Italianos, mas de fórma nenhuma podem ter cabimento em um Poema Heroico, em que o Poeta deve suppôr-se arrebatado, e fóra de si cantando, não o que elle pensou, mas o que a Musa, que está presente, immediatamente lhe inspira? E por isso que nem em Homero, nem em Apollonio de Rhodes, nem em Virgilio, nem em Stacio, se encontra semilhantes usos; o mesmo acontece em Camões, Tasso, Milton, e Klopstock, e nos mais Poetas modernos, que se proposeram a colher a laurea do legitimo Poema Heroico, da fórma que o conceberam os antigos, que serão sempre os grandes modelos da alta poesia, do bello ideal, e do bom gosto.

O que sobre tudo deve tornar o Cerco de Dio precioso para os amadores da Poesia Lusitana, e transmitti-lo á posteridade é a pureza, e louçania da linguagem, o acisado das sentenças, e elegancia do estylo, e a sonora facilidade da versificação. Nestas prendas de grande escriptor não conheço, entre os nossos Poetas antigos, algum que mais se aproxime, de longe embora, a Luiz de Camões. Pena é que a impressão desta Obra desse em mãos de ruins Typographos, que tantas vezes lhe estropearam o sentido, e não poucas a medida dos versos.

Terminarei este Capitulo respondendo antecipadamente, aos que talvez reparem nas longas citações, que delle tenho feito. O Poema do Primeiro Cerco de Dio tem-se tornado tão raro, que só na Livraria Pública desta côrte, e em alguma das particulares mais antigas, e abundantes se depara algum exemplar delle: pela minha parte ha mais de trinta annos, que tenho baldado diligencias para alcançar um para completar a minha collecção dos Epicos Portuguezes, em que ha algum merecimento, e por isso os trechos aqui transcriptos foram copiados do exemplar existente na Bibliotheca Pública.

Digitized by Google

Sendo pois este Poema inteiramente desconhecido da maior parte dos curiosos, julguei necessario alargar as citações, para por meio destes trechos fazer conhecer aos Leitores uma Epopeia, que posto muito irregular pela contextura da fabula, se torna, não obstante isso, de muito valor pelas muitas bellezas de linguagem, estylo, e imaginação, que nella se contém.

Suppomos que em nenhuma nação ha tamanho desleixo, e descuido em reimprimir as Obras dos Classicos como entre nós, sejam ellas de prosa, ou de poesia, por isso ha muitas, que estam fóra de toda a circulação literaria, e o que é peior inteiramente perdidas: o Sr Rolland é o unico Typographo que tem mostrado zêlo incançavel pelas nossas letras, elle é que por meio de novas edições sahidas da sua Officina, tem tornado a vida a muitos dos nossos melhores Escriptores, cujas Obras talvez hoje já não appareceriam, ou sómente a peso de ouro; a elle devemos Sá de Miranda, Ferreira, Fernão Mendes Pinto, Jacintho Freire, Côrte Real, Gabriel Pereira; foi elle que com a sua edição poz ao alcance de todos as Obras de Francisco Manoel, e ultimamente o Ulyssipo de Antonio de Sousa Macedo; esperamos por tanto daquelle benemerito Editor haja de salvar o Cerco de Dio de desapparecer de todo da nossa Literatura.

Digitized by Google

CAPITULO IV.

D. Isabel de Castro e Andrade.

Não consta ao certo o anno, em que teve logar o nascimento desta senhora, tão illustre por linhagem, como por seu talento; e saber, de que nos sobejam provas nos Escriptores seus contemporaneos, que todos a mencionam com muita honra, e respeito; attentas porém certas circumstancias da sua vida, e o anno da sua morte, que nos consta com certeza, parece-me que sem grande risco de errar, podemos suppôr que ella nascera no intervallo que vai de 1530, a 1535.

Foi seu Pai Alvaro Peres de Andrade, da familia dos Condes de Villa Alva, no reino da Galliza, Commendador de Torres Vedras, e Senhor do Morgado da Annunciada em Lisboa, o qual aproveitando as felizes disposições, que descobria em sua filha, lhe deu uma educação scientifica, demasiada para uma senhora, e que faria muita honra a qualquer homem, que se destinasse para fazer brilhante figura no Mundo Literario.

Aproveitou-se tanto D. Isabel de Castro dos habeis Mestres, que seu Pai lhe destinára, que não só se constituio mui perita, e sabedora das linguas antigas, e modernas, mas das sciencias maiores divinas, e humanas, a ponto de chegar, com grande applauso, a defender conclusões públicas de Philosophia, e Theologia no Convento do Varatojo.

Não serei eu quem louve Alvaro Peres de Andrade por esta educação dada a sua filha; parece-me bem, é certo, que uma senhora seja instruida nas bellas letras, no desenho, na pintura, na musica, e em outros semilhantes conhecimentos, que dam novo realce ás prendas, e graças do seu sexo, que perde muito pela crassa igno-

Digitized by Google

rancia, em que pelo excesso contrario deixamos hoje corromper a mais bella metade do genero humano: não posso porém approvar que uma Dama se faça Homem, e usurpe o barrete de Doutor, e se dê em espectaculo arguindo em conclusões públicas; acho nisto um não sei que de pedantesco, e de theatral, que se não conforma nem com a modestia, que é propria do sexo, nem com o respeito que se lhe deve. Quero-lhe antes vêr-lhe nas mãos os Lusiadas, que os Santos Padres; quero antes que a belleza mova a agulha sobre o bastidor, e o pincel sobre a téla, que o thelescopio no Observatorio, ou o escalpelo no Amphitheatro Anathomico. A mulher tem uma destinação propria nos planos da Providencia, e o affastarem-se della é uma anomalia, com que nem ellas, nem a sociedade podem lucrar. Esta minha opinião ácerca da parte, que cabe ás mulheres no grande drama da vida humana, me parece ter a mesma applicação respectivamente ás Bellas Artes. Herminia terna, sensivel, apaixonada, como Tasso a pintou no Gofredo, sempre ha-de produzir mais impressão no espirito do Leitor, do que a Virago Clorinda, armada de todas as peças, e combatendo ante os muros de Jerusalem. Nada prova melhor o bom, e philosophico espirito de Voltaire, que o caracter dado por elle exclusivamente ás mulheres nas suas Tragedias: Zaira, Idamé, Merope, Palmira, Adelaide de Guesclein, Amenaida, nos interessam, nos internecem, nos arrebatam, e nos obrigam a derramar lagrimas, ao passo que vemos, com frieza, ou enfadamento, Cleopatra, Emilia, Cornelia, Medea, engolfadas em politica, envolvidas em conspirações, e negocios de estado, meditando crimes, respirando vingança, e dando aos homens lições de heroismo, e de patriotismo, em estylo enfatico, e empolado; isto prova que em Corneille havia um grande talento, mas gosto pouco apurado, pouco conhecimento da natureza, e ainda menos philosophia.

Uma singularidade de D. Isabel de Castro e Andrade é, que havendo casado com D. Fernando de Menezes, quarto Senhor de Louriçal, e Commendador da Ordem de Christo, quando já contava cincoenta e quatro annos completos, houvê delle dous filhos, a saber D. Henrique de Menezes, quinto Senhor de Louriçal, e D. Maria de Cas-

Digitized by Google

tro, que casou com D. João de Menezes, Alferes Mór do Reino. Este acontecimento parece na verdade incrivel, mas é affirmado pelas memorias contemporaneas, e mostra, que a natureza interrompe ás vezes a sua marcha uniforme, operando em alguns individuos de uma maneira excepcional.

D. Isabel de Castro e Andrade falleceu em Lisboa no anno de 1595, e foi sepultada com grande pompa, como convinha á posição, que gozava no mundo, na Capella mór do Convento da Annunciada, jazigo da sua familia. Este Mosteiro de Freiras, cujo local está hoje occupado por uma parte do Passeio Público, onde ha poucos annos se encontrou soterrada alguma cantaria delle, e algumas Imagens de pedra, foi derrubado, e incendiado pelo espantoso terremoto de 1755, que destruio a maior parte da antiga Lisboa, e lá ficaram envoltos no pó das suas ruinas, os venerandos ossos de quem tanto havia honrado as nossas Letras.

D. Isabel de Castro não dava todo o tempo ao ergotismo da Theologia Escholastica, e as prelecções da Phylosophia Peripathetica, unica que então estava em uso nas nossas Aulas; havia nascido com grande aptidão, e talento para a poesia, e frequentava assiduamente a doce conversação e tracto das Musas, mesmo nos ultimos annos da sua vida, que na verdade não foi das menos longas, a suave harmonia dos seus versos, a belleza, e sublimidade dos seus pensamentos, o seu estylo engenhoso, e a graça da sua expressão, fazia que os melhores Poetas daquelle tempo, não só nacionaes, mas estrangeiros, folgassem de frequentar a sua casa, e lhe tributassem grandes applausos como a Poetisa muito distincta.

Consta que as suas composições poeticas foram numerosas, como era de esperar de uma Dama, que tanto amava as letras, que vivia no centro das riquezas, e das honras, livre de perseguições, desassombrada de desgostos, e por isso na posse daquelle occio, e remanso, que as Musas demandam, e que raras vezes conseguem.

Fosse porém falta de zêlo pela sua reputação poetica, ou pouca conta, em que tivesse as suas composições deste genero, é certo que tantas, e tão variadas poesias, de cujo merito ha innumeraveis testemunhos contempora-

Digitized by Google

neos, ficaram por sua morte em manuscripto; que os seus herdeiros, e parentes nunca tractaram de imprimilas; e que talvez estejam agora dormindo, ignoradas, si é que o tempo, e o desleixo dos homens as tem respeitado, na livraria da casa de Louriçal, sem que talvez tenham conhecimento dellas, os actuaes possuidores deste thesouro literario.

Neste naufragio universal dos Poemas de D. Isabel de Castro, apenas dous Sonetos

Aparent rari nantes in gurgite vasto.
VIRG.

O assumpto do primeiro foi o estar o forno, em que se cosera a cal para as obras do Convento do Varatojo, convertido em uma Capella, dedicada a Christo crucificado; e ainda no anno de 1590 existia gravado no frontespicio da mesma Capella, o seu theor é o seguinte:

SONETO.

Cheia de furiosa flamma ardente
A dura Pedra, sendo aqui lançada,
Em pó miudo, e branco transformada
Neste forno já foi antigamente.

Outra transformação mais excellente
Por mais suave flamma he já aqui dada;
Antes a duras pedras costumada,
Agora a corações de dura Gente.

Edificios na Terra então fazia,
Edificios no Ceo levanta agora,
Vêde a transformação daquelle effeito!

Passou de noite escura a claro dia,
Com tão grande vantagem se melhora,
Que então abrandou pedras, hoje o peito!

Este Soneto, que sahiu impresso na Parte III., Livro III., Capitulo XIV. da *Historia Seraphica* da Provincia

de Portugal, d'onde o copiei, mostra que os contemporaneos tiveram razão em avaliar os versos de D. Isabel por igualmente *sentenciosos, cadentes, e elegantes,* porque todas estas circumstancias se acham nestes; mostra mais, que esta senhora seguia os bons principios da Eschola Italiana, pois em assumpto, que dava tão larga margem para os refinamentos conceituosos, e esquisitamente engenhosos do Gongorismo, se contentou de um estylo simples, e de idéas graves, e naturaes; com tal assumpto quantas anthiteses, equivocos, e jogos de palavras, e contrapostos não amontoariam um Frey Jeronymo Vahia, Soror Violante do Ceo, ou Manoel de Vasconcellos!

O segundo Soneto encontra-se no Commentario das Rhythmas de Luiz de Camões, por Manoel de Faria e Sousa, Tomo I, pag. 181, e tem por objecto louvar a *Araucana,* Poema Epico do celebre Poeta Hespanhol D. Alonso de Ercilla y Zuniga, louvor na verdade bem merecido, em relação ao estylo poetico, boa versificação, e linguagem pura com que está escripto aquelle Poema, e que todos lhe reconhecem.

O Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, nos discursos preliminares da sua Henriqueida, diz, que este Soneto de D. Isabel de Castro fizera entre nós a reputação da Araucana; se assim é, póde dizer-se que recebeu o baptismo da fama com padrinho, e madrinha, pois foi o voto de Voltaire que o fez passar na Europa pela primeira Epopeia Hespanhola, e a authoridade deste voto arrastrou não só a opinião dos estrangeiros, mas a de alguns Criticos Hespanhoes; porém como a razão, e a verdade estam primeiro que qualquer authoridade por muito respeitavel, que seja, não porei dúvida nenhuma em dizer, que Voltaire era mui fraco conhecedor da literatura hespanhola, e que o haver elle no seu Ensaio sobre a Poesia Epica, dado á *Araucana* o primeiro logar entre as Epopeias Hespanholas, não quer dizer si não, que esta lhe parecera melhor entre as poucas, que havia lido: mas estou certo de que si elle tivesse conhecimento da *Invencion de la Cruz* de D. Francisco Zarate; do *Bernardo* do Bispo de Porto Rico D. Bernardo de Balbuena, ou da *Christiada* do Padre Ojeda, o seu juizo seria muito differente.

Digitized by Google

Não se pense porém que digo isto por ter em pouca consideração a *Araucana*. Faço justiça á poesia de estylo, de que se adorna aquelle Poema, a sua excellente versificação, viveza da pintura dos costumes dos Indios, e a originalidade das situações; mas um Poema minguado de invenção, e de meravilhoso, em que não ha um protogonista, em que falta uma fabula bem organisada, em que estam juntos diversos factos, que não se enlaçam em uma só acção, em que ha longos episodios, inteiramente estranhos ao assumpto, como a narração da morte de Dido contada por Ercilla, durante uma longa marcha, conforme a narram os Historiadores, para (diz elle) justificar aquella Rainha das calumnias de Virgilio, e a visão da batalha de Lepanto, talvez o trecho mais poetico de toda a Obra; um Poema que principia por uma descripção geographica do Chili, e acaba com um manifesto dos direitos de Filippe II. ao Reino de Portugal, um Poema que em rigor é uma chronica bem versificada, não póde estar ao par, e muito menos julgar-se superior aos Poemas supramencionados, que tem uma fabula bem tecida, e que especialmente o *Bernardo*, não cedem nem em metro, nem em poesia de estylo a *Araucana* de Ercilla.

SONETO.

Araucana Nação, mais venturosa
Mais, que quantas hoje ha, de gloria dina,
Pois na prosperidade, e na ruina
Sempre invejada estaes, nunca invejosa.

Si enrista o illustre Affonso a temerosa
Lança; si arranca a espada, que fulmina,
Creio que julgareis que determina
Só conquistar a terra bellicosa.

Fará; mas não temais essa mão forte;
Que si vos tira a liberdade, e a vida,
Ella vos pagará bem largamente.

Que a troco de huma breve, e honrada morte,
Em seu divino estylo esclarecida,
Deixará vossa terra eternamente.

Digitized by Google

Este Soneto faz na verdade muita honra ao Author da *Araucana*, e por isso é mui de notar, que nunca se haja impresso junto com a Obra elogiada, mesmo na edição de 1580, si bem me lembro, onde vem bastantes Sonetos laudatorios, de diversos Poetas Hespanhoes, com os nomes de seus Authores.

CAPITULO V.

Antonio Gomes de Oliveira.

Ha hi homens, que, escrevendo muito, tem a desgraça de que poucas, ou nenhumas de suas Obras chegam á posteridade, e acontece muitas vezes que a perda dos seus escriptos não provenha da falta de merito destes, mas sim de circumstancias eventuaes, que os fizeram desapparecer depois de publicados, ou porque sua pobreza, ou descuido, ou o de seus herdeiros, os embaraçou de dá-los á luz.

Temos muitos exemplos desta fatalidade, tanto entre os modernos, como entre os antigos. Perdeu-se a maior parte das Obras de Pindaro, que pelas poucas que existem, é reconhecido pelo primeiro Lyrico da Grecia; foram grandes Lyricos Alceo, Sthesychoro, e Sapho; e que conhece delles a posteridade? Os nomes, e alguns fragmentos. Poucos Hymnos, e alguns Epigrammas, eis o que nos resta de Callimaco, o mais pulido, e elegante Poeta da Eschola Alexandrina, que tantos Poemas, e Obras de prosa havia dado á Literatura Hellenica. Que possuimos hoje de Minnermo, de Archiloco, de Eupolis, de Cratino, de Pisandro, do Author do Poema dos *Ariomnaspes*, e tantos outros Poetas tão admirados da antiguidade?

Digitized by Google

O tempo, que respeitou a fastidiosa collecção dos Epigrammas de Marcial, as poesias semibarbaras de Sidonio Apollinario, e de Ausonio, devorou sem piedade as Tragedias de Polião, respeitando as de Seneca, as Comedias de Cicilio, as multiplices composições de Ennio, rudes em arte, como diz Ovidio, mas em cujos fragmentos respira tanto genio poetico; as poesias de Valgio, de Lucio Antonio, de Varo, tão gabadas por Horacio, e as de Vario, que o mesmo Horacio tinha pelo maior Poeta Heroico, e por tão grande como Virgilio no estylo pastoril.

Forte epos acer
Ut nemo Varius dicit; mole, atque facetum
Virgilio adnuerint gaudentes rure Camenæ.

Igual desventura colheo as numerosas poesias de Annio Gomes de Oliveira, que tamanha nomeada desfructou no seu tempo.

Foi este Poeta natural da Villa de Torres Novas, porém ignora-se a epocha do seu nascimento; foram seus Pais o Doutor Nicolau Lopes, famoso Medico daquella Villa, e sua mulher D. Brites Gonçalves, que lhe deram esmerada, e literaria educação, porque o destinavam para um dia vestir a toga, e tomar assento nos Tribunaes, ou pelo menos para viver vida independente, exercendo o mister de Advogado, um dos mais lucrosos entre as nações modernas.

Cursára Antonio Gomes de Oliveira, com applicação, e aproveitamento, o curso de Direito Civil, quando um acontecimento, preparado pelas violencias, extorsões, e desacertos, com que o Governo Hespanhol, faltando á fé dos contractos, exacerbára o espirito dos povos, e offendera o melindre da nobreza, veio dar novo objecto ás suas idéas, e transtornar os prudentes calculos de seus Pais.

Este acontecimento foi a revolução de 1640. O Governo Hespanhol, seguindo o plano traiçoeiro de Filippe Segundo, queria reduzir Portugal ao estado de mera provincia; os melhores empregos eram para os Castelhanos, os Juizes o eram pela maior parte; a regencia estava nas mãos de uma Princeza estrangeira, o que bastava para a tornar desagradavel, e impopular, apesar das virtudes, e

Digitized by Google

boas qualidades de que se adornava; Miguel de Vasconcellos seu Ministro, e Hespanhol de coração, era universalmente detestado, a nobreza era chamada a Madrid, debaixo do pretexto apparente de honra-la, mas verdadeiramente para a ter debaixo da sua mão, e para hirem despender naquella côrte as suas pingues rendas, empobrecendo assim o paiz: a mocidade era alistada para hir á Catalunha, a Flandres, á Italia combater, e derramar seu sangue em guerras, em que nenhum interesse tinha, qualquer murmurio, qualquer suspeita, era razão sufficiente para qualquer ser sepultado nas masmorras de S. Gião, do Bogio, e até em outras fóra do Reino; o mesmo Duque de Bragança, objecto principal dos ciumes dos usurpadores, havia escapado com custo ás frequentes tramas urdidas para o atrahir a Castella, onde Deos sabe qual seria o seu destino! Ao mesmo passo deixava-se perder a nossa influencia na India; abandonava-se o Brazil aos Hollandezes, que delle se haveriam definitivamente apoderado si João Fernandes Vieira, animando o zêlo dos Colonos, e communicando-lhe o seu patriotismo lhe não oppozesse uma resistencia tão tenaz, como generosa.

As cousas haviam chegado ao ponto da desesperação, como póde vêr-se na elegante Historia Latina, que Thomé Corrêa escreveu dos quarenta annos da usurpação; e o povo de Lisboa, capitaneado por D. Antão de Almada, e outros fidalgos dignos deste nome, acclamaram Rei o Duque de Bragança, invadiram o paço, desarmaram a guarda, arrojaram semimorto, por uma janella, a Miguel de Vasconcellos, e atacaram o Castello, que se rendeu sem resistencia, e no espaço de uma manhãa acabaram tão assinalado feito, que depreça foi imitado em todas as terras do reino.

Tinhamos proclamado a nossa independencia, tinhamos no throno o Rei ligitimo, mas era necessario defende-lo, e consolidar a obra começada; e posto que empenhada na guerra da Catalunha, e dos Paizes Baixos, e que não podia desguarnecer os dominios Italianos, a Hespanha ainda tinha forças respeitaveis para nos invadir, e foi necessario chamar a nação ás armas para defender o Rei, e o reino da invasam, que se lhe preparava.

Todos aquelles, em cujo peito palpitava um coração

Digitized by Google

portuguez, acodiam ao chamado da patria: as classes industriosas largaram suas officinas, e a mocidade estudiosa trocou os Livros pela Espingarda, e as Aulas pelo Acampamento.

Antonio Gomes de Oliveira acodio dos primeiros á defesa da patria, e abraçou a vida militar.

Fez pois toda a guerra da acclamação, e se distinguio muito na batalha do Montijo, em 1644, e no combate, não menos mortifero, nem menos glorioso das linhas de Elvas, que teve logar em 1659.

Feita a paz, voltou ao socego dos seus lares, e continuando na carreira militar se entregou todo ao cultivo das letras, e da poesia, para que desde a sua adolescencia havia mostrado muita aptidão, e como grande Poeta o consideraram sempre, e o veneraram muito os melhores Poetas do seu tempo, como Manoel de Faria e Sousa, e Manoel de Gallegos, o elegante Author da Gigantomachia, e do Templo da Memoria, que delle fizeram honrosa mensão.

Antonio Gomes de Oliveira foi muito estimado de El-Rei D. João IV., que muito se recreiava de sua espirituosa conversação, e de lhe ouvir recitar as suas poesias, que elle declamava com admiravel força, e perfeição.

Este Poeta foi mui profundo sabedor das linguas Latina, e Grega, e as suas poesias sam claro documento disto. Soube igualmente com perfeição as linguas Hespanhola e Italiana, que fallava, e escrevia com grande facilidade, e elegancia.

Antonio Gomes de Oliveira não cultivou sómente a poesia lyrica, e bocolica; aspirou á palma epica. E deu obra á composição de um Poema Heroico sobre as acções de El-Rei D. João I.; infelizmente não pude descobrir exemplar algum deste Poema, que deu á luz em Lisboa, acompanhado de alguns Sonetos a ElRei D. João IV., em Lisboa, na Officina de Antonio Alvares, em formato de 8.°, no anno de 1641.

Principiou tambem outra Epopeia intitulada *Heracleida*, ou os *Trabalhos de Hercules*, que ou não acabou, ou se perdeu; o Abbade Barbosa, na sua Bibliotheca Lusitana, diz, que vira o primeiro Canto da Heracleida na livraria do Marquez de Abrantes.

Digitized by Google

Em geral espero sempre pouco destes assumptos mythologicos, empregados em Poemas modernos. Nem o Orpheo de Xauregui, nem a Circe de Lope de Vega Carpio, nem o Phaetonte do Conde de Villamedianna, nem o Narciso de Malfitatre, nem outros muitos Poemas mythologicos, que tenho visto, me parecem composições de muito valor, e creio que a sua mediocridade, não provém tanto de defeito do Author, porque ninguem negará, que Lope de Vega, Xauregui, e Malfitatre fossem grandes Poetas, mas de engratidão dos assumptos, faltos de interesse para os Leitores, e pouco inspiradores para os Cantores modernos.

E' certo porém, que os trabalhos de Hercules, me parecem o melhor destes assumptos, porque apresenta uma galeria de quadros, que dá grande espaço para a poesia descriptiva, e muito mais se esta fabula fôr tractada com referencia á Astronomia, não creio porém que o Author o encarasse assim, e os nossos Epicos antigos de ordinario não abafam de poesia descriptiva, e por essa razão me parece, que o Poema não poderia ser de primeira ordem.

Das Obras publicadas pelo Author, a mais importante me parece os seus *Idylios Maritimos* (*), que se imprimiram em Lisboa, na Typographia de Pedro Craesbeck, em formato de 8.°, no anno de 1617.

Nestes Idylios seguio o Poeta o exemplo do Poeta Na-

(*) D. Francisco Manoel de Mello, nos seus Apologos Dialogaes, fallando desta Obra diz assim, a paginas 384.

« Os Idylios Maritimos de Antonio Gomes de Oliveira, foram parto de uma dôr, como elle diz no Prologo, ao que alludindo um Doudo de Coimbra (dito o Doutor S. Martinho), topando-se acaso com este Poeta lhe dava engraçadissimas corrimaces, dizendo-lhe: — Velhaco, nunca has de parir sem dôr, como se fôras mulher? — Elle foi o primeiro, que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos, Gongora sendo soberbo, e desabrido de assás, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira, havendo lha communicado. Oliveira foi homem estudioso, mas padeceu suas indegistões de Musa infeliz, procedida de frialdade de genio. »

Digitized by Google

politano Jacob Sannazzaro, que foi o primeiro, que introduzio Pescadores nos seus Idylios, tanto Latinos como Toscanos, que se acham incluidos na sua Arcadia.

A poesia destas composições, é ordinariamente rica, imaginosa, e pictoresca; a versificação é regular, mas o estylo está não pouco manchado com os defeitos do seculo.

Publicou mais um Panegyrico a ElRei D. João IV. Este Poema é escripto em Oitavas, e foi estampado em Lisboa por Antonio Alvares, em 1641, em 8.°; é rico de poesia, de estylo, e com as exaggerações costumadas nestas escripturas laudatorias.

E ultimamente oito Sonetos, e algumas Oitavas endereçadas a ElRei D. João IV., que formam um folheto, que não designa nem logar, nem data de impressão.

Por sua morte, cujo anno não consta, deixou o Poeta em manuscripto uma Obra em prosa, e verso, que tem por titulo «*Antiguidades, e excellencias do Panifero, e alegre Rio Almonda.*»

Este Rio cujas margens vistosas, e pictorescas o Author eloquentemente celebra, banha com as suas aguas a Villa de Torres Novas.

FIM DO TOMO QUARTO.

Digitized by Google

INDICE DO TOMO QUARTO.

LIVRO VI.

CAPITULO I. *Jeronymo Côrte Real*..... 5
CAPITULO II. *O Naufragio de Sepulveda, e outros Poemas de Jeronymo Côrte Real*..... 37
CAPITULO III. *Luiz Pereira Brandão*..... 63
CAPITULO IV. *Francisco de Sá de Menezes*..... 105

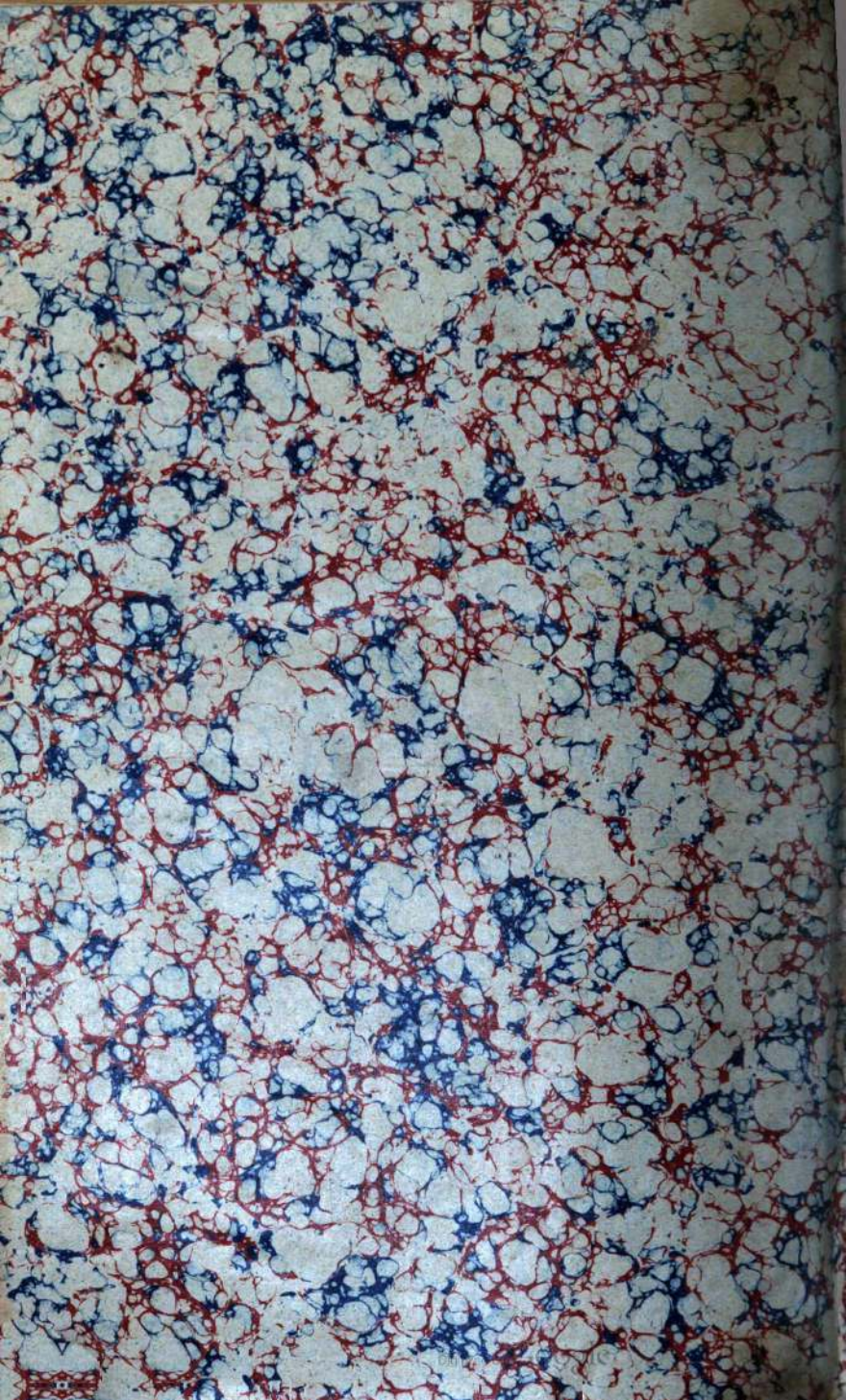
LIVRO VII.

CAPITULO I. *Antonio de Abreo*..... 164
CAPITULO II. *Fernão Alvares do Oriente*..... 193
CAPITULO III. *Francisco de Andrade*..... 248
CAPITULO IV. *D. Isabel de Castro e Andrade*.... 321
CAPITULO V. *Antonio Gomes de Oliveira*..... 327

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google